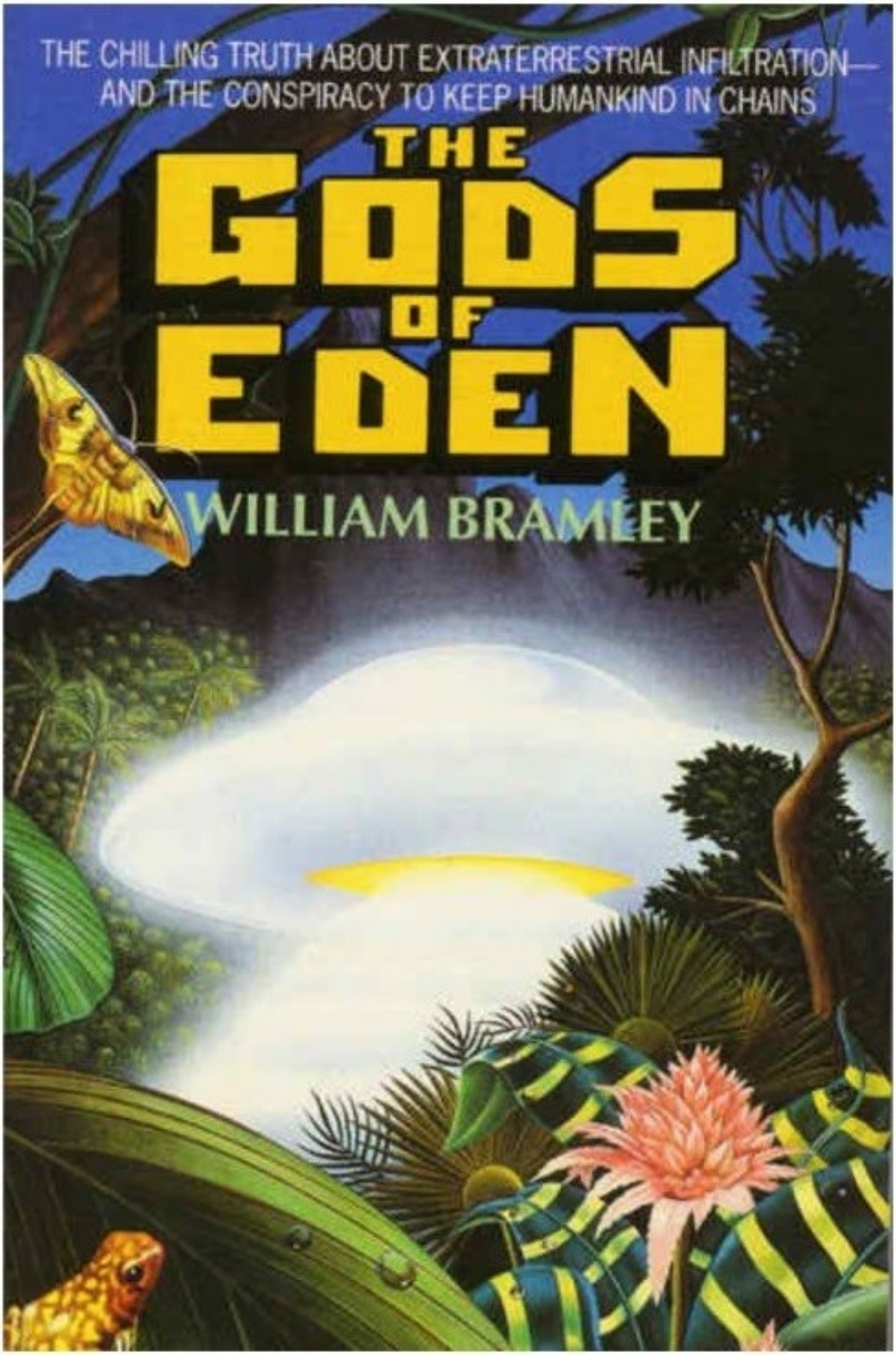

THE CHILLING TRUTH ABOUT EXTRATERRESTRIAL INFILTRATION—
AND THE CONSPIRACY TO KEEP HUMANKIND IN CHAINS
THE GODS OF EDEN
WILLIAM BRAMLEY

Os Deuses do éden

Por William Bramley, 1993

1 - A Busca Começa

Quando, inicialmente, comecei a pesquisar as origens da guerra humana, certamente a última coisa em minha mente eram os Objetos Voadores não Identificados, melhor conhecidos como 'OVNI'. As muitas revistas sobre discos voadores que se apresentavam nas prateleiras eram, na minha opinião, não merecedoras de séria consideração.* Eu também não sentia que o fenômeno OVNI fosse terrivelmente importante, até mesmo se houvesse evidência de uma raça extraterrestre. Resolver os problemas mundanos da guerra e do sofrimento humano aqui embaixo na terra me pareciam muito mais importantes do que arguir se existiriam ou não "homenzinhos verdes de Marte" que, ocasionalmente, poderiam visitar a terra.

Comecei a pesquisar este livro em 1979; contudo, meu desejo de ver o fim da guerra se elevou muito mais cedo em minha vida, por volta da idade de oito anos. Naquela época, os filmes de guerra eram muito populares em meu círculo de amigos. Nosso jogo favorito era brincar de exército. Eu, geralmente, comandava um esquadrão de crianças e meu amigo David liderava a oposição. Preenchíamos as nossas batalhas imaginárias com o mesmo glamour e altruísmo que víamos na televisão. Não tínhamos, então, um herói maior do que o falecido ator Vic Morrow, que galantemente levava seu esquadrão à vitória toda semana na série da televisão *Combate!*.

Num entardecer de sábado eu estava assistindo a um filme de Hollywood sobre a guerra, na televisão. Ele era como qualquer outro filme de guerra, exceto que continha um curto trecho de deprimente realismo. Pela primeira vez em minha vida me descobri assistindo a um documentário sobre um real campo de concentração nazista.

Logo depois que as imagens desapareceram da tela da televisão, fui assaltado pelas imagens de corpos como esqueletos sendo jogados em grandes buracos. Como tantas outras pessoas, eu tive problemas em entender a fundo as almas dos nazistas que podiam atirar seres humanos em fornos de tijolos como massa de pães e momentos depois retirar os restos carbonizados. Dentro de um minuto, estas imagens granulosas em preto e branco apresentaram a verdadeira imagem de uma guerra. Por trás das bruscas saudações e oratória emocionante, a guerra nada mais é que uma psicose degradada. Conquanto os filmes de guerra e os jogos possam, algumas vezes, ser divertidos, a coisa real é inconcebível.

* Uma exceção é a Revista UFO, que recomendo. Atualmente ela é publicada em Los Angeles por Vicki Cooper e Sherie Starks).

Por séculos, cientistas e pensadores tem tentado resolver o enigma de porque as pessoas fazem a guerra. Eles tem observado que quase todas as criaturas da terra lutam entre si uma vez ou outra, geralmente por comida, território ou acasalamento. A agressão parece ser um comportamento universal relacionado à sobrevivência. Outros fatores também contribuem para a criação de guerras. O analista deve levar em consideração, variáveis como a psicologia humana, a sociologia, a liderança politica, as condições econômicas e as cercanias naturais. Muitos pensadores contudo tem, errôneamente, igualado todos os motivos humanos com os motivos encontrados no reino animal. Isto é um erro porque a inteligência origina a complexidade. Quando uma criatura se eleva em inteligência, então as motivações se tornam mais elaboradas. E fácil entender o estímulo mental em dois gatos de rua disputando um pedaço de alimento, mas seria um engano atribuir um estado mental tão simples a um terrorista que planta uma bomba em um aeroporto.

Comecei este estudo como resultado de uma única ideia que tinha encontrado. O conceito certamente não é novo e, de início, parece estreito em seu escopo. A ideia, não obstante, é muito importante porque ela se dirige a uma motivação que somente pode ser formulada por criaturas de alta inteligência:

A guerra pode ser a sua própria mercadoria valiosa.

A simples existência de um conflito violento entre grupos de pessoas pode, por si só, ser valioso para alguém a despeito dos problemas pelos quais as pessoas estão lutando. Um exemplo óbvio é o de um fabricante de armamentos vendendo material militar a nações guerreiras, ou uma instituição de empréstimo que forneça empréstimos a governos durante o tempo de guerra. Ambos podem alcançar um beneficio econômico pela mera existência da guerra desde que a violência não os atinja diretamente. O valor da guerra como uma mercadoria se estende bem além do ganho monetário:

A guerra pode ser um instrumento eficaz para manter controle social e político sobre uma grande população.

No século XVI, a Itália consistia de inúmeras principalidades independentes que frequentemente estavam em guerra umas com as outras. Quando um príncipe conquistava um território vizinho, ele algumas vezes alimentavam conflitos internos entre os cidadãos conquistados. Este era um meio eficaz de manter o controle politico sobre o povo porque a luta infindável evitava que o povo conquistado se engajasse em uma ação unificada contra o conquistador. Realmente não importava muito sobre quais problemas o povo se debatia por tanto tempo já que eles valentemente brigavam uns com os outros e não contra o príncipe conquistador.

Um estado de guerra também pode ser usado para encorajar populações a pensar de maneiras que, caso contrário, elas não fariam e a aceitarem a formação de instituições que elas normalmente rejeitariam. Quanto mais uma nação se envolve em guerras, mais entrincheiradas estas instituições e modos de pensamento se tornam.

Os mais detalhados livros de história contêm referências a este tipo de atividade manipuladora da terceira parte. Não é segredo, por exemplo, que antes da Revolução Americana, a França tinha enviado agentes de inteligência à América para estimular o descontentamento colonial contra a Coroa Britânica. Também não é segredo que os militares alemães tinham auxiliado Lenine e os bolcheviques na revolução russa de 1917. Por toda a história, pessoas e nações tem se beneficiado de, e tem contribuído para, a existência de conflitos de outros povos.

Intrigado por estes conceitos, resolvi fazer um estudo para determinar quão importante exatamente uma terceira parte, como fator, tem sido na história humana. Eu queria descobrir que tendências comuns, se alguma, podem ter existido entre as várias influências de terceiras partes na história. Era minha esperança que este estudo ofereceria insights adicionais sobre como e por quem a história tem sido feita.

O que resultou desta modesta meta foi uma das mais extraordinárias odisséias que eu poderia até mesmo ter imaginado. A trilha de investigação se enovela por um labirinto complexo de fatos notáveis, teorias surpreendentes e tudo o mais intermediário. Quanto mais profundamente eu cavava, uma tendência comum emergia. Para minha decepção, era uma tendência tão bizarra que, ao menos em duas ocasiões, terminei minha pesquisa em desgosto. Enquanto ponderava em minha difícil situação, entendi algo importante:

As mentes racionais tendem a buscar causas racionais para explicar os problemas humanos.

Quando sondei mais profundamente, contudo, fui compelido a enfrentar a possibilidade de que alguns problemas humanos poderiam estar enraizados em algumas das mais extremas e bizarras realidades imagináveis. Porque tais realidades raramente são reconhecidas, sem nem mesmo falar em serem compreendidas, não lidamos com elas. Como resultado, os problemas gerados por estas realidades raramente são resolvidos, e assim, o mundo parece tropeçar de uma calamidade para outra.

Admito que, quando comecei minha pesquisa, eu tinha uma parcialidade sobre o que eu esperava encontrar; um motivo humano de lucro como a tendência comum que ligase as influências de terceiras partes na violenta história da humanidade. O que eu descobri, ao invés, foram os OVNI.

Nada poderia ter sido mais mal recebido.

2 - Orientação

Marido à mulher: "Olhe isto, querida. Diz aqui que a terra viaja 595 milhões de milhas ao redor do Sol a cada ano em uma velocidade de 66.000 milhas por hora. Ao mesmo tempo, a terra está girando ao redor do centro da galáxia. A galáxia está viajando infindavelmente pelo espaço e está puxando a terra junto com ela. Agora como você pode dizer que não vamos a lugar algum?!

Alô e bem-vindo. Este é o nosso planeta terra. Antes de começar a nossa viagem pela história, vamos dar uma breve olhada em nosso pequeno orbe no espaço, do ponto de vista dos recém-chegados e seguindo uma breve orientação.

A 'Espaçonave terra' – como algumas pessoas gostam de chamá-la – é um corpo celestial relativamente pequeno. O transportador espacial americano pode orbitar a terra completamente em apenas 90 minutos. Em uma aeronave moderna, a travessia dos uma vez formidáveis oceanos, tornou-se pouco mais que uma tediosa rotina para muitas negociantes aeronautas que fazem o comércio entre os continentes. Ao meramente pegar um telefone e discar, podemos falar instantaneamente com alguém do lado oposto do globo. Todos somos testemunhas da maneira notável como a viagem de alta velocidade e as telecomunicações fazem o contato entre pontos distantes da terra rápida e facilmente gerenciáveis.

A terra não é apenas pequena, ela também é bem remota. Se você e eu fossemos tomar uma posição fora da galáxia Via Láctea, veríamos que a terra está perto da borda externa da galáxia. Além disso, a Via Láctea é uma anã perto de galáxias muito maiores. Esta localização isolada pode ajudar a explicar porque a terra tem tão poucos contatos com civilizações extraterrestres, se tais civilizações existem. A terra está flutuando nas distantes regiões afastadas de uma galáxia menor.

A despeito deste isolamento, a terra é bela e habitada. Enquanto escrevo isto, os números da população humana passam de cinco bilhões de pessoas. Adicione a este número, todos os outros grandes mamíferos e descobrimos que as terras e águas da terra estão ocupadas por uma população enorme de criaturas inteligentes e semi-inteligentes.

Que tipo de animal são os seres humanos? Como um estudante de biologia pode rapidamente lhe dizer, os humanos constituem a espécie animal conhecida como homo sapiens. A palavra homo vem da palavra em latim que significa homem, e sapiens quer dizer um ser sábio e sensível. Portanto o rótulo homo sapiens denota uma criatura que possui sabedoria ou sensibilidade. A maioria dos homo sapiens de fato merece seu título, embora um pequeno número obviamente não.

Quando lidamos com um ser humano estamos apenas confrontando um animal? De fato, não é assim. Parece que estamos diante de algo muito mais importante: um ser espiritual.

A ideia de que haja uma realidade espiritual para a vida é eterna. Algumas religiões têm mantido a crença, por milênios, de que os corpos humanos são meras marionetes

animadas por seres espirituais. Frequentemente, acompanhando este princípio, estão as doutrinas relativas a reencarnação ou uma outra vida posterior. Na religião cristã, a palavra "alma" a muito tem sido usada para denotar uma entidade espiritual que sobrevive à morte do corpo físico.

Algumas pessoas afirmam que existiu uma antiga sabedoria sobre o espírito. Se uma tal sabedoria alguma vez existiu, isto a muito se tornou desesperançosamente a ser confundida por incontáveis idéias falsas, estranhas crenças e práticas misticas, simbolismo incompreensível e errôneos ensinamentos científicos. Como resultado, o assunto do espírito é hoje quase que não estudável. No topo disso, muitos eruditos treinados nos métodos científicos ocidentais rejeitam inteiramente a ideia de uma alma, aparentemente porque eles não podem colocar o espírito sob um microscópio e observar seus rabiscos, ou plantar eletrodos nele e dar a ele uma sacudida.

Como a boa sorte diria, algumas descobertas sobre o assunto tem sido feitas durante as décadas recentes. A evidência de que cada pessoa é um único ser espiritual é forte de fato. Volumes de fascinante testemunho foram reunidos de pessoas que passaramo pelas chamadas experiências de "quase morte". Durante tais episódios muitas pessoas são submetidas a sensação de saírem de seus corpos, especialmente quando estes se aproximam da morte. Alguns psiquiatras argumentam que este fenômeno nada mais seria do que uma ilusão autoprotetora da mente. Mas não é tão simples, já que muitas vítimas de quase morte são capazes de perceberem seus corpos de uma perfeita perspectiva superior. Elas retêm sua completa autoconsciência e identidade pessoal muito embora seus corpos estejam inconscientes.*

À luz de tal testemunho, não é surpreendente que umas poucas religiões, tais como o Budismo, acreditem que as pessoas sejam seres espirituais imortais que se tornam imersas em corpos durante a vida. Os Budistas concluem que isto seria causado, ao menos em parte, pela interação a longo prazo do espírito com o universo físico. Em agudo contraste com a teoria psiquiátrica, os Budistas ensinam que a separação espiritual do corpo é o estado mais saudável para os seres humanos e os Budistas procuram alcançar esta separação sem sofrerem trauma físico ou morte. A meta deles é encorajada pela crença de que um ser espiritual pode operar um corpo tão bem, ou melhor, de fora do corpo do que de dentro.

A definição de um ser espiritual sendo partilhada por várias religiões parece ser a de maior acuidade: um ser espiritual é uma entidade que possui consciência, criatividade e personalidade. Ele não é composto de matéria ou de qualquer outro componente do universo físico; ao invés, ele parece ser uma unidade imortal de consciência que não pode perecer, embora possa ser aprisionada pela matéria física. O ser espiritual é completamente capaz de se entender.

* Um curto artigo intitulado "Uma tipologia das experiências de quase morte", do Dr. Bruce Greyson, se encontra na publicação de agosto de 1985 do "American Journal of Psychiatry". O Dr. Greyson apresenta uma anomalia estatística de diferentes tipos de fenômenos de "quase morte" e nota que "Os indivíduos que relataram estes três tipos de experiência de "quase morte" não diferem significativamente em variáveis demográficas" (p.968). O Dr. Greyson não especulou sobre o que causa as experiências.

A tendência moderna, de fato, é a de ver o cérebro como o centro da consciência e personalidade. Os cientistas têm sido capazes de estimular eletricamente partes específicas do cérebro para produzir manifestações psicológicas de muitas emoções humanas. Isto, contudo, revela que o cérebro nada mais é do que um sofisticado quadro de distribuição capaz de ser ativado por uma variedade de fontes externas, tais como por um experimentador com seus eletrodos ou até mesmo talvez por um ser espiritual com seu próprio poder de energia. A interação entre uma entidade espiritual e o sistema nervoso central do corpo parece ser tão intima que uma mudança em um pode, frequentemente, influenciar o comportamento do outro.

De tudo isto emerge uma imagem indicando que os seres humanos são entidades espirituais que desfrutam de certa imortalidade espiritual mas que, geralmente, estão inconscientes disso até que uma separação inesperada ocorra. Durante a vida os seres espirituais tendem a utilizar, quase exclusivamente, as percepções do corpo físico. A Morte, segundo esta análise, é pouco mais do que o abandono espiritual do corpo durante um tempo de intenso ferimento físico, ou até mesmo mental.

O que tudo isto tem a ver com a guerra humana?

Quase tudo, como iremos ver.

Isto nos traz ao terceiro e último tópico de nossa orientação: os OVNI. Ha poucos assuntos hoje tão cheios de falsa informação, engano e loucura quanto “os discos voadores”. Muitas pessoas sérias que tentam estudar o assunto são levadas ao redor de círculos por uma quantidade terrível de desonestidade de um pequeno número de pessoas que, pelo amor de um fugaz momento de notoriedade ou com a deliberada intenção de ofuscar, tem nublado o campo com falsos relatos, explicações insustentáveis e evidência fraudulenta.

É suficiente dizer que, por trás da tela de fumaça, há amplas evidências de visitações extraterrestres à terra. Isto é ruim demais. Um estudo em profundidade do fenômeno OVNI revela que isto não oferece uma vitória fácil através do excitante desconhecido. Os OVNI parecem, mais e mais, ser uma das realidades mais cruéis que a raça humana já confrontou. Mantendo os pontos de nossa breve orientação na mente, vamos agora iniciar uma sondagem mais profunda.

3 - OVNI: Verdade ou Ficção?

OVNI: O que são eles? De onde eles vem?

Falando estritamente, o termo OVNI se refere a qualquer objeto aéreo que não possa positivamente ser identificado como uma construção feita pelo homem ou como um fenômeno conhecido da natureza. O termo implica em um mistério. Em linguagem comum, OVNI é frequentemente utilisado para denotar qualquer objeto que possa ser uma espaçonave de uma civilização extraterrestre.

A frase "objeto voador não identificado" foi criada pelo capitão da Força Aérea dos EUA Edward J. Ruppelt. O capitão Ruppelt chefiou uma investigação da Força Aérea sobre o fenômeno em 1951. Antes da investigação de Ruppelt, OVNI eram geralmente chamados "discos voadores" porque muitas testemunhas descreveram os objetos como tendo forma de disco. 'Disco voador' logo se tornou um termo de escárnio, contudo, devido ao ceticismo expresso por muitos escritores de revistas e de jornais. "Objeto Voador não Identificado" foi usado pelo capitão Ruppelt para emprestar respeitabilidade ao seu estudo da Força Aérea. OVNI também é um termo mais acurado, porque nem todos objetos voadores não identificados tem a forma de disco.

Centenas de OVNI são relatados a cada ano, geralmente à polícia, às media de notícias ou a grupos de pesquisa OVNI. Estes relatos representam apenas uma minoria do número total de OVNI realmente vistos porque a maioria das testemunhas OVNI não revelam publicamente seus encontros.

Aproximadamente 90% a 95% de todos os OVNI relatados provam ser aeronaves feitas pelo homem ou fenômenos naturais não reconhecidos. Aproximadamente 1.5% a 2% são claras farsas, frequentemente acompanhadas de fotografias espúrias. Embora as farsas constituam uma pequena percentagem de todos os relatos OVNI, elas tem criado uma quantidade desproporcional de problemas. As farsas são, de fato, responsáveis por quase inteiramente desgraçarem os estudos sérios dos OVNI. Quanto mais convincente a fraude, maior o dano que ela geralmente causa. Os remanescentes 3% a 8.5% de todos os avistamentos OVNI são aqueles que parecem ser aeronaves de origem não humana. A maioria dos pesquisadores esta preocupada com este último grupo.

Os OVNI no século XX foram raramente relatados na media de massa antes de 1947 e algumas pessoas assumem que os OVNI devam ser um fenômeno relativamente moderno. Os OVNI, de fato, são bem o oposto. Os OVNI tem sido relatados por milhares de anos em todas as partes do mundo.

Por exemplo, o escritor Julius Obsequens reproduziu a seguinte narrativa de 216 AC em seu livro, Prodigorium liber:

Coisas como navios foram vistas no céu sobre a Itália…Em Arpi (na Itália) um escudo redondo foi visto no céu… Em Cápua, o céu estava todo em chamas e alguém viu figuras como navios…[1]

No primeiro século AC, o famoso estadista romano Cícero registrou uma noite durante a qual o sol, acompanhado de barulhos altos, foi reportadamente visto no céu noturno. O céu pareceu se abrir e revelar estranhas esferas. Os OVNI se tornaram tão problemáticos nos séculos VIII e IX que o imperador Carlos Magno, da França, foi compelido a publicar éditos proibindo-os de perturbar o ar e provocarem tempestades. Em um episódio, alguns dos súditos de Carlos Magno foram levados em barcos aéreos, lhes foram mostradas maravilhas e eles voltaram à terra, somente para serem condenados a morte por uma multidão enfurecida. Estes navios problemáticos eram, até mesmo, acusados de destruírem plantações.*

Os OVNI não tem sido apenas vistos, eles também tem sido venerados pela história. As religiões da antiga Mesopotâmia, Egito e das Américas eram dominadas pela adoração de deuses como humanos dos céus. Dizia-se que muitos destes deuses viajavam em barcos voadores e globos. Afirmações antigas desta natureza são hoje a base da moderna teoria dos 'antigos astronautas' que postula que uma raça da idade espacial já visitou a terra e uma vez se envolveu nos assuntos humanos. Alguns pesquisadores OVNI tem dado um passo adiante ao sugerir que uma tal raça da idade espacial tenha criado ou conquistado a sociedade humana a muitos milhares de anos atrás e que ela vem mantendo um olhar observador em sua posse desde então. Para muitos, tais teorias parecem ser matéria de ficção científica. As idéias são, contudo, uma consequência natural de um debate acadêmico que tem preocupado os historiadores por mais de um século: como as antigas civilizações do velho e do novo mundo, localizadas em lados opostos da terra, podem tão estreitamente se assemelharem entre si? Porque as pessoas destas civilizações tão distantes desenvolveram crenças religiosas notavelmente similares? Uma opinião a muito tempo mantida é a de que houve uma terra ou ponte de gelo no Estreito de Bering entre a Sibéria e o Alasca pela qual as pessoas do velho mundo haviam migrado para o novo. Outros apontam a evidência arqueológica que os antigos fenícios tinham navegado pelo oceano Atlântico século antes dos Vikings escandinavos e de Cristóvão Colombo. Alguns eruditos concluem que os fenícios tinham tomado emprestado muitas características da civilização egípcia e as transplantaram para o novo mundo. Uma outra hipótese é a de que os próprios egípcios tenham navegado pelo oceano.

A despeito da evidência para apoiar todas as possibilidades acima, nenhuma das teorias abrange completamente todos os fatos conhecidos. Isto tem levado a uma quarta teoria, bem expressada em 1910 por um professor de Oxford e laureado Nobel, Frederico Soddy:

*Uma longa e interessante coleção de antigos avistamentos OVNI e fenômenos naturais não usuais dos últimos anos AC e os primeiros anos DC pode ser encontrada no livro de Harold T. Wilkins, *Flying Saucers on the Attack*. A despeito de seu título sensacionalista, o livro do Sr. Wilkins é frequentemente bem argumentado e vale ser lido como um dos primeiros livros da era moderna dos OVNI. Uma coleção excelente de antigos relatos OVNI também pode ser encontrada no livro de Jacques Valleé, *Passport to Magonia*).

Algumas das crenças e lendas herdadas por nós da Antiguidade são tão universal e firmemente estabelecidas que nos tornamos acostumados a considerá-las como sendo quase tão antigas quanto a própria humanidade. Não obstante, somos tentados a perguntar quão longe o fato de que algumas destas crenças e lendas tenham tantas características em comum seja devido ao acaso e se a similaridade entre elas pode não apontar para a existência de uma civilização antiga, totalmente desconhecida e completamente não suspeitada da qual todos os outros traços tenham desaparecido.[2]

Quando tal conjuntura é levantada, muitas pessoas pensam em massas ou ilhas de terra desaparecidas , tais como o legendário continente perdido de Atlântida e Lemúria. Um dos contemporâneos do Professor Soddy, contudo, tomou uma abordagem diferente e especulou que sociedades extraterrestres estavam envolvidas na pré-história da terra. Este contemporâneo controvertido do Dr. Soddy foi Charles Hoy Fort (1867-1923).

Charles Fort talvez seja o primeiro escritor do século XX a sugerir que extraterrestres estivessem envolvidos nos assuntos humanos. Fort se apoiou em uma pequena herança e passou muitos anos de sua vida adulta reunindo relatos de fenômenos não usuais de jornais científicos, jornais de notícias e revistas. As histórias que ele coletou eram de eventos tais como, luzes não usuais se movendo no céu, "chuvas de animais" e outras ocorrências que pareciam desafiar a explicação científica convencional. O primeiro de seus dois livros, *The Book of the Damned* (1919) e a seguir *New Lands* (1923), contém uma grande variedade de avistamentos OVNI e fenômenos relacionados dos séculos XIX e início do século XX. Fort concluiu que os céus da terra estavam hospedando um conjunto de naves extraterrestres, que ele chamou de 'superconstruções'.

Fort desenvolveu outras teorias de suas pesquisas, várias das quais foram, e ainda permanecem, provocantes hoje. Em *The Book of the Damned*, ele escreveu: "

Penso que somos propriedade.
Devo dizer que pertencemos a algo:
Que uma vez no tempo, esta terra não era a terra de homem algum, que outros mundos aqui exploraram, colonizaram e lutaram entre sí pela posse mas, que agora, é possuída por algo:
Que algo possui esta terra - todos os outros são afastados.[3]

Fort concluiu que a raça humana não tem um status muito alto em relação aos proprietários extraterrestres. Ao se dirigir ao enigma de 'porque eles (os proprietários da terra) não tem vindo aqui, ou enviam aqui, abertamente', ele filosofou:

Educaríamos e sofisticaríamos nós, se pudéssemos, porcos, gansos, gado?"
Seria sábio estabelecer relações diplomáticas com a galinha que agora funciona, satisfeita com o mero senso de realização através de um meio de compensação? [4]

Além de ligar a raça humana a um rebanho autossatisfeito, Fort acreditava que uma influência direta sobre os assuntos humanos estava sendo exercida pelos aparentes proprietários da terra:

Suspeito que, afinal, sejamos úteis – que, entre os reclamantes contendores, um ajustamento tenha ocorrido, ou que algo agora tenha um direito legal sobre nós, pela força, ou por ter pago os análogos das contas por nós para os antigos e mais primitivos proprietários, que tudo isso tem sido sabido, talvez por eras, um culto ou ordem, membros que funcionam como lideres para o resto de nós, ou como escravos ou supervisores superiores, nos dirigindo de acordo com as direções recebidas de alguém mais, em nossa misteriosa utilidade. [5]

Fort não especulou que 'misteriosa utilidade' possa ser esta, exceto ao brevemente sugerir que os humanos podem ser escravos.

Em um viés mais leve, Fort pensava que a terra teve uma pré-história muito viva e colorida:

Mas aceito que, no passado, antes que a propriedade fosse estabelecida, os habitantes de uma variedade de outros mundos tenham caído aqui, caminhado para cá, flutuado, navegado, voado, monitorado, andaram aqui, por tudo que sei - empurrados aqui, puxados, vieram isoladamente, vieram em números enormes; visitaram ocasionalmente, visitado periodicamente para caça, comércio, preenchimento de haréns, mineração; foram incapazes de permanecerem aqui, estabelecido colônias aqui, estiveram perdidos aqui; povos muito avançados, ou coisas e povos primitivos, ou seja, o que quer fosse; os brancos, negros e amarelos.[6]

Para entender como tudo isto se aplica à condição humana hoje, Fort não ofereceu respostas, somente uma fórmula:

Porcos, gansos e gado.
Primeiro encontrar o proprietário deles.
Então descobrir o porque disso. [7]

Fort certamente tem expressado algumas idéias ousadas. Elas foram publicadas ao tempo em que os aviões primitivos e os balões dirigíveis governavam o céu. O vôo histórico de Charles Lindberg sobre o Atlântico estava ainda a oito anos de distância.

Fort conquistou um pequeno e leal séquito à sua época, mas não foi senão um terço de século mais tarde, contudo, que a fundação proposta por Fort embasou uma súbita explosão de trabalhos de não-ficção especulando que uma sociedade extraterrestre estaria envolvida nos assuntos humanos. Este súbito aumento de interesse foi causado por uma explosão de avistamentos de OVNI publicados pela media nas décadas de 1940 e 1950. Um dos primeiros livros daquele período a discutir os antigos avistamentos OVNI foi *Flying Saucers on the Attack* de Harold T. Wilkins. Ele foi publicado em 1954 pela Citadel Press de New York. A Citadel seguiu com uma série de livros, incluindo *The OVNI and the Bible*

(1956) de Morris K. Jessup. O livro de Jessup sugeriu que muitos eventos bíblicos eram façanhas de uma raça da idade espacial, não deuses. Inúmeras passagens da Bíblia foram citadas para apoiar a teoria. Livros similares com títulos similares se seguiram, tais como *Flying Saucers in the Bible* (1963) de Virginia F. Brasington e The Bible and *Flying Saucers* (1967) de Barry H. Downing.

Do outro lado do Atlântico, um número de escritores europeus também estava fazendo importantes contribuições ao gênero. A equipe de escritores francesa de Louis Pauwels e Jacques Bergier escreveu seu intrigante best-seller, *Morning of the Magicians*, que foi publicado na América no início da década de 1960. Erich von Daniken da Suíça também estava escrevendo sobre os antigos astronautas durante as décadas de 1950 e 1960 e ele alcançou grande fama no início da década de 1970 depois da publicação de seu primeiro best-seller internacional sobre o assunto: *Chariots of the Gods?* O sucesso do livro de von Daniken desencadeou uma inundação de livros similares e filmes nas décadas de 1970 e 1980, trazendo a idéia dos 'antigos astronautas' à atenção de milhões.

A noção da intervenção alienígena nos assuntos humanos geralmente é tolerada quando expressa em um trabalho de ficção científica, mas frequentemente é pobremente recebida quando sugerida como um fato. Isto é compreensível. A própria idéia disso parece, ao primeiro impacto, em claro conflito com o tudo que nos tem sido ensinado. Por séculos, houve uma forte tendência de se pensar em nosso planeta e na raça humana em termos muito isolacionistas. Séculos atrás, as pessoas até mesmo acreditavam que os humanos estavam no centro do universo e que o sol girava ao nosso redor. Esta era uma noção lisonjeira mas, tristemente, não era uma noção verdadeira. Nos dias passados da inquisição, contudo, uma pessoa podia ser condenada à morte apenas por desafiar esta idéia. Os únicos seres 'extraterrestres' que as pessoas tinham permissão para acreditar eram os anjos alados em robes brancos enviados dos céus pelo grande deus Jehovah. Embora as ciências tenham, felizmente, se afastado deste tipo de perspectiva, em uma grande extensão, os conceitos de existência centrados nos humanos ainda são surpreendentemente fortes.

Alguns argumentos que soam persuasivos tem sido colocados para refutar a evidência que uma ou mais sociedade extraterrestre tem visitado a terra. Alguns destes argumentos são dignos de serem abordados:

1. *Nenhuma outra vida inteligente além da humanidade teve comprovada sua existência em algum outro lugar do universo.*

Ao primeiro olhar, isto parece ser verdadeiro. Contudo, precisamos apenas olhar exatamente aqui na terra para encontrar outras formas de vida inteligente. Os estudos dos golfinhos e outros grandes mamíferos marinhos têm revelado uma alta inteligência em muitas destas criaturas. As análises de outros mamíferos têm descoberto em alguns deles um nível de inteligência muito mais alto do que anteriormente acreditado. Isto revela que há muitas criaturas inteligentes e semi-inteligentes no universo conhecido por nós; partilhamos um planeta com eles. O fato de todos eles florescerem juntos neste pequeno planeta é uma indicação excelente de que outras criaturas inteligentes possam existir em outros lugares sob as condições corretas.

2. *Não há um único avistamento OVNI que não possa ser explicado como um fenômeno natural ou humano. Portanto, todos os OVNI devem ser tais fenômenos.*

Este argumento utiliza uma lógica falha. E possível explicar quase tudo como algo. Suponho que se possa explicar o sol como bilhões de vaga-lumes mantidos em uma gigantesca tigela de vidro. Está explicação, contudo, não se adéqua à evidência tão bem quanto a melhor teoria de que o sol seja uma enorme massa de hidrogênio comprimido que está sendo submetida a um processo de fusão atômica.

Muitos avistamentos OVNI recebem explicações prosáicas apenas ignorando-se a evidência que claramente revela que eles não são um fenômeno terreno. Se alguém é seletivo o suficiente para escolher em que evidência e testemunho acreditar, podemos inventar qualquer explicação que se enquadre em quase todos os avistamentos OVNI. O truque é encontrar a melhor explicação para se enquadrar nos fatos verdadeiros e completos. Em muitos casos, os fatos verdadeiros e completos indicam que um OVNI de fato é melhor explicado como um fenômeno natural. Em outros casos, a melhor explicação é que o OVNI provavelmente seja uma nave guiada inteligentemente de origem não humana. Muitos avistamentos notáveis se encaixam nesta categoria.*

3. Não ha evidência física dos OVNI ou antigos astronautas.

Objetos reais constituem evidência real. Na Ovnilogia, uma peça de evidência pode ser um "disco acidentado" ou o corpo de um piloto extraterrestre. Argumenta-se que ,se as espaçonaves alienígenas têm estado a voar nos céus da terra por milhares de anos, já deveríamos ter uma peça concreta de evidência. Colocando de lado as alegações e a evidência de que alguns governos podem ter um ou dois discos acidentados escondidos, não podemos, logicamente, esperar encontrar tantos artefatos alienígenas. Para explicar porque, farei uma analogia entre os OVNI e as modernas aeronaves comerciais.

Milhões de vôos de aeronaves comerciais decolam dos aeroportos americanos a cada ano. A despeito de seu volume enorme, muito poucas pessoas se depararão com uma aeronave comercial acidentada ou um membro da tripulação morto, porque somente uma pequenina percentagem de todos os voos termina em desastre. Igualmente, muito poucos indivíduos encontrarão instrumentos ou destroços destas aeronaves comerciais porque as aeronaves comerciais são independentes e os navegadores raramente arrancam instrumentos de seus painéis de voo e os atiram das janelas das cabines. Se não fosse pelo fato de que a maioria de nós possa ver as aeronaves comerciais e voar nelas, a evidência 'real' de sua existência seria surpreendentemente rara, especialmente se elas fossem fabricadas em, e voassem apenas de e para, áreas remotas.

* Para uma boa visão geral dos casos OVNI, recomendo *The U.F.O. Encyclopedia* de Margaret Sachs.

Vamos traduzir isto em uma fórmula matemática.

Baseado nas estatísticas da Administração Federal de Aviação dos EUA (FAA), aproximadamente um em cada um milhão de voos dmaiores empresas, partindo de aeroportos americanos, sofre um acidente sério, tais como uma queda, um desastre ao pousar fora de um aeroporto ou a perda de uma peça significativa do avião. Este admirável recorde de segurança torna a viagem aérea um dos modos mais seguros de transporte hoje.

Vamos assumir que a relatada espaçonave alienígena em nossos céus tenha precisamente o mesmo recorde de segurança das aeronaves comerciais americanas – nem melhor, nem pior. Vamos supor que 2.000 voos de discos voadores sejam feitos sobre a terra a cada ano. Isto soma 5 voos e meio a cada dia. Assumiremos que cada hipotético voo do disco seja feito em uma altitude suficientemente baixa em que, se um infortúnio acorresse, os destroços cairiam sobre a terra antes de se desintegrarem na atmosfera.

Reunindo todas estas estatísticas, descobrimos que um disco voador se acidentaria, ou deixaria cair uma parte essencial de destroços, somente um, a cada cinco séculos! Isto totalizaria doze quedas desde o amanhecer da primeira civilização registrada da humanidade! Se cortarmos o fator de segurança na metade e dobrarmos o número de voos OVNI hipotéticos para 4.000 por ano (11 por dia), ou deixarmos o fator de segurança o mesmo e quadruplicarmos o número de discos voadores em voo baixo para 8.000 por ano (22 por dia), isto ainda resultaria em apenas um acidente ou pedaço maior de destroços – a cada 125 anos!

Podemos seguramente concluir que até mesmo se naves extraterrestres têm voado em nossos céus por milênios, não podemos esperar encontrar tantos destroços. A melhor evidência de visitação extraterrestre que pode ser razoavelmente esperada de se obter é o relato das testemunhas oculares, que é, precisamente, a evidência que temos.

A despeito destas estatísticas pessimistas, umas poucas e raras quedas de OVNI tem sido relatadas. Fragmentos alegadamente vindos de OVNI explodidos tem sido encontrados e tornados públicos. Uma tal peça de evidência foi relatada por um colunista brasileiro que disse que o item tinha sido recuperado por um pescador fora da costa brasileira em 1957. O fragmento foi enviado à revista Omni para análise no Instituo de Tecnologia de Massachusetts (MIT). Ficou comprovado ser um pedaço de magnésio puro. Um analista do MIT supos que o fragmento possa ter sido um pedaço de metal soldado ou de uma aeronave que explodiu ou de um satélite na reentrada. Porque a peça pode ser fabricada na terra, o teste foi considerado não conclusivo.

4. *Se os OVNI são aeronaves extraterrestres, já deveria haver uma fotografia indiscutível de um.*

Qualquer coisa pode ser discutível. Para começar uma discussão, tudo que alguém precisa é abrir a boca e proferir algumas palavras. A mera existência de uma discussão, portanto, não nega em sí a realidade de uma coisa. A discussão simplesmente significa que alguém escolheu entrar em desacordo, seja por boas ou más razões.

É verdade, contudo, que os pesquisadores enfrentam a escassez de fotografias decentes de OVNI. Fotos de OVNI disponíveis tendem a ser de duas variedades: ou borradas e inconclusivas (as imagens podem ser qualquer coisa) ou fraudulentas. Quando aparece uma foto clara e nítida de um OVNI, frequentemente se comprova ser uma farsa. Isto acontece tão frequentemente que um pesquisador pode somente contar que uma 'boa' fotografia de disco voador eventualmente se provará 'má'. Isto é especialmente verdadeiro hoje quando os avanços técnicos têm tornado algumas formas de truque fotográfico quase que indetectáveis.

Mas isso ainda deixa uma pergunta. Porque há tão poucas fotos conclusivas disponíveis?

Como notado anteriormente, a narrativa aparentemente genuína de nave extraterrestre é apenas uma pequena percentagem de um número total de OVNI relatados. A maioria destas aeronaves são vistas à noite. A maioria dos "encontros próximos" (encontros humanos com ocupantes da espaçonave) ocorrem em uma área rural não recreacional onde muito poucas pessoas levam câmeras. As chances que já são pobres de obter uma boa tomada sob estas condições são pioradas pelo fato de que a vasta maioria de proprietários de câmeras, incluindo dedicados amantes das fotos, nem sempre carregam suas câmeras com eles. Em qualquer dado momento, certamente muito menos que uma pessoa em cada dez mil está levando uma câmera. Os OVNI não compensam isso ao fazerem aparecimentos regulares e programados sobre pontos de férias cheios de gente onde a maioria das câmeras em funcionamento possam estar. Dados estes fatores, podemos esperar que boas fotos genuínas de aeronaves extraterrestres seriam bens excessivamente raros. Lembre-se também que a propriedade de câmeras fotográficas tem sido disseminada apenas a um curto período de tempo: várias décadas.

Isto não é o mesmo que dizer que fotos nítidas de aeronaves alienígenas aparentemente genuínas não existam. Elas existem e podem ser encontradas em vários livros escritos por pesquisadores de OVNI responsáveis.*

5. *O testemunho ocular nos casos OVNI é inerentemente não confiável. Tal testemunho é, portanto, evidência insuficiente da visitação extraterrestre.*

Talvez o critico Ovnilógico mais influente enquanto escrevo seja Philip Klass, que tem sido apelidado "Sherlock Holmes da Ovnilogia" por suas exaustivas investigações. Seu livro, "OVNI Explained", ganhou o prêmio de "Aviation/Space Writers" para o melhor livro sobre o espaço em 1974. Neste livro premiado, Mr. Klass desenvolveu vários princípios. O primeiro era:

* Para aconselhamento sobre a autenticidade de específicas fotografias OVNI, recomendo contactar a Mutual Ufo Network, Inc. (MUFON), 103 Oldtowne Road, Seguin, Texas, 78155-4099, USA.

Principio Ovnilógico #1: Pessoas basicamente honestas e inteligentes que são subitamente expostas a um evento breve e inesperado, especialmente um que envolve um objeto não familiar, podem ser grosseiramente imprecisas ao tentarem descrever precisamente o que elas avistaram.[8]

Este princípio algumas vezes é verdadeiro. Foi demonstrado por um estudo OVNI patrocinado pelo governo realizado entre 1966 e 1968 sob a direção de Edward U. Condon. Suas descobertas publicadas, que geralmente são chamadas de "Relatório Condon", são a pedra fundamental na literatura OVNI.

Em um capítulo do Relatório Condon, o comitê discute o que aconteceu depois que uma espaçonave russa, a Zond IV, saiu do controle e começou sua reentrada na atmosfera da terra em 3 de marco de 1968. Enquanto a nave caia pela atmosfera e queimava, ela criou uma apresentação espetacular para as pessoas no solo. As testemunhas oculares perceberam os destroços flamejantes como uma majestosa procissão de objetos em chamas deixando para trás uma trilha dourado alaranjada. Por causa do grande peso dos objetos era impossível saber do solo o que as peças quebradas eram realmente. Era apenas possível vê-las como pontos brilhantes e separados de luz. Os destroços da Zond IV criaram um efeito idêntico àquele da apresentação de um meteoro brilhante.

Ao compilar o testemunho ocular da reentrada de Zond IV, foi descoberto que algumas pessoas "viram" mais do que realmente era. Se algumas observações errôneas tivessem sido tomadas com valor de face, algumas pessoas teriam concluído que os destroços da Zond IV era realmente uma espaçonave alienígena inteligentemente controlada. Por exemplo, cinco testemunhas oculares relataram que as luzes eram parte de uma nave em forma de charuto ou foguete; uma descrição OVNI comum. Três testemunhas oculares disseram que o 'objeto' tinha janelas. Um observador afirmou que o objeto tinha feito uma descida vertical. Por causa destes claros erros o Sr. Klass e outros têm, compreensivelmente, rotulado todos os OVNI "em forma de charuto e com janelas brilhantes" como meteoros. O Comitê Condon citou o caso do testemunho da Zond IV como um exemplo de porque os relatos das testemunhas oculares são frequentemente inadequados para estabelecer que um OVNI é uma espaçonave extraterrestre.

Caso encerrado?
Não ainda.

Em seu Principio Ovnilógico # 1 citado acima, O sr. Klass afirma que as testemunhas oculares podem ser grosseiramente imprecisas ao tentar descrever precisamente o que elas viram. Significativamente, ele não diz que as testemunhas oculares são *geralmente* imprecisass. Esta distinção cresce em importância quando lemos posteriormente o Relatório Condon.

O Comitê Condon descobriu que ao menos metade das testemunhas oculares da Zond IV deram relatos precisos, sem embelezamento do evento. As observações de "uma espaçonave em forma de charuto com janelas" veio apenas de uma minoria. Dos relatos acurados, um pesquisador OVNI cuidadoso teria sido capaz de eliminar as descrições

errôneas e corretamente identificar a reentrada da Zond IV como destroços ou um fenômeno meteórico. O Comitê também analisou uma onda de relatos OVNI desencadeada por vários estudantes universitários que haviam soltado quatro balões de ar quente no céu do anoitecer. Os balões eram feitos de sacos secos de plástico para lixo; o ar quente foi gerado por velas de aniversário suspensas abaixo. O comitê analisou o testemunho de 14 testemunhas oculares que não sabiam o que eram aqueles objetos voadores. Com apenas pequenos desvios entre eles, todos os quatorze observadores deram descrições acuradas do que foi para eles verdadeiramente possível de observar. O Comitê concluiu:

Em resumo, temos um número de relatos que são altamente consistentes uns com os outros e aquelas diferenças que ocorrem não são maiores do que seria esperado de diferenças situacionais e perceptuais. Muitas pequenas discrepâncias podem ser ressaltadas, especialmente a respeito das estimativas de distância e de direção, mas estas não são suficientemente grandes para afetar a impressão completa do evento.[9]

Isto demonstra algo muito importante que podemos expressar em nosso próprio Principio Ovnilógico:

Pessoas basicamente honestas e inteligentes que são subitamente expostas a um evento breve e inesperado, incluindo um que envolva um objeto não familiar, serão, na maioria dos casos, precisas ao tentarem descrever exatamente o que elas viram.

Por isto, os testemunhos oculares podem ser admissíveis nas cortes legais para condenar ou libertar um acusado até mesmo quando falta uma sólida evidência física. O testemunho ocular é uma forma perfeitamente valida e útil de evidência.

6. *Sofisticados aparelhos de escuta tem sido apontados na direção do céu para captar comunicações extraterrestres. Até então, nenhuma comunicação foi detectada. Isto é uma evidência de que não há vida inteligente na redondeza.*

A despeito do ceticismo em muitos círculos acadêmicos a respeito da visitação extraterrestre, várias tentativas bem custeadas tem sido feitas para detectar sinais de civilizações do espaço externo pelo uso de sofisticadas antenas de rádio apontadas na direção dos céus. O fato de que estes esforços não tenham, reportadamente, detectado qualquer sinal inteligente é visto como uma prova adicional de que não existe uma civilização alienígena aqui perto.

O problema com a tomada de tal conclusão é que as antenas de rádio tem muitas limitações. Elas são capazes, apenas, de detectarem sinais de rádio. Há muitas outras bandas ao longo do espectro eletromagnético[4] que podem transportar sinais de comunicação, tais como as micro-ondas. Porque dizer que uma civilização extraterrestre, se ela existir, teria necessariamente que usar ondas de rádio para comunicação?

Nós nem mesmo sabemos o que esta além das duas extremidades conhecidas do espectro eletromagnético. Como podemos estar certos de que não haja comprimentos de onda em uma das duas regiões não mapeadas que são muito mais superiores para

comunicação do que qualquer coisa que tenhamos detectado até agora? O reputado fracasso das antenas de rádio em captarem sinais inteligentes somente nos diz que ninguém dentro deste alcance esta usando comprimentos de ondas eletromagnéticas detectáveis por estas antenas.

7. *Se tantos 'discos voadores' estão visitando a terra, porque eles não são detectados mais frequentemente no radar?*

Muitos excelentes avistamentos OVNI tem sido confirmados pelo radar. Esta excelente evidência dada pelo radar geralmente é descartada pelos críticos como erro do operador, como mal funcionamento do radar ou como falsas leituras causadas por fenômenos naturais. Teríamos até mesmo mais evidência de radar se não fosse o fato de que os operadores são treinados para desconsiderarem a maioria das anomalias porque um número qualquer de coisas pode criar uma falsa leitura. Sinais espúrios de radar podem ser gerados por uma tal variedade de fenômenos diferentes, tais como, bandos de aves e várias condições atmosféricas. Os operadores aprendem a focar nas leituras que indicam o tipo de objeto que eles estão rastreando, geralmente aeronaves humanas. Se algo não usual aparece e desaparece na tela isto, muito frequentemente, será ignorado. Grandes quantidades de OVNI detectados por radar, portanto, continuam não relatados.

Detecções de OVNI por radar estão sendo também eliminadas pelos avanços na tecnologia. Muitos computadores modernos de radar agora eliminam automaticamente as leituras anômalas de forma que elas não são nem mesmo apresentadas na tela do radar. Isto torna mais fácil o trabalho do operador, mas ao custo de eliminar a detecção dos OVNI. O sr. Klass comenta:

Ironicamente, um dos vários critérios usados (pelos computadores de radar) para discriminar entre alvos reais e espúrios descartaria potenciais OVNI até mesmo se eles fossem legitimas naves extraterrestres voando em velocidades hipersônicas…[10]

* O "espectro eletromagnético" é um conjunto de comprimentos de ondas nas quais as diferentes formas de luz podem viajar. No fim do conhecido espectro estão as ondas de rádio, que tem longos comprimentos de ondas (sim, as ondas de rádio são, na realidade, ondas de luz. Elas se transformam em som quando traduzidas por um receptor). Do outro lado do espectro estão os raios gama, que tem curtos comprimentos de onda. A variação da luz que podemos ver com os nossos olhos é limitada a uma banda muito pequena do espectro. Instrumentos têm sido inventados para captar e transmitir ao longo desses outros comprimentos de onda, tal como o infravermelho os raios-X e as micro-ondas.

8. *Muitas pessoas têm testemunhado, sob hipnose, que foram abduzidas pelos OVNI.*

Tal testemunho é inerentemente suspeito porque as pessoas que nunca foram abduzidas podem criar memórias aparentemente realistas da abdução enquanto sob hipnose. Se o fenômeno OVNI consistisse apenas em ocasionais avistamentos estranhos no céu, seria fácil de se descartar. Contudo, muitas pessoas relatam que foram raptadas por ocupantes de OVNI. As experiências de abdução tendem a ser notavelmente similares: a vítima vê um OVNI (geralmente à noite e em uma área rural); ela é imobilizada e levada a bordo de uma espaçonave alienígena; ela é submetida a um exame físico que dura de uma a duas horas pelos ocupantes da nave. Então ela é libertada. Muitos abduzidos depois não se lembram conscientemente de suas experiências. Uma vítima típica pode apenas ver um OVNI e subitamente descobrir que se passaram duas horas sem nenhuma lembrança do que aconteceu durante este tempo perdido. Os pesquisadores geralmente rompem a amnésia com a hipnose.

Parece que esta curiosa amnésia vivenciada por muitos abduzidos pelos OVNI seja deliberadamente induzida pelos ocupantes OVNI como um método de preservar seu anonimato. Tal adulteração mental pode de fato ser feita. Durante seus famosos e extensivamente publicados experimentos de controle mental nas décadas de 1960 e 1970, a CIA dos EUA desenvolveu técnicas eficazes de enterrar a memória e induzir a amnésia.

Contudo, com um trabalho cuidadoso, as memórias enterradas poderiam ser recuperadas. Como veremos depois, a adulteração mental com vítimas humanas têm sido uma atividade comum associada aos OVNI por toda a história.

Até esta data, um enorme escopo de fascinantes testemunho sde abduções tem sido reunidos. Dissipações tem sido lançadas sobre isto por causa de vários experimentos, tais como os realizados no Anaheim Memorial Hospital na Califórnia. Foi descoberto em Anaheim que indivíduos que alegadamente tinham pouco conhecimento anterior sobre os OVNI podriam ser levados a criarem ‘memórias’ aparentemente realistas de abdução, sob hipnose. Esta descoberta tem sido usada para lançar dúvida sobre a validade de todo testemunho de abdução obtido sob hipnose.

Os experimentos de Anaheim, contudo, erraram o ponto e nada revelaram sobre o fenômeno OVNI. Eles apenas reafirmaram o que já sabíamos sobre hipnose.

É verdade que a memória de uma pessoa pode ser distorcida enquanto ela está sob hipnose, do mesmo modo como quando ela está completamente consciente. Por outro lado, tem sido amplamente demonstrado que, a hipnose pode ser eficaz na recuperação de memórias completamente válidas; isto depende do talento do hipnotizador e do estado mental do sujeito. Um hipnotizador pode, de fato, convencer uma pessoa que nunca esteve a bordo de um trem de criar uma memória realista sobre andar de trem, mas isto não significa que todo sujeito hipnotizado que se lembre de ter estado em um trem seja culpado de fabricação. Claro que não.

Admissilvelmente, há problemas genuínos com a hipnose. Porque o sujeito hipnotizado está em um estado subconsciente, ele ou ela podem estar mais impressionáveis do que o normal. Por esta razão, as cortes americanas legais geralmente não admitem como evidência o testemunho obtido sob hipnose. Um outro perigo com a hipnose é que o sujeito pode recuperar uma memória válida, mas se o sujeito é continuamente empurrado a se lembrar mais durante a hipnose, ele pode descobrir que sua 'trilha de tempo' mental se tornou mais embaralhada. Quando isto acontece, ele frequentemente começa a se 'lembrar' de 'episódios' adicionais que, de fato, realmente não ocorreram quando ou como lembrados. Mesmo assim, a memória original permanece válida.

Tristemente, alguns dos abduzidos por OVNI tem sido hipnotizados e novamente hipnotizados além de qualquer medida da razão. Eles subsequentemente terminam com memórias misturadas sobre o assunto já altamente carregado de suas abduções. Eu fortemente recomento contra o uso de hipnose. A memória pesadamente obstruída pode e deve ser recuperada enquanto o sujeito está em um estado completamente consciente. Algumas experiências de abdução OVNI tem sido recuperadas justamente desta forma.

9. *As chances matemáticas de uma raça extraterrestre descobrindo a terra são muito remotas para que isto seja provável.*

Várias fórmulas matemáticas têm sido divisadas para mostrar o quanto é improvável que a terra tenha sido visitada por uma sociedade extraterrestre. Tais fórmulas, geralmente, são baseadas em teorias da evolução, no número de planetas que podem sustentar vida e nas distâncias entre os planetas e as galáxias.

Tais fórmulas certamente são interessantes, mas elas nunca devem ser consideradas conclusivas. Se algo existe, isto existe. Tentar fazer-lo ir embora com uma fórmula matemática não o tornara menos real.

Tenha em mente que somos incapazes de ver qualquer planeta sólido além de nosso próprio sistema solar, sem falar em determinar se há alguma vida neles. A situação humana a este respeito pode ser similar a uma colônia de pequeninas formigas cujo alcance de observação abranja apenas uns poucos acres. Se esta colônia estiver situada em um deserto árido, as formigas podem concluir que a terra inteira seja uma terra desolada, nunca sonhando com as vastas metrópoles a apenas uma centena de milhas de distância. Simplesmente porque descobrimos que nosso próprio sistema solar ou seção da galáxia é árida, isto não implica, automaticamente, que este seja o caso em todos os outros lugares. Um outro setor da galáxia pode estar pululante de vida inteligente e não há meio para nós, aqui na borda distante da Via Láctea, de sabermos disso, exceto por teorias especulativas que sempre estão mudando. Por esta razão, não é particularmente sábio desprezar a evidência de visitação extraterrestre se ela aparece.

10. *Apenas pessoas com problemas mentais acreditam nos OVNI.*

Um método desafortunado que alguns críticos usam para atacar a evidência da visitação extraterrestre é com teoria psicológica. Por que uma tal critica está absolutamente

certa de que não exite qualquer nave extraterrestre em nossos céus, ele pode utilizar de rótulos psicológicos difamatórios em um esforço para 'explicar' porque muitas pessoas considerarão a possibilidade que o critico rejeita. Tais rótulos têm uma gama variável que vão desde uma simples necessidade de realização religiosa até a esquizofrenia ambulatorial. Esta psiquiatria duvidosa tem se tornado, lamentavelmente, a moda nos anos recentes. Ela oculta a realidade de que a maioria da pesquisa em OVNIa é tão clínica e científica quanto se possa esperar. A maioria dos pesquisadores OVNI são tão sadios e racionais quanto os críticos que são tão rápidos em avançar rótulos psicológicos desfavoráveis. O verdadeiro debate OVNI centraliza-se ao redor de matérias genuinamente científicas, intelectuais e históricas, não em assuntos emocionais.

Um outro problema ao utilizar a 'análise' psicológica para 'explicar' o interesse popular e científico nos OVNI é que as mesas podem virar. Um erudito advogando a possibilidade da visitação extraterrestre pode tão facilmente e tão incorretamente, argumentar que estas pessoas que claramente aderem apenas a explicações prosaicas para os avistamentos OVNI diante da evidência contrária estão profundamente temerosos de algo que não podem entender. Entre as distintas costeletas de um Ph.D., podemos argumentar, pode estar uma criança assustada ou adolescente selvagem tentando, desesperadamente, manipular o mundo frequentemente confuso ao redor dele, forçando tudo a se conformar ao que ele possa intelectual e emocionalmente compreender.

Como podemos ver, este caluniamento psicológico é uma forma muito pobre em um debate científico desta natureza. Isto não faz bem a ninguém; os rótulos não são, geralmente, verdadeiros e isto nubla os assuntos reais. As pessoas inteligentes e racionais são facilmente encontradas de ambos os lados da controvérsia OVNI.

11. *As teorias OVNI são alvoroços lucrativos destinados a enganar os crédulos.*

E um truísmo que há dois grandes crimes em nossa sociedade: ter dinheiro e não ter dinheiro. Ambos são punidos com igual ferocidade.

Um dos meios mais fáceis de desacreditar uma ideia é sugerir que alguém ganhou dinheiro para expressá-la. Alguns críticos OVNI tem feito alusões a charlatães no passado que enganaram pessoas com estranhas idéias e que ficaram ricos ao assaltar a credulidade de outras pessoas. Algumas alusões têm sido feitas em um esforço para sugerir que as pessoas que ganham dinheiro com livros ou filmes de cinema sobre os OVNI estejam engajadas em trama similares.

Por favor, tenha em mente que o dinheiro, por si só, nada tem a ver com a validade de uma ideia. O dinheiro é um bem imprevisível que vai para quem o merece e igualmente para quem não o merece. Um punhado de pessoas tem de fato ganho bons rendimentos com livros e filmes que lidam com o fenômeno OVNI. O número de pessoas que tem feito isto, contudo, é muito pequeno comparado aos muitos milhares de professores, palestrantes e escritores que são pagos, algumas vezes muito generosamente, para promulgarem as opiniões mais convencionais do mundo.

Até mesmo quando está claro que uns poucos indivíduos falsamente relataram, ou insinceramente discutidram, os OVNI para fazer dinheiro, o fenômeno OVNI não é automaticamente desacreditado. Fazer lucro tem sido uma motivação em quase todas as arenas do comportamento humano desde os dias mais iniciais da humanidade. Se fossemos nos desfazer de tudo a que alguém tenha anexado um motivo de lucro, pouco sobraria de nossa cultura. Felizmente, a vasta maioria das testemunhas e pesquisadores dos OVNI, ricos e pobres, são sinceros no que eles dizem e fazem.

12. *O Comportamento OVNI não se conforma ao que pensamos que o comportamento inteligente extraterrestre possa ser.*

Os OVNI são difíceis de estudar devido à sua natureza frequentemente bizarra e imprevisível. O comportamento OVNI parece, por um lado, levantar algumas das questões mais profundas sobre a vida e a existência, enquanto por outro lado parece ser assunto para um filme de Buck Rogers. Esta dualidade é difícil de reconciliar, ainda que seja uma inescapável parte do fenômeno. O OVNI é tanto profundo quanto lunático, como iremos ver.

Este fator é frequentemente usado para desacreditar os relatos OVNI. Alguns críticos implicam que se os OVNI são aeronaves extraterrestres, elas se manifestariam de um modo mais aceitável. Porque, por exemplo, os OVNI aparentemente tem raptado donas de casa e as implantado com mensagens religiosas, mas nunca pousaram no gramado da Casa Branca e falado com o presidente dos EUA?

Em um de seus livros, Philip Klass ofereceu uma recompensa de 10.000 dólares por uma prova conclusiva da visitação extraterrestre. Para se qualificar para a recompensa, somente uma espaçonave acidentada ou uma outra prova que a Academia Nacional de Ciências dos EUA anunciasse ser uma afirmação de inteligência extraterrestre seria suficiente; ou um extraterrestre deveria aparecer diante da assembleia geral da ONU ou em um programa de televisão nacional. O fato de que ninguém tenha recebido esta recompensa é visto por algumas pessoas como prova adicional de que a terra não está sendo visitada por uma sociedade extraterrestre.

Os problemas com a recompensa de dez mil dólares são rapidamente óbvios. Já discutimos as poucas possibilidades de encontrar um disco voador acidentado ou um pedaço maior de destroço. E se a Academia Nacional de Ciências dos EUA estivesse inclinada a argumentar uma origem terrestre para uma peça menor de uma evidência real, antes de admitir uma fonte não terrestre? Que tal se os pilotos extraterrestres não estivessem muito inclinados a aparecerem na televisão ou na ONU mais do que um piloto humano está disposto a se dirigir a um conselho de chimpanzés?*

* Um outro problema com a oferta de dez mil dólares foi que a pessoa tinha que pagar a Mr. Klass cem dólares por ano para se qualificar. Isto reduziu o debate OVNI ao nível de um jogo de cassino, ao qual ele não pertence. Poucos pesquisadores OVNI sérios aceitaram a oferta, muito para crédito deles.

Certamente todos nós podemos desejar que os OVNI fossem mais cooperativos, mas até que eles sejam, o fenômeno OVNI deve ser estudado em seus próprios termos, não segundo o comportamento que pensamos que eles devam exibir.

13. *No passado, uns poucos avistamentos OVNI apregoados como prova de uma visitação extraterrestre pelos principais pesquisadores OVNI provaram ser fenômenos terrenos ou farsas. Tais erros devem lançar dúvida em todas as proclamações dos pesquisadores OVNI.*

Porque o fenômeno OVNI é tão difícil de ser estudado, até mesmo os melhores pesquisadores, inevitavelmente, cometerão erros, algumas vezes muitos deles. É fácil que alguém se apodere destes erros e os utilize para desacreditar o assunto inteiro. Esta tática é frequentemente usada pelos advogados nas cortes legais, por estadistas durante debates políticos e até mesmo por cientistas engajados em controvérsias acadêmicas.

O problema com esta tática é que ela nem sempre leva à verdade e pode até mesmo nos afastar dela. Um bom exemplo é o da teoria da terra tedonda exposta por Cristóvão Colombo no século XV. Em uma era onde as pessoas ainda acreditavam que o mundo era chato, Colombo fez parte do movimento que proclamava que a terra era redonda ou em forma de uma pera. Tão correto quanto estava Colombo sobre este assunto, ele estava errado sobre muitos outros. Colombo pensava que encontraria a Ásia quando atravessou o oceano Atlântico e falsamente relatou que ele assim o havia feito, quando voltou à Espanha. Hoje sabemos, com certeza, que Colombo não encontrou a Ásia afinal – ele se deparou com o continente norte-americano, que não está nem perto da Ásia! Por causa disso, poderíamos facilmente desdenhar a evidência falsa de Colombo e proclamar que sua teoria da terra redonda era uma vergonha. Afinal, algumas das outras idéias de Colombo sobre a terra estavam claramente erradas, algumas até absurdamente.

Este tipo de situação ocorre frequentemente, especialmente quando a ciência é jovem, como é hoje a Ovnilogia. As declarações falsas e as evidências erradas são frequentemente utilizadas para apoiarem idéias fundamentalmente honestas e sólidas. Isto não é o mesmo que dizer que cada nova teoria que surge seja uma teoria válida ou que a má evidência seja sinal de uma boa teoria. O truque é pesar toda a evidência e basear a decisão nisso. Ao fazer assim, contudo, não fique surpreso se encontrar o desacordo de outros. Esta é uma coisa engraçada, que duas pessoas possam olhar idêntica informação e chegar a conclusões opostas.

14. *Expressar teorias de visitação extraterrestre e de 'antigos astronautas' é perigoso para a sociedade.*

Este argumento não é vaale ser dignificado em sociedades com tradições de discussão e debate aberto. A liberdade de expressão é uma das pedras lapidares de uma cultura sadia. Isto permite que a sociedade e seu povo cresçam. Uma ampla diversidade de idéias dá às pessoas mais perspectivas entre as quais escolher. Possuir uma tal escolha é preferível a ter restritas as opções intelectuais. Em uma sociedade aberta, muitas idéias não convencionais vem e vão, mas isto é um preço pequeno a pagar pelos enormes benefícios de deixar abertas e livres as linhas de comunicação.

15. *Se há tantos OVNI, porque eu nunca vi um?*

Eu também nunca vi um OVNI. Eu também nunca vi a Índia, mas a evidência circunstancial de sua existência tende a me fazer pensar que a Índia provavelmente existe.

Além dos argumentos acima, outros meios têm sido usados para desacreditar os avistamentos OVNI. Um desses métodos usa a semântica. Alguns críticos OVNI dizem que eles buscam encontrar explicações racionais para o avistamento OVNI. Por 'racional' eles querem dizer explicações que retratem um avistamento como um objeto natural ou feito pelo homem. Este é um uso desafortunado da palavra racional. A palavra racional significa sadia, bem pensada ou lógica.

Porque a sanidade e a lógica devem estar baseadas principalmente na verdade, uma explicação 'racional' de um fenômeno seria a explicação que mais se aproximasse da verdade, seja o que quer que pudesse ser a verdade. Se o OVNI relatado é um fenômeno natural mal percebido, então explicá-lo como tal é, de fato, racional. Por outro lado, se um OVNI não é um fenômeno natural ou feito pelo homem, então dizer que é isto diante da evidência contraria, não seria, afinal, racional.

Tendo dito isto, ainda entendo a relutância de muitas pessoas de considerar seriamente o fenômeno OVNI. Este é um assunto difícil e explosivo. Alguns indivíduos que uma vez foram de mente aberta sobre os OVNI, tiveram a experiência desafortunada de receberem ovos em suas faces quando eles especularam sobre aqueles e provou-se estarem errados. Um bom exemplo foi o debate publico que cercou a lua marciana, Phobos. Aproximadamente a uma década atrás, um número de lideres da opinião científica tinha especulado que Phobos fosse um satélite artificial colocado em órbita ao redor de Marte por extraterrestres. Quando, mais tarde, uma sonda espacial voou suficientemente perto para fotografar Phobos, a lua marciana demonstrou ser pouco mais que um grande pedaço irregular de rocha (embora algumas de suas características orbitais permaneçam intrigantes). Os cientistas e astrônomos, porque eles sobrevivem baseados em suas boas reputações, não podem mais apoiar tantos erros especulativos dessa natureza. Muitas pessoas que sofrem um tal tombo não mais montan o cavalo; ao invés, eles amaldiçoam e atacam a besta que os derrubou. Pesquisadores competentes hoje estão cientes desses perigos e eles tentam evitar especular longe demais dos fatos conhecidos.

Porque considero seriamente a possibilidade da visitação extraterrestre, mesmo que eu concorde com a explicação 'natural' para alguns avistamentos OVNI ainda debatidos hoje? Assim o faço por muitas razões. Inicialmente, o fenômeno OVNI tem sido observado e relatado a séculos. Eu, portanto, rejeito a posição dos críticos de que os OVNI sejam apenas parte do folclore moderno. Em segundo lugar, o fenômeno OVNI tem sido surpreendentemente consistente de local a local e de era para era. Por exemplo, alguns avistamentos modernos de OVNI em forma de foguete ou charuto espelham um relato OVNI da Arábia do século XV. Em terceiro lugar, embora seja verdade que alguma evidência duvidosa de 'antigos astronautas' tenha sido publicada, assim também tem sido com evidências verdadeiramente excelentes. O desafio dos críticos de que 'afirmações

extraordinárias exigem uma prova extraordinária' tem, em minha mente, sido preenchidas por alguma evidência. Em quarto lugar, a teoria dos 'antigos astronautas' dificilmente seria um contra senso pseudocientífico que, algumas vezes, é acusada de ser. A teoria dos antigos astronautas é uma hipótese surpreendentemente lógica para se lançar luz a dados históricos previamente inexplicáveis. Espero que isto seja um dia reconhecido como uma verdadeira inovação mesmo que isto encontre uma oposição considerável hoje. O fato de que a teoria cresça da pesquisa de área rural e não dos salões marmorizados das maiores universidades significa pouco. Qualquer um com uma mente ativa e curiosa pode fazer descobertas importantes e significativas.

Neste estágio da minha discussão, posso desapontar alguns leitores ao afirmar que não é meu propósito escrever ainda um outro tomo que analise os modernos avistamentos OVNI ou que exibam um conjunto de evidências de antigos astronautas simplesmente para provar a visitação. Isto tem sido feito, adequadamente, em outros lugares. Se você permanece um cético OVNI, recomendo-lhe que estude outras literaturas OVNI antes de continuar com este livro. O livro "Deuses do éden" foi escrito para as pessoas que já consideram seriamente a possibilidade de que a terra tenha sido visitada por uma sociedade extraterrestre.

Este livro começa, realmente, de onde Charles Fort parou. O Sr. Fort especulou que a terra pode ter sido a propriedade de uma sociedade extraterrestre. Ele posteriormente acreditou que os humanos poderiam ser um pouco mais que escravos ou rebanho. Como resultado da minha pesquisa histórica, lançada de um ponto de vista inteiramente diferente*, eu também cheguei a uma ultrajante teoria similar:

Os seres humanos parecem ser uma raça escrava definhando em um pequeno planeta de uma pequena galáxia. Como tal, a raça humana foi, uma vez, a fonte de trabalho para uma civilização extraterrestre e permanece uma posse até hoje. Para manter o controle sobre sua posse e manter a terra algo como uma prisão, uma outra civilização tem engendrado o incessante conflito entre seres humanos, tem promovido um apodrecimento espiritual e tem erigido, na terra, condições de dificuldade física insuperável. Esta situação existiu por milhares de anos e continua hoje.

Agora, tendo me colocado completamente aberto ao ridículo por expressar tal hipótese, continuarei a partilhar com você uma opinião muito diferente da história a qual, provavelmente, você encontrou antes.

Porque estou me arriscando muito ao tornar este livro disponível, peço aos meus leitores dois favores, antes que eles continuem para julgar o que foi escrito por mim:

1. Por favor, leiam cuidadosamente o livro *inteiro*.
2. Por favor, leiam os capítulos na ordem em que eles aparecem.

*não li qualquer dos trabalhos de Charles Fort até que houvesse completado o terceiro rascunho deste livro

Nenhuma ideia, fato ou episódio histórico que apresento se sustenta inteiramente por si só. Cada um se torna significativo somente quando é visto dentro do contexto inteiro

da história. A importância do que você vê inicialmente neste livro não se tornará aparente até que você tenha continuado a ler muito mais adiante. Igualmente, a importância do material posterior não será clara a menos que você tenha lido, primeiramente, o material anterior. As primeiras 150 páginas, aproximadamente, deste livro contem idéias, conclusões e declarações que podem parecer não eruditas e ultrajantes. Somente ao continuar a ler adiante a notável documentação histórica em apoio a isso é que estas idéias tomarão forma.

Segure-se. Agora começaremos uma surpreendente corrida na montanha-russa ao longo da parte vulnerável da história.

4 = Os Deuses do éden

A idéia de que os seres humanos são uma raça escrava de propriedade de uma sociedade extraterrestre não é uma ideia nova. Ela foi expressa a milhares de anos atrás nas primeiras civilizações registradas da humanidade. A primeira destas civilizações foi a Suméria: uma sociedade notavelmente avançada que floresceu no vale dos rios Tigre e Eufrates entre 5.000 e 4.000 AC e floresceu como uma grande civilização por volta de 3.500 AC.* Como outras antigas sociedades que se elevaram na região mesopotâmica, a Suméria deixou registros afirmando que criaturas de tipo humano de origem extraterrestre tinham governado a sociedade inicial humana como os primeiros monarcas da terra. Estas pessoas alienígenas eram frequentemente consideradas 'deuses'. Diziam-se de alguns 'deuses' sumérios que eles viajavam pela atmosfera e pelos céus em 'globos' voadores e veículos tipo foguetes. Antigos entalhes apresentam vários 'deuses' usando aparelhos como óculos ao redor de seus olhos. Os sacerdotes humanos agiam como meros intermediários entre estes 'deuses' alienígenas e a população humana.

Nem todos os deuses mesopotâmicos eram extraterrestres de aparência humana. Alguns eram óbvias fabricações e atributos fictícios eram, frequentemente, atribuídos aos deuses extraterrestres de tipo humano. Uma vez despidas as claras ficções, contudo, descobrimos dentro do panteão mesopotâmico uma classe distinta de seres que, de fato, se encaixam no molde dos 'antigos astronautas'.

Para que eu melhor discuta estes 'deuses' de 'alta tecnologia'** será necessário, para mim, inventar um novo termo.

A palavra 'deus' sozinha contém espanto demasiado e imerecido. O testemunho histórico e moderno indica que estes 'deuses' eram tão 'humanos' em seu comportamento quanto eu ou você. O termo 'antigo astronauta' os classifica em um passado distante quando, de fato, eles parecem ter uma contínua presença até os dias de hoje.

O rótulo 'extraterrestre' é amplo demais.

Não posso nomear os 'deuses' segundo alguma estrela ou planeta do qual eles possam derivar porque não especularei qual seja seu lugar de origem. Além disso, é concebível que a alegada propriedade da terra possa ter mudado de mãos com o passar dos milênios, do mesmo modo que a propriedade de uma corporação pode passar entre diferentes proprietários sem o publico estar ciente disso.

Isto me permite inventar um novo rótulo baseado no aparente relacionamento dos 'deuses' com a raça humana. Por falta de algo melhor, me referirei a eles simplesmente como a sociedade 'tutelar', significando a específica sociedade extraterrestre (ou a sucessão de sociedades) que parecem ter tido a propriedade e a custódia da terra desde a pré-história. Para ser breve, frequentemente me referirei a eles apenas como 'tutores'.

* Até recentemente, pensava-se ser a antiga Suméria o local da primeira cidade da humanidade. Escavaçõs tem revelado uma cidade em Jericó (perto da Jerusalém dos dias modernos) construída a 7.000 AC. Quase nada é conhecido sobre esta cidade.

** Para uma análise detalhada da aparente natureza de alta tecnologia dos antigos deuses sumérios, recomendo os cinco livros de Zacharia Sitchin.

Que tipo de pessoas são estes recentemente rotulados tutores?

Os registros históricos e o testemunho moderno os descreve como fisicamente de tipo humano, racialmente diversos, e mais importantemente, muito similares aos seres humanos comportamentalmente. Por exemplo, alguns OVNI da era moderna tem exibido travessuras adolescentes ao correr para aviões como se eles fossem colidir e então abruptamente desviando-se, exatamente quando o impacto parecia iminente; um aparente jogo aéreo. Ao menos uma testemunha moderna, alegadamente, foi 'zapeada' por um OVNI sem qualquer outra razão aparente além de malícia. Os escritores antigos descrevem os extraterrestres como capazes de amor, ódio, diversão, raiva, honestidade e depravação. Os registros antigos e os testemunhos modernos igualmente indicariam que as personalidades tutoras percorrem a inteira gama de santos e pecadores, dos mais degradados dos déspotas aos humanitários de melhor coração.

Tristemente, é o elemento brutal e despótico da sociedade deles que parece ser o mais influente nos assuntos da terra, como devemos documentar.

As antigas civilizações mesopotâmicas registraram uma grande quantidade das suas histórias em tabletes de argila. Somente uma fração destes tabletes teria sobrevivido, ainda que eles consigam contar uma história notável sobre os 'deuses' tutores e seu relacionamento com o homo sapiens.

Segundo a história inscrita nos tabletes mesopotâmicos, houve um tempo quando os seres humanos não existiam. Ao invés, a terra era habitada por membros da civilização tutora. A vida tutelar na terra, contudo, não era agradável. Os esforços tutelares para explorar a riqueza mineral e os recursos naturais da terra provaram-se exaustivos.

Como nos diz um tablete:

Quando deuses, como homens
Realizaram o trabalho e sofreram o trabalho duro -
O trabalho duro dos deuses foi grande,
O trabalho era pesado, o sofrimento era sujo - [1]

Os tabletes descrevem as vidas de trabalho penoso infindável na medida em que os 'deuses' construíam, escavavam e realizavam operações de mineração na terra. Os 'deuses' não estavam contentes com seu destino. Eles estavam inclinados a se queixarem, sabotarem e a se rebelarem contra seus lideres. Uma solução era necessária e ela foi encontrada: criar um ser capaz de realizar os mesmos trabalhos na terra que os tutores realizavam. Com este propósito em mente, os 'deuses' tutores criaram o *homo sapiens* (homem).

Os tabletes mesopotâmios contam a história de criação na qual um 'deus' é condenado à morte pelos outros deuses e o corpo e o sangue são então misturados com a argila. Ao ser cozido, um ser humano é feito. A nova criatura da terra e muito similar em aparência a seus tutores criadores.

Em seu livro, *The Twelth Planet*, o autor Zacharia Sitchin exaustivamente analisa as histórias sumérias de criação. Ele conclui que a história do corpo de um deus sendo misturado à argila pode se referir à engenharia biológica. O sr. Sitchin apoia sua surpreendente conclusão apontando estes tabletes sumérios que afirmam que os primeiros humanos foram gerados nos úteros de "deusas" tutelares. Segundo os tabletes, os tutores tinham corpos masculinos e femininos e se acasalavam por relação sexual. De fato, os antigos mesopotâmios afirmaram que eles forneceram, aos 'deuses' tutelares reinantes, prostitutas humanas. O sr. Sitchin acredita que a 'argila' era uma substância especial que podia ser inserida no útero da tutora. Esta substância continha células geneticamente engendradas da nova criatura escrava, *homo sapiens*. Os humanos podiam, aparentemente, procriar daquele modo porque eles eram fisicamente muito similares aos tutores. Interessantemente, os cientistas modernos têm procriado animais de modo similar, tal como uma zebra no útero de uma égua.

Os antigos tabletes mesopotâmios creditam a um 'deus' em particular a supervisão da fabricação genética do *homo sapiens*. O nome deste 'deus' era EA. Diz-se que EA era o filho de um rei tutor que dizia-se governar um outro planeta dentro do distante império tutor. O Príncipe EA era conhecido pelo título "EN.KI," que significa 'senhor (ou príncipe) da terra'. Os antigos textos sumérios revelam que o título de EA não era inteiramente fiel porque EA havia perdido seu domínio sobre grandes porções da terra para seu meio-irmão Enlil, durante uma das inumeráveis rivalidades e intrigas que pareciam para sempre preocupar os governantes tutores.

Além de haver engendrado o homo sapiens, o príncipe EA recebeu o crédito nos tabletes mesopotâmios de muitas outras realizações. Se ele foi uma pessoa real, então EA poderia ser melhor descrito como um cientista e engenheiro civil de considerável talento. Diz-se que ele drenou os pântanos pelo Golfo Pérsico e os teria substituído por fértil terra agrícola. Ele supervisionou a construção de represas e diques. EA amava navegar e construiu navios nos quais navegava pelos mares. Quando veio o tempo de ciar o *homo sapiens*, EA demonstrou um bom conhecimento de engenharia genética, mas não, segundo os tabletes, sem tentativa e erro. Mais importante, EA é descrito como de bom coração, ao menos a respeito de sua criação, o homo sapiens. Os textos mesopotâmios retratam EA como um advogado que fala diante do conselho tutelar em beneficio da nova raça da terra. Ele se opôs a muitas das crueldades que outros governantes tutores, incluindo seu meio-irmão Enlil, infligiam aos seres humanos. Pareceria, pelos tabletes sumérios, que EA não pretendia que o *homo sapiens* fosse duramente tratado, mas seus desejos a este respeito foram negados por outros líderes tutores.

Como acabamos de ver, os nossos ancestrais antigos e altamente civilizados contam uma história muito diferente da emergência da humanidade na terra do que a que contamos hoje. Os mesopotâmios não eram escolados nas teorias darwinianas da evolução! Não obstante, há alguma surpreendente evidência antropológica a apoiar a versão suméria da pré-história.

Segundo as análises modernas dos registros fósseis, o *homo sapiens* emergiu como uma espécie animal entre 300.000 e 700.000 AC. Na medida em que o tempo passava, um

número de subespécies de *homo sapiens* emergiu, incluindo esta subespécie a que todos os seres humanos pertencem hoje: *homo sapiens sapiens*. O *homo sapiens sapiens* apareceu a 30.000 anos atrás - alguns dizem que apenas a 10.000 ou 20.000 anos atrás. Isto levanta uma importante questão: os sumérios estavam se referindo ao *homo sapiens* ou ao *homo sapiens sapiens* em suas histórias da criação? Parece não haver uma resposta segura. Tem sido apresentados excelentes argumentos de que eles estavam se referindo ao original *homo sapiens*. Eu me inclino a favor de que provavelmente eles estivessem se referindo ao moderno *homo sapiens sapiens*, pelas seguintes razoes:

1. As mais velhas histórias sobreviventes da criação foram escritas por volta de 4.000 a 5.000 AC. É muito mais provável que um registro verdadeiro da criação da humanidade sobrevivesse 5.000 a 25.000 anos do que sobrevivesse a 295.000 anos ou mais.

2. Se os sumérios estavam se referindo a criação do *homo sapiens sapiens*, os eventos descritos posteriormente nos tabletes mesopotâmios caem dentro de uma estrutura mais plausível de tempo.

3. Os próprios mesopotâmios eram membros da subespécie *homo sapiens sapiens*. Eles estavam primariamente preocupados em como eles próprios vieram a existir. Em seus vários trabalhos, os antigos sumérios apresentaram homens peludos como animais, que parecem uma subespécie mais primitiva de *homo sapiens*. Os sumérios claramente viam estes homens primitivos como uma raça ou criatura inteiramente diferente.

Se as histórias de criação da Mesopotâmia são baseadas em eventos reais e se estas histórias se referem a criação do *homo sapiens sapiens*, esperaríamos que o *homo sapiens sapiens* aparecesse muito subitamente na história. Notavelmente, isto é precisamente o que aconteceu. O registro antropológico revela que o *homo sapiens sapiens* apareceu na terra abruptamente, não gradualmente. F. Clark Howell e T. D. White da universidade da Califórnia em Berkeley tinham isto a dizer:

Estas pessoas (*homo sapiens sapiens*) e sua inicial cultura material aparecem com aparente espontaneidade exatamente a 30.000 anos atrás, provavelmente mais cedo, mais no oriente do que na Europa Ocidental.[2]

O mistério deste aparecimento abrupto se aprofunda em um outro enigma: porque o homem mais primitivo de Neanderthal (*homo sapiens neanderthalensis*) desapareceu repentinamente ao mesmo tempo que o moderno *homo sapiens sapiens* apareceu? A evolução não é assim algo rápido. Messrs. Howell e White ponderaram esta questão e concluíram:

> …o desaparecimento absoluto, quase abrupto, do povo de Neanderthal permanece um dos maiores enigmas e problemas críticos no estudo da evolução humana.[3]

A *Enciclopedia Britânica* concorda:

> Os fatores responsáveis pelo desaparecimento do povo Neanderthal são um problema importante que ainda, infelizmente, não tem uma clara solução.[4]

As histórias sumérias da criação oferecem uma clara solução para o enigma, mas esta é uma história que muitas pessoas têm muita dificuldade em aceitar: o aparecimento súbito do *homo sapiens sapiens*, acompanhado pelo desaparecimento, também súbito, do homem de Neanderthal, foi causado por uma intervenção inteligente. Pode ser conjecturado que o Homem de Neanderthal ou foi exterminado ou expulso do planeta terra para abrir espaço para a nova raça escrava, talvez para evitar o cruzamento entre as duas subespécies. Seja qual for verdade precisa, sabemos, com certeza, dois fatos: a antropologia moderna descobriu a substituição súbita do homem de Neanderthal pelo homem moderno e os registros mesopotâmios afirmam que o planejamento inteligente por uma raça extraterrestre está em algum lugar por trás deste evento dramático.

No capítulo 2, discutimos o fato de que os humanos parecem ser seres espirituais que animam corpos físicos. Os espíritos parecem ser a verdadeira fonte da consciência, personalidade e inteligência. Sem uma entidade espiritual que o anime, um corpo humano pode ser um pouco mais do que um animal reativo, ou morto. O povo da antiga Mesopotâmia entendia completamente este fato crítico quando mencionou um ser espiritual em conexão com a criação do *homo sapiens*:

> V*ocê assassinou um deus junto*
> *com sua personalidade (ser espiritual)*
> *e tendo eu removido seu pesado trabalho,*
> *eu tenho imposto seu fardo ao homem.*[5]

Os governantes tutores sabiam que eles precisavam manter os seres espirituais permanentemente anexados aos corpos humanos para animar estes corpos e torná-los suficientemente inteligentes para realizarem seus trabalhos:

> *Na argila, o deus (uma entidade espiritual) e o homem*
> *(o corpo físico do* homo sapiens*) devem ser ligados,*
> *a uma unidade trazidos juntos;*
> *para que até fim dos dias*
> *a carne e a alma*
> *que em um deus amadureceu -*
> *esta alma em uma linhagem sanguínea seja ligada.*[6]

Os tabletes silenciam sobre que 'personalidades' foram escolhidas para animarem os novos corpos escravos. Baseado em como as coisas são feitas na sociedade humana, podemos supor que a sociedade tutelar usou criminosos, desviados, prisioneiros de guerra, grupos raciais e sociais detestados, não conformistas e outros indesejáveis para obter os seres espirituais que eles necessitavam para animar sua nova raça escrava na terra. Os humanos eram, certamente, tratados como condenados sentenciados ao trabalho duro:

Com pás e picaretas eles (os seres humanos) construíram os templos.
Eles construíram os grandes bancos dos canais.
Para comida para os povos e
o sustento dos deuses.[7]

Como bestas de carga, os humanos eram tratados brutalmente pelos seus senhores extraterrestres. Os tabletes de argila contam sobre vasta e catastrófica crueldade perpetrada pelos Tutores contra seus serventes humanos. Medidas a sangue frio de controle de população eram frequentemente realizadas:

Ainda não haviam se passado 1.200 anos
Quando a terra se estendeu e as pessoas se multiplicaram.
A terra estava rugindo como um touro,
O deus cabra perturbado com a baderna deles.
*Enlil (o meio-irmão e rival de EA) ouviu o barulho deles**
e dirigiu-se aos grandes deuses, 'O barulho da humanidade
tem se tornado intenso demais para mim,
Com a baderna deles eu sou privado de dormir. Corte os suprimentos
das pessoas. Deixe haver uma escassez de vida vegetal para
satisfazer a fome deles.
ADAD (um outro deus tutelar) deve segurar sua chuva,
E abaixo, a inundação (a inundação regular da
terra que a torna fértil) não deve vir do abismo.
Deixe o vento soprar e despir o solo. Deixe as nuvens
se espessarem, mas não liberarem o aguaceiro. Deixe os campos
diminuirem suas colheitas.
*não deve haver alegria entre eles.**

* Estas linhas sugerem que Enlil viveu mais de 1200 anos. Uma longevidade similar é atribuída a EA e outros regentes tutores. Muitas pessoas acham difícil acreditar que qualquer criatura, incluindo um extraterrestre, possa viver tanto tempo.
A surpreendente longevidade atribuída aos governantes tutores pode talvez ser explicada pelas crenças espirituais sumérias. Os sumérios acreditavam que a 'personalidade' (o ser espiritual) sobrevive à morte do corpo físico e que é possível identificar a 'personalidade' depois que ela tenha abandonado um corpo e tomado outro (do mesmo modo que podemos identificar um motorista que sai de um automóvel e entra em outro). Uma 'personalidade', portanto, poderia manter a posição social ou política corpo após corpo, enquanto uma 'personalidade' pudesse ser identificada. Quando os sumérios dão aos tutores uma longevidade extensa, eles não estavam, necessariamente, sugerindo que um único corpo do tutor sobreviveu por séculos; em muitos casos eles parecem dizer que uma 'personalidade' tutora manteve uma posição politica por um longo tempo, mesmo que ele possa ter feito isso por meio de uma sucessão de corpos.

Um tablete assírio acrescenta:

'Comande o que lá será uma praga. Deixe
Namtar diminuir o barulho deles. Deixe que a doença,
a praga e a pestilência os exploda sobre eles
como um tornado.' Eles comandaram e
houve uma praga e Namtar diminuiu seu
barulho. Doença, praga e
pestilência os atingiu como um tornado.[9]

Os tabletes descrevem condições pavorosas nas quais os suprimentos de alimentos eram cortados, nas quais doenças eram disseminadas entre as populações, que atingiam os úteros e restringiam os nascimentos e na qual a inanição se tornou tão rampante que os seres humanos foram forçados a recorrerem ao canibalismo. Doenças menores, tais como uma que se parece com a gripe, estavam também visitando o *homo sapiens*, sugerindo que os 'deuses' tutores entendiam e se engajavam na guerra biológica.

Quando este genocídio não produziu uma queda suficiente na população humana, os tutores o retomaram. Eventualmente, foi tomada uma grande decisão de destruir inteiramente a raça humana com uma grande inundação.

Muitos arqueólogos hoje acreditam que houve uma inundação cataclísmica no Oriente Médio milhares de anos atrás. Uma descrição desta 'grande inundação' se encontra no babilônico 'Épico de Gilgamesh', que antecede a Bíblia.

Segundo o épico, um babilônio chamado Utnapishtim foi abordado pelo Príncipe Ea, que se opunha à decisão de destruir a sua criação, o *homo sapiens*. Ea disse a Utnapishtim que os outros 'deuses' planejavam causar um dilúvio para dizimar a raça humana. Ea, que é descrito em outros escritos como um mestre marinheiro e construtor de navios, deu instruções a Utnapishtim sobre como construir um barco que poderia sobreviver ao dilúvio. Utnapishtim seguiu as instruções de Ea e com a ajuda de amigos, completou o vaso antes da inundação começar. Utnapishtim então carregou o barco com seu ouro, família e gado, acompanhado de artesãos e animais selvagens e partiu para o mar.

Os tabletes assírios e babilônios relacionam que, exatamente antes da enchente chegar à terra, os tutores a queimaram com chamas. Então eles inundaram a região ao causar uma longa tempestade e ao quebrar os intrincados sistemas de represas e diques que tinham sido construídos na Mesopotâmia para controlar a inundação errática dos rios Tigre e Eufrates.

O Épico de Gilgamesh relata que Utnapishtim e sua tripulação sobreviveram ao cataclismo. Quando tudo estava acabado, eles buscaram por terra seca ao libertar uma série de três pássaros; se o pássaro não voltasse para o barco, Utnapishtim saberia que ele tinha encontrado terra seca na vizinhança para descer.

Uma vez em solo sólido, Utnapishtim se reuniu com vários tutores que retornavam do céu. Em vez de destruir os sobreviventes, prevaleceu um grau de leniência e os tutores transportaram os humanos sobreviventes a uma outra região para viverem.

A história de Utnapishtim deveria soar como um sinal a qualquer um que está familiarizado com a história bíblica de Noé e da Arca. Isto porque, a história de Noé, como muitas outras histórias no Velho Testamento, é retirada de escritos mesopotâmios mais antigos. Os autores bíblicos simplesmente alteraram os nomes e mudaram os muitos 'deuses' dos escritos originais para um 'deus' ou 'senhor' da religião hebraica. A última mudança foi desafortunada porque fez parecer que um ser supremo fosse culpado dos atos brutais que os escritores anteriores haviam atribuído aos 'deuses' tutores .

Os escritos mesopotâmios mais antigos nos deram outra famosa estória do Velho Testamento: a narrativa de Adão e Eva. A narrativa de Adão e Eva também é derivada de fontes anteriores da Mesopotâmia que descreveram a vida sob os 'deuses' tutores. O 'deus' ou 'senhor deus' da estória de Adão e Eva da Bíblia pode, então, ser traduzido para significar os governantes tutores da terra. A história de Adão e Eva é única nem que ela é inteiramente simbólica e através de seus símbolos fornece uma narrativa intrigante da história humana inicial.

Segundo a Bíblia, Adão, que simboliza o primeiro homem, foi criado por um 'deus' a partir do 'pó da terra'. Esta ideia reflete a crença mais antiga mesopotâmia que o *homo sapiens* foi parcialmente criado de 'argila'. A mulher de Adão, Eva, também foi criada artificialmente. Ambos viviam em um abundante paraíso conhecido como Jardim do éden. As versões modernas da Bíblia localizam o Jardim do éden na região do Tigre-Eufrates da Mesopotâmia.

O Velho Testamento nos conta que Adão (o primeiro homem) foi desenhado para ser um servente. Sua função era cultivar o solo e cuidar dos luxuriantes jardins e plantações de propriedade de seu 'deus'. Enquanto Adão e Eva aceitassem o seu status de serventes e obedecessem seus mestres sempre presentes, todas as suas necessidades físicas seriam atendidas e eles teriam permissão de se manterem no paraíso indefinidamente. Havia, contudo, um pecado imperdoável que eles nunca podiam cometer. Eles nunca deveriam buscar certos tipos de conhecimento. Estas formas proibidas de conhecimento estão simbolizadas na estória das duas árvores: a 'árvore do conhecimento do bem e do mal' e a 'árvore da vida'. A primeira 'árvore' simboliza um entendimento de ética e de justiça. A segunda 'árvore' simboliza o conhecimento de como conquistar e reter sua identidade e imortalidade espiritual.

Adão e Eva obedeceram os mandamentos de seus mestres e viviam em benção material até que outra parte entrou em cena. A parte interventora foi simbolizada na estória como uma cobra. A serpente convenceu Eva a partilhar do 'fruto'* da 'árvore do conhecimento do bem e do mal'. Eva seguiu a sugestão da serpente, como o fez Adão. O 'deus' (isto é, a liderança tutelar) imediatamente se tornou alarmada:

* Este fruto geralmente é retratado como uma maçã, mas isto é uma invenção dos artistas posteriores. A própria Bíblia não menciona uma fruta específica porque o 'fruto' era somente um símbolo para representar conhecimento.

E o senhor deus disse. Olhe, o homem se tornu como um de nós, conhecendo o bem e o mal: e agora, e se ele leva adiante sua mão e toma também da árvore da vida e come e vive para sempre?

GÊNESIS 3:22

A passagem acima revela uma verdade importante ecoada por muitas religiões. Um verdadeiro entendimento da ética, da integridade e da justiça e um pré-requisito para conquistar a liberdade espiritual e a imortalidade. Sem uma fundação na ética, a recuperação espiritual plena se torna em nada mais do que uma utopia.

Os tutores claramente não queriam que a humanidade começasse a viajar na estrada da recuperação espiritual. A razão é obvia. A sociedade dos tutores queria escravos. É difícil fazer escravos de pessoas que mantêm a sua integridade e o seu senso de ética. Torna-se impossível quando estes mesmos indivíduos não são intimidados por ameaças físicas devido a um entendimento redivivo da sua imortalidade espiritual. Mais importante, se os seres espirituais não pudessem mais ser aprisionados nos corpos físicos, mas pudessem, ao invés, usá-los e abandoná-los à vontade, não haveriam seres espirituais disponíveis para animar corpos escravos. Como recordamos, os tabletes sumérios revelaram a intenção tutelar de permanentemente anexar seres espirituais aos corpos humanos. A primeira tentativa do homem de escapar desta ligação espiritual ao 'comer' das árvores bíblicas tinha, portanto, que ser detida… e rápido!

Portanto o Senhor Deus o expulsou (Adão) do jardim do éden, para cultivar a terra da qual ele havia sido tirado.
Assim ele expulsou o homem; e ele colocou a leste do jardim do éden os querubins (anjos) e uma espada flamejante que se virava em todas as direções, para escudar o caminho (evitar acesso) à árvore da Vida.

GÊNESIS 3:23-24

A 'espada flamejante' simboliza as medidas práticas que os tutores tomaram para assegurar que o genuíno conhecimento espiritual nunca se tornasse disponível para a raça humana.

Para evitar ainda mais o acesso a tal conhecimento, o *homo sapiens* foi condenado a um destino adicional:

E a Adão, ele (Deus) disse, "porque você ouviu as exortações de sua mulher e comeu da árvore que eu lhe proibi, dizendo, Você não deve partilhar disso: amaldiçoado é o solo para você, em sofrimento você comerá sua colheita por todos os dias de sua vida:
Espinhos, também e cardos ele trará a você;
enquando você come as plantas do campo:

Pelo suor de sua face você comerá o pão, até
que você retorne ao solo; pois dele foi você retirado:
pois pó você é e ao pó retornará.

GÊNESIS 3:17-19

Este foi um meio altamente eficaz de lidar com o 'pecado original' de Adão e Eva. A passagem acima indica que os governantes tutelares pretendiam fazer com que os humanos vivessem suas vidas inteiras e morressem sem até mesmo elevar-se acima do nível da árdua existência material. Isto deixaria aos humanos pouco tempo para buscar o entendimento que eles precisavam para se tornarem espiritualmente livres.

Uma incorreta interpretação comum da estória de Adão e Eva é que o 'pecado original' teve algo a ver com sexo ou nudez. Esta confusão vem da parte da estória na qual Adão e Eva comem da 'árvore do conhecimento do bem e do mal' e imediatamente se tornaram envergonhados de sua nudez. Contudo, não era a nudez que os envergonhava. Adão e Eva estavam envergonhados pelo que representava sua nudez. Os antigos registros mesopotâmicos apresentam seres humanos totalmente nús quando realizavam tarefas para seus mestres tutores. Os tutores, por outro lado, eram apresentados completamente vestidos. A implicação é que Adão e Eva se sentiram degradados por sua nudez porque ela era um sinal da escravidão deles, não porque estar nu por si só seja mal.

Como vimos, os humanos iniciais foram relatados como uma dor de cabeça constante para seus mestres tutores. As criaturas escravas não apenas desobedeciam seus governantes, elas frequentemente se reuniam e se rebelavam. Isto tornou a unidade humana indesejável para os governantes tutores da terra - era melhor que os humanos fossem desunidos. Um dos meios pelo qual o problema da unidade humana foi resolvido é descrito na estória bíblica da torre de Babel – um conto que também tem suas raízes nos escritos iniciais mesopotâmicos.

Segundo a Bíblia, isto foi o que aconteceu depois do grande dilúvio:

E a terra inteira falava uma só língua e usava
as mesmas palavras.
E aconteceu que, quando eles migraram do
leste, que eles encontraram uma planície na terra de Sh'nar
(Babilônia: uma região na Mesopotâmia) e lá se estabeleceram.
E eles disseram, venham, vamos nós mesmos construir uma cidade
e uma torre, cujo topo alcançará os céus; e vamos fazer
um nome para nós mesmos, caso contrário seremos
espalhados pela face da terra.
E o Senhor desceu para ver a cidade e a torre,
a qual os homens estavam construindo.
E o Senhor disse, Olhe, as pessoas estão unidas e
elas tem uma só língua; e isto eles começam a fazer;
e agora nada os impedirá de fazer o que eles
colocarem em mente de fazer.

Venham, vamos nós descer e lá confundir a linguagem
deles de forma que um não possam entender uns aos outros.
Assim o Senhor os espalhou de lá por toda
a face da terra e eles pararam de construir
a cidade.
Portanto seu nome é Babel: porque o
Senhor lá confundiu a linguagem da terra inteira;
e de lá o senhor os espalhou no estrangeiro sobre a face da terra inteira.

GÊNESIS 11:1-9

No livro *The Twelfth Planet*, o Sr. Sitchin oferece uma análise intrigante da estória da Torre de Babel. Segundo sua pesquisa, a palavra 'nome' na passagem acima ("vamos fazer um *nome* para nós") era uma tradução da antiga palavra *shem*. A tradução de *shem* na bíblia pode estar errada, diz o Sr. Sitchin, porque *shem* vem da palavra raiz *shamah*, que significa "aquele que está voltado para o alto". Os antigos shems são os monumentos obeliscos que eram tão prevalentes em muitas sociedades antigas. Estes shems, ou obeliscos, foram copiados dos veículos em forma de foguete nos quais, se dizia, os antigos deuses tutelares voavam. O Sr. Sitchin, portanto, acredita que a palavra *shem* nos textos Mesopotâmios deveriam ser traduzidos como 'veículo celestial', significando foguete. Quando esta tradução é colocada na passagem bíblica acima, descobrimos que os antigos babilônios não estavam tentando fazer um nome (isto é, uma reputação) para eles mesmos; eles estavam tentando fazer um 'veículo celestial' ou foguete! A implicação é que eles queriam igualar o poder tecnológico de seus odiados mestres tutelares e, portanto, por um fim à sua escravidão. A própria torre pode ter sido pretendida como uma plataforma de lançamento para o *shem* humano.

Se a análise provocativa do Sr. Sitchin está correta, deveríamos entender melhor porque as entidades tutelares se tornaram tão alarmadas pela torre de Babel e sentiram uma tão premente necessidade de completamente desunir a raça humana.

As estórias e lendas antigas de outras partes do mundo apoiam indiretamente a história da torre de Babel. O povo japonês, os esquimós do Alasca, os sul-americanos e os egípcios todos têm tradições afirmando que seus antepassados iniciais tinham sido ou transportados por 'deuses' de aparência humana para onde os descendentes modernos vivem hoje ou que estes 'deuses' foram a fonte de suas linguagens ou escrita local.

Pode ser difícil de aceitar as declarações bíblicas e mesopotâmicas de que a antiga sociedade humana tenha sido dividida a milhares de anos atrás em um esforço de 'dividir para conquistar' por extraterrestres voadores, embora a técnica de 'dividir para conquistar' seja, frequentemente, usada por lideres militares e políticos na terra durante tempos de guerra. Interessantemente, o uso desta técnica foi advogada, a um certo número de anos atrás, por um distinto professor de Yale caso a terra algum dia colonizasse outros planetas. O bom professor sugeriu que a terra poderia controlar um outro planeta habitado colocando um grupo nativo contra outro.

Se compararmos as idéias antigas e modernas sobre como a humanidade veio a existir, descobriremos duas versões diferentes. A versão antiga é que uma sociedade extraterrestre veio a possuir a terra e procurou explorar os recursos do planeta. Para tornar mais fácil a exploração, uma raça trabalhadora foi criada: *homo sapiens*. Os humanos eram tratados como um rebanho e eram, frequentemente, assassinados quando se tornavam numerosos demais ou problemáticos. Para preservar o *homo sapiens* como uma raça escrava e evitar uma futura rebelião, o conhecimento espiritual foi reprimido, os seres humanos foram espalhados geograficamente em diferentes grupos linguísticos e as condições foram criadas para tornar a sobrevivência física na terra um trabalho diário todo consumidor do nascimento até a morte. Este arranjo deveria ser mantido indefinidamente, enquanto a sociedade tutelar possuísse a terra. Em contraste, a opinião moderna é que os seres humanos tinham evoluído acidentalmente da 'matéria estelar' em lodo, em peixes, em macacos e, finalmente, em pessoas. A opinião moderna parece mais fantasiosa do que a antiga.

Na estória de Adão e Eva notamos o aparecimento de uma cobra. A serpente, dizia-se, era a inimiga de 'deus', satã, que havia, literalmente, se transformado em um réptil. A Bíblia sugere que as serpentes são temidas e desprezadas hoje por causa da alegada transformação de satã no Jardim do éden. Contudo, deve-se lembrar que a estória bíblica de Adão e Eva é inteiramente simbólica. A serpente era, também, um símbolo, não um réptil real.

Para determinar o que representava a cobra bíblica, devemos, mais uma vez, voltar às velhas fontes pré-biblicas. Quando o fazemos, descobrimos que o símbolo da serpente tinha dois significados muito importantes no mundo antigo: ele era associado com o 'deus' tutelar Ea, reputadamente o criador e benfeitor da humanidade e também representava uma organização influente com a qual Ea estava associado.

5 - A irmandade da serpente

De todos os animais referenciados nas antigas sociedades humanas, nenhum era tão proeminente ou tão importante quanto a serpente. A serpente era o logo de um grupo que tinha se tornado muito influente nas sociedades humanas iniciais de ambos os hemisférios. Este grupo era uma irmandade disciplinada, dedicada à disseminação de conhecimento espiritual e de obtenção da liberdade espiritual. Esta irmandade da cobra (Também chamada "irmandade da serpente" mas à qual me referirei, frequentemente, simplesmente como a "irmandade") se opunha à escravização de seres espirituais e, segundo os escritos egípcios, pretendia libertar a raça humana da conexão tutelar*. A irmandade também partilhava conhecimento científico e encorajava a alta estética que existia em muitas antigas sociedades. Por estas e outras razões, a cobra haviaa se tornado um símbolo venerado para os humanos e, segundo textos egípcios e bíblicos, objeto do ódio tutelar.

Quando procuramos descobrir quem fundou a irmandade, os textos mesopotâmios apontam diretamente para o "deus" rebelde, o príncipe Ea. Os antigos tabletes mesopotâmios relatam que Ea e seu pai, Anu, possuíam um profundo conhecimento ético e espiritual. Este foi o mesmo conhecimento que mais tarde foi simbolizado com árvores na história bíblica de Adão e Eva. De fato, o símbolo bíblico da árvore veio de trabalhos mesopotâmios pré-bíblicos, tais como um mostrando uma cobra enrolada ao redor do tronco de uma árvore, idêntico às representações posteriores da cobra no éden. Da árvore, na representação mesopotâmica, se penduram dois frutos. O da direita da árvore é o símbolo de meia lua de Ea; o da esquerda é o símbolo de planeta de Anu. O desenho indica que Ea e Anu estavam associados com a cobra e seus ensinamentos. Esta ligação é confirmada por outros textos mesopotâmios que descrevem o palácio de Anu, nos 'céus', como guardado por um deus da árvore da verdade e um deus da árvore da vida.

Em uma ocasião, Ea, supostamente, enviou um humano para ser educado neste exato conhecimento:

> *Adapa (o nome de um homem inicial), você deve ir*
> *diante de Anu, o rei;*
> *A estrada para o céu você tomará.*
> *Quando tiver ascendido ao céu e se*
> *aproximar do portão de Anu, o "sustentador da vida" e*
> *o "desenvolvedor da verdade" no partão de Anu estarão de pé.*[1]

* Porque os ensinamentos da irmandade incluíam a cura física por meios espirituais, a cobra também veio a simbolizar a cura física. Hoje a cobra é apresentada no logo da Associação Americana de Medicina.

Portanto, descobrimos que Ea foi designado como sendo o suposto culpado que tentou ensinar ao homem inicial (Adão) o caminho para a liberdade espiritual. Isto sugere que Ea pretendia que sua criação, o *homo sapiens*, fosse apropriado para o trabalho na terra, mas em algum ponto ele mudou de ideia sobre o uso da escravidão espiritual como meio. Se Ea foi uma personalidade histórica verdadeira, como afirmaram os sumérios, então ele foi o provável líder da irmandade e seu fundador na terra. A irmandade pode ter adotado a cobra como seu logo porque dizia-se que o primeiro lar de Ea na terra fora construído em uma terra pantanosa infestada de serpentes a que Ea chamou de pantano da cobra. Uma outra explicação possível para o logo da cobra foi oferecida pelo Sr. Sitchin, que diz que a palavra bíblica para 'cobra' é *nahash*, que vem da palavra raiz NHSH, significando 'decifrar, descobrir'.

A despeito de suas alegadas boas intenções, o legendário Ea e a irmandade inicial claramente falharam em libertar a raça humana. Os antigos textos mesopotâmios, egípcios e bíblicos relatam que a 'cobra' foi rapidamente derrotada por outras facções tutelares. A Bíblia nos informa que a serpente no Jardim do éden foi dominada antes que fosse capaz de completar sua missão e dar a Adão e Eva o 'fruto' da segunda 'árvore'. Ea (que também era simbolizado como uma cobra) foi banido para a terra e foi extensamente vilanizado por seus oponentes para assegurar que ele nunca assegurasse, novamente, seguidores disseminados entre os seres humanos. O título de Ea foi mudado de 'príncipe da terra' para 'príncipe das trevas'. Ele foi rotulado com outros epítetos horrendos: satã, o diabo, mal encarnado, monarca do inferno, senhor dos vermes, príncipe dos mentirosos e mais. Ele foi retratado como o inimigo mortal do ser supremo e como guardião do inferno. As pessoas foram ensinadas que suas únicas intenções eram escravizar espiritualmente todos e que tudo de ruim na terra era causado por ele. Os humanos foram encorajados a detectá-lo em tudo de suas vidas futuras ("encarnações") e destruí-lo e às suas criações sempre que ele fosse descoberto. Todas as crenças e práticas nomeadas sob seus vários rótulos ('satanismo', 'veneração do diabo', etc) deveriam tornar-se tão horríveis e degradantes que nenhuma pessoa de pensamento correto teria (ou deveria ter) algo a ver com elas. Ele e seus seguidores deveriam ser vistos pelos seres humanos como nada mais além do que com máximo desprezo.

Isto não é o mesmo que dizer que EA era retratado pelos sumérios como um santo. Ele não era. Ele era descrito nos textos sumérios com distintas falhas de caráter. Se EA foi uma pessoa real, então ele parece ter sido um gênio que podia fazer as coisas funcionarem, mas que, frequentemente, era descuidado sobre prever as consequências de como atingiria suas metas. Ao engendrar uma raça trabalhadora (*homo sapiens*), Ea acabou dando aos seus inimigos uma poderosa ferramenta de repressão espiritual. Ea então parece ter contemporizado seu erro estúpido fundando e/ou empoderando a irmandade da serpente inicial que, depois de sua relatada derrota, permaneceu uma força poderosa nos assuntos humanos, mas sob o domínio das próprias facções tutelares às quais Ea e a irmandade original teriam se oposto. A história indica que a irmandade foi transformada por seus novos 'deuses' tutelares em uma arma assustadora de repressão espiritual e de traição, a despeito dos esforços de muitos humanistas sinceros de realizarem a verdadeira reforma espiritual pelos canais da irmandade, por todo o caminho, até hoje. Ao alegadamente criar

uma raça trabalhadora e a irmandade da cobra, o ‘deus’ Ea havia ajudado a construir uma armadilha para bilhões de seres espirituais na terra.

Como iremos agora, cuidadosamente começar a documentar, a irmandade da serpente tem sido o instrumento mundial mais eficaz para preservar o status da humanidade como uma criatura espiritualmente ignorante e de sofrimento através de toda a história. Durante todo este tempo e continuando até hoje, a irmandade e sua rede de organizações permanecem intimamente ligadas ao fenômeno OVNI. Esta corrupção da irmandade e o sobrecarregador efeito que ela tem sobre a sociedade humana, já estava aparente no ano de 2.000 AC no antigo Egito - a próxima parada de nossa viagem.

6 - Os construtores de pirâmides

Talvez as relíquias mais impressionantes e mais controversas que vem dos tempos antigos sejam as pirâmides do Egito. Os restos de ao menos setenta ou oitenta destas estruturas estão espalhadas ao longo da região superior do Nilo, como lembretes silenciosos de uma civilização que uma vez foi poderosa.

A maior e mais famosa pirâmide egípcia é a de Keops (a 'grande giramid'e). Ela permanece hoje, em conjunto com várias outras, em um elevado platô de Gizé, Egito. As dimensões desta pirâmide são impressionantes. Ela tem aproximadamente 500 pés de altura e cobre 13 acres de terra em sua base. Construída de pedras pesando, em média, umas 2.5 toneladas cada uma, estima-se que a estrutura inteira pese 5.273.834 de toneladas.

Uma notável caraterística, que faz da grande pirâmide uma das "Sete maravilhas do mundo antigo" é a precisão de sua construção. As pedras da pirâmide foram cortadas tão perfeitamente que, em muitos lugares, uma folha de papel não pode ser inserida entre os blocos. Esta precisão, adicionada ao enorme volume da estrutura, ajuda a responder pela longa vida e durabilidade da pirâmide. A pirâmide foi construída para durar.

Talvez o maior mistério que cerca a grande pirâmide seja o seu propósito. Pensa-se que a maioria das pirâmides tenham sido tumbas cerimoniais. A história nos conta que a grande pirâmide era também empregada para outros propósitos. Por exemplo, algumas de suas câmaras internas têm sido usadas para ritos religiosos e místicos. Porém, um terceiro uso, infinitamente mais prático, também pode ser encontrado:

A grande pirâmide é um excelente marcador para navegação aérea.

Os quatro lados da grande pirâmide encaram, precisamente, os quatro pontos da bússola: norte, sul, leste e oeste. Os lados estão direcionados tão precisamente que o desvio mais amplo é de apenas 1/12 de grau no lado leste. Além disso, a grande pirâmide está situada a menos de 5 milhas ao sul do 13º paralelo norte. A grande pirâmide pode, portanto, ser usada como um ponto de referência para seccionar o planeta inteiro em uma grade tridimensional de ângulos de 30º, 60º, e 90º com o Polo Norte, o Polo Sul, o Equador e o centro da terra como pontos de referência. Esta característica é especialmente útil porque a grande pirâmide se localiza no centro de massas terrestres da terra. Conhecendo apenas as dimensões da terra e tendo um método de calcular quão longe alguém tenha viajado, pode-se muito eficazmente navegar, especialmente por ar, da grande pirâmide a qualquer ponto da terra usando as grades de 30-60-90 graus e as direções da bússola indicadas pela pirâmide. O único desvio vem do fato de que a terra não é uma esfera perfeita, mas ligeiramente achatada nos polos e alargada no Equador. Contudo, este desvio é tão ligeiro, totalizando apenas 26.7 milhas (.0003367 ou a fração 1/298), que é facilmente compensado. Interessantemente, quando a grande pirâmide foi construída, ela era até mesmo mais valiosa como marcador de navegação aérea do que é hoje porque ela tinha sido recoberta com uma fina camada de pedra calcárea branca. Os blocos de pedra calcárea foram gravados tão precisamente que a pirâmide, à distância, parecia como se tivesse sido entalhada em uma

única rocha branca. A pedra calcárea refletia o sol, tornando a pirâmide visível de uma distância muito maior.*

As características únicas da pirâmide de Gizé levantam questões interessantes sobre essses monumentos. Já que eles serviam tão bem em uma função de navegação aérea, foram elas, então, construídas – ao menos parcialmente – para este propósito? Se foram, quem possivelmente poderia ter um uso para elas em 2.000 AC? Uma possível pista para este enigma pode estar na Lua.

Em 22 de novembro de 1966, o Washington Post apresentou uma manchete de primeira página proclamando: "Seis misteriosas sombras estatuescas fotografadas na Lua pelo orbitador". A história do Washington Post, que mais tarde foi captada pelo Los Angeles Times, descreveu uma fotografia lunar tirada dois dias antes pela sonda espacial americana Orbiter 2 quando ela passava a 20 ou 30 milhas acima da superfície da Lua. A fotografia parece revelar seis pináculos arranjados em um padrão propositadamente geométrico dentro de uma pequena porção do Mar da Tranquilidade. A forma pontiaguda das sombras dos objetos lunares indicam que eles eram todos em forma de cone ou de pirâmide. Embora a divulgação oficial de imprensa da NASA não mencionasse nada incomum sobre a fotografia, outras pessoas a acharam notável. O Dr. William Blair, do Instituto Boeing de Biotecnologia afirmou:

Se as cúspides (torres pontiagudas em forma de cone) realmente foram o resultado de algum evento geofísico, seria natural esperar vê-las distribuídas aleatóriamente. Como resultado, a triangulação seria um escaleno (três lados desiguais) irregular, enquanto que estas concernentes ao objeto lunar levam a um sistema basilar, com coordenadas x, y, z no ângulo reto, seis triângulos isósceles e dois eixos consistindo em três pontos cada.

Na revista Argosy, o engenheiro espacial soviético Alexander Abromov deu um passo adiante ao afirmar:

A distribuição destes objetos lunares é similar ao plano das pirâmides egípcias construídas pelos Faraós Keóps, Kefren e Menkaura em Gizé, perto do Cairo. Os centros das cúspides desta 'abaka' lunar (arranjo de pirâmides) estão arranjados precisamente do mesmo modo dos ápices (pontas) das três grandes pirâmides.[2]

* A maior parte da pedra calcárea já não existe mais. Exceto por uns poucos blocos encontrados na base da grande pirâmide, o revestimento de pedra calcárea foi escavado das pirâmides começando no primeiro milênio DC.

Assumindo que os Drs. Blair e Abromov não tenham de forma grave calculado mal, parece que algumas pirâmides da terra podem ser parte de um sistema permanente de marcação que se estende a mais de um planeta de nosso sistema solar. O sistema pode ter se estendido a Marte. Objetos como pirâmides tem sido fotografados na superfície de Marte. As imagens tomadas pela missão americana Viking em 1976 mostram a região marciana de Cidônia contendo objetos possivelmente como pirâmides e o que parece ser uma enorme face esculpida próxima, encarando o céu. É fácil argumentar que as pirâmides marcianas e a face sejam formações naturais não diferentes de algumas encontradas na terra; contudo, uma, e possivelmente duas outras 'faces' foram descobertas em outros lugares de Marte com características surpreendentemente similares, tais como o 'capacete', fendas na bochecha e entalhe acima do olho direito.* Talvez igualmente interessante seja o fato de que uma pirâmide em Cidônia tem um lado apontando para o norte na direção do eixo de giro marciano. Há chance deste alinhamento ser um acaso ou há uma ligação com a grande pirâmide de Gizé, que também é alinhada segundo as precisas direções da bússola?

É de fato possível que se comprove que os objetos na Lua e em Marte sejam apenas formações rochosas. As fotografias disponíveis parecem inadequadas para estabelecer as formações como artificiais. Se elas são artificiais, está claro nas fotografias que elas foram submetidas a um bom grau de erosão. Somente uma olhada mais próxima das futuras missões à Lua e a Marte resolverão a controvérsia. Os objetos certamente valem uma investigação mais próxima porque a Lua tem hospedado o fenômeno OVNI por séculos, inclusive dentro do Mar da Tranquilidade.[3]

Até mesmo se for comprovado que os objetos lunares e marcianos são formações naturais, isto não mudaria a natureza claramente artificial das pirâmides do Egito. Para quem os egípcios antigos disseram que estavam construindo suas estruturas magnificentes?

Como os antigos mesopotâmios, os antigos egípcios iniciais afirmaram viver sob o governo de deuses extraterrestres de aparência humana. Os egípcios escreveram que seus 'deuses' viajavam nos céus em 'barcos' voadores. (estes ''barcos'' foram, mais tarde, mitologizados para explicar o movimento do sol). Os 'deuses' do período inicial do Egito eram considerados como sendo, literalmente, criaturas de carne e sangue com as mesmas necessidades de alimentos e abrigo que os seres humanos. Casas reais haviam sido construídas para eles. Estas casas eram providas com serventes humanos que mais tarde se tornaram os primeiros sacerdotes do Egito. Segundo o renomado historiador James Henry Breasted, os primeiros serventes dos 'deuses' eram homens leigos que realizavam seus deveres sem cerimonia ou ritual. Seus trabalhos consistiam simplesmente em prover os 'deuses' com "…. estas coisas que compõem as necessidades e luxos de um egípcio rico e de escalão naquele tempo: muita comida e bebida, boa roupa, música e dança".*

Muitas pessoas identificam a antiga religião egípcia com a adoração de animais. Este tipo de veneração era desconhecida durante o período inicial da civilização egípcia. Segundo o Professor Breasted:

*para uma interessante avaliação científica dos objetos marcianos, recomendo "Unusual Martian Surface Features" de Vincent DiPietro, Greg Molenaar e John Brandenburg. Publicado pela Mars Research. Por favor veja referências bibliograficas para endereços.

… o falcão, por exemplo, era um animal sagrado para o deus Sol e como tal, um falcão vivo poderia ter lugar no templo, onde ele era alimentado e gentilmente tratado, como qualquer animal de estimação possa ser; mas ele não era venerado, nem era objeto de um ritual elaborado como mais tarde.[4]

Os registros dos antigos egípcios nos tem dado muitas pistas de quem poderia ter uso para um permanente sistema de marcação para navegar vários planetas de nosso sistema solar: a sociedade tutelar. A primeira pirâmide do Egito foi projetada por Imhotep, primeiro-Ministro do rei egípcio Zoser-Neterkhet. Dizia-se ser Imhotep o filho do mais importante 'deus' tutelar do Egito durante seus dias: Ptah. O conhecimento egípcio escrito depois do tempo de Imhotep acrescenta que ele tinha recebido o projeto da pirâmide em um plano "que desceu a ele do céu ao norte de Menfis (uma cidade do antigo Egito)."[5] A grande pirâmide de Gizé, que foi construída várias gerações mais tarde, durante a 'idade das pirâmides', foi construída segundo os métodos estabelecidos por Imhotep. Foi durante a idade das pirâmides, que começou por volta de 2.760 AC, que a veneração aos 'deuses' de aparência humana alcançou seu auge; mais de 2.000 deuses existiam então. Foi para os seus 'deuses' que os egípcios, afinal, haviam construído suas pirâmides mais importantes. As muitas pirâmides construídas depois dessas em Gizé são geralmente inferiores e são vistas como imitações.

Alguns teóricos acreditam que os 'antigos astronautas' do Egito tinham usado sua tecnologia da idade espacial para levantar as pedras e ajudar na construção das pirâmides de Gizé. Esta hipótese nem é certa e nem necessária para sustentar a teoria dos 'antigos astronautas'. Os registros egípcios tendem a apoiar a idéia de que o trabalho humano tinha fornecido o músculo primário para a construção das pirâmides. Isto isto estaria em acordo com a contenda mesopotâmica de que o *homo sapiens* fora criado para ser uma fonte de trabalho para os 'deuses' tutelares.

Dificilmente será surpreendente que os faraós e sacerdotes que agiam em beneficio dos 'deuses' fossem, frequentemente, imensamente impopulares entre o povo egípcio. O Velho Reino (ca. 2685-2180 A.C.) foi seguido de um período de fraqueza e de desassossego. até mesmo a grande pirâmide de Keops teria sido destruída pelos infelizes egípcios. Segundo o historiador Ahmed Fakhry:

Os egípcios odiavam tanto os construtores das pirâmides que eles ameaçaram entrar nestas grandes tumbas e destruir as múmias dos reis.[6]

Um ódio tão intenso certamente não surpreende. De modo a conseguir que as pirâmides fossem construídas, a sociedade egípcia tornou-se mais repressiva para fazer com que o trabalho humano operasse com maior eficiência mecânica. As ocupações se tornaram rígidas de maneira que era difícil mudar de um trabalho para outro. Os homens leigos cessaram de servir aos 'deuses': um sacerdócio impenetrável foi, ao invés, erigido. A felicidade e a conquista pessoal eram sacrificadas em nome da produtividade no trabalho. O feudalismo havia chegado no Egito.

* Uma interessante compilação de fenômenos lunares incomuns pode ser encontrada no relatório técnico R-277 da NASA entitulado " Catálogo cronológico de eventos lunares reportados" por Barbara M. Middlehurst. Ele lista brevemente 579 avistamentos lunares incomuns, considerados confiáveis, iniciando-se em 1540 e terminando em 1967. Está correntemente disponível em The source book project.

Enquanto os faraós estavam ocupados ajudando a fazer escravos de seus companheiros humanos, os 'deuses' estavam fazendo de tolos os faraós. Imhotep, reputadamente o filho do Deus Ptah, instituiu o conceito de faraós como 'rei-deus'. Este título elitista foi pouco apreciado pela maioria dos egípcios. Como 'reis-deuses' os faraós foram levados a pensar que haviam sido elevados acima da multiplicidade dos sofrimentos humanos. Os faraós foram ensinados que, se cooperassem com os planos tutelares, eles escapariam dos apuros humanos ao se unirem aos 'deuses' no céu.

Havia apenas uma pegadinha.

Os faraós só teriam permissão de escapar da terra depois que morressem! Foi ensinado aos faraós a tola ideia de que se eles tivessem seus corpos mortos cuidadosamente preservados após a sua morte, estes seriam de novo trazidos à vida e eles poderiam se unir aos 'deuses' tutelares nos céus. Alguns faraós, como Keops, também enterraram grandes quantidades de barcos de madeira perto de suas tumbas. Segundo alguns eruditos, os faraós acreditavam que os barcos enterrados ('barcas solares') seriam magicamente exumados e dotados do mesmo poder que fazia com que os 'barcos' dos 'deuse' voassem. Os faraós acreditavam que eles poderiam ser levados, depois da morte, em seus barcos de madeira magicamente energizados para a casa dos deuses nos céus.

Embora as técnicas de preservação egípcia fossem muito boas, está claro que a mente dos faraós fora enchida de baboseiras. As 'barcas solares' de madeira nunca voaram. Poucos, se algum, dos corpos mumificados dos grandes deuses reis alcançaram os céus. Ao invés, muitas múmias tornaram-se curiosidades macabras de museu para excitamento de multidões humanas, das quais os faraós tão fervorosamente esperavam escapar. Outras múmias sofreram até mesmo um destino mais humilhante: elas foram desenterradas e usadas como um ingrediente em remédios. Múmias pulverizadas também se tornaram aditivos de pintura por causa dos preservativos utilizados no processo de mumificação.

O enigma é, porque os faraós acreditaram na piada cruel que tinha sido perpetrada contra eles? Alguns historiadores sugerem que a mumificação foi uma tentativa de imitar o ciclo de vida da borboleta. Outros acreditam que os faraós queriam manter sua riqueza e posição nos próximos períodos de vida e portanto, desejavam serem ressurretos nos mesmos corpos. Um escritor sobre OVNI sugeriu que eles estavam tentando duplicar as técnicas de preservação de corpos utilizadas pelos 'deuses' tecnologicamente avançados do Egito. Os antigos registros egípcios, contudo, revelam uma razão ainda mais convincente do porque os faraós se mumificavam: o conhecimento espiritual havia sido distorcido.

Os antigos egípcios acreditavam em uma 'alma' ou 'servo' como uma entidade separada da 'pessoa' (significando 'corpo'). Os egípcios rotulavam uma de tais entidades espirituais de 'ka'. Os egípcios acreditavam que o 'ka' e não o corpo, era uma das entidades espirituais que constituíam a verdadeira pessoa e que o próprio corpo não tinha personalidade ou inteligência sem uma entidade espiritual. Entretanto, a esta visão geralmente iluminada foi dada uma falsa distorção. Os egípcios foram levados a acreditar que o bem espiritual do 'ka' depois da morte dependia de que o 'ka' mantivesse contacto com um corpo físico. Segundo o historiador Fakhry:

Os egípcios queriam que o seu 'ka' fosse capaz de reconhecer seu corpo depois da morte e estar unido a ele; por esta razão, eles sentiam ser muito importante que seus corpos fossem preservados. Esta é a razão para os egípcios mumificarem seus corpos e aperfeiçoarem o embalsamamento.[7]

Os faraós deram, ainda, mais um passo adiante. Mr. Fakhry explica:

Os egípcios também fizeram estátuas e as colocaram em tumbas e templos para agirem como substitutos para o corpo se este perecesse.[8]

Estas práticas tiveram um impacto devastador no entendimento espiritual. Elas fizeram com que as pessoas, erroneamente, igualassem a integridade espiritual com a anexação espiritual aos corpos humanos (ou a substitutos do corpo). Tais ensinamentos encorajaram os humanos a aceitarem a intenção tutelar de permanentemente unir seres espirituais aos corpos do *homo sapiens*. A poderosa motivação humana para a integridade espiritual e a imortalidade foram distorcidas em uma busca obsessiva de preservação dos corpos. As filosofias do materialismo foram, portanto, apressadas. O materialismo, por uma de suas definições, é a superpreocupação com coisas a nível material e o neglicenciamento de aspectos importantes da existência ética e espiritual. Isto, frequentemente, leva à segunda definição do materialismo: a crença de que tudo, incluindo o pensamento e a emoção, pode ser inteiramente explicado por movimentos e mudanças na matéria física. Embora os egípcios não tenham abraçado esta última definição como filosofia de vida, eles ajudaram a mover o mundo um passo nesta direção.

O descarrilhamento do conhecimento espiritual no Egito foi causado pela corrupção da irmandade da cobra, à qual os faraós e sacerdotes pertenciam. Como mencionado anteriormente, depois de sua reportada derrota a milhares de anos atrás por seus inimigos tutelares, a irmandade continuou dominante nos assuntos humanos, mas ao custo de se tornar um instrumento tutelar. Para entender como esta irmandade corrompida começou a distorcer a verdade espiritual e perpetuar a irracionalidade teológica devemos, primeiramente, olhar os trabalhos internos iniciais da irmandade e o seu método de ensino.

A irmandade original e não corrompida se engajava em um programa pragmático de educação espiritual. A abordagem da organização era científica, não era nem mistica e nem cerimonial. O assunto do espírito era considerado ser tão conhecido quanto qualquer outra ciência. Parece que a irmandade possuía um corpo considerável de dados espirituais exatos, mas não teve sucesso em desenvolver uma rota completa para a liberdade espiritual antes de sua derrota.

Os ensinamentos da irmandade eram arranjados como um processo passo a passo. Era exigido que um estudante completasse satisfatoriamente um nível antes de seguir para outro nível. Todos os alunos prestavam juramento de segredo no qual juravam nunca revelar os ensinamentos de um nível a qualquer pessoa que ainda não graduada naquele nível. Este estilo de instrução era destinado a assegurar que um estudante não tentasse, prematuramente, um feito espiritual difícil ou se tornasse sobrecarregado por informação de nível avançado, antes de estar pronto para isto, do mesmo modo que ninguém leva um

candidato a tirar carteira de motorista pelas traiçoeiras estradas de montanha antes que o estudante tenha primeiro, e com sucesso, navegado os caminhos mais fáceis, mas crescentemente mais difíceis, das autoestradas.

Partilhar o conhecimento espiritual deste modo será eficaz desde que os niveis sejam abertos a todos. Quando restrições arbitrárias ou encobertas são colocadas sobre quem pode ter acesso aos ensinamentos, por meio de super-regulamentos, elitismo, ou estabelecimento de condições quase impossíveis para admissão, o sistema dos níveis confidenciais passo a passo mudam de um instrumento educacional para um instrumento de repressão espiritual. A irmandade passou exatamente por tal mudança.

Os ensinamentos da irmandade no antigo Egito foram organizados em uma instituição conhecida como 'escolas de mistérios'. As escolas forneciam aos faraós e aos sacerdotes a maioria de sua educação científica, moral e espiritual. Segundo o Dr. H. Spencer Lewis, fundador da Ordem Rosa-cruz em San José, Califórnia,* o primeiro templo construído para uso pelas escolas de mistérios foi erigido pelo faraó Keops. Dentro das paredes destes templos, o conhecimento espiritual sofreu uma deterioração que fez com que os faraós mumificassem seus corpos e enterrassem barcos de madeira. Segundo uma velha história egípcia, os ensinamentos distorcidos das escolas de mistérios foram criados pelo 'grande mestre' Ra, um importante 'deus' tutelar.

As escolas de mistério não apenas distorceram o conhecimento espiritual, elas restringiram grandemente o acesso público a qualquer verdade teológica que ainda sobrevivesse. Somente faraós, sacerdotes e uns poucos outros eram considerados dignos de serem aceitos nas escolas. Aos iniciados era exigido que fizessem votos solenes de nunca revelar aos externos a 'sabedoria secreta' que eles aprendiam; os estudantes eram ameaçados com duras consequências se quebrassem o juramento. Estas restrições eram, reportadamente, estabelecidas para evitar o mal uso do conhecimento de alto nível por aqueles que poderiam degradar este conhecimento ou usá-lo nocivamente. Conquanto esta seja uma razão legitima para manter salvaguardas, as restrições impostas às escolas de mistério foram muito além da simples segurança. Grupos sociais e ocupacionais inteiros tiveram sua afiliação negada. A vasta maioria da população humana não tinha esperança de entrar nas escolas; seu acesso a qualquer conhecimento espiritual que houvesse sobrevivido era, portanto, severamente limitado. A 'espada giratória' bíblica que evitava o acesso à árvore do conhecimento foi posicionada por aqueles que dirigiam as escolas de mistério.

*Rosacrucianismo é um dos sistemas misticos que se levantaram dos ensinamentos da irmandade. A Ordem Rosa-cruz do Dr. Lewis é chamada a Antiga e Mistica Ordem Rosa Cruz ("AMORC"). A "AMORC" foi fundada nos anos iniciais de 1900. Hoje é melhor conhecida pelo popular Museu Egípcio que possui e opera em San José, Califórnia).

Há uma outra Rosa-cruz Americana em Quakertown, Pennsylvania. Ela é chamada de irmandade da Rosa Cruz ou irmandade Rosa-cruz na América. Ela não reconhece a AMORC como um corpo rosicrucianístico válido. Nas décadas de 1930 e 1940, R. Swinburne Clymer, Supremo Grão-Mestre da irmandade Rosa cruciana em Quakertown, publicou um número de escritos denunciando a AMORC. O Dr. Clymer e Dr. Lewis cada um afirma que a sua organização é o verdadeiro sistema rosacruciano.

Neste livro, tenho utilizado a extensa pesquisa histórica de ambos, Dr. Clymer e Dr. Lewis. Quando eu cito um deles, pelo nome, como uma fonte de informação histórica, não estou tomando partido na controvérsia.

As escolas de mistério fizeram com que o conhecimento espiritual se evaporasse de um outro modo. As escolas proibiam seus membros de fisicamente registrar os ensinamentos mais avançados da escola. Aos iniciados era exigido que retivessem a informação oralmente. Não há meio mais rápido de se perder o conhecimento do que proibir que ele seja escrito. Não importa quão sinceras e bem treinadas as pessoas possam ser, a tradição oral, invariavelmente, resulta em mudanças nas idéias que estão sendo transmitidas. Com uma palavra substituída aqui e uma sentença omitida acolá, a precisão semântica necessária para comunicar um exato princípio científico será perdida. Este é um meio pelo qual uma ciência funcional pode, rapidamente, se degradar em uma superstição insustentável.

Na medida em que o tempo passava, a irmandade se tornou tão restritiva que ela excluiu a maioria de seus próprios sacerdotes egípcios da afiliação. Isto foi especialmente verdadeiro durante o reinado do rei Thutmose III, que governou 1200 anos depois de Keops. Thutmose III é melhor conhecido por suas aventuras militares, que expandiram o império egípcio para seu tamanho máximo. Segundo o Dr. Lewis, Thutmose III deu o passo final de transformar a irmandade em uma ordem fechada. Ele estabeleceu regras e regulamentos que ainda hoje são usados por algumas organizações da irmandade.

As mudanças na irmandade continuaram. Menos de cem anos depois do reinado de Thutmose III, seu descendente, o rei Akhenaton (Amenhotep IV), passou o último ano de seus 28 anos de vida transformando os ensinamentos da irmandade em símbolos místicos. Os símbolos de Akhenaton eram intencionalmente destinados a serem incompreensíveis para todo mundo, exceto aqueles membros da irmandade que aprendiam os significados secretos daqueles símbolos. A irmandade criou ostensivamente este novo sistema de imagens visuais para ser uma linguagem universal de iluminação espiritual, transcendendo as linguagens humanas e evitando o mal uso do conhecimento. Na realidade, a intenção era criar um código secreto destinado a tornar o conhecimento espiritual inalcançável para todo mundo, exceto aqueles admitidos na crescente elitie da irmandade e aparentemente obliterar, eventualmente, todo o conhecimento espiritual. A tradução dos dados espirituais em símbolos bizarros e incompreensíveis fazem com que vejamos o espetáculo de pessoas honestas tentando descodificar símbolos deturpados em uma busca por verdades espirituais que podem, e devem, ser comunicadas na linguagem diária compreensível por todos.

A despeito da sinceridade óbvia de Akhenaton, descobrimos que a transformação do conhecimento espiritual em um sistema de símbolos obscuros teve um impacto devastador sobre a sociedade humana. Como esta maneira de transmitir o conhecimento espiritual foi disseminada pelo mundo por membros da irmandade, todo o conhecimento de uma natureza espiritual confundiu-se com símbolos bizarros e mistério. Hoje esta má interpretação é tão forte que quase todos os estudos dos fenômenos do espírito e espirituais estão agregados em infelizes classificações tais como ‘ocultismo’, ‘espiritualismo’ e feitiçaria. A tentativa, a milhares de anos atrás, de manter o conhecimento espiritual fora das mãos dos ‘profanos’ tem quase que inteiramente destruído a credibilidade e a utilidade de tal conhecimento. O simbolismo da irmandade foi uma outra peça da ‘espada giratória’ bíblica bloqueando o acesso humano ao conhecimento espiritual. Deixou apenas confusão, ignorância e superstição, que vieram hoje a caracterizar tanto deste campo.

Akhenaton presidiu um outro importante desenvolvimento na irmandade. Embora o jovem governante tivesse atuado pobremente como um líder politico, ele obteve uma fama duradoura por seus esforcços pioneiros na causa do monoteísmo, isto é, a veneração de 'somente um' deus. O monoteísmo foi um ensinamento da irmandade e muitos historiadores citam Akhenaton como a primeira figura histórica importante a amplamente promulgar o conceito.

Para auxiliar na instituição do novo monoteísmo da irmandade, Akhenaton mudou a capital do Egito para a cidade de El Amarna. Ele também realocou o templo principal da irmandade para lá. Quando a capital egípcia retornou para seu local original, a irmandade permaneceu em El Amarna. Isto sinalizou uma importante quebra entre o sacerdócio estabelecido do Egito, que resistiu ao monoteísmo de Akhenaton, e a irmandade altamente exclusiva que não mais admitia sacerdotes em sua afiliação.

O antigo império egípcio eventualmente decaiu e desapareceu. A irmandade da cobra se deu muito melhor. Ela sobreviveu e se expandiu ao enviar para fora do Egito missionários e conquistadores que estabeleceram ramos e derivações da irmandade pelo mundo civilizado. Estes emissários da irmandade disseminaram amplamente a nova religião de 'um deus' da irmandade e, eventualmente, a tornou a teologia dominante pelo mundo.

Além de lançar a teologia de 'um deus', a irmandade da serpente criou muitos dos símbolos e regalias ainda utilizados por algumas importantes religiões monoteístas hoje. Por exemplo, o templo da irmandade em El Amarna foi construído na forma de uma cruz; um símbolo mais tarde adotado pela derivação mais famosa da irmandade: a cristandade. Alguns membros da irmandade no Egito usavam as mesmas vestimentas especiais com uma 'corda no quadril' e uma cobertura para a cabeça que mais tarde foi usada pelos monges cristãos. O sacerdote chefe do templo egípcio usava o mesmo tipo de vestimenta de mangas largas usadas hoje pelos clérigos e cantores de coros. O sacerdote chefe também raspava sua cabeça em uma pequena coroa no topo, um ato mais tarde adotado pelos frades cristãos.

Muitos teólogos saúdam o monoteísmo como uma importante inovação religiosa. A veneração de um só deus espiritual é, de fato, um melhoramento sobre a idolatria de estátuas de pedra e deselegantes animais. Infelizmente, o monoteísmo da irmandade ainda não representou um retorno à acuidade completa; ele simplesmente acrescentou distorções a qualquer conhecimento espiritual que tenha permanecido.

Baseado no que começamos a saber sobre a natureza do ser espiritual, encontramos duas falsas distorções que parecem jazer na definição que a irmandade tem de um ser supremo:

Primeiramente, os monoteísmos da irmandade, que incluem o judaísmo, o cristianismo e o Islamismo, ensinam que um ser supremo foi o criador do universo físico e das formas físicas de vida dentro do universo. Em um capítulo futuro, discutiremos a possibilidade de que os seres *espirituais* eram nascidos de algum tipo de ser supremo, mas criaturas *físicas* e objetos, provavelmente, não o foram. Como outras religiões têm notado,

se o nosso universo é produto de uma atividade espiritual, então parece que todos os seres espirituais individuais dentro do universo sejam responsáveis por sua criação e/ou perpetuação. O escopo de um ser supremo realmente se estenderia para muito além da criação de um único universo.

Secundariamente, um ser supremo é geralmente apresentado como um ser espiritual, possivelmente capaz de pensamento ilimitado, criatividade e habilidade. Diz-se do ser supremo que ele é uma entidade que pode fazer e desfazer universos. Ésta é a grande questão:

Porque devemos estar limitados a somente um de tais seres?

Existe alguma razão para que não suponhamos a existência de dez de tais seres? Ou uma centena? Ou um número quase infinito? Parece que a definição da irmandade de 'um deus' realmente descreve o potencial nativo de *todo* ser espiritual, incluindo aqueles seres espirituais que animam os corpos humanos na terra. A verdadeira natureza e as capacidades de cada ser espiritual estariam, portanto, sendo ocultadas pelas doutrinas, as quais afirmam que apenas um ser supremo pode desfrutar de pura existência espiritual e ilimitado potencial espiritual. O monoteísmo da irmandade realmente ocultaria a recuperação espiritual humana e evitaria que as pessoas alcançassem a verdade e provavelmente, o muito mais amplo escopo de um ser supremo.*

O monoteísmo da irmandade foi uma outra peça da 'espada giratória' bíblica para evitar o acesso ao conhecimento espiritual. Isto também permitiu que os tutores elevassem grandemente seu próprio status. *Como parte do seu novo monoteísmo, a irmandade começou a ensinar a ficção de que os membros da raça tutelar eram manifestações físicas do ser supremo*. Em outras palavras, os tutores começaram a fingir que eles e suas espaçonaves eram o 'deus único'. A história registra que eles usaram de extraordinária violência para fazer o *homo sapiens* acreditar na falsidade. Poucas mentiras têm tido um impacto tão devastador sobre a sociedade humana, mesmo assim, esta se tornou a primeira missão da irmandade corrompida, do tempo de Akenaton até os dias atuais, a de fazer com que os humanos acreditassem que os tutores e suas espaçonaves eram 'deus'. O propósito desta ficção era forçar a obediência humana e manter o controle tutelar sobre a população humana. Em nenhum caso isto é mais claro, ou os resultados mais visivelmente trágicos, do que na história bíblica dos antigos hebreus e seu 'um deus' chamado Jehovah.

*Uma discução mais ampla da possível natureza de um ser supremo e sua relação com a existencia espiritual individual é apresentada no capítulo 40.

7 - Jehovah

Muito do Velho Testamento é devotado a descrever as origens e a história inicial do povo hebreu. Segundo a Bíblia, os hebreus eram descendentes de um clã que viveu na cidade suméria de Ur por volta de 2000 a 1500 AC. O clã era favorecido e governado por uma personalidade chamada Jehovah. A Bíblia afirma que Jehovah era Deus.

Segundo a narrativa bíblica, Jehovah encorajou seu clã a deixar Ur e se estabelecer em Haran – um centro de caravanas no nordeste da Mesopotâmia. Lá, Jehovah mais tarde disse ao novo patriarca do clã, Abraão, que liderasse a sua tribo em uma migração na direção do Egito. A tribo obedeceu e durante gerações, vagarosamente fez seu caminho por Canaã na direção do rio Nilo. A fome finalmente forçou a tribo a entrar na região egípcia de Goshen onde os hebreus, a princípio, viveram bem sob o faraó, mas após a ascenção de um novo rei ao trono egípcio, os hebreus foram forçados à escravidão.

A Bíblia afirma que depois de 400 anos de servidão no Egito, os hebreus foram liderados em um êxodo para fora do Egito por Moisés, sob o olhar observador de Jehovah. Por aquele tempo, os hebreus eram em centenas de milhares. Depois de uma longa trilha e muitas batalhas, as tribos hebraicas retornaram e conquistaram Canaã, que era a 'terra prometida' destinada a eles séculos antes por Jehovah.

E assim, segundo a Bíblia, nasceu a religião judáica.

Jehovah era claramente um personagem importante nesta história bíblica. Quem era ele? Era Jehovah Deus, como a Bíblia alega? Era ele um mito, como céticos com uma orientação secular gostariam de nos fazer acreditar? Jehovah parece não ter sido nem um nem outro.

O nome Jehovah vem da palavra hebraica "Yahweh,' significando 'ele que é' ou 'o auto evidente'. Esta denominaçãopelo transmite a ideia de que o Jehovah bíblico era um ser espiritual puro; um verdadeiro ser supremo, se você quiser. Mas era?

As descrições de Jehovah no Velho Testamento tem fornecido um prato cheio para os escritores OVNI e por uma boa razão. Jehovah viajava pelo céu no que parece ser uma barulhenta e fumacenta aeronave. Uma descrição bíblica de Jehovah pousando no topo de uma montanha o descreve deste modo:

> *... houveram trovões e relâmpagos e uma espessa nuvem sobre o monte e o som da trombeta era excessivamente alto;* e todas as pessoas que estavam no campo estremeceram."*
> *E Moisés trouxe seu povo para o campo para se encontrar com Deus; e eles ficaram na parte mais baixa da montanha.*
> *E o monte Sinai foi todo coberto por fumaça, porque o Senhor desceu sobre ele em fogo: e a fumaça e o fogo espiralavam para cima como a fumaça de uma fornalha e a montanha inteira balançou grandemente.*
>
> GÊNESIS 19:16-19

**Este som como trombeta acompanhou muitos aparecimentos de Jehovah.*

Se um antigo hebreu fosse observar o barulho surdo, a fumaça e as chamas de um moderno foguete, a descrição não teria sido muito diferente desta narrativa bíblica de Jehovah. Uma visita posterior de Jehovah continha os mesmos fenômenos:

> *"E todas as pessoas viram os trovoes e os relâmpagos, e o barulho da trombeta, e a montanha esfumaçada: e quando as pessoas viram isto, eles se afastarem e ficaram bem distantes.*
>
> GÊNESIS 20:18

Ao menos que se assuma que estas descrições possam ser a de um vulcão, avistamentos posteriores revelam que Jehovah era um objeto em movimento:

> *E o Senhor viajou diante deles (as tribos hebreias) de dia em um pilar de nuvem, os liderando no caminho; de noite, um pilar de fogo, para dar a eles luz; para continuarem de dia e de noite:*
> *Ele não afastava o pilar de nuvem de dia, ou o pilar de fogo à noite, da frente do povo.* EXODUS 13:21-22

Exodus 14:24, 40:34-38, e *Números* 19:1-23 contém descrições idênticas de Jehovah enquanto ele liderava as tribos hebreias à terra Prometida.

As antigas testemunhas oculares hebreias responsáveis pelas descrições acima não eram capazes de conseguir olhar Jehovah mais de perto. A Bíblia ressalta que ninguém tinha permissão de se aproximar dos locais de pouso no topo da montanha de Jehovah, exceto Moisés e uns poucos lideres selecionados. Jehovah tinha ameaçado matar todo mundo mais que tentasse. A Bíblia inicial contém, portanto, somente descrições de Jehovah como as testemunhas o viam de uma certa distância. Não foi senão muito mais tarde que um dos mais famosos profetas da Bíblia, Ezequiel, foi capaz de dar uma olhada mais de perto e descrever Jehovah com muito mais detalhes. A descrição de Ezequiel é provavelmente a mais frequentemente citada passagem bíblica da literatura OVNI. A detalhada narrativa de Ezequiel de estranhos objetos voadores têm criado especulação de uma tal intensidade que até mesmo um publicador da Bíblia, Tyndale House, prefaciou sua introdução do *Livro de Ezequiel* com o título "Ossos Secos* e Discos Voadores?" Ao risco de entediar alguns leitores com ainda mais uma outra repetição das famosas palavras de Ezequiel, eu as reproduzo aqui em beneficio daqueles que não estão familiarizados com elas:

> *Agora isto ocorreu no meu trigésimo ano, no quarto mês, quando eu estava entre os cativos na margem do rio de Chebar, que os céus foram abertos e vi visões de Deus.*
> *E olhei, e eis que, um rodamoinho veio do norte, uma grande nuvem, e um fogo piscou, causando uma luminosidade sobre ele, e fora do meio disto vi algo como um pálido metal amarelo.*
> *Também no meio disto apareceram quatro criaturas vivas. Esta era a aparência delas: eles tinham a semelhança de homens.*
> *E seus pês era pés retos; e a sola de seus pés era como a sola dos pés de um bezerro. E elas brilhavam como cobre leve.*

E eles tinham mãos humanas sob suas asas de quatro lados.
Suas asas eram reunidas juntas e eles não se viraram quando foram, todos foram diretamente.
Quanto a aparência de suas faces, eles tinham a face de um homem, e a face de um leão do lado direito; e eles tinham a face de um touro no lado esquerdo; eles também tinham a face de uma águia.
Entre as criaturas vivas brilhava algo como carvões de fogo ou lâmpadas, que se moviam para cima e para baixo entre as criaturas; e o fogo era brilhante e de fora do fogo piscavam relâmpagos.
Estas criaturas vivas correram e retornaram por flashes de luz.
Agora enquanto eu olhava para as criaturas vivas, vi quatro rodas sobre o solo, uma para cada uma das criaturas vivas, com suas quatro faces.
A aparência das rodas e sua composição era como a cor do âmbar brilhante: e as quatro rodas tinham uma semelhança; e sua aparência era como uma roda no meio de uma roda.
E quando as criaturas vivas se foram, as rodas foram com elas: e quando as criaturas vivas foram elevadas da terra, as rodas foram elevadas.
E a aparência do céu sobre as cabeças das criaturas vivas era refletida como a cor do terrível cristal estendido sobre as cabeças deles.
E quando eles se foram, ouvi o barulho de suas asas, como o barulho de grandes águas, como a voz do Poderoso, como o ruido de um exército. Quando elas ficavam imoveis, elas abaixavam suas asas.
E havia uma voz vinda do cristal cobrindo o que estava acima das cabeças deles quando eles ficavam de pé e tinham abaixado as asas.

EZEQUIEL 1:1-25

A voz disse a Ezequiel que era o "Senhor Deus" *(Ezequiel 2:4)*.

A primeira porção da visão de Ezequiel se assemelha às descrições bíblicas iniciais de Jehovah: um objeto ardente em movimento no céu emitindo fumaça. Quando o objeto se moveu para mais perto, Ezequiel foi capaz de observar que a coisa era feita de metal. Do objeto de metal emergiram várias criaturas, como humanas, aparentemente usando botas de metal e capacetes ornamentados. Suas 'asas' pareciam motores retráteis que emitiam um som estrondoso e ajudava as criaturas a voarem. Suas cabeças eram cobertas por vidro ou algo transparente que refletia o céu acima. Eles pareciam estar em algum tipo de veículo circular ou um veículo com rodas.

Podemos seguramente concluir da passagem acima que Jehovah não era um ser supremo. Ele parece ter sido uma sucessão das equipes de gerenciamento tutelar operando sob um período de tempo de muitas gerações humanas. Para obrigar a obediência humana, estas equipes usavam suas espaçonaves para perpetrar a mentira que eles eram 'Deus'.

As equipes tutelares conhecidas como 'Jehovah' ajudaram a irmandade da cobra a embarcar em um programa de conquista para disseminar a nova religião de 'um deus'. Moisés, o homem escolhido para comandar as tribos hebréias em seu êxodo para fora do

Egito até a terra prometida, era um membro de alto escalão da irmandade. Uma pista deste fato vem da própria Bíblia na qual nos é dito como Moisés foi criado quando criança:

> *No tempo em que nasceu Moisés, e foi excessivamente justo, ele foi criado na casa de seu pai por três meses.*
> *E quando ele foi expulso, a filha de Faraó o tomou e o criou como seu próprio filho.*
> *Ele se tornou ensinado em toda a sabedoria dos egípcios, e era poderoso nas palavras e ações.* Atos 7:20-22

O historiador egípcio e alto sacerdote Manetho (ca. 300 A.C.), afirma que Moisés tinha recebido muita de sua educação na irmandade sob Akhenaton, o mesmo faraó que foi o pioneiro no monoteísmo:

Moisés, um filho da tribo de Levi (uma das tribos hebréias), educado no Egito e iniciado em Heliópolis (uma cidade egípcia), se tornou um alto sacerdote da irmandade sob o reinado do Faraó Amenhotep (Akhenaton). Ele foi eleito pelos hebreus como seu chefe e adaptou às idéias de seu povo a ciência e a filosofia que ele tinha obtido dos mistérios egípcios; provas disto são encontradas nos símbolos, nas iniciações e em seus preceitos e mandamentos. O dogma de 'só deus' que ele ensinou foi a interpretação da irmandade Egípcia e o ensinamento do Faraó que estabeleceu a primeira religião monoteísta conhecida pelo homem.*

Forte evidência em apoio à declaração de Manetho pode ser encontrada nos ensinamentos iniciais do judaísmo, que eram profundamente misticos e utilizavam muitos dos símbolos da irmandade. Muitos destes ensinamentos misticos ainda são ensinados hoje na Cabala judaica; uma secreta filosofia religiosa dos rabinos judeus. A Cabala continua a utilizar um conjunto complexo de símbolos misticos. O moderno logo nacional de Israel, a estrela de David (de seis pontas) tem sido um símbolo da irmandade por milhares de anos.

Os primeiros escritores humanos frequentemente retrataram os 'deuses' tutelares da humanidade como criaturas sédentas de sangue, inclinadas a uma violência excessiva. Tristemente, estas qualidades lamentáveis não melhoraram com Jehovah. Durante o caminho do Egito para a terra prometida, Jehovah exigiu obediência irrestrita dos hebreus. Muitos humanos se rebelaram e Jehovah reagiu com crueldade extrema. Relata-se que Jehovah matou 14.000 hebreus de uma vez por desobediência. Ele usou uma variedade de métodos de matança, tais como disseminar doenças, exatamente como, anteriormente, outros 'deuses' tutelares haviam feito na Suméria.

* Esta passagem levanta a questão de quando o êxodo judaico do Egito tinha ocorrido. Se Moisés era um alto sacerdote da irmandade sob Akhenaton, como afirma Manetho, mas não liderou o êxodos senão sob o reinado de Ramesses II, como muitos historiadores acreditam, então Moisés deve ter sido um homem extremamente velho no tempo do êxodo. (Ramesses II não governou até quase cem anos depois de Akhenaton.) A Bíblia, em Deuteronômio 34:7, afirma que Moisés tinha 120 anos quando ele morreu. As declarações de tal idade avançada podem ser difíceis de aceitar em nossos tempos modernos, mas se isto for verdadeiro para Moisés, então Manetho e os modernos eruditos estariam corretos em suas datações.

Quando os exércitos hebreus alcançaram Canaã, Jehovah apresentou uma inclinação genuinamente psicopática. Para estabelecer os hebreus em sua nova terra natal, Jehovah ordenou que os exércitos hebreus embarcassem em uma campanha de genocídio para despopular todas as cidades e aldeias da região. Sob a nova liderança de um homem chamado Josué, a primeira cidade a cair no holocausto de Jehovah em um cerco de sete anos foi Jericó. Segundo a Bíblia, o exército hebreu, numerando dezenas de milhares, matou todo mundo em Jericó exceto, ironicamente, uma prostituta, porque ela tinha traído seu próprio povo ao ajudar dois espiões hebreus:

> *E eles destruíram completamente tudo que havia na cidade, homens e mulheres, jovens e velhos, e touros, carneiros e asnos pelo fio da espada.*
>
> JOSUÉ 6:21

Depois que tudo foi realizado:

> *... eles queimaram a cidade com fogo, e tudo que estava lá; somente a prata, e o ouro, e os vasos de cobre e ferro, eles colocaram no tesouro da casa do Senhor.*
>
> JOSUÉ 6:24

O próximo alvo foi Ai, uma cidade com uma população de 12.000 habitantes. Todos os cidadãos de Ai foram assassinados e a cidade foi totalmente queimada. Esta selvageria foi perpetrada cidade após cidade:

> *Assim Josué matou todo o país das montanhas, e do sul, e dos vales, e dos riachos e todos os seus reis: eles não deixaram que sobrasse ninguém, mas destruiram completamente tudo que respirava, como o Senhor Deus de Israel mandou.*
>
> JOSUÉ 10:40

O genocídio foi justificado ao dizer-se que as vítimas eram todas perversas. Isto não pode ter sido a verdadeira razão porque crianças e animais também foram assassinados. Dificilmente seria justo massacrar uma cidade inteira pelos crimes de uns poucos; nem é certo matar uma criança pelos crimes de seus pais. O crime real, segundo a Bíblia, era que os nativos da região tinham se tornado desobedientes. Os hebreus mais obedientes foram, portanto, eleitos por Jehovah para dizimar os nativos e substituí-los.

Hoje existe algum debate sobre se a assimilação dos hebreus em Canaã foi tão genocida como retratada na Bíblia. Modernas escavações arqueológicas de alguns sítios de batalha nomeados na Bíblia (tais como Hazor, Lachish e Debir) revelaram evidência de violenta destruição durante o tempo de Josué. Outros sítios têm mostrado evidência menos conclusiva. Muitas pessoas, compreensívelmente, tem tentado amainar o massacre bíblico tanto quanto possível. Seja qual for o grau em que a história da Bíblia da conquista de Canaã seja verdadeira, isto nos conta algo muito importante sobre genocídio:

O genocídio é, frequentemente, um instrumento para promover uma rápida mudança politica ou social ao rapidamente substituir um grupo de pessoas por outro. Por esta razão, o genocídio tem emergido como um importante fenômeno histórico em ligação a muitos dos esforços da irmandade para trazer uma rápida mudança politica e social.

As pessoas que estão familiarizadas com os ensinamentos morais judáicos podem ficar surpresas com o comportamento brutal atribuído a Jehovah e aos hebreus. Os mais famosos mandamentos judaicos morais são, com certeza, os Dez Mandamentos que, conforme relatos, foram dados a Moisés por Jehovah durante o caminho dos hebreus do Egito para a terra prometida. Depois da morte de Moisés, Jehovah e os exércitos de Israel claramente violaram sobremaneira os mandamentos. O *não matarás* foi transgredido quando os hebreus massacraram os habitantes de Canaã. Os hebreus ignoraram o mandamento *não roubarás* quando roubaram as cidades em agonia de seus metais preciosos. Eles não foram melhor quanto ao mandamento n*ão cobiçaras a casa de seu vizinho… nem qualquer coisa que seja de seu vizinho,* quando eles cometeram genocídio para tirar a terra de seus vizinhos. Este comportamento é intrigante porque muitos mandamentos bíblicos certamente estabelecem um código decente de conduta. Por exemplo, os hebreus eram admoestados a nunca cooperarem com o malfeitor dando falso testemunho. Um outro mandamento ressaltava a importância da responsabilidade individual diante da pressão do grupo ao afirmar, 'Você não deve seguir o grupo em fazer o mal' A tolerância para com os externos foi feita lei com, 'Você não deve vexar um estranho ou oprimi-lo…'. Geralmente exigiam que os ladroes pagassem restituição às suas vítimas. Como podemos responder pela existência de tais mandamentos humanos diante de tal comportamento bárbaro?* Parte da resposta pode estar nas palavras de Manetho:

As maravilhas que Moisés narra como tendo acontecido no monte Sinai (a montanha sobre a qual relata-se que Jehovah deu a Moisés muitos dos mandamentos) são, em parte, uma narrativa velada da iniciação egípcia que Moisés transmitiu a seu povo quando ele estabeleceu um ramo da irmandade Egípcia no seu país…[2]

Se as palavras de Manetho são verdadeiras, então muitos dos Mandamentos podem ter vindo de fontes humanas dentro da irmandade muito mais do que das fontes tutelares. Isto indicaria a presença continuada de genuínos humanitários dentro da irmandade, a despeito da predominância tutelar. O próprio Moisés parece ter sido, ao menos em algum grau, um tal humanitário. A Bíblia descreve Moisés como um homem de moderação que, frequentemente, interveio em beneficio dos hebreus quando Jehovah estava para cometer uma punição violenta. Como veremos, por várias vezes neste livro, as vagarosas influências humanitárias dentro da irmandade tem vindo frequentemente à superfície, mas tristemente, não são o bastante para desfazer, inteiramente, as influências corrompidas.

* Nem todos os mandamentos do Velho Testamento eram humanos para os padrões de hoje. A liberdade de veneração não era tolerada. A escravidão era uma instituição aceita e os hebreus tinham permissão para venderem suas filhas em escravidão. A forma de punição olho por olho, dente por dente nem sempre resulta em justiça.

Um outro aspecto intrigante da história bíblica de genocídio foi o comportamento das pessoas sendo massacradas. Segundo a Bíblia, somente uma cidade se rendeu. O resto escolheu lutar e foi massacrada. Quando confrontado com um superpoderoso exército hebreu e talvez até mesmo um deus trovejante no céu, não seria mais provável que as cidades cercadas se rendessem, ou ao menos oferecessem esvaziar Canaã pacificamente? A Bíblia apresenta uma explicação interessante do porque isto não aconteceu:

> *Não houve uma cidade que tenha feito paz com os filhos de Israel, salvo os Hivitas, os habitantes de Gibeon; todas as outras eles tomaram em batalha.*
> *Porque foi o Senhor que endureceu os corações deles, que eles fossem contra Israel em batalha, para que ele as pudesse destruir completamente, e eles não pudessem encontrar nenhum favor, mas que ele pudesse destruí-los…*
>
> JOSUÉ 11:19-20

A passagem acima afirma de Jehovah tinha manipulado os povos vítimas para que lutassem contra os hebreus de forma que as vítimas pudessem ser destruídas. Esta é uma admissão surpreendente e importante, porque ela implica que Jehovah ou outros tutores, dominavam outras cidades na região e usaram sua influência para manipular as pessoas para combater os hebreus. Esta não teria sido a primeira vez que isto aconteceu. A Bíblia registra manipulações similares em um episódio anterior. Quando os hebreus ainda eram escravos no Egito, Jehovah instruiu Moisés para ir até o faraó pedir que as tribos dos hebreus fossem libertadas. Jehovah, contudo, tinha influência sobre o faraó e Moisés tinha sido avisado, antecipadamente, que Jehovah faria com que o faraó dissesse 'não'. Segundo a Bíblia, Jehovah tinha uma razão definida para manipular o faraó daquela maneira:

> *E o Senhor disse a Moisés, vá ao faraó porque tenho endurecido seu coração, e o coração de seus servidores, para que eu possa mostrar meus poderes para ele:*
> *E então você possa dizer no ouvido de seu filho, e do filho de seu filho, que coisas eu trouxe sobre o Egito e meus milagres que tenho feito entre eles: que você possa saber que eu sou o Senhor.*
>
> EXODUS 10:1-2

Depois de ouvir estas palavras, Moisés foi ao faraó um número de vezes para renovar suas súplicas pela liberdade dos hebreus. A cada súplica que era rejeitada era seguida por uma calamidade que visitava os egípcios, enviada por Jehovah. As calamidades incluíram infestação de vermes, pragas, erupções de pele causadas por uma poeira fina sobre o interior do país e finalmente, o assassinato de cada primogênito egípcio durante uma noite conhecida como a 'páscoa'. Foi somente depois da páscoa que Jehovah parou de 'endurecer o coração' do faraó para que as tribos hebráicas pudessem deixar o Egito.

Muitos eruditos argumentariam que as referências bíblicas a Jehovah 'endurecer os corações' dos inimigos de Israel meramente expressam a ideia religiosa de que todo pensamento e emoções humanas, ultimamente, vem de deus e portanto, tais escritos não devem ser tomados literalmente. Neste caso, devemos considerar seriamente a Bíblia porque isto descreve um fenômeno politico muito real: duas ou mais partes sendo manipuladas para o conflito uma com outra por uma terceira parte externa.

Um dos filósofos mais famosos a discutir a manipulação de uma terceira parte como um instrumento de controle social e politico foi Niccolo Machiavelli, o filósofo do século XVI. Embora Machiavelli não tenha sido o primeiro a escrever sobre estes assuntos, seu nome se tornou sinônimo de inescrupulosa cobiça politica.

Machiavelli é o autor de vários manuais não solicitados de "como fazer" em benefício de um príncipe local. Estes escritos tornaram-se clássicos literários. Neles, Machiavelli descreve várias das técnicas utilizadas por vários governantes italianos para manter o controle sobre a população. Um método era o de engendrar o conflito. Em seu tratado, *O Príncipe*, Machiavelli escreveu:

> Alguns príncipes, para manter tão seguramente o Estado, tem desarmado seus suditos, outros tem mantido ssuas cidades súditas distraídas por (disputas de) facções …[3]

Machiavelli citou um exemplo específico:

> Nossos antepassados, e aqueles que eram reconhecidamente sábios, estavam acostumados a dizer que era necessário manter Pistóia (uma cidade italiana) por facções e Pisa por fortalezas; e com esta ideia eles estimularam brigas em alguns de suas cidades tributárias para manter mais facilmente a posse delas.[4]

A desunião humana foi um bem valioso para os príncipes, porque isto fazia as pessoas menos capazes de montar um desafio. Machiavelli descreveu os passos exatos a serem dados por alguém que desejasse empregar este instrumento:

> O meio de estabelecer isto é ganhar a confiança da cidade que é desunida; e contando que elas não entrem em conflito, agir como moderador entre as partes e quando elas entrarem em conflito, dar um apoio tardio à parte mais fraca, ambos com a visão de mantê-los nisto e os desgastando; e, novamente, porque medidas mais fortes não deixariam espaço para qualquer dúvida de que você estaria a subjugá-los e a fazer-se o governante deles. Quando este esquema for realizado, isto acontecerá, como sempre, que o fim que você havia envisado será obtido. A cidade de Pistóia, como eu havia dito em um outo discurso e a propósito de um outro tópico, foi adquirida pela república de Florença através deste exato artifício; porque estava dividida e os florentinos suportavam agora uma, agora a outra parte e sem se fazer ofensivo a uma ou outra, os liderou até que ficassem doentes de seu modo turbulento de viver e o fim veio ao, voluntariamente, jogarem-se nos braços de Florença.[5]

A despeito da eficacia desta técnica, Machiavelli aconselhou a não utilizá-la porque ela podria ser um tiro pela culatra para o perpetrador. O sucesso da técnica depende ao menos de uma das partes manipuladas não estar ciente da verdadeira fonte do problema. Se ambas as partes descobrirem que estão sendo manipuladas para as hostilidades por uma terceira parte externa, geralmente, não apenas as hostilidades cessarão mas as partes, mais frequentemente, se unirão em um desgostar comum quanto ao perpetrador. O fenômeno pode ser observado a nível pessoal quando dois amigos descobrem que um terceiro 'amigo'

esteve a dizer coisas negativas sobre cada um deles por trás de suas costas. Para que a técnica seja eficaz, *o perpetrador deve permanecer oculto da visão como fonte do conflito*.

Para resumir as observações de Machiavelli, descobrimos que engendrar o conflito entre pessoas pode ser um instrumento eficaz para gerenciamento do controle politico e social sobre a população. Para que a técnica seja eficaz, o instigador deve fazer o seguinte:

1 – Levantar conflitos e 'problemas' que farão com que as pessoas lutem entre elas muito mais do que contra o perpetrador.
2 – Permanecer oculto da visão como o verdadeiro instigador dos conflitos.
3 – Dar apoio a todas as partes guerreiras.
4 – Ser visto como uma fonte benévola que pode resolver os conflitos.

Como notado anteriormente na história da Torre de Babel, os 'deuses' tutelares querem manter a humanidade desunida e sob controle tutelar. Para conseguir isto, a história bíblica de Jehovah indica que os tutores implementaram a técnica maquiavélica de criar o faccionalismo entre os seres humanos. A bíblia afirma que os tutores encorajaram as facções que eles controlavam para a batalha, uns contra outros. Por todo o tempo, os tutores têm se proclamado 'deuses' e 'anjos' aos quais as pessoas devem se voltar para encontrar uma solução para todas as guerras. Esta é a sequência clássica vinda diretamente de Machiavelli.

Para que tais esforços maquiavélicos continuem bem-sucedidos durante um longo período de tempo, o faccionalismo precisaria ser constantemente engendrado e os tutores precisariam permanecer ocultos, permanentemente, da visão como os perpetradores. Ambas necessidades foram preenchidas na estrutura organizacional da irmandade corrompida. A irmandade estava sendo forjada em uma rede de longo alcance de sociedades secretas politicamente poderosas e religiões que poderiam, com sucesso, organizar as pessoas nas facções competidoras; ao mesmo tempo, as tradições de segredo da irmandade, efetivamente, disfarçaram sua hierarquia organizacional.

Este segredo se tornou uma tela por trás da qual os tutores podem se ocultar no topo da hierarquia da irmandade por trás de seus véus de mito e portanto, obscurecer seu papel como instigadores de conflito violento entre seres humanos. Deste modo, *a rede das organizações da irmandade se tornam o canal primário pelo qual as guerras entre seres humanos podem ser secreta e continuamente geradas pela sociedade tutelar* levando a cabo, portanto, as intenções tutelares anunciadas na história da torre de Babel. A irmandade também se tornou o canal pelo qual as instituições tutelares podem ser impostas sobre a raça humana.

As guerras servem a outro propósito tutelar revelado na bíblia. A história de Adão e Eva mencionou a intenção de "deus" de tornar a existência física um sofrimento, todo consumidor, desde o nascimento até a morte. As guerras ajudam a fazer isto porque elas absorvem recursos em grande escala e oferecem pouco em troca para aperfeiçoar a vida. As guerras destroem o que foi criado – isto exige uma grande quantidade de esforço necessário, exatamente, para manter uma cultura. Quanto mais uma sociedade se engaja em

construir máquinas de guerra e lutar guerras, mais as pessoas daquela sociedade verão suas vidas serem consumidas no tédio e na dor repetitiva, por causa da natureza parasitária e destrutiva da guerra. Isto é tão verdadeiro hoje quanto o foi em 1.000 AC.

É fácilmente observável que as pessoas lutarão e brigarão sem qualquer estimulo externo. Dificilmente existrá uma criatura na terra que em algum tempo de sua vida não ataque uma outra. Claramente, não se precisa de uma terceira parte manipuladora para que uma disputa se levante entre grupos de pessoas. As terceiras partes simplesmente fazem com que os conflitos e as disputas sejam mais frequentes, severas e prolongadas. As lutas espontâneas e não influenciadas tendem a ser rápidas, estranhas e centradas ao redor de uma única discussão visível. O meio de manter artificialmente o combate vivo é criarem-se questões insolúveis, que apenas possam ser assentadas pela aniquilação completa de um dos oponentes e então, ajudando os lados opostos a sustentarem seus esforços de luta contra o outro ao igualar as forças de combate. Para manter uma raça inteira em um constante estado de antagonismo, os problemas sobre os quais os membros da raça combaterão uns aos outros devem ser continuamente gerados. E os fervorosos guerreiros devem ser engendrados a combaterem por estas causas. Estes são, precisamente, os tipos de conflitos que tem sido criados pela rede da irmandade até os dias de hoje. Estes conflitos artificiais embaralham a raça humana em um enovelado conjunto incansável de guerras que tem, desta forma, marcado a história humana.

Detectar o envolvimento da irmandade nos eventos humanos é, algumas vezes, dificil. O trabalho se torna mais fácil ao seguir-mos o uso de vários símbolos misticos mais importantes da irmandade. Estes símbolos atuam como fios coloridos, entrando e saindo da visão, pelos quais podemos traçar o papel da rede da irmandade em conformar a história. Um dos símbolos mais significativos é, curiosamente, um avental.

8 - O Avental de Melchizedek

De todos os reis bíblicos, poucos são mais coloridos ou legendários do que Salomão. Rico além da imaginação, sábio além das palavras e um dirigente de escravos inigualável. A mais famosa realização de Salomão foi a construção de um magnífico complexo de edifícios, que incluía um opulento templo, que dizem ter sido feito da mais fina pedra e generosamente ornamentado com ouro. Na esfera politica, Salomão fez história ao restabelecer os laços, a muito cortados, entre os hebreus e o Egito. Não apenas Salomão havia se tornado um conselheiro para o faraó egípcio, Shishak I, como também se casou com a filha do faraó.

Durante o tempo que ele passou no Egito, Salomão recebeu instrução na irmandade. Depois de voltar à Palestina, Salomão erigiu seu famoso templo para hospedar a irmandade em seu próprio pais. Naturalmente, Jehovah era o principal "deus" do novo templo, embora Salmão permitisse a adoração de outros deuses locais tais como Baal, o deus chefe masculino dos canaanitas. O templo de Salomão foi modelado segundo o templo da irmandade em El Amarna, exceto que Salomão omitiu as estruturas laterais que tinham feito com que o templo de El Amarna tivesse a forma de uma cruz.

Construir o templo de Salomão não foi uma tarefa pequena. Para realizar este feito arquitetônico, Salomão trouxe guildas especiais de pedreiros para projetar suas obras e supervisionar sua construção. Estas guildas especiais já eram importantes instituições no Egito e vale a pena examinar suas origens.

A arquitetura é uma arte importante que forma o panorama físico de uma sociedade. Pode-se falar muito sobre o estado de uma civilização ao olhar as construções que ela erege. Por exemplo, a arquitetura da renascença imitou a clássica arquitetura romana com seus grandes e ornados projetos, indicando uma cultura passando por um fomento artístico e cultural. A arquitetura moderna tende a ser eficiente, mas estéril e desumanizada, revelando uma cultura que é muito comercial, mas artisticamente estagnada. A arquitetura nos conta que tipo de pessoas podem influenciar uma cultura. A renascença foi liderada por pensadores e artistas; nossa era moderna está sendo orientada por pessoas de negócios com orientação para a eficiência.

No antigo Egito, os engenheiros, artesãos e pedreiros que trabalhavam nos grandes projetos arquiteturais tinham um status especial. Eles eram organizados em guildas de elite, patrocinadas pela irmandade, no Egito. As guildas serviam a uma função, a grosso modo, similar ao de uma união (sindicato) de comércio hoje. Porque as guildas eram organizações da irmandade, elas utilizavam muitos escalões e títulos da irmandade. Elas também praticavam uma tradição mistica.

A evidência da existência destas guildas especiais foi descoberta pelo arqueólogo Petrie durante suas expedições ao deserto da Líbia em 1888 e 1889. Nas ruínas de uma cidade construída por volta de 300 A.C., a expedição do Dr. Petrie descobriu um certo número de registros em papiro. Um conjunto descrevia uma guilda que realizava encontros secretos por volta do ano 2.000 AC. O encontro da guilda discutia as horas de trabalho,

salários e regras para o trabalho diário. A guilda se reunia em uma capela e fornecia alívio a viúvas, órfãos e trabalhadores em apuros. Os deveres organizacionais descritos nos papiros são muito similares àqueles de 'Alcaides' e 'Mestres' em um ramo moderno da irmandade que evoluiu destas guildas: a livre maçonaria.

Uma outra referência às guildas se encontra no *Livro dos Mortos* egípcio, um trabalho místico datado pôr volta de 1591 AC. O *Livro dos Mortos* contém algumas das filosofias ensinadas nas escolas egípcias de mistérios. Ele cita como o deus Tot teria dito a um outro deus, Osiris:

Sou o grande deus no barco divino… sou um simples sacerdote no submundo ungindo (realizando rituais sagrados) em Abidos (uma cidade egípcia), elevando aos graus mais altos da iniciação… Sou o grande Mestre dos artesãos que configuraram a arca sagrada para um apoio.*[1]

'Grande Mestre' é o título mais comum usado pelas organizações da irmandade para designar seus principais lideres. A citação acima é significativa porque ela afirma que um dos 'deuses' tutelares do Egito, um que viajava no 'barco' divino, era o principal líder em uma destas antigas guildas. Também indica que este 'deus' era o responsável por iniciar as pessoas nos mais altos graus dos ensinamentos místicos da irmandade. Este é o testemunho posterior do papel direto que dizia-se que os tutores desempenhavam ao dirigir os assuntos da irmandade corrompida.

As guildas de pedreiros da irmandade sobreviveram através dos séculos. Os membros das guildas eram, frequentemente, homens livres, até mesmo nas sociedades feudais e eram, portanto, frequentemente referidos como 'pedreiros livres'. As guildas de pedreiros livres eventualmente deram nascimento à prática mistica conhecida hoje como 'livre maçonaria'. Os misticos maçons livres tornaram-se um ramo majoritário da irmandade e que teria uma grande importância politica, mais tarde, na história.

É interessante notar que o Livro dos Mortos também contém referência a uma batalha entre os 'deuses' tutelares regentes e a 'cobra' (a irmandade original não corrompida). Nas glórias cantadas aos 'deuses' egípcios lemos:

> *Seu inimigo, a serpente, foi entregue ao fogo. O diabo serpente Sebua caíu precipitadamente; suas pernas dianteiras estão ligadas por cadeias e suas pernas traseiras Rá as retirou dele. Os Filhos da Revolta nunca mais devem se elevar.*[2]

Os egípcios frequentemente retratavam seus 'deuses' com cabeças ou características de animais como um meio de simbolizar traços e personalidades. Na citação acima, são dadas à serpente quatro pernas. A serpente mais tarde veio a simbolizar a escuridão, que o deus Sol Ra d'errotava' a cada manhã ao trazer um novo dia. Antes que essa mitologia fosse inventada, contudo, a serpente era um inimigo literal dos 'deuses' governantes. Alguns dos seguidores da serpente eram conhecidos como 'filhos da revolta', que eram dedicados a destruir o 'deus' tutelar chefe e estabelecer, em seu lugar, o domínio da 'serpente' (a irmandade inicial não corrompida) na terra. Depois da derrota e corrupção da "serpente" parece que os 'filhos da revolta' viraram e se rebelaram contra a irmandade corrompida, quando a irmandade começou a enviar conquistadores do Egito. Não demorou muito, contudo, para que os grupos revolucionários fossem reabsorvidos pelas corruptas organizações da irmandade e começassem a contribuir para os conflitos artificiais da irmandade, como veremos depois.

Enquanto o conhecimento espiritual estava sendo substituído dentro da irmandade no antigo Egito por incompreensíveis alegorias e símbolos, os trajes se tornaram crescentemente importantes por causa de seu valor simbólico. A parte mais visível e importante do garbo cerimonial em muitas organizações da irmandade, incluindo a 'livre maçonaria', tem, a muito, sido o avental.

O avental simbólico, que é usado na cintura como um avental de cozinha, fornece uma surpreendente ligação visual entre os antigos 'deuses' tutelares e a rede da irmandade. Muitos hieróglifos egípcios apresentam seus deuses extraterrestres usando aventais. Os sacerdotes do antigo Egito vestiam aventais similares como um sinal de sua aliança aos "deuses" e como um emblema de sua autoridade. Na amostra do Museu Egípcio em San José, Califórnia, existe uma antiga estatueta egípcia descoberta em uma tumba em Abydos. A estatueta apresenta um príncipe egípcio mantendo suas mãos em uma postura ritualística que o Dr. Lewis, da Ordem Rosacruciana, descreve como 'familiar a todas as lojas rosacrucianas e membros do capítulo'.[3] Uma característica proeminente da estatueta é o avental triangular usado pelo príncipe. O Museu Egípcio acredita que a estatueta foi entalhada em 3.400 AC, durante a primeira dinastia do Egito. Se esta data for correta, então o símbolo do avental e um de seus associados rituais misticos, vieram de um período da história egípcia em que dizia-se serem os 'deuses' tão literais que casas mobiliadas eram construídas e mantidas para eles.

Os mais primitivos aventais rituais parecem ter sido simples e não adornados. Na medida em que o tempo passava, os símbolos misticos e outras decorações foram acrescentadas. Talvez a mudança mais significativa no avental tenha ocorrido durante o reinado de um poderoso rei sacerdote canaanita, Melchizedek, que tinha obtido um status muito alto na Bíblia. Melchizedek presidiu sobre um ramo da elite da irmandade nomeado em sua honra: O Sacerdócio de Melchizedek. Começando por volta do ano 2200 AC o Sacerdócio de Melchizedek começou a fazer seus aventais cerimoniais de pele de cordeiro branca. A pele de cordeiro branca foi eventualmente adotada pelos Maçons Livres que a tem utilizado para seus aventais desde então.

Se os 'deuses' tutelares e a irmandade tivessem confinado suas atividades ao antigo Oriente Médio e ao Egito, o resto da história humana teria sido muito diferente e este livro nunca seria escrito. Ao invés, a rede da irmandade foi expandida por todo o hemisfério leste por missionários agressivos e conquistadores. Um de seus alvos seria a Índia.

O Hinduísmo estava para nascer.

9 - Deuses e Arianos

Índia: esta terra de mistério. É um lugar onde as artes espirituais florescem e as artes materiais decrescem, em um país onde quase toda a vida é mantida sagrada, ainda que milhões passem fome. Para muitas pessoas, a nação da Índia e a religião do Hinduísmo parecem quase inseparáveis, embora elas tenham sido criadas juntas e juntas elas podem um dia morrer. A religião hindu tem a adesão de quase 85% dos quase 800 milhões de pessoas da Índia, entretanto, a Índia que viemos a conhecer e a maior parte da religião que ela pratica hoje não tenham, absolutamente, sido criadas na Índia. O sistema de castas, a maioria dos deuses hindus, os rituais dos bramas e a linguagem sânscrita foram todas trazidas e impostas ao povo da Índia por invasores estrangeiros a muitos séculos atrás.

Em algum lugar entre 1500 AC (ao tempo de Tutmoses no Egito) e 1200 AC (ao tempo de Moisés), o subcontinente hindu foi invadido do noroeste por tribos de pessoas conhecidas como ‘arianos’. Os arianos se tornaram a nova classe governante da Índia e forçaram os nativos hindus ao status de serventes.

Precisamente quem eram os Arianos e exatamente de onde eles vieram, é um enigma ainda hoje debatido. Os historiadores têm geralmente utilizado a palavra ‘ariano’ para denotar aquelas pessoas que falam linguagens indo-européias, o que inclui o inglês, alemão, latim, grego, russo, persa e sânscrito. Ariano também tem um significado racial mais estrito. Frequentemente tem sido muito usado para designar a raça de pele branca, não semítica, da humanidade.

Ha muitas teorias de onde primeiramente vieram os arianos. Uma hipótese comum é que os arianos se originaram nas estepes (planícies) da Rússia. De lá eles podem ter migrado para Europa e para a Mesopotâmia. Outros acreditam que os arianos cresceram na Europa e migraram na direção leste. Alguns teóricos, ocasionalmente por razões racistas, afirmam que os arianos foram os fundadores das antigas civilizações mesopotâmias e foram, portanto, os primeiros povos civilizados do mundo. Esta teoria foi promovida durante o brutal regime nazista da Alemanha para impulsionar sua ideia da ‘supremacia ariana’. Os nazistas até mesmo afirmaram que os arianos foram originalmente criados por super humanos iguais a deuses de um mundo diferente. Uma crença similar foi expressa mais cedo na história. Quando o conquistador espanhol Pizarro invadiu a América do Sul em 1532, os nativos sul-americanos se referiam aos invasores hispânicos como Viracochas, que significa ‘os mestres brancos’. As histórias nativas na América do Sul falam de uma raça mestra de enormes homens brancos que tinham vindo dos céus séculos antes. Segundo as lendas, estes ‘mestres’ tinham reinado sobre as cidades sul-americanas antes de desaparecerem novamente com uma promessa de retorno. Os nativos sul-americanos pensaram que os espanhóis eram os Viracochas que voltavam e então, inicialmente, permitiram que os espanhóis tomassem o ouro e os tesouros americanos sem resistência.

Seja qual for a verdadeira origem da raça ariana, muitas religiões e crenças misticas têm sido expressas pelo mundo sobre a suposta superioridade da raça ariana sobre as outras raças. Tais crenças algumas vezes são rotuladas ‘arianismo’. O arianismo é uma elevação dos arianos de pele branca sobre as outras raças baseadas na noção de que os arianos sejam

a raça ‘escolhida’ ou ‘criada’ por ‘deus’ (ou ‘deuses’ tutelares) e os arianos são, portanto, espiritual, social e geneticamente superiores a todas as outras raças. Considerando o funesto propósito para o qual se dizia humanidade fora criada, o arianismo simplesmente significaria, na melhor das hipóteses, escravos superiores. Há pouca glória nisto. Outras raças, todavia, tais como os japoneses, também possuem lendas similares de terem sido nascidos de ‘deuses’ extraterrestres.

O arianismo deve ser diferenciado do simples orgulho da herança racial. É natural que pessoas agrupem-se em uma base de herança comum, interesses, ou estéticas. Cada um de tais grupos tende a ter uma certa quantidade de orgulho na coisa que os une. Isto será verdadeiro para os colecionadores de selos que se reúnem em uma sociedade filatélica ou das pessoas negras participando de um grupo de consciência negra. As pessoas se reunirão com base em quase qualquer coisa que elas considerem mutuamente importante ou agradável. Nada há nada de mal nas pessoas sentirem orgulho de sua herança racial. A nocividade vem quando este orgulho se torna preconceito contra aqueles que não partilham dos mesmos traços. Afinal, a cor da pele é superficial. Quando reconhecemos os indivíduos como seres espirituais, os corpos que eles animam não se tornam mais importantes do que os carros que eles dirigem. A despeito disso, as distinções raciais têm sido um dos instrumentos mais bem-sucedidos usados na terra para manter os humanos desunidos. O tipo de arianismo descrito acima tem contribuído grandemente para esta polarização e tem feito muito para promover incessantes conflitos raciais que tem praguejado a humanidade por toda a sua história.

Nem todas as organizações da irmandade tiveram uma tradição ariana. Nas muitas que tiveram, ser ariano era considerado vital para a recuperação espiritual. Esta crença avançou o materialismo ao distorcer a necessidade da sobrevivência espiritual em uma outra obsessão com o corpo, desta vez relativa a cor da pele. O fato é que a cor da pele parece não ter qualquer direção sobre as qualidades espirituais inerentes de alguém, ou sobre a habilidade de alguém em alcançar a salvação espiritual.

Os arianos invadiram a Índia exatamente antes que o monoteísmo fosse criado pela irmandade, mas a um tempo quando a irmandade já tinha começado a enviar missionários – e conquistadores. Na India, os conquistadores arianos estabeleceram um complexo sistema religioso e feudal conhecido hoje como ‘hinduísmo’. O hinduísmo provou ser ainda um outro ramo da rede da irmandade. Algumas organizações da irmandade no Oriente Médio e no Egito mantinham estreitos laços com os lideres arianos na Índia e frequentemente, enviavam estudantes para serem educados por eles. Por causa da invasão ariana, a Índia se tornou um importante centro mundial de atividade da rede da irmandade e assim permanece até hoje.

Os líderes arianos da Índia exigiam obediência do mesmo tipo dos ‘deuses’ tutelares da idade espacial encontrados na Mesopotâmia e no Egito. Muitos ‘deuses’ de aparência humana, venerados pelos arianos, eram chamados de ‘Asura’. Hinos e devoções aos Asura são encontrados em uma grande coleção de escritos hindus conhecidos como os Vedas. Muitas descrições védicas dos Asura são intrigantes. Por exemplo, o Hino a Vata, o deus do vento, descreve uma ‘carruagem’ na qual o deus viaja. Esta ‘carruagem’ tem uma notável

similaridade as descrições do Velho Testamento de Jehovah. As primeiras quatro linhas do Hino declaram:

> *Agora a grandiosidade da carruagem de Vata!*
> *Ela vai quebrando,*
> *E como o trovão é o seu barulho.*
> *Para o céu que ela toca, faz lúrida a luz (um brilho fogoso vermelho) e rodamoinho de poeira sobre a terra.*

O resto do Hino descreve o vento de um modo muito literal e reconhecível. As quatro linhas citadas acima, contudo, parecem descrever um veículo que viaja rapidamente no céu, faz um barulho trovejante, emite uma luz feroz e faz com que o pó rodamoinhe no solo; isto é, um foguete ou um avião a jato.

Outras traduções notáveis dos Vedas tem sido publicadas pela Sociedade Internacional Para a Consciência de Krishna (ISKC), uma seita mundial hindu fundada em 1965 por um negociante hindu aposentado e devotado à deidade hindu, Krishna. As traduções da ISKC apresentam os antigos 'deuses' hindus e seus reis humanos servos viajando em espaçonaves, se engajando em guerra interplanetária e disparando armas que emitem poderosos raios de luz. Por exemplo, no *Srimad Bhagavatam*, Sexto Canto, Parte 3, lemos:

> Uma vez *enquanto o Rei Citraketu estava viajando no espaço externo em um avião brilhantemente refulgente dado a ele pelo Senhor Vishnu (o principal deus hindu), ele viu o Senhor Shiva (um outro deus hindu)…*

O *Srimad Bhagavatam* nos fala de uma raça de 'demônios' que haviam invadido três sistemas planetários. Se opondo aos demônios estava o deus Hindu Shiva, que possuía uma arma poderosa que ele disparava nas aeronaves dos inimigos, do seu próprio aparelho:

> *As flechas libertadas pelo Senhor Shiva pareciam como*
> *raios de fogo emanando do globo solar cobriam os*
> *três aviões residenciais, que não mais puderam ser vistos.*

Se precisa,, esta e outras descrições dos Vedas nos dão 'deuses' de aparência humana de séculos atrás que pulavam em espaçonaves zumbidoras, engajados em voos de caça e que possuíam armas de raio fatais.

Como na Mesopotâmia e no Egito, muitos deuses hindus eram obvias fabricações e os 'deuses' aparentemente reais tinham uma enorme mitologia tecisa ao seu redor. Por trás das óbvias ficções, contudo, encontramos pistas importantes a respeito do caráter dos governantes tutelares da humanidade – os escritos hindus indicam que pessoas de diversas raças e personalidades compunham a sociedade tutelar, exatamente como acontece na sociedade humana. Por exemplo, alguns 'deuses' eram retratados como tendo a pele azul. Outros apresentavam uma atitude mais gentil e mais benevolente quanto aos seres humanos que outros. Ao tempo da invasão ariana, contudo, os opressores claramente eram os

dominantes. Isto era evidente no sistema social imposto sobre a Índia pelos arianos. Este sistema foi inconfundivelmente destinado a criar as amarras espirituais humanas. Como em todos os lugares, estas amarras foram parcialmente alcançadas ao se darem às verdades espirituais uma falsa distorção. O resultado na Índia foi uma instituição feudal conhecida como sistema de 'castas'.

O sistema ariano de casta dita que cada pessoa nasce na classe social e ocupacional (casta) do pai. Um individuo nunca pode deixar aquela casta, a despeito do talento ou personalidade da pessoa. Cada extrato tem o seu próprio comércio, costumes e rituais. Membros da classe mais baixa, que são conhecidos como 'fora das castas' ou 'intocáveis' geralmente realizam o trabalho serviçal e vivem na mais abjeta pobreza. Os intocáveis são evitados pelas classes superiores. As classes mais altas são os governantes e os sacerdotes bramas. Durante a invasão ariana e por um longo tempo a partir dai, as castas mais altas eram compostas, naturalmente, pelos próprios arianos. O sistema de castas ainda é praticado na Índia hoje, embora não seja mais tão rígido como já foi e a condição difícil dos intocáveis tenha sido de certa forma facilitada. No norte e em algumas partes do oeste da Índia, os hindus de pele mais clara que descendem dos originais invasores arianos continuam a dominar as classes superiores.

A força e as pressões econômicas eram os instrumentos iniciais usados pelos invasores arianos para preservar o sistema de casta. Pelo século VI AC, as crenças religiosas distorcidas emergiram como um terceiro instrumento importante.

A religião hindu contem a verdade de que um ser espiritual não perece com o corpo. O hinduísmo ensina que depois da morte do corpo, um ser espiritual geralmente busca e anima um outro corpo recém-nascido. Este processo é frequentemente chamado de 'reencarnação' e resulta no fenômeno das chamadas 'vidas passadas'. Muitas pessoas são capazes de se recordar de vidas passadas, às vezes em detalhes notáveis.

A evidência acumulada da pesquisa moderna do fenômeno das 'vidas passadas' indica que fatores altamente aleatórios geralmente determinam que novo corpo um ser espiritual toma. Tais fatores podem incluir a localização da pessoa ao tempo da morte e a proximidade de novos corpos (gravidezes). Se uma pessoa escolhe um corpo masculino ou feminino depende de quão feliz ele ou ela foi na vida que acabou de terminar. Por causa destas variáveis, a tomada de um novo corpo por um ser espiritual é uma atividade altamente aleatória e imprevisível na qual o claro acaso frequentemente desempenha um papel. A religião ariana distorceu um entendimento deste processo simples ao ensinar a ideia errada que o renascimento ('reencarnação') é governado por uma lei universal inalterável que dita que cada renascimento é um passo evolutivo seja na direção (ou se afastando) da perfeição espiritual e da libertação. Cada casta hindu é considerada como um passo nesta escada cósmica. Se a pessoa se comportou de acordo com as leis e deveres da casta dela, lhe era dito que ela avançaria para a próxima casta superior no próximo renascimento. Se falhassem em seus deveres, nasceriam em um extrato inferior. A perfeição e a liberdade espiritual eram alcançadas apenas quando uma pessoa alcançasse a mais alta casta: os Brahmas. Contrariamante, a casta em que a pessoa nascia era considerada uma

indicação do desenvolvimento espiritual daquela pessoa e apenas isso justificava qualquer tratamento que a pessoa recebesse.

O propósito de tais ensinamentos é claro. O sistema de castas era destinado a criar uma ordem social rígida e feudal similar àquela criada no Egito sob os faraós, mas realizada com maior extremo na Índia.

As crenças hindus na reencarnação alcançaram duas outras metas dos tutores. O hinduísmo ressaltou que a obediência era o principal ingrediente para trazer o avanço para uma nova casta. Ao mesmo tempo, as crenças arianas desencorajavam as pessoas a fazerem tentativas pragmáticas de recuperação espiritual. O mito da evolução espiritual pelo sistema de casta escondeu a realidade que a recuperação espiritual mais provavelmente vem do mesmo modo que quase todo melhoramento pessoal ocorre: pelo esforço pessoal consciente, não pelas maquinações de um fictício líder cósmico.

O simbolismo tinha um outro papel limitado, embora importante, no hinduísmo. Um dos emblemas misticos mais importantes do hinduísmo é o da suástica – o simbolo da 'cruz quebrada' – que a maioria das pessoas associa ao nazismo. A suástica é um emblema muito antigo. Ele apareceu muitas vezes na história, geralmente em conexão com o misticismo da irmandade e nas sociedades que veneram os 'deuses' tutelares. Conquanto sua origem exata seja desconhecida, a suástica aparecia já na antiga Mesopotâmia. Alguns historiadores acreditam que a suástica possa ter existido na Índia antes da invasão ariana. Isto é possível porque várias cidades pré-arianas da Índia estavam engajadas no comércio com outras partes do mundo, incluindo a Mesopotâmia. Seja qual for que possa ter sido sua origem, depois que os arianos invadiram a Índia, a suástica se tornou um símbolo permanente de hinduísmo e arianismo. Quanto ao significado da suástica, descobrimos que ela era um símbolo de boa sorte ou boa fortuna. É irônico, contudo, que cada sociedade que utilizou este símbolo tenha sofrido um infortúnio um tanto calamitoso. Um estudo intrigante da suástica foi publicado em 1901 nos *Trabalhos Arqueológicos e Etnológicos do Museu Peabody*. Segundo o autor, Zélia Nuttall, a suástica estava provavelmente relacionada à observação das estrelas. A Sra. Nuttall ressalta que a suástica apareceu em civilizações com uma avançada ciência de astronomia e foi associada à feitura de calendários em algumas antigas civilizações americanas. Na página 18 de seu artigo a autora afirma:

> As posições combinadas à meia-noite da Ursa Maior ou Menor (duas constelações visíveis da terra, geralmente chamadas "grande Ursa" e "Pequena Ursa" respectivamente), nas quatro divisões do ano, apresentam suásticas simétricas, cujas formas eram idênticas com os diferentes tipos de suásticas ou símbolos da cruz… que chegaram até nós da antiguidade remota…

Por causa da frequente associação da suástica com os 'deuses' tutelares isto pode ter começado como um símbolo representando a civilização lar dos mestres tutores da terra em algum lugar dentro da Ursa Maior ou Menor.

O hinduísmo é uma religião curiosa de muitos modos. Ele tende a absorver e incorporar quase que todas as novas idéias religiosas impostas sobre ela, mas sem se desfazer das velhas idéias. Por esta razão, o hinduísmo de hoje é realmente, uma mistura de várias religiões maiores que ocorreram na Índia no passado, tal como a religião ariana que ainda predomina, o budismo e o islamismo que chegaram mais tarde. Ha evidência de que uma tradição de sabedoria existiu na Índia muito antes da invasão ariana e que esta tradição também constitui uma porção dos Vedas.

Os violentos deuses dos arianos, as estranhas práticas misticas e o feudalismo opressivo não continuaram sem serem desafiados. Na história bíblica de Adão e Eva, notamos a tentativa do inicial *homo sapiens* de obter o conhecimento que ele necessitava para escapar de sua escravidão. No século VII AC uma outra tentativa foi feita. Um movimento popular não violento emergiu na Índia para desafiar o sistema ariano. Este movimento foi um dos poucos esforços maiores dos seres humanos de substituírem as religiões tutelares com métodos práticos destinados a trazerem a liberdade espiritual. Os lideres do novo movimento queriam substituir o misticismo adornado e a fé cega por uma abordagem realista da recuperação espiritual enraizada em princípios testados, muito similar à abordagem usada pela irmandade original e não corrompida. Por falta de um termo melhor, eu me referirei a este tipo pragmático de religião como religião “maverick” (dissidente)*. As religiões maverick são aquelas que tem quebrado o dogma tutelar e têm tentado uma abordagem prática e científica da salvação espiritual. Embora no passado nenhuma religião maverick trouxesse uma recuperação espiritual em grande escala, elas, não obstante, mantiveram viva a esperança enquanto talvez apontasse alguns dos poucos passos para se chegar lá.

*O termo ‘maverick’ vem do Velho Oeste da América. Ele denotava qualquer animal que pastasse, tal como uma vaca ou um cavalo, que não tinha a marca de seu proprietário. A palavra em si vem do proprietário de gado do Texas Samuel Maverick (1803-1870) que se recusou a marcar seus bezerros. Estes animais sem marcas eram apelidados de ‘Mavericks’ e qualquer um que fosse encontrado solto era considerado como propriedade de ninguém. Disto veio a definição a que hoje estamos familiarizados: um maverick é uma pessoa ou organização que não é propriedade de ou ‘marcada’ por alguém, mas que atua de maneira independente, geralmente em uma quebra da convenção estabelecida.

10 - As religiões Dissidentes

O movimento religioso maverick da Índia foi um evento histórico maior. Ele atraiu milhões de aderentes e teve um forte efeito civilizador na Ásia. O movimento trouxe a criação dos chamados "Seis Sistemas de Salvação". Havia seis métodos diferentes, desenvolvidos em tempos diferentes, para alcançar a salvação espiritual.

Talvez o mais importante dos Seis Sistemas, por causa de suas similaridades ao budismo, era o sistema conhecido como "Samkhya." A palavra 'Samkhya' significa 'razão'. A origem precisa dos ensinamentos Samkhya é desconhecida. As doutrinas Samkhya são geralmente atribuídas a um homem conhecido como Kapila. Quem era Kapila, de onde ele veio, e exatamente quando ele viveu ainda são tópicos de especulação. Algumas pessoas localizam Kapila ao redor de 550 A.C. durante o tempo de vida de Buda. Outros acreditam que Kapila pode ter vivido mais cedo. Algumas pessoas discutem que ele de todo não existiu por causa da extraordinária mitologia que se eleva ao redor dele. Quem quer que fosse Kapila, ou não fosse, alguns dos ensinamentos atribuídos a ele estabelecerem um significativo trabalho fundamental para posteriores filosofias dissidentes. Por exemplo, o sistema Samkhya ensinava corretamente que havia duas básicas entidades contrastantes no universo; a alma (espírito) e a matéria. Ensinava além:

As almas são infinitas em número[1] e consistem de pura inteligência. Cada alma é independente, indivisível (não pode ser dividida), não condicionada, incapaz de mudar (alteração), imortal. Parece, contudo, estar ligada à matéria.*

Samkhya ensina que cada pessoa é uma tal alma e que cada alma tem participado na criação e/ou perpetuação dos elementos primários que constituem o universo material. As almas então criaram os sentidos com os quais percebem estes elementos. As pessoas, portanto, tinham apenas elas próprias, não um 'deus' ou ser supremo, para aplaudir (ou culpar, dependendo da perspectiva de alguém) pela existência deste universo e do tudo de bom ou mau dentro dele. A libertação da alma de seu cativeiro na matéria, segundo Samkhya, vem através do conhecimento. O autor Sir Charles Eliot descreve a crença Samkhya deste modo:

O sofrimento é o resultado das almas estarem amarradas à matéria, mas esta ligação não afeta a natureza da alma e de certo modo não é real, porque quando as almas adquirem o conhecimento descriminador e vêem que elas não são matéria, então a ligação cessa e elas atingem a paz eterna.[2]

* O senso comum nos diz que deve haver um limite para quantas almas existam. "Infinito" pode significar um número tão grande que seja incontável.

Várias questões se elevam destes ensinamentos Samkhya. Primeiro, como podem todos estes seres espirituais ter auxiliado a criar o universo? Uma olhada em um livro de física nos diz que o universo é um assunto imensamente complexo. Até mesmo o grande cientista Albert Einstein não entendeu tudo. Como, então, é possível que todos nós, 'pequeninos mortais' incluindo os bêbados que dormem nas ruas em estupor, poderiam uma vez ter algo a ver com a criação deste mundo? A resposta pode residir no fato de que a matéria é constituída em simples aritmética e é muito menos sólida do que parece.

O bloco básico de construção da matéria física é o átomo. Um átomo é composto de três componentes principais: 'prótons', 'neutrons' e 'elétrons'. Os prótons e nêutrons são reunidos para formar o núcleo do átomo. Os elétrons orbitam em velocidades tremendas ao redor do núcleo, portanto formam um escudo do átomo. O arranjo inteiro é mantido unido pela força eletromagnética.

O que torna um tipo de átomo diferente de outro? Nada mais do que o número de elétrons e de prótons. Por exemplo, o hidrogênio tem apenas um elétron e um próton. E com mais um elétron e um próton e *voilá*!, você agora tem hélio. E acrescente mais 77 elétrons e prótons, junto a uma generosa ajuda de nêutrons e derepente, você obtêm ouro. Retire alguns e obtenha o cobalto. Some outros mais e tenha zinco. Há 105 elementos básicos, cada um existindo simplesmente porque eles tem um número diferente de elétrons e de prótons! Como podemos ver, a matéria física é constituída de uma matemática idiotamente simples que qualquer um pode fazer. A razão pela qual este arranjo parece funcionar é que a adição e a subtração de elétrons e prótons causam uma mudança na energia criada pelo átomo. Já que a matéria é apenas energia condensada, uma mudança na energia de um átomo por meio desta simples aritmética causara uma mudança na substância física que o átomo produz. O universo apenas fica complicado depois que as substâncias começam a interagir.

Um outro ponto é que a matéria física ée muito menos sólida e muito mais efêmera do que parece. Os átomos consistem quase inteiramente de espaço vazio. Se o núcleo de um átomo de hidrogênio for aumentado ao tamanho de uma bola de gude, seu único elétron estaria a um quarto de milha de distância! O átomo mais pesado com mais nêutrons, prótons e elétrons é o urânio com 92 elétrons. Se um átomo de urânio fosse aumentado a meia milha de diâmetro, o núcleo não seria maior do que uma bola de baseball! Isto revela que os átomos são compostos quase que inteiramente de espaço vazio e que a matéria, até mesmo o mais pesado granito, é portanto, surpreendentemente efêmera. Nossas percepções físicas não detectam a natureza ilusória da matéria porque os sentidos físicos são construídos para aceitarem a ilusão de solidez causada pelo movimento extremamente rápido das partículas atômicas (mova algo para frente e para trás, ou em volta, suficientemente rápido e isto lhe parecera sólido). Se pudessemos ver a matéria pelo que ela verdadeiramente foi, veríamos o objeto mais sólido como uma peça de penugem etérea.

Na medida em que o tempo passava, muitos dogmas incorretos foram acrescentados aos ensinamentos básicos Samkhya, fazendo com que o sistema Samkhya eventualmente desmoronasse. Os outros sistemas dissidentes sofreram o mesmo destino. No sistema da Ioga, por exemplo, as pessoas retornaram a idolatria de 'deus' como parte de sua estrada

para a liberdade espiritual. Em um outro dos Seis Sistemas, o 'Mimamsa' uma tentativa foi feita de manter os credos arianos e incorporá-los nos dogmas das doutrinas dissidentes. Isto não funcionou porque não se pode misturar doutrinas destinadas a obrigar a obediência rígida com os ensinamentos destinados a liberdade espiritual e esperar que se alcance esta última. Para ser bem-sucedido, o verdadeiro conhecimento espiritual parece exigir a mesma precisão exigida por qualquer outra ciência. Diluir um conhecimento espiritual bem-sucedido com ensinamentos errôneos destruirá esta precisão.

O movimento dissidente hindu eventualmente chegou a uma desgastante parada na medida em que mais e mais idéias arianas que deveriam ser substituídas se tornaram novamente incorporadas ao movimento. Ao mesmo tempo, muitos ensinamentos dissidentes foram retirados do contexto e absorvidos na religião hindu. O resultado tem sido uma confusão espiritual sem esperança na índia desde então.

Antes de seu decaimento final, o movimento dissidente hindu criou uma das maiores religiões únicas na história: o Budismo. Fundado ao redor do ano 525 AC por um príncipe hindu chamado Gautama Siddharta (que mais tarde ficou conhecido como 'Buda 'ou 'o Iluminado'), o budismo se disseminou rapidamente pelo Oriente. Como o sistema Samkhya, o budismo em sua forma original não venerava os deuses Vedas. Ele se opunha ao sistema de castas e não apoiava as doutrinas brâmanes (hindus avançadas). Diferente de muitos budistas modernos, os primeiros budistas não veneravam Buda como um deus; ao invés, eles o respeitavam como um pensador que tinha criado um método pelo qual um individuo, por seus próprios esforços, pode alcançar liberdade espiritual por meio do conhecimento e de exercícios espirituais. É difícil determinar quão bem-sucedidos realmente foram os budistas iniciais em alcançar suas metas, embora Siddharta afirmou que ele pessoalmente alcançara um estado de libertação espiritual.

O budismo, como outros sistemas dissidentes, passou por uma grande quantidade de mudanças dividindo-se e decaindo na medida em que se passavam os séculos. Isto causou a perda da maioria dos verdadeiros ensinamentos de Siddharta. Além disso, muitos ensinamentos e práticas não criadas por Buda foram, mais tarde, acrescentadas à sua religião e errôneamente rotuladas como budismo . Um bom exemplo desta deterioração é encontrado na definição de 'nirvana'. A palavra 'nirvana' originalmente se referia ao estado de existência no qual se tinha alcançado a plena consciência de si próprio como um ser espiritual e não mais se vivencia o sofrimento devido à incorreta identificação com o universo material. O 'Nirvana' é um estado ansiado por todos os budistas. 'Nirvana' também pode ser traduzido por 'Nada' ou 'Vazio': conceitos estes que soam tão terríveis que vieram a significar para muitas pessoas hoje em dia, que o nirvana é um estado de não existência ou que isto envolva uma perda de contacto com o universo físico. Na verdade, a meta dissidente original era alcançar um estado exatamente oposto. O verdadeiro estado do nirvana de Buda incluía um sentido mais forte de existência, auto-identidade aumentada e uma habilidade de perceber o universo físico com maior acuidade.

Se compararmos a religião dissidente com a religião tutelar, descobrimos um número de diferenças muito distintas peas quais uma pessoa pode distinguir entre elas. Um

tabela comparando filosofias chaves pelas quais elas mais fortemente se diferem pode se parecer a algo assim:

Religião Tutelar	*As religiões Dissidentes (Maverick)*
– Uma fonte de inspiração de ensinamentos que dizem ser um Deus, um anjo, ou uma força sobrenatural; não de um ser humano.	**– A fonte ou inspiração dos ensinamentos provêm de ser um ser humano identificável.**
– A crença em um único ser supremo, ou Deus, é a pedra fundamental da fé. (nos tempos mais iniciais, a veneração de muitos ''deuses'' de tipo humano).	**– A crença em um ser supremo é geralmente tolerada, mas é uma parte menor ou não existente da doutrina. A ênfase é colocada no papel do ser espiritual individual em relação ao universo.**
– A imortalidade física é uma meta importante ou desejada em muitas religiões tutelares.	**– A liberdade e imortalidade espirituais são buscadas. A existência infindável no mesmo corpo físico é considerada não importante ou indesejável.**
–Aderência à doutrina baseada na fé, ou apenas na obediência é ressaltada.	**– A observação é a razão são mantidas nas apropriadas fundações para aderir a uma doutrina.**
– Várias punições severas ou fatais são algumas vezes empregadas ou advogadas durante a história da religião para lidar com os não crentes ou apostatas.	**– As punições físicas são suaves ou não existentes. A punição mais severa é em geral a exclusão formal de um individuo de uma organização religiosa.**
– A crença que, sendo nascido em um corpo humano, uma ou muitas vezes por meio da reencarnação, e parte de um amplo plano espiritual que beneficia a cada ser humano.	**– A crença de que não há propósito espiritual oculto para a existência humana e que o processo de morte-amnesia-renascimento causa decaimento espiritual.**
– A crença que há "forças superiores", 'deuses', ou entidades sobrenaturais que controlam os destinos individuais ou coletivos das pessoas". Os seres humanos não tem controle sobre estas forças e pode somente suportá-las.	**– A crença de que todas as pessoas são responsáveis por terem criado suas próprias condições de vida, boas e más, por ações ou inações conhecidas, e que todas as pessoas podem controlar seus próprios destinos.**
– A crença que somente um ser supremo criou o universo físico.	**– A crença de que todo mundo tem algo a ver com a criação e/ou perpetuação do universo físico.**
– O sofrimento humano, a dor e a escravidão são parte de um plano espiritual mais amplo que levara a salvação e a liberdade para aqueles que obedientemente o suportarem.	**– O sofrimento humano, a dor e a escravidão são doenças sociais que não tem propósito construtivo e permanecem no caminho da salvação e da liberdade.**
– A recuperação espiritual e a salvação dependem inteiramente da graça de 'Deus' ou de outra entidade sobrenatural.	**– A recuperação espiritual e a salvação são inteiramente do individuo e ele é quem deve alcançá-las por seus próprios esforços automotivados.**

Alguns leitores observarão que muitos elementos dissidentes e tutoriais listados acima estão misturados em algumas religiões. Um bom exemplo disto e o hinduísmo. Tais misturas geralmente são realizadas quando as idéias dissidentes são incorporadas a uma religião tutelar ou quando as doutrinas tutelares são acrescentadas aos ensinamentos dissidentes. Quando uma destas coisas acontece, os benefícios completos dos ensinamentos dissidentes são perdidos. Isto está especialmente claro no Budismo moderno onde os rituais, idolatria e oradores a Buda tem quase que inteiramente suplantado o sistema prático que Buda tentou desenvolver.

Embora o Budismo não liberte a raça humana, ele deixou a esperança de que a liberdade venha um dia. De acordo com a lenda budista, Gautama sabia que ele não havia atingido sua meta de criar uma religião que traria a completa libertação espiritual para toda a humanidade. Ele, entretanto, prometeu que um novo 'Buda', ou 'Iluminado', viria mais tarde na história para completar a tarefa. Esta promessa constitui a famosa profecia do "Mettaya" ('Amigo') que se tornou um elemento muito importante na fé budista. Porque o Budismo não expressa originalmente uma crença em um ser supremo, a história de Mettaya não sugere um mensageiro ou um professor vindo de 'Deus'. Mettaya seria simplesmente um sujeito com o conhecimento e a habilidade de fazer este trabalho.

Precisamente quando na história o "Mettaya" chegaria é calorosamente debatido em alguns círculos. Muitas fontes Budistas dizem que Mettaya viria 500 anos depois da morte de Buda; outros dizem que ele teria vindo em metade deste tempo. Muitos lideres budistas têm vindo ao longo da história dizendo serem Mettaya. Nenhum deles tem tido sucesso em trazer o mundo prometido por Buda, então os Budistas ainda esperam.

Na medida em que o tempo passava, a profecia do Mettaya se deteriorou com o resto do Budismo. A lenda foi vagarosamente absorvida em uma doutrina muito destrutiva disseminada por fontes da irmandade no Oriente Médio e em outros lugares: a doutrina do 'fim do mundo', também conhecido pelos nomes dramáticos de 'dia do julgamento", "a batalha final", "Armagedom" e outros.

Os ensinamentos de fim do mundo tiveram um efeito catastrófico sobre a sociedade humana; e portanto, de capital importância, entender mais e mais aonde e porque estes ensinamentos começaram.

11 - Os Profetas da Condenação

Pergunte a quase qualquer um, 'você acredita em um futuro dia do julgamento de algum tipo?' As chances são que esta pessoa responda que 'sim'. Junto à crença em um Deus, a crença em um dia do julgamento pode ser o conceito religioso mais disseminado no mundo moderno. Até mesmo muitas pessoas que são abertamente atéias frequentemente vivenciam um sentimento inato de algum tipo de que um grande julgamento ou realinhamento se descortina à frente.

A maioria dos ensinamentos sobre um dia do julgamento são encontrados nos escritos de profetas religiosos que afirmam ter recebido as revelações misticas de Deus a respeito do futuro do mundo. Este tipo de escrita profética é geralmente chamado de apocalipse. A palavra apocalipse vem das palavras gregas "apo" (fora) e 'kalyptein' (encobrir). Portanto um apocalipse é a "retirada do acobertamento", isto é, uma revelação.

A maioria dos apocalipses segue um padrão similar: a humanidade sofrerá a revolta durante um futuro cataclismo global. O cataclismo será seguido por um dia do julgamento, no qual Deus ou um representante de Deus decidirá o destino de cada pessoa sobre a terra. Somente aquelas pessoas que são obedientes às determinações da religião que prega o apocalipse receberão a misericórdia no dia do julgamento. Todo mundo mais será condenado à morte ou à eterna danação espiritual. O dia do julgamento será seguido pela utopia sobre a terra a ser apreciada apenas por aqueles que acreditarem e obedecerem.

A despeito das promessas de um Xangri-Lá universal, estes ensinamentos frequentemente aterrorizavam as pessoas e ainda hoje causam muito desconforto. Como deveremos discutir brevemente, os pavorosos e temíveis apocalipses dão às verdades espirituais uma outra falsa distorção e mais obviamente, eles subjugam as pessoas a obedecerem a uma religião específica ou líder. As doutrinas de fim de mundo também fazem com que as pessoas tenham medo de explorar os sistemas religiosos competidores, tais como aqueles oferecidos pelas religiões dissidentes. Os ensinamentos do dia do julgamento resultam, afinal, numa extorsão: obedeça ou morra.

A questão é: quem implantou estas crenças apocalípticas na terra? Um ser supremo é geralmente citado, mas será que um ser supremo é verdadeiramente a fonte? Uma cuidadosa olhada na história revela que os ensinamentos apocalípticos primeiro surgiram da atividade tutelar e de fontes dentro da irmandade corrompida. As doutrinas de Fim de Mundo foram disseminadas por primitivos missionários da irmandade e conquistadores lado a lado com o monoteísmo. Portanto, não é surpreendente saber que, as doutrinas da batalha final têm algumas raízes no famoso símbolo da irmandade, descoberto nas antigas relíquias egípcias. Este símbolo era um pássaro místico conhecido como fênix.

Fênix é um pássaro mítico que diz-se viver de 500 a 600 anos antes de se queimar até a morte em um ninho de ervas. Das cinzas ele emerge como um pequeno verme que se desenvolve de novo na Fênix. A Fênix repete este processo de vida, morte e renascimento infindavelmente.

A história da fênix. É uma alegoria (uma história com um significado subjacente), ou símbolo, destinado a partilhar uma verdade mais profunda. Precisamente qual é essa verdade se perdeu e então, encontramos as pessoas interpretando a história da fênix de muitas formas. Por exemplo, muitas pessoas vêem a fênix como um simbolo de ressurreição ou sobrevivência espiritual depois da morte: uma alma nasce em um corpo, o corpo floresce, o corpo passa pelos rigores ferozes da vida e morre; a alma permanece intacta para se erguer e construir novamente. Outros vêem a fênix como um simbolo de um ciclo de nascimento, crescimento e deterioração no qual os elementos físicos do universo parecem operar, por trás do qual jaz uma indestrutível realidade espiritual.

Lamentavelmente, a história da fênix, como tantas outras alegorias misticas da irmandade egípcia, distorceu verdades importantes. A lenda trouxe a falsa idéia de que exista algum tipo de 'lei' ou 'plano' inalteráveis que determinam que a existência espiritual deva consistir em um árduo processo de crescimento como o da fênix, morrer pelo 'fogo', emergir das cinzas, crescer novamente, morrer novamente e assim para sempre. Conquanto este processo pareca regular a vida na terra, ele não é natural, inevitável ou sadio.

Muitos ensinamentos do 'fim do mundo' tomam a filosofia expressa no mito da fênix e a aplicam à raça humana inteira. Quando eles fazem isto, frequentemente expressam a noção de que as sociedades humanas devam suportar a contínua 'condenação pelo fogo' como parte do grande plano de Deus. A maioria dos apocalipses então se desviam da alegoria padrão da fênix ao proclamar que este processo culminará em uma grande batalha final seguida por uma utopia. Estas crenças encorajam as pessoas a tolerarem, até mesmo receberem bem, um mundo de incessante dureza física, conflito e morte: o tipo de mundo que os escritos antigos dizem que os tutores desejavam para sua raça trabalhadora viver. As profecias do dia do julgamento até mesmo estimulam outras pessoas a trabalharem para a realização de uma batalha final porque estes crentes pensam que isto significará o amanhecer da Utopia.

Ensinamentos de fim do mundo foram amplamente disseminados na Pérsia em algum ponto entre 750 AC e 550 AC pelo famoso profeta persa chamado Zoroastro.* Zoroastro é citado pelos historiadores como um dos profetas iniciais a pregar o tipo de monoteísmo criado primeiramente por Akhenaton. Zoroastro era um mistico e sacerdote ariano que também ensinou alguma forma de arianismo. A Pérsia era, naquele tempo, uma nação ariana dominada por uma casta ariana sacerdotal. Alguns ramos da irmandade hoje afirmam que Zoroastro foi um emissário da antiga irmandade.

A cosmologia de Zoroastro (a teoria do universo) foi baseada no conceito de uma luta entre o bem o mal. Zoroastro disse que esta luta ocorreria por um período de 12.000 anos divididos em quatro estágios.

* Zoroastro provavelmente viveu mais perto de 550 AC do que de 750 AC, embora haja um debate sobre este assunto. Tradicionalmente, foi colocado a 258 anos antes de Alexandre, o que alguns eruditos interpretam como 258 anos antes que Alexandre o grande destruísse o primeiro Império Persa em 330 AC.

Zoroastro também é conhecido como Zaratustra – um nome que forneceu a inspiração para o famoso trabalho sinfônico composto por Richard Strauss – *Assim Falou Zaratustra*. A composição de Strauss se tornou a música tema do filme americano *2001: Uma Odisseia no Espaço*.

O primeiro estágio consistia apenas na existência espiritual durante um tempo, no qual um deus chefe projetou o universo físico. Durante o segundo estágio, o universo material foi criado, seguido pela entrada do oponente do deus chefe no novo universo com o propósito de criar problemas. A terceira fase consistia em uma batalha entre o deus chefe e seus rivais sobre o destino das muitas almas que vieram a ocupar o universo. No quarto e último estágio o deus chefe enviava uma sucessão de salvadores que poderiam, finalmente, derrotar o oponente e trazer salvação a todos os seres espirituais no universo. Segundo o modelo de Zoroastro o mundo está no quarto estágio. Zoroastro parece ter sido um reformador honesto e sincero. Ele ensinou algumas lições boas sobre a natureza da ética e sua importância para a salvação espiritual. Ele ressaltava que as pessoas tinham livre arbítrio. Em outros assuntos, contudo, a religião de Zoroastro ficou aquém do ideal. Para entender o porque, precisamos apenas olhar o 'Deus' de Zoroastro.

O Deus de Zoroastro era chamado Ahura Mazda, que significa 'senhor' ou 'espírito' ('ahura') do 'conhecimento' ou 'sabedoria' ('mazda'). Zoroastro afirma que quando ele era um sacerdote de 30 anos, Ahura Mazda havia aparecido diante dele e dito que ele, Ahura Mazda, era o Deus verdadeiro. Ahura Mazda então procedeu a partilhar com Zoroastro muitos dos ensinamentos que constituíram o Zoroastrismo. Quando olhamos para ver que tipo de criatura era Ahura Mazda, descobrimos boa evidência de que ele nada mais era que um tutor fingindo ser 'Deus'. Ahura Mazda é apresentado em alguns lugares como uma figura humana barbada que está de pé em um objeto circular estilizado. Do objeto circular se projetam duas asas estilizadas para indicar que ele voa. O objeto voador redondo tinha dois suportes salientes sob ele que se assemelham a pernas para pouso.

Em outras palavras, Ahura Mazda era um 'Deus' de aparência humana que voava em um objeto voador redondo com apoios para pouso: um tutor. A implicação é que, o monoteísmo de Zoroastro com sua mensagem apocalíptica foi disseminado na Pérsia com a ajuda tutelar, praticamente do mesmo modo que o judaísmo havia sido disseminado sob Moisés.

Como notado anteriormente, Zoroastro era um ariano vivendo em uma região governada por outros arianos. O domínio ariano era tão forte que o nome da Pérsia foi eventualmente mudado para 'Irã', que é um derivativo da palavra 'ariano'. Os escritos do Zoroastrismo falam de um Deus lutando pelas nações arianas e ajudando-as a terem boas colheitas. Através de seus escritos, (primariamente o *Zend Avesta*), e por seusensinamentos misticos secretos, o Zoroastrismo fez muito para disseminar as filosofias do arianismo para outras organizações dentro da rede da irmandade. Devemos ver outros exemplos mais tarde.

As doutrinas apocalípticas continuaram a se disseminar depois da morte de Zoroastro, especialmente pelos profetas hebreus. Os avisos destes profetas hebreus podem ser encontrados nos livros posteriores do Velho Testamento. Um destes profetas foi Ezequiel, cuja bizarra descrição de objetos voadores vimos no capítulo 7. Segundo a narrativa de Ezequiel, ele foi levado a bordo de uma nave estranha com o específico propósito de receber uma mensagem apocalíptica a ser disseminada, novamente indicando que os tutores eram os definitivos criadores dos ensinamentos do dia do julgamento.

Quando se aproximava o ano 1 de nossa era, a religião hebráica tinha se tornado bem assentada no Oriente Médio. Ela estava, contudo, passando por mudanças, algumas das quais eram causadas pela extensão do Império Romano para a Palestina. Os Romanos, que, eles próprios, haviam sido dirigidos para a conquista por estranhas religiões misticas com definidos subtons da irmandade, frequentemente tornavam a vida difícil para os judeus. Neste ambiente, um número de seitas judaicas surgiram e que, frequentemente, estavam em disputa umas com as outras, exceto a respeito de um só assunto: os romanos não eram bem-vindos na Palestina. Algumas seitas hebraicas, tais como a dos Saduceus, proclamavam a vinda de um Messias de 'Deus'. Um Messias que deveria prevalecer na luta eterna do bem contra o mal e trazer a liberdade aos judeus oprimidos. Esta idéia se tornou muito popular entre os hebreus da Palestina, mesmo que sua forte conotação politica a tornasse perigosa.

As profecias messiânicas do Velho Testamento começaram já em 750 AC com o profeta Isaías. Os apocalipses judeus apareciam esporadicamente, depois disso, ainda que com bastante frequência para manter vivo o medo de um cataclismo mundial. Exemplos incluem o profeta Joel por volta de 400 AC e Daniel por volta de 165 AC. Ironicamente as profecias eram muitas duras e expressavam uma hostilidade tremenda contra o próprio povo judeu, mesmo que fosse para que os judeus se beneficiassem delas. Os videntes do Velho Testamento descreviam as pessoas de Israel como perversas e pecadoras. Eles citaram 'Jehovah' ameaçando todos os tipos de calamidade contra o povo de Israel e contra os opressores de Israel. Ninguém deveria ser poupado. Para dar sabor a estas previsões, aqui está uma citação do último livro no Velho Testamento, escrito pouco antes de 445 AC:

> *Olhe, virá o dia em que tudo queimará como um forno; e todo o orgulho, e todos aqueles que agem perversamente, devem sucumbir: e o dia que vem deve queimar a todos, disse o Senhor das hostes (anjos) que não lhes deixará raiz ou ramo.*
> *Mas para você que teme o meu nome deve o Sol da Justiça se elevar com a cura em suas asas; e você deve ir adiante e crescer como os bezerros no estábulo.*
> *E você andará sobre os perversos; porque eles devem estar em cinzas sob as solas de seus pés no dia em que eu deva fazer isto – disse o Senhor das hostes.*
> *Lembre-se da lei de Moisés, meu servidor, que eu mandei a ele em Horeb para todo Israel, com os estatutos e julgamentos.*
> *Observe, eu lhe enviarei Elias o profeta antes de vir o grande e pavoroso dia do Senhor:*
> *E ele mudará os corações dos pais para as crianças e os corações das crianças para os seus pais, de forma a que eu não venha de destrua a terra com uma maldição.* MALAQUIAS 4:1-6

A passagem acima prega a vinda de um mensageiro especial de Deus chamado Elias, que era a competição hebraica contra o Mettaya da religião budista. Os Budistas, talvez sentindo uma demonstração de superioridade ou caindo presas das corrompidas influências da irmandade, redefiniram a lenda de Mettaya para se assemelhar aos apocalipses monoteístas. Isto criou uma ilusão de que os hebreus e os budistas estavam esperando a mesma pessoa quando, de fato, não estavam. Os monoteístas da irmandade estavam (e ainda estão) esperando por um mensageiro de Deus acoplado ao dia do

julgamento. Os budistas estavam simplesmente esperando um amigo que é esperto e se preocupa o suficiente em terminar o trabalho de Buda sem a necessidade de que o mundo inteiro termine. Os hebreus modernos ainda estão esperando que Elias apareça, enquanto que os cristãos acreditam que Elias foi João Batista, o homem que batizou Jesus Cristo.

Os profetas do Velho Testamento expressaram uma outra ideia importante. 'Jehovah' continuaria a manipular as pessoas para a guerra:

> *Porque eu (Deus) reunirei todas as nações contra Jerusalém para a batalha… Então deve o Senhor ir adiante e lutar contra estas nações…*
>
> Zacarias 14:1-2 (escrito por volta de 520 AC)

Esta é uma citação surpreendente porque ela afirma que a intenção de Deus é fazer com que muitas nações entrem em conflito ao inicialmente apoiar um lado e então apoiar o outro. Tais ações são, literalmente, Machiavelli. A intenção de Deus em fazer com que irmão lute contra irmão foi expressa no mesmo ano pelo profeta Haggai:

> *E eu derrubarei o trono dos reinos, e eu destruirei a força do gentio, e eu derrubarei as carruagens, e aqueles que as dirigem, e os cavalos e sua montaria devem cair, todo mundo pela espada de seu irmão.*
>
> HAGGAI 2:22

Os que creem na bíblia ainda pensam que um ser supremo esteja por trás das viciosas intenções maquiavélicas descritas na Bíblia. A teoria dos 'antigos astronautas' parece fornecer uma verdadeira inovação ao apontar para uma sociedade tecnológica brutal, não para um ser supremo, como a fonte mais provável de tais maquinações.

Quando as pessoas aderem a profecias apocalípticas, elas geralmente o fazem porque elas acreditam em predestinação. A predestinação é a ideia de que o futuro já está criado e é inalterável e que algumas pessoas têm uma habilidade especial para ver este futuro.

A predestinação realmente existe?

Por questão de discussão, vamos assumir que sim: em um dado momento no presente, já existe um futuro criado que é tão sólido e real quanto qualquer momento no passado ou presente. Talvez o tempo não seja tão linear como temos acreditado.

Se um tal futuro já existe, isto significa que seja inevitável a sua ocorrência?

Não.

Aqui está um simples exercício em duas partes que ilustra isto:

Parte 1: Encontre um medidor de tempo e anote a hora. Calcule a hora que será em exatos 30 segundos. Agora decida exatamente onde você estará quando aquele momento dos 30 segundos chegar. Olhe o relógio e assegure-se de estar no ponto em que escolheu.

Você acabou de criar uma profecia e a cumpriu.

Parte 2: Olhe novamente o relógio e decida uma nova localização. Dez segundos antes que chegue o momento dos trinta segundos, repense se você que realizar a profecia. Se você o fizer, esteja no lugar que decidiu; se não, escolha um novo local ao acaso e esteja lá quando o momento dos trinta segundos chegar.

Repita o exercício acima inúmeras vezes.

Qual das duas partes acima criaram o futuro mais forte e mais sólido? A resposta com certeza foi a Parte 1. Quais dos futuros um profeta mais provavelmente veria? Novamente a resposta é a Parte 1. O ponto estabelecido aqui é que o futuro é formado, grandemente, pela intenção sustentada pela ação; quanto mais forte a intenção e melhor apoiada pela ação, mais sólido o futuro tenderá a ser.

Portanto o futuro é maleável. Uma realidade futura, não importa quão sólida seja ela ou quantos profetas tenham concordado com a sua existência, pode ser mudada. Ela apenas e irreversível se as pessoas continuam a realizar, ou deixam de realizar, estas ações que farão com que o futuro venha, e ninguém faz algo suficientemente eficaz para se contrapor a estas ações ou inações.

Algumas pessoas argumentarão que o verdadeiro vidente preveria a mudança na mente na Parte 2 do exercício acima. Se isto é verdadeiro, então o profeta conquistou uma habilidade extraordinária de influenciar o futuro, porque ele agora pode contactar o sujeito de sua visão e persuadir esta pessoa a mudar sua mente ou o vidente pode tomar ações para assegurar ou evitar as consequências da decisão.

A profecia tem realmente apenas um valor: como um instrumento para mudar ou assegurar o futuro. O problema com um vidente que prevê um evento trágico que mais tarde se torna verdadeiro é que ele ou ela adivinhou informação insuficiente para fazer algo a respeito. Por exemplo, o famoso profeta americano Edgar Cayce previu um holocausto mundial na década de 1990. Por causa da reputada habilidade do Sr. Cayce em prever tais coisas, muitas pessoas estão convencidas de que tal evento se encontre no futuro. Talvez se encontre. Infelizmente, o Sr. Cayce não foi capaz de expandir esta previsão o suficiente para oferecer uma informação detalhada a ser usada para alterar os eventos que ele previu. Sua profecia, portanto, está pavorosamente incompleta.

Como veremos neste livro, tem havido muitos episódios de ‘fim do mundo’ na história mundial. Todos eles têm cumprido as profecias religiosas exceto em um ponto crucial: nenhum deles trouxe uma nova era de paz e salvação, como prometeram. A despeito deste pálido recorde, muitas pessoas hoje estão pregando que ainda há mais um outro ‘fim do mundo’ ou ‘batalha final’ para trazer uma vida melhor.

Pouco antes do ano 1 da nossa era, um controvertido líder religioso nasceu e tentou evitar ser declarado um Messias apocalíptico. Ele não foi bem-sucedido e seria pregado em uma cruz de madeira como resultado. Hoje o conhecemos como Jesus Cristo. E a dele é uma história importante.

12 - O Ministério de Jesus

A história que a maioria das pessoas conhece sobre Jesus é contada no Novo Testamento. O Novo Testamento, como grande parte do Velho Testamento, é em muitos lugares uma versão grandemente alterada das narrativas originais nas quais é baseado. Além disso, provavelmente menos de 5% de tudo que Jesus e seus seguidores originais ensinaram é encontrado na Bíblia.

Muitas das mudanças e exclusões ao Novo Testamento foram feitas por concílios especiais da igreja. O processo de edição começou já em 325 de nossa era, durante o primeiro concílio de Nicéia e continuou bem até bem adentro do século XII. Por exemplo, o segundo sínodo (concílio da Igreja) de Constantinopla em 553 de nossa era, deletou da Bíblia. as referencia de Jesus à reencarnação – um conceito importante para Jesus e seus seguidores iniciais. Mais tarde, os concílios Luteranos do século XII acrescentaram um dogma na Bíblia que nunca foi ensinado por Jesus: o conceito da 'Santíssima Trindade'. A Igreja cristã não se limitou a mudar umas poucas idéias; ela também rejeitou livros inteiros. A Igreja destruiu muitos destes documentos e registros que contradiziam as mudanças radicais que eram feitas na doutrina cristã por estes concílios. Felizmente, os escritos originais que sobreviveram ao processo de edição ainda oferecem pistas valiosas e insights da vida de Jesus.

Muitos escritos rejeitados pelos concílios da Igreja encontraram seu caminho em um livro conhecido como 'Apocrypha' ('escritos ocultos').* Os Apócrifos consistem em escritos aos quais eram atribuídos serem de origem ou qualidade duvidosa pela Igreja. Alguns destes materiais foram corretamente rejeitados. Outros trabalhos apócrifos foram omitidos simplesmente porque eles contradiziam a versão oficial da Igreja da vida de Jesus em vários detalhes cruciais. Estes são detalhes que, se cuidadosamente pesquisados, ofereceriam uma visão geral de certa forma diferente sobre a vida de Jesus daquela apresentada na Bíblia autorizada.

Segundo os Apócrifos, a história de Jesus começa com seus avós maternos, Joaquim e Ana. Diz-se que Joaquim era um sacerdote em um templo hebreu. Joaquim e Ana tinham um casamento feliz, exceto por um problema: eles não eram capazes de produzir filhos. Isto foi uma fonte de considerável embaraço para eles. Gerar filhos, especialmente meninos, era muito importante naquela era.

Um dia Joaquim estava de pé sozinho nos campos quando um anjo apareceu. O anjo foi descrito como saindo de uma tremenda quantidade de luz e causando medo em Joaquim, por sua aparência. O anjo preservou Joaquim e disse a ele que não mais ficasse envergonhado porque o anjo faria com que Ana ficasse grávida. A única estipulação para esta honra era que Joaquim e sua esposa deveriam entregar a criança para ser criada pelos sacerdotes e anjos em um templo em Jerusalém.

*Não confundir com 'apocalypse', que é uma 'revelação'.

Tudo seguiu segundo o plano. Com a idade de três anos, a pequena filha de Joaquim e Ana foi levada ao templo e deixada lá. Maria era uma criança maravilhosa que permaneceu devotada aos sacerdotes e anjos pelos 11 anos seguintes. Quando Maria e as outras crianças no templo chegavam a idade de 12 a 14 anos (duas idades diferentes dadas por fontes diferentes) era tempo delas voltarem ao mundo e se casarem.

Contudo, Maria não era livre para escolher seu próprio marido. Seus mentores escolherem um para ela. O escolhido para Maria era um homem muito velho chamado José. José, de início, não concordou com o casamento porque ele estava muito velho e já tinha seus próprios filhos. Depois que esforços foram feitos para que ele mudasse de idéia, José consentiu em se casar e foi para a casa dele em Belém para prepará-la para sua nova esposa. Maria foi para a casa de seus pais Joaquim e Ana, na Galiléia, para se preparar.

Enquanto Maria estava na Galileia, um anjo chamado Gabriel apareceu diante dela anunciando que ela daria nascimento ao novo Messias. Maria estava confusa:

> *Ela disse, Como pode ser isso? Pelo visto, segundo meu voto (de castidade), eu nunca tive contacto sexual com homem algum, como posso gerar uma criança sem a adição da semente de um homem?*
> *A isto o anjo respondeu e disse: Não pense, Maria, que você concebera do modo comum.*
> *Porque, sem dormir com um homem, enquanto virgem, você conceberá e enquanto Virgem dará leite de seus seios.*
> *Porque o Espírito Santo virá sobre você e o poder do Mais Alto abrigará você, sem qualquer calor da luxuria.*
> *Então o que você dará nascimento será apenas sagrado, porque será concebido sem pecado e sendo nascido, deverá ser chamado de Filho de Deus.*
> *Então Maria, unindo as mãos e elevando os olhos aos céus, disse: "Perceba a criada do Senhor! Que seja feito a mim o que você disse.*
>
> MARIA VII: 16-21

Vários pesquisadores acreditam que as histórias dos 'nascimentos virgens' podem ser baseadas em casos de inseminação artificial. O nascimento virgem significa apenas que a mulher não foi engravidada por um homem mas que, ao invés, gerou um filho pela ação de um 'anjo'. Se considerarmos que muitos anjos no Novo Testamento são tutores, a inseminação artificial se torna uma distinta possibilidade.

A conversa acima entre Maria e o anjo expressa uma forte crença espiritual e moral ligada ao ato da concepção. A fecundação por um anjo era considerada sagrada e desejável, mas a concepção por humanos era, frequentemente, considerada pecado. Para alguém engajado em inseminação artificial haveria uma razão prática para criar uma tal distinção. A inseminação artificial ajuda a manter o controle sobre as características físicas do futuro bebê, algo que não pode ser assegurado no cruzamento humano aleatório. Ao inseminar artificialmente duas ou mais gerações em uma linhagem, a pureza do produto final é grandemente aumentada.

Isto é praticado hoje por cruzadores de animais que controlam estritamente a inseminação e o cruzamento dos rebanhos de geração em geração para trazer animais cada vez mais fortes, mais puros e maiores. A este respeito, é significativo que a prole dos alegados nascimentos virgens foram descritas, frequentemente, como fisicamente perfeitas e de aparência usualmente bela. Conquanto alguma desta lisonja fosse, sem dúvida, devido à tendência dos seguidores de verem seus lideres religiosos sob a melhor luz possível, as histórias de gravidez induzida por um anjo durante gerações consecutivas, tais como a história que cerca Jesus, fortemente sugeriria um esforço de entrecruzamento. Esta discussão não significa lançar o desrespeito sobre a personalidade de Jesus ao sugerir que seu corpo foi gerado como se geram vacas, mas esta é a imagem que emerge.

O desdém expressado aos sacerdotes pelos 'anjos' bíblicos quanto ao método humano de concepção foi, aparentemente, baseado em meras preocupares práticas para assegurar um bom cruzamento, mas não obstante, isto foi levado ao coração pelos sacerdotes iniciais e se tornou um importante elemento de muitas religiões monoteístas. Nos dias bíblicos, os seres humanos eram também pesadamente propagandeados como muito pecadores, para justificar o tratamento bárbaro que os humanos sofriam nas mãos de seu 'Deus' e 'anjos' tutelares. Ao estender este conceito de pecado ao método humano de procriação, cada pessoa concebida durante o intercurso sexual era para ser considerada nascida em pecado e portanto, espiritualmente condenada. Que dilema assustador isto criou! A cada vez que um homem e uma mulher concebiam e davam nascimento a uma criança eles tinham condenado um ser espiritual; ainda assim, os impulsos humanos que produzem crianças são fortes. O ensinamento religioso de automática condenação espiritual por causa da procriação humana gerou um conflito poderoso entre a direção para a liberdade espiritual e a motivação física para se reproduzir. O resultado foi uma intensa ansiedade sobre o assunto do sexo e um aumento da atividade sexual não procriativa, tais como a homossexualidade, o autoerotismo, as formas não procriativas de intercurso, a pornografia, o voyeurismo e o aborto. A ironia nisto é clara. Estas religiões que mais fortemente tem condenado o 'pecado inerente' em todos os seres humanos têm também sido aquelas que mais vocalmente se opõem ao sexo não procriativo.

Estes ensinamentos tinham um outro efeito importante. Eles ajudaram a reduzir a resistência humana em se engajar em uma guerra; é mais fácil para uma pessoa religiosa matar alguém se ela acredita que a vítima é inerentemente pecadora. Felizmente, hoje, a maioria das pessoas não acredita mais que a concepção humana seja inerentemente pecadora, incluindo a maioria dos clérigos. Se algo como dar à luz a crianças é visto como um evento de felicidade, é isto exatamente o que deve ser. A despeito disso, ainda encontramos algumas das velhas idéias se imiscuindo. Um pequeno número de filósofos, psiquiatras, líderes religiosos e sociologistas continuam a proclamar que os seres humanos são inerentemente 'maus' ou 'malignos', seja em base religiosa ou 'científica'. Isto contribui pouco para a nossa cultura, exceto para manterem vivas a ansiedade sexual e a guerra.

Depois da experiência de Maria com o anjo, José viajou de sua casa em Belém para buscar Maria na Galileia. Para seu pesar, José descobriu que sua jovem noiva já estava com vários meses de gravidez. Pensando que Maria havia se tornado uma prostituta, José fez

preparativos para abandoná-la. Um anjo interveio e convenceu José que Maria ainda era uma virgem. José ficou com Maria na Galileia até seu nono mês de gravidez. No nono mês, José e Maria foram para a casa de José em Belém para que a criança nascesse lá. Segundo os livros Apócrifos, o par não chegou a casa de José a tempo. Maria entrou em trabalho de parto perto dos arredores de Belém e um abrigo tinha que ser imediatamente localizado para ela. O que eles encontraram foi uma caverna. Nesta caverna o jovem Jesus nasceu:

> *E quando eles chegaram na caverna, Maria confessou a José que tinha chegado o tempo dela dar a luz e que ela não podia ir até a cidade, e disse, 'Vamos entrar nesta caverna.*
> *Naquele momento o sol estava quase se pondo.*
> *Mas José se apressou de forma a poder levar até ela uma parteira; e quando ele viu uma velha mulher hebreia que era de Jerusalém, ele disse a ela, Por favor, venha aqui, boa mulher, e e entre naquela caverna, e você vera uma mulher que esta pronta para dar a luz.*
> *Isto foi depois do por do sol, quando a velha mulher e José chegaram à caverna e eles entraram nela.*
> *E olhe, ela estava toda cheia de luzes, maiores que as luzes das lâmpadas e velas, e maiores do que a luz do próprio sol.*
> *O infante estava então enrolado em mantas, e mamando no seio de sua mãe, Santa Maria.*
>
> INFÂNCIA 1:6-11

As luzes não usuais na caverna indicam a algumas pessoas a existência de iluminação de alta tecnologia de algum tipo. Isto pode não ser surpreendente quando descobrimos um outro fenômeno de alta tecnologia que cerca o nascimento de Jesus; a chamada 'Estrela de Belém'.

Praticamente todo mundo no mundo cristão conhece a história dos três homens sábios que seguiram uma estrela brilhante até o bebê Jesus em Belém. A maioria dos cristãos acredita que esta estrela não usual, conhecida como 'Estrela de Belém', era de origem sobrenatural - uma criação de Deus. Alguns cientistas, se não descartaram a história como um mito religioso, acreditam que a estrela tenha sido o cometa Haley fazendo uma passagem baixa sobre a terra, ou um raro alinhamento de Vênus e uma estrela brilhante. Vários escritores OVNI, por outro lado, avaliam que a Estrela de Belém fosse uma aeronave que guiou os três homens sábios de suas casas na Pérsia para Belém, do mesmo modo que Moisés e as tribos hebreias tinham sido guiadas por um 'Jehovah' voador, mais cedo na história. Surpreendentemente, Os apócrifos mesmos dão melhor suporte à teoria Ovni. Um livro apócrifo cita um desses sábios:

> *Vimos uma grande estrela extraordinàriamente brilhante entre as estrelas do céu, que ofuscava todas as demais estrelas de tal maneira que elas não eram vistas.*
>
> PROTOEVANGELHO 15:7

Isto exclui o cometa Haley que nunca foi tão brilhante. Um alinhamento de Vênus e as estrelas não ocultaria as demais, como se afirma acima.

Não só a estrela de Belém ofuscou as outras estrelas, ela se movia.

> *Assim, os homens sábios começam sua viajem e olham a estrela que eles viram para o leste e ia à frente deles, até que veio e parou acima da caverna aonde o menino o estava com sua mãe, Maria.*
>
> PROTOEVANGELHO 15:9

Depois de guiar os três homens ao lugar de nascimento de Jesus, esta extraordinária e inteligente estrela os acompanhou no regresso ao lar:

> *...a luz a qual eles seguiam até que regressaram a seus própios países.*
>
> INFÂNCIA 3:3

As passagens precédentes oferecem evidência adicional da participação dos tutores na concepção e nascimento de Jesus. Quem eram, então, os três homens sábios? Geralmente se diz que eram místicos e astrólogos. Observa-se, claramente, que eles foram doutrinados nas profecias messiânicas da irmandade porque, do contrário, não teriam feito a viajem. Significativamente, eles eram nativos da Pérsia, baluarte do Zoroastrismo e do arianismo naqueles tempos.

Muitos cristãos acreditam que Jesus nasceu em um estábulo de animais nas cercanias da cidade de Belém. De fato, assim o diz Lucas em seu livro do Novo Testamento. Sem dúvida, os que abordam a estória de nascimento na caverna sustentam que Jesus não foi levado ao estábulo até vários dias despois de nascido. Maria, segundo se diz, teve que esconder Jesus alí, porque sua vida estava ameaçada pelo rei Herodes, um monarca local que estava alarmado com as profecias do messias hebreu.

Se é verdade que Jesus nasceu em uma caverna, porque o escritor de *Lucas* e outros lideres iniciais da igreja, afirmam que a primeira cama de Jesus foi uma manjedoura?

Era a intenção daqueles que apoiavam Jesus proclamarem-no como o Messias Hebreu. Para que esta assertiva fosse verdadeira, eles precisavam provar que Jesus era um descendente direto do rei hebreu David. Tal linhagem era necessária pelas profecias hebraicas. Um número de historiadores religiosos, contudo, concluíram que Jesus pertencia a uma seita religiosa hebraica conhecida como ‘Essênios’. Joaquim, Ana e Maria podem todos terem sido membros de templos Essênios. O nascimento na caverna tende a reforçar esta conclusão, porque os Essênios eram bem conhecidos por usarem cavernas como abrigos e hospedagens. Se Jesus foi um Essênio, ele não poderia ter sido descendente do Rei David. Eis o porque:

Os Essênios eram aparentemente judeus, mas eles também estudavam o *Zend Avesta* da religião de Zoroastro e dizia-se que praticavam o arianismo. Isto ajudaria a explicar a visita dos três homens sábios da Pérsia ao bebê Jesus em Belém. Também aparenta que, ser

ariano era uma exigência para se tornar um Essênio. O próprio Jesus tinha pele branca e cabelos vermelhos. Por causa do pré-requisito racial para se tornar um essênio, nenhum verdadeiro essênio poderia ter sido um descendente direto do Rei David, porque as tribos hebreias tinham uma linhagem diferente.

Muito do que sabemos hoje sobre os Essênios vem de uma famosa descoberta arqueológica de meados do século XX: Os manuscritos do Mar Morto. Os manuscritos são uma biblioteca de documentos muito velhos datando do primeiro século de nossa era. Eles foram escritos por membros de uma comunidade essênica e escondidos por eles em cavernas perto do Mar Morto. Os Manuscritos foram descobertos em 1947 (ou possivelmente 1945) por um jovem beduíno tribal.

Segundo o historiador John Allegro, que analisa os Manuscritos em seu livro, *The People of the Dead Sea Scrolls*, os Essênios tinham muitas características de uma sociedade secreta. Por exemplo, a admissão de uma pessoa na ordem essênia era realizada apenas depois de vários anos de provação. Os essênios praticavam rituais de iniciação nos quais eles juravam nunca revelar seus ensinamentos secretos. Eles também mantinham confidenciais os nomes dos 'anjos' que eles afirmavam viver entre os essênios em suas comunidades fechadas. Os sacerdotes essênios se autodenominavam, frequentemente, "Os Filhos de Zadok" em homenagem ao alto sacerdote Zadok, que havia servido no templo de Salomão.

À luz destas descobertas, não é surpreendente que vários ramos da irmandade tenham afirmado, muito antes da descoberta dos manuscritos do Mar Morto, que a organização essênia era um ramo da irmandade na Palestina, talvez o ramo mais importante naquela região. A *Historia da livre maçonaria* de Albert MacKey, publicada em 1898, confirma isto ao relatar que os essênios tinham um sistema de graus e usavam um avental simbólico.

Há muita evidência de que Jesus permaneceu um essênio por toda sua vida adulta. O historiador Will Durant, escrevendo em seu trabalho, *Caesar and Christ* (*The Story of Civilization*, Part III), ressalta que os essênios eram a única seita com uma tradição judáica que não se opunha às tentativas iniciais de Jesus de inovação religiosa. Das três maiores seitas hebraicas existentes na Palestina daquele tempo, Jesus condenava apenas os fariseus e os saduceus por seus vícios e hipocrisia, não os essênios. Os essênios e os cristãos partilham muitos traços em comum: eles mantêm crenças similares sobre viver "Nos últimos dias", partilham refeições comuns, se engajam em rituais de banhos e batismos e tinham alguns pontos organizacionais em comum. Notáveis similaridades entre várias doutrinas dos manuscritos do Mar Morto e os escritos do Novo Testamento também tem sido notadas. Os historiadores apontam a amizade pessoal e íntima de Jesus com João Batista. Muitas práticas batismais e ascéticas (auto negação) dos essênios eram partilhadas por João. Conquanto em outros aspectos João diferia do que hoje conhecemos das praticas padrão dos essênios, as similaridades são suficientemente fortes para sugerir que João, ele próprio, era um essênio. Finalmente, temos a presença ativa de 'anjos' reportadamente guiando ambos essênios e o ministério de Jesus.

A despeito da forte evidência, alguns teólogos ainda discutem se Jesus foi um Essênio. As objeções deles são baseadas, primariamente, no fato de que muitos dos ensinamentos de Jesus contradiziam os modos essênios. Havia uma boa razão para esta contradição. Jesus, embora um essênio, tinha entrado em contacto com o movimento dissidente hindu e como resultado, tinha ele próprio se tornado um dissidente revoltoso. Ele tentou liderar uma filosofia religiosa que estava, frequentemente, em disputa com seus patrocinadores essênios e ele sofreria por isto.

A maior parte da informação do Novo Testamento sobre a vida de Jesus cobre apenas os três anos imediatamente antes de sua crucificação. Estes foram os anos do ministério público de Jesus. Durante este tempo, Jesus não viveu dentro das comunidades essênias pela simples razão de que ele estava engajado em um ministério viajante que o ocuparia até a sua crucificação. A cada essênio era dado, ou criava ele próprio, um chamado ou uma meta de vida a que buscar. Jesus buscava a sua como um professor na estrada.

Tanto no Novo Testamento quanto nos livros Apócrifos, a vida de Jesus parece estar muito bem coberta até aproximadamente a idade de 5 ou 6 anos. Então, abruptamente, há um completo vazio de informação sobre onde Jesus foi ou o que ele fez. Descobrimos no Novo Testamento um episódio de Jesus aparecendo diante dos sábios hebreus com a idade de 12 anos, seguido de 18 anos de silêncio nos quais as atividades de Jesus não são relatadas. Repentinamente, por volta da idade de 30 anos, Jesus reemergiu e lançou sua curta e tumultuada carreira religiosa. Onde Jesus teria ido e o que ele havia feito durante estes anos desconhecidos?

A maioria dos cristãos acredita que Jesus passou sua adolescência e jovem idade adulta trabalhando para seu pai como um carpinteiro. Sem dúvida, Jesus ocasionalmente visitou seu pai e aprendeu carpintaria durante suas visitas. Muitos historiadores, contudo, sentem que havia muito mais acontecendo na vida de Jesus e eles tem tentado descobrir o que mais Jesus pode ter feito durante estes anos críticos quando seus pensamentos, personalidade e motivos estavam se desenvolvendo. Como se demonstra, Jesus estava sendo intensivamente treinado para seu futuro papel religioso.

Era comum que os meninos essênios entrassem em um monastério essênio por volta da idade de cinco anos para começar sua educação. Isto responderia pelo súbito desaparecimento de Jesus da história naquela idade. Alguns pesquisadores acreditam que Jesus foi criado e educado na comunidade essênia acima de Haifa às margens do mar Mediterrâneo. Aparentemente, ele lá permaneceu até sua adolescência. Com a idade de 12 anos ele fez uma viagem a Jerusalém em preparação para o seu bar mitzvah no ano seguinte. Foi durante esta viagem que Jesus teve o debate com os sábios hebreus. Jesus então desapareceu da história novamente. Agora para onde ele foi?

Vários anos atrás aconteceu de eu ver um intrigante filme documentário de Richard Bock intitulado, *Os Anos Perdidos*. Este filme regularmente é exibido nas estações de televisão americanas perto do Natal e da Páscoa. Vale muito a pena assistir. O filme sugere que Jesus viajou à Ásia onde passou sua adolescência e início da idade adulta estudando as religiões lá praticadas. Uma fonte da qual o cineasta retirou esta notável conclusão foi ‘A

Historia de Issa', um documento budista muito antigo supostamente descoberto no Monastério Himi da Índia pelo viajante russo Nícolas Notovitch em 1887. Notovitch publicou sua tradução da história budista em 1890 em seu livro *A Vida Desconhecida de Jesus*.

Segundo a lenda budista descoberta por Notovitch, um notável jovem chamado 'Issa' tinha partido para a Ásia aos 13 anos. Issa estudou com vários mestres religiosos do oriente, fez algumas pregações próprias e retornou à Palestina 16 anos depois aos 29 anos. Os significativos paralelos entre as vidas de 'Issa' e Jesus levaram à conclusão de que Issa era, de fato, Jesus. Se verdadeira, uma tal jornada certamente seria omitida da Bíblia porque ela contradiz a idéia de que Jesus alcançou a iluminação espiritual apenas por inspiração divina.

Se Jesus era um essênio e viajou para a Ásia sob o patrocínio dos essênios e se os essênios de fato seguiam uma tradição ariana, esperaríamos que Jesus fosse estudar sob os brâmanes arianos do subcontinente hindu. Segundo a História de Issa, isto foi precisamente o que aconteceu:

> No seu décimo quarto ano, o jovem Issa, o Abençoado, veio a este lado de Sindh (uma província no Paquistão ocidental) e se estabeleceu entre os Arias (Arianos)…

Depois da chegada de Jesus, 'os sacerdotes brancos de Brahma o receberam muito bem e alegremente' [2] e ensinaram-lhe, entre outras coisas, a ler e entender os Vedas e a ensinar e expor as escrituras sagradas hindus. Esta recepção calorosa rapidamente se tornou amarga, contudo, porque Jesus insistia em se associar às castas inferiores. Isto levou a um atrito entre o teimoso Jesus e seus anfitriões brâmanes. Segundo a lenda:

> Mas os Brahmins e os Kshatriyas (membros da casta militar) disseram a ele que eles eram proibidos pelo grande Para-Brahma (deus Hindu) de chegarem perto daqueles que foram criados de sua barriga e de seus pés (a origem mistica das classes inferiores);
> Que os Vaisyas (membros das castas de mercadores e agricultores) podem apenas ouvir o recital dos Vedas, e isto apenas nos dias de festival, e
> Que os Sudras (uma das castas mais inferiores) não eram apenas proibidos de comparecerem as leituras dos Vedas, mas até mesmo de olhar para elas; porque eles eram condenados à servidão perpétua, como escravos dos Brahmins, dos Kshatriyas e até mesmo dos Vaisyas.
> Mas Issa, desrespeitado suas palavras, permaneceu com os Sudras, pregando contra os Brahmins e os Kshatriyas.
> Ele se declarou fortemente contra o homem se arrogar a autoridade de privar seus semelhantes de seus direitos humanos e espirituais. 'Em verdade', ele disse, 'Deus não fez diferença entre seus filhos, que são todos igualmente queridos para Ele'.
> Issa negou a inspiração divina dos Vedas e os Puranas (uma classe de escritos sagrados)...[3]

Os sacerdotes e guerreiros brancos ficaram tão zangados que eles enviaram serventes para matarem Jesus. Avisado do perigo, Jesus fugiu da cidade sagrada de Djagguernat à noite e escapou para o país budista. La ele aprendeu a língua Pali e estudou os sagrados escritos budistas ('Sutras'). Depois de seis anos, Jesus 'podia perfeitamente expor os manuscritos budistas sagrados.'[4]

A lenda de Issa tem algumas implicações notáveis. Ela apresenta Jesus como um sincero reformador religioso que se encontrou voltando-se contra as tradições tutelares/arianas nas quais ele havia sido criado. Suas simpatias foram então para os budistas dissidentes. A influência budista nos ensinamentos de Jesus são evidentes na Bíblia, como no 'sermão da montanha' de Jesus, que contem alguma filosofia fortemente similar ao budismo de sua época.

Depois de aproximadamente 15 anos na Ásia, Jesus viajou de volta para a Palestina via Pérsia, Grécia e Egito. Segundo uma tradição, Jesus foi iniciado nos mais altos escalões da irmandade na cidade egípcia de Heliópolis. Depois de completar esta iniciação, Jesus voltou à Palestina, agora um homem de 29 ou 30 anos. Imediatamente depois do seu retorno, Jesus embarcou em seu ministério publico.

A fratura entre Jesus e seus hospedeiros arianos na Índia não pareceu, de início, afetar adversamente o relacionamento de Jesus com a ordem essênia. Não demorou muito, contudo, para que o problema surgisse. Jesus não partilhava do ascetismo de seus irmãos essênios e minimizou a importância do ritualismo para se alcançar a salvação espiritual. Jesus estava cercado de patrocinadores essênios que acreditavam fortemente na vinda de um Messias e eles estavam determinados a ter seu investimento, Jesus, proclamado como este novo Messias. Jesus os proibiu de assim o fazer. Segundo o historiador Will Durant, Jesus 'repudiou toda a declaração de ascendência davídica' [5] e por um longo tempo 'proibiu os discípulos de chamá-lo messias…'[6] A maioria dos historiadores atribuem estas ações ao clima político daquele tempo. A Palestina estava sob ocupação romana e os romanos tinham uma visão sombria das profecias hebráicas por causa de suas tonalidades políticas. Jesus não queria se meter em problemas com os romanos, ou assim se pensava.

Há, contudo, uma razão muito melhor porque Jesus não queria ser proclamado o Messias hebreu. Ele sabia que a proclamação não era verdadeira e ele estava sendo honesto sobre isto. Jesus queria trazer à Palestina uma genuína ciência espiritual do tipo que os dissidentes estavam ainda tentando na Índia. Jesus, portanto, se tornou um rebelde dentro da própria organização da irmandade que o apoiava. O maior engano de Jesus foi acreditar que ele podia usar os canais corrompidos da rede da irmandade para disseminar uma religião dissidente, mesmo que ele tivesse muitos amigos íntimos e amados na ordem essênia.

Jesus nunca teve tempo de estabelecer este sistema de religião dissidente porque alguns de seus apoiadores essênios e segundo a Bíblia, até mesmo alguns 'anjos' tutelares, rapidamente o colocaram em apuros ao proclamá-lo o Messias. Não demorou muito para que os romanos e alguns lideres hebreus prendessem Jesus e o levassem a julgamento. Os hebreus faziam objeções a suas idéias religiosas não ortodoxas e os romanos a suas

alegadas pretensões políticas. Uns meros três anos depois de iniciar seu ministério, Jesus foi supostamente pregado em uma cruz. Embora haja evidências de que Jesus não morreu na cruz mas tenha sobrevivido para viver o resto de sua vida em reclusão, a crucificação terminou seu ministério público e pavimentou o caminho para que seu nome fosse usado para implantar as mesmas filosofias do dia do julgamento a que ele tinha se oposto.*

Os problemas de Jesus não podem ser, contudo, atribuídos apenas aos seus apoiadores. Certamente os próprios erros de Jesus contribuíram para sua queda. A despeito de suas inclinações dissidentes, Jesus foi incapaz de desfazer completamente dentro dele mesmo toda uma vida de doutrinação como um essênio. Há boa evidência bíblica e apócrifa de que Jesus tentou misturar o dogma tutelar com os princípios dissidentes. Isto causará que qualquer tentativa honesta de uma reforma espiritual fracassasse. A bíblia também indica que Jesus aprendeu algumas de suas lições através de um sistema de mistérios. A única esperança de Jesus havia sido romper completamente com a ordem essênia e seus métodos, mas é fácil de entender porque ele assim não o fez. Sua vida, família e amigos faziam parte demais desta organização.

Embora Jesus tivesse um acompanhamento suficientemente grande para chamar a atenção, ele não pregou por tempo suficiente para entrar nos livros de história de seu próprio tempo. Sua fama cresceu depois da crucificação quando seus discípulos viajaram para longe e amplamente para estabelecer sua nova seita apocalíptica. Com a continuada ajuda dos seus 'anjos' tutores, os missionários cristãos fizeram de Jesus um nome doméstico e criaram uma poderosa nova facção que ,posteriormente, dividiria seres humanos em grupos de batalha.

O esforço bem-sucedido para fazer de Jesus a figura principal de uma nova religião de dia do julgamento trouxe o mais famoso escrito apocalíptico do mundo ocidental: *A Revelação de São João*. Este trabalho, que também e conhecido como *Livro da Revelação ou Apocalipse*, é o último livro do Novo Testamento. Isto deixa os cristãos com o mesmo tipo de duras profecias que os hebreus haviam ficado no fim do Velho Testamento: a vinda de uma grande catástrofe global seguida de um dia do julgamento. O *Livro da Revelação* vale muito a pena de ser examinado.

* Um conjunto de documentos datando de pôr volta de 400 de nossa era - os Papiros de Nag Hammadi - foi descoberto no Egito em 1945. Os papiros eram cópias escritas à mão de anteriores originais manuscritos. Muitos, ou todos, destes originais foram escritos não mais tarde do que 150 de nossa era, isto é, antes que os evangelhos padrões do Novo Testamento fossem escritos. Alguns eruditos acreditam que muitos dos papiros de Nag Hammadi sejam tão autênticos e menos alterados, do que os aceitos Evangelhos do Novo Testamento. Segundo Nag Hammadi, Jesus não foi pregado em uma cruz, mas um outro homem, Simão, tinha sido inteligentemente substituído para sofrer o destino de Jesus. Seja qual for a verdade que isto possa ser, o que é importante para nós é simplesmente que a crucificação assinalou o fim do ministério público de Jesus.

13 - O Apocalipse de João

O alegado autor da *Revelação* foi o amigo pessoal e discípulo de Jesus, João (não confundir com João Batista, uma pessoa diferente). João parece ter sido o mais influente dos discípulos de Jesus e um texto bíblico anterior que é atribuído a ele, o *Livro de João*, parece chegar o mais perto de transmitir as fortes inclinações místicas dos apoiadores de Jesus e da igreja cristã inicial. Por estas e outras razoes o nome de João tem sido um nome importante para os cristãos e para um número de organizações misticas. Talvez então não seja surpreendente que o nome de João tenha sido escolhido para conduzir o apocalipse mais colorido e final na Bíblia.

A *Revelação de são João* é o quinto e último trabalho atribuído a João a aparecer no Novo Testamento. Alguns eruditos acreditam que a *Revelação* foi escrita por João enquanto ele estava vivendo em exílio na ilha grega de Patmos muitos anos depois da crucificação de Cristo. Outros estão convencidos de que João não foi o autor da *Revelação* porque a *Revelação* não foi descoberta até por volta de dois séculos depois da morte de João. Segundo Joseph Free, escrevendo em seu livro, *Arqueologia e Historia Bíblica*, as qualidades linguísticas da *Revelação* são inferiores em alguns modos ao *Livro de João*.

Argumenta-se que, se a *Revelação* foi escrita cinco anos depois do *Livro de João* pela mesma pessoa, a *Revelação* deveria ser linguisticamente igual ou superior ao livro anterior. Um outro ponto é que a *Revelação* contém expressões da linguagem hebráica que não foram usadas nos escritos anteriores de João. Por outro lado, importantes similaridades entre *Revelação* e outros livros de João foram notadas, especialmente na repetição de certas palavras e frases. Seja qual for a verdade quanto a autoria da *Revelação*, o impacto deste trabalho tem sido enorme.

A *Revelação* é uma narrativa em primeira pessoa do bizarro encontro do autor com uma estranha pessoa que ele acreditou ser Jesus. Durante um período de um ou dois dias, o autor também encontrou um número de criaturas não usuais que mostraram a ele imagens de assustadores eventos futuros. Foi dito ao autor, por estas criaturas, que Satã (o 'anticristo') tomaria o mundo. Isto seria seguido pela batalha final do Armagedom durante a qual os anjos de Deus batalhariam contra as forças de Satã. A Batalha Final traria o banimento de Satã da sociedade humana e o retorno triunfante ('Segunda Vinda') de Jesus para reinar sobre a terra por mil anos.

O *Livro da Revelação* é escrito de um modo maravilhosamente pitoresco. Ele é cheio de simbolismo complexo e imaginativo: Porque as imagens reveladas a João eram símbolos, a *Revelação* pode ser usada para prever um iminente fim do fundo em quase que qualquer época histórica. A profecia é construída de forma que os símbolos possam ser interpretados para representarem sejam quais forem os eventos históricos que aconteçam durante o período da vida de alguém. Isto é precisamente o que tem sido feito com a *Revelação* desde que ela apareceu e ainda está sendo feito hoje.

A questão é, o que causou as 'visões' do autor? Foi um delírio? Uma propensão para contar estórias duvidosas? Ou foi algo mais? O autor parece sincero o bastante para que se

descarte a mentira. Sua maneira direta de narração tende a eliminar o delírio como resposta. Isto deixa 'algo mais'. A questão é: o que?

Ao analisarmos o texto da *Revelaçã*o, descobrimos algo mais notável. Parece que o autor tinha, na verdade, sido drogado e enquanto no estado drogado, lhe foram mostradas imagens em um livro por indivíduos que estavam usando fantasias e realizando uma cerimônia em beneficio do autor. Vamos olhar as passagens da *Revelação* que sugerem isto.

João começa sua história ao nos dizendo que ele ele estava orando. De uma descrição posterior, parece que ele estava realizando seus rituais fora de casa durante as horas diurnas. Repentinamente, uma voz alta ressoou atrás dele. A voz lhe mandou escrever tudo que ele estava para ver e ouvir e enviar a mensagem às setes igrejas cristãs na Ásia (Turquia). João se virou para ver quem estava falando com ele e, veja e observe, lá ele viu o que acreditou serem setes castiçais dourados. Entre os castiçais, de pé, estava uma pessoa que o autor descreveu como:

> *... alguém que se parecia com o Filho do homem (Jesus),*
> *vestido com uma veste até os pés e usando*
> *sobre seu peito um cinturão dourado (apoio).*
> *Sua cabeça e cabelos eram brancos como lã, tão brancos*
> *quanto a neve; e seus olhos eram como as chamas do fogo;*
> *E seus pés eram como de bom latão como se eles queimassem*
> *em uma fornalha; e sua voz era como o som de muitas águas.*
> *E ele tinha em sua mão direita sete estrelas e fora*
> *de sua boca saia uma espada afiada de dois gumes: e sua*
> *aparência foi como se o sol brilhasse em sua força.*
> *E quando eu o ví, eu caí a seus pés como se estivesse morto.*
> *E ele colocou sua mão direita sobre mim…*
>
> REVELAÇÃO 1:13-17

Há surpreendentes similaridades entre este novo 'Jesus' e os 'anjos' da idade espacial das histórias anteriores da bíblia. O profeta Ezequiel, por exemplo, também encontrou visitantes com pés de latão. A passagem acima da *Revelação* sugere que o 'Jesus' de João poderia estar vestido com uma roupa de uma só peça que se estendia do pescoço para baixo até as botas de metal ou como metal.* A cabeça da criatura foi descrita como 'branca como a lã, tão branca quanto a neve', indicando uma cobertura artificial ou um capacete para a cabeça. A afirmativa de João que esta criatura tinha "uma voz como o som de muitas águas.", isto é, ruidosa e trovejante, é também reminiscente dos 'anjos' de Ezequiel e pode ter sido causada pelo ruido de motores vizinhos ou por amplificação eletrônica da voz da criatura. A espada de dois gumes que saia da boca da criatura facilmente sugere um microfone ou um tubo de respiração.

* O fato de interpretar mal esta criatura como sendo Jesus, pode ser uma evidência posterior de que o autor não era o discípulo João original. Por conveniência, contudo, continuarei a me referir ao autor da *Revelação* como João.

Depois que João recobrou sua compostura, ‘Jesus’ mandou que ele escrevesse as cartas que ‘Jesus’ queria que fossem enviadas a várias Igrejas cristãs. Estas cartas constituem os primeiros três capítulos da R*evelação*. A fase mais interessante da experiência de João então começa no capítulo 4:

> *... Eu olhei e eis que, uma porta foi aberta no céu:*
> *e a primeira voz que ouvi, que soava como uma*
> *trombeta falando comigo, disse ‘venha aqui, e*
> *eu lhe mostrarei coisas que devem acontecer no futuro.*
> *E imediatamente eu estava em espírito: e, olhe, um*
> *trono estava colocado no céu, e uma (criatura) sentava-se*
> *no trono.*
> *E aquele que sentava parecia-me como uma pedra jaspe e*
> *sardius; e havia um arco-íris ao redor do trono*
> *que parecia uma esmeralda.*
> *E ao redor do trono estavam vinte e quatro assentos;*
> *e sob estes vinte e quatro assentos eu vi vinte e quatro anciães sentados,*
> *vestidos de branco: e eles tinham em suas cabeças coroas de ouro.*
> *E fora do trono vinham relâmpagos e trovoes e vozes:*
> *e haviam sete lâmpadas de fogo queimando diante do trono,*
> *que eram os Sete espíritos de Deus.*
> *E diante do trono havia um mar de vidro como cristal:*
> *e no meio do trono e à volta do trono estavam quatro*
> *bestas cheias de olhos na frente e atrás.*
>
> REVELAÇÃO 4:1-6

A passagem acima pode ser vista como o autor sendo levado pela porta de algum tipo de aeronave e encontrado-se face a face com seus ocupantes, como dito por alguém incapaz de entender a experiência. A citação contém dois elementos especialmente interessantes: primeiro, João disse que a voz de cima soava como uma trombeta falando com ele. Isto sugere fortemente, uma voz reverberando por um alto falante. Segundo, os ‘trovões e relâmpagos e vozes’ emitidas do ‘trono’ sugerem que o trono tinha um aparelho de televisão ou de rádio de algum tipo. Um humano dos dias modernos pode bem descrever a mesma experiência deste modo: ‘Bem, sim, eu fui elevado em um foguete. Lá eu me confrontei com a tripulação sentada, vestida com macacões e capacetes brancos. Eles tinham algum tipo de rádio ou de receptor de televisão funcionando’.

A presença de sete velas e sete lâmpadas indicam que um ritual tinha sido preparado para o autor. O ritual estava repleto com vestimentas, teatralidades e efeitos sonoros - todos destinados a impressionar profundamente a mensagem sobre o autor. Isto é o que aconteceu quando foi mostrado a João o primeiro pergaminho:

> *E vi na mão direita daquele que estava sentado no*
> *trono um pergaminho com escritos dentro e*
> *o lado de trás lacrado com sete selos.*
> *E vi um forte anjo proclamado em voz alta,*

Quem é digno de abrir o livro, e retirar os selos dele?
E nenhum homem no céu, nem na terra, nem de baixo
da terra foi capaz de abrir o livro nem de ver seus conteúdos.
E eu chorei muito, porque nenhum homem foi encontrado
digno de abrir e ler o livro, nem de olhar seu conteúdo.
E um dos anciãos me disse, 'não chores: olhe, o
Leão (um dos animais lá presentes) da tribo de Judá,
a raiz de David, teve sucesso em abrir o livro
e quebrar seus setes selos.
E eu vi de pé entre o trono e as quatro
bestas e no meio dos anciães, um Cordeiro do modo
de ter sido abatido, tendo sete chifres e sete olhos,
que são os setes espíritos de Deus enviados por toda a terra.
E ele veio e tomou o livro da mão direita
daquele que estava sentado no trono.
E quando ele tomou o livro, as quatro bestas e
os 24 anciãos caíram diante do Cordeiro, cada um deles
sustentado harpas e caixas douradas cheias de odores
que são as preces dos santos.
E eles cantaram uma nova música, dizendo, Você é digno de
tomar o livro e de abrir os selos dele: porque você foi
assassinado e nos redimiu a Deus pelo seu sangue
de cada família, língua, povo e nação:
E nos tem feito reis e sacerdotes de Deus: e
devemos reinar sobre a terra.
E eu vi e ouvi a voz de muitos anjos ao redor
do trono e as bestas e os anciães: e eles numeravam
dez milhares de vezes dez mil e milhares de milhares;
Dizendo com uma voz alta, Digno é o Cordeiro que
foi morto para receber o poder e riquezas e sabedoria
e força e honra e glória e benção.
E cada criatura que está no céu e sobre a terra e
sob a terra e aqueles que estão no mar, e todos
que estão neles, me ouviram dizendo, benção e honra e
glória e poder seja a ele que se senta no trono e ao
Cordeiro para todo o sempre.
E as quatro bestas disseram Amém. E os 24
anciãos caíram e veneraram a ele e viveram
para todo o sempre.

REVELAÇÃO 5:1-14

Os anciãos continuaram a cair em momentos dramáticos durante a cerimônia. A cada vez que eles assim o faziam, eles causavam uma forte impressão sobre João. Entre outros gritos de 'Amém!" e "Aleluia!" o autor recebeu a sombria tarefa de escrever tudo que lhe estava sendo mostrado e ensinado.

Tem-se apontado que a experiência descrita por João é idêntica a ritual mistico, especialmente de iniciação, contido nos ensinamentos de uma sociedade secreta. Por esta razão, algumas pessoas acreditam que a *Revelação* seja, na verdade, uma narrativa de uma cerimônia de iniciação típica de muitas organizações da irmandade - típicas até mesmo hoje. Estas observações são muitos importantes quando elas são acopladas com a evidência de que a experiência de João teve um elemento de uma ópera espacial. Isto revela o continuo envolvimento tutelar no misticismo da irmandade depois do tempo de Cristo e mostra que os tutelares como derradeira fonte das doutrinas apocalípticas.

Na passagem acima da *Revelação*, observamos que João reagiu com fortes emoções ao que estava acontecendo ao seu redor. Ele estava especialmente inclinado a chorar com relativamente pouca provocação. Ele pareceu incapaz de distinguir entre o ritual e a aparente realidade. Isto levanta questões sobre seu estado mental. Uma leitura cuidadosa de *Revelação* indica que a mente de João pode ter sido influenciada por drogas administradas a ele pelas criaturas. A psiquiatria moderna descobriu que um certo número de drogas podem ser usadas para implantar, profundamente, mensagens na mente de uma pessoa. Esta técnica serve hoje como um instrumento de inteligência nos EUA, Rússia e outros lugares. A provável medicação de João está exposta no capítulo 10 da *Revelação*. O autor estava, aparentemente, fora de casa novamente preparando-se para memorizar as últimas revelações quando um 'anjo' voou do céu segurando algo em sua mão:

> *E a voz que ouvi do céu falou para mim novamente e disse,*
> *Vá e pegue o pequeno papiro que está aberto na mão do anjo*
> *que está de pé sobre o mar e sobre a terra.*
> *Eu fui ao anjo e disse a ele, 'dê-me o pequeno papiro.*
> *E ele disse para mim, 'pegue-o e coma-o; e isto tornará*
> *sua barriga amarga mas a sua boca será doce como o mel.*
> *E eu pequei o pequeno papiro da mão do anjo e o comi;*
> *e estava em minha boca doce como o mel e quando eu o comi,*
> *minha barriga ficou amarga.*
> *E ele me disse, Você deve orar novamente diante de muitas*
> *pessoas e nações e línguas e reis.*
>
> REVELAÇÃO 10:8-11

A maioria dos cristãos acredita que o pequeno papiro oferecido a João fosse um documento verdadeiro, cujo conteúdo o autor veio magicamente a conhecer ao comer o papiro. A nossa pista de que ele era provavelmente papel, ou algo mais, saturados por uma droga está no testemunho de João de que o papiro era doce no sabor mas causou uma amarga reação no estômago. Interessante que uma experiência quase idêntica tinha sido relatada por Ezequiel:

> *E quando eu olhei, a mão (de um anjo) foi posta sobre mim;*
> *e um papiro estava nela;*
> *e ele o abriu diante de mim e ele tinha um escrito dentro*
> *e fora dele; e havia lamentações escritas e pesares e juramentos.*

Adicionalmente, ele disse para mim, Filho do Homem,
coma o que você está encontrando; coma este papiro,
e vá falar à casa (povo) de Israel.
Então eu abri minha boca e ele causou-me comer aquele papiro
E ele me disse, filho do homem, faça sua barriga comer
e encha suas entranhas com este papiro que eu te dei.
Então eu o comi; e foi a minha boca tão doce quanto mel.
E ele me disse, filho do homem, vá, encaminh-se para a casa de
Israel e fale a eles com minhas palavras.

EZEQUIEL 2:9-10, 3:1-4

Muitas pessoas acreditam, errôneamente, que João realmente viu os futuros eventos históricos que ele apontou na *Revelação*. Tem sido ressaltado, igualmente, por eruditos cristão e não cristãos que as 'visões' de João sobre o futuro eram simplesmente ilustrações desenhadas nos papiros. Isto é especialmente evidente na 'visão' de João da criatura com sete cabeças e dez chifres:

E eu fiquei de pé sobre a areia do mar, e vi uma besta
se elevar do mar, tendo sete cabeças e dez chifres e
sobre seus chifres dez coroas e sobre as suas cabeças
nomes blasfemos.

REVELAÇÃO 13:1

O fato de que as palavras reais (os nomes blasfemos) fossem escritas sobre as cabeças desta criatura revela que João estava olhando uma ilustração com rótulos - do mesmo modo dos antigos cartoons políticos. Embora o autor não especificamente assim o diga, é provável que muitas outras 'visões' nos papiros fossem rotuladas de maneira similar.

Não pode haver qualquer dúvida de que, como literatura, o *Livro da Revelação* seja um trabalho poderoso, colorido e dramático. Como base para uma filosofia religiosa, contudo, ele tem todas as armadilhas dos apocalipses que vieram antes dele. Como veremos, a profecia feita na *Revelação* tem sido cumprida ao menos meia dúzia de vezes na história mundial, completa com a catástrofe global seguida por "segundas vindas". Nem uma só vez isto trouxe os mil anos de paz e de salvação espiritual. Tudo que fez foi estabelecer o palco para a próxima catástrofe. Hoje, quando estamos diante de um maciço barril de pólvora nuclear, talvez seja tempo de reavaliar a utilidade da crença apocalíptica antes que o mundo seja atingido por ainda uma outra 'batalha final'. Sim, a salvação espiritual e os mil anos de paz são metas bem valiiosas de se ter e estão muito atrasadas, mas não há necessidade de pagar o preço de um Armagedom para alcançá-las.

14 - As Pragas de Justiniano

Enquanto deixamos o tempo de Jesus e entramos nos anos de nossa era, a história se torna mais firme e as personalidades apresentam um melhor foco. A documentação é melhor. Mesmo assim, os mesmos padrões históricos que temos estudado continuam sem serem atenuados. Para aqueles que pensam que o que vimos até aqui seja completamente inacreditável, posso apenas partilhar este sentimento com completa empatia. A visão da história que estou apresentando parece exigir um entendimento de que os fatores que jazem no fundo da história do turbilhão humano, podem ser fatores extremamente bizarros e talvez isto seja o motivo de eles nunca terem sido resolvidos.

Depois do período de vida de Jesus, a igreja cristã cresceu rapidamente. Em seus anos iniciais, a cristandade atraiu um grande número de genuínos humanitários que estavam entusiasmados pela mensagem que Jesus tentou levar adiante. Os líderes cristãos iniciais, a despeito da influência essênia, foram capazes de promover uma religião mais que benigna com muitos benefícios. Jesus não havia fracassado inteiramente. Os cristãos iniciais davam às pessoas a esperança de que elas podiam alcançar a salvação espiritual ao adquirir o conhecimento, ao se engajar em uma conduta ética, por se descarregarem por meio da confissão dos males praticados e ao corrigirem estas transgressões que faziam com que as pessoas sentissem culpa.

Dado o caráter benigno da igreja inicial cristã, ela não precisava de um rígido código de ética. A punição mais severa que uma pessoa podia sofrer na maioria das seitas cristãs naquele tempo era a excomunhão, isto é, ser expulso da seita. Esta era considerada uma punição muito severa, contudo (equivalente a nossa moderna penalidade de morte), porque um individuo era considerado condenado à eterna deterioração espiritual se ele fosse excomungado. Um sacerdote era obrigado a fazer tudo que ele pudesse para apelar à razão de uma pessoa antes de excomungá-la. A causa primária para a excomunhão era o comportamento criminoso ou grosseiramente imoral.

Pelos aproximadamente três primeiros séculos de sua existência, a cristandade permaneceu uma religião não oficial e foi, frequentemente, perseguida. Um número de lideres políticos eventualmente se tornou convertido e sob eles, a cristandade começou a mudar. A fundação humanitária criada por Jesus erodiu na medida em que a cristandade se tornava mais política.

A transformação politica da cristandade obteve seu primeiro grande empurrão no Império Romano Ocidental com a conversão cristã de seu governante, Constantino I o grande.*

* No final do século III depois de Cristo, o imperador romano Diocleciano indicou três Césares adicionais (imperadores) para ajudá-lo a governar o império romano. O império estava separado em divisões orientais e ocidentais para conveniência administrativa, cada uma com um imperador separado. De 324 a 337 depois de Cristo, contudo, Constantino governou ambos os impérios oriental e ocidental como único imperador.

Um bom número de historiadores acredita que Constantino já se nclinava na direção de se tornar um cristão porque seu pai era monoteísta. Contemporâneos de Constantino notaram, contudo, que a verdadeira conversão de Constantino veio em resultado de uma alegada visão que ele teve em 312 depois de Cristo. Várias narrativas diferentes foram registradas desta visão. Segundo Sócrates, que escreveu sobre isto no século V depois de Cristo:

> … enquanto ele marchava à frente de suas tropas, uma visão sobrenatural, transcendendo toda a descrição, apareceu a ele. De fato, por volta daquela hora do dia quando o sol, tendo passado o meridiano, começava a se inclinar na direção do ocidente, ele viu um pilar de luz na forma de uma cruz na qual estava inscrito "*In hoc signo vinces*" (Sob este símbolo vencerás). O aparecimento do sinal o atingiu com espanto e duvidando de seus próprios olhos, ele perguntou àqueles ao redor dele se eles podiam ver o que ele viu e como todos, unanimemente, declararam que podiam, a mente do imperador foi fortalecida por esta divina e miraculosa aparição. Na noite seguinte, enquanto dormia, ele viu Cristo, que o instruiu a fazer um estandarte (bandeira) segundo o padrão que lhe havia sido mostrado e usá-lo contra seus inimigos como uma garantia de vitória. Obediente ao comando divino, ele teve um estandarte feito sob a forma de uma cruz, que está preservado no palácio até hoje…[1]

A verdade sobre a visão de Constantino é discutida por aqueles que a atribuiem a uma mera lenda fabricada. Outros podem ver a cruz aérea como um reflexo pouco usual do sol se pondo, seguido por um sonho. Alguns teóricos podem até mesmo argumentar que esta foi uma outra manifestação do fenômeno OVNI com suas contínuas ligações com a religião apocalíptica. Seja qual for a verdade desta estória, a suposta visão de Constantino de uma brilhante luz no céu seguida pelo aparecimento de 'Jesus' na noite seguinte é considerada como sendo o evento que empurrou Constantino para os braços da cristandade apocalíptica. Ele publicou o famoso 'Édito de Milão' um ano depois. O Édito oficialmente garantia tolerância à religião cristã dentro do Império Romano, terminando com quase três séculos de perseguição romana.

Constantino foi responsável por outras mudanças significativas para a cristandade. Foi ele quem reuniu e frequentemente compareceu ao Conselho de Nicéia em 325 de nossa era. Naquele tempo, muitos cristãos, como os gnósticos, resistiram fortemente aos esforços de Constantino e de outros em deificar Jesus. Os gnósticos simplesmente viam Jesus como um honesto professor espiritual. O Conselho de Nicéia se encontrou, em grande parte, para por um fim em tal resistência e para criar uma imagem divina de Jesus. Com este propósito em mente, o conselho criou o famoso Credo de Niceia que tornou a crença em Jesus como 'o Filho de Deus', uma pedra fundamental para a fé cristã. Para fazer cumprir estes dogmas frequentemente impopulares, Constantino colocou o poder do estado à disposição da recente igreja cristã 'romanizada'.

O reinado de Constantino foi notável por outra conquista. Ele marcou o início da Idade Media européia. A Constantino é creditado o estabelecimento do fundamento para a servidão medieval e o feudalismo. Como no sistema hindu de castas, Constantino fez hereditárias a maioria das ocupações. Ele decretou que os colonos (uma classe de

fazendeiros arrendatários) fossem permanentemente anexados ao solo no qual viviam. A cristandade 'romanizada' de Constantino (que veio a ser conhecida como catolicismo romano) e seu feudalismo opressivo fez com que a cristandade, agudamente, se transformasse dos ensinamentos dissidentes de Jesus que sobreviram, em um sistema quase que completamente tutelar.

Na medida em que o tempo passava e as mudanças oficiais da doutrina cristã continuaram a ser feitas, dois novos crimes emergiram: 'heresia' (falar contra o dogma estabelecido) e o 'paganismo' (não aderir, de forma alguma, à cristandade). Nos dias mais iniciais da igreja, os lideres cristãos sentiram que as pessoaspodiam apenas ser feitas cristãs ao apelar-se à sua razão e que ninguém podedia, nem deveris, ser forçado. Depois de Constantino, os líderes das novas ortodoxias romanas tomaram uma visão inteiramente diferente. Eles exigiam obediência como uma questão de lei e a crença com base apenas na fé, ao invés da razão. Com aquelas, mudanças vieram as novas punições. Não mais era a excomunhão a penalidade mais severa da igreja, embora ela ainda seja praticada. As sanções físicas e econômicas eram também aplicadas. Muitos cristãos devotados se tornaram-se vítimas das novas leis quando eles não concordavam com as novas ortodoxias romanas. Estas vítimas viram, corretamente, que a Igreja estava se afastando dos verdadeiros ensinamentos de Jesus.

Os novos ensinamentos cristãos receberam um grande impulso no fim do quarto século de nossa era pelo Imperador Romano oriental Theodosius I. Theodosius publicou ao menos 18 leis destinadas a punir equelas pessoas que rejeitaram as doutrinas estabelecidas pelo Concílioo de Nicéia. Ele fez da cristandade a religião oficial do estado e fechou muitos templos pagãos pela força. Ele ordenou que os exércitos cristãos queimassem a famosa biblioteca de Alexandria, que era o maior depositário mundial de livros e centro de aprendizado. A biblioteca de Alexandria continha registros históricos, científicos e literários sem preço vindos de todo o mundo, reunidos durante um período de 700 anos. Embora algumas partes da biblioteca já tivessem sido atacadas por guerras anteriores, a destruição pelo exército de Teodósio obliterou o que havia permanecido. Posto que a maioria dos documentos era único no gênero, uma grande quantidade de história registrada e de aprendizado foi perdido.

As coisas continuaram a piorar. Em meados do século VI de nossa era, a pena de morte entrou em uso contra os hereges e os pagãos. Uma campanha de genocídio foi ordenada pelo imperador oriental romano, Justiniano, para mais rapidamente estabelecer as ortodoxias cristãs. Apenas no império bizantino, aproximadamente 100.000 pessoas foram assassinadas. Sob Justiniano, a caçada aos hereges se tornou uma atividade frequente e a prática de queimar os hereges na fogueira começou.

Justiniano também introduziu mais mudanças na doutrina cristã. Ele reuniu o segundo sínodo de Constantinopla em 553 da nossa era. O sínodo não teve comparecimento nem, aparentemente, foi sancionado pelo papa em Roma. Naquele tempo, de fato, muitas mudanças da doutrina cristã no império oriental romano ainda não tinham alcançado o papado, embora elas eventualmente o fizessem. O segundo sínodo publicou um decreto

banindo a doutrina de ‘vidas passadas’ ou ‘reencarnação’ mesmo sendo uma doutrina importante para Jesus. O Sínodo decretou:

Se alguém afirmar a fabulosa pré-existência de almas e deva submeter-se à monstruosa doutrina que a isto se segue, deixe que ele seja anátema (excomungado). [2]

Em deferência a este decreto, todas as referências, menos as muito veladas, a ‘pré-existência’ foram retiradas da Bíblia. A crença na pré-existência foi declarada heresia. Esta supressão foi feita cumprir em todo o mundo ocidental cristão e em suas ciências. A idéia da pré-existência pessoal ainda permanece, em um grau muito grande, como uma heresia científica e religiosa ocidental.

A cristandade foi transformada em uma poderosa instituição sob os imperadores romanos orientais. A cristandade romanizada foi uma outra facção da irmandade que pode ser responsabilizada por combater com outras facções da irmandade, ajudando assim, a manter uma guerra incessante entre os seres humanos. A nova cristandade ortodoxa foi colocada em oposição a todas as outras religiões, inclusive as escolas de mistério romanas orientais, que Justiniano baniu.

Acabamos de observar exatamente uma bola de neve de eventos históricos desencadeados pela visão de Constantino. Este período marcou um dos episódios de ‘fim do mundo’ da humanidade, ressaltado pelas visões religiosas, genocídios cataclísmicos e a criação de uma nova ordem mundial social prometendo, mas não cumprindo, a Utopia. Um outro importante elemento de ‘fim do mundo’ também estava presente. Uma maciça praga atacou, acompanhada por relatos de fenômenos aéreos incomuns.

Entre 540 e 592 da nossa era, quando Justiniano estava realizando suas ‘reformas’ cristãs, uma praga bubônica engolfou o Império Romano Oriental e se espalhou para a Europa. A epidemia começou dentro do reino de Justiniano e assim, foi chamada de ‘Praga de Justiniano’. A Praga de Justiniano foi uma das pragas mais devastadoras da história e muitas pessoas daquele tempo acreditavam que ela era uma punição de Deus. De fato, a palavra ‘praga’ vem da palavra em latim para ‘golpear’ ou ‘ferir’. A praga foi apelidada como a ‘Doença de Deus’, isto é, um golpe ou ferimento causado por Deus.

Uma razão pela qual as pessoas acreditavam que a praga vinha de Deus foi o aparecimento frequente de fenômenos aéreos incomuns em conjunção aos surtos da praga. Um cronista da praga de Justiniano foi o famoso historiador Gregory de Tours, que documentou um número de eventos incomuns dos anos da praga. Gregory relata que exatamente antes da praga de Justiniano invadir a região de Auvergne na França em 567 da nossa era, três ou quatro luzes brilhantes apareceram ao redor do sol e os céus pareciam estar em fogo. Isto pode ter sido um efeito natural parhelion (um halo relativamente comum, um fenômeno ótico atmosférico principalmente associado a refração da luz do sol por pequenos cristais de gelo que compõem as nuvens cirrus); contudo, outros fenômenos celestiais não usuais também foram vistos na área. Um outro historiador relatou um evento similar 23 anos mais tarde em uma outra parte da França: Avignon. “Estranhos avistamentos” foram relatados no céu e o solo era algumas vezes brilhantemente iluminado à noite como se fosse de dia. Logo depois, um desastroso surto da praga ocorreu lá.

Gregory relatou um avistamento em Roma consistindo em um imenso ‘dragão’ que flutuou sobre a cidade e desceu ao mar, seguido por um severo surto da praga imediatamente depois.

Tais relatos assustadores sugerem o inimaginável: que a praga de Justiniano foi causada por agentes de guerra biológica, disseminados pelas aeronaves tutelares. Seria uma repetição de pragas similares relatadas na bíblia e nos antigos textos mesopotâmicos. Ao tempo da praga de Justiniano, contudo, os tutores estavam ‘invisíveis’. Eles estavam ocultos por trás do sigilo da irmandade e os véus do mito religioso, ainda que eles estivessem, aparentemente, não menos preocupados em manter oprimida sua raça escrava. Veremos uma maior quantidade de evidências da atividade OVNI associada com as pragas em um futuro capítulo sobre a peste negra.

Segundo a profecia apocalíptica, um evento como a praga de Justiniano supõe o anunciar da vinda de um novo ‘Messias’, ou mensageiro de ‘Deus’. Muito certamente, tal figura veio. Seu nome era Maomé. Ela nasceu durante o reinado de Justiniano, ao tempo em que a Praga ainda estava furiosa. Proclamado na idade adulta como o novo ’salvador’, Maomé se tornou o líder de uma nova religião monoteísta apocalíptica: Islã. Como Moisés e Jesus antes dele, Maomé parece ter sido um homem sincero, mas sua nova religião, não obstante, se tornou uma facção que criou outras problemas religiosos para as pessoas lutarem infindavelmente. Como Moisés e Jesus, Maomé foi apoiado pela irmandade corrompida.

15 - Maomé.

Maomé nasceu por volta de 570 da nossa era. Como Jesus, há vazios e falhas na história de vida de Maomé, especialmente a respeito de sua infância e idade adulta inicial. Para preencher estas brechas, alguns historiadores lançaram a hipótese de que Maomé fosse um órfão que teria sido retirado de seus pais durante sua juventude. Sabe-se que aos 25 anos ele se casou com uma viúva rica e alguns biógrafos acreditam que ele trabalhou como comerciante nos negócios dela pelos 15 anos seguintes, embora isto não esteja inteiramente certo. Aos 40 anos Maomé, repentinamente, emergiu como um profeta religioso e o líder de um poderoso novo movimento religioso.

Segundo as próprias declarações de Maomé, sua missão religiosa foi desencadeada por uma visão. A visão ocorreu fora de uma caverna isolada, para a qual Maomé frequentemente se retirava para orar e para contemplação. A aparição foi um 'anjo' trazendo uma mensagem para que Maomé a disseminasse. Contudo, este não era um anjo qualquer. Ele se auto denominava Gabriel, um dos mais importantes anjos cristãos. Maomé descreve este encontro com estas palavras:

> *O Alcorão (o livro sagrado do Islã.) não é outro que uma revelação feita a ele. * Um terrível em poder o ensinou a ele, dando as qualidades de sabedoria. Com igual equilíbrio Ele ficou de pé na parte mais alta do horizonte. Então Ele veio mais perto e se aproximou e estava à distância de dois arcos, ou até mesmo mais perto - e Ele revelou ao seu servo o que Ele revelou.*

O Alcorão repete a história:

> *Que esta é a palavra de um ilustre Mensageiro, dotado de poder, tendo influência com o Senhor do Trono, obedecido lá pelos anjos, fiel à sua fé, e seu compatriota não é um possuído pelos jinn (espíritos); porque ele o viu claramente no horizonte.*

Maomé ou estava semiconsciente ou em transe quando o anjo Gabriel lhe ordenou a 'recitar!' e registrar a mensagem que o anjo estava prestes a lhe dar. A ordem do anjo a Maomé foi muito similar às ordens dadas anteriormente a Ezequiel do Velho Testamento e da João do *livro da Revelação* por similar pessoal tutelar.

Quando Maomé acordou, parecia-lhe que as palavras do anjo estavam 'gravadas em seu (de Maomé) coração'. Isto é significativo, porque sugere que Maomé, como Ezequiel, João e talvez até mesmo Constantino, tinham sido drogados e mentalmente isolados de forma que a mensagem pudesse ser mais firmemente implantada em sua mente.

A mensagem dada a Maomé foi uma nova religião chamada 'Islã', que significa 'rendição'. Os seguidores devem se 'render' a Deus. Os membros da fê de Maomé são, portanto, chamados muçulmanos, que vem da palavra "muslim" (aquele que se submete). O Islã foi uma outra religião tutelar destinada a instilar uma abjeta obediência nos humanos.

* Maomé usa a terceira pessoa 'ele' quando se refere a sí próprio.

O ser supremo da fé islâmica é chamado ‘Alá’, que, segundo foi dito por Maomé, é o mesmo deus Jeohovah dos cristãos e dos judeus. Dois temas chave do Alcorão são sua profecia do dia do julgamento e sua apresentação “fogo e enxofre” do Inferno. Maomé honrou Moisés e Jesus como os dois mensageiros prévios de Alá e proclamou o Islã como sendo a terceira e final revelação de Deus. Era, portanto, dever de todos judeus e cristãos se converterem ao Islã. Os hebreus e os cristãos tendiam a ser menos cooperativos com a exigência de Maomé. Afinal, eles haviam sido avisados em seus próprios escritos apocalípticos sobre o perigo de ‘falsos profetas’. O resultado tem sido algumas das lutas mais sangrentas na história mundial.

Como tantas religiões tutelares antes dela, o Islã não permitiu às pessoas o luxo de escolher se elas queriam ou não se tornarem aderentes. Maomé embarcou em um programa de conquista para fazer claro em que caminho a escolha deveria seguir. Usando as táticas de um generalíssimo, o Maomé ‘divinamente inspirado’ levantou um exército e partiu para converter os ‘sem fé’ (‘infiéis’) à sua fé. O exército apocalíptico de Maomé causou sangrenta destruição por grande do Oriente Médio, incluindo importantes centros cristãos. O militante império muçulmano eventualmente se expandiu muito tão longe a leste como a Índia onde os elementos do Islã foram incorporados na religião hindu. Vidas incontáveis foram perdidas durante as conquistas islâmicas porque os exércitos islâmicos eram inclinados a cometer pavorosos genocídios como parte de sua missão de trazer a Utopia para a humanidade.

Para a maioria dos cristãos ‘infiéis’ os muçulmanos nada mais eram que ‘idolatras’ (‘não crentes’) selvagens. Isto criou um conflito inevitável no qual milhões de pessoas seriam arrastadas. 500 anos depois da morte de Maomé, o mundo cristão lançou um coordenado esforço militar para expulsar os muçulmanos da terra Sagrada. Este esforço foi conhecido como as cruzadas.

As cruzadas cristãs para libertarem a Palestina dos muçulmanos ocorreram entre 1099 e 1270 da nossa era. Escaramuças e batalhas menores entre cristãos e muçulmanos já haviam acontecido antes, mas este foi um chamado às armas do papa Urbano II em 1095 que finalmente mudou estas escaramuças em um organizado esforço de guerra envolvendo quase todos os regentes cristãos da Europa. Centenas de milhares de cristãos se alistaram nas cruzadas, depois lhes foram prometidas bençãos religiosas, feudos e espólios de conquista. Os voluntários vieram de quase todas as classes sociais. Para muitos camponeses e servos, o chamado as armas papal representava um meio de escapar dos senhores feudais e talvez voltarem como ricos heróis.

As cruzadas tiveram um começo bom, porém sangrento. Os cristãos capturaram Jerusalém no verão de 1099. Embora os cavaleiros e camponeses que marcharam sob as bandeiras cristas fossem exaltados a praticarem as altas virtudes e a cavalaria, eles frequentemente degeneraram na matança e outros atos viciosos. Quando os cruzados tomaram Jerusalém em 1099, eles assassinaram muitos sobreviventes não cristãos em uma matança na qual eles tomaram as vidas de mais de 10.000 vítimas.

Os Cruzados não estavam apenas matando os muçulmanos; eles também estavam matando os judeus, que eram considerados por muitos cristãos serem tão odiosos quanto os muçulmanos. A matança dos judeus começou até mesmo antes da primeira cruzada à terra sagrada. No ano de 1095, as facções cristãs começaram a matar judeus na Europa. Uma onda genocida no Rineland alemão foi o primeiro episódio; isto foi desencadeado por rumores infundados de que os judeus de Rineland estavam usando crianças cristãs em seus sacrifícios religiosos. Impedir os judeus se tornou um elemento importante das cruzadas e os massacres continuaram até mesmo depois que as cruzadas para Jerusalém tinham terminado.

As cuzadas tiveram um outro efeito importante sobre a Europa. Várias décadas antes do lançamento da primeira cruzada, o papa Gregório VII havia tentado colocar a igreja católica Romana sob um maior controle centralizado. Antes do esforço do papa Gregório VII, a igreja católica na Europa era uma organização fracamente costurada dirigida, primariamente, por não clérigos; o tipo de organização pretendida pelos fundadores iniciais da cristandade. Depois que o papa Urbano II ascendeu ao papado e conclamou todos os bons cristãos para lutarem contra os ímpios muçulmanos, os príncipes cristãos e apoiadores começaram a prometer fidelidade diretamente ao papa, acelerando, portanto, o esforço de centralização tentado anteriormente pelo papa Gregório VII. O poder do papado Romano aumentou na medida em que as guerras sagradas se arrastavam e números crescentes de pessoas proclamavam sua lealdade papal.

Por trás das cruzadas está a irmandade. Os cruzados cristãos eram liderados primariamente por duas poderosas organizações de cavaleiros com íntimos laços com a irmandade: os cavaleiros hospitalários e os cavaleiros do templo (‘cavaleiros templários’).

Os ‘cavaleiros hospitalários’ eram assim chamados porque eles dirigiam um hospital em Jerusalém para ajudar os peregrinos em apuros. Os hospitalários iniciaram operações no ano de 1048 como uma ordem caritativa. O propósito deles era o de ajuda e conforto. Quando os primeiros cruzados capturaram a cidade sagrada, os hospitalários começaram a receber um generoso apoio financeiro dos cruzados mais ricos. No ano de 1118, 70 anos depois de sua fundação, os cavaleiros hospitalários passaram por uma mudança de liderança e propósito. Eles foram transformados em uma ordem militar dedicada a combater os muçulmanos que estavam continuamente tentando recapturar Jerusalém. Com esta mudança de propósito veio uma mudança de nome: os hospitalários eram variadamente chamados de ‘ordem dos cavaleiros hospitalários de são João’, ‘cavaleiros de são João de Jerusalém’, ou simplesmente, ‘cavaleiros de são João’. Os hospitalários haviam assim se auto denominado em homenagem a João, o filho do rei de Chipre. João tinha ido a Jerusalém para ajudar peregrinos cristãos e cavaleiros.

Há alguma dúvida se os hospitalários foram fundados como uma organização da irmandade. Diz-se que eles não funcionavam como uma em seu início. Contudo, eles logo se tornaram afiliados da rede da irmandade ao adotarem as tradições e títulos da irmandade. Eles se tornaram governados por um grão-mestre e desenvolveram ritos e rituais secretos.

Por volta de 1119, um ano depois de os hospitalários se tornarem uma ordem combatente, os cavaleiros templários vieram a existir. Os templários, originalmente se autodenominavam "ordem dos pobres cavaleiros de Cristo" porque eles tomavam solenes votos de pobreza. Seu nome foi mais tarde mudado para "cavaleiros do templo" depois que eles foram hospedados perto do sítio onde o templo de Salomão havia existido. Embora os templários e os hospitalários tivessem um inimigo comum nos muçulmanos, as duas organizações cristãs se tornaram amargas rivais.

Os cavaleiros templários começaram sua existência como um ramo da irmandade. Eles praticavam uma profunda tradição mística e usavam muitos títulos da irmandade, notavelmente o de grão-mestre. Como os cavaleiros hospitalários, os templários recebiam grandes somas de dinheiro dos cruzados cristãos. Os templários se tornaram, portanto, enormemente ricos e foram capazes de se transformar em uma casa internacional bancária durante os séculos XII e XIII. Os templários emprestavam grandes somas de dinheiro aos reis Europeus, príncipes, mercadores e ao menos a um governante muçulmano. A maioria das riquezas dos templários era armazenada em salas forte em seus templos em Paris e Londres, fazendo com que estas cidades se tornassem os principais centros financeiros.

Depois da queda de Jerusalém e a vitória final dos muçulmanos em 1291, as sortes de ambas as ordens de cavalaria mudaram. Os cavaleiros de são João (hospitalários) foram forçados a fugir da terra sagrada. Eles tomaram residência em uma sucessão de ilhas durante os séculos seguintes. Com as mudanças de locação vieram as mudanças de nome. Els se tornaram 'cavaleiros de Rodes' depois de se mudarem para a ilha de Rodes. Eles foram os 'cavaleiros de Malta' quando eles se mudaram para esta ilha e a governaram. Enquanto em Malta, os cavaleiros se tornaram um grande poder militar e naval no Mediterrâneo, até a derrota deles em 1789 por Napoleão. Depois de desfrutar da proteção temporária sob o imperador russo Paulo I, os Cavaleiros de Malta tiveram sua sede mudada para Roma em 1894 pelo papa Leão XIII. Hoje eles são conhecidos como "Soberana Ordem Militar de Malta" (SMOM) e tem a distinção não usual de ser a menor nação do mundo. Localizada em um enclave emparedado no centro de Roma, a SMOM ainda retém seu status como um estado soberano, embora os novos grão-mestres da ordem devam ser aprovados pelo papa. A SMOM dirige hospitais, clínicas e colônias de leprosos por todo o mundo. Ela também dava assistência ativa às causas anticomunistas e é surpreendentemente influente em círculos de politica, negócios e inteligência ainda hoje, a despeito de seu pequeno tamanho.*

* Recentes membros americanos da SMOM incluíam o falecido William Casey (diretor da C.I.A. americana), Lee Iacocca (presidente da Corporação Chrysler), Alexander Haig (ex-Secretário de Estado dos EUA) e William A. Schreyer (presidente da Merrill Lynch).

Os cavaleiros templários não se deram tão bem quanto os hospitalários depois das cruzadas. Eles foram forçados a fugir, como os hospitalários, para a ilha de Chipre, onde eles se dividiram e retornaram a muitas de suas casas templárias (‘preceptórios’) na Europa. Os templários foram alvo de um pesado criticismo por seu fracasso em salvar a terra santa e circulavam rumores que eles estavam engajados em heresia e imoralidade. Foram feitas acusações de que os templários cuspiam na cruz durante as suas iniciações e forçavam os membros a se engajarem em atos homossexuais. Por volta de 1307, a controvérsia templária tinha se tornado tão forte que Felipe IV da França ordenou a prisão de todos os templários dentro de seu domínio e usou tortura para extrair confissões. Cinco anos depois, o papa dissolveu a ordem templária por decreto papal. Muitos templários foram executados, inclusive o grão-mestre Jacques de Molay, que foi publicamente queimado na fogueira em 11 de março de 1314 na frente da catedral de Notre Dame, em Paris. Quase todas as propriedades dos templários foram confiscadas e entregues aos cavaleiros tospitalários. A longa e intensa rivalidade entre os hospitalários e os templários tinha finalmente chegado ao fim. Os hospitalários emergiram como vitoriosos. A vitória dos hospitalários não poderia ter ocorrido em um tempo mais fortuito, porque houvera uma séria discussão dentro dos círculos papais para unir as duas ordens – um plano que teria sido completamente inaceitável para ambas.

A despeito da queda dos cavaleiros templários, a organização conseguiu sobreviver. Segundo o historiador maçom livre, Albert MacKey, os cavaleiros templários receberam domicílio em Portugal pelo rei Dinís depois de seu banimento do resto da Europa católica. Em Portugal, os templários tiveram garantidos seus usuais direitos e privilégios, eles usavam as mesmas roupas e eram governados pelas mesmas regras que tinham antes. O decreto que restabeleceu os templários em Portugal afirmava que eles estavam no país para serem reabilitados. O papa Clemente V aprovou o plano de reabilitação e divulgou uma bula (uma proclamação oficial) condenando os templários a mudarem seu nome para ‘cavaleiros de Cristo’. Os templários, ou ‘cavaleiros de Cristo’ também mudaram a cruz de seu uniforme da cruz maltesa de oito pontas para a cruz latina oficial.

Os templários se tornaram bem poderosos em seu novo lar. Em 1420, o Rei João I deu aos cavaleiros de Cristo o controle das possessões portuguesas nas Índias. Os monarcas portugueses subsequentes expandiram a propriedade dos cavaleiros para quaisquer novos países que os cavaleiros pudessem descobrir. Os cavaleiros de Cristo se tornaram tão poderosos, relata Albert MacKey, que vários reis portugueses se sentiram compelidos a reduzir a influência dos cavaleiros tomando a posição de grão-mestres. Os cavaleiros de Cristo sobreviveram sob o patrocínio português até bem avançado o século XVIII, quando o nome dos templários ressurgiu e tomou renovada importância nos tempestuosos assuntos políticos da Europa, como veremos depois.

Houve uma terceira organização cristã de cavalaria durante as cruzadas digna de ser mencionada: os cavaleiros teutônicos. Os cavaleiros teutônicos eram, originalmente, chamados “ordem dos cavaleiros do hospital de santa Maria dos teutônicos em Jerusalém”. Como os hospitalários, os cavaleiros teutônicos começaram como uma ordem caritativa. Eles dirigiam um hospital em Jerusalém para ajudar os cristãos a fazer romarias à terra Sagrada. Em março de 1198, os cavaleiros teutônicos receberam o escalão de uma ordem

de cavaleiros, o que os tornou uma ordem combatente. Como os templários, os cavaleiros teutônicos viviam um estilo de vida semi-monástico, praticavam ritos de iniciação e eram governados por um grão-mestre. Os cavaleiros teutônicos só permitiam que teutões (alemães) se tornassem membros. Elas também disputavam muito com os hospitalários e os templários.

Durante as cruzadas, quando as organizações militares da irmandade estavam valorosamente liderando os exércitos cristãos para combaterem os muçulmanos, outros grupos na rede da irmandade estavam estimulando os muçulmanos a combaterem os cristãos! Dos vários ramos da irmandade promovendo a causa do Islã, uma é de particular interesse para nós: a seita dos Assassinos.

Maomé morreu em 632 da nossa era. Imediatamente começou uma luta sobre quem seria o seu sucessor. Isto fez com que a religião islâmica se partisse em seitas concorrentes, cada uma tendo suas próprias idéias sobre quem deveria suceder Maomé. Uma de tais facções islâmicas era a seita 'Shia', que aderia a uma forte tradição de fim do mundo. Os shiitas acreditavam no 'milênio': um dia do julgamento seguido por mil anos de paz e salvação espiritual. Eventualmente, a própria seita Shia se dividiu. Uma facção a emergir da partição da Shia foi a seita Ismaili, que deu origem aos Assassinos.

Os ismailianos se afastaram dos outros shiitas no século VIII. A seita Ismaili era uma sociedade secreta da irmandade com um sistema de lojas similar à livre maçonaria e a outras organizações da irmandade. A grande loja Ismaili era situada no Cairo onde ela praticava as iniciações passo a passo com todos os símbolos e mistérios concomitantes. Liderada por um grão-mestre, os ismailianos promulgaram uma mensagem apocalíptica muito forte, incluindo a promessa da vinda de um messias.

Um membro da loja Ismaili era um homem chamado Hasan-iSabbah. A conversão mistica do sr. Sabbah veio como resultado de uma 'doença severa e perigosa' durante a qual ele acreditou que Deus o havia purgado e havia lhe dado um renascimento espiritual. Em 1078, na grande loja do Cairo, Sabbah pediu ao califa Ismaili* permissão para disseminar o evangelho Ismaili na Pérsia. O califa atendeu à solicitação de Sabbah sob a condição de que Sabbah concordasse em apoiar o filho mais velho do califa, Nizar, como o próximo (nono) califa. Sabbah aceitou a condição e denominou seu novo ramo Ismaili de 'Nizaris' por causa do nome do filho do califa. Não demorou muito, contudo, antes que o ramo de Sabbah se tornasse conhecido por seu nome mais famoso: os 'Assassinos'.

* Um califa é um sucessor de Maomé. O título califa era dado aos chefes muçulmanos que afirmavam ser sucessores de Maomé.

Os assassinos são, em geral, considerados como uma seita religiosa. Eles eram, mais acertadamente, uma sociedade secreta. Segundo o historiador maçônico, Albert MacKey, os assassinos adotaram a estrutura organizacional dos ismailianos. Os assassinos praticavam iniciações passo a passo e possuíam uma doutrina mistica secreta. Mackey acrescenta que os assassinos pareciam ter praticado três dos mesmos graus fraternais usados na maçonaria livre hoje: aprendiz, membro e mestre. Os assassinos tinham um código religioso similar aos dos cavaleiros hospitalários e teutônicos. Os assassinos eram uma parte integral da rede da irmandade.

Uma caraterística distinta da organização assassina era o seu uso de drogas, primariamente o haxixe, para propósitos místicos e outros. De fato, a palavra 'assassino' vem da palavra "hashshishin," que significa 'usuários de haxixe'. Os assassinos e vários outros grupos da irmandade na história exaltaram as virtudes de substâncias alteradoras da mente como um meio de alcançar a iluminação espiritual.

Os assassinos também eram uma organização combatente com um exército. O grão-mestre Sabbah escolheu uma fortaleza localizada no alto das montanhas no norte do Irã para sede de seu novo grupo. Esta fortaleza assassina era conhecida como 'Alamut', que significa 'ensinamento da águia' ou 'ninho da águia'. Os assassinos se tornaram um formidável poder político e militar na região e eventualmente, controlaram outras fortalezas na Pérsia e na Síria. Os assassinos juntaram-se a outras organizações muçulmanas e lutaram contra os cavaleiros templários e outros exércitos cristãos durante as cruzadas. Para ajudar a ganhar seus feudos e guerras, os assassinos desenvolveram um instrumento mortal pelo qual eles se tornaram famosos e temidos: o instrumento do 'assassino solitário'.

Hoje a maioria das pessoas está dolorosamente consciente do fenômeno do chamado "assassino solitário". Geralmente ele é um homem jovem, em seus 20 ou trinta anos que é impulsionado por loucas ilusões e que apresenta pouca ou nenhuma preocupação com sua própria segurança na medida em que ele assassina um líder importante à luz do dia, em público e em frente a testemunhas. O assassinato tem um tremendo valor de choque e pode, grandemente, afetar a direção politica de uma nação.

Muitas pessoas acreditam que os chamados "assassinos solitários" sejam produto de nossa idade moderna. É muito surpreendente ler equilibrados tomos psiquiátricos sobre este fato. Na verdade, os "assassinos solitários" tem sido uma instituição politica por mais de 700 anos, se não mais. 700 anos atrás, contudo, nenhuma pretensão foi assumida de que os "assassinos solitários" atuassem sozinhos, como é hoje feito. Naquela época, o "assassino solitário" era, sabidamente, um instrumento eficaz e aterrorizante de controle social e político. Era uma técnica utilizada pela organização Assassina para vencer suas guerras, aumentar sua influência politica, destruir seus inimigos, enchendo seus cofres através da extorsão.

Como a seita dos assassinos conseguia homens jovens para cometerem os assassinatos? Não é fácil fazer com que pessoas matem as outras, especialmente quando o assassino será, provavelmente, capturado e se auto imolar A organização assassina tinha um método eficaz para superar esta resistência natural e programar os jovens para matar. Uma

das primeiras pessoas a descrever a técnica de programação dos assassinos foi Marco Polo, o famoso viajante europeu de século XIII que escreveu um livro best-seller sobre suas viagens. Embora Marco Polo tenha sido acusado por umas poucas pessoas, em seu próprio tempo, de fabricar as histórias, investigação subsequente verificou, aproximadamente, tudo que ele descreveu em seu famoso livro.

Segundo Marco Polo, uma porção da fortaleza dos assassinos em Alamut fora convertida em um maravilhoso jardim secreto como o paraíso descrito nas visões dos céus por Maomé. O jardim tinha quase que todos os tipos imagináveis de frutos e era regado com riachos de vinho, leite e mel. Os palácios eram maravilhosamente ornamentados e tinham uma companhia de cantores, dançarinos e músicos. Se certos homens jovens na região mostravam-se como promessas de assassinos potenciais, eles eram drogados, geralmente com opio ou haxixe e levados ao jardim secreto. Lá eles eram adulados por uns poucos dias e nada era negado a eles, inclusive mulheres. Eles então eram drogados novamente e voltavam para casa. Os jovens homens acreditavam que os lideres assassinos os tinham transportado para os céus e de volta. Ávidos para voltarem, os jovens homens alegremente seguiriam as instruções de seus lideres assassinos. Aos subalternos impressionados pelo céu era frequentemente dito que uma volta ao paraíso consistia em, ousadamente, assassinar um mirado líder inimigo. O jovem assassino era instruído a esperar em um lugar público e atacar a vítima com uma adaga, enquanto a vitima passava. Posto que os jovens assassinos, frequentemente, seriam mortos no local ou executados mais tarde, eles eram convencidos a acreditar que a sua morte na cena do crime, ou pela execução posterior, resultaria em um retorno ao paraíso do qual se lembravam.

A notoriedade dos assassinos se espalhou. Era rumor que alguns reis europeus estavam pagando tributo aos assassinos para evitarem ser alvos. Embora a extensão da atividade dos assassinos na Europa ainda seja debatida hoje (alguns historiadores avaliam que os assassinos focavam a maioria de suas práticas mortais nos conflitos que aconteciam no Oriente Médio), os assassinos se tornaram longe e amplamente famosos. Como resultado, todas as pessoas que tentam assassinar um líder politico vieram a ser conhecidas como ‘assassinos’ ou ‘usuários de haxixe’. Embora a maioria dos ‘assassinos’ modernos não tenha sido de usuários de haxixe, muitos têm mostrado evidência de considerável comprometimento mental, o que será discutido perto do fim deste livro.

Pelo fim do século XIII, os mongóis haviam dominado o Oriente Médio e destruído as maiores fortalezas dos Assassinos. Interessantemente, os mongóis eram também inspirados por crenças místicas. Os assassinos conseguiram sobreviver à matança e eles existem até hoje. Relatos apontam que as modernas seitas dos assassinos estão pacificamente radicadas na Índia, Irã e Síria. Seu chefe titular e “Aga Khan,” que é o líder espiritual mundial de todos os ismailianos. Os ismailianos estão estimados em 20 milhões de pessoas hoje. Desde 1840, os Aga Khans tem operado fora da Índia por causa de uma rebelião mal sucedida em 1838 de Aga Khan I contra o xá da Pérsia. Quando a rebelião fracassou, a Bretanha ofereceu santuário ao Aga Khan na Índia, que então estava sob o governo britânico. Desde então, os Aga Khans tem viajado nos círculos de elite da sociedade ocidental. Recentes Aga Khans receberam educação em Oxford, Harvard e na

Suíça. Os Aga Khans também conquistaram um lugar na comunidade bancária internacional com a criação de um banco central em Damasco, Líbano.

Pode ser uma coincidência que os "assassinos solitários" cresceram como um importante fenômeno nos EUA exatamente ao tempo que Aga Khan I estava estabelecendo um relacionamento com a Bretanha no início do século XIX. O primeiro "assassino solitário" conhecido a atacar um presidente dos EUA o fez em 1835. A pretendida vitima era Andrew Jackson que era, interessantemente, um membro da organização dos cavaleiros cemplários na América. Desde então, os presidentes americanos têm sido alvos de "assassinos solitários" a cada dez ou vinte anos. Muitos outros lideres ocidentais e figuras públicas também tem sido vítimas. Embora eu não tenha visto evidência de que a própria seita dos assassinos esteja por trás dos modernos episódios dos "assassinos solitários", está claro que sua técnica tem sido escolhida e usada por influentes fontes politicas com conexões da irmandade no mundo ocidental, como discutirei mais completamente em um capítulo posterior.

Como vimos, a era das cruzadas testemunhou o nascimento de instituições que ainda nos afetam hoje. À lista, devemos acrescentar duas famosas ordens cristãs: os franciscanos e os dominicanos. Os franciscanos adotaram a corda no quadril e o ponto careca usado pelos antigos sacerdotes egípcios da irmandade em El Amarna. Os franciscanos pareciam ser bem humanos. Os dominicanos, por outro lado, foram colocados a cargo do subproduto mais odiado das cruzadas: a inquisição católica.

A inquisição medieval tem sido universalmente condenada como uma das instituições humanas mais opressoras jamais desenvolvidas. Ela foi conhecida por suas torturas e excessos de zelo. A inquisição surgiu de um esforço do papa Inocente II para eliminar uma grande seita herege no sul da Franca conhecida como os 'albigenses'. Inocente II havia solicitado uma Cruzada especial em 1208 para entrar na França e dizimar a seita. A guerra de cinco anos que se seguiu, devastou a região. Dez anos depois, um novo papa, Gregório IX, continuou a ação. Ele colocou os dominicanos a cargo da investigação dos albigenses. Gregório deu à ordem dominicana completo poder legal para indicar e condenar todos os hereges sobreviventes. Desta campanha, cresceu a completa máquina desumana da inquisição católica que devia eliminar a heresia de qualquer tipo. A inquisição gerou um clima pavoroso de opressão intelectual e espiritual na Europa pelos seguintes 600 anos. Boato, indireta e honesto desacordo intelectual levaram muitas pessoas decentes à tortura e aos autos de fé (morte na fogueira). As cicatrizes sociais ainda são visíveis hoje no medo instintivo que tantas pessoas têm de expressar idéias não conformistas. A inquisição ajudou a gerar uma reação social de violência às idéias não conformistas da qual o mundo ainda não escapou completamente.

Está claro que a igreja cristã tinha sido submetida a muitas mudanças ao tempo em que as cruzadas acabaram. A igreja não era mais, há muito tempo, a religião humanitária e descentralizada divisada por Jesus. A nova igreja católica. ('não Dividida') sediada em Roma tinha sucumbido as 'reformas' dos imperadores romanos orientais. Era uma religião que Jesus teria deplorado. Felizmente, depois do legado da inquisição, a igreja católica começou a melhorar e hoje tem muito boas qualidades.

Talvez o evento mais significativo das cruzadas não envolva fazer a guerra, a programação de assassinos ou a criação da inquisição. Ela compreende o fazer da paz.

No ano de 1228, o imperador alemão Frederico II liderou uma cruzada a Jerusalém. Frederico não estava em boas graças com o papa naquele tempo. Frederico foi descrito como um príncipe estranho, de mente secular, altamente educado, um inimigo jurado do papado em bases politicas, que tinha adquirido, pelo casamento, o direito ao que restara do reino de Jerusalém. [1]

A luta de Frederico com o papa Gregório IX tinha começado somente um ano antes de sua viagem a Jerusalém. O conflito entre Frederico e o papa Gregório girava ao redor da matéria do poder papal centralizado. Frederico se opunha a isto e Gregório estava se esforçando para acelerá-lo. Esta disputa fez com que Frederico fosse colocado sob uma sentença de excomunhão – uma sentença que foi finalmente foi executada em 1245.

Conquanto sob a sentença, mas ainda não excomungado, o não arrependido Frederico viajou para seu reino em Jerusalém como líder de sua própria Cruzada. A despeito do profundo envolvimento com os Cavaleiros Teutônicos, Frederico II provou naquela viagem que ele podia ser um homem de paz. Em vez de prolongar a guerra com os muçulmanos, ele negociou um tratado de paz. Ele aparentemente sentiu que era do melhor interesse de todos o fim da luta religiosa e isto foi precisamente o que ele fez. Frederico alcançou este feito ao negociar com o líder muçulmano reinante, o Sultão Kamil. Dentro de um ano após iniciar suas conversas com o Sultão e sem a aprovação do papa, ele concluiu o tratado assinado em 1229 que devolvia Jerusalém aos cristãos por dez anos desde que os cristãos não se armassem. O arranjo funcionou.

Usando a negociação e apelos à razão, Frederico tinha realizado em uma curta viagem o que os papas afirmavam que tentar fazer por quase 130 anos com guerra e sangue. Sob o tratado de Frederico, os cristãos eram livres para morar em Jerusalém e lá fazerem peregrinações e os muçulmanos ficaram livres da ameaça oferecida pelos exércitos cristãos. Muitos lideres cristãos e muçulmanos não ficaram felizes com este arranjo, contudo, porque Frederico tinha acertado isso, “deixando ambas as partes indignadas com um acordo tão pacífico. Quando o armísticio finalmente acabou em 1239, a guerra sagrada foi reiniciada…”[2] *

Podemos legitimamente perguntar porque o tratado de Frederico não foi prolongado ou um tratado similar não foi negociado? Que propósito foi atendido ao mergulhar em outros 70 anos adicionais de guerra sangrenta? Os cristãos terminaram perdendo totalmente a terra Sagrada.

* Ha uma surpreendente linha paralela a esta história. Depois que Frederico completou o tratado, ele queria ser coroado monarca de Jerusalém, por sua herança. Porque ele estava sob a sentença de excomunhão, nenhuma autoridade católica realizaria a cerimonia para ele. Frederico, contudo, não era um homem que pudesse ser detido por tais tecnicalidades. Ele simplesmente se coroou e viajou de volta para sua casa na Alemanha.

Tão frequentemente ouvimos que as guerras são um produto da natureza humana básica, ainda assim, em um só esforço de paz, vimos 130 anos de ferozes conflitos terminarem através do apelo de um homem à razão e à cooperação de um outro homem, resultando em uma paz com a duração do tratado. Podemos ver que a habilidade das pessoas é tão forte, senão mais forte, do que o desejo pela guerra. O que, então, dirigiu muçulmanos e cristãos à matança uns dos outros por causa de uma trivial disputa de propriedade imobiliária?

Uma resposta a esta questão pode ser encontrada no que os muçulmanos e os cristãos pensavam sobre o que realmente eles estava lutando: sua salvação espiritual e liberdade. Eles acreditavam que ao lutar e até mesmo morrer gloriosamente, por sua fé, eles garantiriam salvação eterna. A história tem claramente demonstrado que a busca pela liberdade espiritual é tão forte que ela pode superar qualquer impulso humano, inclusive a necessidade da autopreservação física. Em algum ponto, as pessoas sacrificarão suas próprias existências físicas e até mesmo a sobrevivência física de seus entes queridos, se elas acreditarem que o sacrifício lhes assegurará sua integridade espiritual ou que isto lhes trará a sua salvação espiritual. Quando o genuíno conhecimento espiritual é distorcido, ainda que o desejo de salvação espiritual continue a ser estimulado, muitas pessoas podem ser levadas a fazer coisas profundamente estúpidas. Um passo importante para resolver o problema da guerra, então, é alcançar um verdadeiro entendimento do espírito e um meio real para sua reabilitação.

Quando olhamos as práticas espirituais dos cavaleiros cristãos e dos Ismailianos muçulmanos descobrimos que a participação na guerra era, frequentemente, exaltada como uma busca espiritual. Os guerreiros de ambos os lados eram inspirados pelos misticismos corrompidos da irmandade que ensinavam que as recompensas espirituais podiam ser conquistadas ao se engajar em comportamentos militares contra outros seres humanos. Esta foi a mitologia da ‘guerra espiritualmente nobre’ na qual os galantes soldados recebiam a promessa da salvação espiritual e um lugar no Paraíso por lutar por uma causa nobre. Esta mitologia ainda hoje permanece vital ao recrutar pessoas para lutarem em uma guerra continuada. Isto distorce a necessidade de liberdade espiritual em uma guerra honrosa.

O que é guerra, então, senão uma nobre busca?

Analisados seus componentes básicos, a guerra nada mais e do que o ato de fazer com que objetos sólidos destrutivamente colidam com outros objetos sólidos. Isto algumas vezes pode ser divertido, mas não existe muito beneficio espiritual a ser derivado do engajamento constante nisto. Embora seja verdadeiro que a guerra tenha muitos elementos de um jogo, a natureza destrutiva da guerra a torna pouco mais do que uma série de atos criminosos: primariamente incêndios premeditados, agressão e assassinato. Isto revela algo de grande importância:

> *A guerra é a institucionalização da criminalidade. A guerra nunca traz um melhoramento espiritual porque a criminalidade é uma das principais causas da deterioração mental e espiritual.*

As sociedades que exaltam as ações criminosas como um busca nobre sofrerão uma rápida deterioração na condição mental e espiritual de seus habitantes. As doutrinas 'espirituais' que exaltam o combate são doutrinas que degradam a raça humana.

Não será a guerra, em busca de uma causa justa, uma boa coisa?

O maior problema em usar a força violenta para lutar por uma causa é que as regras da força operam em princípios completamente diferentes daqueles dos princípios do certo e do errado. O uso vitorioso da força violenta depende de talentos que nada tem a ver com o fato de que a causa de alguém seja ou não justa. O homem que pode disparar mais rapidamente seis tiros não é necessariamente o homem com os melhores ideais. Nos gostamos dos nossos heróis, quando eles podem atirar melhor ou fisicamente superar os caras maus e nada há de errado com eles serem capazes de assim fazer, mas nem todos os nossos heróis podem. Aqueles que tem uma causa legítima devem, portanto, cuidar da tentação de avaliar a correção de suas crenças na arena da força violenta, já que sua causa pode ser imerecidamente perdida. Há muitos meios eficazes de se promover causas justas e fazer com que elas vençam, mas estes métodos raramente são usados em um mundo educado para usar a violência como sua corte máxima de apelo.

As cruzadas e outros conflitos religiosos têm, frequentemente, sido canalizados pela questão de quem é o verdadeiro messias e quem não é. As paixões podem dirigir fortemente este tópico. Portanto cabe a nós, desta vez, discutirmos o que um messias pode ou não ser.

16 - Messias e Meios

Em uma civilização global tal como a nossa, onde o conhecimento espiritual e a liberdade parecem ter sido adulterados, obviamente haveria um lugar para que alguém desenvolvesse um corpo de conhecimento útil e compreensivo sobre o espírito e o relacionamento do espírito com o universo. Porque fenômenos espirituais verificáveis parecem ser consistentes de pessoa a pessoa e de tempos em tempos, é provável que todas as realidades espirituais estejam enraizadas em leis e axiomas consistentes, do mesmo modo que a astronomia e a física. Se alguém descobrisse e delineasse metódicamente essas leis, ele ou ela prestaria um grande serviço. Tais descobertas poderiam abrir uma ciência inteiramente nova. Uma pessoa que fizesse isto seria um 'messias'?

Promessas de um 'messias' foram feitas por muitas grandes religiões, tanto dissidentes quanto tutelares. À palavra 'messias' foram dados vários significados, desde simplesmente 'professor' até 'libertador'. Um 'messias' pode ser qualquer um, de uma pessoas que desenvolva uma ciência bem-sucedida do espírito até alguém que seja realmente capaz de libertar espiritualmente a raça humana.

Através da história, houveram milhares de pessoas que afirmam ser um 'messias', ou a a eles foi dado o título por outros, mesmo que elas próprias não o tivessem afirmado. Tais afirmações messiânicas são geralmente baseadas em profecias registradas anteriormente na história, tais como a lenda budista do Mettaya, a profecia da 'segunda vinda' do *Livro da Revelação*, os ensinamentos apocalípticos de Zoroastro ou as profecias hebráicas. Muitas pessoas olham todas as declarações messiânicas com claro ceticismo; outros se tornam ávidos seguidores de um líder, que eles acreditam ser o cumprimento de uma profecia religiosa. Isto levanta uma questão: houve ou haverá, um messias genuíno? Como alguém poderia identificar tal pessoa?

Qualquer um que, com sucesso, desenvolva uma ciência funcional do espírito obviamente teria uma afirmação legitima para o título de 'messias' no sentido de um 'professor'. Nada há de místico ou de apocalíptico nisto: uma pessoa faz algumas descobertas e as partilha. Se este conhecimento se torna amplamente conhecido e resulta em ampla salvação espiritual, então entramos no reino do 'libertador' ou 'messias profetizado'. Como identificamos um tal libertador quando existem tantas profecias diferentes com tantos meios para interpretá-las?

A resposta é simples: O provável libertador deve ter sucesso. A pessoa deve *conquistar* o título; ele não é dado por Deus.

Isto é uma maneira terrivelmente fria e descompromissada de olhar o assunto. Isto despe a mágica e o misticismo normalmente associado com a profecia messiânica. Isto força qualquer pessoa que reclamaria o título de messias a realmente trazer a paz e a salvação espiritual, porque uma tal profecia não será cumprida a menos que alguém faça com que isto aconteça. Isto compele o provável libertador a completamente superar os obstáculos que atuam contra estas metas universais. Esta é uma das tarefas menos invejáveis que uma pessoa poderia esperar assumir algum dia. Necessitamos apenas olhar

para os ‘libertadores’ do passado para apreciar a longa e difícil estrada em que uma tal pessoa deve viajar. Até hoje, ninguém teve sucesso, mas isto, certamente, é um desafio digno de melhor talento.

Quando a maioria das pessoas visualiza um messias, elas vêem uma pessoa em branco imaculado, que fala, pensa e se comporta de maneira santa. Esta pode ser uma imagem equivocada para se determinar se alguém conseguiu fazer, ou não, as descobertas necessárias para alcançar a salvação espiritual. O desenvolvimento de uma ciência espiritual de sucesso não seria diferente de desenvolver-se uma ciência como a aeronáutica. O cientista chefe não tem porque ser santo - alguns deles poderiam ser pessoas que não convidaria para ir à sua casa – mas seus aviões voam. È irônico que importantes descobertas são, com frequência, feitos por pessoas desagradáveis. Testemunha disto são os vikings escandinavos, que cartografaram extensas regiões desconhecidas, mas as saquearam quando partiram.

Disto se deduz que uma pessoa que pode descobrir uma rota para a salvação espiritual pode não ser um santo. De fato, é mais provável que um tal indivíduo aparente tantos defeitos de caráter quanto qualquer outra pessoa. A prova para se determinar se uma rota para a recuperação espiritual foi descoberta não é a personalidade do descubridor: a prova é se esta rota verdadeira e claramente traz a recuperação espiritual nos demais.

Existe uma idéia de que, proclamando alguém como messias profetizado, isto será suficiente para que seja verdade. A lógica por trás disto é que se todo o mundo se agrupar ao redor de um simples líder religioso, a harmonia e a paz mundial aontecrão automaticamente. Tal plano soa bem, mas a história assinala, claramente, que isto não funciona. Além disso, seguidores de um mesmo líder religioso são facilmente divididos em facções. Testemunhas disso são os cristãos e os muçulmanos.

A religião dirige, definitivamente, a sobrevivência do ser espiritual individual e como discutiremos quase ao final deste livro, de algum modo, a possível sobrevivência de um ser supremo. Supostamente, é fácil para as pessoas se fazerem muito zelosas acerca da religião. Não há nada de mal com este zelo contando que seja guiado pela compaixão e bom senso. Temos visto como várias religiões, inicialmente, se fundaram sobre verdadeiros ideais humanitários e traíram aqueles ideais e se converteram em tiranias piores do que qualquer das tiranias às quais as religiões haviam se oposto. Isto cumumente acontece quando os adeptos religiosos crêem que os meios usados par alcançar uma meta altruísta serão sempre justificados, contando que a meta seja alcançada. Sua lógica parece bastante sensata, mas não é assim.

É um fato desafortunado da vida que os meios sempre justifiquem os fins. Não importa quão nobre o fim possa ser, o resultado final sempre se parecerá aos meios usados para alcançá-lo. É desta forma que algumas das metas mais espetaculares podem criar algumas das mais opressivas e mortais instituições. Um personagem frequênte na literatura é o indivíduo altruísta que gradualmente se converte em algo parecido ao diabo que está combatendo, por usar os mesmos meios que o inimigo está usando. Finalmente, isto resulta em nossa incapacidade de estabelecar a diferença entre um ‘altruísta’ e seu oponente.

Frequentemente, vemos que este fenômeno ocorre em grande escala, envolvendo organizações e governos.

Portanto, para julgar um indivíduo ou organização, deve-se fazer mais do que meramente considerar sua meta ou propósito. Deve-se também examinar a fundo os meios reais usados dai a dia para alcançar a meta. Não se preocupar o quanto são sinceros os indivíduos, o que eles crêem será, eventualmente, grandemente determinado pelos meios que eles estão usando. Curiosamente, um grupo com menos propósitos maiores pode, algumas vezes, conseguir muito mais benefícios, inclusive mais do que seus própios membros teriam intencionado, se empregaram meios honestos e construtivos para alcançar seus propósitos.

Como vemos, uma organização que justifica o assassinato, a difamação e as manipulações maquiavélicas para ganhar influência e derrotar opositores em nome de uma grande meta, está criando um mundo no qual o assassinato, a difamação e a confusão estão sendo realizados. Ao contrário, uma pessoa que crê que falando sempre a verdade, seu clube de tecelãos será respeitado, está criando um mundo no qual está se falando a verdade. Definitivamente, o melhor de todos os mundos combina uma grande meta com grandes meios de alcançá-la, já que o cumprimento de uma meta requer, geralmente, um esforço consciente para alcançá-la. Em segungo lugar, meios nobres para um objetivo menor, beneficiarão o mundo muito mais do que os vergonhosos meios para uma meta maior.

17 - Deuses voadores sobre a América

Pelo tempo das cruzadas, grandes dramas tinham se desdobrado no lado oposto do globo. Grandes civilizações tinham ido e vindo no continente americano. É difícil estudar a história das antigas civilizações americanas porque quase todos os registros originais destas civilizações foram destruídos séculos atrás. Como resultado, os historiadores são, frequentemente, confrontados com disputas sobre os fatos mais básicos, tais como as datas. Por exemplo, as estimativas de tempo a respeito da grande civilização Maia a colocavam em vários pontos, de 30.000 a 12.000 anos atrás ou apenas a 700 anos atrás. Para os propósitos deste livro, usarei as datas mais comumente aceitas pelos historiadores modernos e arqueólogos.

Muitos arqueólogos acreditam que a primeira civilização importante norte-americana foi a sociedade Olmeca do México. Estima-se que ela tenha florescido por volta de 800 AC até 400 AC. Muito pouco se conheçe sobre os Olmecas, exceto que eles deixaram para trás importantes ruínas que incluíam uma grande pirâmide. A existência da pirâmide é uma forte evidência de que havia uma interação entre os Velho e Novo Mundos nos anos AC.

Acredita-se que os Olmecas deram nascimento à famosa civilização Maia, que se seguiu. A cultura Maia se estendeu do México para a América Central e durou por volta de 300 AC até 900 de nossa era. Como os Olmecas, os Maias gostavam de construir pirâmides. Surpreendentemente, algumas pirâmides maias receberam uma cobertura de pedra calcárea como as pirâmides anteriores do Egito. Os maias também copiaram os egípcios ao mumificarem corpos e manterem crenças similares sobre a vida física após a morte. Segundo o historiador Raymond Cartier:

> Outras analogias com o Egito são discerníveis na admirável arte dos Maias. Suas pinturas em murais e afrescos e vasos decorados mostram uma raça de homens com feições marcantemente semíticas (mesopotâmias), engajados em todos os tipos de atividade: a gricultura, pesca, construção, política e religião. O própio Egito apresentou estas atividades com a mesma cruel verossimilhança (aparência de verdade); mas a cerâmica dos Maias recorda aquela dos Etruscos (uma antiga civilização na Itália); seus baixo-relevos lembram aqueles da Índia e os enormes degraus das escadas de seus templos piramidais são como aqueles em Angkor (no Cambodja, dedicado à veneração Hindu). A menos que eles obtivessem seus modelos de fora, seus cérebros devem ter sido tão evoluídos que eles adotaram as mesmas formas de expressão artística de todas as outras grandes civilizações da Europa e da Ásia. Então, lançou-se a civilização de uma região geográfica particular e gradualmente espalhou-se em todas as direções, como um incêndio florestal? Ou ela apareceu espontânea e separadamente em várias partes do mundo? Eram algumas raças os professores e outras os alunos, ou todos eles eram autodidatas? Sementes isoladas ou uma descendência de um ramo principal, brotando em todas as direções?

As coincidências são, de longe, muito fortes para as civilizações americanas terem se elevado independentemente das sociedades do Velho Mundo. As teorias Junguianas de um "inconsciente coletivo" dificilmente são satisfatórias. As surpreendentes similaridades indicam que as civilizações americanas eram parte de uma sociedade global, mesmo que os antigos habitantes da América não estivessem cientes disso. Uma situação similar existe hoje. Em diferentes cidades ao redor do mundo encontramos modernos arranha-céus que se parecem notavelmente similares, não importa em que lugar no globo eles estejam: de Singapura à África, até os EUA. Pode ser uma grande surpresa ver, em uma remota nação africana, um alto arranha-céu de vidro que seja virtualmente idêntico a um em Chicago. A cultura circunvizinha, contudo, pode ser radicalmente diferente em cada país, indicando que o arranha-céu na África não é um produto da cultura africana nativa e sim, o produto de uma influência independente global. Uma influência global similar claramente existiu há mais de um milênio atrás, como fica evidenciado pelas notáveis similaridades entre as antigas culturas maia e egípcia. Esta influência global parece ter sido a sociedade tutelar, porque tão logo revisamos os antigos escritos americanos, mais uma vez encontramos os nossos amigos tutores.

Os tutores eram venerados pelos antigos americanos como 'deuses' de aparência humana que vieram de outros mundos. Como no hemisfério oriental, os tutores na América eram frequentemente disfarçados sob a capa da mitologia. Como no Egito e na Mesopotâmia, os serventes dos tutores na América eram os sacerdotes, que mantinham um considerável poder politico por causa de seu relacionamento especial com os alegados mestres extraterrestres da humanidade. Portanto não é surpreendente encontrar evidência de que a irmandade existiu nas antigas Américas. Por exemplo, a cobra foi um importante símbolo religioso através do antigo hemisfério ocidental. Vários historiadores maçons livres alegam evidências de ritos maçônicos iniciais nas sociedades pré-colombianas. O símbolo da suástica, da irmandade, também foi proeminente, como o professor W. Norman Brown da Universidade de Pensilvânia ressalta na página 27 de seu livro, *The Swastika: A study of the Nazi claims of its Aryan origin*:

> Um problema curioso reside na presença da suástica na América antes do tempo de Colombo. Ela é frequente nas Américas do Norte, Central e do Sul e tem muitas formas.

As civilizações americanas tinham uma história similar àquela do Velho Mundo. Ela foi cheia de guerras, genocídios e calamidades. As cidades e os centros religiosos na antiga América iam e vinham. Uma coisa que permaneceu consistente foi a construção de pirâmides. Os Toltecas, uma civilização que se elevou da sociedade Maia, continuou a tradição da construção das pirâmides e construiu a fabulosa pirâmide do Sol no México. Esta pirâmide é maior em massa do que a grande pirâmide do Egito e é construída com a mesma precisão de corte das pedras que caracteriza sua contraparte egípcia.

Quando os espanhóis invadiram a América no século XVI, eles, deliberadamente, destruíram quase tudo que eles puderam das antigas culturas americanas, exceto pelo ouro e matais preciosos que eram embarcados para a Espanha. Naquele tempo na história, a inquisição estava em suas alturas e a Espanha era seu mais zeloso advogado. Os antigos

americanos eram considerados pagãos e assim, os missionários cristãos se engajaram em uma campanha enérgica para destruir todos os registros e artefatos relacionados às religiões americanas. Infelizmente, estes registros incluíam textos sem preço de história e ciências. O efeito desta obliteração foi muito similar a destruição da Biblioteca da Alexandria pelos cristãos anteriormente; isto criou um 'escurecimento' substancial a respeito de parte da história antiga da humanidade. Isto deixou muitas questões não respondidas sobre os maias. Por exemplo, os Maias construíram os fabulosos centros religiosos e então os abandonaram. Alguns historiadores acreditam que o abandono ocorreu subitamente e que a sua causa permanece um mistério. Outros concluem que isto ocorreu gradualmente, na medida em que a sociedade maia decaia. Os maias também eram conhecidos por praticarem sacrifícios humanos. Alguns historiadores acreditam que os sacrifícios eram um ritual não frequente; outros acreditam que estes sacrifícios eram genocídio em grande escala, clamando 50.000 vidas por ano. Onde esta a verdade?

Apareceu então um livro que se pretende ser o registro das antigas crenças maias. Ele é conhecido como *Popol Vuh* ("Livro do Conselho"). O *Popol Vuh* não é um trabalho genuinamente antigo. Foi escrito no século XVI por um maia desconhecido. Ele foi, mais tarde, traduzido para o espanhol pelo padre Francisco Ximenez, da ordem dominicana. A tradução de Ximenez foi primeiramente publicada em Viena em 1857 e é a mais inicial versão sobrevivente do *Popul Vuh*.

Diz-se que o *Popol Vuh* é uma coleção de crenças e lendas maias que haviam sido transmitidas oralmente pelos séculos. Está claro, contudo, que muitas idéias cristãs foram incorporadas ao trabalho, seja pelo autor desconhecido original, pelo Padre Ximenez ou por ambos. Também é obvio que o *Popol Vuh* contém muitas histórias de pura ficção, misturadas com o que se acredita ser a verdadeira história da criação do homem. Não obstante, vários segmentos do *Popol Vuh* são dignos de consideração, porque eles repetem importantes temas religiosos e históricos que temos visto em outros lugares, mas com muito mais sofisticação do que é encontrado nos escritos cristãos. Estes temas são expressados pelo *Popol Vuh* dentro do contexto de múltiplos deuses dos antigos maias.

O *Popul Vuh* afirma que a humanidade tinha sido criada para ficar a serviço dos 'deuses'. Os 'deuses' são citados:

> *"Vamos fazer aquele que deve nos nutrir e nos suster!*
> *O que devemos fazer para sermos evocados, para*
> *sermos lembrados na terra? Temos já tentado com*
> *as nossas primeiras criações, nossas primeiras criaturas,*
> *mas não podemos fazer com que eles nos dignifiquem e*
> *nos venerem. Assim, então, vamos tentar fazê-los seres*
> *obedientes e respeitosos que nos nutrirão e nos sustentarão."*[2]

Segundo o *Popul Vuh*, os 'deuses' tinham feito criaturas conhecidas como 'figuras de madeira' antes de criar o *homo sapiens*. Dito de aparência e altura como homens, estas estranhas criaturas de madeira 'existiram e se multiplicaram; eles tiveram filhas e eles tiveram filhos…'[3] Eles eram, contudo, serventes inadequados para os deuses. Para explicar

o porque, o *Popol Vuh* expressa uma sofisticada verdade espiritual que não é encontrada na cristandade, mas que é encontrada nos escritos anteriores da Mesopotâmia. As "figuras de madeira" não tinham almas, relata o *Popol Vuh* e assim, elas andavam de quatro 'sem direção'. Em outras palavras, sem almas (seres espirituais) para animarem seus corpos, os 'deuses' descobriram que haviam criado criaturas vivas que podiam se reproduzir biologicamente, mas a quem faltava a inteligência para ter metas ou direção.

Os 'deuses' destruíram suas 'figuras de madeira' e realizaram longos encontros para determinarem a forma e a composição de sua próxima tentativa. Os 'deuses' finalmente produziram criaturas às quais seres espirituais podiam ser anexados. Esta criatura nova e melhor era o *homo sapiens**

A criação do homo sapiens não terminou com as dores de cabeça dos tutores. Segundo o *Popol Vuh*, os primeiros *homo sapiens* eram inteligentes demais e tinham habilidades *demais*!

> *Eles (os primeiros* homo sapiens*) eram dotados de inteligência; eles viram e instantaneamente puderam ver mais longe, eles tiveram sucesso em ver, eles tiveram sucesso em conhecer tudo que há no mundo. Quando eles olhavam, instantaneamente eles viam tudo ao seu redor, e eles contemplavam por sua vez o arco dos céus e a face redonda da terra.*
>
> *Mas o Criador e Fabricante não ouviu isto com prazer. 'Não é bem que as nossas criaturas, os nossos trabalhos digam; eles sabem tudo, o grande e o pequeno,' eles disseram.*[4]

Algo tinha que ser feito. Os humanos (e por implicação, os seres espirituais que animam os corpos humanos) precisavam ter reduzido seu nível de inteligência. A humanidade tinha que ser mais estúpida:

> '*O que devemos fazer com eles agora? Vamos deixar que a vista deles alcance apenas o que está perto; vamos fazê-los ver apenas um pouco da face da terra! Não é bem o que eles dizem. Por acaso eles não são simples criaturas da natureza de nossa fabricação? Devem eles também serem deuses?'*[5]

O *Popol Vuh* então fala simbolicamente o que os tutores fizeram ao *homo sapiens* inicial para reduzir a inteligência humana e a visão intelectual:

> *Então o coração do céu soprou névoa em sues olhos, que nublou a visão deles como quando se respira em um espelho. Os olhos deles foram cobertos e eles puderam ver apenas o que estava próximo, somente o que estava claro para eles.*
> *Deste modo a sabedoria e todo o conhecimento do quarto homen (primeiros* homo sapiens*)...foi destruído.*[6]

* Segundo os textos sumérios, o homo sapiens se assemelhava aos corpos dos tutores. Isto poderia explicar porque os 'deuses' do *Popol Vuh* foram bem-sucedidos com o *homo sapiens*, mas não com outros tipos de corpos: os seres espirituais eram mais voluntários de habitar corpos que se assemelhavam aos corpos que eles já haviam habitado antes.

A passagem acima ecoa a história bíblica de Adão e Eva na qual as "espadas giratórias" tinham sido colocadas para bloquear o acesso humano a conhecimentos importantes. Isto também sugere uma intenção tutelar de que os seres humanos nunca deveriam aprender sobre o mundo além do óbvio e do superficial.

O *Popol Vuh* contém um outro elemento digno de ser mencionado porque ele reflete a "confusão de línguas" tema da estória bíblica da Torre de Babel. O *Popol* Vuh relata que os vários 'deuses' falavam línguas diferentes, as quais as antigas tribos maias eram compelidas as adotar conforme caíssem sob o governo de um novo 'deus'. Até mesmo no Novo Mundo, os humanos eram separados em diferentes grupos linguísticos pelos 'deuses' tutelares.

Ao tempo que os espanhóis chegaram pela primeira vez às Américas, no fim do século XV, os 'deuses' tutelares não estavam mais diretamente visíveis nos assuntos humanos, e não o tinham estado por séculos. Embora os OVNI continuassem a ser observados pelo mundo, as pessoas não mais os viam como veículos dos 'deuses'. A raça tutelar assumir um perfil discreto que fez com que parecesse que ela tivesse deixado a terra e voltado para casa. Infelizmente, eles ainda permaneceram, como o próximo capítulo, talvez o mais sinistro, revela.

18 - A Morte Negra

A centralização do poder papal culminou sob o papa Inocêncio IV, que manteve as rédeas papais de 1243 até 1254. Inocêncio IV tentou tornar o papado a maior autoridade política do mundo, ao proclamar que o papa era o 'vicário (representante terreno) do Criador (ao qual) toda criatura humana está submetida'. Foi sob Inocêncio IV que a inquisição se tornou uma instituição oficial da igreja católica Romana.

A despeito da opressão da inquisição, a Europa no século XIII estava começando a se recuperar da ruptura econômica e social causada pelas cruzadas. Os sinais do renascimento da Europa eram visíveis na ampliação dos horizontes intelectuais e artísticos. O comércio com outras partes do mundo fizera muito para enriquecer a vida européia. A Europa estava entrando em uma era na qual a cavalaria, a música, a arte e os valores espirituais estavam desempenhando grandes papéis. Mal havia se passado um século destes progressos, contudo, antes que um evento desastroso abruptamente trouxesse este processo a uma parada temporária. Este evento foi a peste bubônica, também conhecida como a morte negra.

A morte negra começou na Ásia e logo se disseminou para a Europa onde matou aproximadamente 25 milhões de pessoas (aproximadamente um terço da população total da Europa) em menos de quatro anos. Alguns historiadores colocam a estatística de baixas mais perto de 35 a 40 milhões de pessoas, ou quase metade de todos os europeus.

A epidemia primeiramente se disseminou pela Europa entre 1347 e 1350. A peste bubônica continuou a atacar a Europa com decrescente fatalidade a cada dez ou vinte anos em surtos de curta duração até os anos de 1700. Embora seja difícil calcular o número total de mortes deste período de 400 anos, acredita-se que mais de cem milhões de pessoas possam ter morrido com a peste.

Acredita-se que dois tipos de pragas possam ter causado a morte negra. O primeiro é a tipo 'bubônica', que foi a mais comum. A forma bubônica da praga é caracterizada por amolecimento e inchaço dos linfonodos; estes inchaços são chamados 'bubões'. Os bubões são acompanhados de vômitos, febre e morte no período de vários dias, se não forem tratados. Esta forma de praga não é contagiosa entre seres humanos: ela requer um hospedeiro transmissor ativo, tal como a pulga. Por esta razão, muitos historiadores acreditam que os roedores infestados de pulgas causaram a peste bubônica. Os roedores são conhecidos por transportarem a doença até mesmo hoje. Um número de registros de 1347 a 1600 fala de infestações de roedores antes de vários surtos da morte negra, dando credibilidade a teoria dos roedores.

A segunda forma da praga que contribuiu para a morte negra é um tipo altamente contagioso conhecido como tipo "pneumônico". Ela é marcada por tremores, respiração, acelerada e tosse com sangue. As temperaturas corporais são altas e a morte, normalmente, acontece apos três ou quatro dias após a doença ter sido contraída. Este segundo tipo de peste é quase sempre fatal e se transmite melhor no tempo frio e com pouca ventilação. Alguns médicos hoje acreditam que foi esta segunda forma, peste pneumônica, a que foi

responsável pela maioria dos óbitos da morte negra, por causa do ajuntamento e das pobres condições higiênicas então prevalecentes na Europa.

Normalmente balançaríamos nossas cabeças para este trágico período da história humana e seriamos gratos à medicina moderna que tem desenvolvido as curas para estas doenças pavorosas. Contudo, enigmas perturbadores sobre a morte negra ainda permanecem. Muitos surtos ocorreram no verão, durante o tempo quente e em regiões não apinhadas. Nem todos os surtos de Peste Bubônica eram precedidos de infestação de roedores; de fato, somente uma minoria de casos pareceu estar relacionada ao aumento na presença dos insetos daninhos. O maior enigma sobre a morte negra é de como ela foi capaz de atacar populações humanas isoladas que não tinham nenhum contacto anterior com as áreas infectadas. As epidemias também tendiam a terminar abruptamente.

Para resolver estes enigmas, um historiador normalmente olharia os registros dos anos de Peste para ver o que as pessoas estavam relatando. Quando ele assim o faz, encontra histórias tão surpreendentes e inacreditáveis que é provável que ele as rejeite como fantasias e superstições de mentes profundamente aterrorizadas. Um grande número de pessoas pela Europa e outras regiões do mundo, atacadas pela peste estavam relatando que os surtos da peste eram causados por 'névoas' com um cheiro asqueroso. Estas névoas, frequentemente, apareciam depois que luzes incomumente brilhantes apareciam no céu. O historiador descobre, rapidamente, que as névoas e as luzes brilhantes eram relatadas muito mais frequentemente e em muito mais locais, do que o eram a infestação de roedores. Os anos da Peste eram, de fato, um período de pesada atividade OVNI.

O que eram, então, estas névoas misteriosas?

Há um outro meio muito importante pelo qual os germes da peste podem ser transmitidos: por armas biológicas. Os EUA e a União Soviética tem hoje armazenagens de armas biológicas contendo a peste bubônica e outras doenças epidêmicas. Os germes são mantidos vivos em latas que disseminam as doenças no ar, em espessas, frequentemente visíveis, névoas artificiais. Qualquer um que inalasse a névoa inalaria a doença. Hoje existem muitas destas armas biológicas para dizimar uma boa porção da humanidade. Relatos de idênticas névoas indutoras de doenças dos anos da peste sugerem, fortemente, que a morte negra foi causada por guerra biológica. Vamos dar uma olhada nos relatos incríveis que nos levaram a uma tal conclusão:

O primeiro surto da Peste na Europa seguiu uma série incomum de eventos. Entre 1298 e 1314, sete grandes 'cometas' foram vistos sobre a Europa; um deles era de uma 'imponente escuridão'. Um ano antes do primeiro surto da peste na Europa, uma 'coluna de fogo' foi relatada sobre o palácio do papa* em Avignon, França. Mais cedo naquele ano, uma 'bola de fogo' foi observada sobre Paris; ela, alegadamente, permaneceu visível aos observadores por algum tempo. Para as pessoas da Europa, estes avistamentos eram considerados maus augúrios da Peste, que logo se seguiria.

* Este foi o segundo papa não autorizado que assumiu o título como resultado de um cisma dentro da igreja católica.

É verdade que alguns ‘cometas’ relatados fossem exatamente isto: cometas. Alguns podem ter sido pequenos meteoros ou bolas de fogo (grandes meteoros flamejantes). Séculos atrás, as pessoas eram geralmente muito mais supersticiosas do que são hoje e assim, os meteoros naturais e similares fenômenos prosáicos eram, frequentemente, relatados como precursores de desastres posteriores, embora não houvesse uma ligação na vida real. Por outro lado, é importante ressaltar que, quase qualquer objeto não usual no céu era chamado de ‘cometa’. Um bom exemplo é encontrado no livro best-seller publicado em 1557, *Uma Crônica de Prodígios e Portentos**, de Conrad Lycosthenes. Na página 494 do livro de Lycosthenes lemos sobre um ‘cometa’ observado no ano de 1479: “Um cometa foi visto na Arábia como se fosse um raio de madeira de ponta muito aguda…” A ilustração que acompanha, que foi baseada na descrição das testemunhas oculares, mostra o que, claramente, se parece com a metade da frente de um foguete entre algumas nuvens. O objeto parece ter muitas janelas. Hoje nós chamaríamos este objeto de OVNI, não de um cometa. Isto nos leva a supor como muitos outros antigos ‘cometas’ eram, realmente, objetos similares a foguetes. Portanto, quando somos confrontados com um velho relato de um cometa, realmente não sabemos com que tipo de coisas estamos lidando, a menos que haja uma descrição mais completa. Um relato de um aumento súbito em ‘cometas’ ou fenômenos celestiais similares pode, de fato, significar um aumento da atividade OVNI.

A ligação entre fenômenos aéreos não usuais e a morte negra foi estabelecida imediatamente durante os primeiros surtos da praga na Ásia. Como nos conta um historiador:

> Os primeiros relatos da peste vieram do Oriente. Eles eram confusos, exagerados, assustadores, como os relatos daquele quarto do mundo tão frequentemente o são: descrições de tempestades e de terremotos: de meteoros e cometas deixando uma trilha de gases nocivos que matavam árvores e destruíam a fertilidade da terra…[2]

A passagem acima indica que estranhos objetos voadores estavam fazendo mais do que apenas disseminar doença: eles também, aparentemente, estavam borrifando desfoliantes químicos ou biológicos do ar. A passagem acima ecoa os antigos tabletes da Mesopotâmia que descreveram a desfoliação da paisagem pelos antigos ‘deuses’ tutelares. Muitas baixas humanas da morte negra podem ter sido causadas por tais desfoliantes.

A conexão entre o fenômeno aéreo e a peste tinha começado séculos antes da morte negra. Vimos exemplos em nossa discussão anterior sobre a praga de Justiniano. Lemos em outra fonte sobre uma grande praga que, alegadamente, havia irrompido no ano de 1117 - quase que 250 anos antes da Morte Negra. Esta praga também foi precedida por um fenômeno celestial incomum:

*O título completo é, *Uma crônica de prodígios e portentos que ocorreram além da ordem correta, operação e trabalho da natureza, nas regiões superiores e inferiores da terra, do início do mundo até estes tempos presentes.*

> Em 1117, em janeiro, um cometa passou como um exército incandescente do norte na direção do oriente, a lua foi escurecida em um vermelho sanguíneo em um eclipse, um ano mais tarde, uma luz apareceu mais brilhante do que o sol. Isto foi seguido por um grande frio, fome e praga, da qual se diz que um terço da humanidade pereceu.* [3]

Uma vez iniciada a Morte Negra medieval, fenômenos aéreos dignos de nota continuaram a acompanhar a temida epidemia. Relatos de muitos destes fenômenos foram reunidos por Johannes Nohl e publicados em seu livro, *The Black Death, A Chronicle of the Plague* (1926). Segundo o Sr. Nohl, ao menos 26 'cometas' foram relatados entre 1500 e 1543. 15 ou 16 foram vistos entre 1556 e 1597. No ano de 1618, 8 ou 9 foram observados. O Sr. Nohl enfatiza a ligação que as pessoas percebiam entre os 'cometas' e as epidemias subsequentes:

> No ano de 1606 um cometa foi visto, depois do que uma praga geral atravessou o mundo. Em 1582 um cometa trouxe uma praga tão violenta sobre Majo, Praga, Turíngia e Holanda, e outros lugares que na Turíngia ela carregou 37.000 e na Holanda 46.415. [4]

De Viena, Áustria, temos a seguinte descrição de um evento que aconteceu em 1568. Aqui vemos uma conexão entre um surto de peste e um objeto descrito de um modo notavelmente similar a um moderno OVNI em forma de charuto ou cilindro:

> Quando no sol e na luz da lua um maravilhoso arco-íris e um raio incandescente foram vistos planando sobre a igreja de St. Stephanie, o que foi seguido por uma violenta epidemia na Áustria, Suábia, Augsberg, Würtemberg, Nuremberg e outros l ugares matando seres humanos e gado.[5]

Avistamentos de fenômenos aéreos incomuns geralmente ocorreram por vários minutos a um ano antes de um surto de peste. Onde havia uma brecha entre um tal avistamento e a chegada da peste, um segundo fenômeno era algumas vezes relatado: o aparecimento de assustadoras figuras de aparência humana vestidas de negro. Estas figuras eram, frequentemente, vistas nos arredores de um centro ou vila e a presença delas sinalizaria um surto de uma epidemia quase que imediatamente. Um resumo escrito em 1682 fala de uma tal visita um século antes:

Em Brandenburg (na Alemanha) lá apareceram, em 1559, homens horríveis, dos quais, de início, foram vistos uns 15 e mais tarde uns 12. Os primeiros tinham ao lado de seus posteriores pequenas cabeças, os outros faces pavorosas e longas foices, com a qual eles cortavam a aveia, de forma que o sussurro podia ser ouvido de uma grande distância, mas as aveias permaneciam de pé. Quando uma quantidade de pessoas veio correndo para vê-los, eles continuaram com sua segadura.[6]

A visita dos homens estranhos aos campos de aveia foi, Imediatamente, seguida por um severo surto da Peste em Brandenburg.

* Eu não ví menção a esta praga em qualquer outro livro de história. Esta pode ter sido uma praga local que destruiu não um terço da humanidade, mas um terço da população afligida.

Este incidente levanta questões intrigantes: quem eram estas figuras misteriosas? O que eram estes instrumentos longos como foices que ele seguravam e que emitiam um som alto de cortar? Parece que as 'foices' poderiam ser instrumentos longos destinados a borrifar veneno ou gás carregado de germes. Isto significaria que as pessoas das cidades interpretaram mal o movimento das 'foices' como uma tentativa de cortar a aveia, quando, de fato, os movimentos eram o ato de disseminar aerossóis na cidade. Homens similares vestidos de preto foram relatados na Hungria:

> … no ano de Cristo de 1571 foi visto em Cremnitz, nas vilas das montanhas da Hungria, no dia da Ascensão, ao anoitecer, uma grande perturbação (distúrbio) de todos, quando em Schuelersberg apareceram tantos cavaleiros negros que a opinião prevalecente foi que os Turcos estavam fazendo um assalto secreto, mas que rapidamente desapareceram e então uma peste raivosa irrompeu na vizinhança.[7]

Estranhos homens vestidos de negro, 'demônios' e outras criaturas aterrorizantes foram observados em outras comunidades européias. As criaturas assustadoras eram frequentemente observadas carregando 'longas vassouras', 'foices' ou 'espadas' que eram usadas para varrer ou bater nas portas das casas das pessoas. Os habitantes destas casas caiam doentes com a peste logo depois. São destes relatos que as pessoas criaram a popular imagem da 'morte' como um esqueleto ou demônio carregando uma foice. A foice veio a simbolizar o ato da Morte derrubando pessoas como caules de grãos. Ao olhar esta imagem assombrosa da morte, podemos, de fato, estar encarando a face do OVNI.

De todos os fenômenos ligados à morte negra, de longe o mais frequentemente relatado eram as estranhas e nocivas 'névoas'. Os vapores eram frequentemente observados até mesmo onde outros fenômenos não o eram. O sr. Nohl ressalta que os nevoeiros úmidos e pestilentos eram uma "característica que precedia a epidemia por todo o seu curso".[8] Uma grande quantidade de médicos daqueles tempos tomavam certo que as névoas estranhas causavam a peste. Esta ligação foi estabelecida bem no inicio da morte negra, como nos conta o sr. Nohl:

> A origem da praga jaz na China, lá se diz ter começado com toda fúria já no ano de 1333, depois de uma névoa terrível emitindo um apavorante cheiro e infectando o ar. [9]

Uma outra narrativa ressalta que a peste não se disseminava de pessoa a pessoa, mas que era contraída ao respirar o mortal ar mal cheiroso:

> Durante todo o ano de 1382 não havia vento; em consequência o ar tornou-se pútrido, assim, uma epidemia irrompeu e a peste não passou de um homem a outro, mas todo mundo que foi morto por ela a pegaram diretamente do ar.[10]

Relatos de 'névoas' mortais e 'neblinas pestilentas' vieram de todas as partes do mundo infestadas pela peste:

Uma crônica da peste descreve a epidemia na China, Índia e Pérsia; e o historiador florentino Matteo Villani, que continuou o trabalho de seu irmão depois que este morreu de peste em Florença, transmite a narrativa de terremotos e neblinas pestilentas de um viajante na Ásia; ...[11]

O mesmo historiador continua:

Um incidente similar de terremoto e neblina pestilenta foi relatado de Chipre, e acredita-se que o vento tenha sido tão venenoso que os homens foram atingidos e morreram disto.[12]

Ele acrescenta:

Narrativas alemãs falam de uma pesada névoa de mau cheiro que avançou do Oriente e disseminou-se sobre a Itália.[13]

Este autor afirma que em outros países:

… as pessoas estavam convencidas de que elas podiam contrair a doença pelo fedor ou até mesmo, como foi algumas vezes descrito, realmente ver a praga vindo pelas ruas como uma neblina pálida.[14]

Ele resume, um tanto dramaticamente:

A própria terra parecia em um estado de convulsão, estremecendo e cuspindo, levando adiante pesados ventos venenosos que destruíam animais e plantas e chamavam enxames de insetos à vida para completar a destruição.[15]

Acontecimentos similares são ecoados por outros escritores. Um jornal de 1680 relatou este estranho incidente:

Que entre Eisenberg e Dornberg trinta esquifes funerários (suportes de caixão) todos cobertos com pano negro foram vistos em plena luz do dia, entre eles, em um esquife, um homem negro estava de pé com uma cruz branca. Quando estes tinham desaparecido, um grande calor apareceu de modo que as pessoas dificilmente podiam permanecer naquele lugar . Mas quando o sol estava se pondo, eles perceberam um perfume tão doce como se estivessem em um jardim de rosas. Por este tempo, eles todos estavam mergulhados na perturbação. Como consequência disto, a epidemia se estabeleceu na Turíngia em muitos lugares. [16]

Mais ao sul em Viena:

… as névoas mau cheirosas eram culpadas, como indicativo da peste e destas, de fato, várias foram observadas no outono passado. [17]

Direto da cidade de Eisleben, eivada pela peste, obtivemos a narrativa deste jornal divertido e talvez exagerado, publicado em 1 de setembro de 1682:

> No cemitério de Eisleben no 6º inst. (?) à noite o seguinte incidente foi notado: Quando à noite os cavadores de túmulos estavam no trabalho duro de cavarem valas, porque em muitos dias haviam morrido entre 80 e 90, eles repentinamente observaram que a igreja do cemitério, mais especialmente o púlpito, estava iluminado por brilhante luz do sol. Mas em seu ir até isso uma neblina espessa, negra e tão profundamente escura veio sobre a área dos túmulos de forma que, dificilmente eles podiam ver uns aos outros e a qual eles tomaram como um presságio diabólico. Assim dia e noite horríveis espíritos demoníacos são vistos assustando as pessoas, duendes gargalhando e batendo neles, mas também muitos fantasmas brancos e espectros.

A mesma estória do jornal mais tarde acrescenta:

> Quando Magister Hardte expirou em sua agonia, uma fumaça azul foi vista a elevar-se de sua garganta e isto na presença do reitor; o mesmo tem sido observado no caso de outros expirando. Da mesma maneira, a fumaça azul tem sido observada a elevar-se das cumeeiras das casas em Eisleben, das quais todos os habitantes haviam morrido. Na igreja de St. Peter a fumaça azul tem sido observada bem alto, perto do teto; sobre esta narrativa a igreja esquivou-se, particularmente porque a paróquia foi exterminada.

As 'névoas' ou venenos da peste eram espessas o suficiente para se misturar à umidade natural do ar e se tornar parte do orvalho da manhã. As pessoas eram aconselhadas a tomarem as seguintess precauções:

> Se o pão recém-assado é colocado à noite, no topo de um poste e de manhã é encontrado mofado e internamente verde, amarelo e incomível e quando jogado às aves domésticas e cachorros, faz com que eles morram por comê-lo, de um modo similar, se as aves domésticas bebem o orvalho da manhã e morrem em consequência, então o veneno da praga está perto e à mão.[20]

Como notado anteriormente, 'névoas' letais estavam diretamente associadas com brilhantes luzes que se moviam no céu. Outras fontes para os maus cheiros também foram também relatadas. Por exemplo, Forestus Alcmarianos escreveu sobre uma monstruosa 'baleia' que ele tinha encontrado que era:

> 28 ells (105 pés) de comprimento e 14 ells (33 pés) de largura que, vindo do mar ocidental, foi jogada no litoral de Egemont por grandes ondas e foi incapaz de alcançar o mar aberto novamente; ela produziu uma tão grande podridão e malignidade do ar que logo uma grande epidemia irrompeu em Egemont e na vizinhança. [21]

É uma pena que o sr. Alcmarianos não tenha fornecido uma descrição mais detalhada da baleia mortal, porque ela pode ter sido uma nave similar aos OVNI modernos que tem sido observados entrando e saindo da água. Por outro lado, a baleia do sr. Alcmarianos pode ter sido exatamente isto: uma apodrecida baleia morta que aconteceu chegar ao litoral logo antes de um surto da peste próximo.

É significativo que névoas nojentas e mau ar fossem acusados de muitas outras epidemias na história. Durante uma praga na Roma antiga, o fabuloso médico Hipócrates (circa 460-337 BC) afirmou que a doença era causada por distúrbios do corpo trazidos por mudanças atmosféricas. Para remediar isto, Hipócrates fazia as pessoas construírem grandes fogueiras públicas. Ele acreditava que os grandes incêndios corrigiam o ar. O conselho de Hipócrates foi seguido, séculos mais tarde, pelos médicos durante a peste medieval. Entretando, os médicos modernos têm uma visão pouco perceptível do conselho de Hipócrates sobre este assunto, na crença de que Hipócrates era ignorante sobre as verdadeiras causas da peste. Na realidade, enormes fogueiras fora das casas era a única defesa concebível contra a peste, se ela fosse mesmo causada por aerósois saturados de germes. As vacinas para combater a peste não tinham sido inventadas, então a única esperança das pessoas era queimar as 'névoas' mortais com o fogo. Hipócrates e aqueles que seguiram seu conselho podem, realmente, ter salvo algumas vidas.

Significativamente, as pestes bubônica e pneumônica não eram as únicas doenças infecciosas na história a serem disseminadas por estranhas neblinas letais. A mortal doença intestinal, a cólera, era outra:

> Quando a cólera irrompeu a bordo do navio Britania de Sua Majestade no Mar Negro em 1854, vários oficiais e homens avaliaram positivamente que, imediatamente antes do surto, uma curiosa névoa escura saiu do mar e passou sobre o navio. A névoa mal tinha passado pelo vaso quando o primeiro caso de cólera foi anunciado.[22]

As névoas azuis também foram relatadas em conexão com os surtos de cólera de 1832 e 1848-1849 na Inglaterra.

Como mencionado anteriormente, as pragas tinham um significado religioso muito forte. Na Bíblia, as pragas eram consideradas como o método de Jehovah de punir as pessoas pelo mal. Os 'augúrios' precédendo os surtos da morte negra se assemelhavam a muitos dos presságios relatados na Bíblia:

> Os homens, confrontados com o terror da morte negra, estavam impressionados pela cadeia de eventos que levaram à praga final e as narrativas da vinda da pestilência do século XIV, selecionada entre todos eventos sinistros que devem ter ocorrido nos anos que precederam o surto de 1348, aqueles que estreitamente se assemelham às dez pragas do faraó: interrupções na atmosfera, tempestades, invasões incomuns de insetos, fenômenos celestiais. [23]

Além disso, a forma bubônica da peste era muito similar, se não idêntica, a algumas das punições infligidas por 'deus' no Velho Testamento:

> ... Mas a mão do Senhor foi pesada sobre o povo de Ashdod (uma cidade Filistina), e ele os destruiu e os matou com hemorroidas (inchaços dolorosos).
>
> 1 SAMUEL 5:6

> … a mão do Senhor foi contra a cidade (Gath, uma outra cidade Filistina) com uma grande destruição: e ele matou os homens da cidade, os jovens e os velhos e eles tiveram hemorroidas em suas partes secretas.
>
> 1 SAMUEL 5:9

> … houve uma destruição mortal por toda a cidade; lá a mão de Deus foi muito pesada. E os homens que sobreviveram foram afligidos com hemorroidas: e os gritos da cidade chegou ao céu.
>
> 1 SAMUEL 5:11-12

O aspecto religioso da morte negra medieval foi aumentado pelos relatos de sons trovejantes em conexão com os surtos da peste. Os sons eram muito similares àqueles descritos na Bíblia como acompanhando o aparecimento de Jehovah. Interessantemente, eles também são sons comuns em alguns avistamentos OVNI:

> Durante a praga de 1565, na Itália, ruídos de trovão foram ouvidos dia e noite, como em uma guerra, junto com o turbilhão e o barulho, como de um poderoso exército. Na Alemanha, em muitos lugares, um barulho foi ouvido como se um ataúde estivesse passando pelas ruas por sua própria conta…[24]

Barulhos similares acompanharam estranhos fenômenos aéreos nos notáveis avistamentos relacionados à peste na Inglaterra. O objeto descrito na citação abaixo permaneceu visível por mais de uma semana e parece ser um verdadeiro cometa ou planeta (tal como Vênus); contudo, alguns outros objetos podem apenas ser rotulados como 'não identificados'. O historiador Walter George Bell, tirando de escritos do período, resumiu:

> Tarde nas noites escuras de dezembro do ano de 1664 os cidadãos de Londres sentavam-se para observar uma nova estrela ardente, com "fala poderosa". Por causa disto, o rei Charles II e sua rainha olhavam das janelas de Whitehall. Por volta do leste isto se elevava, não alcançando uma grande altitude e mergulhava sob o horizonte sudoeste entre duas e três da manhã. Em uma semana ou duas, aquilo havia desaparecido, então vieram cartas de Viena notificando o avistamento similar de um brilhante cometa e 'no ar o aparecimento de um caixão, o que causou uma grande ansiedade entre as pessoas'. Erfurt viu com isto outras terríveis aparições e os ouvintes detectaram barulhos no ar, como de fogos e sons de canhão e tiros de mosquetes. O relato correu que uma noite em fevereiro seguiu-se que centenas de pessoas viram chamas de fogo por uma hora enquanto reunidas, o que pareceu ser atirado de Whitehall para St. James e então de volta para Whitehall, onde depois eles desapareceram.

> Em março, apareceu nos céus um cometa ainda mais brilhante, visível por duas horas depois da meia-noite e assim continuou até a luz do dia. Com tais sinistros portentos a grande peste em Londres foi desencadeada.

Outros ‘presságios’ menos frequentes eram também relatados em conexão com a morte negra. Alguns destes fenômenos eram obvias ficções. Significativamente, as ficções não eram disseminadas e eram raramente relatadas fora das comunidades nas quais elas se originaram.

As citações precédentes fornecem evidência de que os OVNI (isto é, a sociedade tutelar) tem bombardeado a raça humana com doenças mortais. Esta evidência é particularmente intrigante quando consideramos as afirmações feitas por um número de contatados OVNI modernos que dizem transmitir mensagens para a humanidade da sociedade OVNI. Alguns deles afirmam que os OVNI estão aqui para ajudar a humanidade e que os OVNI erradicarão as doenças na terra. A civilização OVNI alegadamente não tem doença. Se a civilização tutelar é de fato tão sadia, talvez isto somente seja porque ela não está se bombardeando com armas biológicas. Se os OVNI verdadeiramente pretendessem trazer a saúde para a raça humana, talvez tudo o que eles precisassem fazer fosse parar de disseminar no ar os agentes biológicos infecciosos.

A morte negra não apenas matou uma grande quantidade de pessoas, ela causou profundas feridas sociais e psicológicas. As pessoas no passado estavam convencidas que as epidemias eram punições de Deus por seus pecadose isto causava uma profunda introversão. Era natural para as pessoas acusarem-se a sí e a seus vizinhos de perversidade e imaginar o que eles pudessem ter feito para ‘merecer’ a punição. Raramente ocorreu às vítimas que as pragas, até mesmo se deliberadamente infligidas, nada tinham a ver com tentar fazer os seres humanos mais virtuosos. Afinal, os efeitos sociais e psicológicos da peste produziram o resultado oposto. A miséria e o desespero gerados pelo maciço número de mortes trouxe uma disseminada deterioração ética. Em um ambiente agonizante, muitas pessoas não mais se preocupavam se suas ações estavam certas ou erradas; elas, de qualquer modo, morreriam. No clima pavoroso da Peste medieval, os valores espirituais claramente declinaram e a aberração mental aumentou agudamente . Os mesmos resultados são observados durante a guerra. Embora a Bíblia e outros trabalhos religiosos, possam pregar que as pragas e as guerras são criadas por ‘Deus’ para, em última análise, fazer a raça humana mais virtuosa e espiritualmente avançada, o efeito é sempre o oposto.

A natureza cataclísmica da Morte Negra obscureceu uma outra ocorrência desastrosa dos anos da peste: uma renovada tentativa dos cristãos de exterminarem os judeus. Falsas acusações circulavam dizendo que os judeus estavam causando a peste ao envenenar os poços de água. Estes rumores desencadearam um ódio pavoroso dos judeus dentro daquelas comunidades cristãs que estavam sendo devastadas pela epidemia. Muitos cristãos participaram de genocídios, que podem ter custado tantas vidas, se não mais, quanto a matança dos judeus pelos nazistas no século XX. Segundo a *Collier's Encyclopedia*:

> Este país (Alemanha) figurou… como o local de massacres brutais na mais ampla escala possível que, periodicamente, varreram o país de ponta a ponta. Estes culminaram ao tempo da terrível peste de 1348-1349, conhecida como morte negra. Talvez por causa de seu conhecimento médico e modo higiênico de vida, os judeus fossem menos suscetíveis que os outros e então, eles foram absurdamente acusados de terem, deliberadamente, propagado a praga e centenas de comunidades judáicas, grandes e pequenas, foram apagadas da existência ou reduzidas à insignificância. Depois disso, somente um pequeno remanescente permaneceu no país, principalmente em pequenas nobrezas que os protegiam e até mesmo os encorajavam, por amor das vantagens financeiras que eles traziam. Somente umas poucas comunidades judias grandes, tais como as de Frankfurt-am-Main ou Worms, conseguiram manter uma existência não interrompida dos tempos medievais em diante.[26]

Os genocídios eram frequentemente instigados pelas guildas comerciais alemãs, que excluíam os judeus da afiliação. Muitas destas guildas eram ramos diretos das antigas guildas da irmandade. De fato, a afiliação nas organizações da irmandade e guildas européias de comércio ainda se justapunham pesadamente no século XIV, com a liderança nas guildas, frequentemente, sendo mantidas por homens que eram membros de outras organizações da irmandade. Aqui, novamente, foi uma instância em que a rede da irmandade corrompida foi um contribuinte significativo, se não a fonte primaria, de um grande genocídio histórico.

A Alemanha não era a única nação a hospedar assassinos de judeus. O mesmo ocorreu na Espanha. Em 1391, um massacre de judeus foi perpetrado por grande parte da península espanhola.

Embora cristãos apavorados fornecessem o poder humano para estes terríveis genocídios, as atividades deles não eram sempre endossadas pelo papado. Para crédito do papa Clemente VI, que serviu como papa de 1342 até 1352, ele tentou quase que imediatamente proteger os judeus do massacre. Clemente VI publicou duas bulas papais declarando que os judeus eram inocentes das acusações contra eles. As bulas pediam que todos os cristãos parassem as perseguições. Clemente VI não foi completamente bem-sucedido, contudo, porque por àquele tempo, muitas das sigilosas guildas de comércio tinham se tornado uma facção unida, engajada na atividade antipapal. O papa Clemente VI também não desmantelou a inquisição, e ela fez muito para criar um clima social geralmente opressivo no qual esses massacres pudessem ocorrer.

A combinação da peste, inquisição e genocídio forneceu todos os elementos necessários para cumprir a profecia apocalíptica. A igreja católica estava à beira do colapso devido à perda de muitos clérigos para a peste e pela perda da fé na igreja causada pela inabilidade dela de pôr um fim à doença de ‘Deus’. Muitas pessoas proclamavam que o fim dos dias estava à mão. Fiéis à profecia, deste tumulto emergiram novos ‘mensageiros de Deus’ com promessas de uma iminente utopia. Os ensinamentos e as proclamações destes novos messias tiveram um efeito eletrizante nos enraivecidos europeus e trouxeram um evento da maior importância: a reforma protestante.

19 - Lutero e a Rosa

No século XIV, aquela região da Europa que hoje conhecemos como Alemanha, consistia em numerosos principados independentes e cidades-estado. Por aquele tempo, vários destes principados tinham emergido como centros primários de atividade da irmandade na Europa, com a maior parte desta atividade concentrada no estado central alemão de Hesse. Na Alemanha e em outros lugares, a irmandade e alguns de seus mais avançados iniciados tinham se tornado conhecidos por um nome latino: os "Illuminati" que significa 'aqueles iluminados'*

Um dos ramos mais importantes dos Illuminati na Alemanha era a organização mística rosacruciana. O rosacrucianismo foi primeiramente introduzido na Alemanha pelo imperador Carlos Magno no século IX da nossa era. A primeira loja oficial rosacruciana na Alemanha foi estabelecida na cidade de Worms no estado alemão de Hesse em 1100 da nossa era. Os rosacrucianos alcançaram fama por sua dedicação à alquimia, seus complexos símbolos místicos e seus graus secretos de iniciação. As ligações entre os Illuminati e os rosacrucianos iniciais eram bastante íntimas pelo fato de que o avanço pelos graus rosacrucianos, frequentemente, resultavam na admissão aos Illuminati.

Um número de histórias rosacrucianas errôneamente afirmam que os Rosa-cruzes não começaram sua existência até 1614 - ano no qual os rosacrucianos alemães publicaram um panfleto dramático em Hesse anunciando sua presença e convidando as pessoas a se unirem a eles. Uma razão para este engano ser tão comumente cometido e porque que a ordem rosacruciana tem sido tão difícil de rastrear como uma existência consecutiva é uma politica que a ordem adotou de engajar-se em ciclos de 108 anos de 'atividade' e de 'inatividade'. Segundo o regulamento, a cada ramo maior da ordem rosacruciana era exigido estabelecer uma data oficial de sua fundação. A partir desta data, cada ramo deveria computar sucessivos períodos de 108 anos. O primeiro período seria o tempo de atividade 'externa' bem publicizada, durante o qual a existência do ramo seria amplamente conhecida pelo público e o ramo recrutaria novos membros abertamente. O período seguinte consistiria em atividade silenciosa e oculta, na qual não deveria haver publicidade e ninguém fora de familiares próximos de seus membros seria admitido para afiliação. Cada ramo rosacruciano alternaria, então, entre estas duas fases a cada 108 anos. Enquanto os corpos rosacrucianos mudavam para frente e para trás entre suas fases 'externa' e 'oculta', parecia aos observadores que as ordens rosacrucianas estavam aparecendo e desaparecendo da história. Segundo o Dr. Lewis da AMORC, "exatamente porque este novo regulamento foi colocado em vigor, não é conhecido".[1]

O Illuminati e os rosacrucianos eram poderes maiores por trás de uma nova onda de movimentos religiosos durante os anos da peste. Um dos movimentos mais iniciais foi uma religião mística conhecida como "Amigos de Deus".

*Este Illuminati não deve ser confundido com um outro 'Illuminati' fundado no século XVIII na Bavária por Adam Weishaupt. O verdadeiro Illuminati e os Illuminati de Weishaupt são duas organizações distintas. O Bávaro Illuminati de Weishaupt será brevemente discutido em um capítulo posterior.

Os amigos de Deus apareceram na Alemanha no mesmo ano que a morte negra atacou a Europa pela primeira vez. A organização dos amigos foi fundada por um banqueiro chamado Rulman Merswin que havia iniciado sua carreira financeira cedo na vida e tinha feito uma fortuna considerável com ela. Segundo Merswin, no ano de 1347 ele foi abordado por um estranho que afirmava ser "um amigo de Deus". A identidade deste estranho misterioso nunca foi revelada por Merswin, levantando a suspeita que Merswin o havia meramente inventado. Parece, contudo, que o 'amigo' de Merswin era bem real e bem influente, como evidenciado pela mudança súbita em Merswin e pelo considerável apoio que o movimento dos amigos foi capaz de reunir tão rapidamente.

Durante um de seus primeiros encontros, o misterioso amigo de Merswin afirmou que ele tivera muitas revelações misticas diretamente de Deus e que Merswin tinha sido escolhido para disseminar estas revelações ao resto do mundo. Merswin estava profundamente impressionado. Depois deste encontro, Merswin desistiu de seu negócio bancário, 'licenciou-se do mundo' e devotou a sí e a sua fortuna pessoal em disseminar a nova religião que o misterioso estranho estava trazendo a ele.

Como se descobre, o que o estranho fez com que Merswin criasse foi um outro ramo da rede da irmandade. Os ensinamentos dos amigos eram profundamente místicos e eram divulgados por meio de um sistema de graus e iniciações secretas. A história registra que os místicos 'iluminados' e outros Illuminati estavam entre os principais apoiadores de Merswin.

Os ensinamentos dos amigos de Deus não eram apenas místicos, eles também eram pesadamente apocalípticos. Os Amigos pregavam uma mensagem poderosa de fim do mundo para conquistar convertidos. Merswin afirmou ser o receptor de muitas 'revelações' sobrenaturais nas quais lhe foi dito que Deus estava mais desgostoso com o papa e a igreja católica. Deus agora estava colocando Sua fé em pessoas como Merswin para realizarem Seus sagrados planos. Segundo Merswin, Deus estava planejando punir severamente a humanidade em um futuro próximo por causa do aumento da corrupção e do pecado na humanidade. Merswin tinha o dever sagrado de pregar a necessidade de todos se tornarem completamente obedientes a Deus. Merswin não estava sozinho ao pregar esta dura mensagem. Profetas similares também encontraram seu caminho no movimento dos amigos, sustentando avisos idênticos. Eles todos enfatizavam a necessidade de fielmente obedecer a Deus na véspera da destruição do mundo. Merswin e seus companheiros videntes da condenação estavam certamente corretos sobre uma coisa: o mundo estava para passar por um cataclismo. A morte negra estava apenas começando.

Os amigos de Deus atraíram um grande número de seguidores na Europa. Os aderentes eram ensinados em um programa de nove passos para se tornarem totalmente e indubitavelmente obedientes a Deus. Eles eram levados a acreditar que este regime os salvaria da peste e da resultante devastação social que ocorria à sua volta.

O primeiro passo do programa era uma confissão sincera para restaurar a saúde. Uma confissão apropriadamente feita pode ter um efeito altamente benéfico sobre um indivíduo, embora uma confissão mal feita ou desnecessária possa ser nociva. O segundo

passo era uma resolução, pelos aderentes, de abrir mão de sua própria vontade e submeterem-se a um iluminado amigo de Deus, que deve ser seu guia e conselheiro no lugar de Deus. [2] Pelo sétimo passo, um membro teria desistido completamente de toda sua vontade e tinha 'queimado todas as pontes' para se tornar completamente subserviente ao Senhor. Pelo passo final, todo desejo pessoal seria destruído, o individuo seria "crucificado ao mundo e o mundo a eles" desfrutando apenas do que Deus faz e nada mais desejar. Estes ensinamentos eram um programa para tornar os seres humanos obedientes no máximo grau. Os membros eram ensinados que a obediência era o mais alto chamado do ser espiritual e algo a ser ambicionado como uma busca.

A conversão de Merswin a esta misteriosa religião dos 'amigos' foi muito nociva para ele, como o foi, sem dúvida, para muitos outros. Merswin logo começou a sofrer de fortes sintomas 'maníaco depressivos' isto é, o fenômeno de alternar entre um estado de felicidade e então, inexplicavelmente, vivenciar uma depressão mental e vice-versa. Em Merswin, estes sintomas se tornaram severos e eles foram errôneamente percebidos por seus seguidores como um sinal de transformação religiosa. Muitas pessoas hoje reconheceriam tais sintomas como uma indicação de que Merswin estava conectado a uma influência repressora - neste caso, a corrompida irmandade e provavelmente seu 'amigo' misterioso.

Durante sua vida no movimento dos amigos, Merswin continuou a afirmar muitas experiências misticas, incluindo 'revelações conjuntas' com seu 'amigo'. Em uma dessas revelações, Merswin foi ordenado a usar seu dinheiro para comprar uma ilha em Strausberg para uso como retiro dos amigos. Strausberg era a cidade natal de Merswin e está localizada a sudoeste da fronteira franco-alemã. Cinco anos depois, Merswin teve uma outra revelação conjunta na qual lhe foi dito para entregar toda a operação dos amigos para uma organização chamada Ordem de são João, que governou o movimento dos Amigos desde então. *

A religião dos amigos de Deus foi um dos muitos movimentos misticos que proliferaram durante aos anos da peste. Estes movimentos eram geralmente cristãos em sua natureza, mas eles se anunciavam como uma alternativa à igreja católica e atraíram muitos católicos desgostosos naquelas bases. Isto começou a fragmentar o mundo cristão.Infelizmente, a segmentação não significou que os cristãos estivessem voltando aos ensinamentos dissidentes de Jesus. As novas religiões místicas somente fortaleceram a ênfase na obediência e no apocalipticismo. Isto começou empurrar muitas pessoas para fora da religião e ajudou a criar a fundação para o materialismo radical que começou a ascender na Alemanha pouco depois.

Os amigos de Deus e outras práticas místicas do tempo se tornaram um rolo compressor que trouxe um dos maiores desafios até então enfrentados pela igreja católica: a Reforma Protestante de Martinho Lutero.

* Exatamente o que era a ordem de São João e de onde ela veio, é um grande mistério. Foi descrita na *Enciclopédia de livre maçonaria* de Albert MacKey, como um sistema de livre maçonaria do século XVII com uma missão secreta. Seria a ordem de São João descrita por MacKey a mesma que assumiu o movimento dos amigos de Deus três séculos antes, no século XIV? Eu não sei.

Lutero começou sua famosa rebelião eclesiástica no início dos anos de 1500. Naquele tempo, a igreja católica caíra nas mãos do papa Leão X, filho de Lorenzo Di Médici. Lorenzo Di Médici era o chefe de uma rica casa bancária internacional em Florença, Itália. A família Médici havia se envolvido com o papado uma geração antes, quanto os Médici financiaram um arcebispo que mais tarde se tornou o cismático ('anti papa') papa João XXIII *. Sob João XXIII, os Médici foram recompensados com a tarefa de coletar os impostos e dízimos que eram devidos àquele papa. Os Médici operavam uma rede de longo alcance de coletores e subcoletores para realizar a tarefa. As taxas ganhas com esta operação ajudaram a tornar a família Médici uma das mais ricas e mais influentes casas bancárias na Europa.

O envolvimento de banqueiros motivados pelo lucro nos assuntos da igreja transformaram muitas atividades espirituais da igreja católica em empreendimentos de negócios. Por exemplo, os católicos acreditavam na importância de pagar 'indulgências'. Uma indulgência é dinheiro pago para compensar pelo pecado. Quando pago em conjunto com uma confissão apropriadamente feita, a penitência monetária pode, frequentemente, ser eficaz em aliviar a culpa, especialmente se o dinheiro é usado para auxiliar a parte ofendida. A maioria das indulgências, contudo, foram para os cofres da Igreja. Os coletores dos Médici estavam mais frequentemente preocupados com quanto dinheiro uma pessoa podia pagar do que se o penitente alcançava ou não qualquer beneficio espiritual ao pagá-la. Compreensivelmente, muitos católicos resmungavam e o descontentamento deles ajudou a pavimentar o caminho para Martinho Lutero.

Os livros de história nos contam que Martinho Lutero era um sacerdote católico alemão e educador. Ele começara sua carreira como um monge na ordem Agostiniana e galgou a hierarquia para assegurar a cadeira de estudos bíblicos na universidade de Wittenberg no Estado alemão da Saxônia.

Como um sacerdote católico, Lutero estava sujeito ao regime estrito imposto sobre todos os clérigos da Igreja. Isto incluía a frequência regular ao confessionário. Na confissão católica, uma pessoa conta ao sacerdote em confiança os erros que o confidente cometeu. Isto se destina a ajudar a descarregar espiritualmente a pessoa. Como já mencionado, uma confissão apropriadamente feita tem um efeito positivo e interessantemente, parece ser necessária em algum ponto para quase que todos os avanços espirituais da pessoa. Nos dias de Lutero, contudo, as confissões eram, frequentemente, feitas impropriamente ou desnecessariamente e assim, as pessoas, frequentemente, sentiam pouco alívio. Lutero, eventualmente, achou difícil ir ao confessionário. Ele já viera a odiar o Deus zangado e condenador da religião católica e como resultado, ele começou a perder sua fé no modo católico para a salvação.

*1410 a 1415. Baldassare Cossa, seu nome temporal, nasceu em Nápoles, Itália, em cerca de 1370 e morreu em Florença, a 22 de dezembro de 1419.

Havia, contudo, uma outra razão, igualmente importante, porque Lutero estava tendo dificuldade em ir ao confessionário: ele tinha cometido atos que ele se sentia incapaz ou sem vontade de confessar. Lutero afirma que ele tentou purgar-se de todo pecado concebível, mas alguns atos ainda 'fugiam' de sua memória quando veio o tempo de divulgá-los ao seu confessor. Em parte por causa disso, Lutero não se sentia avançando espiritualmente e ele se desesperou por nunca alcançar a salvação. Ele se sentiu compelido a buscar um outro caminho para recuperação espiritual que não o forçaria a enfrentar os desconfortáveis confessionários. Embora Lutero expressasse muitas críticas legitimas sobre a igreja católica e afirmasse que ele estava tentando reestabelecer a primitiva igreja cristã de Jesus, Lutero era, de certo modo, um homem dirigido pelos demônios de erros não confessados. Como resultado, ele ajudou a criar uma forma de cristandade que, somente posteriormente, saiu dos verdadeiros ensinamentos de Jesus.

A despeito da corrupção oriental romana dos ensinamentos de Jesus e os métodos brutais da inquisição, o catolicismo durante o tempo de Lutero ainda retinha vários elementos importantes das lições dissidentes de Jesus. Por exemplo, a igreja católica continuava a pregar que a salvação era para ser alcançada pelo indivíduo. Ela ensinava a estimular a importância de fazer boas obras,* a necessidade de confessar o pecado quando cometido e a importância de retificar os erros ou compensá-los.

A igreja ensina que os santos tinham um excesso de méritos e que o papa podia transferir os méritos dos tesouros dos santos para outras pessoas em cujos tesouros eles estavam faltando. Os sortudos receptores, naturalmente, deveriam contribuir com dinheiro para a igreja pelo favor. Lutero, corretamente, rejeitou a noção de méritos e de tesouros e esta se tornou uma matéria maior, sobre a qual eventualmente Lutero veio a ser excomungado. Infelizmente, Lutero não restaurou um entendimento do verdadeiro relacionamento das boas obras com a salvação, mas ao invés, ele eliminou erroneamente o fazer boas obras, embora este seja um ingrediente que pode ajudar a estabelecer a fundação da recuperação espiritual de uma pessoa.

A igreja católica enfatizava que o homem tinha livre arbítrio para aceitar ou rejeitar a salvação, que a salvação não podia ser imposta sobre alguém contra a sua vontade (até mesmo por um Deus monoteísta), e que as pessoas eram dotadas do direito de buscar a salvação. Conquanto os ensinamentos católicos ainda tinham muitas falhas e faltava-lhes a verdadeira ciência do espírito, estas idéias refletiam algumas verdades e decência que eram o coração da mensagem de Jesus.

*As boas obras são importantes na extensão em que elas melhoram o ambiente de uma pessoa e impulsionam seu nível de ética, que por sua vez ajuda a fornecer uma fundação para a máxima recuperação espiritual do individuo. Infelizmente, a igreja católica usou as boas obras como um cartão de marcação. Os católicos acreditavam que as boas obras de uma pessoa (méritos) eram acrescidos como pontos por Deus e uma vez que uma pessoa acumulasse méritos suficientes em seu 'tesouro', ela teria garantida a salvação. (desde que alguns outros requisitos também fossem preenchidos). A igreja ensinou que os santos tinham um excédente de méritos e que o papa poderia transferir méritos dos tesouros dos santos para outras pessoas, cujos tesouros estivessem faltantes. Aos sortudos recebedores era requerido que contribuíssem com dinheiro para a igreja, a seu favor. Lutero imediatamente rejeitou a noção de méritos e tesouros e isto veio a ser um enorme problema pelo qual Lutero seria, eventualemnte, excomungado. Infelizmente, Lutero não restaurou um entendimento sobre da verdadeira relação das boas obras para a salvação mas, ao invés, ele errôneamente eliminou totalmente a feitura de boas obras, embora elas sejam um ingrediente que pode lançar as bases para a recuperação espiritual de uma pessoa.

A chave de Lutero para a reforma teria sido reforçar os bons dogmas ainda vivos no catolicismo enquanto eliminava a flagrante comercialização e as mudanças da doutrina cristã feitas pela Igreja Romana Oriental. Esta não foi a estrada que Lutero resolveu seguir. Ele ensinou, ao invés, a falsa idéia de que uma pessoa não tem controle pessoal sobre sua salvação espiritual. Lutero convenceu as pessoas de que a salvação depende inteiramente da graça de um Deus monoteísta. Havia apenas uma ação que um indivíduo podia tomar para obter a graça de Deus, disse Lutero e esta era acreditar em Jesus como o salvador e aceitar a agonia de Cristo e a crucificação como penitência pelos pecados de alguém.

A curiosa noção de Lutero de que a crucificação de Jesus pode ser a penitência pelos pecados de outras pessoas é parcialmente baseada no conceito de 'carma'. O carma é a idéia de que todos os atos neste universo eventualmente 'retornam' a uma pessoa, no futuro. As pessoas frequentemente evocam a idéia de carma quando elas perguntam, "o que fiz para merecer isso?". Na ciência moderna, o carma tem sido expressado como: "para cada ação há uma reação igual e oposta". No monoteísmo, 'carma' geralmente vem na forma de inevitáveis punições de Deus pelos pecados e recompensas pelo bem. A nível pessoal, o princípio do carma parece se manter verdadeiro no sentido de que o mundo que alguém cria, bom ou mal, pela ação ou inação é, afinal, o mundo que volta para esta pessoa. A ética pobre parece ser um bumerangue na forma de degradação espiritual. Um benefício de uma confissão bem-feita é que ela realmente parece quebrar o efeito negativo do bumerangue e portanto, ajudara a colocar uma pessoa de volta na estrada da recuperação espiritual.

Porque as confissões de Lutero não eram satisfatórias, ele se sentiu compelido a inventar um outro meio para escapar do ciclo do carma imposto pelas recompensas e punições de seu Deus monoteísta. Lutero, portanto, desenvolveu a ideia de que Deus permitiria que a dor e o sofrimento de Jesus, na cruz, se tornassem o 'bumerangue' para todo mundo. Em outras palavras, por 'acreditar em' Jesus, você não sofrerá espiritualmente pelas coisas más que você fez no passado, porque Jesus já sofreu por você. Esta é uma noção maravilhosamente mágica, mas dificilmente é uma filosofia de responsabilidade, nem é justo que Jesus devesse carregar o fardo pelos erros dos outros. Mais importante, a solução de Lutero simplesmente não funciona. Muitas pessoas realmente sentem e agem melhor depois de 'proclamar Cristo' porque elas tem reconhecido suas existências espirituais de um modo que elas não tinham feito antes e elas, frequentemente, iniciam um comportamento mais ético como resultado, mas seu ato de crença não as tem feito superar as muitas outras barreiras que permanecem no caminho da completa recuperação espiritual.

Os Protestantes continuaram a praticar a confissão, embora isto não fosse mais considerado vital para alcançar a salvação. O reconhecimento prático do espírito foi também grandemente ignorado. O método de Lutero acrescentou uma 'rápida salvação': um simples ato de crença. Lutero ensinou que a salvação era garantida por Deus enquanto uma pessoa continuasse a aderir à crença em Jesus como o salvador.

As idéias de Lutero eram claramente místicas. Isto não é surpreendente, quando consideramos que Lutero tinha sido grandemente influenciado por algumas religiões místicas que eram muitos populares em seu país. O mentor primário de Lutero na ordem

agostiniana, Johann von Staupitz, pregava uma teologia contendo muitos elementos dos escritos dos proeminentes misticos alemães Heinrich Suso e Johann Tauler. Tauler foi um dos misticos mais amplamente lidos no século XIV e estava associado ao movimento amigos de Deus. Lutero se tornou um ávido leitor dos trabalhos de Tauler. Evidências de uma conexão mais direta de Lutero com a rede da irmandade é encontrada no selo pessoal de Lutero. O selo de Lutero consistia em suas iniciais em cada lado de dois símbolos da irmandade: a rosa e a cruz. A rosa e a cruz são os símbolos principais da ordem rosacruciana. A própria palavra 'rosacruciano' vem das palavras latinas 'rose' (rosa) e 'crucis' (cruz).

Durante sua vida e depois, Lutero contou entre seus apoiadores indivíduos e famílias importantes que eram ativas nos Illuminati e no rosacrucianismo. Um deles foi Felipe o magnânimo, chefe da poderosa casa real de Hesse, cujos descendentes, mais tarde, manteriam importantes posições de liderança nas organizações da irmandade, especialmente na livre maçonaria alemã, como veremos mais tarde. Como um dos principais líderes da reforma, Felipe, o magnânimo, fundou a universidade protestante de Marburg e organizou uma aliança política contra o imperador católico alemão, Carlos V. Depois da morte de Lutero, sua religião foi apoiada por sir Francis Bacon (1561-1626), que naquele tempo era lorde chanceler da Inglaterra. Bacon era também o mais alto executivo da ordem rosacruciana na Inglaterra. Uma das maiores contribuições de Bacon à reforma surgiu de seus esforços como coordenador de um projeto para criar uma Bíblia protestante, autorizada, em inglês, sob seu rei, James I, conhecida como 'versão do Rei James'; ela foi publicada em 1611 e se tornou a Bíblia mais amplamente utilizada no mundo protestante de língua inglesa.

Lutero e seus apoiadores criaram o maior cisma na história cristã. Enorme poder foi arrebatado da igreja católica Romana. As seitas protestantes, hoje, respondem por um terço de todos os cristãos mundialmente e quase metade de todos os cristãos na América do Norte. A igreja católica, contudo, não permitiu que isto acontecesse sem lutar. Os católicos lançaram uma contrarreforma em uma tentativa, sem sucesso, de oprimir as heresias protestantes. Liderando a contrarreforma estava, interessantemente, uma nova organização, no estilo da irmandade, criada para este propósito: a sociedade de Jesus, melhor conhecida como os Jesuítas. A ordem Jesuíta foi fundada em 1540 por um soldado que se tornou clérigo chamado Ignatius de Loyola. Os Jesuítas eram uma sociedade secreta católica com graus de iniciação, períodos de provação e muitos rituais secretos. Ela era também militante. Os Jesuítas eram encorajados a adotarem um espírito soldadesco de lealdade ao seu 'capitão' Jesus. Ignatius foi escolhido para ser o primeiro 'general' da ordem em abril de 1741. A imagem de Jesus como um quase militar capitão, pode parecer mais que bem-humorada para alguém familiarizado com os ensinamentos de Jesus, mas a imagem foi útil para tornar a ordem Jesuíta em uma estrutura eficaz para combater os protestantes.

Embora seja verdadeiro que a reforma levou a raça humana a afastar-se muito mais do entendimento espiritual, ela teve um efeito muito benéfico; ela ajudou a quebrar a espinha da inquisição católica. A inquisição havia sido uma das instituições mais opressoras a sobrecarregar o espírito humano. Os inquisidores se metiam em quase todos os empreendimentos humanos - da religião às ciências e às artes. A inquisição fazia cumprir

alguns dos mais desesperançosamente antiquados pensamentos científicos ao ameaçar as pessoas com tortura e morte. Ela impediu o desenvolvimento de muitas das boas artes, notavelmente o teatro. Provavelmente não importava muito o que os protestantes ensinavam; eles ainda teriam sido capazes de trazer um alívio enorme à Europa desde que eles forssem capazes de reduzir o poder da inquisição católica. Havia, contudo, um eventual preço a ser pago por este beneficio e este era o aprofundamento constante do materialismo. Filosofias de 'humanismo' e 'racionalismo' e ideologias similares, com uma inclinação materialista, tomaram um vigor renovado no clima da reforma.

Mais importante, muitos dos efeitos positivos da reforma foram contrabalançados pelo fato de que o protestantismo era, ainda, mais uma facção humana no irresolúvel conflito com outras facções sobre problemas religiosos errôneos. O próprio Lutero contribuiu para isto, ao dar a pista de que o papa representava as forças do 'anticristo'. O resultado tem sido mais guerra, desta vez entre católicos e protestantes - notadamente hoje na Irlanda.

A despeito do padrão continuado da rede da irmandade de gerar conflito durante os séculos, discutidos neste capítulo, é importante notar que uma influência dissidente tinha, ela própria, se manifestado na organização rosacruciana no início dos anos de 1600. A meta rosacruciana de recuperação espiritual individual e alguns de seus ensinamentos eram notavelmente similares a algumas das metas dissidentes anteriores. A moderna literatura rosacruciana dos EUA continua a refletir algo desta influência positiva ao tentar propagar uma visão mais científica dos fenômenos espirituais e ao ensinar que os humanos podem controlar inteligentemente suas vidas. Infelizmente, o moderno rosacrucianismo ainda contém muitos elementos tutelares que evitarão que os aderentes alcançem a completa reabilitação espiritual.

Embora os rosacrucianos tenham contribuído para o sucesso da reforma, eles não alcançaram muita fama até o ano de 1614, quando, como mencionado anteriormente, uma loja de rosacrucianos alemães começou uma fase de atividade externa, ao produzir em massa um folheto anunciando a presença dos rosacrucianos na maior principalidade de Hesse, Hesse-Kassel. O panfleto criou uma excitação ao urgir todas as pessoas abandonarem seus falsos mestres, tais como o papa, Galeno (um popular antigo médico grego) e Aristóteles. O panfleto também contou a história de um personagem fictício, 'Christian Rosenkreuz' para simbolizar a fundação da ordem rosacruz. O panfleto é melhor conhecido por seu nome mais curto, *Fama Fraternitis* ('relatório da fraternidade'). O título completo do panfleto, traduzido para o português é: *Reforma universal e geral de todo o mundo*, *junto com a notória irmandade da cruz rosada, endereçado a todos os eruditos e regentes da Europa*.

A despeito do pitoresco tom grandioso, o título do panfleto revelou um intento muito sério: criar amplas mudanças universais na sociedade humana. Ao tempo do *Fama Fraternitis*, a rede da irmandade já havia lançado seu programa para executar esta transformação. Pelos próximos vários séculos, a rede da irmandade forneceu ao mundo líderes que inspiraram e lideraram violentos movimentos revolucionários em todas as partes do mundo em um esforço de provocar uma maciça transmutação da sociedade humana.

Eles tiveram sucesso e hoje vivemos no mundo que eles criaram.

20 - Uma nova aristocracia.

A revolução é tão velha quanto a própria história. As pessoas têm se rebelado contra deuses, reis e pais por milênios e assim, dificilmente a vemos como algo fora do comum.

A revolta de Lutero não é uma verdadeira revolução no sentido de sangue sendo derramado. Lutero e o papa não lideraram exércitos um contra o outro. A reforma, contudo, estabeleceu o fundamento e forneceu a inspiração para inúmeras guerras e violentas revoluções políticas que varreram o globo pelos séculos afora.

Um dos confrontos políticos mais iniciais que surgiram da reforma, foi a guerra dos oitenta anos, que estava a pleno vapor por volta de 1569. A guerra dos oitenta anos colocou a Espanha contra aquela região da Europa que hoje conhecemos como Holanda, que então estava sob governo espanhol. Uma nova seita protestante, conhecida como 'calvinismo' (cujas origens serão discutidas no capítulo 22) emergiu naquele tempo. Os calvinistas radicais da França tinham migrado para a Holanda e criaram uma comunidade protestante ativista na Holanda. Isto, naturalmente, causou um atrito entre os devotos governantes católicos da Espanha e a emergente minoria protestante da Holanda. A minoria holandesa não apenas buscava a liberdade religiosa mas, brevemente, ansiariam também pela independência política. O resultado foi quase um século de guerra.

Muitas das lutas iniciais holandesas contra a Espanha foram lideradas por William I o silencioso, um governante alemão que reinava sobre a principalidade alemã de Nassau (que fazia fronteira com Hesse) e sobre a região francesa de Orange; consequentemetne, a dinastia de William era conhecida como a casa de Nassau-Orange, ou mais simplesmente, a 'casa de Orange'. William liderou a luta na Holanda parcialmente porque lá ele havia herdado grandes áreas de terra.

O eventual sucesso das rebeliões holandesas trouxeram o nascimento de uma Holanda completamente independente. Com a independência, veio o estabelecimento de um sistema politico e econômico que era para fornecer um modelo para as revoluções em outros países. A Holanda adotou uma forma parlamentar de governo, acompanhada pela redução do poder do monarca. Embora a casa de Orange tenha se tornado a família real da Holanda e assim permanece até estes dias, o papel do monarca no novo governo foi reduzido aquele de "Stadtholder," ou magistrado chefe.

O stadtholder não podia manter o mandato a menos que aprovado pela assembleia nacional, embora isto fosse, frequentemente, uma mera formalidade. Um efeito pretendido do sistema parlamentar era prevenir que qualquer indivíduo alcançasse demasiado poder.

Podemos nos intrigar sobre o porque a família real alemã de Nassau-Orange ajudou a estabelecer um sistema político no qual o seu próprio poder era reduzido. Pode-se argumentar que ela assim o fez para angariar e encorajar o apoio popular à revolta contra a Espanha. Afinal, a casa de Orange ganhou uma posição permanente no governo. Isto não resolve completamente o enigma porque, como veremos, outras famílias reais alemãs lideraram golpes e revoluções nas quais sistemas políticos quase idênticos foram eregidos e

poucas destas dinastias estavam agindo inteiramente por impulsos nobres. Uma pista para resolver o enigma pode ser encontrada no fato de que estas dinastias alemãs estavam profundamente envolvidas em organizações da irmandade. Como veremos nos capítulos seguintes, a evidência indica que as famílias estavam promovendo uma agenda da irmandade, na qual a realeza lucrava grandemente por outros meios.

À luz do papel da irmandade em promover a revolução e reduzir as monarquias, pode parecer, ao primeiro olhar, que a irmandade estava de volta a seu verdadeiro propósito não corrompido de se opor às instituições tutelares. Afinal, a instituição da monarquia é rastreável de volta aos 'deuses' tutelares da antiga Suméria. Segundo os tabletes mesopotâmios, a sociedade tutelar era governada de modo único. No topo estava um conselho ou sistema de conselhos. Abaixo do conselho principal estavam as subdivisões planetárias, tais como a terra. Cada subdivisão era governada por tutores individuais em uma base hereditária, mas sujeita às leis dos conselhos. Segundo os antigos sumérios, os regentes tutelares hereditários foram os primeiro reis da tarra. Estes regentes implantaram, naturalmente, seu sistema monárquico na sociedade humana. Vemos intrigante evidência disto em antigos desenhos mesopotâmios que apresentam os 'deuses' tutelares sustentando dois objetos que agora são os símbolos universais da monarquia: o cetro e a tiara.

Os sumérios afirmam que os primeiros reis humanos eram a prole dos governantes tutelares que acasalaram com mulheres humanas. Estes acasalamentos intitulavam a prole meio-humana a se tornarem os monarcas iniciais sobre a terra. Então nasceu a ideia de 'sangue real' e a percebida importância de manter o apropriado 'acasalamento real' para assegurar a continuada pureza da linhagem sanguínea real humana. Interessantemente, alguns antigos deuses tutelares eram apresentados ou como de pele azul ou de sangue azul: isto nos deu a ideia (e alguns dizem a realidade) do 'sangue azul' real. As práticas aristocráticas de acasalamento tem persistido pela história e permanecem importantes para a realeza até mesmo hoje. Os humanos de 'sangue azul' parecem ser as premiadas vacas Hereford da raça rebanho da terra, *homo sapiens.*

À luz do que foi dito acima, isto estaria em continuidade comas metas da irmandade original não corrompida, de eliminar a monarquia e substituí-la por uma forma parlamentar de governo na qual os humanos poderiam escolher seus líderes. Haveria a própria irmandade se reformado, ao tempo de William, o silencioso?

Infelizmente, não.

Como vimos antes, a influência tutelar fez com que as metas e ensinamentos válidos da irmandade adiquirissem reviravoltas fatais. Precisamente uma tal reviravolta distorceu os, de outro modo, objetivos sociais e políticos altruístas dos revolucionários da irmandade. As monarquias recentemente enfraquecidas e os governos parlamentares permitiram que maior poder fosse assumido por uma nova instituição que estava sendo instalada pelos revolucionários: um novo sistema bancário e monetário. Este novo sistema monetário foi um grande elemento das revoluções nos séculos XVI, XVII e XVIII, ainda que este fato seja apenas minimamente discutido na maioria dos livros de história. Aqueles que dirigiam, e ainda dirigem, o novo sistema monetário foram habilmente rotulados por um autor,

Howard Katz, como ‘a aristocracia do papel’. As revoluções que começaram a varrer o mundo depois da reforma anunciavam a diminuição das poderosas aristocracias políticas em favor da menos visível, mas de muitos modos, igualmente poderosas ‘aristocracias monetárias’. Isto aconteceu porque, durante a reforma, os empréstimos de dinheiro e os bancos, que uma vez foram vistos como ocupações inferiores, estavam sendo forjadas em um poder renovado devido à nova ciência inteligente do dinheiro.* Este novo dinheiro era um tipo de papel moeda que poderia ter seu valor deliberadamente e sistematicamente diminuído através de um processo conhecido como ‘inflação’. É este tipode dinheiro que usamos hoje. Este novo dinheiro, e as instituições que surgiram dele, tiveram um enorme inpacto na nossa civilização moderna.Não podemos apreciar completamente os efeitos do protetantismo e das revoluções que emergiram dele sem compreender como este novo sistema financeiro trabalha.

* Para uma introdução simples e divertida da história do dinheiro e da economia, recomendo *The Cartoon Guide to Economics* de Douglas Michael, Puvlicado nos Estados Unidos por Harper and Row Publishers, Inc. e no Canadá por Frits henry & Whiteside Ltd. de Toronto.

21 - Dinheiro Divertido

Poucos tópicos ocupam tantas mentes ou estimulam tantas emoções quanto o dinheiro. Principalmente devido ao fato dele ser um problema esmagador para a maioria das pessoas. Uma coisa que faz com que o dinheiro moderno seja um problema é a inflação, independentemente da inflação estar subindo anualmente 3% ou 300%. A inflação, com certeza, é a situação na qual o custo dos bens e serviços aumentam paulatinamente devido ao sempre decrescente valor do dinheiro. Isto acontece quando o suprimento de dinheiro se torna maior em proporção ao suprimento de bens e serviços valiosos.

O próprio dinheiro por si só não é valioso; somente os bens e os serviços que podem ser comprados por ele o são. A riqueza de qualquer individuo ou nação, portanto, é finalmente determinada pelo que ela produz em termos de bens e serviços valiosos, não por quanto dinheiro ela imprime, distribui ou mantêm. Uma nação poderia, na verdade, sobreviver sem qualquer moeda, conquanto ela fosse produtiva de outra forma,.

O propósito do dinheiro é facilitar a troca de bens e serviços. O dinheiro é, portanto, uma extensão do sistema de troca. Trocar é o ato de comerciar algo que alguém possui ou faz por algo de outro.

A produção e a troca são as bases de toda economia.

Moedas e papel-moeda foram originalmente criados para auxiliar o trocador. Eles permitiram que as pessoas trocassem sem ter que carregar os bens reais ou imediatamente entregar um serviço. Isto permitiu que os indivíduos comerciassem mais facilmente e poupassem os lucros de seu trabalho para o futuro.

O papel-moeda começou como ‘notas promissórias’. Uma nota promissória é uma promessa escrita de pagar uma dívida. Uma pessoa escreveria uma nota sobre um pedaço de papel prometendo ao recebedor da nota, uma certa quantidade de bens ou serviços que o escritor da nota fornece ao ser solicitado. Para ilustrar, vamos olhar o seguinte exemplo fictício:

Vamos imaginar que um granjeiro estava no mercado da vila e queria trocar por uma cesta de maçãs. Ele não tinha suas galinhas com ele, então, ele poderia escrever uma nota para o vendedor das maçãs autorizando o portador da nota a vir a sua fazenda a qualquer tempo para pegar duas galinhas sadias. O granjeiro seria capaz de ir embora com sua cesta de maçãs e então competiria ao dono das maçãs visitar a fazenda um dia para redimir a nota ao pegar suas duas galinhas. Enquanto as pessoas acreditassem na habilidade do granjeiro em honrar suas notas, ele seria capaz de utilizá-las para troca.

Vamos agora imaginar que quando o dia se encerra, o dono das maçãs decide dar uma olhada ao redor do mercado. Ele chega a um mercador de roupas. A esposa do homem das maçãs o tem perturbado a dias para comprar alguma da nova seda que acabou de chegar em uma caravana do oriente médio. A vida doméstica do dono das maçãs tem sido miserável pelas incessantes exigências dela e a negação a ela dos confortos de esposa, então

ele negocia com o mercador de roupa por alguma seda. O mercador de seda, contudo, não precisa de mais maçãs, então o homem das maçãs, lembrando-se que tem uma nota para duas galinhas, pergunta ao mercador se ele precisa delas. O mercador diz que sim e o dono das maçãs entrega a ele a nota das duas galinhas em troca da seda. Agora cabe ao mercador iandar até a granja e resgatar a nota. As galinhas, em sí, nunca saíram da granja, embora elas tenham trocado de propriedade duas vezes em um dia. Foi para este tipo de troca que o papel-moeda foi inicialmente criado; mas você vê a tentação que ele pode despertar?

Se o granjeiro sabe que algum tempo se passará antes que ele deva resgatar as notas com galinhas reais ou que algumas de suas notas circularão para sempre e nunca venham ao resgate, ele pode ser tentado a emitir mais notas do que ele realmente tem em galinhas, pensando que ele será capaz de cobrir todas as notas quando elas voltarem para ele.

A tentação agora derrota o granjeiro.

O granjeiro tem uma grande reunião familiar vindo e ele quer impressionar seus parentes realizando uma festa opulenta. De volta ao mercado, ele vai onde ele escreve as notas para as galinhas que ainda não foram chocadas e se estoca com uma abundância de bens de outros mercadores. Várias coisas agora podem acontecer. O granjeiro se sairá bem, se ele sempre for capaz de atender a demanda por galinhas, quando as notas vierem para resgate. Uma outra coisa que pode e frequentemente ocorrerá, é que ele sature tanto o mercado local com suas notas de galinhas, que a maioria das pessoas não queiram mais delas e então ele deve oferecer ainda mais frangos por troca, para fazer com que as pessoas sintam que isto vale a pena. Ele está, agora, escrevendo notas para duas ou três galinhas em troca de itens para os quais ele, anteriormente, havia emitido notas para uma única galinha. Na medida em que estas notas circulam, elas se tornam menos e menos valiosas porque há muitas delas. Cria-se uma espiral viciosa: quanto mais notas emite o granjeiro, menos valiosas elas se tornam e mais ele tem que emitir para obter o que quer. Isto é conhecido como inflação.

Agora vem a pior parte.

Com mais e mais notas circulando, um número crescente delas começarão a voltar para resgate. Logo o granjeiro verá que sua riqueza real, que é o seu suprimento de galinhas, está se tornando rapidamente esvaziado, mesmo que somente uma pequena porção de suas notas emitidas tenha voltado. Para preservar suas galinhas, ele deve diminuir o valor das notas ao declarar que as notas emitidas agora só são boas para metade do que elas dizem. Isto é chamado desvalorização.

Já que o granjeiro pode achar difícil admitir que ele havia emitido muito mais notas do que ele tinha em galinhas, ele pode tentar salvar sua reputação ao mentir, tal como dizer que uma feroz doença de galinhas tinha dizimado metade de sua granja. Isto, provavelmente, não evitará que ele se torne muito impopular. A fé pública em suas notas será destruída. Ele terá que reverter à troca direta ou ele precisará adquirir as notas de outros, para continuar comerciando no mercado.

Como podemos ver, as notas de papel, ou dinheiro, são enraizadas nos bens reais e devem significar uma expressão de que o criador das notas tem algo de valor para comerciar.

Em contraste com as notas estão as moedas que, de certo modo, funcionavam diferentemente. Os metais sempre foram considerados valiosos e então, peças de metal eram instrumentos convenientes de comércio. As peças de metal eram impressas em vários desenhos, tornando-se, portanto, moedas e sua pureza metálica era garantida pelo impressor. Inicialmente, os valores das moedas eram determinados pela quantidade e pureza do metal contido nelas. O ouro era um metal raro e popular, então, as moedas feitas de ouro eram mais caras e tinham um valor mais alto de troca do que, por exemplo, as moedas de cobre.

As moedas de metal se tornaram um instrumento popular de troca porque elas eram duráveis e as quantidades podiam ser controladas. Elas criaram alguns problemas, contudo. Realisticamente, as pessoas estavam apenas comerciando peças de metal por outros bens. Isto criou uma ênfase desproporcionada sobre os metais. A aquisição de moedas e metais moeda se tornou uma obsessão para muitas pessoas e tais obsessões tendem a drenar a energia, melhor gasta em produzir outros bens valiosos e serviços. O sistema também deu uma quantidade desproporcional de poder para aqueles que possuíam grandes quantidades de metais cunhados, embora outros bens, tais como alimentos sejam, afinal, mais valiosos. A pessoa com as moedas de metal podia, imediatamente, adquirir qualquer bem ou serviço, mas um fazendeiro tinha, primeiro, que passar por um passo intermediário de trocar seu produto por uma moeda ou metal moeda antes que ele pudesse ter a mesma flexibilidade de gasto.

As moedas de metal se uniram com as notas de papel para criar a fundação de nosso moderno sistema monetário nos anos de 1600. Aqueles que estabeleceram esta fundação foram os ourives. Os ourives geralmente possuíam os cofres e fechaduras mais seguras da cidade. Por esta razão, muitas pessoas depositavam suas moedas de metal com os ourives para salvaguarda. Os ourives emitiam recibos aos depositários onde prometiam pagar, aos mantenedores dos recibos em demanda, estas quantidades de ouro ou prata mostradas nos recibos. Cada um destes recibos era realmente uma nota que podia circular como dinheiro até que uma pessoa que a tivesse voltasse ao ourives para resgatá-la pela quantidade especificada de metal.

Os ourives fizeram uma importante descoberta. Sob circunstancias normais, somente por volta de 10% a 20% de seus recibos realmente voltavam para resgate a qualquer dado tempo. O resto circulava na comunidade como dinheiro e por uma boa razão. O papel era mais fácil de carregar do que pesadas moedas e as pessoas se sentiam mais seguras mantendo os recibos em vez de manterem o ouro e a prata. Os ourives entenderam que eles podiam emprestar dos metais não resgatados e cobrar juros e portanto, ganhar dinheiro daqueles que tomavam um empréstimo. Ao fazer um tal empréstimo, contudo, o ourives tentaria convencer a quem o tomava que o fizesse na forma de um recibo em vez de fazê-lo em metal real. O tomador do empréstimo podia então circular esta nota como dinheiro. Como podemos ver, os ourives agora haviam criado ‘dinheiro’ (seus recibos) pelo

dobro da quantidade real de metal em sua salvaguarda: primeiro para o original depositário, e então para aquele que tomava o empréstimo. O ourives nem mesmo era dono do metal no cofre, entretanto, ao simplesmente escrever sobre um pdaço de papel, alguém agora deveria dinheiro a ele até o valor total do ouro em seu cofre. O ourives poderia continuar a escrever suas notas conquanto as notas vindo para resgate não excedam seus depósitos reais de metais preciosos. Tipicamente, um ourives emitiria notas quatro ou cinco vezes em excesso de seu real suprimento de ouro.

Por mais lucrativa quanto esta operação possa ter sido, havia algumas armadilhas. Se notas demais do ourives voltassem para o resgate rapidamente ou se os tomadores de empréstimos dos ourives fossem vagarosos em pagar, o ourives podia ser dizimado. A credibilidade de suas notas seria destruída. Se o ourives dirigisse sua operação cautelosamente, contudo, ele logo se tornaria muito rico sem nunca haver produzido algo de valor.

A injustiça deste sistema é óbvia. Se para cada saco de ouro que o ourives tinha em depósito, as pessoas agora possuíam o equivalente a quatro sacos, alguém tinha que perder. Na medida em que a dívida pública do ourives aumentava, mais e mais riqueza real e recursos eram possuídos por ele. Já que o ourives não estava produzindo qualquer riqueza ou recurso real, mas estava demandando uma parte sempre crescente deles por causa de suas notas de papel, ele facilmente se torna um parasita sobre a economia. O resultado inevitável foi o enriquecimento do ourives cuidadoso, que se tornou banqueiro a custo do empobrecimento de outras pessoas na comunidade.

Este empobrecimento foi manifestado ou pela necessidade das pessoas abrirem mão de coisas de valor ou em sua necessidade de trabalhar para criar a riqueza necessária para pagar ao banqueiro. Se o ourives não fosse cuidadoso e sua bolha monetária explodisse, as pessoas ao seu redor sofreriam de qualquer modo, devido à interrupção causada pelo colapso do banco dele e a perda de valor de suas notas, ainda em circulação.

Assim se deu o nascimento do banco moderno. Muitas pessoas sentem que isto é um sistema inerentemente desonesto. E é. Ele também é social e economicamente desestabilizante, ainda que todos os maiores sistemas monetários e bancários mundiais hoje operem em uma estreita variação do sistema que acabei de descrever.

Pelo século XVII, a casa bancária de Médici, na Itália, veio com a idéia de usar o ouro como o bem sobre o qual basear todo papel-moeda. O ouro era contemplado com a base para as notas de papel por causa da escassez e desejabilidade do ouro. Este foi o início do ‘padrão ouro’ no qual todos os outros bens e serviços são avaliados em relação ao ouro (e algumas vezes prata). O padrão ouro foi, certamente, uma ideia fantástica para aquelas pessoas que possuíam muito ouro e prata, mas criou uma dependência artificial sobre um bem que não era, nem de longe, tão útil quanto outros bens. Basear um sistema monetário inteiro em um único bem, afinal, é melhor do que não baseá-lo em alguma comodidade, mas, até mesmo sob o padrão ouro, as notas de papel excederão, em muito, os metais usados para sustentar as notas. A melhor solução é enraizar firmemente um suprimento de

dinheiro no produto interno bruto de uma nação, de forma que o dinheiro aja como um reflexo acurado deste produto.

Uma vez tendo sido criado o padrão ouro, pensavam-se as notas de papel como sendo 'tão boas quanto ouro' porque as pessoas podiam resgatar as notas por ouro real. Isto criou um falso sentimento de segurança. Quando mais e mais notas de ouro entraram no mercado, elas gradualmente se tornaram cada vez menos valiosas, resultando em uma incessante inflação. Os proprietários de ouro/banqueiros tinham que continuar emitindo uma corrente constante de notas porque assim era como eles ganhavam seus lucros. Enquanto os banqueiros planejassem cuidadosamente e as pessoas mantivessem a fé nas notas, os escritores das notas podiam permanecer à frente da inevitável inflação que eles criavam e fer um enorme lucro com isso. Se, por outro lado, eles emitissem uma superabundância e notas demais voltassem para resgate, eles poderiam, como último recurso, desvalorizar as notas para poupar seu ouro. Deste modo, o inflacionável papel-moeda, até mesmo sob o padrão ouro, se tornou uma fonte de riqueza e poder para aqueles intitulados a criar o dinheiro. Isto também gerou dívidas em uma escala enorme porque a maioria das notas de ouro 'criadas do nada' foram emitidas na comunidade como empréstimos repagáveis aos banqueiros. Se as pessoas não tomassem emprestado dos banqueiros, pouco dinheiro novo entraria no mercado e a economia se tornaria mais lenta.

Este método de criar dinheiro claramente destruiu o verdadeiro propósito do dinheiro; representar a existência de bens reais comercializáveis. O papel-moeda inflacionável permite que um punhado de pessoas absorva e manipule uma grande quantidade de riqueza real, que são os bens valiosos e serviços que as pessoas produzem, simplesmente pelo ato de imprimir papel e então, vagarosamente, destruir o valor deste papel com a inflação. Isto faz com que o dinheiro se torne sua própria comodidade, que pode ser manipulada em seus próprios termos, geralmente em detrimento do sistema de produção e troca. O dinheiro era destinado a ajudar este sistema, não a dominá-lo e controlá-lo.

O sistema de papel-moeda inflacionável descrito acima foi a nova 'ciência' do dinheiro sendo estabelecida pelos revolucionários da irmandade. Uma versão anterior do sistema foi criada na Holanda em 1609. Este foi o ano no qual as forças holandesas e espanholas assinaram uma trégua suspendendo as hostilidades da guerra dos oitenta anos. A trégua marcou o nascimento da independente República Holandesa e a fundação do banco de Amsterdam no mesmo ano.

O Banco de Amsterdam – de propriedade particular –, operava com o sistema inflacionável do papel-moeda descrito acima. Ele era dirigido por um grupo de financiadores que reuniram alguns de seus metais preciosos para formar a base de bens do banco. Por acordo anterior com o governo holandês, o banco ajudou as forças holandesas a retomarem as guerras contra a Espanha ao emitir notas quatro vezes em excesso da base de bens do banco. Os magistrados holandeses eram, então, capazes de dirigir tres quartos deste dinheiro 'criado do nada' para financiar o conflito. Isto revela a razão primaria porque o sistema de dinheiro em papel-moeda inflacionável foi criado: ele capacita as nações a lutarem e prolongarem suas guerras. Ele também torna a luta humana pela existência física

mais difícil devido aos débito macico e absorção parasitária da riqueza que o sistema causa. Sobretudo, a inflação incessante reduz o valor do dinheiro das pessoas de forma que sua riqueza acumulada é gradualmente erodida. As metas tutelares expressas nas estórias do jardim do éden e da torre de Babel foram grandemente avançadas pelo novo sistema de papel-moeda.

O sucesso inicial do Banco de Amsterdam encorajou similares arranjos bancários em outras nações. Sua prole mais notável foi o banco da Inglaterra, fundado em 1694. O banco da Inglaterra estabeleceu o padrão para os nossos bancos centrais dos dias modernos ao refinar o sistema de papel-moeda inflacionável da Holanda. O sistema do banco da Inglaterra foi, subsequentemente, disseminado de nação a nação, frequentemente na esteira de revoluções lideradas por proeminentes membros da rede da irmandade. A reforma mundial anunciada em *Fama Fraternitis* estava em andamento pelo fim do século XVII e o 'novo dinheiro' era uma grande parte disso, do que veremos mais depois.

22 - Santos que Marcham

Um dos líderes mais importantes da reforma foi João Calvino. Calvino tinha apenas dez anos quando Lutero rompeu com a igreja católica, mas quando adulto, Calvino se tornou um dos mais zelosos advogados do protestantismo.

Calvino publicou seu primeiro tratado religioso em 1536 em Basel, na Suíça, uma cidade na fronteira suíço alemã. Calvino passou sua vida adulta escrevendo e ensinando sua própria interpretação única da doutrina protestante. O resultado foi a criação de uma denominação protestante derivada dele, o calvinismo, que tinha sua sede em Genebra.

Calvino continuou na veia mística de Martinho Lutero. Lutero disse que a salvação espiritual não era algo que um ser humano pudesse alcançar por seu próprio trabalho. Ao invés, a salvação exigia um ato de crença. A mesma idéia foi promulgada por Calvino, mas com uma variação mais dura. Segundo a doutrina de Calvino, nem mesmo um ato de fé ou crença asseguraria a sobrevivência espiritual de uma pessoa. Calvino proclamou, ao invés, que a salvação espiritual de uma pessoa, ou a falta dela, já estava predeterminada, antes do nascimento, por Deus. Não apenas já havia Deus decidido, antecipadamente, quem alcançaria a salvação espiritual e quem não a alcançaria, mas não havia absolutamente nada que uma pessoa pudesse fazer quanto à decisão de Deus. Esta doutrina infeliz é conhecida como ‘predestinação’. Os ensinamentos de predestinação de Calvino ofereciam às pessoas pouco conforto, porque eles ressaltavam que a maioria dos seres humanos estava espiritualmente condenada. Estes humanos favorecidos por Deus desde o nascimento eram conhecidos como os ‘eleitos’. Os eleitos eram poucos em número e nada podiam fazer para partilhar sua boa fortuna com outros. O eleito tinha apenas um real dever na terra, proclamou Calvino e este era suprimir o pecado de outros como um serviço a ‘Deus’. Calvino, com certeza, era um dos eleitos.

Alguém pode perguntar: porque ‘Deus’ condenaria quase que todas as almas antes do nascimento e continuaria a puní-las depois do nascimento? Isto parece mais que cruel. Segundo Calvino, a raça humana já estava sendo punida pelo ‘pecado original’ de Adão e Eva. Como recordamos, o ‘pecado original’ era a tentativa inicial do homem de ganhar o conhecimento da ética e da imortalidade espiritual.

Calvino não tentou justificar a predestinação, a despeito de sua óbvia injustiça. Ele, ao invés, pregou que a predestinação era um mistério ao qual todas as pessoas deviam se humilhar. Muitas coisas de ‘Deus’ jamais foram intencionadas para serem entendidas pelos seres humanos, ele disse.

O calvinismo era mais que uma religião de domingo. Era um modo de vida. Ela exigia de seus aderentes um estilo de vida pragmático e austero no qual o mais alto dever de uma pessoa era glorificar a Deus em suas ações diárias. As pessoas eram ensinadas que suas posições na vida, não importa quais fossem estas posições, eram seus ‘chamados’ por Deus. Uma vida devia ser vivida como se fosse a vontade do ser supremo que uma pessoa estivesse onde ela estava. O calvinismo era claramente uma filosofia do feudalismo para a era moderna.

Em bases religiosas, Calvino proibiu a bebedeira, o jogo, a dança e cantar tons irreverentes. Estes estavam entre os pecados que os eleitos haviam sido postos na terra para impedir. Sem nenhuma surpresa os calvinistas rapidamente desenvolveram uma reputação por serem circunspectos e sem graça. Eles também se tornaram mais violentos. Calvino não era um homem de tolerância e ele adotou algumas das práticas viciosas dos imperadores romanos orientais. Por exemplo, Calvino encorajava a penalidade de morte por heresia contra suas novas doutrinas e ele exigiu que as 'feiticeiras' fossem queimadas até a morte na fogueira.

O calvinismo viajou de sua fortaleza na Suíça para outros países. Na Holanda, os calvinistas tinham desempenhado um papel muito grande em agitar e provocar a guerra de oitenta anos, que nos deu o banco de Amsterdam. Na Grã-Bretanha, o calvinismo foi a base da religião puritana.

Como seus irmãos calvinistas na Holanda, alguns curitanos ingleses decidiram validar suas crenças sombrias e autointeresses materiais por meio da revolução violenta. No ano de 1642, um grupo de puritanos ingleses ricos e proeminentes liderou uma guerra civil em escala completa contra o rei inglês Charles I. Aos olhos puritanos, Charles havia cometido crimes contra Deus ao se casar com uma católica e por ser tolerante com o catolicismo. Depois de ganharem a guerra civil e decapitarem Charles, os vitoriosos exércitos puritanos colocaram seu próprio ditador a cargo da Bretanha: Oliver Cromwell.

Sob Cromwell, os puritanos foram capazes de validar suas crenças religiosas na arena da politica externa. Os puritanos ingleses acreditavam fortemente no conceito de Armagedom, isto é, a batalha final. Eles acreditavam que a grande batalha final tinha começado e atingiria o clímax em fins do século XVII e que a guerra civil dos puritanos contra o rei Charles I era parte desta batalha. O papa foi rotulado o anticristo e o catolicismo foi considerado um instrumento de satã. Cromwell tentou moldar a política externa inglesa ao redor destas crenças ao trabalhar para solidificar a unidade internacional protestante e por fazer guerra contra os católicos em várias partes da Europa. Cromwell acreditava que os puritanos ingleses eram o 'segundo povo escolhido'* de Deus e que suas ações eram todas parte da profecia bíblica.

A cosmologia calvinista fez muito para moldar as idéias puritanas sobre a guerra. Se engajar na guerra era glorificado. Os puritanos acreditavam que a tensão e a luta eram elementos permanentes do esquema cósmico por causa da eterna luta entre Deus e satã. O Professor Michael Walzer, em seu intrigante livro, *Revolution of the saints: A study in the origins of radical politics*, explica a crença deles deste modo:

> Como existe um permanente conflito e oposição no cosmos, assim há um permanente estado de guerra na terra… Esta tensão era, ela própria, um aspecto da salvação: um homem à vontade era um homem perdido.[1]

* Os hebreus eram considerados o 'primeiro povo escolhido' por Deus mas eles haviam caído de seu favor.

É vital entender esta ideia puritana porque ela exalta a guerra *como um passo necessário para a salvação espiritual*. Esta também foi uma das sementes que nos legou a filosofia marxista do 'materialismo dialético'[2]. Esta crença puritana é uma das idéias mais perniciosas jamais ensinadas pelas religiões tutelares. Isto fez com que os Puritanos vissem a paz como uma afronta a Deus porque a paz significava que o esforço da luta contra satã havia cessado! "A paz mundial é a mais aguçada guerra contra Deus", escreveu Thomas Taylor em 1630.* O mais alto chamado de um homem puritano era marchar para a guerra para a glória de Deus. Quando não haviam (que os céus o proíbam) guerras em progresso, os homens eram encorajados a frequentarem exercícios militares para recreação:

> E nos aspectos religiosos, já que todo homem terá recreações, que seja melhor que esta seja a mais livre de pecado, que melhor fortaleça um homem… então abandone suas cartas, dados, recolher-se ao seu quarto, brincadeiras, namoricos e discursos imorais e vão desperdício de tempo, para frequentar estes exercícios (trinamentos militares).[3]

O enobrecimento da guerra pelos puritanos, acoplado ao seu pragmatismo austéro, ajudou a trazer maiores mudanças na maneira de lutar as guerras. Em gerações anteriores, a renascença teve um efeito muito interessante no fazer a guerra na Europa. A guerra havia se tornado uma atividade de 'cavalheiros' - ornados e cheios de ameaças. Os governantes europeus gastaram somas consideráveis de dinheiro para criar exércitos estéticos e coloridos. Brilhantes uniformes, bandeiras tremulantes e armaduras bem trabalhadas eram a ordem do dia. Significativamente, a pompa substituiu o combate nos campos de batalha. Muito frequentemente, os ofuscantes exércitos da renascença se engajavam em manobras infindáveis um contra o outro com pouco contacto real. Depois de uma grande quantidade de pompa e show, um empate militar frequentemente ocorreria, seguido por uma elegante manobra de cavalaria conhecida como caracol. Cada lado podia então se declarar o vencedor com poucas, ou nenhuma, baixas e marchar coloridamente para casa para adulação de seu povo. Os jovens soldados sobreviviam para segurarem os pulsos de suas amadas com nobres histórias de galanteria e honra no campo.

No mundo ultra pragmático e exausto de hoje, as atividades acima podem parecer bastante tolas, como algo do *Magico de Oz*. Elas eram, contudo, um fenômeno excepcionalmente importante porque o estilo de guerra na renascença revelou a verdadeira natureza do espírito humano. A maioria das pessoas vai gravitar para longe da guerra quando lhes é dada a chance. Elas mudariam arenas de conflito em teatros de esplendor. Elas escolherão a vida, a cor e a arte ao invés da morte, do empalidecer e da deterioração. A renascença foi um curto período da história revelando que, quando a repressão é diminuída, quando a intolerância e as filosofias indutoras da guerra diminuem de importância e quando as pessoas são capazes de escolher pensar e agir mais livremente, os seres humanos, como um todo natural, automáticamente se afastarão da guerra.

* O materialismo dialético é a filosofia que afirma que os conflitos entre as classes sociais são inevitáveis e que estes conflitos são o primeiro estagio de um processo que por último trará uma Utopia sem classes sobre a terra.

A austeridade puritana e a glorificação da guerra ajudaram a tornar as guerras européias mais sangrentas. Os exércitos puritanos operavam sob a ideia de que as guerras eram para ser lutadas eficazmente, não coloridamente. Com isto em mente, os puritanos eliminaram o brilho militar e desenvolveram eficientes unidades de combate por meio de rigoroso treinamento. Este meio pragmático de lutar rapidamente se disseminou quando as outras nações descobriram que uma bandeira maravilhosamente bordada não podia vencer um canhão eficazmente apontado. Conquanto a maioria das organizações militares hoje ainda se engajem em algum esplendor, isto está, perceptivelmente, ausente na atual conduta da guerra. Observamos, ao invés, austéros uniformes de combate, rápida eficiência e estrategistas militares que friamente calculam a megamorte nuclear com pontos percentuais e fatores de probabilidade. São todos reflexos do pragmatismo reintroduzido na guerra pelos puritanos e outros protestantes. Na medida em que observamos os corpos mutilados pela guerra de nossos companheiros humanos, que tem sido mortos mais eficientemente e mais pragmaticamente, talvez entendamos que o esplendor da renascença não fosse tão tolo afinal.

A despeito de seu sucesso inicial, o novo governo puritano sob Cromwell não durou muito. A dinastia Stuart reconquistou o trono inglês em 1660 com a coroação de Charles II (filho do decapitado Charles I). Charles II morreu 25 anos depois em 1685 sem deixar um herdeiro e entãoseu irmão, James II, tomou o trono. James reinou por meros três anos, depois do que, uma segunda revolução inglesa foi lançada em 1688, conhecida como ‘revolução gloriosa’. Embora uma grande questão ainda fosse o protestantismo contra o catolicismo, os puritanos não lideraram a gloriosa revolução. De fato, uma grande quantidade de puritanos havia fugido da Inglaterra para estabelecer colônias na América do Norte depois que Charles II subiu ao trono. A gloriosa revolução foi liderada, em parte, por nenhuma outra que a casa de Orange-Nassau. Pelo tempo da revolução gloriosa, a casa de Orange estava firmemente assentada no trono holandês. Como Orange veio também a tomar o trono inglês e reinar sobre três nações de uma vez, é uma fascinante história de intriga politica.

23 - William e Mary têm uma guerra

O Rei Charles II da Inglaterra e seu irmão e sucessor, James II, tinham uma irmã, Mary, que havia se casado com o príncipe holandês de Orange. Este casamento criou um laço de família entre as casas reais da Holanda e da Inglaterra. Este laço foi posteriormente fortalecido pelo casamento da filha de James II, Mary II, com o filho do príncipe de Orange, William III. Os casamentos reais nestes tempos não eram apenas questões de 'reprodução', eles eram destinados a assegurar vantagens politicas e eram, frequentemente, arranjados com toda sofisticação e cobiça de um caso de espionagem. Várias famílias reais alemãs eram mestras neste jogo. Elas eram notórias por casarem-se em famílias reais estrangeiras como um passo fundamental para tomar o poder nestas outras nações. A casa de Orange-Nassau era um membro deste traiçoeiro grupo alemão. A família Stuart, depois de sua árdua luta para reconquistar o trono inglês, caiu na armadilha. Seus casamentos na casa de Orange ajudaram a trazer a monarquia dos Stuarts a um fim permanente durante a revolução gloriosa de 1688. Para entender como isto aconteceu e porque tudo isto é importante para nós, vamos rever brevemente a revolução gloriosa.

Um poderoso grupo de homens ingleses e escoceses haviam formado uma facção política protestante na Inglaterra conhecida como os Whigs. Os Whigs, na verdade, eram sediados na Holanda que, com certeza, estava sob a monarquia da casa de Orange. De sua base holandesa, os Whigs lançaram a revolução gloriosa de 1688 e rapidamente, depuseram do trono James II em um golpe sem derramamento de sangue. Os Whigs então colocaram o genro de James II, William III de Orange, no trono britânico. A Casa de Orange agora reinava sobre a Holanda e a Inglaterra, bem como sua terra natal alemã original.

Por trás desta intriga vemos a sombra da irmandade. William III era tido como um maçom livre.[1] De fato, em 1688, uma sociedade secreta militante foi formada para apoiar William III. Ela foi chamada de Ordem de Orange, em homenagem à família de William III e ela se padronizou nos moldes da livre maçonaria. A Ordem de Orange era anticatólica e seu propósito era assegurar que o protestantismo permanecesse a religião cristã dominante da Inglaterra. A Ordem de Orange sobreviveu aos séculos e hoje é mais forte na Irlanda onde tem mais de 100.000 membros. Ela talvez seja melhor conhecida por sua parada publica anual para comemorar os sucessos de William III na Inglaterra.

Quando da sua ascensão ao trono britânico, William III rapidamente se dedicou a erigir as mesmas instituições, na Inglaterra, que haviam sido estabelecidas por sua dinastia na Holanda: um parlamento forte com uma monarquia enfraquecida e um banco central operando com um papel-moeda inflacionável. William e sua rainha, Mary II, também prontamente lançaram a Inglaterra em caras guerras contra a França católica.

O homem escolhido para organizar o banco central inglês sob William III foi um miarerioso aventureiro escocês chamado William Paterson, de quem muito pouco era aparentemente sabido. A casa britânica dos comuns (o parlamento) inicialmente estava relutante em aceitar o esquema do banco central de Paterson, mas cederam na medida em que o débito nacional britânico continuou a disparar pelos conflitos lançados pelo muito guerreiro William III. O sistema de papel-moeda, com sua inflação embutida, foi exaltado

como um meio de financiar as caras guerras. As taxas já estavam tão altas quanto elas podiam razoavelmente estar e assim, a Casa dos Comuns sentiu que ela não tinha alternativa além do que instituir o esquema. O banco da Inglaterra nasceu e a guerra podia continuar, exatamente como a guerra pôde continuar na Holanda depois que o banco de Amsterdam fôra lá criado.

O Banco da Inglaterra foi rotulado por alguns economistas como "A mãe dos bancos centrais". Ele se tornou o modelo para todos os bancos centrais que o seguiram, incluindo os bancos centrais de hoje. Sob o esquema do banco da Inglaterra, o banco central era para ser o banco primário do país e ele emprestaria exclusivamente ao governo nacional. O único proposito do banco central era colocar o governo em débito e ser o maior credor do governo. As notas do banco central seriam emprestadas ao governo e estas notas então circulariam como uma moeda nacional. Isto faria com que a nação e seu povo confiassem nestas notas como dinheiro. A instituição do banco da Inglaterra fez com que a Bretanha entrasse profundamente em débito com a elite monetária (a 'aristocracia do papel') que podia, então, influenciar o uso dos recursos da nação. Este é o modus operandi de todos os bancos centrais de hoje.

Como a maioria dos bancos centrais modernos, o banco da Inglaterra era um banco de propriedade particular ou operado particularmente, com um status quase governamental. De acordo com os planos de Patterson, os financiadores que reuniram os recursos para criar o banco da Inglaterra receberam aprovação para emitir notas de ouro e de prata em uma quantidade muitas vezes excédentes aos bens reunidos pelos financiadores. A prática padrão dos banqueiros, durante este período, era emitir de quatro a cinco vezes em excesso de seus preciosos metais. O Banco da Inglaterra, contudo, emitiu uma multiplicação incrível de 16 2/3. O governo britânico concordou em tomar emprestadas estas notas e honrá-las como dinheiro legal para uso em suas compras. O governo aceitou este plano porque a ele não foi exigido repagar o empréstimo inicial, somente os juros sobre o empréstimo. Mas o banco da Inglaterra não perderia dinheiro em um tal acordo?

De modo algum.

O valor de face das notas de empréstimo eram muitas vezes em excesso o valor dos bens reais sobre os quais as notas eram baseadas. Os *juros* sobre o empréstimo, em apenas um ano, ultrapassaram o valor total dos preciosos metais do banco da Inglaterra! Especificamente, os financiadores tinham reunido uma base total de 72.000 libras de ouro e pratas reais. Ao emitir as notas valorizadas em 16 2/3, o banco foi capaz de fazer um empréstimo à Inglaterra de 1.200.000 libras em papel-moeda. A taxa anual de juros foi de 8 1/3 % , o que se igualava a 100.000 libras. Isto somou um lucro de 28.000 libras ou 39% em apenas um ano!

Vinte e dois anos depois que o banco da Inglaterra foi criado, um banco idêntico foi criado na França em 1716. O fundador da versão francesa foi John Law, que se tornou o ministro das finanças da França. Law tinha sido apelidado "Pai da Inflação" por seus esforços. Este título não é acurado, com certeza, porque a prática da inflação tinha

começado anteriormente. Contudo, a inflação espetacular que ocorreu na Franca depois que o banco central de Law foi nacionalizado, deu a Law a duvidosa honra do título.

Como filho de um ourives que se tornou banqueiro, John Law era uma personalidade interessante, de muitos modos. Ele era profundamente devotado às escolas de misticismo da irmandade que estavam por trás de muitas importantes mudanças sociais que ocorreram naquele tempo. O biógrafo Hans Wantoch, escrevendo em seu livro *Magnificent Money-Makers*, descreve Law como um dos últimos místicos alquimistas, de astrólogos que estavam morrendo ao tempo de Voltaire, mas em busca de sua pedra da sabedoria, ele inventou a inflação.[2]

Um outro fato interessante; Law era um escocês com um background obscuro, exatamente como sua contraparte anterior na Inglaterra, William Patterson. O link escocês entre Law e Patterson pode ser significativo quando mais tarde revisamos a evidência de que a Escócia era um importante centro de atividade secreta, mas de longo alcance, da irmandade na Europa.

Law tinha jogado com a justificável paranoia da França contra a Inglaterra para convencer o governo francês a criar um banco central idêntico àquele da Bretanha. A guerra que tinha mais cedo sido instigada por William III estava causando uma séria drenagem sobre o tesouro francês. A proposta de Law pareceu uma solução atraente e assim, finalmente ela foi adotada.

De início, a nova moeda francesa emitida sob o plano de Law pareceu revitalizar a economia francesa. Isto aconteceu porque as notas bancárias podiam ser resgatadas por moedas nas quais as pessoas acreditavam. Depois que o banco da França foi nacionalizado, contudo, ele emitiu uma superabundância severa de notas, não um aumento cuidadoso e gradual. As pessoas rapidamente entenderam que havia muito mais notas de papel em circulação do que havia moedas para sustentá-las. O resultado foi um abalo da confiança popular nas notas e uma consequente revolta da economia francesa.

A gloriosa revolução de 1688 não apenas nos deu o Banco da Inglaterra, que é, ainda, o grande banco central da Bretanha hoje, ela também nos deu a atual família real da Inglaterra: A casa de Windsor. Ela descende diretamente da família real alemã de Hannover*, que tinha íntimos laços com a casa de Orange e com outras principalidades alemãs no traiçoeiro grupo do ‘case e derrube’. Depois que William III de Orange/Inglaterra morreu, sua irmã Anne sentou-se no trono britânico. Por um arranjo anterior, pela morte de Anne, o trono britânico foi cedido pela família Orange para os regentes do estado alemão de Hannover, que também, anteriormente, tinham se casado na família britânica Stuart. O primeiro príncipe de Hannover, o duque Ernest Augustus (1629-1698), tinha se casado com uma neta do rei James I da Inglaterra. Como foi verdadeiro para a casa de Orange, as núpcias hannoverianas com a família Stuart não intitulavam legalmente qualquer um dos hannoverianos a sentar-se no trono britânico, mas com a derrubada de James II pelos Whigs e a casa de Orange, as regras foram mudadas para se adequarem aos vitoriosos.

* Na Alemanha, Hannover era soletrado com dois ‘n’. Na Bretanha, tinha apenas um ‘n’. Eu usarei a escrita britânica “Hanover” quando me referir à família na Bretanha e a escrita alemã “Hannover” quando especificamente me referir ao Estado alemão.

O primeiro rei hanoveriano a ocupar o trono britânico foi George Louis, que se tornou George I da Inglaterra. George I não falava inglês e via a Inglaterra como uma possessão temporária. Ele continuou a devotar a maior parte de sua atenção e cuidado para com a sua terra natal alemã. Na medida em que as gerações hanoverianas ascendiam ao trono britânico, eles se tornaram permanentemente entrincheirados na sociedade britânica. Os hanoverianos forneceram à Inglaterra todos os seus monarcas até 1901, e os descendentes hanoverianos do lado da rainha Vitória têm fornecido o restante dos monarcas até hoje. Durante todo aquele tempo, a dinastia continuou a manter fortes laços com outras famílias nobres alemãs. Durante o primeiro século e meio de governo hanoveriano na Inglaterra, por exemplo, os reis britânicos hanoverianos casaram apenas com filhas de outras famílias reais alemãs.

Não surpreendentemente, havia uma oposição disseminada na Inglaterra aos hanoverianos depois que eles tomaram o poder. Muitos ingleses, compreensivelmente, sentiam que os monarcas alemães não tinham nada que reinar sobre súditos ingleses. Facções anti hanoverianas surgiram procurando colocar os Stuarts de volta ao trono da Inglaterra. Por causa disso, os hanoverianos decidiram não permitir um grande exército permanente de bretões nativos, temendo que eles pudessem planejar um golpe. Ao invés, sempre que a Inglaterra precisava de um grande número de tropas, os hanoverianos usavam o dinheiro do tesouro britânico para alugar mercenários de seus amigos alemães e de seu próprio principado de Hannover, tudo por belas quantias de dinheiro. O maior número de mercenários era fornecido pela família real de Hesse, que tinha laços estreitos e amigáveis com a casa alemã de Hannover. Um aspecto curioso do arranjo mercenário é que alguns membros importantes destas famílias alemãs, especialmente de Hesse, mais tarde emergiram como líderes de um novo tipo de maçonaria livre, que tinha sido criada para derrubar os hanoverianos do trono inglês! Antes que estudemos esta notável situação, devemos olhar para o que estava acontecendo com a maçonaria livre naquele tempo. Grandes mudanças estavam se desdobrando que estavam para tornar a maçonaria livre no maior ramo da rede da irmandade.

24 - O Novo Amanhecer dos Cavalheiros

Na medida em que a história humana entrava no século XVIII, mudanças estavam ocorrendo. A inquisição estava quase morta e a peste bubônica estava morrendo com ela. Estudantes da história maçônica sabem que os anos de 1700 foram um período importante para a maçonaria livre. As lojas maçônicas na Inglaterra atraíram muitos membros que não eram pedreiros ou construtores por profissão. Isto aconteceu porque a maçonaria livre estava evoluindo para algo diferente de uma guilda comercial. Ela estava se tornando uma sociedade fraterna com uma tradição mistica secreta. Muitas lojas estavam discretamente abrindo suas portas para não pedreiros, especialmente para os aristocratas locais e homens de influência. Pelo ano de 1700, estimados 70% de todos os maçons livres eram pessoas de outras ocupações. Eles eram chamados 'maçons aceitos' porque eles eram aceitos nas lojas embora não fossem pedreiros por profissão.

Em 24 de junho de 1717, representantes de quatro lojas britânicas se reuniram em Goose e Gridiron Alehouse em Londres e criaram uma nova grande loja. A nova grande loja, que foi chamada por alguns "A grande loja mãe do mundo", oficialmente destituiu o aspecto de guilda da livre maçonaria ('livre maçonaria operacional') e foi substituída por um tipo de livre maçonaria que era estritamente místico e fraternal ('livre maçonaria especulativa'). Os títulos, instrumentos e produtos da profissão dos pedreiros não eram mais considerados como objetos que os membros usassem em suas vidas comuns. Ao invés, os itens foram inteiramente transformados em símbolos místicos e fraternos. Estas mudanças não foram feitas repentinamente, mas foram o resultado de uma tendência que já havia começado bem antes de 1717.

Um número de histórias incorretamente afirmam que a grande loja mãe de 1717 foi o início da própria livre maçonaria. Como temos visto, as raízes da maçonaria livre estavam firmemente estabelecidas já há muito tempo, até mesmo na Inglaterra. Por exemplo, uma estória maçônica relata que o príncipe Edwin da Inglaterra tinha convidado guildas de maçons livres ao seu país já em 926 da nossa era para ajudar na construção de várias catedrais e edifícios de pedra. Manuscritos maçônicos datando de 1390 e 1410 tem sido mencionados. Minutas escritas a mão de um encontro maçônico no ano de 1599 estão reproduzidas na *History of Freemansory* de Albert Mackey. A livre maçonaria estava tão bem estabelecida na Inglaterra pelo século XVI que um cisma bem documentado em 1567 ficou registrado. O cisma dividiu os maçons livres ingleses em duas grandes facções: os maçons de 'York' e os de 'Londres'.

O novo sistema da grande loja estabelecido em Goose e Gridiron Alehouse em 1717 consistia, inicialmente, em apenas um grau de iniciação. Dentro de cinco anos de fundação da loja, dois graus adicionais foram acrescentados de forma que o sistema consistisse em três passos: aprendiz iniciante, companheiro artesão e mestre maçon. Estes passos eram comumente chamados os "graus azuis" porque a cor azul é simbolicamente importante neles. Os três graus azuis têm permanecido os primeiros três passos de quase todos os sistemas maçônicos desde então. A grande loja mãe emitiu cartas de direitos para homens na Inglaterra, Europa e Império Britânico autorizando-os a estabelecerem lojas praticando os graus azuis. As coloridas atividades fraternais das lojas forneceram um meio popular

para os homens passarem seu tempo e a livre maçonaria logo se tornou objeto de desejo. Muitos encontros da loja eram realizados em tavernas onde beber de forma robusta era uma atração. De fato, muitos membros também eram atraídos às lojas com promessas de irmandade e iluminação espiritual.

A nova grande loja mãe era alegadamente muito estrita em sua regra de proibir a controvérsia politica dentro das lojas. Idealmente, a livre maçonaria era para ser independente de assuntos e problemas políticos. Na prática, contudo, a grande loja mãe, que foi criada apenas três anos depois da coroação do primeiro rei hanoveriano, apoiava a nova monarquia alemã ao tempo que muitos ingleses estavam se opondo fortemente a isto. Um dos primeiros e mais influentes grão mestres do sistema de loja mãe foi o rev. John T. Desaguliers, que foi eleito grão-mestre em 1719. Desaguliers anteriormente havia escrito um tratado afirmando que os hanoverianos eram os únicos soberanos legítimos da Inglaterra sob "as leis da natureza". Em 5 de novembro de 1737, ele conferiu os primeiros dois graus maçônicos a Frederic, príncipe de Gales, um Hanoveriano. Durante as gerações seguintes, os membros da família real hanoveriana se tornariam até mesmo grão-mestres.* A grande loja inglesa era, decididamente, pró-hanoveriana e sua proibição quanto a controvérsia politica realmente revelou-se um apoio ao status quo hanoveriano.

À luz da natureza maquiavélica da atividade da irmandade, se víssemos a grande Loja Mãe como uma facção da irmandade, destinada a manter viva uma controvertida causa política (isto é, o governo hanoveriano na Bretanha), esperaríamos que a rede da irmandade fosse a fonte de uma facção que apoiasse a oposição. Isto foi precisamente o que aconteceu. Logo depois da fundação da grande loja mãe, um outro sistema de maçonaria livre foi lançado, que se se opunha diretamente aos hanoverianos!

Quando James II foi destronado pela revolução gloriosa de 1688, ele fugiu da Inglaterra. Seus seguidores prontamente formaram organizações para ajudá-lo a recuperar o trono britânico. O grupo mais eficaz e militante era a organização jacobita. Sediados na Escócia e na Irlanda católica, os jacobitas foram capazes de reunir apoio difundido para os Stuarts. Eles programavam muitos levantes e campanhas militares contra os hanoverianos, embora, momentaneamente, eles fossem mal sucedidos em recoroar os Stuarts. Quando o mal fadado James II morreu, em 1701, seu filho, o autoproclamado James III, continuou a luta da família para reconquistar o trono inglês. Um novo ramo da livre maçonaria foi criado para ajudá-lo. Este ramo foi moldado como os antigos cavaleiros templários.

* Augustus Frederico (1773-1843), o nono filho de George III, foi grão-mestre por trinta anos antes de sua morte. Antes disso, seu irmão mais velho, que se tornou o rei George IV, tinha mantido a posição de grão-mestre. Um posterior grão-mestre real foi o rei Edward VII, filho da rainha Victória; Edward serviu como grão-mestre por 27 anos enquanto era príncipe de Gales. O mais recente grão-mestre real que se tornou rei foi o duque de York, que depois se tornou o rei George VI (r. 1936-1952).

O homem que se diz ter fundado a maçonaria livre dos cavaleiros templários foi um dos leais apoiadores de James III, Michael Ramsey. Ramsey era um místico escocês que fôra contratado por James III para ser o tutor de seus dois filhos na França.

A meta de Ramsey era reestabelecer os desgraçados cavaleiros templários na Europa. Para realizar isto, Ramsey adotou a mesma abordagem usada pelo sistema da grande loja mãe de Londres: os ressurretos cavaleiros templários seriam uma sociedade secreta mistica/fraternal aberta a homens de várias ocupações. Os velhos títulos cavaleirescos, uniformes e 'instrumentos de profissão' seriam usados para propósitos simbólicos, rituais e fraternais, dentro de um contexto maçônico. Ao manter estas metas, Ramsey se intitulou chevalier (cavaleiro) Ramsey.

Ramsey não trabalhou sozinho. Ele foi ajudado por outros apoiadores dos Stuarts. Entre eles estava um aristocrata inglês, Charles Radcliffe. Radcliffe era um zeloso jacobita que tinha sido preso com seu irmão, o conde de Derwentwater, por suas ações em conexão com uma rebelião fracassada de 1715 para colocar James III no trono britânico. Ambos os irmãos foram condenados à morte. O conde foi decapitado, mas Radcliffe escapou para a França.

Na França, Radcliffe assumiu o título de conde de Derwentwater. Ele presidiu um encontro em 1725 para organizar uma nova loja maçônica baseada no formato templário. A loja de Derwentwater era instrumental em garantir que o sistema templário da maçonaria livre continuasse na Europa. Derwentwater afirmou que a autoridade para estabelecer sua loja veio da loja Kilwinning da Escócia, a mais velha e famosa loja escocesa.* A livre maçonaria templaria é, portanto, frequentemente chamada de livre maçonaria escocesa por causa de sua alegada origem escocesa. A maçonaria escocesa de Ramsey atraiu muitos membros ao afirmar que os cavaleiros templários tinham realmente e secretamente criado o sistema da grande loja mãe. Segundo Ramsey, os cavaleiros templários haviam redescoberto os ensinamentos 'perdidos' da livre maçonaria séculos antes na terra santa durante as cruzadas. Eles trouxeram os ensinamentos de volta para a Europa e depois de sua desgraça e banimento, secretamente mantiveram os ensinamentos vivos por centenas de anos na Franca, Inglaterra e Escócia. Depois de séculos a viverem nas sombras, os templários cautelosamente reemergiram ao liberar apenas os graus azuis pelo veículo da grande loja mãe. Ramsey afirmou que os três graus azuis eram emitidos apenas para testar a lealdade dos maçons livres. Uma vez que o maçom provasse a sua lealdade ao chegar ao terceiro grau, ele estava intitulado a avançar para os "verdadeiros" graus: o quarto, o quinto e os graus mais altos liberados por Ramsey. Ramsey afirmou que ele estava autorizado a liberar os graus mais altos por uma sede secreta dos templários na Escócia. Segundo a história dele, os Templários Escoceses estavam secretamente trabalhando pela loja em

* Ha algum debate sobre sobre se Lord Derwentwater havia também recebido uma carta de direitos da grande loja mãe da Inglaterra para iniciar sua nova loja francesa. Muitas histórias afirmam que ele havia, mas alguns eruditos maçônicos alertam que não há registro de que exista uma tal carta de direitos e que a loja de lord Derwentwater era uma loja não oficial (clandestina).Argumentou-se que a grande loja mãe da Inglaterra não teria dado a Derwentwater uma carta por que suas inclinações politicas pró Stuarts eram bem conhecidas. Como uma nota de rodapé, lord Derwentwater permaneceu politicamente ativo e ele tentou se unir a Charles Edward durante a rebelião jacobita de 1745. O navio no qual viajava Derwentwater foi capturado por um cruzador inglês. O conde foi levado a Londres onde foi decapitado em dezembro de 1746.

Kilwinning. Para efetivar suas metas políticas pró Stuarts, as lojas escocesas mudaram o simbolismo bíblico do terceiro grau azul para o simbolismo político que representa a casa de Stuart. Os graus mais altos de Ramsey continham simbolismo adicional 'revelando' porque os maçons livres tinham o dever de ajudar os Stuarts a reconquistarem o trono da Inglaterra. Por causa disso, muitas pessoas viam a livre maçonaria escocesa como uma tentativa inteligente de afastar os maçons livres do sistema da grande loja mãe que apoiava a monarquia hanoveriana e tornar os novos convertidos em maçons pró-Stuarts.

Os próprios Stuarts se uniram à organização de Ramsey. James III adotou o título templário de 'cavaleiro São Jorge'. Seu filho, Charles Edward, foi iniciado na ordem dos cavaleiros templários em 24 de setembro de 1745, o mesmo ano no qual ele liderou uma grande invasão jacobita da Escócia. Dois anos depois, em 15 de abril de 1747, Charles Edward estabeleceu um 'capítulo maçônico jacobita' na cidade francesa de Arras. Mais tarde, Charles Edward negou ter sido um maçom livre, para silenciar os rumores prejudiciais de que a maçonaria escocesa nada mais era que uma fachada para a causa Stuart (que ela grandemente era), muito embora ele tenha sido um grão-mestre no sistema escocês. Prova de sua grande afiliação foi descoberta em 1853 quando alguém encontrou a carta de direitos emitida por Charles Edward para estabelecer a loja supramencionada em Arras. A carta de direitos afirma em parte:

Nós, Charles Edward, rei da Inglaterra, França, Escócia e Irlanda e como tal, grão-mestre substituto do capítulo de H., conhecido pelo título de cavaleiro da águia e do pelicano…*

Acabamos de iscutir a fundação dos dois sistemas de livre maçonaria. Cada uma apoiava o lado oposto de um importante conflito político acontecendo na Europa - um conflito que também afetou outras nações européias. Ambos foram lançados com menos de cinco anos de diferença entre eles. A história de Ramsey de como os dois sistemas vieram a existir, portanto, contém algumas surpreendentes implicações. Sua história implica em que um pequeno grupo oculto de pessoas, pertencentes à rede da irmandade na Escócia, deliberadamente criaram dois tipos opostos de maçonaria livre para encorajar e apoiar ambos os lados de uma violenta controvérsia política. Isto seria um exemplo surpreendentemente claro de maquiavelismo.

Quão verdadeira é a história de Ramsey?

Para responder a esta questão devemos primeiro dar uma breve olhada na história da maçonaria livre na Escócia.

A Escócia tem sido há muito, um centro importante de atividade maçônica. As primeiras das antigas guildas maçônicas na Escócia foram fundadas em Kilwinning em 1120. Por volta de 1670, a Loja de Kilwinning já estava praticando a maçonaria livre especulativa (embora no nome, ela ainda fosse uma loja operacional).

*Acredita-se que o 'capítulo H.' tenha sido a loja escocesa em Heredon. Charles Edward é denotado como grão-mestre Substituto porque seu pai, como Rei da Escócia, era considerado o Grão-Mestre 'hereditário'.

As lojas escocesas eram únicas no sentido de que elas eram independentes e nunca receberam cartas de direitos da grande loja inglesa até mesmo depois que elas começaram a praticar os graus azuis do sistema da grande loja da Inglaterra. A própria loja de Kilwinning havia emitido cartas de direitos desde o início de século XV. Ela parou de assim o fazer em 1736 quando se uniu a outras lojas escocesas na elevação da loja de Edimburgo à posição de grande loja da Escócia. A nova grande loja da Escócia em Edimburgo adotou o sistema especulativo da grande loja inglesa, ainda que ela permanecesse independente da grande loja inglesa e emitisse suas próprias cartas de direitos. Quase sete anos mais tarde, em 1743, a Loja de Kilwinning rompeu com a grande loja da Escócia por uma disputa aparentemente trivial. Kilwinning se estabeleceu como um corpo maçônico independente ('loja mãe de Kilwinning') e mais uma vez emitiu suas próprias cartas de direitos. Em 1807, a loja de Kilwinning renunciou a todos os direitos de emitir cartas de direitos e se reuniu novamente à grande loja da Escócia. Portanto, vemos períodos substanciais de tempo nos quais a loja Kilwinning foi independente de todas as outras lojas e quando ela podia muito bem ter garantido cartas de direito aos maçons livres templários. Ela era independente ao tempo em que Ramsey e Derwentwater afirmaram ter recebido autorização de Kilwinning para estabelecer os graus templários na Europa.

Alguns historiadores maçônicos contra-argumentam que a loja Kilwinning e outras lojas escocesas ainda não tinham nada a ver com a criação dos chamados graus 'escoceses'. Eles afirmam que os graus escoceses foram todos criados na França por Ramsey e suas coortes jacobitas. Alguns escritores maçônicos discutem que o templarismo nem mesmo havia alcançado a Escócia até o ano de 1798, décadas depois que eles já eram ativos na Europa. Estes escritores posteriormente afirmam que a loja de Kilwinning nunca havia praticado nada além dos graus azuis do sistema inglês. Outros acreditam que Ramsey, que nasceu nas vizinhanças de Kilwinning, afirmou uma origem escocesa para seus graus pelo orgulho nacionalista e para ajudar a construir uma base de apoio politico para os Stuarts na Escócia. Estes argumentos soam persuasivos, mas a documentação histórica prova que eles são todos falsos.

Primeiro de tudo, já vimos que a Escócia estava fornecendo a esta era importantes figuras históricas, contribuindo para algumas mudanças sendo forjadas pelos revolucionários da irmandade. Michael Ramsey é o terceiro homem escocês misterioso de origem obscura que vimos ajudar a trazer importantes mudanças à Europa. Os outros dois já foram discutidos anteriormente: William Paterson, que auxiliou os regentes alemães a criarem um banco central na Inglaterra e John Law, que foi o arquiteto do banco central na França.

Segundo, as lojas maçônicas escocesas eram um lugar natural para os graus templários pró-Stuart se elevarem. A Escócia era fortemente pró Stuart e os jacobitas estavam sediados lá. Décadas antes da grande loja inglesa ser criada, muitos maçons na Escócia já eram conhecidos por estarem ajudando os Stuarts. Estes leais escoceses usavam as lojas deles como lugares secretos de encontros nos quais preparavam suas intrigas políticas. A atividade maçônica pró Stuart pode ir tão distante quanto 1660 - o ano da restauração dos Stuarts (quando os Stuarts recuperaram o trono aos Puritanos). Segundo

alguns antigos maçons, a restauração foi, grandemente, um feito maçônico. Do monge geral, que desempenhou um papel central na restauração, foi dito ser um maçom livre.

Finalmente, há uma evidência sem controvérsias de que as lojas escocesas, incluindo aquela em Kilwinning, estavam envolvidas com o templarismo décadas antes de 1798. O historiador maçônico Albert Mackey relata em sua *History of Freemansory* que, em 1779, a Loja Kilwinning tinha emitido uma carta de direitos para alguns maçons irlandeses que se auto denominavam 'loja dos altos cavaleiros templários'. Mais de uma década antes, em 1762, a loja St. Andrew, de Boston, tinha se candidatado com a grande loja da Escócia por uma garantia (que ela mais tarde recebeu) pela qual a loja de Boston podia conferir os graus de 'arco real' e 'cavaleiro templário' em seu encontro de 28 de agosto de 1769. É significativo que a loja de St. Andrew tenha peticionado à grande loja da Escócia pelo direito de conferir o grau templário e não a qualquer loja francesa.

Temos assim, dois elementos confirmados da história de Ramsey:

1) que as lojas escocesas praticavam a livre maçonaria templária e
2) que a grande loja Escocesa estava emitindo carta de direitos templários pelo menos tão cedo quanto 1762.

Podemos, seguramente, assumir que a grande loja Escocesa estava envolvida com o templarismo antes daquele ano porque a loja teria que ter estabelecido os graus templários antes que qualquer outra loja pudesse aplicá-los. Infelizmente, não há registros aparentes sobreviventes para indicar exatamente quando o templarismo começou nas lojas escocesas. Ramsey e Derwentwater, com certeza, afirmam que os graus templários já existiam no início dos anos de 1720.

As lojas escocesas podem bem ter estado envolvidas com alguma forma de templarismo naquele tempo.

Compreensivelmente, as lojas escocesas eram altamente sigilosas sobre suas atividades templárias. Apenas sabemos sobre a carta de direitos templários de 1762 conferida à loja de St. Andrew de Boston pelos registros encontrados em Boston. Precisamos apenas considerar os destinos dos dois condes de Derwentwater para apreciar os perigos que aguardavam as pessoas, inclusive os maçons livres, que se engajavam na atividade política pró Stuart.

Nem todo elemento da história templária de Ramsey foi apoiada por evidência. Por exemplo, a livre maçonaria, ela própria, não foi iniciada pelos cavaleiros templários como Ramsey implicou. As guildas maçônicas que deram nascimento à maçonaria livre existiam muito antes que os cavaleiros templários fossem criados. Por outro lado, existe evidência circunstancial de que os cavaleiros templários poderiam, de fato, terem sido aqueles que trouxeram os graus azuis para a Inglaterra.

Como mencionado no capítulo 15, pensa-se que os três graus azuis já estavam sendo praticados séculos antes pela seita assassina na Pérsia. Os cavaleiros templários tinham um

contacto frequente com os assassinos durante as cruzadas. Durante estes períodos em que eles não estavam lutando uns contra os outros, os assassinos e os templários estabeleceram tratados e se engajaram em outras relações amigáveis. Um tratado permitiu, até mesmo, que os templários construíssem várias fortalezas nos territórios dos assassinos. Alguns historiadores acreditam que durante estes interlúdios pacíficos, os templários aprenderam sobre os extensos ensinamentos místicos dos assassinos e incorporaram alguns destes ensinamentos ao sistema templário. É, portanto, muito possível que os templários, de fato, tivessem os graus azuis muito antes que eles fossem estabelecidos pela grande loja mãe inglesa.

Uma posterior evidência circunstancial é a de que, durante a era das cruzadas, os templários se encontravam no máximo de seu poder na Europa. Eles possuíam propriedades por todo o continente. Suas propriedades e casas religiosas na Escócia eram especialmente numerosas. Quando os templários abandonaram a terra sagrada, depois das cruzadas eles, eventualmente, retornaram às suas casas religiosas pelo mundo, inclusive na Escócia. Depois que a ordem templaria foi suprimida pela Europa, muitos templários se recusaram a abandonar suas tradições templárias e assim eles realizavam suas tradições em segredo. Alguns Templários secretamente ativos se uniram a lojas maçônicas, incluindo lojas na Escócia e na Inglaterra. É, portanto, concebível que os templários tenham sido o conduto pelo qual os três graus azuis viajaram, pela Escócia, da seita assassina para a grande loja mãe em 1717.

Alguns maçons livres podem ver qualquer tentativa de se conectar os graus azuis com a seita dos assassinos como um esforço para desacreditar a maçonaria livre, embora a conexão fosse sugerida por um dos mais estimados historiadores da maçonaria. Ao discutir uma tal ligação, é importante ter em mente que as técnicas de assassinato empregadas pelos assassinos nunca foram ensinadas nos graus azuis. Os assassinos possuíam uma extensa tradição mística que se estendia para muito além de seus controvertidos métodos políticos. Sobretudo, os Assassinos tinham tomado emprestado muitos de seus ensinamentos místicos de sistemas anteriores da irmandade. Os graus azuis poderiam ter, portanto, começado até mesmo mais cedo do que a fundação da seita assassina.

Seja qual for a verdade máxima das origens dos graus azuis e dos graus escoceses, ambos os sistemas ganharam grande popularidade. Os graus escoceses vieram, eventualmente, a dominar quase que toda a maçonaria livre. Na Europa continental, o centro da livre maçonaria escocesa provou ser a Alemanha, onde o mesmo pequeno grupo de insignificantes príncipes alemães que temos observado, logo emergiram como líderes na nova maçonaria livre templária.

25 - Os “Ratos Reis”

Por toda a história, pequenos grupos de elites políticas e econômicas pertencentes à rede mística da irmandade têm lucrado com os conflitos gerados pela rede. Se os antigos escritos mesopotâmios, americanos e bíblicos estão corretos, então estas elites humanas estão, na verdade, somente no topo de uma hierarquia prisioneira. Podemos rotular estas elites de “ratos reis” da terra.

O termo ‘rato rei’ vem de uma novela de James Clavell que mais tarde foi tornada filme estrelado por George Segal. A história do rato rei se refere a um grupo de soldados americanos e britânicos sendo mantidos prisioneiros de guerra em um campo japonês durante a segunda guerra mundial. Por meio da barganha e da organização, um dos prisioneiros americanos, o cabo King, consegue reunir uma riqueza de bens materiais desesperadamente desejados pelos outros prisioneiros de guerra. Como resultado, ele senta-se no topo da hierarquia dos prisioneiros e é, frequentemente, capaz de comprar a lealdade com um cigarro ou um ovo fresco. Os outros prisioneiros simplesmente o chamam de ‘king’, porque um rei é o que ele é dentro da prisão. Quando ele embarca no negócio de criar ratos como alimento, ele ganha o título de “rato rei” que, de certa forma, parece se encaixar nele.

O rato rei aproveita cada luxo desejado pelos outros prisioneiros, ainda que, de fato, permaneça ele próprio um prisioneiro. No fim do filme, quando a guerra está acabada e o campo é libertado, ele não tem mais o ambiente da prisão para permanecer no topo. Em liberdade ele está perdido, imaginando se dá realmente boas vindas à libertação. Na cena final do filme nós o vemos sendo levado em um caminhão, apenas um outro cabo. Sentimos, contudo, mesmo que o rato rei não o sinta, que ele está melhor libertado, já que o frágil feudo que ele havia construído podia ser facilmente derrubado a qualquer tempo pelos guardas japoneses da prisão. A vida de King como um cabo libertado é muito mais segura do que sua existência precária no topo de uma oprimida população carcerária.

O rato rei do cinema era, em última análise, um personagem simpático. Aqueles que rotularemos como os ‘ratos reis’ da terra não são assim tão afetuosos, mas nós usaremos este termo para descrever apenas aqueles indivíduos que adquirem seus lucros e influência, não ao acasalar ratos, mas ao ajudar a germinar a guerra e o sofrimento para consumo humano.

Por milhares de anos, a terra teve infindáveis sucessões de ‘ratos reis’. Neste capítulo, olharemos um grupo particularmente interessante deles: os príncipes menores da Alemanha do século XVIII. Eles e seu relacionamento com o misticismo da irmandade fornecem uma visão fascinante de um elemento curioso da política do século XVIII; a política que tem feito muito para moldar o mundo social, político e econômico no qual vivemos hoje.

A Alemanha se tornou o centro da livre maçonaria templária na Europa continental. Os graus de cavaleiro tomaram uma característica única nos estados alemães onde os degraus foram transformados em um sistema de maçonaria livre chamado de ‘estrita

observância'. A 'estrita observância' foi assim denominada porque, de todo iniciado, era exigido um voto de obediência estrita e inquestionável a aqueles de escalão acima dele, dentro da ordem. O voto de obediência se estendeu à misteriosa figura conhecida como 'superior desconhecido', que dizia-se ser o líder secreto da estrita observância' e que dizia-se residir na Escócia.

Os membros da estrita bbservância primeiro passavam pelos graus azuis antes que eles fossem iniciados nos graus mais altos de 'mestre escocês', 'noviço', 'templário' e 'cavaleiro professo'. O 'superior desconhecido' recebia o título de 'cavaleiro da pena vermelha'. Embora o sigilo na 'estrita observância' fosse muito forte, vários vazamentos revelaram que a 'estrita observância' era leal aos graus escoceses ao agitar contra a casa de Hannover a favor dos Stuarts.

A estrita ebservância se disseminou rapidamente pelos estados alemães e lá se tornou a forma dominante da livre maçonaria por décadas. Ela também se tornou influente em outros países, tais como a França, que era o segundo maior centro da maçonaria livre na Europa (a Alemanha era o maior). Em todas as nações, os membros da estrita observância juravam obediência ao 'superior desconhecido' da Escócia. Segundo J. M. Roberts, escrevendo em seu livro, *The Mythology of the Secret Societies*:

> A estrita observância evocava suspeita e hostilidade na França por causa de suas origens alemãs e grande excitação foi levantada pelo implicado reconhecimento pelo grande oriente (o supremo corpo maçônico na Franca) da autoridade dos superiores desconhecidos da estrita observância sobre os livres maçons Franceses.[1]

Um dos primeiros grão-mestres da estrita observância foi G. C. Marschall. Depois da morte de Marschall em 1750, a posição foi assumida por um alemão da Saxônia: o barão von Hund. Os graus da estrita observância tinham, aproximadamente, todos sido criados pelo início do grão mestrado de von Hund, mas a von Hund tinha sido dado o crédito por fazer o máximo para colocá-los em forma reconhecível. Von Hund afirmou que ele havia sido iniciado na ordem do templo (isto é, os cavaleiros templários) por lord Kilmarnock, um nobre proeminente da Escócia. Von Hund também afirmou que ele havia se encontrado com o 'superior desconhecido' e com Charles Edward.

Como Michael Ramsey, von Hund estava em uma missão de restabelecer os cavaleiros templários na Europa. Von Hund buscou levantar dinheiro para recomprar as terras que haviam sido tomadas dos templários séculos antes. Embora von Hund tivesse vários sucesso, ele foi acusado de fraude por seus inimigos e eventualmente, caiu em desgraça.

A estrita observância ganhou um forte séquito entre as famílias reais alemãs (embora algumas se opusessem a ela e permanecessem leais ao sistema maçônico inglês). Isto é um enigma. Algumas famílias reais envolvidas na estrita observância eram politicamente aliadas de Hannover. Porque eles participariam de uma forma de livre maçonaria que, secretamente, se opunha à casa inglesa de Hanover?

Em alguns casos, parece que os membros reais tinham se unido à estrita observância depois que ela deixou de ser virulentamente pró-Stuart. Certamente a causa Stuart estava chegando ao fim por 1770 quando alguns destes príncipes alemães emergiram como líderes da estrita observância. Por outro lado, há um outro importante fator a ser considerado:

Os infortúnios da Inglaterra causados pela rebelião Stuart e por outros conflitos foram uma fonte de imenso lucro para estas principalidades alemãs, incluindo para Hannover! Este mesmo pequeno grupo de reais dinastias alemãs que estiveram se casando em famílias reais estrangeiras e então as derrubando, fizeram muito dinheiro dos conflitos que eles ajudaram a criar - conflitos que também eram atiçados pela rede da irmandade.

Para melhor entender esta situação, devemos brevemente divagar e rever a história dos cavaleiros teutônicos depois que eles foram derrotados nas cruzadas. Quando as cruzadas terminaram, os cavaleiros teutônicos, como os cavaleiros templários e os cavaleiros hospitalários, encontraram trabalho em outros lugares. Em 1211, enquanto sob a liderança do grão-mestre Hermann von Salza, os cavaleiros teutônicos foram convidados à Hungria para ajudar num conflito que estava ocorrendo lá. Por seus serviços, eles foram premiados com o distrito de Burzenland na Transilvânia, que estava então sob governo húngaro. Os cavaleiros abusaram das boas vindas e foram expulsos porque eles exigiram terra demais. Depois de sua expulsão da Transilvânia, os cavaleiros foram convidados por Conrad, o príncipe polonês de Masovia, para ajudar a combater os acalorados eslavos na Prússia. Os cavaleiros foram novamente recompensados com terra. Desta vez eles receberam grandes seções da Prússia.

Os cavaleiros ganharam um outro benfeitor: o imperador alemão Frederico II – o homem que fez o tratado dos dez anos de paz que discutimos no capítulo 15. Embora Frederico tivesse agido como um homem de paz, ele era, infelizmente, também associado com esta organização de guerra. Em 1226, Frederico deu poder aos cavaleiros de se tornarem soberanos da Prússia. Frederico recompensou o grão-mestre von Salza com o status de príncipe do Sagrado Império Romano Alemão. Frederico também foi o responsável por uma reorganização da ordem.

Os cavaleiros teutônicos estavam completamente entrincheirados na Prússia pelo ano de 1229. Eles construíram sólidas fortalezas e impuseram o cristianismo à população nativa prussiana com uma enérgica campanha militar. Por 1234, os cavaleiros eram politicamente autônomos e serviam sob nenhuma autoridade exceto a do papa. Os cavaleiros entregaram suas extensas propriedades prussianas ao papa em nome e as receberam de volta como feudos. Na realidade, os cavaleiros teutônicos eram os verdadeiros governantes da Prússia, não o papa.

Com o apoio papal, as fileiras dos cavaleiros teutônicos aumentaram rapidamente. Muitos alemães viajavam para a Prússia para entrar no novo e potencialmente lucrativo teatro de guerra. Esta migração trouxe, eventualmente, uma completa ‘germanização’ da Prússia. O comércio e a indústria, eventualmente, substituíram o conflito armado e a Prússia se tornou um grande centro comercial. Pelo início de 1300, o domínio dos cavaleiros teutônicos se estendeu mais para o sul e sudeste da linha costeira do Mar Báltico.

Os cavaleiros teutônicos tiveram dois séculos nos quais deixar sua marca indelével na Europa central e ocidental. Antes de perder poder, os cavaleiros haviam estabelecido o caráter militante da Prússia que definiria aquela região por séculos a seguir.

No início dos anos 1500 o destino dos cavaleiros teutônicos tinha piorado. Eles foram expulsos da Prússia ocidental pela Polônia e foram forçados a governar a Prússia oriental como um feudo polonês. Por 1618, a Prússia caiu completamente sob o governo da dinastia Hohenzollern. Isto efetivamente marcou o fim do governo autônomo dos cavaleiros teutônicos.

A despeito do contínuo atrito entre os cavaleiros e os Hohenzollerns sobre o controle da Prússia, os Hohenzollerns mantinham vivos elementos significativos da organização dos cavaleiros. Ao menos um Hohenzollern, Albert de Brandenburg-Anspach, tinha sido um grão-mestre da ordem por volta de 1511. A Prússia dos Hohenzollern adotou as cores das vestes teutônicas (preto e branco) como cores oficiais da terra. O pássaro de duas cabeças teutônico se tornou o símbolo nacional da Prússia.

Como as outras organizações de cavaleiros das cruzadas, os cavaleiros teutônicos eventualmente se tornaram uma sociedade fraternal secreta, desta vez sob o patrocínio da família real Hapsburg da Áustria. Os cavaleiros teutônicos ainda sobrevivem desta forma hoje.

Sob o governo dos Hohenzollerns, o poder e a influência da Prússia cresceu. A Prússia se tornou um participante formidável na emaranhada arena politica da Europa. Pelo século XVIII, os Hohenzollerns tinham também se tornado extensamente interligados com seus vizinhos reais alemães pelo casamento. Por exemplo, o mais famoso Hohenzollern da história, Frederico II (melhor conhecido como ‘Frederico o grande’), fora determinado por seu pai em 1733 para se casar com Elizabeth Christina da principalidade do noroeste alemão de Brunswick. (Em 1569, a dinastia Brunswick tinha fundado a linha da família Brunswick-Luneburg que mais tarde veio a ser a família Hannover). A mãe de Frederico era Sophia Dorothea, filha do rei Hanoveriano George II. Gerações antes, o bisavó de Frederico, o grande, tinha se casado com Henrietta, filha do príncipe de Orange.

Casamentos políticos, porque geralmente eram sem amor, frequentemente eram insatisfatórios para aqueles que se casavam. Isto se provou verdadeiro ao unir Frederico, o grande, com Elizabeth Christina de Brunswick. Frederico queria se casar com uma das hanoverianas, mas a vontade de ferro de seu pai prevaleceu. A despeito deste arranjo infeliz, Frederico ainda tinha laços amigáveis com outros membros da família Brunswick. Foi em Brunswick que Frederico, que ainda não era o rei da Prússia, foi secretamente iniciado na livre maçonaria em 14 de agosto de 1738, contra os desejos de seu pai. A iniciação tinha sido autorizada pela loja de Hamburgo em Hannover. A loja praticava os graus azuis da livre maçonaria inglesa.

Dois anos depois de sua iniciação, Frederico II se tornou o rei da Prússia. Ele então revelou publicamente sua afiliação maçônica e iniciou outros na ordem*. Por ordem de Frederico, uma grande loja foi criada em Berlim chamada loja dos três globos. Seu primeiro encontro foi realizado em 13 de setembro de 1740. Esta começou como uma loja do sistema inglês e tinha autoridade para emitir cartas de direitos.

Por quanto tempo Frederico permaneceu ativo na maçonaria livre ainda é debatido hoje. Alguns historiadores acreditam que ele cessou suas atividades maçônicas em 1744 quando as demandas de guerra ocuparam sua completa atenção. Seu cinismo geral, mais tarde na vida, eventualmente se estendeu à livre maçonaria. Não obstante, o nome de Frederico continuou a aparecer como autoridade para cartas de direitos maçônicos até mesmo depois que ele estava alegadamente inativo. É incerto se Frederico meramente emprestou seu nome para a garantia das cartas de direitos ou se ele esteve pessoalmente envolvido no processo.

Dentro de aproximadamente uma década da iniciação maçônica de Frederico, a estrita observância e seus graus escoceses estavam em processo de quase completamente dominarem toda a maçonaria alemã. A loja dos três globos de Frederico decididamente seguiu a estrita observância quando seus novos estatutos foram adotados em 20 de novembro de 1764. Em 1º de janeiro de 1766, o barão von Hund, grão-mestre da estrita observância, constituiu a loja dos três globos como uma loja escocesa ou diretorial com o poder de criar outras lojas da estrita observância. Todas as lojas que já tinham sido criadas pela três globos – exceto uma (a loja real York) seguiram o sistema escocês da estrita observância.

Seja qual for que possa ou não ter sido o envolvimento maçônico de Frederico, ele e seu reino prussiano lucraram com os conflitos da Inglaterra para os quais a maçonaria escocesa tinha contribuído. A despeito de seu liberalismo doméstico e professadas crenças anti maquiavélicas, Frederico provou, com suas ações, ser um tipo guerreiro e tão astutamente manipulador na rede complexa da politica européia como qualquer homem de seus dias. Sua meta era a expansão militarista do reino prussiano. Ele não estava acima de auxiliar insurreição e ser inconstante em sua aliança para alcançar sua meta. Nos anos de 1740, Frederico tinha uma aliança politica com a França. A França estava ativamente apoiando os jacobitas contra os hanoverianos e rumores circulavam em Londres de que Frederico estava ajudando os jacobitas a prepararem sua grande invasão da Inglaterra em 1745.

Frederico depois mudou sua aliança de volta para a Inglaterra e continuou a lucrar com os infortúnios da Inglaterra. Ele não apenas ganhou território, mas dinheiro também. Partilhando dos lucros monetários de Frederico estavam outras principalidades alemãs, incluindo a própria Hannover. Eles todos fizeram dinheiro ao alugarem soldados alemães para a Inglaterra a preços exorbitantes. Hannover já estivera engajada neste empreendimento por décadas.

*Em 1740, Frederico iniciou vários outros importantes nobres alemães na livre maçonaria: seu irmão, o príncipe William; o príncipe de Margrave, Charles de Brandenburgo (cuja família também era cassdo na casa de Hanôver através de Caroline de Brandenburgo como esposa do rei George II) e Frederico William, o duque de Holstein.

O aluguel de mercenários alemães para a Inglaterra foi, talvez, um dos grandes atos fraudulentos da história européia: um pequeno grupo de famílias alemãs derrubaram o trono inglês e colocaram um dos seus nele. Eles então utilizaram sua influência para militarizar a Inglaterra e assim envolvê-la em guerras. Ao fazer isto, eles podiam ordenhar o tesouro britânico ao alugar caros sodados para a Inglaterra para lutarem em guerras que eles ajudavam a criar! até mesmo se os hanoverianos fossem destronados na Inglaterra, eles voltariam para casa com um belo lucro feito com as guerras para destroná-los. Esta pode ser uma chave para o enigma do porque alguns membros deste grupo alemão apoiaram a maçonaria livre templaria escocesa e mais tarde tomaram posições de liderança dentro dela.

A Inglaterra alugava os mercenários alemães ao assinar "tratados de subsídio", que na realidade eram contratos de negócios. A Inglaterra começou a entrar nos tratados de subsídios quase que imediatamente depois da tomada alemã de seu país pela casa de Orange em 1688. Como recordamos, uma das primeiras coisas que William e Mary fizeram depois de tomar o trono britânico foi lançar a Inglaterra na guerra.

Os mercenários alemães eram um fardo constante para a Inglaterra. Uma das menções iniciais deles pode ser encontrada na correspondência do Duque de Marlborough.* Marlborough era um líder inglês lutando no continente europeu contra a França durante a guerra de sucessão espanhola (1701-1714).** Hannover estava alugando tropas para a Inglaterra naquele tempo – anos antes que Hannover tomasse o trono britânico. Em 15 de maio de 1702, Marlborough discutiu a necessidade de pagar as tropas hanoverianas de forma que elas lutassem:

> Se temos as tropas de Hanôver, temo que cem mil coroas devam ser dadas a eles antes que marchem, assim, seria bom para o serviço se este dinheiro estivesse pronto na Holanda na minha chegada. [2]

Quatro dias mais tarde, 22.000 libras foram alocadas pelo governo inglês para pagar os mercenários.

Prússia e Hesse estavam também fornecendo mercenários para a Bretanha durante aquela guerra. Os problemas de Marlborough em fazê-los serem pagos continuaram. Escrevendo de Haia em 26 de marco de 1703, ele lamentou:

> Agora que cheguei aqui (a Haia) descobri que nem os prussianos, hessianos, ou os hanoverianos receberam quaisquer de suas (taxas) extraordinárias… [3]

A seguinte maior guerra da Inglaterra na Europa foi a guerra da sucessão austríaca (1740-1748). Frederico, o grande estava aliado com a França contra a Inglaterra neste tempo. Isto não impediu que outras principalidades alemãs continuassem seu relacionamento de negócios com a Inglaterra, especialmente Hannover e Hesse. Embora Hannover agora sentasse no trono britânico, não estava para encerrar seu empreendimento

* As cartas escritas pelo Duque de Marlborough aqui estão traduzidas em inglês moderno.
** As guerras de 'sucessão' eram guerras desencadeadas pelas disputas sobre quem subiria a um trono real. Os principais poderes europeus frequentemente se tornavam envolvidos nestas rixas e as transformavam em conflitos em grande escala que podiam se arrastar por anos.

lucrativo. Se algo, o reinado Hanoveriano britânico deu à principalidade alemã uma maior influência para dirigir barganhas até mesmo mais difíceis com a Inglaterra por mercenários hanoverianos. Uma carta escrita em 9 de dezembro de 1742 por Horace Walpole, o ex primeiro-ministro britânico, discutiu a enorme taxa que foi pedida à Inglaterra que pagasse para alugar 16.000 tropas hanoverianas:

> … há um mais que nítido panfleto sendo publicado… que afirma que a cada tratado feito desde a ascensão [ao trono britânico] desta família [Hanôver], a Inglaterra tem sido sacrificada aos interesses de Hanôver… [4]

O panfleto mencionado por Walpole continha estas surpreendentes palavras:

> A Grã-Bretanha tem sido, portanto, forte e vigorosa o bastante para sustentar Hanôver em seus ombros e embora desgastada e incomodada pela fadiga contínua, ela ainda está estimulada… Os interesses desta ilha (Inglaterra) devem , desta vez, prevalecer, ou devemos nos submeter a ignomínia de nos tornarmos apenas uma província do dinheiro para aquele eleitorado (Hanôver). [5]

No fim, a oposição aos tratados de subsídios falhou. A Inglaterra verdadeiramente se tornou a 'província de dinheiro' para Hannover. Lamentou Walpole:

> Temos, de vez em quando, movimentos para debandar os hessianos e hanoverianos, ditos mercenários, mas eles deram em nada. [6]

Os tratados de subsídio eram de fato lucrativos. Por exemplo, no contrato anual começando em 26 de dezembro de 1743, a casa Bbritânica garantiu 393.733 libras para 16.268 tropas hanoverianas. Isto pode não ser visto como muito até que entendamos que o valor da libra era muito maior do que é hoje. Para levantar parte deste dinheiro, o parlamento foi ao extremo de autorizar uma loteria.

Ao mesmo tempo em que a Inglaterra estava lutando a guerra pela sucessão austríaca, ela também estava combatendo os jacobitas. Mais tropas alemãs eram necessárias naquele front.

Em 12 de setembro de 1745, Charles Edward, da família Stuart, liderou sua famosa invasão da Inglaterra pela Escócia. "Bonnie Prince Charlie," como Charles Edward era chamado, capturou Edimburgo em 17 de setembro e estava se aproximando da Inglaterra com a intenção de tomar Londres. Isto significava mais dinheiro para Hesse. Em 20 de dezembro de 1745, o rei hanoveriano George II anunciou que ele tinha enviado 6.000 tropas Hessianas para lutar na Escócia contra Charles Edward. O Rei George apresentou ao parlamento uma conta pelas tropas Hessianas. Ela foi aprovada. Os Hessianos desembarcaram em 8 de fevereiro do ano seguinte. Enquanto isso, de volta ao front europeu, a Inglaterra alugou mais soldados da Holanda, Áustria, Hannover e Hesse para lá defender os 'interesses' ingleses. As contas foram estonteantes.

A guerra no continente finalmente terminou. Não demorou muito, com certeza, antes dos governantes da Europa se envolverem em outra. Desta vez foi a guerra dos sete anos (1756-1763) – um dos maiores conflitos armados da história européia até aquele tempo.* Frederico da Prússia tinha mudado sua aliança de volta para a Inglaterra e as duas nações (Inglaterra e Prússia) eram insignificantes contra a França, Áustria, Rússia, Suécia, Saxônia, Espanha e o reino das Duas Sicílias. Frederico não se aliou à Inglaterra, desta vez, por um amor inconstante pela Inglaterra. A Inglaterra estava pagando a ele. Pelo tratado de Westminster, que entrou em vigor em abril de 1758, Frederico recebeu um substancial subsídio do tesouro britânico para continuar seu combate, muito do qual era para defender seus próprios interesses! O tratado corria de abril a abril e era renovável anualmente.

Durante a guerra dos sete anos, a Inglaterra também pagou para ajudar Hannover a defender seus próprios interesses alemães. A França havia atacado Hannover, Hesse e Brunswick. Parte do dinheiro dos subsídios pagos a Hannover e Hesse foi utilizado por estas principalidades para defenderem suas próprias fronteiras. O tratado com Hesse, assinado em 18 de junho de 1755 (pouco tempo antes do início da guerra dos sete anos) era especialmente generoso. Além do 'dinheiro de recrutamento' (dinheiro usado para reunir um exército) e o 'dinheiro de remonta' (dinheiro usado para adquirir cavalos descansados), foi garantido a Hesse um subsídio anual de 36.000 libras quando suas tropas estavam sob pagamento alemão e o dobro quando elas entravam sob o pagamento inglês. Adicionais 36.000 libras iam diretamente para os cofres do 'landgraf' de Hesse.

Muitos lords ingleses não sentiam que as tropas alemãs valessem este dinheiro. Enquanto discutiam uma possível invasão francesa da Inglaterra, Walpole brincou, "se os franceses vierem, devemos ao menos ter algo por todo este dinheiro que temos posto nos hanoverianos e nos hessianos!"[7] William Pitt, um outro influente estadista inglês, acrescentou estas palavras divertidas ao debate:

> As tropas de Hanôver, que agora devemos pagar, marcharam nos Países Baixos, onde elas ainda permanecem. Elas marcharam para o lugar mais distante do inimigo, ao menos em perigo de um ataque e mais fortemente fortificadas se um ataque estivesse sendo projetado. Elas não tem, portanto, nenhuma outra alegação a ser paga do que aquela de que elas deixaram seu próprio país por um lugar de maior segurança. Não devo, contudo, estar surpreso, depois de outra tal campanha gloriosa… me ser dito que o dinheiro desta nação não poderia ser mais apropriadamente empregado do que em alugar os hanoverianos para comer e dormir. [8]

A principalidade alemã que mais lucrava com seu negócio de alugar soldados era Hesse.

* A guerra dos sete anos foi, na verdade, uma expansão da guerra francesa e indígena na América do Norte entre a Inglaterra e a França. A expansão da guerra na Europa tinha sido desencadeada pelo próprio Frederico, o grande, quando ele invadiu a Saxônia.

Ao dar uma rápida olhada na história de Hesse, descobrimos que depois que Felipe, o magnânimo morreu em 1567, Hesse foi dividida entre os quatro filhos de Felipe em quatro províncias principais: Hesse-Kassel, Hesse-Darmstadt, Hesse-Rheinfels e Hesse-Marburg. A mais importante e poderosa destas quatro regiões hessianas se tornou Hesse-Kassel, na qual Hesse-Rheinfels e Hesse-Marburg mais tarde seriam reabsorvidas.

Alugar mercenários para a Inglaterra tornou-se o empreendimento mais lucrativo da família real hessiana. Embora a própria Hesse fosse ameaçada durante alguns destes conflitos europeus, a dinastia hessiana construiu uma imensa fortuna com o negócio dos soldados. De fato o landgraf Frederico II de Hesse-Kassel (não confundir com Frederico II da Prússia ou com o imperador alemão Frederico II da era das cruzadas) fez de Hesse-Kassel a mais rica principalidade da Europa ao alugar mercenários para a Inglaterra durante a luta seguinte grande da Bretanha: a guerra pela independência americana, também conhecida como revolução Americana. Beneficiando-se também da revolução americana estava a casa real de Brunswick. Seu líder, Charles I, alugou soldados para a Inglaterra a um preço muito alto para ajudar a combater os colonos rebeldes.

Como podemos ver, Hesse, Hannover e mais uns outros poucos estados alemães lucraram imensamente com os conflitos que tinham cercado a Inglaterra. Os problemas da Bretanha deram a eles a oportunidade de saquear o tesouro britânico às expensas do povo inglês. Isto teve o efeito adicional de empurrar a Inglaterra a um débito cada vez mais profundo com os novos banqueiros com seu papel-moeda inflacionável.

A população da Alemanha também sofreu. A maioria dos mercenários alugados para a Inglaterra eram homens jovens, involuntariamente conscritos e forçados a lutar onde seus líderes os enviavam. Muitos ficavam aleijados e morriam, de forma que seus governantes pudessem viver em maior luxo. A riqueza e a influência de um pequeno grupo de dinastias alemãs tinha sido construída com o sangue dos jovens.

Se esgueirando por trás destas atividades continuamos a encontrar a presença da rede da irmandade. Na medida em que os anos se passavam, os membros das famílias reais de Hesse e Brunswick emergiram como os líderes da estrita observância. Em 1772, por exemplo, em um congresso maçônico em Kohlo, o duque Charles William Ferdinand de Brunswick foi escolhido para suceder von Hund como grão-mestre da estrita observância. * Vários anos depois de sua eleição à posição de grão-mestre, o duque Ferdinand sucedeu Charles I como o governante de Brunswick e herdou o dinheiro do aluguel de mercenários de Brunswick.

* Com a eleição do duque Ferdinand, a estrita observância passou por várias mudanças. A estrita observância era informalmente chamada de ‘Lojas Unidas’. Um outro congresso foi realizado dez anos mais tarde em 1782 em Wilhelmsbad (uma cidade perto de Hanau em Hesse-Kassel). Lá o nome de ‘Estrita Observância” caiu e a Ordem foi portanto chamada “cavaleiros beneficentes da cidade sagrada’. O congresso de Wilhelmsbad oficialmente abandonou a historia de que os cavaleiros templários eram os criadores originais da livre maçonaria. Contudo, os graus de cCavaleiro foram mantidos, bem como o foi a ideia da liderança de um ‘superior desconhecido’.

Partilhando os deveres de liderança na estrita observância com o duque Ferdinand estava o príncipe Karl de Hesse, filho de Frederico II de Hesse-Kassel. Segundo Jacob Katz em seu livro, *Jews and Freemasons in Europe*, *1723-1939*, o Príncipe Karl foi mais tarde 'aceito como chefe de todos os maçons livres alemães'.[9] O irmão de Karl, William IX, que mais tarde herdou a principalidade e a imensa fortuna de Hesse-Kassel de seu pai, também era um maçom livre. William IX tinha fornecido mercenários à Inglaterra quando ele anteriormente governou Hesse-Hanau.

Quão importante foi o papel que a própria irmandade desempenhou em manipular estes assuntos? Para determinar se verdadeiramente houve um envolvimento ativo da irmandade de uma natureza maquiavélica, ajudaria descobrir se houve um único agente da irmandade que participou inicialmente em uma ação e então em outra. Exigiríamos que um agente da irmandade viajasse em todos os círculos: dos jacobitas até os eleitos de Hesse, do rei da França até a Prússia.

Interessantemente, a história registra exatamente um tal indivíduo. Normalmente não deveríamos saber de tal agente por causa do sigilo que cerca a atividade da irmandade. Esta pessoa em particular, contudo, em virtude de sua personalidade excêntrica, seus notáveis talentos artísticos e seu gosto pelo drama tinha atraído atenção demais para sí próprio, a ponto de suas atividades e viagens seram notadas e registradas para a posteridade, por muitas pessoas ao redor dele. Deificado por alguns e declarado um charlatão por outros, este agente excêntrico da irmandade foi melhor conhecido por uma falsa identidade: o conde de St. Germain.

26 - O Conde de St. Germain

Uma figura controvertida nas intrigas da Europa do século XVIII foi um indivíduo colorido e sigiloso conhecido como conde de St. Germain.* A vida de St. Germain tem sido objeto de muitos artigos e de ao menos um livro até mesmo depois de sua relatada morte em 1784, houve uma tendência a deificá-lo ou desmentí-lo como um charlatão sem importância. Nem uma caracterização nem outra refletem acuradamente o que ele verdadeiramente foi.

As atividades de St. Germain são importantes por que seus movimentos fornecem um fascinante link entre as guerras que aconteciam na Europa, os níveis mais profundos da irmandade e o grupo dos príncipes alemães, particularmente a casa de Hesse.

O primeiro dos mistérios a respeito de St. Germain é a circunstância de seu nascimento. Muitos pesquisadores acreditam que ele tenha sido prole de Francis II, governante dá uma vez poderosa principalidade da Transilvânia. Famosa no cinema como lar do místico vampiro humano, Drácula e outras tratantes figuras literárias, a Transilvânia tinha laços com a dinastia em Hesse. Francis II da Transilvânia havia se casado com Charlotte Amalie, de dezesseis anos, de Hessen-Reinfels em 25 de setembro de 1694 na catedral de Colônia na Alemanha.

Desta união nasceram dois filhos conhecidos. Contudo, quando o testamento de Francis II foi publicado em 1737, um terceiro filho não denominado foi mencionado como um dos beneficiários. Esta terceira criança provou ser Leopold-George, o filho mais velho e herdeiro do trono da Transilvânia. Leopold-George nasceu em 1691 ou 1696, dependendo qual teoria aceitamos sobre seu nascimento. Por causa da incerteza de sua data de nascimento, não se sabe se ele era o filho de Charlotte de Hesse ou da esposa anterior de Francis II. O que parece certo é que a ‘morte prematura’ de Leopold-George em 1700 tinha sido encenada para salvá-lo das intrigas mortais que estavam para destruir a dinastia da Transilvânia e terminar com sua independência.

Acredita-se que Leopold-George teria sido o Cconde de St. Germain.

St. Germain primeiramente apareceu na sociedade européia em 1743 quando seria um homem em seus quarenta anos. Pouco é conhecido sobre sua vida antes deste ano. Um dossiê sobre o misterioso conde fôra criado por ordem do imperador francês Napoleão III (r. 1852-1870) mas, infelizmente, todos os documentos foram destruídos em um incêndio que engolfou a casa na qual o dossiê estava guardado. Isto resultou na perda irreparável de informação sobre St. Germain. A própria secretividade de St. Germain somente aprofunda o mistério sobre sua vida. A informação sobrevivente indica que St. Germain foi criado para se tornar um dos mais ativos, coloridos e bem-sucedidos agentes secretos políticos da irmandade no século XVIII.

*Não deve ser confundido com o general francês de mesmo nome, nem com Claude Louis de St. Germain, um mistico do século XVIII.

Da vida anterior de St. Germain, o líder da estrita observância príncipe Karl de Hesse escreveu que ele havia sido criado na infância pelo último da poderosa família dos Médici da Itália. O duque de Médici, como alguns dos Médici anteriores, estava concentrado nas filosofias místicas prevalentes na Itália naquele tempo, o que pode responder pelo profundo envolvimento de St. Germain na rede da irmandade quando adulto, enquanto sob os cuidados dos Médici e acreditando que St. Germain tenha estudado na universidade de Siena.

O primeiro aparecimento documentado de St. Germain na sociedade européia ocorreu na Inglaterra em 1743. Naquele tempo, a causa jacobita era muito forte e a invasão da Escócia em 1745 estava somente a dois anos de acontecer. Durante estes dois anos cruciais antes da invasão, St. Germain morou em Londres. Somente vislumbres de suas atividades durante essaépoca estão disponíveis. St.Germain era um músico talentoso e várias de suas composições musicais foram publicamente executadas no pequeno teatro Haymarket no início de fevereiro de 1745. St. Germain também teve vários de seus trios publicados pela 'Walsh company' de Londres.

Autoridades britânicas, contudo, não acreditavam que St. Germain estava em Londres para buscar uma carreira musical. Em dezembro de 1745, com a invasão jacobita a caminho, St. Germain foi preso pelos britânicos sob a suspeita de ser um agente jacobita. Ele foi solto quando supostas cartas de Charles Edward, o líder da invasão Stuart, não foram encontradas com ele. Horace Walpole escreveu depois sobre a prisão:

> …no outro dia eles prenderam um homem estranho, que responde pelo nome de conde de St. Germain. Ele esteve aqui nestes dois anos, não dirá quem ele é ou de onde, mas professa duas coisas muito maravilhosas, a primeira que ele não usa o seu nome verdadeiro e a segunda, que ele nunca teve nenhuma relação, ou desejo de ter qualquer relação, com qualquer mulher – não, nem com um succedaneum [substituto]. Ele canta, toca maravilhosamente violino, compõe, é louco e não muito sensível. [1]

Depois que ele foi solto, St. Germain deixou a Inglaterra e passou um ano como hóspede do príncipe Ferdinand von Lobkowitz, o primeiro-ministro do imperador austríaco. A guerra de sucessão austríaca ainda estava ocorrendo naquele tempo, na qual a Áustria e a Inglaterra eram aliadas contra a França e a Prússia. Durante sua visita à Áustria, St. Germain foi apresentado ao ministro da guerra francês, o marechal de Belle-Isle, que, por sua vez, apresentou St. Germain à corte francesa.

Esta é uma intrigante sequência de eventos. Aqui temos um homem preso como inimigo suspeito da Inglaterra durante o tempo de guerra, que então, imediatamente, vai ter com o mais alto ministro de uma nação (a Áustria) que era aliada da Inglaterra. Durante a estadia, este mesmo homem se torna amigo do ministro da guerra de uma nação (a França) que era inimiga da Áustria! Os contatos políticos de St. Germain, em todos os lados de uma guerra que rugia, foram notáveis.

O que St. Germain fez nos três anos seguintes depois de deixar a Áustria é incerto.

St. Germain reapareceu na sociedade européia em 1749, desta vez como hóspede do rei Luiz XV da França, uma nação católica, ativamente apoiando a causa jacobita contra os hanoverianos na Inglaterra. Na França ele também esteve envolvido em muitas outras intrigas estrangeiras. Segundo uma dama da corte francesa que mais tarde escreveu sobre St. Germain nas memórias dela:

> A partir de 1749, o Rei (Luiz XV) o empregou (St. Germain) em missões diplomáticas e ele desempenhou-se honrosamente nelas. [2]

O rei Luiz tinha conquistado fama como arquiteto da diplomacia secreta do século XVIII. A aceitação de St. Germain na corte francesa e seu trabalho para o rei francês como um agente político é significativo por várias razões: Primeiro, ele aponta para o importante papel que membros da irmandade têm desempenhado na criação e operação de redes de inteligência nacionais e internacionais pela história, uma matéria que consideramos em mais detalhes em capítulos posteriores. Segundo, como um católico, o rei Luiz XV aderiu aos decretos papais. O papado era hostil à livre maçonaria. De fato, o catolicismo romano e a livre maçonaria são facções, com origens na irmandade, que há muito têm se oposto uma à outra. Em 1737, Luiz XV publicou um édito proibindo todos os súditos franceses de ter algo a ver com a maçonaria livre. Durante as décadas seguintes, o governo francês reprimiu ativamente os maçons livres franceses com batidas policiais e prisão. O édito de Luiz XV de 1737 foi seguido, um ano depois, pela bula papal de Clemente, que proibia os católicos de todos os lugares de participarem ou apoiarem a livre maçonaria, sob a penalidade de excomunhão; ainda assim, lá estava o conde de St. Germain, que mais tarde revelaria o envolvimento por toda a vida na irmandade, residindo como hóspede do rei. A provável explicação, baseada nos fatos conhecidos da vida de St. Germain, é que ele não era tanto um maçom livre, tanto quanto era um agente da irmandade mais alta. É também improvável que o rei francês entendesse o papel de St. Germain na rede da irmandade.

As atividades exatas de St. Germain de 1749 a 1755 são grandemente desconhecidas. Em 1755, ele fez uma segunda viagem à Índia. Ele foi com o Comandante inglês Robert Clive que estava a caminho para combater os franceses! A Índia era uma importante teatro de guerra, no qual muito estava em jogo. O comandante Clive era um importante líder do lado britânico. Esta viagem mais uma vez ressaltou os notáveis contatos políticos de St. Germain e sua habilidade de viajar para frente e para trás entre importantes líderes de campos guerreiros. Um biógrafo sugeriu que o conde pode ter atuado como um agente secreto do rei Luiz XV da França quando ele foi a Índia com Clive, porque quando St. Germain voltou, ele foi recompensado em 1758 com um apartamento no palácio real francês em Chambord. Ele também recebeu instalações de laboratório para seus experimentos químicos e alquímicos, dos quais algumas vezes Luiz XV participava.

St. Germain era claramente um caráter excêntrico e multifacetado. Um dos talentos pelo qual ele obteve fama foi seu considerável conhecimento de alquimia (a alquimia mistura o misticismo com a química e era um artigo principal da prática rosa cruciana). St. Germain se tornou um tópico de fofoca na corte francesa porque ele afirmou possuir o elixir alquímico da vida. O elixir era tido como sendo uma fórmula secreta que fazia as pessoas fisicamente imortais. Este foi o mesmo elixir que muitos rosacrucianos europeus

afirmaram possuir. St. Germain pode ter tido a língua ligeiramente em cheque quando fez esta afirmação, contudo. Ele é citado como tendo dito ao rei Luiz XV, “Sir, algumas vezes me entretenho não ao fazer isto crível, mas em permitir que acreditem que eu tenha vivido em tempos antigos”.[3]

Em 1760, St. Germain deixou a França por Haia, na Holanda. Esta viagem ele fez durante o auge da guerra dos sete Anos. A Holanda era um país neutro durante o conflito. Exatamente o que St. Germain estava tentando realizar na Holanda permanece em debate até mesmo hoje. Depois de declarar ser um agente secreto do rei Luiz XV, St. Germain tentou conseguir uma audiência com o representante inglês em Haia. St. Germain afirmou que ele estava lá para negociar a paz entre a Inglaterra e a França. Contudo, o ministro francês do exterior, o duque de Choiseul e o embaixador francês para Holanda, o conde D’Affry, não tinham sido notificados por seu rei da suposta missão de St. Germain. O Duque de Choiseul, portanto, acusou St. German de charlatão e ordenou sua prisão. Para evitar sua prisão pelas autoridades holandesas, St. Germain fugiu para Londres no mesmo ano. A escapada de St. Germain foi auxiliada por seu influente amigo, o conde Bentinck, presidente do conselho holandês de comissários substitutos.

Como resultado desta queda e da falta de vontade de Luiz XV em reconhecê-lo publicamente como seu agente, St. Germain foi incapaz de retornar abertamente à sociedade real francesa até 1770, o ano em que seu inimigo, o duque de Choiseul, caiu em desgraça e foi removido do poder.

St. Germain tinha uma segunda razão e talvez até mesmo mais importante, para fazer esta malfadada viagem à Holanda. Uma carta escrita em 25 de marco de 1760 pelo Príncipe de Galitzin, o ministro russo para a Inglaterra, ofereceu esta impressão sobre as abortadas atividades de St.Germain na Holanda:

> Conheço bem o conde de St. Germain por reputação. Este homem singular ficou por algum tempo neste país e não sei se ele gosta disso. Ha alguém aqui com quem ele parece estar em correspondência e esta pessoa declara que o motivo da viagem do conde á Holanda é meramente algum negócio financeiro. [4]

O negócio financeiro mencionado por Galitzen era muito secreto. Pareceu ser o verdadeiro propósito da visita de St. Germain. Ele estava na Holanda para explorar o casamento da princesa Caroline com um príncipe alemão de Nassau-Dillenburg para os propósitos de estabelecer um ‘fundo’ para a França. St. Germain queria negociar a formação do fundo com os banqueiros holandeses. Segundo o embaixador francês D’Affry, ‘seu objetivo, em geral, era assegurar o crédito dos principais banqueiros de lá para nós’.[5] Em uma outra carta, D’Affry afirmou que St. Germain, ‘viera a Holanda apenas para completar a formação de uma companhia adequada para a responsabilidade deste Fundo…’[6]

A formação do Fundo foi, provavelmente, a verdadeira razão para o extremo sigilo de St. Germain (e talvez para o sigilo do rei Luiz). A França já tinha importantes financiadores para a corte real: os ricos irmãos Paris-Duverney. Os irmãos Paris tinham

salvo a posição financeira da França, depois do desastroso episódio do banco da França, envolvendo o dinheiro inflado de John Law. St. Germain era bem hostil aos irmãos Paris e ele não queria que eles obtivessem o controle do fundo. St. Germain foi citado por Monsieur de Kauderbach, um ministro da corte Saxônia em Haia:

> … ele (rei Luiz XV da França) está cercado apenas por criaturas colocadas pelos irmãos Paris que, sozinhos, são a causa de todo o problema da França. São eles que corrompem tudo e impedem os planos do melhor cidadão da França, o marechal de Belle-Isle. Portanto, a desunião e o ciúme entre os ministros. Tudo é corrompido pelos irmãos Paris; pereça a França, garantido que eles possam atingir seu objetivo de ganhar 800 milhões.[7]

St. Germain pode bem ter tido bases legítimas para objetar a influência indevida dos Iirmãos Paris. A missão de St. Germain em Haia, contudo, foi apenas uma tentativa para encobertamente tomar o controle financeiro dos irmãos Paris e colocar este controle de volta nas mãos do mesmo grupo de financiadores cujos predecessores tinham institucionalizado o sistema do papel-moeda inflacionável para começar – o mesmo sistema que tinha trazido a ruína financeira da Franca e a consequente intervenção dos irmãos Paris. Por causa da súbita partida forçada de St. Germain da Holanda, ele nunca foi capaz de completar sua missão financeira.

Ao chegar a Londres depois de fugir da Holanda, St. Germain foi mais uma vez preso e solto. Durante esta curta estada na Inglaterra, St. Germain publicou sete solos de violino.

St. Germain continuou duas atividades politicas encobertas, depois de deixar Londres. Em 1760, ele retornou secretamente a Paris. Laá acredita-se que St. Germain tenha ficado com seu amigo, o príncipe de Anhalt-Zerbst. Anhalt-Zerbst era um outro estado alemão que alugava mercenários para a Inglaterra, embora ele nunca tenha acumulado a mesma riqueza de alguns de seus vizinhos alemães.

A princesa de Anhalt-Zerbst tinha uma filha, Catarina II. Em 21 de agosto de 1744, Catarina II casou-se com Pedro III da Rússia. Este casamento tinha sido arranjado por Frederico o grande da Prússia., que era um amigo da família Anhalt-Zerbst e ao menos por algum tempo, de St. Germain.

Em 1762, dois anos depois do discreto retorno de St. Germain a Paris, Pedro III assumiu o trono russo. St. Germain viajou imediatamente para a capital russa de São. Petersburg onde ele ajudou Catarina a derrubar Pedro e estabelecê-la como a imperatriz da Rússia. Auxiliando o golpe de estado estava a família russa Orloff. Os Orloffs são creditados com o assassinato de Pedro ao estrangulá-lo em uma falsa briga. Por sua ajuda no golpe, St. Germain foi feito general do exército russo e permaneceu um amigo íntimo da família Orloff por muitos anos. Catarina, que se tornou conhecida como, ‘Catarina a grande’, governou a Rússia por 29 anos.

Com este claro golpe, St. Germain tinha ajudado a colocar a Rússia sob o governo do mesmo pequeno grupo de famílias reais alemãs sob as quais os outros países europeus haviam caído. O mesmo modus operandi foi usado: o casamento de um alemão real na dinastia da vítima, seguido por uma revolução ou golpe. Aqui encontramos a evidência de envolvimento direto da irmandade na pessoa de St. Germain.

O que St. Germain fez entre 1763 e 1769 depois de deixar a Rússia é um mistério. Ele é conhecido por ter passado aproximadamente um ano em Berlim e foi um hóspede por pouco tempo de Friedrich August de Brunswick. De Brunswick, St. Germain continuou sua viagem pela Europa. Ele voltou a França em 1770. Em 1772, St. Germain novamente agiu como um agente para Luiz XV, desta vez durante negociações em Viena sob a partição da Polônia. Infelizmente para St. Germain, Luiz XV morreu em 10 de maio de 1774 e seu neto de 19 anos, Luiz XVI, subiu ao trono. O novo rei trouxe Choiseul de volta ao poder e tomou um desgosto pessoal por St. Germain. O conde foi forçado a deixar a sociedade da França pela última vez.

St. Germain imediatamente partiu para a Alemanha, onde, apenas 11 dias depois da morte de Luiz XV, ele foi hóspede de William IX de Hesse – o príncipe que herdaria a vasta fortuna de Hesse-Kassel. Segundo J. J. Bjornstahl, escrevendo em seu livro de viagens:

> Eramos hóspedes na corte do príncipe herdeiro Wilhelm von Hessen-Cassel (irmão de Karl von Hessen) em Hanau, perto de Frankfurt. Quando voltamos em 21 de maio de 1774 ao castelo de Hanau, encontramos lá lord Cavendish e o conde de St. Germain; eles tinham vindo de Lausanne e estavam viajando para Kassel e Berlim. [8]

Depois de sua visita à casa do príncipe hessiano, St. Germain viajou um pouco mais pela Europa. Ele foi bem-vindo como hóspede de Margrave de Brandenburgo e por outros. Finalmente, em 1779, St. Germain foi acolhido pelo príncipe Karl de Hesse, que era o principal líder da estrita oObservância. St. Germain passou os últimos cinco anos de sua vida conhecida com Karl.

Em 1784, St. Germain alegadamente morreu. O registro da igreja de Eckenforde contem a entrada:

> Morto em 27 de fevereiro, enterrado em 2 de marcço de 1784, o assim chamado conde de St. Germain e Weldon* – mais informação não conhecida – particularmente depositado nesta Igreja.[9]

Foi depois dos relatos de sua morte que o verdadeiro status de St. Germain dentro da irmandade emergiu. Não apenas St. Germain foi retratado como um dos mais altos representantes da irmandade, ele também foi deificado como sendo fisicamente imortal, que não envelhecia ou morria. Um número de seus admiradores contemporâneos afirmou que eles viram St. Germain algumas vezes, quando deveria ser impossível deles o fazerem, por causa da idade de St. Germain. Por exemplo, o barão E. H. Gleichen, escrevendo em suas memórias publicadas em 1868, afirmou:

* St. Germain usou muitos pseudônimos. Weldon era um deles.

> Ouví Rameau e um velho parente de um embaixador francês em Veneza testemunharem terem conhecido St. Germain em 1710, quando ele tinha a aparência de um homem de cinquenta anos. [10]

Se St. Germain tivesse cinquenta anos em 1710, então ele estaria com 124 anos quando reportou-se que ele morreu. Há, contudo, aqueles que afirmam que St. Germain não morreu em 1784. Uma revista mística alemã publicada em 1857, *Magazin der Beweisfuhrer fur Verurtheilung des Freimaurer-Ordens*, afirmou que St. Germain era um dos representantes franceses na convenção maçônica de 1785 em Paris, um ano depois de sua alegada morte. Um outro escritor, Cantu Cesare, em seu trabalho, *Gli Eretici d'Italia*, afirmou que St. Germain esteve presente na famosa conferência maçônica de Wilhelmsbad que também foi realizada em 1785.

Estes relatos são vistos por algumas pessoas como evidência de que a morte de St. Germain tinha sido encenada (talvez pela segunda vez em sua vida) para permitir que ele escapasse da controvérsia que o cercava e que ele pudesse viver o resto de sua vida relativamente sossegado.

Contudo, as alegadas aparições de St. Germain depois da morte não terminaram em 1785. A condessa D'Adhemar, um membro da corte francesa que escreveu suas memórias pouco antes de sua morte em 1822, alegou ter visto St. Germain muitas vezes depois de sua alegada morte, geralmente durante tempos de rebelião. Ela afirmou que St. Germain tinha enviado aviso ao rei e à rainha da França (seu inimigo Luís XVI e Maria Antonieta) exatamente antes da irrupção da revolução francesa que ocorreu em 1789. Ela também afirmou que o viu em 1783, 1804, 1813 e 1820. Um escritor rosacruciano, Franz Graeffer, afirmou que St. Germain fizera aparecimentos na Áustria depois de sua alegada morte e era lá honrado como um adepto avançado da irmandade. Nos fins de 1800, madame Helena Blavatsky, uma das cofundadoras da sociedade teosófica, declarou que St. Germain era um dos mestres ocultos do Tibet que, secretamente, controlavam os destinos do mundo. Em 1919, um homem que afirmava ser St. Germain apareceu na Hungria ao tempo em que uma bem-sucedida revolução, liderada pelos comunistas, estava acontecendo naquele país. Finalmente, em 1930, um homem chamado Guy Ballard afirmou que ele encontrou St. Germain no monte Shasta na Califórnia e que St. Germain o tinha ajudado a criar um novo ramo da irmandade conhecido como 'I AM'. Veremos a 'I AM' em um capitulo posterior.

Estariam mentindo todas estas testemunhas? Provavelmente não. A irmandade ocasionalmente patrocinou 'ressurreições' como meio de deificar membros selecionados. Isto eé o que tem sido feito com Jesus. De fato, estes ramos da irmandade que deificam St. Germain (que certamente não são todos deles) frequentemente dão a St. Germain o mesmo status espiritual de Jesus. Porque St. Germain foi escolhido para deificação nunca foi compreendido. Talvez seus sucessos em beneficio da irmandade fossem muito mais numeroso do que saibamos. Seja qual for que possa ter sido a razão, está claro que St. Germain era mortal. Ele morreu, se não na alegada data de sua morte, então certamente dentro de uma década depois dela.

Durante seu período de vida e ainda hoje, muitas pessoas rotularam St. Germain como uma fraude e um charlatão. Alguns críticos discutem se St. Germain não seria nada mais que um artista de nascimento comum cuja entrada na sociedade real aconteceu apenas por causa de suas fraudes e personalidade colorida. A evidência que temos observado claramente não sustenta este argumento. não seria fácil para um estrangeiro entrar em tantos círculos reais e lá permanecer. O envolvimento de St. Germain na derrubada de Pedro da Rússia não era uma fraude insignificante; foi um grande golpe de estado que alterou o panorama político da Europa. Sim, St. Germain era um charlatão em um número de assuntos, mas isto não torna menos importantes suas atividades políticas e suas ligações. A excentricidade e cor de St. Germain obscureciam um lado sério e mortal de sua vida. Suas viagens e atividades ligaram a irmandade aos príncipes hessianos, às intrigas da França, às guerras da Europa e aos banqueiros do papel-moeda. A personalidade de St. Germain revela que, quando discutimos as influências 'por trás das cenas, não estamos, necessariamente, falando de misteriosos personagens que espreitam das sombras fazendo coisas incompreensíveis. Estamos, geralmente, discutindo pessoas que estão vivas como o resto de nós. Elas têm sucesso e elas fracassam. Elas têm seus encantos e seus costumes diferentes como todo mundo. Elas exercem influência sobre outras pessoas, mas não como controle de marionetes. Elas são afetadas pelas mesmas coisas que afetam todos os demais. Estas observações levam a um ponto importante:

Quando alguns escritores descrevem a influência da rede da irmandade na história e quando alguns leitores lêem sobre isto, eles divisam estranhas forças 'ocultas' subterrâneas em funcionamento. Isto é uma ilusão gerada pelo misticismo e sigilo da própria irmandade. As mudanças na sociedade, sejam para o bem ou o mal, são causadas por pessoas fazendo coisas. A rede da irmandade tem simplesmente sido um canal eficaz para fazer com que as pessoas ajam e para manter secreto muito do que elas fazem. A influência da rede da irmandade somente parece misteriosa e 'oculta' porque tantas ações têm acontecido sem serem registradas e são desconhecidas pelos externos. A rede corrompida da irmandade não tem hoje, nem nunca teve, poderes 'ocultos' eficazes. O mundo pode, portanto, ser refeito para melhor através de pessoas simplesmente agindo e fazendo. Nenhum bastão mágico é necessário. Apenas algum esforço físico.

27 - Aqui um Cavaleiro, lá um Cavaleiro…

Até mesmo depois do colapso da causa Stuart, os graus de cavaleiro permaneceram populares e se disseminaram rapidamente. A tendência pró Stuart desapareceu em favor de uma filosofia antimonarquística em algumas organizações templárias e um sentimento pró monarquia em outras. Os maçons livres, praticando os graus templários, desempenharam importantes papéis políticos em ambos os lados das batalhas de monarquia versus anti monarquia que aconteceram no século XVIII ajudando, portanto, a manter o problema vivo de tal modo que as pessoas achassem que isto era algo importante pelo que lutar continuamente. Por exemplo, o rei Gustavo III da Suécia e seu irmão, Karl, o duque de Sodermanland, foram iniciados na estrita observância em 1770. No ano seguinte, um dos primeiros atos de Gustavo depois de ascender ao trono sueco foi montar um golpe de estado contra o Riksdag (parlamento) sueco e reestabelecer maiores poderes para a coroa. Segundo Samuel Harrison Baynard, escrevendo em seu livro, *History of the Supreme Council*, Gustavo foi grandemente auxiliado por seus companheiros maçons livres.

Os graus de cavaleiro também encontraram um lar na Irlanda onde eles se anexavam à ordem de Orange. Como recordamos, a ordem de Orange foi uma organização militante moldada como a livre maçonaria. Ela foi fundada para assegurar que o protestantismo permanecesse a religião predominante na Inglaterra. Os membros da ordem de Orange juravam apoiar os hanoverianos desde que eles continuassem a apoiar o protestantismo. Os graus de Cavaleiro foram inseridos na ordem nos anos de 1790, ao tempo em que a causa dos Stuart estava quase morta.

Os graus templários da ordem de Orange eram e ainda são hoje, chamados de ‘preceptório negro’. Embora a ordem de Orange e o preceptório negro sejam, supostamente, iguais em status e escalão, a entrada no preceptório negro só é alcançada depois que uma pessoa passasse, primeiramente, pelos graus da ordem de Orange. Segundo Tony Gray, escrevendo em seu fascinante livro, *The Orange Order*, o preceptório negro tem hoje 11 graus e ‘uma grande quantidade de sigilo que envolve os trabalhos internos desta curiosa instituição’.[1] Aproximadamente 50 a 60% de todos os membros da Orange se tornam membros do preceptório negro. A própria ordem de Orange continua a ser fortemente protestante e anti-católica e deste modo ela contribui para alguns dos conflitos entre católicos e protestantes na Irlanda de hoje.

Um outro capítulo interessante na história dos graus templários diz respeito à criação de um falso ‘Illuminati’. ‘Illuminati’, como recordamos, foi o nome latino dado à irmandade. Em 1779, um segundo ‘Illuminati’ foi iniciado na loja da estrita observância de Munique. Este segundo ‘Illuminati’ falso foi liderado por um ex-sacerdote jesuíta chamado Adam Weishaupt e foi estruturado como uma organização semiautônoma. Claramente político e antimonarquísta, o ‘Illuminati’ de Weishaupt formou um outro canal de ‘altos graus’ para os maçons livres se graduarem depois de completarem os graus azuis. O ‘Illuminati’ de Weishaupt tinha seu próprio ‘mestre oculto’ conhecido como ‘antigo superior escocês’. Os membros da estrita observância que eram iniciados neste ‘Illuminati’ aparentemente acreditavam que eles estavam sendo iniciados nos mais altos escalões do

real Illuminati, ou irmandade. Uma vez iniciados sob estritos votos de sigilo, os membros tinham 'reveladas' uma grande quantidade de filosofia politica e antimonarquísta.

O 'Illuminati' de Weishaupt, contudo, logo foi atacado. Sua sede na Bavária alemã foi assaltada pelo eleitor da Bávaro em 1786. Muitas metas políticas radicais dos Illuminati foram descobertas em documentos tomados durante o assalto. O duque de Brunswick, agindo como grão-mestre da livre maçonaria alemã, finalmente divulgou um manifesto oito anos depois, em 1794, para antagonizar o falso 'Illuminati' de Weishaupt, depois que o escândalo público não mais podia ser contido. Unidos à supressão do 'Illuminati' bávaro de Weishaupt estavam muitos rosacrucianos. A despeito da repressão, este 'Illuminati' sobreviveu e ainda existe nos dias de hoje hoje.

Muitas pessoas acreditam, erroneamente, que o 'Illuminati' de Weishaupt era o verdadeiro Illuminati e que ele dominou toda a maçonaria livre. Este erro foi causado pelo desejo expresso de Weishaupt de tornar seus graus os únicos graus superiores da maçonaria livre. Hoje ainda podemos encontrar livros que teorizam que o 'Illuminati' de Weishaupt era e ainda é, a fonte de quase todos os males sociais da humanidade. Um estudo cuidadoso da evidência indica que o 'Illuminati' de Weishaupt realmente é uma farsa sob este aspecto. Embora o 'Illuminati' de Weishaupt tenha contribuído para alguma agitação revolucionária acontecendo na Europa, seu impacto na história não parece ter sido tão grande quanto as pessoas acreditam, a despeito da enorme publicidade que ele recebeu. Os males sociais que algumas vezes têm sido atribuídos ao 'Illuminati' de Weishaupt já existiam muito antes do nascimento de Adam Weishaupt. O que dominou quase toda a livre maçonaria no século XVIII foram os graus templários, que não eram a mesma coisa que o 'Illuminati' de Weishaupt. O verdadeiro significado do Illuminati bávaro é que ele era uma facção antimonarquista permitida de operar fora das lojas da estrita observância; enquanto isso, a estrita observância era, geralmente, considerada pró-monarquia e apoiava causas pró-monárquicas, como na derrubada do Ricksdag sueco, mencionado anteriormente. Isto tornou a estrita observância uma fonte de agitação secreta de ambos os lados dos conflitos da monarquia versus a anti-monarquia por um número de anos - um outro exemplo do maquiavelismo da irmandade.

A transformação mundial da sociedade humana anunciada na *Fama Fraternitis* rosacruciana ganhou momento quando os maçons livres e outros membros da rede mística lideraram inúmeras revoluções pelo mundo. Os levantes não foram confinados à Europa; eles atravessaram o oceano Atlântico e se enraizaram nas colônias européias na América do Norte. Eles deram nascimento à nação mais influente na terra hoje: os Estados Unidos da América do Norte.

28 - Fênix americana

Quando os colonizadores europeus viajaram para a América do Norte, as organizações da irmandade viajaram com eles. Em 1694, um grupo de lideres rosacrucianos da Europa fundou uma colônia que é hoje o estado da Pensilvânia. Algumas de suas construções pitorescas em Efrata ainda permanecem como uma atração turística única.

A maçonaria livre veio após. Em 5 de junho de 1730, o duque de Norfolk garantiu a Daniel Coxe de New Jersey uma das primeiras representações maçônicas conhecidas a alcançar as colônias americanas. A representação indicou Mr. Coxe como o grão-mestre provisório de New York, New Jersey e Pensilvania. Ela também permitiu que ele estabelecesse lojas. Uma das primeiras lojas coloniais oficiais foi fundada por Henry Price em Boston em 31 de agosto de 1733 sob uma carta de direitos da grande loja mãe da Inglaterra. O historiador maçônico Albert MacKey acredita que as lojas, provavelmente, existiam anteriormente, mas que seus registros foram perdidos.

A maçonaria livre rapidamente se disseminou nas colônias americanas, exatamente como ela havia feito na Europa. As lojas iniciais nas colônias britânicas eram quase todas comandadas pela grande loja mãe da Inglaterra e os membros das lojas iniciais eram leais súditos britânicos. Os ingleses não eram as únicas pessoas a colonizarem a América. A Inglaterra tinha um grande rival no Novo Mundo: a França. A competição entre as duas nações causou frequentes discussões sobre as fronteiras coloniais. Isto levou a numerosos embates violentos em solo americano, tal como a guerra da Rainha Anne que durou a primeira década do século XVIII e a guerra do rei George em 1744. Até mesmo durante os tempos de paz, as relações entre os dois superpoderes não eram nada próximas de suaves.

Um dos leais oficiais militares britânicos nas colônias era um homem chamado George Washington. Ele fôra iniciado na livre maçonaria em 4 de novembro de 1752, quando tinha 20 anos. Ele permaneceu um membro pelo resto de sua vida. Washington se tornou um oficial no exército colonial, que estava sob a autoridade britânica, quando alcançou os meados de seus vinte anos. Ele tinha por volta de 1.90 metro de altura e pesava aproximadamente 91 quilos, Washington era uma figura fisicamente impressionante.

Um dos deveres militares de Washington era vigiar as tropas francesas nas tensas regiões de fronteira. O tratado de Aix-la-Chapelle, concluído em 1748, tinha terminado a guerra do rei George e havia devolvido alguns territórios para a França. A Inglaterra e a França se beneficiaram desta pausa nas hostilidades, porque os anos de guerra estavam deixando as duas nações em dívida. Até mesmo os inflacionáveis papéis-moeda que as duas nações usavam para ajudar a pagar por suas guerras não evitavam as sérias dificuldades financeiras que as guerras sempre trazem.

Infelizmente, a paz durou menos de uma década. Ela foi quebrada, segundo alguns historiadores, por George Washington durante uma de suas investidas militares no vale do Ohio. Washington e seus homens avistaram um grupo de soldados franceses, mas eles não foram avistados pelos franceses. Sob o comando de Washington, suas tropas abriram fogo sem aviso. Acontece que os soldados de Washington tinham emboscado embaixadores

franceses crédenciados, viajando com a costumeira escolta militar. Os franceses alegaram depois que eles estavam a caminho para conferenciar com os britânicos para assentar algumas disputas ainda existentes sobre as regiões do Ohio. Washington justificou seu ataque ao afirmar que os soldados franceses estavam 'se escondendo' e que a afirmativa deles de imunidade diplomática era um fingimento. Seja qual for a verdade, os franceses sentiram-se vítimas de uma agressão militar não provocada. A guerra francesa e indígena logo estava a caminho. Isto se disseminou para a Europa como a guerra dos sete anos.

O renovado estado de guerra foi desastroso. Segundo Frederico, o grande, a guerra dos sete anos causou aproximadamente 853.000 baixas militares, mais centenas de milhares de vidas civis. E pesado dano econômico foi infligido sobre a Inglaterra e a França. Quando a guerra terminou, a Inglaterra enfrentou uma dívida nacional de 136 milhões de libras, a maioria em propriedade de uma elite bancária. Para repagar este débito, o parlamento inglês instituiu pesadas taxas em seu próprio país. Quando esta taxação se tornou alta demais, taxas foram colocadas sobre as mercadorias nas colônias americanas. Essas taxas se tornaram, rapidamente, um ponto de contenda com os colonos americanos, que começaram a resistir.

Uma outra mudança causada pela guerra foi o abandono, por Hanôver, de sua politica de manter um pequeno exército de prontidão na Bretanha. As forças armadas na Inglaterra foram grandemente expandidas. Isto trouxe a necessidade de taxar os cidadãos até mesmo mais. Além disso, aproximadamente 6.000 tropas na América precisavam de alojamento e elas, frequentemente, usurpavam os direitos de propriedade dos colonos. Isto gerou uma dissenção ainda maior.

A quarta consequência adversa da Guerra (ao menos nas mentes dos colonos) era a capitulação da Inglaterra para as demandas de várias nações indígenas americanas. Os indígenas americanos haviam lutado do lado dos franceses por causa da usurpação dos colonos britânicos de terras indígenas. Depois da guerra francesa e indígena, a coroa publicou uma proclamação de 1763 determinando que a vasta região entre as montanhas Apalache e o rio Mississípi seria uma ampla reserva indígena. Os súditos britânicos não tinham permissão de fazerem assentamentos lá sem a aprovação da coroa. Isto reduziu agudamente a expansão para o oeste.

A primeira das medidas tarifárias coloniais de Inglaterra entraram em vigor em 1764. Isto ficou conhecido como o ato do açúcar. Ela taxava madeira, alimentos, rum e melaço. No ano seguinte uma nova tarifação, o ato do selo, foi instituída para ajudar a pagar as tropas britânicas estacionadas nas colônias.

Muitos colonos objetaram fortemente contra as tarifas e a maneira pela qual elas eram coletadas. Sob 'ordens legais de assistência' britânicas, por exemplo, os agentes aduaneiros da coroa podiam procurar onde eles quisessem os bens importados em violação dos atos. Os agentes tinham um poder quase ilimitado para procurar e tomar, sem aviso ou garantia.

Em outubro de 1765, representantes de nove colônias se reuniram, em um congresso sobre o ato do selo, em New York. Eles aprovaram uma declaração de direitos, expressando a oposição deles sobre a taxação sem representação colonial no parlamento britânico. A declaração também se opôs aos julgamentos sem júris pelas cortes do almirantado Inglês. Este ato de desafio foi parcialmente bem-sucedido. Em 17 de março de 1766, cinco meses depois do congresso sobre o ato do selo, ele foi repelido.

A despeito dos sinceros esforços do parlamento britânico em satisfazer muitas demandas coloniais, um importante movimento de independência estava se desenvolvendo nas colônias americanas. Sob a liderança de um homem chamado Samuel Adams, uma organização secreta que se autodenominava 'filhos da liberdade' começou a cometer atos de violência e de terrorismo. Eles queimaram os registros da corte do vice-almirantado e saquearam as casas de vários oficiais britânicos. Eles ameaçaram violência posterior contra os agentes do selo e outras autoridades britânicas. Os filhos da liberdade organizaram boicotes econômicos ao urgir que os colonos cancelassem os pedidos de mercadorias britânicas. Estes atos feriram a Inglaterra, porque as colônias eram muito importantes para a Bretanha como uma saída de comércio. Portanto, em 1770, a Bretanha se curvou uma vez mais aos colonos ao repelir todas as taxas, menos aquelas sobre o chá. Por aquele tempo, contudo, o fervor revolucionário estava forte demais para ser detido. O resultado foi um banho de sangue. Em 5 de março de 1770 ocorreu o 'massacre de Boston' no qual as tropas britânicas dispararam contra uma multidão em Boston e mataram cinco pessoas. As tensões continuaram a crescer e mais grupos revolucionários secretos foram formados. A Bretanha ainda não repeliria a taxação sobre o chá. Em 13 de outubro de 1773, três anos depois do massacre de Boston, colonos vestidos como índios se esgueiraram em um navio britânico ancorado na baia de Boston e jogaram grandes quantidades de chá na água. Este incidente foi a famosa 'festa do chá de Boston'.

Estes atos de rebelião fizeram, finalmente, com que o parlamento aprovasse sanções de comércio contra os colonos. As sanções simplesmente estimularam as rebeliões. Em 1774, um grupo de lideres coloniais se reuniu no primeiro congresso continental para protestar contra as ações britânicas e pedir a desobediência civil. Em março de 1775 Patrick Henry proferiu, em uma convenção na Virgínia, seu famoso discurso, "dê-me a liberdade ou dê-me a morte"; a Revolução Americana estava a caminho com a batalha de Concord, onde uma milícia colonial organizada chamada 'os homens minuto' sofreram oito baixas enquanto infligiam 273 baixas nos britânicos. Em junho do mesmo ano, George Washington, o homem que alguns historiadores acreditam, havia rolado a bola de neve duas décadas antes quando ordenou que suas tropas abrissem fogo contra os franceses no vale Ohio, foi nomeado comandante-em-chefe do novo maltrapilho exército continental.

Os historiadores notaram que os motivos econômicos não eram os únicos a impulsionarem os revolucionários americanos. Isto se tornou óbvio depois que o parlamento britânico repeliu quase que todas as tarifas que ele havia imposto. O rei George III, a despeito de ser um hanoveriano, era popular em casa e ele, inicialmente, pensou-se amigo dos colonos. Os ataques agudos contra o rei George pelos porta-vozes revolucionários americanos muito o desapontaram, porque os ataques pareciam fora de proporção ao seu real papel nos problemas dos quais se queixavam os colonos. Mais da

retórica revolucionária deveria ter sido dirigida ao parlamento. Havia claramente algo mais profundo dirigindo a causa revolucionária: os rebeldes miravam estabelecer uma ordem social inteiramente nova. A revolta deles foi atiçada por filosofias que arrastavam e abarçavam muito mais do que disputas com a coroa. Uma destas filosofias era a livre maçonaria.

Um 'quem é quem' da revolução Americana é quase um da livre maçonaria colonial americana. Os maçons livres combatendo do lado revolucionário incluíam George Washington, Benjamin Franklin (que tinha sido um maçom desde, pelo menos, 1731), Alexander Hamilton, Richard Montgomery, Henry Knox, James Madison e Patrick Henry. Os revolucionários eram também grão-mestres maçônicos incluindo Paul Revere, John Hancock e James Clinton, além de Washington e Franklin. Segundo o coronel LaVon P. Linn em seu artigo 'Freemasonry and the National Defense, 1754-1799'[1] de uma estimativa de 14.000 oficiais de todos os graus no exército continental, um sétimo ou 2.018, eram maçons livres. Eles representavam um total de 218 lojas. Uma centena destes oficiais eram generais. O coronel Linn ressalta:

> Em todas as nossas guerras, começando com as guerras francesas e indígenas e a guerra pela independência americana, as silhuetas dos militares americanos maçons têm pairado acima das batalhas. [2]

A Europa forneceu aos americanos dois maçons livres de importância. Da Alemanha veio o barão von Steuben que, pessoalmente, tranformou as tropas maltrapilhas de Washington numa aparência de um exército combatente. Von Steuben era um maçom livre alemão que tinha servido no exército prussiano como auxiliar de campo de Frederico, O grande. Ele fôra dispensado durante a desmobilização prussiana de 1763 depois da guerra dos sete anos. Ao tempo que os serviços de von Steuben foram procurados na França por Benjamin Franklin, von Steuben era um capitão meio pago que havia estado fora do serviço militar por 14 anos. Franklin, para obter a aprovação do congresso, falsificou o dossiê de von Steuben ao afirmar que ele era um tenente general. O engano funcionou, e muito, em máximo benefício do exército continental.

O segundo europeu foi o marquês de La Fayette. La Fayette era um rico nobre francês que, em seus vinte e poucos anos, tinha sido inspirado pelas notícias da revolução americana enquanto servia no exército francês na Europa; então ele viajou para a América para ajudar a causa revolucionária. Em 1778, durante seu serviço com o exército continental, La Fayette tornou-se um maçom livre. Mais tarde, depois da guerra, La Fayette revelou exatamente quão importante a livre maçonaria foi para a liderança do exército revolucionário. Em sua fala à loja 'dos quatro de Wilmington' de Delaware, durante sua última visita à América em 1824, La Fayette disse:

> Uma vez (enquanto servia sob o General Washington) eu não pude afastar de minha mente a suspeita de que o general nutria dúvidas sobre mim; esta suspeita foi confirmada pelo fato de que eu nunca havia recebido um comando-em-chefe. Este pensamento era uma obsessão e ele algumas vezes me deixava infeliz. Depois que eu me tornei um maçom livre americano o General Washington pareceu ter visto a

> luz. A partir daquele momento eu nunca mais tive razão em duvidar de sua inteira confiança. E logo após recebi um importante comando-em-chefe.[3]

Quando consideramos a proeminência dos maçons livres na revolução americana,* não deveria ser uma surpresa que, a agitação revolucionária veio, diretamente, das lojas maçônicas. Segundo o artigo do coronel Linn, a famosa festa do chá de Boston foi o trabalho de maçons vindo diretamente de uma loja:

> Em 6 de dezembro de 1773, um grupo disfarçado como índios americanos parece ter deixado a loja de St. Andrew em Boston e ido para a baía de Boston onde as cargas de chá foram atiradas ao mar de três navios das Índias Ocidentais. A loja de St Andrew fechou cedo naquela noite "por causa da pouca frequência de membros. [5]

Sven G. Lunden, em seu artigo, 'Annihilation of Freemasonry,' afirma que a loja St. Andrew era o principal corpo maçônico em Boston, Ele acrescenta:

> E no livro que costumava conter as minutas da loja e que ainda existe, há uma página quase que inteiramente em branco onde as minutas daquela memorável quinta-feira deveriam estar. Ao invés, a página tem apenas uma letra, um grande T. Pode isto ter algo ver com o chá (tea, em inglês)?[6]

Em *Sam Adams, Pioneer of Propaganda,* o autor John C. Miller descreve a hierarquia dos motins antibritânicos que desempenharam um papel tão importante no conflito. Os motins não eram apenas agregados aleatórios de colonos desgostosos. O sr. Miller explica o importante papel dos maçons livres nestes motins:

> Uma hierarquia de motins foi estabelecida durante a direção de Boston por Sam Adam: as classes mais baixas – serventes, negros e marinheiros – eram colocadas sob o comando de 'um grupo superior consistente de mestres maçons carpinteiros da cidade'; acima deles era colocado o motim dos mercadores e os filhos da liberdade…[7]

* Dois importantes líderes revolucionários que, pensa-se, *não* terem sido maçons são Samuel Adams e Thomas Jefferson. Segundo John C. Miller, escrevendo em seu livro, *Sam Adams, Pioneer in Propaganda*: É surpreendente descobrir que Sam Adams, que pertencia a quase todos os clubes liberais políticos em Boston e desempenhava a mais pesada programação das 'noites de loja' que qualquer patriota, não era um maçom. Muitos de seus amigos eram maçons de alto escalão e a loja de Boston fez muito em atiçar a revolução, mas Sam Adams nunca se uniu a Sociedade Maçônica.[4]

O nome de Thomas Jefferson foi registrado nos procedimentos da grande loja da Virgínia, em 1883, como um visitante à loja de Charlottesville nº 60, em 20 de setembro de 1817. A *Pittsburg Library Gazette*, Vol. 1, de 4 de agosto de 1828, menciona Jefferson como um maçom notável. Durante sua vida, ele foi até mesmo acusado de ser um agente do 'Illuminati' bávaro de Weishaupt. Mais recentemente, alguns rosacrucianos citam Jefferson como um membro de sua irmandade. A despeito de tudo isto, os registros reais da afiliação de Jefferson em qualquer uma destas organizações parecem ter sido perdidos, ou são inexistentes, exceto este de visitante por uma vez da lLoja Charlottesville. Por esta razão, alguns historiadores maçônicos acreditam que Jefferson ou era um maçom não ativo, ou não era mesmo um membro.

As lojas maçônicas não chegaram tardiamante na causa revolucionária. Há evidência que elas foram as instigadoras iniciais. Ao menos uma loja se engajou na agitação desde o início. Cartas e jornais do início dos anos de 1760 revelam que a sociedade maçônica de Boston estava atiçando um sentimento antibritânico já ao fim da guerra dos sete anos, uns bons dez anos antes da revolução realmente começar:

> A sociedade maçônica de Boston apimentou (governador Thomas) Hutchinson e o governo real de seu lugar de encontro em *Adjutant Trowel's long Garret*, onde foi dito que mais sedição (incitação a revolta), libelos e vulgaridade foram incubados do que em todos os sótãos em Grubstreet. Otis e sua irmandade maçônica se tornaram tais adeptos vituperadores que os amigos de Hutchinson acreditavam que eles deviam ter 'saqueado Billingsgate e os Stews' por lama para atirarem na aristocracia de Massachusetts.[8]

Devemos imaginar como as lojas americanas se tornaram fontes de revolta quando aproximadamente todas elas haviam iniciado com a carta de direitos sob o sistema inglês o qual, como recordamos, era pró-hanoveriano e proibia a controvérsia politica dentro das lojas. Deve-se ter em mente que, por volta dos anos de 1760, os graus templários anti-hanoverianos tinham se tornado firmemente estabelecidos na Europa e também haviam viajado secretamente para muitas das lojas das colônias americanas.

Por exemplo, como mencionado no capítulo anterior, a loja de St. Andrew de Boston, que havia perpetrado a festa do chá de Boston em 1773, conferiu um grau templário já em 28 de agosto de 1769, depois de se candidatar à garantia de 1762 da grande loja escocesa em Edimburgo. Esta candidatura foi feita quase uma década antes da revolução americana começar. Alguns templários não eram apenas anti-hanoverianos, eles desejavam a abolição de toda a monarquia.

A importância filosófica da livre maçonaria para os revolucionários americanos pode também ser vista nos símbolos que os líderes escolheram para representar a nova nação americana. Eles eram símbolos da irmandade/maçônicos.

Entre os mais importantes símbolos de uma nação está o selo nacional. Uma proposta inicial para o selo americano nacional foi submetida por William Barton em 1782. No canto superior direito do desenho de Barton esta uma pirâmide com a ponta faltando. No lugar desta ponta está o triangular 'olho onipresente de Deus'. O olho onipresente, como recordamos, a muito tem sido um dos mais importantes símbolos da livre maçonaria. Ele foi até mesmo costurados nos aventais maçônicos de George Washington, Benjamin Franklin e outros revolucionários maçônicos. Acima da pirâmide e do olho, na proposta de Barton, estavam as palavras em latim, *Annuit Ceoptis*, que significam – "Ele (Deus) prosperou o nosso início". Na parte inferior esta a inscrição *Novus Ordo Seclorum:* 'O início de uma nova ordem de eras'. Esta inscrição inferior nos diz que os lideres da revolução buscavam uma ampla meta universal que abrangia muito mais do que suas preocupações imediatas como colonos. Eles estavam divisando uma mudança na ordem social mundial inteira, que segue a meta anunciada na *Fama Fraternitis*.

A pirâmide de Barton e as acompanhantes inscrições em latim foram adotadas em sua inteireza. O desenho ainda é parte do grande sêlo americano que pode ser visto na parte de trás da nota de um dólar.

A principal porção do desenho de Barton não foi adotada, exceto por uma pequena parte. No centro da proposta de Barton há um escudo com duas figuras humanas de pé, de um e outro lado. Acima do escudo, uma fênix com as asas abertas; no meio há uma pequena fênix queimando em sua pira funerária. Como discutido anteriormente, a fênix é um símbolo da irmandade usado desde os dias do Egito antigo. A fênix foi adotada pelos pais fundadores para uso no reverso do primeiro selo oficial dos EUA, seguindo o desenho proposto por Charles Thompson, secretário do Congresso Continental. A primeira cunhagem do selo dos EUA apresenta um pássaro topetudo de longo pescoço: a fênix. A fênix tem em sua boca uma bandeira com as palavras *E Pluribus Unum* (‘Fora de Muitos, um’). Acima da cabeça da ave estão treze estrelas rompendo das nuvens. Em uma garra a fênix tem um grupo de flechas e no outro, um ramo de oliveira. Algumas pessoas confundiram a ave como um peru selvagem, por causa do longo pescoço; contudo, a fênix também tem um longo pescoço e todas as outras características da ave indicam claramente que era uma fênix. A cunhagem foi aposentada em 1841 e a fênix foi substituída pela águia careca - o pássaro nacional da América.

Os maçons livres consideram que seus laços fraternos transcendem suas divisões politicas e nacionais. Enteratanto, quando a guerra pela independência americana acabou, as lojas americanas se separaram da grande loja mãe de Londres e criaram sua própria grande loja americana autônoma. Os graus escoceses logo se tornaram dominantes na livre maçonaria americana. As duas maiores formas de livre maçonarias praticadas nos EUA hoje são o rito York (uma versão do original rito York inglês) e o rito escocês. O moderno rito York tem um total de dez graus: o mais alto é o de cavaleiro templário. O rito escocês tem um total de 33 graus, muitos dos quais são graus de cavaleiros.

A influência da livre maçonaria na politica americana permaneceu forte muito depois de terminada a revolução. Aproximadamente um terço de todos os presidentes americanos foram livres maçons, a maioria deles do rito escocês.*

* Além de George Washington e James Madison, os maçons livres na presidência foram: James Monroe (iniciado em 9 de novembro de 1775), Andrew Jackson (in. 1800), James Polk (in. 5 de junho de 1820), James Buchanan (in. 11 de dezembro de 1816), Andrew Johnson (in. 1851), James Garfield (in. 22 de novembro de 1861 ou 1862), William McKinley (in 1º de maio de 1865), Theodore Roosevelt (in. 2 de janeiro de 1901), William Howard Taft (in. 18 de fevereiro de 1908), Warren Harding (in. 28 de junho de 1901), Franklin D. Roosevelt (in. 10 de outubro de 1911), Harry S. Truman (in. 9 de fevereiro de 1909) e Gerald Ford (in. 1949). A lista de proeminentes maçons livres americanos também inclui o falecido J. Edgar Hoover, fundador do FBI, que alcançou o mais alto grau no rito escocês (o 33º) e o candidato presidencial Jesse Jackson (in. 1988). Famosos artistas americanos também foram membros, tais como Mark Twain, Will Rogers e W. C. Fields.

A influência da livre maçonaria na politica americana se estendeu para além da presidência. O Senado e a Casa de Representantes dos EUA tiveram uma grande afiliação maçônica na maior parte da história da nação. Em 1924, por exemplo, uma publicação maçônica listou 60 senadores como maçons livres. Eles constituíam mais de 60% do Senado. Mais de 290 membros da Casa de Representantes também foram indicados como membros de lojas. Esta presença maçônica tem, de certa, forma diminuído nos anos recentes. Em um suplemento de publicidade intitulado 'Freemansory, A way of life', a grande loja da Califórnia revelou que no 97º Congresso (1981-1983), haviam apenas 28 membros de lojas no Senado e 78 na Casa dos Representantes. Conquanto isto represente uma queda substancial desde a década de 1920, a livre maçonaria ainda tem uma representação de bom tamanho no Senado, com mais de um quarto do corpo legislativo populado por membros maçons.

A revolução americana foi mais do que uma rebelião local. Ela envolveu muitas nações. A França era um participante secreto da causa americana muito tempo antes do real inicio da guerra. Já em 1767, o ministro do exterior francês, o duque de Choiseul, tinha enviado agentes secretos para avaliar a opinião pública e determinar quão longe as sementes da revolta tinham crescido. A França também despachou agentes provocadores para as colônias para, secretamente, atiçar o sentimento anti-britânico. Em 1767, Benjamin Franklin, que ainda não estava comprometido com a guerra armada contra a Inglaterra, acusou a França de tentar *explodir os carvões* entre a Bretanha e seus súditos americanos. Depois que Choiseul foi deposto em 1770, seu sucessor, o conde de Vergennes, continuou a politica de Choiseul e foi instrumental em trazer o apoio militaraberto da França à causa americana depois que a guerra pela independência começou. *

Frederico, o grande, da Prússia foi outro a abertamente apoiar os rebeldes americanos. Ele estava entre os primeiros governantes europeus a reconhecer os EUA como uma nação independente. Federico até mesmo foi mais longe ao fechar seus portos aos mercenários hessianos que embarcavam para combater os revolucionários. Exatamente o quanto Frederico estava envolvido com a causa americana pode nunca vir a ser conhecido, contudo, não há dúvida que muitos colonos se sentiam em débito com ele e o viam como um de seus lideres morais e filosóficos. Décadas depois da Revolução, um número de lojas maçônicas na América adotaram vários graus escoceses que, alegadamente, haviam sido criados por Frederico. A primeira loja americana de rito escocês que foi estabelecida em Charleston, Carolina do Sul, publicou uma circular em 10 de outubro de 1802 declarando que a autorização de seu mais alto grau veio de Frederico, que eles ainda viam como o chefe de todos os maçons livres:

* Interessantemente, Vergennes também era um maçom livre. Ele apoiou alguns dos maçons livres franceses, como Voltaire, que estavam criando um fervvilhante clima intelectual que conduziu à revolução francesa. A revolução francesa derrubou o rei de Vergennes, Luiz XVI, no período de uma década após a morte de Vergennes. É irônico que, enquanto vivo, Vergennes havia se oposto a todas as reformas profundamente assentadas da sociedade francesa. Ele entretanto, ajudou a criar o descontentamento popular que fez tanto para tornar bem-sucedida a revolução francesa.

> Em 1º de maio de 1786 (5786), a grande constituição do 33º grau, chamado o supremo conselho dos grandes inspetores gerais soberanos, foi ratificado por sua majestade o rei da Prússia, que como grande comandante da ordem do príncipe do segredo real,* possuía o poder maçônico soberano sobre toda a maçonaria. Na nova constituição este poder foi conferido ao supremo conselho de nove irmandades em cada nação, que possui todas as prerrogativas maçônicas em seu próprio distrito que sua majestade possui individualmente e são soberanos da livre maçonaria. [10]

Alguns eruditos argumentam que Frederico não estava ativo na maçonaria livre em fim dos anos de 1700. Eles sentem que seu nome foi simplesmente usado para emprestar ao rito um ar de autoridade. Este argumento bem pode ser verdade ou, ao menos, parcialmente. A importância do panfleto de Charleston reside na lealdade que o inicial rito escocês americano abertamente proclamou às fontes maçônicas alemãs tão cedo, depois da fundação da nova república americana.

Conquanto alguns maçons livres alemães da Prússia estivessem ajudando a causa americana, outros maçons alemães estavam ajudando a Grã-Bretanha e com um enorme lucro. Aproximadamente 30.000 soldados alemães foram alugados à Grã-Bretanha por seis estados alemães: Hesse-Kassel, Hesse-Hanau, Brunswick, Waldeck, Anspach-Bayreuth e Anhalt-Zerbst. Mais da metade destas tropas foi fornecida por Hesse-Kassel; portanto, todos os soldados alemães eram conhecidos como ‘hessianos’. As tropas de Hesse-Kassel eram consideradas as melhores entre os mercenários; seu acurado poder de fogo era temido pelas tropas coloniais. Em muitas batalhas, haviam mais alemães combatendo pelos britânicos do que soldados britânicos. Na batalha de Trenton, por exemplo, os alemães eram os únicos soldados contra os quais os americanos lutaram. Isto não significa que os soldados alemães eram especialmente leais à Bretanha, ou até mesmo a seus próprios governantes alemães. Quase um sexto dos mercenários alemães (estimados em 5.000) desertaram e permaneceram na América.

* Os graus no rito escocês são agrupados em seções e cada seção recebe um nome. A ordem do príncipe do segredo real é hoje chamada de conselho dos príncipes sublimes do segredo real e contem os 31º e 32º degraus do rito escoces. Outra indicação da admiração inicial do rito escocês por coisas prussianas é encontrada no título do 21º grau, que é chamado de *Noachite*, ou *cavaleiro prussiano*.

O uso de mercenários alemães criou uma excitação tanto na Inglaterra quanto na América. Muitos lideres britânicos, incluindo os apoiadores do monarca, objetaram a alugar os soldados estrangeiros para subjugar súditos britânicos. Para os alemães, o arranjo foi tão lucrativo quanto sempre. O duque de Brunswick, por exemplo, recebeu 11.517 libras 17 schillings e 1 e meio pence pelo primeiro ano de aluguel e duas vezes este valor durante cada um dos seguintes dois anos. Além disso o duque recebeu o 'dinheiro por cabeça' de mais de 7 libras para cada homem, para um total de 42.000 libras para os seis mil soldados de Brunswick. Para cada soldados morto, era pago a Brunswick uma taxa adicional, com três feridos contando como um morto. O príncipe de Hesse-Kassel, Frederico II, ganhou aproximadamente 21.000.000 thaler (uma moeda alemã) por suas tropas hessianas, reunindo um total líquido de aproximadamente 5 milhões de libras britânicas. Esta era uma soma quase jamais vista durante seus dias e respondia por mais de metade da fortuna de Hesse-Kassel herdada por William IX, quando seu pai morreu em 1785. O tesouro de Hesse-Kassel se tornou uma dos maiores (alguns dizem que *a* maior) das fortunas principescas na Europa por causa da revolução americana.

A revolução americana seguiu o padrão das revoluções anteriores ao enfraquecer o chefe de estado e criar uma legislatura mais forte. Tristemente, os revolucionários americanos também deram à sua nova nação o mesmo papel-moeda inflacionável e sistemas de banco central que tinham sido erigidos pelos revolucionários na Europa. Até mesmo antes que a revolução americana vencesse, o Congresso Continental tinha ido ao negócio do papel-moeda inflacionável ao imprimir dinheiro conhecido como 'notas continentais'. Estas notas foram declaradas legais pelo congresso sem nada para sustentá-las. O Congresso Continental usou as notas para comprar as mercadorias que ele necessitava para lutar a guerra revolucionária. Os colonos cooperativos aceitaram o dinheiro sob a promessa que as notas seriam sustentadas por algo depois que a guerra fosse vencida. Na medida em que as notas continentais continuavam a sair da prensa de Ben Franklin, a inflação apareceu. Isto fez com que mais notas fossem impressas, o que desencadeou uma hiperinflação. Depois que a guerra foi ganha e a nova moeda 'dura' (moeda sustentada por metal) foi criada, as notas continentais apenas eram resgatáveis pela nova moeda na taxa de um centavo para um dólar. Esta foi uma outra lição clara e dolorosa sobre como o papel-moeda, a inflação e a desvalorização podem ser instrumentos eficazes para ajudar as nações a lutarem guerras.

Ironicamente, alguns pais fundadores americanos usaram a experiência das notas continentais para urgir a criação de um banco central nos moldes do banco da Inglaterra para melhor controlar a moeda da nova nação americana. O proposto banco central foi uma matéria quente de debate com fortes emoções acontecendo pró e contra o plano. A facção pró banco central venceu. Depois de vários anos de controvérsia, o primeiro banco central da América, o banco dos EUA, foi fundado em 1791. A carta de direitos expirada vinte anos mais tarde, foi renovada depois de um lapso de cinco anos, foi vetada pelo presidente Andrew Jackson em 1836, reconquistou sua carta 27 anos depois (em 1863) e finalmente, se tornou o banco *Federal Reserve*, que é o banco central da América hoje. Embora uma oposição considerável a um banco central sempre tenha existido nos EUA, o país teve um, sob um nome ou outro, na maior parte de sua história.

O pai fundador creditado pela criação do primeiro banco central da América foi Alexander Hamilton. Hamilton havia se unido ao movimento revolucionário no início dos anos de 1770 e se elevou ao escalão de tenente-coronel e ajudante de campo da equipe de Washington por 1777. Hamilton era um bom comandante militar e se tornou um amigo íntimo de George Washington e do marques de La Fayette. Depois que a guerra acabou, Hamilton estudou leis, foi admitido como advogado e em fevereiro de 1784 fundou e se tornou diretor do banco de Nova York.

A meta de Hamilton era criar um sistema bancário americano nos moldes do banco da Inglaterra. Hamilton também queria que o novo governo americano assumisse todas as dívidas estatais e as transformasse em um enorme débito nacional. O governo nacional era para continuar aumentando seu débito ao tomar emprestado do proposto banco central de Hamilton, que seria de propriedade particular e operado por um pequeno grupo de financiadores.

Como faria o governo americano para repagar todo este debito?

Em um ato de suprema ironia, Hamilton queria colocar impostos sobre as mercadorias, exatamente como os britânicos haviam feito antes da revolução! Depois que Hamilton se tornou secretário do tesouro, ele instituiu um imposto sobre as bebidas destiladas. Este imposto resultou na famosa rebelião do whiskey de 1794, na qual um grupo de pessoas da montanha se recusou a pagar o imposto e começou a falar abertamente de rebelião contra o novo governo americano. Por insistência de Hamilton, o presidente George Washington chamou a milícia e teve a rebelião esmagada militarmente! Hamilton e seus apoiadores conseguiram estabelecer nos EUA uma situação idêntica à da Inglaterra antes da revolução americana: uma nação profundamente em débito que deve restaurar sua taxação sobre seus cidadãos para repagar este débito. Pode-se legitimamente perguntar; porque Hamilton e Washington participaram da revolução americana? Eles simplesmente usaram sua influência para criar as mesmas instituições, na América, que os colonos haviam considerado tão odiosas sob o governo britânico. Esta questão é especialmente relevante hoje, na medida em que os EUA enfrentam um alucinante débito nacional de mais de três trilhões de dólares e um enorme fardo de impostos sobre seus cidadãos, muito mais alto do que qualquer coisa até mesmo concebida pelos britânicos para ser imposta sobre os colonos no século XVIII.

Embora os planos de Hamilton fossem grandemente bem-sucedidos, eles não o foram sem considerável oposição. Liderando a luta contra o estabelecimento de um banco central de propriedade particular estavam James Madison e Thomas Jefferson. Eles queriam que o governo fosse o emissor da moeda nacional, não um banco central. Em uma carta datada de 13 de dezembro de 1803, Jefferson expressou sua forte opinião sobre o banco dos EUA:

> Esta instituição é uma das hostilidades mais mortais existentes, contra os princípios e forma de nossa constituição. [11]

Ele acrescentou:

> …uma instituição como esta, penetrando seus ramos em todas as partes da União, agindo pelo comando e em uníssono com uma falange pode, em um momento crítico, desapontar o governo. Não considero qualquer governo seguro que esteja sob a vassalagem de autoridades auto-constituídas, ou qualquer outra autoridade, do que aquela da nação ou de seus funcionários regulares. [12]

Embora uma das objeções de Jefferson a um banco central repousasse sobre suas preocupações que um tal banco possa ser uma *obstrução* durante tempos de guerra ele foi, não obstante, muito previdente sobre alguns dos efeitos que uma tal instituição teria. Não apenas os bancos centrais americanos criaram grandes pânicos financeiros em 1893 e 1907, mas a irmandade financeira operando o banco central americano tem exercido e continua a exercer hoje, uma forte influência nos negócios americanos, especialmente nos assuntos externos, exatamente como Jefferson havia avisado. Foi a poderosa influência de Jefferson, incidentalmente, que causou a demora de cinco anos na renovação da carta de direitos do banco em 1811.

Acabamos de ver a Revolução Americana sob uma luz menos rósea. Houve, contudo, uma poderosa influência humanitária funcionando dentro do círculo dos pais fundadores que deve ser reconhecida. Os EUA são hoje um dos países mais livres, resultado direto desta influência, mesmo que os americanos ainda estejam longe de serem pessoas completamente livres. Os fundadores americanos firmaram importantes liberdades, especialmente aquelas de expressão, reunião e religião. Uma excelente constituição foi criada para os EUA que se tem provado altamente funcional em uma tal sociedade grande e diversa.

O genocídio que parecia caminhar junto à anterior atividade politica da irmandade está suspeitosamente ausente na revolução americana. Os maçons livres americanos hoje são orgulhosos do papel que sua irmandade desempenhou em criar a nação americana e justificadamente. A centelha do humanitarismo que periodicamente emerge na rede da irmandade certamente assim o fez novamente durante a fundação da república americana.

Se fossemos nomear uns poucos dos mais importantes humanitários entre os pais fundadores, devemos listar figuras muito bem conhecidas como Thomas Jefferson, James Madison, Patrick Henry e Richard Henry Lee. Um dos mais importantes pais fundadores é raramente mencionado, contudo. Ele é um a cuja memoria nenhum grande monumento foi erigido em Washington, D.C. Seu retrato não aparece em qualquer moeda americana e ele nem mesmo teve um selo postal em sua honra até 1981. Este homem foi George Mason.

George Mason foi descrito por Thomas Jefferson como “um de nossos homens realmente grandes e da primeira ordem de grandeza”.[13] Mason é o mais negligenciado dos pais fundadores porque ele ignorou a glória politica, evitou os mandatos e nunca foi famoso por sua oratória; ainda assim, ele permaneça um dos homens de maior visão entre os que criaram a nação americana. Depois da revolução, George Mason se opôs aos planos de

Hamilton e declarou que Hamilton tinha “nos causado mais ferimentos do que a Grã-Bretanha e todas as suas frotas e exércitos”.[14]

Foi George Mason que pressionou duramente pela adoção de uma carta federal de direitos. As dez emendas à constituição americana que constituem a carta de direitos são baseadas na anterior declaração de direitos da Virgínia de Mason, escrita por ele em 1776. A carta de direitos quase não entrou na Constituição americana e ela não teria entrado se Mason não tivesse se engajado em uma acalorada batalha por sua inclusão. A despeito de sua má saúde crônica, Mason publicou panfletos influentes denunciando a proposta constituição, porque faltava a ela a especificação dos direitos individuais. A maioria dos rascunhadores da constituição, incluindo Alexander Hamilton, declarou que uma carta de direitos era desnecessária devido ao equilíbrio e limitação dos poderes imposto sobre o governo federal pela constituição. Mason persistiu e foi apoiado por Richard Henry Lee e Thomas Jefferson. Com o apoio de James Madison, a carta de direitos foi finalmente enviada para ratificação nas horas finais. Quando consideramos o quanto o governo federal tem crescido desde então e quão crucial tem se tornado a carta de direitos, podemos apreciar quem foi realmente o homem de visão chamado George Mason. Sua previdência e humanitarismo também eram manifestados em suas tentativas de abolir completamente a escravidão. A um tempo quando até mesmo os seus amigos George Washington e Thomas Jefferson eram proprietários de escravos, George Mason denunciou o comércio da escravidão como ‘uma desgraça para a humanidade’ e trabalhou para que isto fosse considerado ilegal em todos os estados. George Mason não teve sucesso nesta busca durante sua vida, mas seu sonho se tornaria verdade menos de um século depois, quando a escravidão foi abolida nos EUA pela 13ª Emenda da constituição.*

Embora a maioria das crianças americanas em idade escolar não tenha ouvido muito sobre George Mason em suas lições de história ou tenha seu retrato pendurado nas salas de aula, ele foi um dos grandes heróis da liberdade humana.

A renovada centelha de humanitarismo que se elevou durante a revolução americana logo seria sombreada. O estabelecimento do sistema do papel-moeda inflacionável nos EUA foi uma pista que algo estava pessimamente perdido na rede da irmandade. Na medida em que revoluções similares lideradas pelos maçons livres irrompiam pelo mundo, os velhos horrores reemergiram. Um desses horrores foi o calculado genocídio.

* La Fayette e uns poucos outros maçons livres também merecem crédito pelo sucesso do movimento anti-escravidão. Eles pertenciam a uma organização maçônica conhecida como *Societe des Amis des Noirs* (sociedade de amigos dos negros) que trabalhava para trazer a emancipação universal dos negros. Infelizmente, o arianismo ainda permanecia muito vivo em outros ramos da irmandade.

29 - O Mundo em Chamas

Um importante subproduto da revolução americana foi a redefinição filosófica de como as pessoas viam a revolução. Quando Benjamin Franklin estava na França para ganhar apoio militar para a causa americana, ele se engajou em uma intensa campanha de relações públicas. Ele promulgou vigorosamente a ideia da 'revolução virtuosa' – um conceito que já havia encontrado um favorecimento crescente nas lojas maçônicas. O público, naquele tempo, tendia a ver a revolução violenta como um crime contra a sociedade. Franklin foi bem sucedido em mudar esta percepção ao encorajar as pessoas a aceitarem as revoluções violentas como passos no progresso da humanidade. Os revolucionários não eram mais vistos como criminosos, ele argumentou, porque eles eram idealistas corretamente buscando a liberdade e a justiça. Um novo moto apareceu: "A revolução contra a tirania é o mais sagrado dos deveres."[1] Estas ousadas idéias eletrizaram Paris e ajudaram a ganhar o apoio francês para a causa americana, mas com um terrível custo a longo prazo para a sociedade humana. As idéias expressadas por Franklin tem ajudado a estimular infindáveis revoluções sangrentas desde então.

A revolução americana foi seguida por muitas outras revoluções e/ou estabelecimento de governos sob o estilo de repúblicas pelo mundo ocidental e América do Sul. O sucesso da revolução americana tornou fácil reunir pessoas para o combate. Testemunhamos durante esta era da Revolução francesa, a criação da República Batava na Holanda (1795-1806), República Helvética na Suíça (1798-1805), República Cisalpina no norte da Itália (1797-1805), República Liguriana em Gênova (1797-1805) e a República Partenopeana no sul da Itália. Entre 1810 e 1824, as colônias espanholas na América do Sul tomaram armas e ganharam sua independência politica. Em 1825, a revolta Decembrista irrompeu na Rússia. Uma segunda revolução irrompeu na França em 1830. Neste mesmo ano, uma revolta na Holanda trouxe a soberania da Bélgica. Uma revolução polonesa em 1830 e 1831 foi desencadeada com sucesso pela Rússia. Em 1848, uma maior atividade revolucionaria varreu a Europa estimulada pelo colapso internacional do crédito, causado em boa parte pelo novo sistema de papel-moeda inflacionável, más colheitas e uma epidemia de cólera.

Em quase todas estas revoluções, continuamos a ver importantes posições de liderança revolucionária mantidas pelos maçons livres. Durante a primeira revolução francesa, um líder rebelde chave foi o duque de Orleans, que era grão-mestre da maçonaria francesa, antes de sua reúncia no auge da revolução. O marques de La Fayette, que havia sido iniciado na irmandade maçônica por George Washington, também desempenhou um papel importante na causa revolucionária francesa. O clube jacobino, que foi o núcleo radical do movimento revolucionário francês, foi fundado por proeminentes maçons. Segundo o artigo de Sven Lunden, 'A Aniquilação da livre maçonaria':

> Herbert, André Chenier, Camille Desmoulins e muitos outros girondinos' (republicanos moderados franceses que apoiavam o governo republicano contra a monarquia) da revolução francesa eram maçons livres. [2]

Os maçons livres foram os lideres primários da revolução decembrista de 1825 na Rússia. Parte do planejamento para aquela revolta ocorreu dentro das lojas deles.

Na América do Sul, segundo Richard DeHaan, escrevendo na *Collier's Encyclopedia*:

> A ordem (livre maçonaria) desempenhou um importante papel em disseminar o liberalismo e a organização de revolução politica na América Latina. Como a maçonaria livre francesa, o movimento latino-americano era, geralmente, também anticlerical. No México e na Colômbia os maçons ajudaram a conquistar a independência da Espanha, enquanto que no Brasil eles trabalharam contra o domínio português.[3]

Mr. Lunden concorda:

> Na América Latina, também, o processo de libertação do núcleo espanhol foi, em grande medida, trabalho dos maçons livres. Simon Bolívar foi um dos mais ativos dos filhos da maçonaria, e assim o foram San Martin, Mitre, Alvear, Sarmiente, Benito Juarez – todos nomes consagrados pelos latino-americanos.[4]

A respeito de outras revoluções, Mr. Lunden acrescenta:

> Muitos dos lideres no grande ano de 1848, que viu tantos levantes contra o governo feudal na Europa, foram membros da ordem; entre eles estava o grande herói húngaro da democracia, Louis Kossuth, que encontrou refúgio temporário na América.[5]

Os anos de 1800 também testemunharam as guerras de unificação italiana, lideradas por Giuseppe Garibaldi (1807-1882), que era um maçom do 33º grau e um grão-mestre na Itália. O vitorioso Garibaldi colocou Victor Emmanuel, um outro maçom livre, no trono.

As guerras italianas de unificação deixaram dois importantes legados: uma Itália unida e a máfia moderna. A máfia foi uma sociedade secreta frouxamente costurada fundada na Sicília em meados dos anos de 1700. De início, a máfia era um movimento de resistência formado para se opor aos governantes estrangeiros que controlavam a Sicília naquele tempo. Os mafiosos iniciais eram heróis populares que se especializavam em atos criminosos contra os odiados estrangeiros. A máfia construiu um movimento subterrâneo na Sicília e manteve o poder por extorsão. A máfia ajudou Garibaldi quando ele invadiu a Sicília em 1860 e se auto declarou ditador da ilha. Depois que os governantes estrangeiros foram expulsos e a Itália foi unificada, a máfia se tornou a violenta rede criminosa que conhecemos hoje.

A livre maçonaria foi, claramente, um importante catalisador na criação do moderno estilo ocidental de governo. A grande maioria dos maçons livres que participaram nas revoluções era bem-intencionada. A forma representativa de governo que eles ajudaram a criar era, certamente, um melhoramento sobre alguns dos governos que eles substituíram.* Lamentavelmente, os sublimes ideais destes maçons livres estavam em processo de uma acelerada traição por fontes dentro da própria rede da irmandade.

Uma consequência da Revolução Francesa foi a severa desrrupção da economia francesa. A produção de alimentos tinha caído severamente e o novo regime estava em profundo problema político porque a maioria dos franceses ainda era leal à monarquia. Sob esta nuvem, o governo revolucionário decidiu resolver os problemas da oposição politica, fome e distribuição de riqueza reduzindo a população humana da França. Ao invés de aumentar a produção de alimentos para atender a demanda, foi decidido reduzir a demanda para se enquadrar à diminuída quantidade de alimentos. Por toda a nação francesa, um programa de assassinato em massa foi lançado como um programa oficial do conselho revolucionário. Este programa foi conhecido como reino do terror. As pessoas eram levadas à morte por todos os meios imagináveis, incluindo a guilhotina, o afogamento em massa, porretadas, tiros e fome. Embora nem tantas pessoas tenham sido mortas quanto aquelas planejadas pelo conselho, estima-se que mais de 100.000 pessoas morreram.

Temos notado que os genocídios são cometidos ao agruparem-se pessoas em categorias superficiais geralmente baseadas em raça, crença religiosa ou nacionalidade. As vítimas são então marcadas para a matança mesmo que não sejam culpadas de qualquer crime contra seus assassinos. Os revolucionários franceses levaram o processo ao extremo. Durante o reino do terror, as pessoas eram agrupadas simplesmente segundo sua posição econômica e vocacional. Aqueles que caiam nas categorias erradas eram considerados membros de uma classe social indesejável e eram mortos. Isto foi certamente uma distinção tão superficial quanto alguém possa fazer, porém, agrupar pessoas deste modo foi extremamente bem-sucedido em criar facções de seres humanos.

A Revolução Francesa arrastou quase todos os maiores poderes da Europa a uma guerra. Inicialmente beneficiando-se disto estava William IX, o príncipe que havia herdado a imensa fortuna de Hesse-Kassel. William IX alugou, por uma bela soma, 8.000 soldados à Inglaterra para lutar contra os franceses durante a primeira metade dos anos de 1790. Quando Napoleão Bonaparte mais tarde se tornou imperador da Franca, William IX pareceu ganhar até mesmo mais. Depois que as tropas de Napoleão ocuparam regiões alemãs a oeste do Rio Reno, incluindo algumas propriedades hessianas, Napoleão compensou William IX ao premiá-lo com uma grande seção de Mainz e ao conferir a William o título de Eleitor, um status mais alto do que príncipe.

* Isto não dizer que a monarquia seja sempre má. A História tem visto uns poucos monarcas benevolentes que governaram bem, que podiam agir pela paz e que eram populares com seu povo. A liderança hereditária ou por toda uma vida tem a vantagem da estabilidade. Ela pode funcionar se o monarca é responsbilizado por suas ações e pode ser removido por incompetência crônica ou abuso de poder. As monarquias raramente funcionaram bem na terra porque os monarcas têm, geralmente, governado pelo chamado ‘direito divino’ e não foram, portanto, responsbilizados perante as pessoas que eles governavam.

A cordialidade entre Napoleão e o Eleitor William não durou muito tempo. William IX tentou jogar o mesmo truque de cortejar ambos os lados do conflito para fazer fortuna ao alugar soldados. William, tolamente, arrendou mercenários ao rei prussiano por um quarto de milhão de libras para combater Napoleão e então tentou afirmar 'neutralidade'. Verdadeiro ao aviso de Machiavelli, este jogo duplo finalmente foi descoberto e voltou-se contra a casa de Hesse. Hesse-Kassel logo foi anexada e feita parte do 'reino da Westfália' de Napoleão. Não foi senão depois da derrota de Napoleão na Batalha de Leipzig em 1813 que William IX foi capaz de retomar Hesse-Kassel. Hesse-Kassel continuou sob o controle da dinastia dele até 1866, quando foi tomada pela Prússia. Embora a família real hessiana tenha permanecido influente na sociedade alemã até bem dentro do século XX, ela nunca reconquistou o governo exclusivo sobre seu território. Hesse se uniu ao que se tornou a Alemanha moderna – um país que foi unificado em grande parte pela família prussiana da dinastia Hohenzollern.

A despeito dos reveses sofridos por Hesse-Kassel, as rebeliões na França provaram ser um estrondo para um dos agentes financeiros de William IX: Mayer Amschel Rothschild (1743-1812), fundador de uma das mais influentes casas bancárias da Europa.

Mayer Amschel era um mercador que trabalhava duro e muito ambicioso que começou sua carreira no gueto judeu de Frankfurt-am-Main em Hesse. Em 1765, duas décadas antes da revolução francesa, Rothschild conseguiu uma audiência difícil de conseguir com o Príncipe William IX, que ainda estava, naquele tempo, vivendo em Hesse-Hanau. Mayer Amschel se esforçou para cair nas graças do príncipe hessiano ao vender moedas antigas a William a preços extremamente baixos. William, que sempre mantinha um olho aberto para aumentar suas fortunas materiais de qualquer modo possível, ficou deliciado em tirar vantagem das generosas barganhas de Rothschild. Como uma recompensa, William garantiu a solicitação de Rothschild de ser indicado um agente da coroa para o príncipe de Hesse-Hanau. Esta indicação, feita em 1769, era mais honorária do que substancial, mas ela deu a Mayer Amschel um grande impulso em sua posição na comunidade e ajudou seus esforços para criar uma casa bancária bem sucedida.

Durante os vinte anos seguintes à sua indicação, Mayer Amschel continuou a manter um estreito contacto com o príncipe William IX. A meta de Rothschild era se tornar um dos agentes financeiros pessoais do príncipe. A perseverança de Rothschild foi finalmente recompensada. Em 1789, o ano no qual a revolução francesa começou e quatro anos depois que William IX herdou a riqueza de Hesse-Kassel, Mayer recebeu sua primeira designação financeira em beneficio do príncipe William. Isto, por sua vez, levou à desejada posição como agente financeiro do príncipe.

Rothschild fez uma fortuna de várias atividades enquanto servia sob William IX. A revolução francesa e as guerras que esta desencadeou criaram muitas carências por toda Hesse. Rothschild capitalizou sobre esta situação ao elevar enormemente os preços das roupas que ele estava importando da Inglaterra. Rothschild também fechou um acordo com um outro agente financeiro principal de William IX, Carl Buderus. O acordo possibilitava Rothschild partilhar dos lucros do aluguel dos mercenários hessianos para a Inglaterra.

Virgínia Cowles, escrevendo em seu excelente livro, *The Rothschilds, A Family of Fortune*, descreveu o arranjo:

> Neste ponto, Mayer fez uma proposta ao empreendedor Carl Buderus. A Inglaterra estava pagando ao landgraveWilliam IX grandes somas de dinheiro pelo aluguel dos soldados hessianos; e os Rothschilds estavam pagando à Inglaterra grandes somas de dinheiro pelos bens que eles estavam importando. Porque não deixar que o movimento de duas mãos se cancelasse e embolsar as comissões de ambos nas cartas de câmbio? Buderus concordou e logo esta corrente entrava para o arcabouço dos Rothschild e estava produzindo um impressionante rendimento.[6]

A partir destes inícios nasceu a casa de Rothschild, assim chamada por causa do escudo vermelho ('roth' (vermelho) e 'schild' (escudo)) usado como seu emblema. A família Rothschild logo se tornou sinônimo de riqueza, poder e banco. Por gerações, a casa de Rothschild foi a mais poderosa família bancária da Europa e permanece influente na comunidade bancária internacional até hoje. Partilhando da csa de Rothschild em Frankfurt durante seus dias iniciais estava a família Schiff. Os Schiffs também se tornaram uma grande família bancária e eles tem feito negócios com os Rothschilds todo o tempo até nossos dias.

O controle da casa Rothschild, bem como muitas outras casas bancárias, passou de pai para filho (s) durante gerações. Os Rothschilds, Schiffs e outras famílias bancárias eram verdadeiramente parte de uma 'aristocracia do papel' hereditária, a quem os revolucionários da irmandade tinham dado uma grande quantidade de poder quando eles estabeleceram o sistema do papel-moeda inflacionável e seus respectivos bancos centrais.

Muitos historiadores, ao escreverem sobre a família Rothschild, se concentram no fato de que Mayer Amschel era judeu. Os Rothschilds tem sido importantes apoiadores das causas judaicas por toda a história da família. Menos frequentemente mencionado é o fato de que os Rothschilds eram também associados à livre maçonaria alemã. Esta associação aparentemente começou com Mayer Amschel, que acompanhou William IX em várias viagens a lojas maçônicas. Se Mayer tornou-se ou não um membro, é incerto. É sabido que seu filho, Solomon (fundador do banco Rothschild em Viena), tinha se tornado um maçom livre. Segundo Jacob Katz, escrevendo em seu livro, *Jews and Freemasons in Europe, 1723-1939*, os Rothschilds eram uma das mais ricas e poderosas famílias em Frankfurt aparecendo em uma lista de afiliação maçônica em 1811.

Os graus escoceses usados nas lojas alemãs eram cristãos por natureza. Isto criou problemas para os homens judeus como Rothschild que podem ter desejado participar. Para resolver este dilema, foram feitos esforços nas comunidades judáicas para mudar certos rituais para tornar a maçonaria livre aceitável para os judeus. Lojas judáicas especiais foram criadas, tais como as lojas de 'Melchizedek' que receberam seu nome em honra do rei sacerdote do velho testamento cuja importância discutimos em um capítulo anterior. Aqueles que pertenciam às lojas de Melchizedek eram considerados como membros da "ordem de Melchizedek." Isto foi um desenvolvimento extremamente interessante, porque através do Atlântico, o nome de Melquisedeque estava prestes a ser ressucitado no

continente americano durante o que algumas pessoas acreditam terem sido uma série importante de episódios OVNI. Estes episódios deram ao mundo uma nova religião: a igreja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias, melhor conhecida como a igreja Mórmon.

30 - Mestre Smith e o Anjo

Temos visto muitos casos nos quais a agitação religiosa e o revivalismo estavam associados aos fenômenos OVNI: As rebeliões hebraicas no Egito sob Moisés, as agitações cristãs sob Jesus, a militância islâmica sob Maomé e o ativismo religioso durante os anos inestados de OVNI da morte negra.

No início do século XX, uma sessão particularmente interessante de intenso fervor religioso dominou algumas comunidades na Gales Britânica. Este incidente é conhecido como o reavivamento gaulês de 1904-1905, no qual um pregador dirigido por 'uma voz interna' eletrizou o interior do país com seus sermões. As pessoas estavam relatando todos os modos de fenômenos não usuais durante os anos de reavivamento, incluindo brilhantes luzes que se moviam nos céus, que hoje rotulariamos como OVNI. Por exemplo, lemos as seguintes narrativas pessoais de testemunhas oculares reunidas pela Sociedade de Pesquisa física (SPR) e publicadas em seus *Proceedings* de 1905:*

> Primeiramente minha atenção foi dirigida a aquilo por uma pessoa na multidão e eu olhei e vi um bloco de fogo quando se elevava vindo do lado da montanha e ele seguiu ao longo da lateral da montanha por aproximadamente 200 ou 300 jardas, antes de gradualmente se elevar ao céu. Então, uma estrela, como o era, disparou para encontrá-lo e eles se juntaram e formaram uma bola de fogo. Também se tornou mais brilhante enquanto se elevava mais e pareceu balançar muito; então ele pareceu se transformar em algo como o leme de um navio. O tamanho dele naquele momento seria o tamanho da lua, mas muito mais brilhante e durou um quarto de hora. [1]

> … a estrela apareceu, como uma bola de fogo no céu, brilhando e faiscando e enquanto subia, parecia borbulhar. Isto continuou por uns vinte minutos…[2]

> Inicialmente, lá apareceu nos céus uma bola de fogo muito grande e brilhante. Ela era de um brilho muito mais brilhante do que uma estrela comum - muito similar à cor de um pedaço de ferro aquecido ao branco. Ela tinha dois braços brilhantes que se projetavam em direção à terra. Entre estes braços apareceu mais uma luz ou luzes, assemelhando-se a um grupamento de estrelas, que pareceu estremecer com variável luminosidade – Isto durou uns dez minutos os mais.[3]

É interessante que, em algumas regiões de Gales, as luzes chegaram ao mesmo tempo do reavivamento. Os *Proceedings* relatam:

*Para o relatório completo da SPR sobre o reavivamento gaulês, veja por favor *Psychological Aspects of the Welsh Revival* de A. T. Fryer, que foi publicado na *Society for Psychological Research, Proceedings, 19:80, 1905.* Uma cópia do artigo completo pode ser ordenada do The Sourcebook Project. (Veja a bibliografia para endereço).

> Em resposta às perguntas sobre suas experiências, o sr. M. afirmou que ele nunca havia visto tais luzes antes do reavivamento, nem antes ele tinha ouvido sobre outros tê-las visto… Elas (as luzes) foram vistas 'alto no céu, onde nenhuma casa ou algo mais podia nos levar a fazer qualquer engano' (isto é, confundir as luzes comuns com elas); elas eram vistas em noites muito escuras e também quando a lua e as estrelas estavam visíveis.[4]

As luzes foram vistas ao menos uma vez perto de uma capela e também deixando uma área onde um proeminente pregador vivia, portanto apontando para um envolvimento direto do OVNI com algumas destas pessoas que foram as responsáveis pelo reavivamento:

> Aconteceu de alcançarmos Llanfair por volta de 9:15 da noite. Era um anoitecer muito mais escuro e úmido. Próximo a uma capela, que pode ser vista a uma distância, vimos bolas de luzes, profundamente vermelhas, ascendendo de um lado da capela, o lado que está em um campo. Nada havia neste campo para causar este fenômeno – isto é, sem casas, etc. Depois disso andamos indo e vindo na estrada principal por quase duas horas sem ver qualquer luz, exceto a uma distância na direção de Llanbedr. Desta vez ela apareceu brilhante, ascendendo alto no céu por entre as árvores onde vive o bem conhecido Rev. C. E. A distância entre nós e a luz que apareceu desta vez era de aproximadamente uma milha. Então por volta de 11 horas, quando o serviço realizado pela Srª. Jones estava prestes a se encerrar, duas bolas de luz ascenderam do mesmo lugar e de aparência similar a aquelas que vimos primeiro. Em poucos minutos, depois que Srª. Jones estava passando por nós a caminho de casa em sua carruagem, na estrada principal e dentro de uma jarda de nós, lá apareceu duas vezes uma luz brilhante, tinta de azul. Em dois ou três segundos depois que esta desapareceu, ao nosso lado direito, dentro de 150 a 200 jardas, lá apareceu duas vezes bolas enormes de aparência similar às que haviam aparecido na estrada. Era tão brilhante e poderosa desta vez, que ficamos estonteados por um segundo ou dois. Então imediatamente lá apareceu uma luz brilhante ascendendo da floresta onde vive o Rev. C. E. Ela apareceu duas vezes desta vez. Do outro lado da estrada principal, bem perto, apareceram, ascendendo de um campo, alto no céu, três bolas de luz, vermelho profundo. Duas delas pareceram se partir, enquanto a do meio permaneceu inalterada. Então fomos para casa, tendo estado observando estes últimos fenômenos por um quarto de hora.[5]

Incluído entre os fenômenos aéreos gauleses estavam música e efeitos sonoros vindos do céu. Parece que os efeitos sonoros eram destinados a mais firmemente implantar a mensagem revivalista nas pessoas ao fazer com que elas acreditassem que estavam testemunhando visitações do céu:

> E. B., na quarta-feira anterior, ouviu, por volta das quatro horas, o que pareceu a ele ser um ruído característico de trovão seguido de uma canção adorável no ar.
>
> E. E., no sábado à noite, entre sete e oito horas, enquanto voltava para casa de seu trabalho, ouviu uma música estranha, similar à vibração causada pelos fios de

telégrafo, apenas muito mais alta, em uma eminência, a colina estando longe de quaisquer árvores e fios de qualquer tipo e era mais ou menos uma noite tranquila.

J. P. ouviu uma música adorável na estrada, aproximadamente a meia milha de sua casa, no anoitecer de sábado, a três semanas atrás, que muito o assustaram. [6]

É interessante que estes fenômenos OVNI tenham sido desmentidos em 1905 de modo idêntico a que os OVNI modernos são desmentidos hoje, revelando que o desmentir não é, de modo algum, um fenômeno de fins do século XX. Um investigador, em seu relatório de 21 de fevereiro de 1905, desmentiu todo fenômeno gaulês como lanternas de fazendas, gás dos pântanos, o planeta Vênus e 'fantasias de cérebros sobrecarregados'. Tais explicações não foram mais úteis em 1905 do que o são hoje em lançar alguma luz sobre alguns fenômenos genuinamente notáveis.

O reavivamento gaulês não foi um evento isolado. Ele seguiu uma ocorrência similar no estado de New York quase um século antes. Os eventos em New York incluíram uma visão que levou a fundação da igreja mórmon por um jovem adolescente chamado Joseph Smith. Sua história é digna de ser analisada.

Joseph Smith a descreveu como um dia maravilhosamente claro na primavera de 1820. Mestre Joseph tinha 14 ou 15 anos e sua mente estava em um estado de confusão. Em sua cidade natal de Manchester, New York, uma intensa disputa tinha irrompido entre várias seitas cristãs, todas as quais competiam por membros. Para arrumar as controvérsias em sua mente, Joseph subiu uma solitária colina perto de sua casa, orou alto e teve esperança que Deus responderia. O que aconteceu a seguir foi provavelmente mais do que ele havia desejado:

> … imediatamente fui tomado por algum poder que inteiramente tomou conta de mim e tinha uma tal estonteante influência sobre mim como se prendesse minha língua de forma que eu não pudesse falar. Uma espessa escuridão se reuniu ao meu redor e me pareceu por um tempo como se eu estivesse condenado a súbita destruição. JOSEPH SMITH 2:15*

Exatamente quando Joseph estava para se entregar ao desespero, ele viu:

> … um pilar de luz exatamente sobre a minha cabeça, acima da luminosidade do sol, que desceu gradualmente até cair sobre mim.
>
> Mal havia aparecido então me descobri liberto do inimigo que mantinha-me atado. Quando a luz repousou sobre mim vi dois Personagens, cuja luminosidade e glória desafiam toda a descrição, de pé acima de mim no ar. Um deles falou comigo, chamando-me pelo nome e disse, apontando para o outro – "Este é meu Filho muito amado. Ouça-o!" JOSEPH SMITH 2:16-17

* As palavras de Joseph Smith são citadas do livro, *Pearl of Great Price*.

Assim começou a série de aparecimentos por um ‘anjo’ cujos relatados ditados e pronunciamentos são a fundação da igreja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias, também conhecida como a igreja mórmon. Esta igreja é, sem dúvida, uma instituição importante. Seus membros em 1985 totalizavam aproximadamente 5.8 milhões de pessoas e a igreja tem extensos negócios e propriedades de terras. Começando com um adolescente em uma montanha no estado de New York, a igreja tem crescido em influência sobre as vidas de muitas pessoas. A visão de Joseph na montanha foi a primeira de várias visitas que ele receberia de seu amigo ‘anjo’. A segunda visita ocorreu três anos e meio depois da primeira. Joseph Smith tinha acabado de se deitar, estava orando, quando:

> Descobri uma luz aparecendo no quarto, que continuou a aumentar até que o quarto estava mais iluminado do que ao meio dia, quando imediatamente um personagem apareceu aos pés da minha cama, parado no ar, seus pés sem tocar o solo.
> Ele tinha um robe solto de uma brancura mais esquisita além de qualquer coisa terrena que eu já tivesse visto; nem acredito que qualquer coisa terrena poudesse ser feita que se pareçesse tão excessivamente branca e brilhante JOSEPH SMITH 2:30-31

A figura no quarto de Joseph tinha as mãos nuas, pulsos e quadris. Ela também tinha uma cabeça careca, pescoço e peito expostos. A figura se apresentou como Moroni, o homem angelical que havia vivido séculos atrás. O ressucitado “Moroni” tranmitiu a Joseph uma mensagem consistente comm citações das profecias do julgamento final no velho testamento. Moroni afirmou que as profecias estavam para ser cumpridas. Moroni também informou a Joseph sobre a existência de antigas placas de metal que continham parte da história inicial do continente norte-americano. Foi dito a Joseph que ele deveria deveria, mais tarde, escavar estas placas, traduzí-las e apresentar a tradução ao mundo. Depois desta mensagem, a imagem de Moroni desapareceu de um modo único:

> … vi a luz no quarto começar a se reunir imediatamente ao redor da pessoa dele que havia falado comigo e assim continuou a fazer até que o quarto novamente fosse deixado escuro, exceto bem ao redor dele; quando, instantaneamente vi, como estavam, um conduto aberto direto para o céu e ele ascendeu até desaparecer inteiramente… JOSEPH SMITH 2:43

Joseph não tinha muito a ponderar sobre o curioso fenômeno. A luz misteriosa e o visitante logo reentraram no seu quarto. Desta segunda visita naquela noite, Joseph relata:

> Ele (o anjo) começou e novamente relatou exatamente as mesmas coisas que ele tinha relatado na primeira visita, sem ao menos uma variação; o que tendo feito, ele me informou de grandes julgamentos que estavam vindo sobre a terra, com grandes desolações por fome, espada e pestilencia; e que estes julgamentos dolorosos viriam sobre a terra nesta geração (a geração de Joseph Smith). Tendo relatado estas coisas, ele novamente ascendeu como havia feito antes. JOSEPH SMITH 2:45

A aparição no quarto de Joseph veio e foi repetidamente a noite toda. No dia seguinte, enquanto ele estava fora no campo, o exausto jovem Smith abruptamente perdeu

suas forças enquanto tentava subir uma cerca e caiu, inconsciente, ao solo. Depois de recuperar a consciência, Joseph observou acima dele o mesmo anjo repetindo a mesma mensagem. Um novo pós escrito tinha sido acrescentado, contudo: o anjo instruiu Joseph a contar a seu pai sobre suas visões.

Alguns críticos discutem a acuidade das estórias de Joseph Smith, ressaltando que Smith não registrou sua primeira visão no papel até 19 anos depois que ela tinha acontecido. Sob as circunstancias do tempo, esta demora é compreensível quando consideramos a mínima educação e a juventude de Joseph.

No em que grau as narrativas de Smith são acuradas, elas são dignas de serem observadas. Ele teve uma verdadeira visão religiosa como seus seguidores acreditam, ou ele era, como outros sugerem, uma vítima de manipulação OVNI?

O anjo de Joseph, Moroni, era diferente dos anjos descritos por Ezequiel e João na Bíblia. O anjo de Smith não usava os itens que podem ser interpretados como um capacete e botas. Moroni era uma figura em um verdadeiro robe. Contudo, Joseph parece ter assistido a uma imagem gravada, projetada, através da janela, em seu quarto. A pista para isto reside nas palavras de Joseph de que Moroni tinha repetido a segunda mensagem 'sem a menor variação'. A maneira pela qual Moroni desapareceu indica uma imagem luminosa projetada de uma fonte fora da casa. Quando Moroni voltou pela terceira vez, naquela noite, Smith, 'o ouviu ensaiando ou repetindo mais uma vez… as mesmas coisas que antes…' (Joseph Smith 2:48-49). Se a narrativa de Smith é precisa e relacionada aos OVNI, haveria um tremendo humor nisto. Hoje podemos ir a Disneylândia e nos maravilharmos com notáveis imagens como vivas projetadas e cabeças falantes na casa assombrada. Uma projeção similar, vista por um jovem camponês do interior, no século XIX sem dúvida seria considerada nada menos que uma verdadeira visão de Deus. Certamente o relato do jovem Smith se assemelha aos anteriores encontros tutelares em muitos aspectos: uma brilhante luz desceu do céu seguida pelo aparecimento de 'anjos'. O testemunho de Joseph de que ele se sentiu tomado e incapaz de se mover é idêntico a vários encontros OVNI modernos nos quais as testemunhas oculares relatam ficarem imobilizadas, especialmente antes de uma abdução.

Outros escritos mórmons também tendem a apoiar a possibilidade de que Joseph Smith tenha encontrado um OVNI. As doutrinas mórmon reveladas por Smith afirmam que há muitos planetas habitados no universo. Isto era uma ideia bem ousada para um homem não educado do século XIX. Smith acrescentou que Deus habita um corpo de carne e osso (veja, por exemplo, *Doctrines and Covenants 130:22*) e que Deus vive perto de uma estrela chamada Kolob (veja *Abraão 3:1-3*). Em outras palavras, Deus é um extraterrestre de aparência humana vivendo em um outro planeta. O que parece claramente haver na experiência de Joseph Smith é um outro aparecimento de nossos amigos tutores fingindo que eles são Deus e se intrometendo nos assuntos humanos ao implantar uma outra religião apocalíptica na terra.

Rígida critica é frequentemente destinada à 'bíblia' da religião de Smith: O *livro do mórmon.* O l*ivro do mórmon* é tido como sendo uma tradução das antigas placas de metal

que Smith havia escavado sob o comando de seu 'anjo'. As histórias contidas no *livro do mórmon* são notáveis e para muitos, inacreditáveis.

O *livro do mórmon* é escrito em um estilo de prosa semelhante ao velho testamento. Ele liga a história da antiga América do Norte à história descrita no velho testamento. Segundo o *mórmon*, as pessoas da Pelestina foram transportadas em submarinos com formato de disco para as Américas sob a orientação de Deus no ano 600 AC. Deus as estava enviando para o novo mundo principalmemente por causa do incidente da torre de Babel. Em algum lugar nas Américas (talvez no México ou na América Central) os refugiados construíram magníficas cidades que rivalizavam com aquelas do velho mundo. Eles lutaram guerras e eram obedientes ao mesmo 'Deus' e 'anjos' venerados no Oriente Médio. O *livro do mórmon* fala de visitas regulares por 'anjos' e seu profundo envolvimento nos assuntos da antiga América. Os 'anjos' encorajaram seus servos humanos a praticarem importantes virtudes, sendo a mais importante, com certeza, a obediência.

O *livro do mórmon* nos conta que muitos outros eventos notáveis aconteceram na antiga América na medida em que o tempo passava. No primeiro século de nossa er Jesus Cristo, alegadamente, apareceu na América imediatamente depois de sua crucificação no outro lado do mundo. A visão de Cristo descrita no m*órmon* é completa, com gloriosos raios de luz no céu de onde Jesus emergiu.

Embora muitos eruditos considerem seriamente o velho testamento como um registro histórico, pouco de tal deferência é dada ao *livro do mórmon*. As histórias *mórmons* parecem ser tão ultrajantes e a maneira pela qual Joseph Smith, alegadamente, obteve e traduziu as placas parece tão suspeita, que escassa atenção acadêmica é dada a elas. A questão é: deve o *livro do mórmon* ser descartado sem exame?

Na verdade, o *livro do mórmon* pode bem ser um dos mais significativos registros históricos a aparecer das religiões tutelares. Baseado em tudo que já temos estudado neste livro, a história da antiga América como contada pelo *mórmon* é, precisamente, o tipo de história que esperaríamos. A terra é pequena. Nós esperaríamos que uma 'antiga raça astronauta' (isto é, tutora) governaria a sociedade humana do mesmo modo, em todos os lugares, em todos os continentes. Esperaríamos que eles exibissem a mesma brutalidade e promovessem idênticas ficções religiosas. As datas extrapoladas do *livro do mórmon* para a chegada dos palestinos à América são especialmente interessantes porque elas coincidem com as datas que os historiadores têm atribuído à emergência das antigas civilizações do México e América Central. O *livro do mórmon* pode, portanto, explicar o porque destas civilizações se elevaram abruptamente na América do Norte e Central logo depois que civilizações similares já tinham ido e vindo no lado oposto do mundo.

Isto ainda deixa um enigma não resolvido.

Se o *mórmon* for ao menos parcialmente verdade, onde estão as ruínas das cidades que ele cita? Muitas magníficas ruínas americanas têm sido encontradas, com certeza, mas não todas das cidades chaves identificadas no *livro do mórmon*. *Mórmon* oferece uma

resposta arrepiante: algumas foram completamente destruídas por ‘Deus’ em um cataclismo assustador.

Como em outros lugares, foi muito difícil para os humanos na antiga América agradarem seus mestres tutores. O *mórmon* nos conta que alguns antigos americanos fizeram um trabalho especialmente pobre. Como resultado, uma punição maciça foi infligida sobre uma grande região americana por volta do ano 34 de nossa era, coincidente com a crucificação de Jesus no outro lado do mundo. A narrativa *mórmon* deste cataclismo americano é extraordinária. Ela descreve fielmente um holocausto nuclear:

> … no terceiro e quarto ano, no primeiro mês, no quarto dia do mês, lá se elevou uma grande tempestade, tal como uma que nunca tinha sido conhecida em toda a terra.
> E houve também uma terrível tormenta (vento violento); e houve um trovão terrível, a tal ponto que ele abalou a terra inteira como se estivesse prestes a dividi-la em partes.
> E houve grande quantidade de agudos raios, tais como nunca tinha sido conhecido em toda a terra.
> E a cidade de Zarahemla se incendiou:
> E a cidade de Moroni afundou nas profundezas do mar, e portanto habitantes foram afogados.
> E a terra foi atirada sobre a cidade de Moronihah que no lugar da cidade se tornou uma grande montanha.
> E houve uma grande e terrível destruição na terra ao sul.
> Mas observe aqui que foi mais grande e terrível a destruição na terra ao norte; pois contemple, a inteira face da terra foi mudada, porque a tormenta e os rodamoinhos e os trovões e os relâmpagos, e o excessivo grande abalo de toda a terra;
> E as rodovias foram quebradas e as estradas niveladas foram estragados, e muitos locais suaves se tornaram ásperos.
> E muitas grandes e notáveis cidades afundaram e muitas foram queimadas e muitas foram abaladas até que suas construções tivessem caído por terra e os habitantes, portanto, foram sacrificados e os lugares foram deixados desolados.
> E houveram algumas cidades que permaneceram; mas o dano foi excessivamente grande e houveram muitos deles que foram mortos.
> E houve alguns que foram carregados pelos rodamoinhos e para o local que eles foram nenhum homem conhece, salvo eles que sabem que eles foram levados embora.
> E assim a face inteira da terra se tornou deformada e por causa das tormentas e dos trovões e dos relâmpagos e os abalos da terra.
> E contemple, as rochas foram rasgadas em duas; elas foram quebradas sobre a inteira face da terra, a um tal ponto que elas eram encontradas em fragmentos quebrados e em ranhuras e em rachaduras, sobre toda face da terra.
> E aconteceu de passar que quando os trovões e os relâmpagos e a tempestade e a tormenta e os abalos da terra cessaram, então contemplem, eles duraram ao menos o espaço de três horas; e foi dito por alguns que o tempo era maior; não obstante,

todas estas coisas grandes e terríveis foram feitas em um espaço de três horas – e então contemple, havia uma escuridão sobre a face da terra.
E isto veio a passar que houve uma espessa escuridão sobre toda a face da terra, a um tal ponto que os habitantes que não haviam caído (morrido) podiam sentir o vapor da escuridão;
E não podia haver luz, por causa da escuridão, nem velas, nem tochas, nem podia haver fogo aceso com sua boa e extremamente seca madeira, de forma que não podia haver qualquer luz;
E não havia luz qualquer a ser vista, nem fogo, nem brilho, nem sol, nem lua, nem estrelas porque tão grande eram as névoas da escuridão que estava sobre a face da terra.
E veio a passar que isto durou pelo espaço de três dias em que nenhuma luz foi vista; e houve uma grande lamentação e uivo e choro entre todas as pessoas continuamente; sim, grande era o gemido das pessoas, por causa da escuridão e da grande destruição que veio sobre elas 3 NEPHI 8:5-23, livro do mórmon

Os estrondos, flashes de relâmpagos, rápida incineração de cidades, tudo dentro de três horas, seguido de três dias de escuridão espessa e pesada combina exatamente com a apresentação de um ataque nuclear seguido pela inevitável, persistente e espessa nuvem de poeira e destroços. A passagem acima é especialmente notável quando lembramos que ela foi publicada pela primeira vez há mais de um século – muito antes que as armas nucleares fossem desenvolvidas pelo homem. Isto dá uma credibilidade adicional à afirmação da igreja mórmon de que Joseph Smith não havia inventado o *livro do mórmon*, como acusam alguns críticos. É altamente improvável que qualquer pessoa nos dias de Smith pudesse ter, acidentalmente, imaginado um evento espelhando tão próximo um holocausto nuclear.

Alguns mórmons ressaltam que os ensinamentos espirituais encontrados nos textos mórmons são mais importantes do que a informação histórica. As crenças espirituais mórmons são de fato significativas porque elas são bem francas sobre as intenções tutelares.

As crenças espirituais básicas da igreja mórmon podem ser resumidas da seguinte forma:

Os humanos são seres espirituais imortais que ocupam corpos humanos. O espírito é a verdadeira fonte de inteligência e personalidade, não o corpo. Como seres espirituais, existimos antes do nascimento e continuaremos a existir depois da morte. A verdadeira meta da vida é melhorar a espiritualidade e todo mundo pode, eventualmente, alcançar um estado espiritual reabilitado que espelhe o estado de um ser supremo. A ética é um passo importante para alcançar tal estado. Todo mundo é dotado de livre arbítrio.

Estas crenças soam como os ensinamentos de uma religião dissidente. Podemos de uma vez entender porque tantas pessoas são dirigidas ao mormonismo e permanecem devotados aderentes. São ditas importantes verdades aos membros. Quando lemos mais dos trabalhos mórmons, contudo, descobrimos que as verdades acima recebem algumas

distorções fatais que realmente evitam que a pessoa obtenha até mesmo sua salvação espiritual.

Os textos mórmons afirmam que as pessoas são realmente *corpos* espirituais imortais que habitam corpos humanos. Os corpos espirituais imortais são feitos de matéria exatamente como os corpos humanos. Joseph Smith disse que "o espírito é uma substância; que é material, mas que é matéria mais pura, elástica e refinada do que o corpo" (HC, IV. p. 575). Um ser supremo (Deus) é tido como ser material similar, que habita um corpo de carne e osso perfeito e imortal. A meta máxima do mormonismo é alcançar o mesmo estado de 'Deus' e habitar em um corpo humano perfeito e imortal pelo resto da eternidade. Os ensinamentos mórmons, que teriam vindo de placas antigas e dos 'anjos' tutelares, portanto encorajam os humanos a darem boas vindas ao amargo destino do aprisionamento infindável em corpos humanos. O *livro do mórmon* expressa este objetivo desta maneira:

> O espírito e o corpo devem ser reunidos novamente em sua forma perfeita;… seus espíritos unidos com seus corpos, nunca a serem divididos;… ALMA 11:43, 45

Antigos textos mesopotâmios nos dizem que os 'deuses' tutelares da humanidade queriam unir permanentemente os seres espirituais a corpos humanos de forma que os tutores tivessem uma raça escrava. As religiões dissidentes têm argumentado que a captura de um espírito em um corpo humano é a causa primária de sofrimento. Para neutralizar este ensinamento dissidente e promover as metas dos tutores, o mormonismo falsamente declara que um ser espiritual somente pode alcançar a máxima felicidade e divindade quando permanentemente unido à matéria:

> Porque o homem é espírito. Os elementos são eternos e espírito e elemento, inseparavelmente conectados, recebem uma completa felicidade
>
> DOCTRINES AND COVENANTS 93:33-34

Somente onde o verdadeiro entendimento espiritual foi perdido pode um tal ensinamento ser mantido, como tem acontecido em ampla escala sobre a terra.

O mormonismo ensina que todo mundo viveu com o pai celestial (Deus) antes de vir à terra. Como parte do grande plano de Deus, as pessoas foram enviadas à terra para aprender o certo e o errado e demonstrar a Deus que elas preferem fazer o bem que o mal. Contudo, algo é feito a todos os seres espirituais que são enviados à terra: eles são induzidos com amnesia sobre suas existencias pré-nascimento. Segundo um panfleto publicado pela igreja mórmon:

> …embora possamos algumas vezes sentir insinuações de nossa existência pré-mortal (a existência espiritual antes de tomar um corpo) como 'por um vidro escuro' (vagamente), isto seria efetivamente bloqueado de nossa memória.[7]

Esta afirmação é notável, porque ela sugere que a memória da pura existência espiritual é de algum modo, deliberadamente bloqueada das memórias humanas pela sociedade tutelar como parte de seu esforço de soldar seres espirituais a corpos humanos. A

sociedade tutelar parece ter métodos eficazes para ocluir a memória, como demonstrado nos modernos casos de abdução OVNI onde as vítimas humanas são, aparentemente, forçadas a sofrerem amnésia quase completa a respeito de suas experiências de abdução.

A amnésia forçada descrita no *mórmon* tinha vários propósitos pretendidos, um dos quais era:

> … assegurar que a nossa escolha do bem e do mal refletisse nossos desejos terrenos e vontade, muito mais do que a influência relembrada de nosso pai celestial todo bem.[8]

Esta é também uma admissão surpreendente. Ela alega que a memória espiritual é 'diminuída' de forma que as pessoas basearão suas ações em suas preocupações como seres materiais muito mais do que em seu conhecimento e lembrança da existência espiritual. Isto pode apenas atrasar a habilidade dos indivíduos de alcançarem um alto nível de ética porque a verdadeira ética deve levar em conta a natureza espiritual de uma pessoa quando confrontada com um dilema ético. Ao reduzir todas as questões de ética a preocupações estritamente terrenas, as pessoas são escusadas de resolver completamente estas questões éticas que as colocarão na estrada da completa recuperação espiritual. Esta restrição era precisamente o que os tutores queriam, como revelado no velho testamento: 'Deus' não quis que Adão e Eva 'comessem' da 'árvore do conhecimento do bem e do mal' porque isto levaria ao conhecimento de como reconquistar a imortalidade espiritual.

A passagem acima sugere ainda mais, que existe a intenção tutelar de bloquear a lembrança humana de um ser supremo. A implicação é a de que as pessoas não tem enterradas apenas as memórias de sua existência espiritual anterior, mas elas também mantêm lembranças ocultas de contato com um ser supremo. Se uma tal memória existe, podemos de uma vez compreender porque os tutores tentariam velar isto. Ao bloquear tal memória, a sociedade tutelar posteriormente aprofunda a ignorância espiritual e tem melhor habilidade para promover seus fingimentos religiosos e ficções.

Isto não quer dizer que a sociedade tutelar sozinha seria culpada de causar a deterioração espiritual e a amnésia. Tal deterioração, provavelmente, teria começado muito antes da formação da civilização tutelar. Os escritos mórmons apenas sugeririam que os tutores tiraram vantagem de tal deterioração e apressaram isto para se adequar aos seus próprios fins. Temos notado este uso de engendrar a guerra como um instrumento tutelar para manter o controle sobre a população humana. Segundo o livro do mórmon, este instrumento foi usado nas antigas civilizações americanas onde 'Deus' foi tido como responsável pela erupção de muitas guerras:

> E veio a passar que observei que a ira de Deus derramou sobre a grande e abominável igreja (a igreja de Satã), ao ponto em que houveram guerras e rumores de guerras entre todas as nações e famílias da terra 1 NEPHI 14:15

Os mórmons afirmam que as guerras continuariam a ser engendradas pelas gerações como instrumento de 'Deus' para manter o controle:

> Sim, na medida em que uma geração passe para outra, devem haver banhos de sangue e grandes visitações (desastres) entre eles; por conseguinte, meus filhos, desejaria que você se lembrasse; sim, eu gostaria que você ouvisse as minhas palavras 2 NEPHI 1:12-13

À luz do que foi dito acima, não é surpreendente descobrir que o mormonismo é um outro ramo da rede da irmandade, embora a igreja mórmon tenha, tradicionalmente, se oposto a outras sociedades secretas, tais como a livre maçonaria. A oposição mórmon à livre maçonaria é baseada em passagens do *livro do mórmon* que parecem sugerir que Deus se opõe a sociedades secretas. Por exemplo, lemos em 2 Nephi 26:22-23:

> E também há combinações secretas, até mesmo quando nos tempos antigos, segundo as combinações do diabo, porque ele é a fundação de todas estas coisas…

Muitas pessoas objetam interpretar a passagem acima como sendo dirigida contra as sociedades como a maçonaria. Afinal, não criou o próprio Joseph um sacerdócio multinivelado moldado como a maçonaria livre, completo com cerimônias secretas e avental cerimonial?

O sacerdócio mórmon é dividido em duas seções: o sacerdócio de Aarão (o irmão de Moisés) e o alto sacerdócio, melhor conhecido como sacerdócio de Melquisedeque (o rei bíblico Melquisedeque). Segundo o Alma 13:1-14, o alto sacerdócio mórmon é, precisamente, o mesmo sobre o qual Melquisedeque tinha reinado muitos séculos antes. O sacerdócio mórmon hoje continua a acompanhar o processo de iniciação passo a passo de outras organizações da irmandade. Suas mais altas cerimônias são realizadas em segredo e aos iniciados é exigido fazer votos de silêncio. Durante tais cerimonias, os iniciados, frequentemente, vestem aventais cerimoniais na medida em que vários ‘mistérios’ são revelados a eles pelo uso de símbolos e alegoria.

Joseph Smith afirmou que ele moldou o sacerdócio mórmon segundo os ditames do ‘anjo’. Contudo, ele não confiou inteiramente em seu amigo extraterrestre. Smith também se tornou um maçom livre durante um curto período de tempo para tomar emprestado da maçonaria. Segundo Thomas F. O’Dea, escrevendo em seu livro, *The Mórmons*:

> Joseph foi à maçonaria para tomar emprestado muitos elementos da cerimônia. Estes ele reformou, explicando a seus seguidores que o ritual maçônico era uma forma corrompida de um antigo cerimonial do sacerdócio que agora estava sendo restaurado.[9]

Joseph Smith foi feito mestre maçom em 16 de março de 1842 em uma loja em Illinois. Esta mesma loja recebeu outros principais membros mórmons. Talvez o mais famoso maçom livre tenha sido Brigham Young – o homem que liderou o êxodo mórmon através da América para Utah e estabeleceu a sede da igreja naquele estado, onde permanece até hoje.

Os fatos acima não significam que o mormonismo seja um ramo da maçonaria. livre. Os laços organizacionais entre a igreja mórmon e a livre maçonaria foram cortados muito cedo. Smith e os mórmons iniciais foram à livre maçonaria para tomar emprestado, não para verdadeiramente se unir. A igreja mórmon era apenas uma outra facção em guerra com as outras facções da irmandade. Foi dito aos mórmons que a religião deles era 'a única igreja verdadeira e viva sobre a face de toda terra, com o que eu, estou bem-agradecido …' (Doctrines and Covenants 1:30). Esta proclamação, naturalmente, conflita com todas as outras religiões tutelares que dizem a mesma coisa colocando, portanto, em movimento, mais disputas religiosas sem sentido para manter as pessoas com medo e desunidas. Algumas pessoas ainda estão combatendo os mórmons agora. Joseph Smith sofreu por isto quando ele foi assassinado por uma multidão enfurecida, em 1844.

Por toda a história combativa da igreja, os mórmons têm encontrado consolo no futuro dia do julgamento prometido pelo 'anjo' de Smith. Os escritos de Smith claramente indicavam que o dia do julgamento deveria chegar em sua própria geração. Talvez previssem a grande conflagração que chegou: a guerra civil americana irrompeu em 1861. Muitos dos seguidores pessoais de Smith ainda estavam vivos para testemunharem este conflito brutal que deve ter se parecido como um armagedom para muitos americanos.* Como sempre, o prometido milênio de paz e salvação espiritual não se seguiu ao armagedom, então os mórmons fizeram o que muitas outras religiões apocalípticas têm feito: eles reinterpretaram sua profecia do dia do julgamento para mantê-la viva, embora ela tenha claramente fracassado.

Um grande projeto da Igreja Mórmon hoje é a manutenção de uma vasta biblioteca genealógica – a maior do mundo. A genealogia é o estudo da linhagem da família e da ancestralidade. Ela conta quem deu nascimento a quem, bem como as características raciais e sociais da árvore familiar de uma pessoa. Os 'armazéns' genealógicos mórmons estão abrigados em uma caverna nas Montanhas Rochosas aproximadamente a 20 milhas ao sul de Salt Lake City. Os 'armazéns' são protegidos por 700 pés de espesso granito da montanha e uma porta de aço de 14 toneladas. Segundo um panfleto mórmon, a coleção de registro em andamento produz mais de 60.000 rolos de microfilmes a cada ano, contendo dados de documentos, licenças de casamento, bíblias de família, registros, listas de cemitérios e outras fontes.

*Interessantemente, o sul secessionista e os movimentos pró escravidão que tinham feito com que a Confederação se separasse da União e portanto, estabelecido o palco para a Guerra Civil, foram grandemente influenciados pela rede da irmandade. Vemos isto, por exemplo, em dois dos muitos projetos propostos para a bandeira da nova Confederação: os desenhos proeminentemente apresentam o 'olho onipresente de Deus'. Antes da erupção da guerra, um grupo de sulistas havia criado uma influente sociedade secreta pró escravidão chamada cavaleiros do circulo dourado. Estes Cavaleiros fraternais estavam comprometidos com a preservação da escravidão em terras fronteiriças ao mar do Caribe – o chamado 'círculo dourado'. O sêlo dos cavaleiros apresentava uma cruz similar à cruz maltesa usada pelos velhos cavaleiros de Malta. Os cavaleiros do circulo dourado eventualmente desapareceram e foram substituídos pelos cavaleiros da Ku Klux Klan. A Klan era uma sociedade secreta no estilo da irmandade que se elevou na turbulência do pós-guerra no sul. Alegadadamente fundada como uma piada, a Klan rapidamente cresceu e se tornou uma poderosa força política e social no sul. Os ensinamentos da Klan são profundamente racistas e enraizados no arianismo.

Esta notável atividade começou durante a primeira metade do século XX. Isto foi ostensivamente realizado porque os mórmons acreditam que as famílias continuam para sempre. Os mMórmons são ensinados que eles precisam traçar as linhas familiares de forma que todos aqueles que viveram e morreram no passado possam ser abençoados nas cerimonias realizadas no presente pelos mórmons modernos. Os mórmons, contudo, não limitam sua pesquisa genealógica apenas às famílias mórmons. Sua meta é "realizar a necessária pesquisa genealógica de forma que todos aqueles, agora ou sempre, no mundo do espírito possam ser, de forma indireta, batizados." [10] Já que todo ser humano que já viveu se encaixa na categoria acima, devemos concluir que o objetivo mórmon é um completo registro genealógico da raça humana inteira! Segundo a igreja mórmon, isto é precisamente a meta do projeto, ao grau em que possa ser realizado.

Esta atividade compreensivelmente preocupa algumas pessoas. Muitos indivíduos que vivem hoje testemunharam a loucura racial dos nazistas alemães e podem estremecer ao impacto devastador que a coleção genealógica mórmon possa ter nas mãos de racistas. Este desconforto é aumentado pelas iniciais doutrinas mórmons que tinham colocado as pessoas de pele escura em uma posição grandemente inferior aos brancos. O arianismo foi um elemento importante da filosofia inicial mórmon. Em 2 Nephi 5:21-24, lemos que a pele escura foi criada por Deus como uma punição pelo pecado:

> … por conseguinte, na medida em que aqueles que estavam sendo punidos eram brancos, e extremamente claros e aprazíveis, que eles poderiam enfeitiçar meu povo, o Senhor Deus causou uma escuridão de pele vir sobre eles.
> E então disse o Senhor Deus: eu farei que eles sejam tão desprezíveis para meu povo, salvo eles devam se arrepender de suas iniquidades.
> E amaldiçoado deve ser a semente (esperma) daquele que se misturar com a semente deles; porque eles devem ser amaldiçoados até mesmo com a mesma maldição. E o Senhor falou isto e assim foi feito.
> E por causa de sua maldição que estava sobre eles, tornaram-se pessoas preguiçosas, cheias de malícia e astúcia, e buscaram nas selvas pelas bestas de presa.

Muito para crédito deles, os mórmons tem, recentemente, derrubado estas crenças racistas e agora admitem pessoas negras em seu sacerdócio. Os mórmos devem, não obstante, estar alertas em assegurar que nunca seja permitido que seus registros genealógicos caiam em mãos daqueles que possam desejá-los para propósitos de 'purificação' racial. As modernas atividades mórmons exibem muitos ensinamentos humanitários. A igreja, por exemplo, encoraja fortes uniões familiares. Em 1982, foi gratificante ver um anúncio na televisão produzido pela igreja mórmon que expressa a importância de não ignorar uma realização infantil. Isto traz um ponto muito importante:

Nenhum individuo ou organização e puramente bom ou mau. Em nosso louco universo, o bem 'absoluto' e o mal 'absoluto' apenas não parecem existir. No pior das pessoas pode-se sempre encontrar um pequenino borrão de bem (isto é, o psicopata Adolf Hitler foi gentil com as crianças) e no melhor dos indivíduos sempre existe uma coisa que deve mudar. A maioria das pessoas que se une a um grupo ou segue um líder o fazem assim pelas razões certas: eles tem ouvido um elemento de verdade ou eles buscam uma solução

para um problema genuíno. O truque real em julgar uma pessoa ou grupo é determinar se mais bem está sendo feito que mal e como o mal pode ser corrigido sem destruir o que quer que seja bom que possa existir. A tarefa, geralmente, não é fácil. Os escritos mórmons declaram que 'Deus' (isto é, o gerenciamento tutelar da terra) pretende eventualmente eliminar inteiramente 'o mundo do espírito' como parte do grande plano utópico de Deus para a humanidade. Em outras palavras, nada além do universo material deverá sempre existir, tanto quanto diga respeito às pessoas da terra. Isto pode ser traduzido como significando o total aprisionamento espiritual na matéria física. Tais intenções exigiriam que filosofias de estrito materialismo fossem criadas e impostas sobre a raça humana de forma que os humanos não olhem além do universo material. Tais filosofias ensinariam que não há uma realidade espiritual e que toda a vida, e portanto, a criação, se elevam unicamente dos processos físicos. Tais idéias têm se tornado muito em moda e elas estão, tristemente, ajudando a empurrar a raça humana para um adormecer espiritual cada vez mais profundo. Liderando esta tendência por muitos anos esteve uma filosofia politica que tinha conquistado seu momentum inicial na Alemanha do século XIX. Estou falando, com certeza, do 'comunismo' - esta sempre-tão-curiosa mistura de apocalipticismo, materialismo e ética de trabalho protestante, que foi uma força tão significativa no século XX.

31 - Apocalipse de Marx

A primeira revolução francesa de 1789 marcou o início de uma longa série de levantes na França. Um novo duque de Orleans, Louis-Philippe, se tornou a figura principal de uma revolta de julho de 1830 que o colocou no trono da França como regente de uma monarquia constitucional. Auxiliando-o estava o marques de La Fayette. Um outro importante apoiador de Louis-Philippe foi um homem chamado Louis-Auguste Blanqui, que foi condecorado pelo novo governo por ajudar a tornar um sucesso a revolução de 1830.

Blanqui permaneceu um ativo revolucionário depois de 1830 e forneceu importante liderança para uma longa sequência de levantes. Segundo Julius Braunthal, escrevendo em seu livro, *History of the International*, "Blanqui foi a inspiração de todos os levantes em Paris de 1839 à comuna* em 1871". [1]

Blanqui pertencia a uma rede de sociedades secretas francesas que organizou e planejou as revoluções. Quase todas estas sociedades secretas eram derivadas da atividade da irmandade e eram moldadas como organizações da irmandade. Cada sociedade tinha uma função diferente e uma fundação ideológica para dirigir as pessoas para a causa revolucionária. Embora as sociedades revolucionárias algumas vezes diferissem em assuntos de ideologia e tática, elas tinham um objetivo em comum: fazer uma revolução. Muitos líderes revolucionários participavam de várias destas organizações simultaneamente.

Um dos mais eficazes grupos revolucionários secretos franceses foi a sociedade de estacões, da qual Blanqui participava da liderança. Esta sociedade era destinada especificamente ao propósito de incubar e realizar as conspirações políticas. Uma das organizações aliadas à sociedade foi 'a liga dos justos'. Fundada em 1836 como uma sociedade secreta, ajudou Blanqui e a sociedade das estações em ao menos uma revolta: o levante de maio de 1839. Uns poucos anos depois do levante, uniu-se à liga um homem que, mais tarde, se tornaria o mais famoso porta-voz dos revolucionários: Karl Marx.

Karl Marx era um alemão que viveu de 1813 a 1883. Ele é considerado por muitos como o fundador do comunismo moderno. Seus escritos, especialmente o manifesto comunista, são uma importante pedra fundamental da ideologia comunista. Como alguns historiadores têm ressaltado, contudo, Karl Marx não originou todas as suas idéias. Ele estava atuando grandemente como um porta-voz da organização politica radical a que pertencia. Foi durante sua afiliação na liga dos justos que Marx escreveu o manifesto comunista com seu amigo, Friedrich Engels. Embora o manifesto contivesse muitas das próprias idéias de Marx, sua verdadeira realização era colocar em uma forma coerente a ideologia comunista que já estava inspirando as sociedades secretas da França para a revolta.

*A comuna foi um grupo revolucionário que governou Paris de 18 de março a 28 de maio de 1871.

Por causa de seu intelecto, Marx conquistou um poder considerável dentro da liga dos justos e sua influência causou umas poucas mudanças dentro desta organização. Marx não gostava do caráter conspiratório romântico da rede da sociedade secreta a que ele pertencia e foi capaz de acabar com alguns traços dentro da liga. Em 1847, o nome da liga foi mudado para 'liga comunista'. Associadas à liga comunista estavam várias organizações de 'trabalhadores', tais como a sociedade educacional dos trabalhadores alemães (German Worker´s Educational Society). Marx fundou um ramo da GWES em Bruxelas, Bélgica.

Neste ponto, podemos ver a extraordinária ironia nestes eventos. A mesma rede de organizações da irmandade que nos deram os EUA e outros países 'capitalistas' por meio da revolução, estavam agora ativamente criando a ideologia (comunismo) que se oporia a estes países! É crucial que este ponto seja compreendido: ambos os lados da luta moderna (comunistas contra capitalistas) foram criados pelas mesmas pessoas na mesma rede de organizações secretas da irmandade. Este fato vital é quase sempre desprezado nos livros de história. Dentro de um curto período de cem anos, a rede da irmandade tinha dado ao mundo duas filosofias opostas que forneceram a inteira fundação para a chamada 'guerra fria': um conflito que durou aproximadamente meio século.

Considerando a afiliação de Karl Marx à rede da irmandade, não deve ser surpresa que a filosofia de Marx siga o padrão básico da religião tutelar. O marxismo é fortemente apocalíptico. Ele ensina um credo de batalha final envolvendo as forças do bem e do mal seguidas da utopia na terra. A diferença primária é que Marx moldou estas crenças em uma estrutura não religiosa e tentou fazê-las soarem como 'ciência social' muito mais do que uma religião. No esquema de Marx, as forças do 'bem' são representadas pelas oprimidas 'classes trabalhadoras' e o 'mal' é representado pelas classes proprietárias. O violento conflito entre as duas classes é retratado como natural, inevitável e sadio porque tal tensão reflete a crença calvinista que o conflito na terra é sadio porque significa que as forças do 'bem' estão ativamente combatendo os capangass do 'mal'.

Marx tentou fazer com que sua ideia do 'conflito inevitável' soasse científica ao enquadrá-la em um conceito conhecido como 'dialética'. A 'dialética' foi uma noção esposada por um outro filósofo alemão, Hegel (1770-1831). A ideia de Hegel da 'dialética' pode ser explicada desta forma: de uma tese (uma ideia ou conceito) devemos derivar uma antítese (um oposto contraditório) dos quais se deriva uma síntese (uma nova ideia ou conceito que é diferente das duas primeiras, mas é um produto delas). Marx tomou esta ideia aparentemente científica e a incorporou em sua teoria de história social. No modelo comunista do 'materialismo dialético', a mudança social, econômica e politica se eleva do embate de opostos e frequentemente violentos, contraditórios. Deste modo, as guerras infindáveis da história e o incessante conjunto de facções opostas sobre a terra são tidas como parte natural da existência na qual a mudança deve ocorrer. Isto faz o infindável conflito social parecer desejável e isto é, precisamente, a ilusão que Marx tentou criar em sua teoria da 'luta de classes'.

A visão comunista da utopia é curiosa, mas uma bem significativa. Nela, todo mundo é um trabalhador igual a todos os outros trabalhadores. Ninguém possui algo, mas todos unidos possuem tudo que eles precisam, mas não necessariamente tudo aquilo que

eles querem; mas antes que ocorra a utopia, todo mundo deve primeiro viver em uma ditadura. Oh! Esta visão bizarra da utopia parece claramente destinada a manter a humanidade como uma raça trabalhadora e encorajar os humanos a aceitarem as condições da repressão social (isto é, ditadura).

No tempo de Marx, o conhecimento espiritual tinha alcançado um severo estado de deterioração. A 'rápida salvação' dos protestantes e os embaraçosos rituais praticados por quase todas as religiões estavam, compreensivelmente, dirigindo muitas pessoas de mente racional para fora da religião. Não é surpreendente que a validade de toda a realidade espiritual começasse a ser questionada. Este questionamento levou muitas pessoas a se inclinarem na direção de uma visão geral estritamente materialista da vida e Marx forneceu uma filosofia que muitas destas pessoas podiam seguir. Embora Marx reconhecesse a realidade da existência espiritual, ele, erroneamente, afirmou que a existência espiritual era inteiramente o produto dos fenômenos físicos e materiais. Deste modo, os ensinamentos de Marx ajudaram a promover as metas tutelares expressas no livro do mórmon e nos antigos tabletes sumérios de trazer uma união permanente entre seres espirituais e corpos humanos. Os escritos de Marx deram a esta união uma aceitabilidade 'científica' ao sugerir que o espírito e a matéria não podiam de todo serem separados. A filosofia marxista acrescentou que a realidade 'sobrenatural' (isto é, a realidade existente fora dos laços do universo material) não é possível. A utopia de Marx, entretanto, equivale ao éden bíblico: um paraíso materialista no qual todo mundo é um trabalhador sem rota para o conhecimento e liberdade espirituais; em outras palavras, uma mimada prisão espiritual.

Durante a mesma era na qual o comunismo estava sendo formado em um movimento organizado, a prática bancária estava realizando importantes desenvolvimentos. Pelo final do século XIX, o novo sistema de papel-moeda inflacionável era a norma estabelecida por todo o mundo. Este sistema monetário, contudo, não foi adequadamente organizado em uma escala internacional e este era o próximo passo: criar uma rede permanente mundial de bancos centrais que podia ser coordenada de um único local fixo.

Um erudito a escrever sobre este desenvolvimento foi o falecido Dr. Carrol Quigley, professor de Harvard, Princeton e da escola de serviço exterior da Universidade de Georgetown. O livro do Dr. Quigley, *Tragedy and Hope, A History of the World in Our Time*, alcançou algum grau de fama e foi usado por alguns membros da sociedade John Birch para provar suas idéias de 'conspiração comunista'.

Colocando de lado a notoriedade, descobrimos que o livro do Dr. Quigley foi exaustivamente pesquisado e vale a pena ser lido. O Dr. Quigley não era um 'crente da conspiração', mas era um professor altamente respeitado com surpreendentes crédenciais acadêmicas. O livro do Dr. Quigley descreve em grande detalhes o desenvolvimento e os trabalhos da comunidade bancaria internacional e como ela estabeleceu o sistema de papel-moeda inflacionável pelo mundo.

Vamos dar uma breve olhada no que o Dr. Quigley tinha a dizer.

32 - O Dinheiro divertido se torna internacional

Em seu livro, *Tragedy and Hope*, Dr. Quigley divide a história do 'capitalismo' em vários estágios. O terceiro estágio, que é descrito como o período de 1850 a 1931, foi definido por Dr. Quigley como o estágio do capitalismo financeiro. O Dr. Quigley afirma:

> Este terceiro estágio do capitalismo é enormemente significativo na história do século XX, e suas ramificações e influências tem sido tão subterrâneas e até mesmo ocultas, que podemos ser desculpados se devotamos considerável atenção às suas organizações e métodos. Essencialmente, o que ele fez foi tomar os velhos métodos desorganizados e localizados de manusear o dinheiro e o crédito e organizá-los em um sistema integrado, em uma base internacional, que funcionou com uma incrível e bem lubrificada facilidade, por muitas décadas.[1]

Dr. Quigley descreveu o intento geral do novo sistema integrado:

> … os poderes do capitalismo financeiro tinham uma outra meta de longo alcance; nada menos do que criar um sistema mundial de controle financeiro em mãos particulares capazes de dominar o sistema politico de cada país e as economias do mundo como um todo. Este sistema era para ser controlado de um modo feudal pelos bancos centrais do mundo agindo em comum acordo, por acordos secretos alcançados em encontros e conferências particulares. O ápice deste sistema era para ser o banco para assentamentos internacionais em Basel, Suíça; um banco particular possuído e controlado pelos bancos centrais mundiais que eram, eles próprios, corporações particulares. Cada banco central… procurava manipular os câmbios estrangeiros, influenciar o nível de atividade econômica no país e influenciar políticos cooperativos por subsequentes recompensas econômicas no mundo dos negócios.[2]

No mundo de língua inglesa, os recententemente organizados bancos centrais exerceram importante influência politica por meio de uma organização que eles controlavam, conhecida como mesa redonda. A mesa redonda era um grupo de análise e pesquisa destinado a afetar as ações de política externa das nações. A mesa redonda foi fundada por um inglês chamado Cecil Rhodes (1853-1902). Rhodes tinha criado uma vasta operação de mineração de ouro e de diamantes na África do Sul e em duas nações africanas que receberam seu nome: Rodésia do Norte e Rodésia do Sul (hoje, respectivamente Zâmbia e Zimbábue). Rhodes, que foi educado em Oxford, fez mais do que qualquer inglês para explorar os recursos minerais da África e tornar o continente sul-africano uma parte vital do império britânico.

Rhodes era mais que um homem dirigido a fazer uma fortuna pessoal. Ele estava muito preocupado com o mundo e para onde ele seguia, especialmente a respeito da guerra. Embora ele tenha vivido a quase um século atrás, ele divisou o dia quando as armas de grande destruição poderiam acabar com a civilização humana. Sua previdência o inspirou a

canalizar seus consideráveis talentos e fortuna pessoal na construção de um sistema politico mundial sob o qual seria impossível uma guerra de tal magnitude ocorrer. Rhodes pretendia criar um só governo mundial liderado pela Bretanha. O governo mundial seria forte o bastante para impedir quaisquer ações hostis por qualquer grupo de pessoas. Rhodes também queria unificar as pessoas ao tornar o inglês uma linguagem universal. Ele desejava diminuir o nacionalismo e aumentar a consciência entre as pessoas de que elas eram parte de uma comunidade humana maior. Foi com estas metas em mente que Rhodes criou a mesa redonda. Em seu testamento, Rhodes também criou as famosas 'bolsas de estudo Rhodes' – um programa ainda em vigor hoje. O programa das bolsas de estudo Rhodes é destinado a promover sentimentos de cidadania universal baseado nas tradições anglo-saxônicas.

O coração de Rhodes estava claramente no caminho certo. Se fosse bem-sucedido, ele teria desfeito muitos efeitos nocivos causados pelas propostas ações tutelares e pela corrompida rede da irmandade. Uma linguagem universal teria desfeito os efeitos nocivos descritos na história da Torre de Babel ao dividir as pessoas em diferentes grupos linguísticos. Promover o sentimento de uma cidadania universal ajudaria a superar os tipos de nacionalismos que ajudam a gerar as guerras. Contudo, algo saiu errado. Rhodes cometeu o mesmo erro cometido por muitos outros humanitários antes dele: ele pensou que poderia realizar suas metas pelos canais da corrompida rede da irmandade. Rhodes, portanto, terminou por criar instituições que prontamente caíram nas mãos daqueles que efetivamente as utilizariam para oprimir a raça humana. A mesa redonda não só fracassou em fazer o que tinha pretendido Rhodes, mas seus membros mais tarde ajudaram a criar as duas mais odiosas instituições do século XX: o campo de concentração e a mesma coisa que Rhodes tinha dedicado sua vida a evitar: a bomba atômica.

A ideia de Rhodes para a mesa redonda tinha começado em seus vinte e poucos anos. Aos 24 anos, enquanto era um estudante em Oxford, Rhodes escreveu seu segundo testamento, que descrevia seus planos de deixar propriedades de herança para:

> … o estabelecimento, promoção e desenvolvimento de uma sociedade secreta, o verdadeiro objetivo e meta a partir do qual deva ser a extensão do domínio britânico pelo mundo… e finalmente a fundação de um poder tão grande que torne as guerras impossíveis e promova os melhores interesses da humanidade.[3]

A sociedade secreta de Rhodes, a mesa redonda, foi finalmente criada em 1891. Ela foi moldada segundo a livre maçonaria com seus círculos internos e externos. O círculo interno de Rhodes era chamado de círculo dos iniciados e o externo era a associação dos auxiliares. O nome da organização, era uma alusão ao rei Artur e sua legendaria mesa redonda. Por implicação, todos os membros da mesa redonda de Rhodes eram 'cavaleiros'.

Foi inevitável que o sucesso e a influência politica de Rhodes o levassem a ter contato com outros 'movimentadores e abaladores' da sociedade inglesa. Entre eles, com certeza, estavam os maiores financiadores da Bretanha. Um dos principais apoiadores de Rhodes era o banqueiro inglês, lorde Rothschild, chefe do poderoso ramo Rothschild na Inglaterra. lorde Rothschild era listado como um dos membros propostos para o círculo dos

iniciados da mesa redonda. Um outro associado de Rhodes era um influente banqueiro inglês, Alfred Milner.

Depois que Rhodes morreu em 1902, a mesa redonda ganhou um apoio aumentado de membros da comunidade bancária internacional. Eles viam a mesa redonda como um meio de exercer sua influência sobre governos na commonwealth britânica e em outros lugares. Nos EUA, por exemplo, segundo o Dr. Quigley:

> A espinha vertebral central desta organização (a mesa redonda) cresceu ao longo da já existente cooperação financeira do banco Morgan, em New York, a um grupo de financiadores internacionais liderados pelos irmãos Lazard.[4]

A partir de 1925, maiores contribuições para a mesa redonda vieram de indivíduos ricos, fundações e companhias associadas com a irmandade bancária internacional. Estes incluíam o truste Carnegie do Reino Unido, organizações associadas com J. P. Morgan e as famílias Rockefeller e Whitney.

Depois da primeira guerra mundial, a mesa redonda passou por um período de expansão durante o qual muitos subgrupos foram criados. O homem responsável em conseguir que muitos dos subgrupos se iniciassem foi Lionel Curtis. Na Inglaterra e em cada domínio britânico, Curtis estabeleceu um capítulo local (nas palavras de Quigley, um "grupo de frente") da mesa redonda chamado Instituto real de assuntos internacionais. Nos EUA, o 'grupo de frente' da mesa redonda foi chamado *Council on Foreign Relations - CFR* (Conselho de Relações Estrangeiras).

Muitos americanos hoje estão familiarizados com o CFR baseado em New York. O CFR é geralmente considerado como um 'formador de opinião' do qual saem muitos indicados políticos a nível federal. Sob a administração presidencial de Ronald Reagan, por exemplo, mais de 70 membros da administração pertenciam ao CFR, incluindo um número de membros do alto gabinete. O CRF tem dominado as administrações presidenciais anteriores também, bem como domina a atual administração. O presidente do CFR, por muitos anos, têm sido o banqueiro David Rockefeller, antigo presidente do *Chase Manhattan Bank*. Um outro executivo do Chase presidiu o CFR antes disso. O aviso de Thomas Jefferson havia se tornado verdadeiro. A irmandade bancária tem exercido uma forte influência na politica americana, notavelmente nos assuntos externos e o CFR é, assim, um canal pelo qual isto vem sendo feito. Lamentavelmente, esta influência tem ajudado a preservar a inflação, o débito e a guerra como status quo.

Quando Cecil Rhodes estava vivo, ele conquistou um poder considerável na África do Sul e lá serviu por um número de anos como governador colonial. Ele tinha um modo único e eficaz de delegar poder. Segundo um dos mais íntimos amigos de Rhodes, o Dr. Jameson, Rhodes deu uma grande quantidade de autonomia a seu homem de confiança. O Dr. Jameson uma vez escreveu:

> … Mr. Rhodes deixou a decisão (sobre o que fazer em uma situação) ao homem no lugar, eu mesmo, que podia supostamente ser o melhor juiz das condições. Este é o

> modo do sr. Rhodes. É um prazer trabalhar com um homem com sua imensa habilidade e isto dobra o prazer quando você descobre que, na execução dos planos dele, ele deixa tudo com você; embora, sem dúvida no último momento do negócio dos Transval ele tenha sofrido por este sistema, ainda assim, a longo prazo, o sistema funcione. Desde que você alcance o fim que ele tenha em vista, ele não é cuidadoso de abandonar os meios ou os métodos que você irá empregar. Ele deixa um homem por sua própria conta e isto é o porque dele obter o melhor trabalho de que são capazes de todos seus homens.[5]

Isto pode ser um estilo eficaz de liderança, exceto quando o meio usado para alcançar um fim crie seus próprios problemas. Alguns dos métodos usados pelos homens de Rhodes causaram muito mais danos a longo prazo do que bem imediato. Na África do Sul, por exemplo, uma luta entre os colonos holandeses (os Bôers) e os ingleses iniciou a guerra Bôer. Durante este conflito, um dos oficiais britânicos sob Rhodes, lorde Kitchener, estabeleceu campos de concentração para manter os Bôers capturados. Os campos foram decretados por Kitchener em 27 de dezembro de 1900 e mais de 117.000 Bôers foram eventualmente aprisionados dentro de 46 campos. As condições eram tão desumanas que estima-se que 18.000 a 26.000 pessoas morreram, primariamente de doença. Isto foi equivalente ao assassinato em massa. Hoje associamos os campos de concentração com a Alemanha nazista e com a Rússia comunista; mas seu uso no século XX realmente começou com os ingleses sob lorde Kitchener.

Talvez a maior ironia na história da mesa redonda foi o papel da organização em criar a bomba atômica. Depois da morte de Rhodes, os grupos da mesa redonda foram estabelecer outras organizações. Uma delas foi o *Institute for Advanced Study* – IAS (Instituto de Estudos Avançados), localizado em Princeton, New Jersey. O IAS auxiliou grandemente os cientistas que estavam desenvolvendo a primeira bomba atômica nos EUA. Membros do instituto, incluíam Robert Oppenheimer, que foi apelidado ‘pai da bomba A’ e Albert Einstein, para quem o instituto era como uma casa.

Como vimos, o mundo estava passando por importantes desenvolvimentos na medida em que entrava no século XX. O sistema de banco central estava sendo organizado em uma rede internacional. Os banqueiros conquistaram uma grande influência nos assuntos externos da Bretanha e dos EUA por meio de tais grupos como a mesa redonda e o CFR. Enquanto isto, o movimento comunista estavam ganhando um crescente momentum na Europa. Este momentum deu frutos em 1917 quando comunistas revolucionários estabeleceram sua primeira ‘ditadura do proletariado’ na Rússia.

Mais uma vez, o mundo estava na estrada da Utopia Bíblica.

33 - O Paraíso dos Trabalhadores

Para muitas pessoas que então viviam, o período de 1914 até meados da década de 1930 foi um completo cumprimento da profecia apocalíptica. Estes anos testemunharam uma devastadora guerra mundial, uma súbita epidemia mundial de gripe que matou dezenas de milhões de pessoas dentro de um curto período de tempo e um colapso financeiro marcado na Alemanha por uma hiperinflação de sua moeda.

Repentinas mudanças meteorológicas também ocorreram. Porções dos EUA se tornaramáridas "bacias de poeira'. Isto trouxe uma destruição em grande escala das plantações e a perda de muitas fazendas familiares pela execução hipotecária. Este foi um período no qual relatos de espetaculares 'bolas de fogo' (brilhantes meteoros incandescentes) foram publicados pelo New York Times com aumentada frequência. Algumas bolas de fogo pareciam trazer com elas tempestades violentas, terremotos e outros desastres naturais. Novos messias estavam aparecendo pelo mundo. Certamente, muitos acreditaram, Deus estava apressando o dia do julgamento.

O início do século XX testemunhou muitas mudanças na Alemanha. As principalidades autônomas estavam sendo reunidas em uma única nação alemã. Liderando este esforço de unificação estava a dinastia prussiana Hohenzollern, que também estava no processo de forjar uma grande máquina de guerra alemã. Esta máquina era comandada pelo Kaiser William, um Hohenzollern, que ajudou a mergulhar a Europa na primeira guerra mundial.

Por trás da militarização alemã estava a rede da irmandade. Nos anos iniciais de 1900, um número de organizações místicas na Alemanha estavam esposando uma curiosa mistura de idéias de aaça mestra ariana e conceitos místicos sobre as futuras glórias da Alemanha. Esta 'fabricação' resultou na noção de uma raça mestra alemã. Um dos escritores mais proeminentes neste gênero foi Houston Stewart Chamberlain, um inglês criado em Paris e que tinha por tutor quando jovem um prussiano. Seu trabalho mais importante, *Die Grundlagen des Neunzehnten Jahrhunderts* ("A Fundação do século XIX") foi publicado em 1899. Neste trabalho Chamberlain exaltou as glórias do 'germanismo' e anunciou que a Alemanha era a nação mais adequada a trazer uma 'nova ordem' à Europa. Ele indicou que os alemães pertenciam ao grupo ariano ocidental de pessoas e portanto, eram racialmente superiores a todos os outros. Da Alemanha se elevaria uma nova raça de 'super-homens', ele declarou. Chamberlain acreditava na eugenia (melhorar a raça humana ao cuidadosamente escolher os pais naturais) e ele proclamou que todos os alemães arianos tinham o dever de gerar a super-raça de sua semente ariana. Chamberlain também não hesitou em expressar seu antissemitismo. Ele afirmou que os judeus introduziam uma influência estrangeira na Europa e que eles desestabilizavam todas as culturas nas quais eles se tornavam assimilados.

O imperador (kaiser) Wilhelm da Alemanha e muitos membros dos corpos de oficiais alemães estavam profundamente inspirados pelos escritos de Chamberlain. O Kaiser convidou Chamberlain para a corte real e diz-se que cumprimentou Chamberlain com as palavras, 'Foi Deus que enviou seu livro para o povo alemão e pessoalmente para

mim'. Chamberlain permaneceu um hóspede no palácio do imperador em Potsdam onde ele se tornou o mentor espiritual do kaiser. As idéias misticas esposadas por Chamberlain fizeram muito para empurrar o kaiser e outros lideres alemães na megalomania que trouxe a primeira guerra mundial.

A própria primeira guerra mundial foi desencadeada por uma série de crises causadas pelo assassinato do arquiduque austríaco Franz Ferdinand, aparente herdeiro do trono austríaco. Ele e sua esposa, a duquesa Sofia, receberam tiros em 28 de junho de 1914 em Sarajevo por assassinos sérvios que pertenciam a uma sociedade secreta oculta conhecida como 'Mão negra'. Uma reação em cadeia política seguiu-se ao assassinato e a primeira guerra mundial encontrou seu caminho quando o chefe de estado alemão, o general Helmuth von Moltke (ele próprio um mistico, embora por algumas narrativas não fosse tão fanático quanto ao destino alemão quanto o Kaiser), ordenou uma completa mobilização militar, seguida por uma invasão da França em 1º de agosto de 1914.

Membros da rede mística tinham, mais uma vez, iniciado uma guerra brutal e sem sentido.

Há uma outra história da primeira guerra mundial que vale a pena ser partilhada. É uma estória de uma paz não usual. Foi dito, na revista *Parade*, pelo time de escritores Irving Wallace, David Wallichinsky e Amy Wallace em sua coluna 'Significa'. Eis a história como eles a escreveram:

> Entre os horrores da primeira guerra mundial, ocorreu uma única trégua quando, por umas poucas horas, os inimigos se comportaram como irmãos.
>
> A véspera do Natal de 1914 foi bastante quieta no fronte ocidental da França, do Canal Inglês aos Alpes Suíços. As trincheiras chegavam a 50 milhas de Paris. A guerra tinha apenas cinco meses e aproximadamente 800.000 homens estavam feridos ou mortos. Todo soldado imaginava se o dia de natal podia trazer uma outra rodada de luta e morte. Mas algo aconteceu: os soldados britânicos levantaram cartazes de 'feliz natal' e logo cantos foram ouvidos igualmente das trincheiras inglesas e alemãs.
>
> O natal amanheceu com soldados desarmados deixando suas trincheiras, com os oficiais de ambos os lados tentando, sem sucesso, impedir suas tropas de encontrarem o inimigo no meio da terra de ninguém para músicas e conversas. Trocando pequenos presentes – principalmente doces e cigarros – eles passaram o dia de natal pacificamente ao longo de milhas do fronte. Em um ponto, os britânicos jogaram futebol com os alemães, que venceram por três a dois.
>
> Em alguns lugares, a trégua espontânea continuou no dia seguinte, nenhum dos lados sendo voluntário para disparar o primeiro tiro. Finalmente a guerra recomeçou quando chegaram novas tropas e o alto-comando de ambos exércitos ordenou que posteriores 'entendimentos informais' com o inimigo seriam punidos como traição.[2]

O episódio acima é um destes pequenos, mas dignos de nota, episódios que revelam como os seres humanos não parecem ser naturalmente inclinados à guerra. Dada uma chance, eles abaixarão suas armas e se engajarão em buscas mais construtivas e de coração leve. O que fez com que estes soldados combatessem novamente foram as pressões de uma estrutura social artificial que se eleva dos muitos fatores descritos neste livro.

Um grande evento oriundo da primeira guerra mundial foi a revolução bolchevique russa de 1917. Esta foi a revolução que transformou a Rússia na nação comunista que conhecemos pela maior parte do século XX. A revolução ocorreu um ano antes do fim da primeira guerra mundial. Ela foi liderada em grande parte por Vladimir Ilyich Ulyanov, que é mais conhecido pelo seu apelido, "Lenin".

Ao tempo da revolução, a Rússia era inimiga da Alemanha. A crueldade da primeira guerra mundial tinha levantado no povo russo um forte sentimento anti-alemão. Os inimigos do bolchevismo foram capazes de usar este sentimento contra os bolcheviques ao acusar Lenin de ser um agente alemão. Até certo ponto, esta acusação era verdadeira. Sir Winston Churchill, o primeiro-ministro da Grã-Bretanha durante a segunda guerra mundial, escreveu, 'Eles (os alemães) transportaram Lenin em um trem lacrado como um bacilo da peste da Suíça para a Rússia'[3]. Churchill estava se referindo ao trem no qual Lenin e seu séquito viajaram de sua sede revolucionária na Suíça, pela Alemanha, até a Rússia para liderar a revolução que já estava acontecendo. Os militares alemães garantiram uma passagem segura para a trem de Lenin pela Alemanha, mas não permitiriam que Lenin, ou seus seguidores, descessem do trem enquanto estivessem em solo alemão. Na primeira parada do trem na Alemanha, depois de atravessar a fronteira com a Suíça, foi recebido e abordado por dois oficiais alemães que forneceram uma escolta silenciosa para o grupo revolucionário. Os oficiais haviam sido instruídos anteriormente pelo general Erich Ludendorff, chefe de gabinete do 8º exército do fronte oriental. Ludendorff, mais tarde, se tornou uma das mais poderosas figuras politicas da Alemanha e um importante apoiador de Adolph Hitler.

Michael Pearson, autor de um excelente livro, *The Sealed Train*, apresenta evidência de que os alemães continuaram a apoiar os bolcheviques até mesmo depois que a revolução russa havia acabado. Os militares alemães queriam se assegurar de que os bolcheviques fossem capazes de manter o poder na Rússia. Segundo os registros do escritório do exterior alemão divulgados depois da segunda guerra mundial, o escritório do exterior tinha alocado por volta de 5 de fevereiro de 1918, um total de 40.580.997 marcos alemães para 'propaganda' russa e 'propósitos especiais'. A maior parte deste dinheiro acredita-se ter sido enviada diretamente para o novo regime comunista… Segundo os mesmos documentos, 15 milhões de marcos tinham sido liberados para a Rússia pelo tesouro alemão apenas um dia depois que Lenin oficialmente assumiu o poder em novembro de 1917. Um telegrama enviado em 3 de dezembro de 1917 por Richard von Kuhlman, secretário do exterior alemão, afirmou:

> …não foi até os bolcheviques terem recebido de nós um fluxo incessante de fundos por meios de vários canais, que eles estiveram em posição de construir seu principal

> órgão, Pravda, para conduzir enérgica propaganda e estender, apreciavelmente, a base originariamente estreita de seu partido.[4]

Três meses mais tarde, um outro telegrama enviado por von Kuhlman revelou:

> … o movimento bolchevique nunca poderia ter alcançado a escala ou a influência que ele tem hoje sem nosso contínuo apoio.[5]

Lenin, compreensivelmente, negou as acusações de que ele tivesse recebido qualquer assistência da Alemanha. A Alemanha era inimiga da Rússia e Lenin teria sido considerado um traidor pela Rússia. Afinal, porque a Alemanha capitalista ajudaria os comunistas? O opressivo czar russo já havia abdicado antes da revolução e o governo provisório criou, em seu lugar, uma forma republicana de governo moldada como os EUA.

A maioria das pessoas acredita que a Alemanha ajudou Lenin a derrubar o governo provisório para terminar com o envolvimento da Rússia na primeira guerra mundial. Os lideres militares alemães queriam nada mais do que desengajar o front oriental, que tanto necessitava de soldados e suprimentos e que podiam, então, ser transferidos para outros lugares. O governo provisório havia continuado a guerra contra a Alemanha enquanto que, os bolcheviques de fato tiraram a Rússia da primeira guerra mundial, depois que eles tomaram o poder.

A questão então é levantada: porque a Alemanha ajudou os revolucionários *comunistas*? Haviam outros grupos políticos na Rússia que poderiam ter sido apoiados.

Por um motivo, os bolcheviques provavelmente pareceram uma melhor chance de sucesso. Um fator mais importante é que alguns industriais alemães muito proeminentes e financiadores, com influência nos militares alemães, eram apoiadores do movimento comunista. O apoio deles havia começado muito antes da primeira guerra mundial. Um dos mais visíveis apoiadores de Karl Marx tinha sido o rico industrial alemão Friedrich Engels. Ele inclusive coautorou o *Manifesto Comunista* com Marx. Significativo apoio ao comunismo veio também da comunidade bancária alemã. Max Warburg, um alto líder das finanças alemãs, emprestou sua assistência aos bolcheviques, como o fez o banqueiro Jacob Schiff que, embora um americano, veio da mesma família alemã que havia partilhado uma casa em Frankfurt, gerações antes, com a família Rothschild. Segundo o neto de Schiff, ele havia emprestado aproximadamente 20 milhões de dólares ao governo comunista inicial na Rússia. A fusão combinada dos empréstimos ocidentais e o dinheiro do tesouro alemão foram as únicas coisas que capacitaram o inicial regime bolchevique a sobreviver.

Haviam muitas razões para que os banqueiros ocidentais financiassem os bolcheviques. As origens comuns do comunismo e do sistema do papel-moeda inflacionável na mesma rede mística é um fator a ser considerado. O marxismo seguiu estreitamente o padrão filosófico básico do cristianismo e de outras religiões tutelares com suas mensagens de batalha Final e utopia. Talvez o fato mais importante sobre o comunismo moderno para explicar o apoio dos bancos ocidentais seja o fato de que o

comunismo é, realmente, o capitalismo levado ao extremo. Para entender isto, devemos dar uma olhada no que realmente é o 'capitalismo'.

O 'capitalismo' e o 'livre empreendimento' são frequentemente igualados. Eles não devem ser. O 'livre empreendimento' é uma atividade econômica sem restrições; ele ocorre onde existe um mercado livre e aberto para a produção e troca de bens e serviços. Os empreendedores (as pessoas que começam negócios e assumem seus riscos) são a espinha dorsal dos sistemas de 'livre empreendimento'.

O 'capitalismo', por outro lado, tem duas definições básicas. A primeira definição exalta os chamados 'bens de capital'. Estas são as mercadorias utilizadas para fabricar outras mercadorias. Um típico bem de capital seria uma máquina usada para enrolar linha. Um 'capitalista' pode, entretanto, significar uma pessoa que compra bens de capital e os usa para fabricar outros produtos para lucro. Este tipo de capitalista é geralmente encontrado em um sistema de 'livre empreendimento', mas ele não precisa de um sistema de livre empreendimento para sobreviver. Ele pode existir em quase qualquer tipo de sistema politico ou econômico no qual o lucro seja obtido. De fato, este tipo de capitalista frequentemente sobrevive melhor em um sistema de livre empreendimento fechado, onde há pouca ou nenhuma competição.

Os governos são capitalistas quando eles possuem e investem em equipamento de capital.

O segundo tipo de capitalista e o 'capitalista financeiro'. O capitalismo financeiro é o controle dos recursos pelo investimento e o movimento do dinheiro. Isto pode ou não envolver a compra de bens de capital. Um capitalista financeiro geralmente investe seu dinheiro em ações de companhias e influencia o uso dos recursos ao determinar em que empreendimentos ele investirá. Um capitalista financeiro também pode ser um banqueiro que pode criar papel-moeda inflacionável para emprestar e que é capaz de influenciar o uso dos recursos através de como empresta dinheiro 'criado do nada'. O capitalista financeiro também não precisa do sistema do livre empreendimento para sobreviver e frequentemente se beneficia de monopólios.

Como podemos ver, o capitalismo não é a mesma criatura como o livre empreendimento, mesmo se eles frequentemente coexistam. O livre empreendimento e o capitalismo frequentemente entram em conflito um com o outro porque, o capitalismo tende a se mover na direção do monopólio e o livre empreendimento tende a favorecer mercados livres e abertos, acessíveis a qualquer empreendedor.

Em 1989 e no início da década de 1990, a Rússia e a maioria das nações da Europa oriental, voluntariamente desmantelaram o comunismo em suas nações para substituí-lo pela democracia no estilo ocidental. A União Soviética foi abolida e a maioria das repúblicas soviéticas se tornaram países independentes, unidos em uma confederação frouxamente costurada chamada "comunidade dos estados independentes'. A propriedade privada de terra e negócios foi restaurada em grande extensão. Não obstante, ainda é útil discutir o que foi a União Soviética sob o comunismo, para entender como esta importante

facção da irmandade fez tanto para perpetuar importantes problemas dentro de seu período de vida. Sobretudo, o comunismo ainda domina outras nações e continua a inspirar o conflito revolucionário no terceiro mundo.

O sistema econômico da Rússia comunista foi ultra capitalista porque sua indústria era ainda mais monopolizada e a economia da nação era mais dominada, pelas mesmas instituições que dominam as nações capitalistas. A mais importante destas instituições era o banco central soviético, que operava exatamente como os bancos centrais das nações ocidentais. A maior diferença era que o banco central russo tinha e ainda tem, ao tempo em que escrevo, um papel até mesmo mais intrusivo na vida econômica do país.

O banco central da União Soviética e chamado Gosbank. Ele e ao mesmo tempo um banco central e um banco comercial reunidos em um. Já em 1980, o Gosbank tinha aproximadamente 3.500 agências e 150.000 empregados. Os maiores empreendimentos soviéticos, que eram todos de propriedade do governo, dependiam do Gosbank para empréstimos nos períodos em que seus gastos eram maiores que seus rendimentos. Em outras palavras, os empreendimentos do governo comunista na União Soviética também operavam em uma base de 'perda e lucro' e eles tinham que tomar dinheiro emprestado do Gosbank quando eles sofriam uma perda. Como nas nações não comunistas, os empreendimentos soviéticos pagavam juros sobre o dinheiro que eles tomavam emprestado. A única diferença é que o Gosbank cobrava uma taxa fixa de juros enquanto muitos bancos ocidentais têm uma taxa flutuante.

O Gosbank era e ainda é, um 'banco de emissão'; isto é, tem o poder de emitir dinheiro. O Gosbank cria 'dinheiro do nada', exatamente como fazem os bancos ocidentais. Embora o Gosbank estivesse ostensivamente sob o controle do governo, na Rússia comunista, ele de fato era uma instituição semiautônoma com a qual os empreendimentos soviéticos estavam, e ainda estão, profundamente em débito.

O Gosbank foi até mesmo mais dominante nos assuntos financeiros soviéticos do que o são os bancos centrais nas nações ocidentais, porque todas as transações entre os empreendimentos soviéticos tinham que acontecer através do Gosbank. Isto permitiu que o Gosbank supervisionasse o tempo todo e ainda hoje, todas as transações financeiras envolvendo os empreendimentos soviéticos. O Gosbank estava também a cargo de pagar os salários de todos os trabalhadores. Isto era uma burocracia enorme que regulava a atividade econômica soviética em um grau notável.

Como podemos ver, a Rússia comunista era um sonho financeiro capitalista. A idéia marxista de tudo é possuído 'coletivamente' sob o comunismo, simplesmente significou que uma seleta elite no banco e no governo tinha completa autoridade para dirigir o uso de todos os recursos exploráveis no país. Os trabalhadores soviéticos recebiam salários com os quais podiam comprar bens pessoais, mas sob a lei soviética eles não podiam possuir terra, construções, negócios ou qualquer grande equipamento industrial. Os cidadãos soviéticos podiam vender apenas itens 'usados' ou produzidos pessoalmente, mas eles não podiam contratar outros para lucro pessoal ou se engajar em atividades de intermediários. Embora existissem limitadas exceções a estas restrições e um florescente mercado negro, as leis

soviéticas, não obstante, criaram um monopólio eficaz no qual os trabalhadores russos eram altamente explorados em um rígido sistema feudal; precisamos apenas comparar a Rússia comunista com o feudalismo medieval para apreciar este fato:

Como nos velhos feudalismos europeus, a maioria dos cidadãos soviéticos eram forçados a sofrer crônicas faltas de bens e serviços e lhes era dito que tinham que suportar isto como um sacrifício pelo bem da mãe Rússia.

Como nos velhos feudalismos, o povo soviético era efetivamente 'ligado à terra' por uma rígida burocracia que proibia as pessoas de se moverem sem aprovação do governo. O regulamento existia para controlar a vida política e econômica da União Soviética ao decidir onde as pessoas viviam e trabalhavam. Este foi o mesmo motivo usado para ligar as pessoas à terra sob os antigos senhores feudais. Isto fez com que as pessoas na União Soviética se tornassem, em algum grau, servos. A emigração para nações fora da cortina de ferro era severamente restrita o que, novamente, acrescentou uma forma de servidão, porque as pessoas estavam ancoradas à terra onde elas nasceram. Como nos velhos feudalismos, eram concedidos à elite da Rússia comunista luxos especiais e privilégios negados por lei às 'massas'. Na União Soviética comunista, tais privilégios incluíam lojas especiais onde apenas uns poucos tinham permissão de comprar. A elite também achou mais fácil viajar para o exterior e enviar seus filhos para o exterior para serem educados.

Os velhos senhores feudais mantiveram o sistema ao oferecer um castelo fortificado no qual os servos podiam se recolher quando atacados por saqueadores ou exércitos estrangeiros. O sistema soviético também permaneceu vivo ao encorajar a xenofobia e ao regularmente lembrar ao povo soviético sobre a invasão da Rússia por Napoleão e a Alemanha nazista. O estado soviético prometeu ao seu povo a proteção contra um mundo externo assustador e perigoso.

Como talvez possamos ver, a glorificação marxista do trabalhador se enquadra no sistema comunista soviético muito bem. Porque o sistema coloca tão severas limitações sobre a propriedade, a vasta maioria das pessoas era apenas valiosa como trabalhadores ou burocratas. O comunismo também é abertamente ateísta, isto é, nega a existência de qualquer realidade espiritual. O sistema comunista soviético, portanto, satisfez as intenções tutelares expressas nos textos antigos de preservar o *homo sapiens* como uma criatura de sofrimento cuja existência, desde o nascimento até a morte, deve ser uma longa luta pela existência física sem qualquer acesso ao conhecimento espiritual que deve libertá-lo.

Um aspecto importante da revolução rRussa foi o papel dos serviços de espionagem na revolta. Ao tempo da revolução russa, a comunidade internacional de inteligência tinha crescido em um grande e sofisticado agente com considerável influência. Por toda a história, os membros da rede da irmandade em posições de poder politico consideraram os serviços de inteligência um conduto ideal para promover as agendas politicas e sociais da irmandade, por causa do sigilo que tipicamente cerca as atividades de inteligência. Como resultado, muitos serviços de inteligência se transformaram em fontes de manipulação, revolta e traição. Este comportamento já era evidente na Rússia, ao tempo da revolução russa.

Antes que fosse estabelecido o governo provisório, a Rússia era governada por um Czar (imperador). O último Czar tinha, à sua disposição, uma vasta rede de inteligência conhecida como 'Okhrana.' A Okhrana consistia em várias organizações de inteligência que realizavam todas as funções usuais de espionagem com seus agentes secretos, agentes duplos, agentes provocadores e dossiês secretos. A Okhrana espionava os amigos e os inimigos czaristas igualmente e agia como a polícia interna de segurança da Rússia. Dentro da Rússia, a Okhrana se engajou em extensas atividades subversivas. As atividades domésticas impopulares da Okhrana eram um problema principal para que os bolcheviques atacassem o Czar.

O Czar, é claro, foi eventualmente destronado. Isto deveria significar que a Okhrana tinha falhado.

Tinha mesmo?

Os historiadores têm notado que a Okhrana fôra pesadamente infiltrada e ajudou o movimento bolchevista. A Okhrana fez isto por meio dos chamados 'agentes provocadores'. Um agente provocador é alguém que, deliberadamente, agita outros para cometerem atos ilegais e de rompimento, geralmente para desacreditar ou prender a vítima manipulada. Na América e em outras nações hoje, os agentes provocadores são frequentemente usados pelas agências de polícia para aprisionar ou comprometer pessoas alvo. Estas atividades são algumas vezes chamadas de operações "ferrão".

Parece haver uma razão óbvia para o engajamento dos agentes provocadores. Se a pessoa alvo não comete um ato pelo qual ela possa ser difamada, comprometida ou aprisionada, ela deve ser levada a cometer um. Porque a maioria das ações provocadoras são destinadas contra alegados criminosos ou subversivos, pareceria que o provocadorismo é um instrumento útil para combater o crime e a subversão. Na realidade, não é.

Depois de uma análise cuidadosa, um pesquisador logo descobre que as ações provocadoras são quase que, invariavelmente, realizadas por pessoas dentro das agências de inteligência e da polícia e que eles próprios são criminosos ou subversivos. O provocadorismo prova ser uma cobertura frequente para a subversão ou criminalidade oficialmente sancionada. As ações provocadoras são o melhor meio para a polícia e os serviços de inteligência disfarçarem seu apoio secreto a elementos criminosos ou subversivos. Um claro exemplo disto foi a Ohkrana russa.

A Okhrana enviou muitos agentes para se unirem ao crescente movimento comunista na Rússia. Agentes da Okhrana se insinuaram nos círculos mais internos do partido Bolchevique, dirigindo muitas atividades bolcheviques. Esta infiltração foi tão grande que, nos anos de 1908-1909, agentes da Okhrana constituíam quatro em cada cinco membros do comitê do partido Bolchevique em St. Petersburgo. Embora as prisões dos revolucionários fossem frequentes, a Okhrana fez muito mais para ajudar os bolcheviques russos, sob o disfarce do provocadorismo, do que o fez para prejudicá-los. A Okhrana forneceu dinheiro regular e os materiais muito necessitados pelos revolucionários. Ela trabalhou para impedir os dois partidos rivais dos bolcheviques: o partido social-democrata

e os mensheviks. A Okhrana ajudou a lançar a maior publicação de propaganda dos bolcheviques, *Pravda*. Quando o *Pravda* foi fundado em 1912, agentes da Okhrana serviram como editor (Roman Malinovskii, que era também um membro do comitê central bolchevique e tenente chefe de Lenin na Rússia) e tesoureiro (Miron Chernomazov).

A Okhrana pode, também, ter fornecido aos comunistas russos o infame ditador Joseph Stalin. O biógrafo Edward Ellis Smith, escrevendo em seu livro, *The Young Stalin*, sugere que Stalin - um revolucionário que mais tarde alçou a posição principal do governo soviético - pode ter entrado para o movimento comunista como um agente provocador. Historiadores apontaram que Stalin foi um principal contato entre os bolcheviques e a polícia czarista e ele foi capaz de obter, da Okhrana, muitos itens urgentemente necessários.

Depois que o Czar abdicou em 1917, o governo provisório debandou a rede inteira da Okhrana. A propaganda bolchevista havia denunciado abertamente a Okhrana e portanto, poderíamos esperar que os comunistas vitoriosos deixassem o aparato de inteligência russo desmantelado. Os bolcheviques fizeram o oposto. Dentro de seis semanas da derrubada do governo provisório, os bolcheviques reestabeleceram a rede de inteligência. Isto não é surpreendente quando consideramos o pesado envolvimento da Okhrana no partido bolchevista. Lenin meramente fez alguma reforma geral organizacional, deu a Ohkrana um novo nome e fez o braço da inteligência do governo até mesmo mais dominante e opressivo do que sob o Czar. Por 1921, somente quatro anos depois da revolução, a polícia secreta bolchevique empregou dez vezes mais pessoas do o que havia feito anteriormente a Okhrana sob o Czar. Foi um segredo por todos conhecido na Rússia que a Ohkrana estava de volta, mais terrível do que nunca.

O nome dado ao aparato reorganizado da inteligência russa foi "comissão extraordinária para o combate à contra revolução e à sabotagem", mas conhecida como 'Checka'. A Checka mudou seu nome e forma várias vezes durante as décadas seguintes. Em 1922 ela se tornou GPU, depois OGPU e em 1934 foi reorganizada na "comissão do povo para assuntos internos" (*Narodniy Komissariat Vnutrennikh Diel* - NKVD). Ela foi finalmente transformada no moderno comitê de segurança do estado - KGB (*Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti*) – a maior organização de inteligência da história. Em 1992, a KGB empregava aproximadamente 90.000 oficiais apenas para segurança interna e o sistema de prisão politica. A KGB operava seu próprio exército de 175.000 tropas de fronteira e realizava a maioria das ações de espionagem e de agente provocador pelas quais o governo soviético tinha se tornado bem conhecido. Uma organização do tamanho da KGB era, obviamente, cara de ser dirigida. Os enormes recursos necessários para manter esta imensa burocracia de inteligência foram fatores que ajudaram a economia soviética a se manter tão deprimente. Os trabalhadores soviéticos pagavam a maciça KGB a cada dia com um padrão inferior de vida que eles ainda estão lutando para elevar. Enquanto escrevo isto, a KGB continua a existir dentro da comunidade de estados independentes, mas tem havido alguma reestruturação para refletir a queda da União Soviética e algumas das funções da KGB mudaram.

Uma pessoa a escrever sobre a revolução russa foi Arsene de Goulevitch, um antigo general do exército russo 'branco', antibolchevista. Embora Goulevitch dificilmente possa

ser considerado imparcial, ele tinha algumas coisas interessantes a dizer em seu livro, *Tsarism and the Revolution*.

Segundo Goulevitch, agentes secretos ingleses eram numerosos na Rússia antes e durante a revolução. De fato, murmurava-se que algum apoio financeiro à causa de Lenin viria de fontes bancárias britânicas. Uma destas fontes murmuradas foi Alfred Milner. Como recordamos, Milner foi um dos organizadores da mesa redonda. Ele era também uma figura politica importante na Africa do Sul durante a guerra Boer. Foi durante a guerra Boer que os ingleses criaram o moderno campo de concentração. Se a alegação de Goulevitch contem alguma verdade, então podemos melhor entender de onde os bolcheviques tiveram a ideia de estabelecerem um sistema maciço de campos de concentração como parte do novo sistema econômico comunista: nomeadamente, dos ingleses.

O sistema inicial de campos de concentração soviéticos foi um problema de grande escala que alcançou suas alturas sob o sucessor de Lenin, Joseph Stalin. Sob o brutal Stalin, um programa drástico foi lançado para industrializar a Rússia, começando com o chamado 'plano de cinco anos'. O plano exigia grandes quantidades de trabalho barato. Para adquirií-lo, uma rede disseminada de campos de concentração foi criada na Rússia. Os campos eram administrados pela polícia secreta russa, a NKVD. Os prisioneiros dos campos de concentração eram trabalhadores escravos que trabalhavam sob condições brutais. Quase todos os trabalhadores eram russos nativos que tinham sido aprisionados sob vários pretextos.

Os campos eram uma parte integral da economia soviética por muitas décadas. Em 1941, por exemplo, 17% do fundo de capital para construção da Rússia estava alocado para a NKVD para ajudar a operar estes campos. Quase metade da produção de cromo e dois terços da de ouro na Rússia eram realizados pelos prisioneiros dos campos. Dezenas de milhões de pessoas passaram pelos campos e aproximadamente 10% delas lá morreram. Estima-se que de três a quatro milhões de pessoas pereceram nos campos, apenas do tempo de criação dos campos até 1950.

Os campos de concentração soviéticos eram decididamente instituições 'capitalistas' pelo fato de que eles eram destinados a, insensivelmente, explorar o trabalho humano em um grau máximo. As 'oprimidas classes trabalhadoras' tinham se tornado até mesmo mais oprimidas sob seus 'libertadores' comunistas. Com as reformas em andamento na Rússia, permanece a ser visto o que acontecerá com os campos de concentração. Enquanto escrevo este livro, eles ainda estão em uso como campos de trabalho de prisioneiros.

A imposição do comunismo ao povo russo e seu sistema de longo alcance de campos de concentração ocorreram durante uma era já tumultuada. A primeira guerra mundial foi um conflito brutal. Ela clamou aproximadamente 10 milhões de baixas e milhões mais em perdas civis. Quando a guerra terminou em 1918, uma outra catástrofe atacou: uma epidemia mundial de gripe. A epidemia durou menos de um ano mas conseguiu, neste tempo surpreendentemente curto, matar mais de 20 milhões de pessoas; ela foi tão súbita e tão devastadora quanto a peste bubônica do século XIV. Na Rússia, estes eventos foram agudamente sentidos. Uma fome, acoplada com a gripe, matou

aproximadamente vinte milhões de russos entre 1914 e 1924. A fome foi causada grandemente pela revolução comunista e os consequentes agitações econômicas.

Para o sitiado povo russo, estes eventos eram apenas o início de um crescente pesadelo.

Sob o Plano de Cinco Anos iniciado em 1928 por Stalin, toda a terra de propriedade particular era para ser "coletivizada" – isto é, colocada sob propriedade do governo. Muitos camponeses e proprietários de terras resistiram. O governo de Stalin respondeu lançando um programa de assassinato em massa similar ao reino do terror francês. Os camponeses e os proprietários de terra foram alvo do extermínio físico para tomar a terra deles e removê-los como obstáculos à utopia comunista. Esta campanha de extermínio durou de 1929 a 1934. Milhões de pessoas foram mortas por nenhum outro crime além de possuírem terra. Em resposta, a rebelião irrompeu entre 1932 e 1934 na qual os camponeses desafiadores destruíram metade dos rebanhos russos. Este ato de rebelião, acoplado à tentativa do regime comunista de trazer dinheiro de fora para exportar o trigo (3.5 milhões de toneladas dentro de dois anos), resultou em uma outra fome que clamou adicionais cinco milhões de vidas russas.

A contagem total de mortes entre 1917 e 1950 como um resultado direto e indireto do estabelecimento do comunismo na Rússia pode, a grosso modo, ser estimado entre 35 a 40 milhões de pessoas. Esta é uma das maiores taxas de mortalidade de um único episódio na história. A esta estatística devemos acrescentar as mortes associadas ao estabelecimento do comunismo em outros países, tais como os dois milhões de proprietários de terra assassinados na China durante o drástico programa industrial de Mão Tse-Tung nos anos de 1950 e os milhões trucidados no Cambodja na década de 1970 sob a república do Khmer. Em termos de números de vidas perdidas, o comunismo foi um dos eventos únicos mais catastróficos da história humana.

Meu propósito nesta discussão não é bater os tambores para um raivoso antic omunismo. É simplesmente indicar que os padrões históricos que temos estudado continuaram a ocorrer no século XX. O comunismo é pouco mais do que um reprocessamento de um tema esgotado, que tem se repetido vezes seguidas com as mesmas consequências trágicas. "Comunismo" nada mais é que uma longa linha de artificialidades destrutivas que se elevam da rede mística da irmandade, que tem ajudado a manter o povo amedrontado, em sofrimento e morrendo por absolutamente nenhum propósito. O 'comunismo' não era uma alternativa aos inimigos que ele afirmava combater, nomeadamente, o 'capitalismo' monopolista e as religiões de fim do mundo. O comunismo moderno foi seu desenvolvimento natural.

O desmantelamento do comunismo soviético e europeu tem sido uma causa para genuína elevação pelo mundo. As facções da irmandade tem ido e vindo pela história, frequentemente trazendo um período de ressurgência. Infelizmente, os reformadores do leste europeu atualmente planejam preservar o sistema de papel-moeda inflacionável e erigir um esquema de impostos graduados que ajude a pagar por ele. Severass rixas étnicas e nacionalistas que proliferam em várias das antigas nações comunistas revelam que outras facções guerreiras foram regeneradas ou criadas para deteriorar a paz que deveria ter vindo com o fim da Guerra Fria.

34 - Robo-Sapiens

A regressão do conhecimento espiritual para a ideologia materialista parece seguir um caminho graduado de um para outro. Podemos mapear este processo começando no topo em como uma perfeita perspectiva espiritualista pode definir as realidades físicas e espirituais e ir descendo para como a perspectiva materialista os definiria:

Realidade Espiritual	Realidade Espiritual
Todo mundo é um ser espiritual. A existência espiritual é, no máximo, independente de todos os processos materiais. Os processos espirituais são os principais e eficazes, sobre o universo material não há limite conhecido para a habilidade potencial de qualquer ser espiritual.	As realidades materiais são inteiramente o produto de processos espirituais, e estas realidades podem maximamente serem criadas, mudadas ou desaparecerem pelos processos espirituais. O completo conhecimento de todos os processos materiais e espirituais é possível.
Todo mundo é um ser espiritual, mas existem diferentes classes de seres espirituais que não podem ser mudadas.	Os seres espirituais são submetidos a algumas leis ‘inevitáveis’ ou ‘inalteráveis’ governando os trabalhos do universo físico.
Todo mundo é um ser espiritual mas existem seres espirituais superiores aos quais todos os outros seres espirituais são inferiores.	Os processos materiais são, primariamente, o resultado das atividades dos seres espirituais “superiores” aos quais todos os outros seres são inferiores.
Todo mundo tem em si um lado espiritual, mas somente um ser puramente espiritual, geralmente um ‘único’ Deus.	O universo material foi criado por um ’só’ Deus. Existem muitas leis ‘inevitáveis’ de universo que as pessoas nem podem esperar vir a compreender.
A realidade espiritual existe, mas é dependente e se eleva do universo material. Se ha um ser supremo, ele e provavelmente um ser material ou uma lei científica.	Os processos materiais, sozinhos, respondem por quaisquer fenômenos espirituais. As habilidades espirituais, tais como a Percepção Extra Sensorial ("ESP") “clarividência etc, se elas existem, são apenas o resultado de princípios ainda não descobertos do universo material.
A realidade espiritual não existe de todo. Tudo pode ser explicado como produtos de processos materiais.	Não há outra realidade além do universo físico. As habilidades espirituais tais como a “ESP,” etc, não existem.
A ‘Vida’ não existe. Todo movimento e produto de processos físicos inanimados que causam a ilusão de ‘vida’ e ‘pensamento’.	

A moderna cultura ocidental parece estar situada em algum lugar ao redor da metade inferior na tabela acima. Liderando a tendência em direção à parte inferior está a prática conhecida como 'psiquiatria científica'. Há muitas pessoas boas trabalhando na psiquiatria, mas o campo como um todo tem se tornado crescentemente politizado devido ao seu uso pelos governos em uma variedade de ambientes e ela tem promovido uma visão estritamente materialista. A psiquiatria moderna tristemente obliterou o último vestígio de realidade espiritual, reconhecido até mesmo por Marx. Para entender este desenvolvimento, vamos brevemente observar a história da psiquiatria científica.

Os esforços para curar as pessoas da aflição mental são tão velhos quanto a história. É aos gregos e aos romanos que a moderna psiquiatria traça muitas de suas origens. Mais de 2.000 anos atrás, o médico grego Hipócrates (ca. 400 AC), tinha classificado várias formas de doença mental e rejeitado a noção de que os males mentais fossem causados por deuses zangados ou possessão demoníaca. Na Roma antiga, Galeno (século II de nossa era) foi um dos primeiros a teorizar uma ligação entre o cérebro e o funcionamento mental. Depois de Galeno, a psicologia ocidental recuou a uma crença em demônios e feiticeiras por muitos séculos.

Talvez a mais importante inovação na psiquiatria tenha ocorrido na Áustria. Entre 1880 e 1882, o médico vienense Josef Breuer descobriu que ele era capaz de curar uma menina de severa histeria ao fazer com que ela relembrasse e revivesse, sob hipnose, um incidente traumático de seu passado. Seus sintomas desapareceram. O Dr. Breuer tinha descoberto que uma pessoa podia realmente ser curada de doenças mentais, simplesmente pelo ato de se lembrar e confrontar incidentes passados que podem permanecer ocultos da memória consciente sem a ajuda de um terapeuta. De algum modo, a dor aberrante da mente é aliviada por este processo. Dr. Breuer tinha tropeçado em algo extraordinariamente significativo, ainda que sua descoberta, embora utilizada em alguma extensão na psicanálise desenvolvida por Sigmund Freud, nunca tenha sido explorada na psiquiatria. Até mesmo a psicanálise de Freud falhou em dar o próximo passo, que era desenvolver métodos de precisão para ajudar as pessoas a localizar precisamente estes incidentes anormais de seu passado e descarregar a dor mental, física e emocional contida nestes incidentes. Freud perdeu-se em seus métodos medíocres de 'livre associação' que fizeram o processo da lembrança menos preciso. Ele também super enfatizou incidentes sexuais.

A inovação vital de Breuer levou um golpe ainda mais poderoso pelo que estava acontecendo na vizinha Alemanha durante seus dias. Estava emergindo a 'psiquiatria científica'.

Um dos primeiros centros da 'psiquiatria científica' foi Leipzig, Alemanha. Lá, um homem chamado Wilhelm Wundt (1832-1920) estabeleceu o primeiro laboratório psicológico do mundo em 1879. Até este tempo, as universidades geralmente colocavam seu estudo de psicologia nos departamentos de filosofia por causa da prolongada crença de que existe um lado espiritual no homem. Foi a contenda de Wundt, contudo, que a psicologia pertencia a um laboratório biológico. Para Wundt, os seres humanos eram apenas organismos biológicos aos quais não era anexada qualquer realidade espiritual. Ele, portanto, considerou sua abordagem muito mais 'científica' do que filosófica.

A teoria de Wundt sobre a mente era que o pensamento humano é causado pelo estímulo externo trazendo a identificação corporal com outros estímulos, os quais o corpo tinha recebido e registrado no passado. Quando ocorre esta identificação, o corpo, ou o cérebro, mecanicamente cria um ato de 'vontade' que responde aos novos estímulos. Não existe tal coisa como pensamento autocriado ou livre arbítrio. Para Wundt e seus seguidores, o homem era um organismo tal qual um robô sofisticado.

As idéias de Wundt eram baseadas em experimentos realizados em seus laboratórios e em outros lugares. Alguns destes experimentos revelaram que alguém podia produzir manifestações fisiológicas de diferentes emoções ao aplicar estimulação elétrica a partes do cérebro. Os experimentadores, erroneamente, concluíram que o cérebro deve, portanto, ser a fonte da personalidade, porque ele desencadeia as manifestações físicas de emoção e pensamento. A falácia deste raciocínio é obvia. A pessoa realizando o experimento está aplicando uma estimulação externa. Em outras palavras, os centros cerebrais não são auto-desencadeantes, exceto em um sentido muito limitado. Os experimentos provaram que é necessário algo mais, algo externo, para desencadear estes centros cerebrais. O que, então, desencadeia estes centros quando o experimentador não mais está aplicando os eletrodos? Deve haver uma outra fonte externa - um elemento perdido. Este elemento perdido parece ser a entidade espiritual que produz sua própria emissão de energia. Embora Wundt, e outros, usassem os experimentos para 'provar' uma base puramente biológica do pensamento humano, os resultados estavam, de fato, apontando para a direção oposta.

Errôneo ou não, o modelo de comportamento estímulo-resposta desenvolvido em Leipzig rapidamente se tornou a 'nova onda' na psiquiatria e recebeu considerável apoio do governo alemão. O próprio Wundt permaneceu uma figura das mais influentes na psiquiatria científica por 40 anos. Os laboratórios de Leipzig atraíram muitos estudantes por todo o mundo, muitos dos quais, mais tarde, se tornaram nomes proeminentes na psiquiatria. Por exemplo, um estudante de Leipzig vindo da Rússia foi Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936), que ganhou fama por seus experimentos com sinos e cães salivantes. Dunae P. Schultz, escrevendo em seu livro, *A History of Modern Psychology*, resume isto bem:

> Por meio destes estudantes, o laboratório de Leipzig exerceu uma imensa influência sobre o desenvolvimento da psicologia. Ele serviu como o modelo para muitos novos laboratórios que estavam se desenvolvendo na última parte do século XIX. Os muitos estudantes que se apinhavam em Leipzig, unidos como eles eram, sobre a opinião e o propósito comum, constituíram uma escola de pensamento em psicologia. [1]

Ao redefinir a natureza do pensamento e do comportamento, a psiquiatria científica também redefiniu a natureza da anormalidade mental e de sua cura. Métodos para contornar o livre arbítrio humano e o intelecto (modificação do comportamento) foram explorados e desenvolvidos. Porque os seres humanos eram vistos estritamente como organismos químico-elétrico e biológico, todas as doenças mentais foram consideradas como o resultado de processos biológicos que, de alguma forma, saíram do equilíbrio. Os experimentadores teorizaram que as doenças mentais podiam ser curadas por meios

estritamente fisiológicos, tais como drogas, tratamento de choque ou cirurgia cerebral. Acreditava-se que tais tratamentos pudessem remediar os desequilíbrios químicos ou elétricos e portanto, curar a própria doença mental.

Destas teorias nasceu uma indústria farmacêutica multibilionária que lança uma enorme quantidade de drogas alteradoras do humor a cada ano. Estas drogas são destinadas a aliviar todas as doenças mentais, desde 'não posso dormir a noite' até as mais violentas psicoses. Além disso, muitos psiquiatras usam máquinas especiais para enviarem choques elétricos através do cérebro de uma pessoa. Alguns podem até mesmo recorrer à cirurgia cerebral. Agora que temos quase meio século para observar estas curas em ação, podemos perguntar: elas têm beneficiado a humanidade? O mundo é um lugar melhor hoje do que a cinquenta anos atrás? Para responder a estas perguntas, devemos analisar muito bem a cura mais frequentemente prescrita pelos psiquiatras: as drogas psicotrópicas ('afetadoras da mente').

As drogas psicotrópicas são uma indústria gigantesca. Elas compreendem uma grande porção do comércio total de prescrição de drogas, o qual, em 1978, chegou a um valor, no atacado, de 16.7 bilhões de dólares em vendas globais, apenas pelos fabricantes americanos. Esta estatística nem mesmo inclui as vendas pela Suíça e outros fabricantes europeus. Um livro excelente, T*he Tranquilizing of América*, revelou que a droga psicotrópica mais frequentemente prescrita, o Valium (Roche Laboratories), foi prescrita 57 milhões de vezes em 1977, reposições incluídas. Segundo um anúncio publicado pelo Roche em 1981, quase oito milhões de pessoas, aproximadamente 5% da população adulta americana, usaria o Valium naquele ano! Acrescente a esta número enorme as dezenas de milhões de prescrições de outras medicações psicotrópicas e descobrimos que uma enorme quantidade de drogas alteradoras da mente e do humor estão sendo consumidas a cada ano. Em 1977, por exemplo, o número total de prescrições americanas das vinte maiores drogas psicotrópicas chegou a mais de 150 milhões. Isto são quase 8.35 bilhões de pilulas! Estas medicações estão sendo prescritas em quantidades similares hoje.

Este uso epidêmico de drogas não é um acidente. Poderosas medicações psicotrópicas são energicamente promovidas pela comunidade médica em reluzentes anúncios da Madison Avenue, em publicações tais como *American Journal of Psychiatry*, por meio de 'workshops' e seminários promovidos pelas companhias farmacêuticas.

Uma crítica justificada tem sido levantada contra a psiquiatria voltada para as drogas por causa do número de pacientes que na verdade se deterioram como resultado de seu tratamento psiquiátrico. Por exemplo, um número surpreendentemente grande de pessoas que comete atos de violência, aparentemente sem sentido, tais como matança indiscriminada a tiros e outros atos horrendos geradores de manchetes, são pessoas que foram previamente tratadas com drogas psicotrópicas. John Hinckley, Jr., por exemplo, estava sob a influência do Valium quando ele tentou assassinar o presidente Ronald Reagan em 1981. Tais coincidências são geralmente explicadas como uma indicação de que estas pessoas já estavam previamente perturbadas antes dos episódios violentos e no pior dos casos, as drogas simplesmente não foram capazes de ajudá-las. Por outro lado, os críticos ressaltam que tais indivíduos, frequentemente, não são violentos antes de seu tratamento,

mas se tornam violentos a partir de então. Os tratamentos psiquiátricos de fato pioraram seus estados mentais a um ponto onde eles ficarem completamente psicóticos?

Uma das grandes penas no chapéu da Administração de Drogas e Alimentos dos EUA (FDA) é sua exigência que todos os fabricantes farmacêuticos devem listar os efeitos colaterais, ou 'reações adversas' que suas drogas possam conhecidamente causar. Esta revelação obrigatória avisa aos médicos de possíveis perigos e os orienta a reconhecer quando retirar a droga do paciente. Infelizmente, ao tempo da reação adversa ser visível ao doutor, o dano pode já ter sido feito. A maioria das reações adversas desaparecem quando a medicação é descontinuada, mas alguns efeitos colaterais podem ser permanentes e causar complicações duradouras. Isto é especialmente preocupante quando descobrimos que muitas reações adversas são psicológicas.

Uma pessoa abrindo uma cópia do *American Journal of Psychiatry* e vendo os anúncios de drogas pela primeira vez, pode reagir com choque não apenas aos astutos argumentos de vendas, mas também à pequena impressão. Cada medicação psicotrópica anunciada tem uma longa lista de potenciais reações adversas físicas e psicológicas. A maioria dos efeitos colaterais listados são em termos médicos e portanto, incompreensíveis para os leigos; contudo, muitos deles são bem compreensíveis. Aqui está uma amostra de algumas reações adversas potenciais listadas de populares medicações psicotrópicas que foram anunciadas e prescritas na década de 1980:

A droga Surmontil (Ives Laboratories), que é promovida como uma droga para ajudar uma pessoa a superar os sintomas da depressão, lista entre seus possíveis efeitos colaterais:

> Estados confusionais (especialmente em idosos) com alucinações, desorientação, delírios, ansiedade, inquietação, agitação, insônia e pesadelos, hipomania (excitação anormal) e exacerbação de psicose.[2]

Haldol (McNeil Pharmaceutical) é anunciado como um meio de manipular um paciente agudamente agitado. Ele pode causar:

> Insonia, inquietação, euforia, agitação, vertigens, depressão, letargia, dor de cabeça, confusão, tonteiras, ataques de grande mal e exacerbação dos sintomas psicóticos incluindo alucinações e estados comportamentais do tipo catatônico… [3]

Torazina, que é promovida como uma medicação para manusear psicóticos adultos e crianças, pertence à classe de drogas que são conhecidas por causar o seguinte:

> … sintomas psicóticos, estados de tipo catatônico, edema cerebral (excesso de fluido cerebral), ataques convulsivos, anormalidade nas proteínas cérebro-espinhais… NOTA: Morte súbita em pacientes tomando fenotiazinas (a classificação de drogas a qual pertence a Torazina) (aparentemente devido a parada cardíaca ou asfixia devido a falha no reflexo da tosse) foi relatada, mas nenhum relacionamento causal foi estabelecido.[4]

A última sentença na citação acima é uma parte notável de fala dupla. Ela afirma que dar esta classe de drogas a alguém tem coincidido com a morte súbita delas, mas que o fabricante nega que haja qualquer evidência que as drogas foram as responsáveis pela morte! Sem dúvida foi apenas uma extraordinária coincidência que algumas pessoas tenham tido paradas cardíacas ou falhas no reflexo da tosse ao tempo em que estavam tomando a droga. O destino deve de fato funcionar de modos misteriosos.

Stelazine, uma outra droga do Smith Kline, lista muitas das mesmas reações adversas de Torazina e acrescenta 'hipotensão (algumas vezes fatal) e parada cardíaca'[5] a esta longa lista de reações médicas adversas. Esta droga é anunciada como um 'antipsicótico clássico'.

Norpramin (Merrel Dow Pharmaceuticals, Inc.) lista as mesmas reações adversas citadas anteriormente para o Surmontil, mas acrescenta 'bloqueio cardíaco, infração miocárdica e enfarte'.[6]

Até mesmo a droga relativamente 'suave', Valium, tão amplamente prescrita hoje, adverte:

> Reações paradoxais, tais como estados agudos de hiperexcitação, ansiedade, alucinações, aumentada espasticidade muscular, insônia, raiva, distúrbios do sono e estimulação, foram relatados; se estes ocorrerem, descontinue a droga.[7]

As drogas acima são apenas um exemplo. Quase toda medicação anunciada no *American Journal of Psychiatry* tem uma longa lista contendo similares ou idênticos efeitos adversos. As implicações disso são importantes. Estas drogas são conhecidas por, às vezes, piorarem o estado mental de uma pessoa ou causar problemas mentais muito mais severos do que aqueles apresentados inicialmente pelo paciente!

Como notado, os médicos prescrevem estas drogas porque as severas reações adversas alegadamente ocorrem em apenas uma minoria de casos e muitos dos efeitos colaterais são reversíveis ao descontinuar a droga. Contudo, a recuperação das reações adversas pode ser muito longa. Uma pessoa sofrendo um surto psicótico, seja por um desgaste emocional ou por uma droga, pode levar um longo tempo para se recuperar. Enquanto isso, ela pode considerar causar dano a si própria ou a outros. Quando consideramos a enorme escala na qual estas drogas são prescritas, até mesmo uma pequena percentagem de pacientes sofrendo de severa reação psicológica somará um grande número de indivíduos. Isto explica, imediatamente, o enigma do porque alguns pacientes mentais parecem, verdadeiramente, saírem do fundo do poço depois de tratamento. Lamentavelmente, poucas pessoas culparão a droga, até mesmo em casos onde a droga pode ser a causa, mas ao invés, culparão o paciente ("ele estava sempre oscilando à beira do precipício") ou a sociedade ("olhe o que a sociedade fez a este pobre indivíduo enlouquecido"). A grande tragédia é que algumas crianças podem ser afetadas por isso. Muitas escolas e centros de tratamento são muito rápidos em darem poderosos psicotrópicos a crianças e adolescentes problemáticos.

Argumentam que o número de pessoas que são ajudadas pelas drogas excede, em muito, as que pioram. Os apoiadores citam estatísticas mostrando que as drogas habilitam muitos pacientes a deixarem as instituições psiquiátricas mais cedo e voltarem à comunidade. As drogas psicotrópicas parecem capacitar alguns indivíduos a manterem seus sintomas psicológicos sob controle o suficiente para que eles levem vidas úteis na sociedade. A questão é: a que custo estes aparentes benefícios são obtidos?

Como muitos psiquiatras reconhecem, as drogas psicotrópicas raramente curam a doença mental. Elas simplesmente suprimem os sintomas. A este respeito, os psicotrópicos são como os remédios para resfriado, que podem fazer com que as pessoas se sintam melhor e pareçam mais saudáveis, mas eles raramente curam a própria doença subjacente. O paciente não funciona melhor do que o fazia antes e pode até mesmo piorar por sofrer os efeitos colaterais da droga. Muitos psiquiatras, portanto, não falam de cura e sim de 'manutenção'. A psiquiatria apresenta uma baixa taxa de cura, mas uma alta taxa de 'manutenção'. Enquanto as fábricas produzirem as pilulas, a 'manutenção' pelas drogas pode continuar.

Isto é justo para o paciente? A longo prazo, a sociedade está mesmo sendo auxiliada?

O perigo da psiquiatria orientada para manutenção é que a doença mental é, em um certo sentido, 'contagiosa'. Este fato é mais óbvio no fenômeno da 'psicologia de massa', bem como em outras circunstâncias. Se as pessoas não estão sendo realmente curadas das doenças mentais, mas apenas seus sintomas estão sendo mascarados e enquanto isto a anormalidade mental se dissemina de outras causas, segue-se que a doença mental provavelmente aumentará em qualquer sociedade que confie na terapia das drogas. Se os psicotrópicos estão também enterrando milhares de pessoas a cada ano em um cada vez mais profundo lamaçal psicológico, por causa dos perigosos efeitos colaterais, podemos ver que os riscos psiquiátricos causados pelo uso orientado para as drogas estão empurrando a sociedade para a ruína; ainda assim, os psicotrópicos constituem a principal forma de terapia na maioria das instituições psiquiátricas hoje.

Os perigos das pesadas drogas psicotrópicas são aumentados por um outro fator. Um grande problema enfrentado hoje pela comunidade psiquiátrica é a taxa anormalmente alta de suicídio de seus praticantes. Os psiquiatras nos EUA tem uma taxa de suicídio de seis vezes a da população geral. A mais alta percentagem das mortes autoinfligidas ocorrem em psiquiatras trabalhando em hospitais mentais. Esta alta taxa de suicídio é, frequentemente, vista como um risco ocupacional causado pela frustração e pelo contínuo contacto do psiquiatra com as doenças mentais. Seja qual for que possa ser a causa, esta estatística de suicídio é uma razão para se estar preocupado com o bem-estar dos pacientes mentais. Raramente se encontra uma pessoa genuinamente estável e bem ajustada cometendo suicídio. Um dos maiores deveres de um psiquiatra é o diagnostico exato e o tratamento apropriado, ainda que uma das mais comuns manifestações de doença mental seja a visualização de seus próprios problemas em outras pessoas. Um psiquiatra em um estado pré-suicida, portanto, arrisca ser a fonte de atroz diagnostico incorreto porque ele pode diagnosticar um paciente como tendo, na verdade, o que o doutor sofreria. Por causa

do diagnostico errado e do incorreto tratamento, pode-se arruinar a vida de uma pessoa, especialmente em um ambiente hospitalar, onde fortes psicotrópicos, terapia de choque e psicocirurgia são utilizados. É vital providenciar que os psiquiatras e os técnicos sejam genuinamente sãos, sociais e bem ajustados. Tristemente, uma grande estatistica minoria deles não são.

O uso epidêmico de drogas psicotrópicas cria ainda um outro problema importante. O abuso de drogas é considerado, hoje como sendo uma das maiores doenças sociais. As agências de cumprimento legal gastam uma enorme quantidade de tempo e dinheiro para combater isto. A luta contra o abuso de drogas é baseada na filosofia de que as pessoas não devem tomar drogas ilegais para alterar seu humor ou estado mental. A moderna psiquiatria derrota esta campanha. A psiquiatria orientada para o uso das drogas nos diz: Está se sentindo deprimido? Tome uma droga. Está se sentindo feliz demais (maníaco)? Tome uma droga. Está se sentindo incapaz de resistir? Tome uma droga. Está se sentindo megalomaníaco? Tome uma droga. Está se sentindo confuso e incerto? Tome uma droga. Está se sentindo certo demais (delirante)? Tome uma droga. Não consegue dormir? Tome uma droga. Está sonolento demais? Tome uma droga. Está vendo coisas que não estão lá (alucinações)? Tome uma droga. Não está vendo as coisas que estão lá? Tome uma droga. A psiquiatria orientada para a manutenção promove as mesmas atitudes nas quais floresce o comércio ilegal de drogas: quer se sentir melhor mental e emocionalmente? Tome uma droga. A grande ironia é que alguns dos mesmos juízes e legisladores ‘conservadores da lei e da ordem’ que exigem penalidades mais rígidas contra os negociadores ilegais das drogas estão entre aqueles que mais rapidamente criam a máquina legal para enviar as pessoas, involuntariamente, para as instituições mentais onde drogas tão poderosas quanto qualquer coisa no mercado ilegal são rotineira e abertamente usadas.

O propósito desta discussão não é impugnar o campo da terapia mental. Como mencionei, há muitos bons psiquiatras na prática hoje. Também deve ser notado que muitos terapeutas e conselheiros que se especializam na terapia orientada para comunicação (‘conversa’) sem drogas, obtêm excelentes resultados e fazem muito para ajudar seus clientes. Para entender os problemas específicos da psiquiatria científica, talvez seja sábio lembrar que os psiquiatras (mas não a maioria dos psicólogos) são pessoas formadas em medicina. Os médicos são treinados em escolas médicas para curar problemas físicos por meios físicos: bombardear uma infecção com antibióticos ou consertar uma perna quebrada com um pino. Onde muitos doutores se enganam é em sua crença que um problema mental é igual a uma perna quebrada ou uma infecção viral e assim eles bombardeiam as doenças mentais com drogas, ou eles a chocam com eletricidade. Tal abordagem perde o foco porque uma ‘mente quebrada’ deve ser curada sob um conjunto inteiramente diferente de regras. Isto é bem reconhecido pelo fato de que a maioria das nações permite que as pessoas se tornem terapeutas e conselheiros sem um diploma médico.

Criaram as filosofias de materialismo estrito uma florescente profissão psiquiátrica que está trazendo maior sanidade para os pacientes, praticantes e o mundo como um todo? Tristemente, a resposta parece ser não. A psiquiatria iniciou-se no caminho certo quando ela descobriu que a mente pode ser curada de suas doenças inorgânicas ao confrontar os traumas ocultos passados, mas falhou em desenvolver esta descoberta além das técnicas

cruas e fortuitas usadas hoje na psicoterapia. A psiquiatria foi descarrilhada quando ela começou a mascarar os problemas mentais com químicos e quando ela desenvolveu métodos bizarros para contornar o livre arbítrio do individuo em favor de uma manipulação estimulo-resposta (modificação do comportamento).

Talvez seja o tempo de se afastar desta perspectiva estritamente materialista, abandonar as drogas e começar a restaurar um sentido de respeito ao livre arbítrio e intelecto dos seres humanos. Podemos então sermos capazes de verdadeiramente reiniciar na estrada da genuína recuperação social, mental e espiritual da raça humana.

35 - St. Germain Retorna

As rebeliões do início do século XX convenceram muitas pessoas daquela era de que o dia do julgamento estava prósimo. Muitos cristãos e místicos anteciparam uma segunda vinda de Cristo. Conforme a profecia, isto ocorreu.

Proclamando a segunda vinda de Jesus estava o ressurreto conde de St. Germain – o misterioso agente da irmandade do século XVIII cujas atividades acompanhamos no capítulo 26. Depois da alegada morte de St. Germain em 1784, fizeram-no parecer fisicamente imortal. No início da década de 1930, um homem chamado Guy Warren Ballard afirmou que St. Germain tinha falado com ele em uma montanha na Califórnia. Esta conversa deu nascimento a um interessante novo ramo da irmandade que, não apenas patrocinaria o retorno do conde de St. Germain, mas também o aparecimento de 'Jesus Cristo'.

Guy Warren Ballard era um engenheiro de minas. Em 1930, ele foi, em uma viagem de negócios, ao monte Shasta no norte da Califórnia. Ballard havia se interessado pelo misticismo antes de sua viagem e ele queria usar suas horas de folga no monte Shasta para desvendar os rumores sobre a existência de um ramo secreto da irmandade chamado de "irmandade do monte Shasta". Dizia-se que a irmandade do monte Shasta teria uma sede secreta subterrânea dento da famosa montanha da Califórnia.

As lendas que atraíram o interesse de Mr. Ballard começaram a circular antes da virada do século. Rumores persistentes falavam de habitantes vivendo dentro do monte Shasta, que praticavam uma profunda tradição mistica. Os moradores secretos dizia-se, seriam descenderem dos habitantes do antigo continente perdido da Lemúria, no oceano Pacifico.

Seja qual for a verdade por trás destas histórias, não se questiona que o monte Shasta, a muito tempo, tem sido um foco de atividade mística. Associado à atividade mistica havia um importante fenômeno OVNI. Por exemplo, em maio de 1931 a publicação *Rosicrucian Digest* (publicada no ano seguinte ao da viagem de Mr. Ballard a Shasta e uma década e meia antes que os OVNI fossem popularizados na mídia), lemos a seguinte descrição de um 'barco' voador em um artigo sobre os misticos de Shasta:

Muitos testemunham terem visto o estranho barco, ou barcos, que navegavam no oceano Pacifico e então se elevaram em seu litoral e navegavam pelo ar para caírem novamente nas vizinhanças de Shasta. Este mesmo barco foi visto várias vezes pelos oficiais empregados pela estação de cabo localizada perto de Vancouver e o barco fora visto tão longe ao norte quanto as ilhas Aleutas. [1]

Segundo o mesmo artigo, o barco 'não tinha velas nem chaminés'. [2]

Contra este fundo, a experiência do sr. Ballard sobre o monte Shasta toma uma importância adicional.

O sr. Ballard escreve que ele havia percorrido o lado da montanha e feito uma pausa em uma fonte. Quando ele se curvou para encher um copo com água, ele sentiu uma corrente elétrica passando pelo seu corpo, da cabeça aos pés. Olhando ao redor, ele viu atrás dele um homem barbado que parecia ter seus vinte ou trinta anos. O estranho mais tarde se apresentou como o conde de St. Germain.*

Como resultado deste encontro, Mr. Ballard começou uma carreira de tempo integral disseminando os ensinamentos do novo St. Germain. Ballard estabeleceu a 'Fundação I AM' – uma organização com iniciações secretas e ensinamentos passo a passo. O sr. Ballard afirmou que ele havia sido apresentado a membros dos mais altos níveis da irmandade, sob a qual a I AM foi fundada.

A história que Mr. Ballard nos conta de suas experiências com St. Germain são tão extraordinárias que muitas pessoas as têm descartado como fantasias. Surpreendentemente, quando despimos as interpretações que o sr. Ballard e seus críticos dão de suas experiências, descobrimos que estas histórias apresentam uma imagem não apenas consistente com o resto da história como temos visto, mas acrescentam notáveis novas afirmações com implicações mais que surpreendentes para o nosso tempo.

Os encontros iniciais entre Ballard e 'St. Germain' aconteceram entre agosto e outubro de 1930. Durante o mais inicial destes encontros, St. Germain fez Ballard beber um líquido que causou uma forte reação física e fez com que Ballard saísse 'do corpo'. (este mesmo fenômeno fora do corpo é frequentemente relatado por pessoas tomando fortes drogas). Depois de beber este fluido em várias ocasiões, Ballard disse que ele era capaz de 'sair do corpo' sem beber. Este testemunho é consistente com outra evidência que indica que uma vez uma pessoa tendo aprendido a 'sair do corpo' isto pode ser fácil de ser feito por um tempo.

Ballard alega que enquanto ele estava em alguns estados 'fora do corpo', St. Germain, que também estava 'fora do corpo' e o levou a alguns lugares mais que notáveis. Um local era uma montanha no Teton Range do Wyoming – uma montanha que o sr. Ballard chama de 'Royal Teton.' Segundo Ballard, havia uma entrada lacrada de um túnel perto do topo da montanha que levava a elevadores. Os elevadores levavam seus ocupantes a um local 2.000 pés abaixo, para um complexo subterrâneo de enormes salas, espaços de armazenamento e minas.

Em um destes grandes espaços subterrâneos, Mr. Ballard afirma que ele viu o símbolo do 'olho que tudo vê' na parede. Havia também uma grande máquina, que Ballard descreveu como:

* A aparência física de St. Germain no monte Shasta era consideravelmente diferente da que tinha ele no século XVIII. O anterior St. Germain era um homem na casa dos 40 anos, de cabelos negros e barbeado. O St. Germain do monte Shasta é apresentado como um homem mais jovem de cabelos castanhos e barbado.

> … um disco de ouro –* de ao menos 12 pés de diâmetro. Enchendo-o de forma que as pontas tocassem a circunferência ofuscante, uma estrela de sete pontas – composta inteiramente de diamantes amarelos – uma massa sólida de brilhante luz dourada. [3]

Ao redor do disco principal estavam sete discos menores, aos quais Ballard deu também um significado simbólico. O sr. Ballard rapidamente revelou, contudo, que esta grande máquina não era um mero símbolo:

> Como aprendi mais tarde, certas vezes para propósitos especiais, os grandes seres cósmicos transmitem. através destes discos. suas poderosas correntes de força.[4]

"Grandes seres cósmicos" era o termo usado por Ballard para denotar os lideres dos escalões mais altos da irmandade. Em seus escritos, Ballard afirma que alguns dos 'grandes Seres Cósmicos' da irmandade são de origem extraterrestre.

Foi dito a Ballard que as correntes de força emitidas pela máquina eram dirigidas 'à humanidade da terra'.[5] O propósito?

> Esta radiação afeta os sete centros ganglionários (centros nervosos fora do cérebro e da medula espinhal) dentro de cada corpo humano em nosso planeta – bem como toda vida animal e vegetal. [6]

Esta é uma afirmação surpreendente, porque ela significaria que poderosos aparelhos eletrônicos eram usados pelos 'grandes seres cósmicos' da irmandade para afetar o sistema nervoso humano em uma escala disseminada. Segundo uma revista da fundação I AM, o propósito da radiação era a modificação do comportamento destinado a "consumir e purificar os vórtices de força, produzidos por atividades viciosas e discordantes da humanidade".[7]

A ideia da modificação do comportamento por meio da radiação eletrônica não é uma ideia absurda. Nos anos recentes, a União Soviética desenvolveu e usou máquinas tranquilizantes eletrônicas para afetar comportamentalmente grandes populações. Tais aparelhos também estão sendo propostos para uso na sala de aula nos EUA. Discutiremos estes aparelhos em um capítulo posterior.

Embora o alegado propósito da máquina de radiação de Royal Teton fosse reduzir a atividade humana discordante, tal radiação geralmente teria o efeito oposto a longo prazo, por que as emanações são, na verdade, irritantes para o sistema nervoso central, mesmo que elas causem uma sedação superficial. Talvez seja irônico que dentro de menos de uma década depois que Ballard escreveu sobre sua experiência, o mundo explodiu em um de seus mais sangrentos conflitos: a segunda guerra mundial. Ou a máquina dos 'grandes seres cósmicos' não funcionou… ou funcionou.

Em seus primeiros livros, Ballard afirmou ter visitado quatro locais subterrâneos secretos: dois deles enquanto estava 'fora do corpo' e dois pelos meios regulares humanos.

Interessantemente, cada local correspondia a uma região na qual existiu anteriormente, na história, uma civilização importante e que venerava os 'deuses' tutelares. A localização Teton coincidiu com as antigas civilizações norte-americanas. Uma similar localização subterrânea na América do Sul estava mão a mão com a civilização inca naquele continente. Uma viagem por barco e automóvel resultou em uma parada em uma reputada localização subterrânea na península arábica, que combinava com as antigas civilizações da Mesopotâmia e do Egito. A quarta localização nas montanhas acima da cidade de Darjeeling, Índia, correspondia a antigas civilizações arianas no subcontinente hindu.

As localizações subterrâneas eram reportadamente muito extensas e serviam a um número de funções. Além de manter aparelhos eletrônicos, as cavernas estavam alegadamente cheias de enormes quantidades de metais e pedras preciosas. Isto é interessante porque sabemos que a maioria das civilizações antigas que veneravam os 'deuses' tutelares regularmente faziam substanciais oferendas de ouro, prata, pedras preciosas e outros minerais preciosos a estes 'deuses'. Mr. Ballard alegou que os tesouros que ele viu vieram destas civilizações:

> Nestes contêineres, o ouro é armazenado dos continentes perdidos de Mu e Atlântida; as antigas civilizações dos desertos de Gobi e do Saara*; do Egito, Babilônia, Grécia, Roma e duas outras.[8]

Geralmente os historiadores assumem que as antigas oferendas foram para a classe sacerdotal. Se, contudo, consideramos seriamente a existência dos 'deuses' tutelares, é mais provável que os 'deuses' realmente levassem embora estas coisas.

O testemunho de Mr. Ballard indicaria que uma grande quantidade de pedras e metais preciosos foi armazenada pelos 'deuses' em locais subterrâneos inacessíveis na terra, talvez para ajudar a financiar as atividades tutelares e manter funcionando a irmandade corrompida.

Os metais e pedras preciosas são caros grandemente devido à sua escassez artificial. Quando Cécil Rhodes desenvolveu seu quase monopólio de mineração de diamantes no sul da África, ele foi capaz de manter um alto preço para os diamantes ao criar um canal muito rígido pelo qual eram vendidos seus diamantes. Isto ainda é verdadeiro para o comércio de diamantes hoje. Segundo Ballard, os 'membros ascendidos' da irmandade pretendiam manter os metais e pedras preciosas escassos. Disse Ballard:

*As 'antigas civilizações dos Desertos de Gobi e do Saara' eram grandes civilizações que se acredita terem uma vez existido respectivamente no deserto do Saara do norte da África e no deserto de Gobi na região leste central da Ásia. Como Mu e a Atlântida, estas duas civilizações são tidas como existido antes da Suméria e são, portanto, relegadas ao status de ficção pela maioria dos historiadores. As civilizações de Gobi e do Saara são tidas como sido tecnologicamente avançadas e os desertos nos quais elas se situavam são tidos como anteriormente férteis e com vegetação. As lendas afirmam que as civilizações do Saara e de Gobi foram destruídas por uma guerra cataclísmica. Os geólogos modernos têm descoberto traços de explosão atômica nestas regiões, mas os traços geralmente são explicados como sendo causados pela combustão espontânea de elementos radiativos naturais a muito tempo atrás. Outros acreditam que os traços são, mais provavelmente, o resultado de armas atômicas usadas milhares de anos atrás que destruíram as antigas civilizações e a vegetação adjacente, fazendo com que as áreas se tornassem desertas.

> Se todo este ouro fosse liberado para a atividade externa do mundo, isto causaria um reajuste súbito em toda fase da experiência humana. No presente, isto não seria parte da sabedoria.[9]

St. Germain reportadamente afirmou que as enormes quantidades de ouro e tesouro serão liberados ao mundo externo 'quando a humanidade tenha transcendido seu egoísmo desenfreado'. [10]

A implicação é que estes metais e pedras preciosas existem em quantidades suficientes na terra para causar uma queda dramática em seu valor se todos eles fossem liberados ao domínio público. Uma implicação posterior é que eles são acumulados e tornados escassos para preservar a riqueza da irmandade. Se os tesouros de fato existem, então a irmandade é um considerável poder econômico sobre a terra. Segundo Ballard, este poder econômico oculto existe e tem sido usado para influenciar as atividades humanas. Durante seu tour na localização Teton, St. Germain alegadamente disse a Ballard:

> Ninguém neste mundo acumulou uma grande quantidade de riqueza sem a ajuda e a radiação de algum mestre ascendido. Ha ocasiões nas quais indivíduos podem ser usados como foco de grande riqueza para um propósito específico e em tais ocasiões um grande poder adicional é irradiado para eles pois através dele, eles podem receber assistência pessoal. Uma tal experiência é um teste e uma oportunidade para o seu crescimento.[11]

Certamente é verdadeiro que a riqueza tem, tradicionalmente, sido concentrada nas mãos de uma pequena minoria. Também é verdade que muitos membros desta minoria, através da história, se afiliaram à rede mística da irmandade. O problema com este estado de coisas não seria um controle estreito da riqueza, seria que este controle tem sido usado, tão frequentemente, para engendrar a guerra e a deterioração espiritual.

Durante suas viagens às alegadas localizações subterrâneas, também foi mostrado a Ballard algum tipo de aparelhos de rádio. Uma desses aparelhos podia alegadamente sintonizar conversas que ocorriam em várias partes do mundo, inclusive nos escritórios do banco da Inglaterra! Como recordamos, o banco da Inglaterra foi uma das primeiras instituições fundadas sob o sistema do papel-moeda inflacionável internacional. Este sistema foi em gtande parte a criação de misticos e revolucionários afiliados a rede da irmandade. O banco da Inglaterra continua a ser um centro principal deste sistema até hoje. A alegada capacidade de espionagem dos 'mestres ascendidos' de Ballard é, portanto, notável, porque indicaria um monitoramento direto de um principal banco central no sistema internacional do papel-moeda pelos mais altos escalões da irmandade. Isto se torna até mesmo mais interessante no próximo capítulo, quando consideramos a assistência que o diretor do banco da Inglaterra, Montague Norman, deu a Adolph Hitler e ao movimento nazista alemão durante o mesmo tempo em que esta espionagem eletrônica estava alegadamente ocorrendo.

Anteriormente neste livro, notamos a destruição em grande escala de registros religiosos e históricos insubstituíveis nos Hemisférios Oriental e Ocidental pelos zelosos cristãos. Os historiadores foram capazes de reunir muito da história humana, de qualquer modo; mas esta história está completa? Segundo Ballard, não. A humanidade perdeu registros adicionais para líderes da irmandade que haviam, deliberadamente, removido e ocultado os escritos. Ballard afirma que ele viu alguns destes antigos registros históricos dentro de um complexo subterrâneo em uma montanha ao norte de Darjeeling, Índia. Ele acrescentou que os registros não seriam liberados para a raça humana até que os mestres ascendidos assim ordenassem:

> Estes registros não são exibidos ao uso do mundo externo no presente tempo, por causa da falta de desenvolvimento espiritual e entendimento das pessoas. A raça humana tem um inquieto e crítico sentimento, que é uma atividade muito destrutiva… os mestres ascendidos da grande irmandade branca sempre previram tais impulsos destrutivos e retiraram todos os registros importantes de cada civilização e os preservou, deixando então os registros menos importantes serem destruídos pelo impulso vicioso de vândalos.[12]

Se verdadeira, a citação acima é uma admissão surpreendente. A ‘falta de crescimento espiritual’ da humanidade tem sido causada pelas mesmas organizações a quem, alegadamente, pertencem os mestres ascendidos. Foi a irmandade que transformou o conhecimento espiritual em símbolos incompreensíveis, mistérios insondáveis, ritos supersticiosos, apocaliticismos selvagens e todos os outros males que se emanaram dela. Em tais circunstancias, não é surpreendente que os seres humanos vivenciariam um ’sentimento de inquietude e criticismo’. A ’solução’ de esconder o conhecimento certamente não corrigiria as deficiências humanas. Uma tal ’solução’ pode apenas aprofundar o problema. A afirmação de que importantes registros devem ficar ocultos para evitar sua destruição é espúria. Nos dias de Ballard, a impressão de um livro era uma arte bem organizada. Qualquer registro importante poderia ser facilmente duplicado e produzido em massa com os originais seguramente guardados em outro lugar. Se, de fato, tais registros ocultos existem, devemos concluir que o único propósito de ocultá-los foi manter a humanidade ignorante sobre o passado.

O movimento I AM criado por Mr. Ballard pregava uma filosofia de dia do julgamento e um forte anticomunismo. A despeito dos ataques da imprensa e do governo americano, o movimento I AM atraiu um grande número de seguidores durante as décadas de 1930 e 1940. O I AM ensinava que o comunismo era o mal final no mundo, que logo seria destruído pelos mestres ascendidos. Interessantemente, não foi feita qualquer menção ao nazismo, que estava crescendo rapidamente na Alemanha naquele tempo.

Os ‘mestres ascendidos’ e seus seguidores eram claramente criaturas politicas. Segundo Ballard, membros da irmandade. estavam profundamente envolvidos na espionagem e nas organizações de polícia na década de 1930. Os membros da irmandade. reportadamente serviram no serviço secreto americano e Ballard afirma que haver se encontrado com agentes do serviço secreto francês (organização de inteligência nacional da França) que eram membros de uma irmandade e se auto denominavam ‘irmãos da luz’.

Como se o aparecimento de St. Germain em 1930 não fosse o suficiente, o movimento I AM hospedou um outro distinto orador: "Jesus Cristo". Jesus foi um proeminente convidado apresentado em New York em 24 de outubro de 1937 e em Oakland, Califórnia em 15 de fevereiro de 1939. Se este 'Jesus' era realmente uma pessoa afirmando ser Cristo ou se era simplesmente o sr. ou sra. Ballard agindo como médiuns para canalizarem a 'voz espiritual' de Jesus, não fui capaz de descobrir. Seja como for, posso eu, respeitosamente, submeter que esta foi, em boa fé, uma 'segunda vinda' de Jesus, como as religiões tutelares provavelmente nunca entregará? Esta segunda vinda dos anos de 1930 foi patrocinada pela mesma rede da irmandade. que tinha patrocinado e traído Jesus séculos antes e que tem mantido vivos os ensinamentos apocalípticos prevendo o retorno de Jesus deste então. Naturalmente, esta mais recente "segunda vinda" não resultou nos mil anos de paz e salvação espiritual. Ela meramente auxiliou em preparar o palco para a segunda guerra mundial.

O movimento I AM morreu rapidamente depois de seu auge na década de 1940. Hoje ele é bem pequeno.* Nunca conquistou seguidores ou a influência que tantos outros ramos da irmandade alcançaram. Para a maioria das pessoas, a fundação I AM de hoje não é mais do que uma curiosidade mantida primariamente por aposentados. Com certeza, a I AM não é importante para nós pelo que ela é agora; é significativa pelo que ela foi nas décadas de 1930 e 1940.

Estava a fundação I AM de Ballard no engendro de flagrantes charlatanismos espirituais oferecendo um elixir espiritual caseiro para as pessoas que buscavam um raio de esperança em um mundo que deu errado? Ou Ballard realmente encontrou alguém naquela tarde de 1930 no monte Shasta? Era a I AM simplesmente um pouco de 'agitação' mistica destinada a fazer dinheiro para a família Ballard, como críticos tem mantido, ou as relatadas experiências de Ballard oferecem um raro olhar em algumas das atividades da irmandade no século XX? É uma pena que o sr. Ballard não esteja aqui hoje para fazer sua confissão.

* A I AM tem inspirado vários grupos dissidentes. Um de tais grupos é o 'Summit Lighthouse,' que atualmente é o maior dos grupos I AM, muito embora ele não seja reconhecido pelo, nem seja afiliado à, organização original IAM discutida neste capítulo. Sediada em Malibu, Califórnia, a 'Summit Lighthouse' atualmente é liderado por sua cofundadora, Elizabeth Claire Prophet, que com seu falecido marido, Mark Prophet, tinha alegadamente sido membro de um outro grupo dissidente do I AM chamado 'Bridge to Freedom' antes de fundar o 'Lighthouse'. Como o I AM de Ballard, o 'Summit Lighthouse' acredita que St. Germain seja um mestre ascendido. O 'Summit Lighthouse' é digno de menção porque a Sra. Prophet ensina que muitos OVNI são hostis ao bem-estar humano.

36 - Universo de Pedra

As pessoas não morrerão por negócios, mas apenas por ideais. -
Adolf Hitler em *Mein Kampf*

'St. Germain' e 'Jesus' não foram os únicos messias a aparecerem na década de 1930 sustentando as promessas de uma iminente utopia. Um outro messias estava ganhando um grande número de seguidores na Alemanha. Sua 'vinda' era tida como o início do milênio. Usando um dos mais importantes símbolos da irmandade, a suástica, o nome desse messias alemão era Adolf Hitler.

Adolf Hitler, é claro, era um homem empertigado com um bigode de escova de dentes, que se tornou o ditador absoluto da Alemanha e instigou a segunda guerra mundial. Hitler e seu séquito hoje nos pareceriam cômicos, se não fossem tão trágicas as consequências de sua loucura.

Durante sua jovem idade adulta, antes de subir ao poder, Hitler viveu em Viena. Um dos amigos de Hitler durante este período foi Walter Johannes Stein. Durante a segunda guerra mundial, o Dr. Stein se tornou um conselheiro do primeiro-ministro da Inglaterra, sir Winston Churchill. Muito do que o Dr. Stein tinha a dizer sobre a vida inicial de Hitler encontrou seu caminho em um livro intitulado *Spear of Destiny,* de Trevor Ravenscroft.

Spear of Destiny relata que Hitler havia se tornado um devoto do misticismo durante seus dias de grande pobreza em Viena. Entre 1909 e 1913, quando estava com seus vinte e poucos anos, Hitler estava convencido que ele havia alcançado:

> … níveis superiores de consciência por meio de drogas… [Hitler] fez um estudo penetrante do ocultismo medieval e do ritual mágico, discutindo com ele [Stein] a inteira amplitude da leitura política, histórica e filosófica pelo qual ele formulou o que mais tarde se tornou o 'Weltanshauung' nazista (um conceito especial da história humana).[1]

Na sua autobiografia, *Mein Kampf*, Hitler afirmou a importância deste período na formação de suas idéias.

Hitler não desenvolveu sua ideologia em um vácuo. Um de seus mentores mais influentes foi o proprietário vienense de uma livraria chamado Ernst Pretzsche. Pretzsche foi descrito pelo Dr. Stein como um homem de aparência malévola com algo de aparência de um sapo. Pretzsche era um devoto do misticismo germânico que estava pregando a vinda de uma super-raça ariana. Hitler frequentava a loja de Pretzsche e empenhava livros lá quando precisava de dinheiro. Durante estas visitas, Pretzsche doutrinava Hitler no misticismo germânico e encorajou-o, com sucesso, a usar a droga alucinógenas peiote como um instrumento para alcançar iluminação mística.

Acontece que Pretzsche era associado a um homem chamado Guido von List. Von List era um membro fundador e figura importante em uma loja oculta que usava uma

suástica em vez de uma cruz em seus rituais. Antes que ele caísse em desgraça e precisasse fugir de Viena, von List tinha conquistado uma grande audiência por seus escritos místicos germânicos. Hitler se tornou um membro desta audiência por meio de Pretzsche.

De volta ao seu cômodo na pensão vienense, o jovem Hitler avidamente analisava panfletos e livros expondo sobre o destino místico da Alemanha e a vinda de uma super-raça ariana. Segundo alguns destes tratados, os arianos foram criados por uma 'super-raça' extraterrestre de gigantes. Hitler se tornou um crente ardente destas idéias e vendia suas aquarelas na rua para sustentar sua parca existência e pagar as suas iluminações induzidas pela droga.

A noção de que Hitler era um 'drogado' em sua juventude buscando a iluminação mistica por meio de químicos não deve ser uma surpresa. As drogas eram o maior fator na formação da persona de Adolf Hitler. Hitler permaneceu um usuário de narcóticos poderosos por toda sua vida. Segundo os diários do médico pessoal de Hitler, Dr. Theodore Morell, que surgiram nos arquivos nacionais dos EUA, o ditador alemão era repetidamente injetado com vários analgésicos, sedativos, estricnina, cocaína, um derivado de morfina e outras drogas durante os quatro anos inteiros da segunda guerra mundial.

A filosofia mística tão avidamente adotada pelo jovem Hitler era a mesma que já havia profundamente afetado o Kaiser e outros líderes alemães. De fato, Houston Stewart Chamberlain, o místico que tanto havia influenciado o Kaiser, anos mais tarde declarou Hitler como sendo o profetizado messias alemão. Em 25 de setembro de 1925, o jornal nazista, *Volkischer Beobachter*, celebrou o 70º aniversario de Chamberlain e declarou seu trabalho, *Foundations of the Twentieth Century*, como sendo 'O evangelho do movimento mazista'. Como recordamos, o Kaiser considerava o mesmo livro como tendo sido enviado por Deus.

A estrada política de Hitler começou como um soldado alemão durante a primeira guerra mundial. Quando a guerra irrompeu, Hitler se alistou. Ele ficou muito preocupado quanto ao destino místico da Alemanha e continuou a ponderar a questão ariana enquanto combatia nos campos. Isto o tornou muito impopular entre seus colegas soldados, que estavam mais preocupados com alimentos, licenças, mulheres e um fim para a guerra que quase todos eles detestavam. Hitler, por outro lado, florescia no ambiente espinhoso da guerra e se distinguiu como soldado. Ele ganhou a mais alta condecoração que um soldado de seu escalão (cabo) podia alcançar: A Cruz de Ferro de primeira classe.

Aproximadamente dois meses depois de ganhar a Cruz de Ferro, Hitler foi cegado pelo gás mostarda durante uma batalha. Ele foi levado ao hospital militar Pasewalk no norte da Alemanha onde ele foi erradamente diagnosticado como sofrendo de 'histeria psicopática' (os sintomas provavelmente eram causados pelo gás mostarda). Consequentemente, Hitler foi colocado sob os cuidados de um psiquiatra, o Dr. Edmund Forster. O que exatamente foi feito a Hitler enquanto ele esteve sob os cuidados do Dr. Forster é incerto porque anos depois, em 1933, a polícia secreta de Hitler, a Gestapo, pegou todos os registros psiquiátricos relacionados ao tratamento de Hitler e os destruiu. O Dr. Forster 'cometeu suicídio' neste mesmo ano.

O mistério do que aconteceu a Hitler em Pasewalk é aprofundado pelas próprias declarações de Hitler. Segundo Hitler, ele teria vivenciado uma 'visão' de um 'outro mundo' enquanto esteve no hospital. Nesta visão, foi dito a Hitler que ele precisaria restaurar sua visão para que ele pudesse liderar a Alemanha de volta à glória. O latente antissemitismo de Hitler, que já havia sido plantado por suas leituras místicas em Viena, emergiu em Pasewalk.

O que aconteceu naquele hospital?

Em um judicioso trabalho de detetive publicado no jornal, *History of Childhood Quarterly*, o psico-historiador Dr. Rudolph Binion sugere que as visões de Hitler podem ter sido deliberadamente induzidas pelo psiquiatra, Edmund Forster, como um meio de ajudar Hitler se recuperar de sua cegueira. As crenças místicas de Hitler eram bem conhecidas e elas certamente apareceram nas entrevistas psiquiátricas. O Dr. Binion cita um livro completado em 1939 intitulado, *Der Augenzeuge* ('A Testemunha Ocular'), escrito por um médico judeu chamado Ernst Weiss que havia fugido da Alemanha em 1933. Em *Der Augenzeuge*, o autor conta uma pequenina história ficcionalizada de um homem, 'A.H.' que é levado ao hospital Pasewalk para cuidado psiquiátrico. A.H. afirma que ele foi atingido pelo gás mostarda. Em Pasewalk, o psiquiatra a cargo deliberadamente induz idéias visionárias na mente do histérico 'A.H.' para realizar uma cura. A 'cura milagrosa' é bem-sucedida e anos depois, no verão de 1933, o psiquiatra tenta enviar os registros do tratamento para o exterior para mantê-los fora das mãos da Gestapo. Em seu artigo, o dr. Binion ressalta que o psiquiatra de Hitler, Edmund Forster, havia estado no exterior, em Paris, naquele verão, e é suposição do Dr. Binion que Forster pode ter revelado os fatos do tratamento de Hitler para alguém naquele tempo, resultando no livro, *Der Augenzeuge*. Forster pode ter também sido a pessoa que revelou que dois outros oficiais nazistas de alto escalão, Bernhard Rust (ministro da educação prussiano) e Herman Göering, ambos tinham histórias de severos problemas mentais. Rust era um certificado psicopata e Göering um ex viciado em morfina.

Depois da alta de Hitler de Pasewalk em novembro de 1918, ele voltou a Munique. Ele permaneceu no exército e em abril de 1919, foi designado para deveres de espionagem. Uma revolução comunista tinha acabado de ocorrer no sul da Alemanha e uma república soviética tinha sido declarada lá, depois que o governo regional desmoronou. Hitler foi um dos soldados espiões selecionados para permanecerem em Munique e circularem entre os soldados pró-comunistas para conhecer a identidade de seus lideres. Quando uma força alemã Reichswehr de Berlim se moveu e esmagou a rebelião, Hitler andou pelas fileiras dos soldados capturados e assinalou os líderes. Os soldados alemães que foram identificados por Hitler foram levados para execução imediata, sem julgamento. Hitler observou muitas de suas vítimas serem postas na parede e fuziladas.

A estelar performance de Hitler em Munique lhe rendeu uma promoção. Ele foi designado para o altamente secreto departamento politico do comando distrital do exército. A nova unidade de Hitler era uma operação de inteligência engajada em atos de terrorismo doméstico. A unidade se recusou a aceitar a derrota da Alemanha na primeira guerra

mundial e assim assassinou alguns lideres alemães que haviam negociado a rendição da Alemanha.

Um proeminente líder do comando distrital era o capitão Ernst Rohm. Rohm era um soldado profissional que servua como ligação entre o comando distrital e os industriais alemães que estavam diretamente custeando o combate ao comunismo. O capitão Rohm e muitos outros membros do comando distrital eram membros de uma organização mística conhecida como sociedade 'Thule'. A Thule acreditava na 'super-raça ariana' e pregava a vinda de um novo 'messias' que lideraria a Alemanha à glória e a uma nova civilização ariana. Em *Spear of Destiny*, somos informados pelo Dr. Stein que o grupo de Thule era financiado por alguns dos mesmos industriais que apoiavam o comando distrital. A Thule também era diretamente apoiada pelo alto comando alemão.

Muitos assassinatos perpetrados pelo comando distrital podem ter sido inspirados pela Thule. Segundo o Dr. Stein, a Thule era uma 'sociedade de assassinos'. Ela mantinha côrtes secretas e condenava pessoas à morte. É provável que muitas vítimas assassinadas pelo comando distrital tenham sido anteriormente condenadas em côrtes secretas da Thule. Muitos alemães proeminentes apoiavam esta violência e eram membros documentados da Thule. Por exemplo, o chefe da polícia em Munique, Franz Gurtner era, alegadamente, membro do círculo mais interno da Thule. Ele mais tarde se tornou o ministro da justiça do terceiro reich.

Depois de se unir ao comando distrital, o cabo Adolf Hitler se tornou um bom amigo de Ernst Rohm. Foi ele quem levou Hitler para ver Dietrich Eckart, um viciado em morfina que chefiava a sociedade Thule alemã. Rohm tinha um propósito para arranjar este encontro. Ele sentiu que Hitler tinha uma forte liderança potencial e que Hitler era o homem que a Thule estava procurando. Eckart concordou e a carreira de Hitler como o novo messias alemão foi lançada.

O veículo usado por Hitler para obter poder politico era uma pequena organização socialista conhecida como partido dos trabalhadores alemães. Em setembro de 1919, Hitler foi enviado pelo comando distrital para comparecer a um encontro do partido. Hitler, subsequentemente, foi convidado pelo partido a se unir a ele, e dentro de um ano ele se tornou o líder do partido. Em uma reunião do partido realizada em uma cervejaria em Munique em 1920, Hitler anunciou que o partido dos trabalhadores alemães seria renomeado *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* ou partido 'Nazi', para abreviar.

Em *Mein Kampf,* Hitler afirmou que ele havia tomado uma agonizante decisão de deixar o comando distrital para participar do partido dos trabalhadores alemães. Muitos historiadores duvidam fortemente que Hitler tenha deixado o comando distrital e acreditam que, ao invés, o partido dos trabalhadores alemães fosse o veículo usado pelo comando distrital para acobertadamente avançar suas metas politicas. Há boa evidência que apoia esta conclusão. Ernst Rohm, o mentor de Hitler no comando distrital, já havia se unido e começara a moldar o partido dos trabalhadores alemães antes de Hitler se tornar um membro. Rohm auxiliou grandemente Hitler a transformar o partido dos trabalhadores alemães no instrumento político de Hitler. Rohm cresceu com o emergente partido nazista e

mais tarde se tornou líder da organização nazista S.A. - mais conhecida como ‘os camisas marrom’.* O líder da Thule, Dietrich Eckart, que também era estreitamente afiliado com os líderes do comando distrital, se tornou editor-chefe do novo jornal nazista, *Volkischer Beobachter.* Hitler não havia, de modo algum, abandonado seus amigos do comando distrital. Eles estavam todos lá transformando o partido dos trabalhadores alemães no partido Nazi.

Embora Thule fosse provavelmente a mais importante organização mística por trás da formação do nazismo, ela não foi a única. Uma outra foi a sociedade Vril, que tinha recebido seu nome por causa de um livro de lord Bulward Litton, um rosacruciano inglês. O livro de Litton conta a história de uma super-raça ariana vinda à terra. Um membro do Vril alemão era o professor Karl Haushofer, um antigo empregado da inteligência militar. Haushofer tinha sido um mentor para Hitler bem como para um especialista em propaganda de Hitler, Rudolph Hess. (Hess tinha sido um assistente de Haushofer na universidade de Munique.) Um outro membro da Vril era o segundo homem mais poderoso na Alemanha nazista: Heinrich Himmler, que se tornou o líder do temido grupo SS e Gestapo. Himmler incorporou a sociedade Vril no escritório ocultista nazi. Ainda um outro grupo místico foi a sociedade Edelweiss, que pregava a vinda de um ‘messias nórdico’. O ditador financeiro nazi, Herman Göering, havia se tornado um membro ativo da sociedade Edelweiss em 1921 enquanto vivia e trabalhava na Suécia. Göering acreditava que Hitler fosse o messias nórdico.

*Rohm eventualmente perdeu seu poder politico quando as S.A. foram reduzidas e a organização SS de Himmler elevou-se à supremacia. A utilidade de Rohm para a sociedade Thule e para o aparato alemão de inteligência foi prolongada até 1934 quando oficiais nazistas foram a casa de Rohm para prendê-lo por alegadamente conspirar para derrubar seu antigo subalterno, Hitler. Rohm teria sido encontrado em seu quarto em uma posição comprometedora com um de seus principais ajudantes. Foi oferecido a ele uma chance de cometer suicídio mas ele recusou, assim, os nazistas o mataram a tiros em uma prisão de Munique. É interessante que Rohm não suspeitasse do destino que o aguardava porque Hitler tinha viajado pessoalmente para Munique para encontrá-lo e escoltá-lo. Hitler era um mestre em usar a confiança de outras pessoas para traí-las de modos extraordinariamente traiçoeiros – foi um dos métodos usados para enviar os judeus e outros ‘indesejáveis’ para suas mortes nos campos de trabalho escravo dos nazistas.

O Nazismo era, claramente, mais que um movimento politico. Era uma poderosa nova facção da irmandade baseada nas crenças e símbolos da irmandade. O emblema escolhido para representar o partido nazi foi a suástica, um importante símbolo da irmandade desde a antiguidade. Hitler foi proclamado não apenas um messias politico, mas também um messias religioso cuja vinda assinalava o cumprimento das profecias apocalípticas esposadas pelos grupos místicos alemães. A vinda de Hitler traria o reich dos mil Anos, um milênio no qual a humanidade seria 'purificada' e alcançaria seu mais alto estado de existência. O Nazismo era uma filosofia religiosa tutelar, tanto quanto uma ideologia politica. Em um discurso que ele proferiu no encontro nazi de 1934 em Nuremberg, Hitler falou sobre o partido: "sua imagem total, contudo, será como uma ordem sagrada".*

O brutal Partido Nazista era uma ordem sagrada? A ideia parece ridícula a posteriori, até que notemos que esta não seria a primeira vez na história que uma ordem sagrada fosse responsável por maciças atrocidades. Os dominicanos que realizaram a inquisição católica durante a idade média foi um outro exemplo.

A segunda guerra mundial durou de 1939 a 1945. Ela tomou um número incrível de vidas humanas. Muitas destas baixas foram o resultado da mais horrível realização nazista: um sistema maciço de campos de concentração alemães nos quais 11 milhões de pessoas morreram. Seis milhões das vítimas eram judeus. Por este tempo da história, os campos de concentração haviam se tornado muito em moda. começando com os britânicos na África, continuando com os bolcheviques na Rússia e a internação americana de nipo-americanos durante a segunda guerra mundial e afundando nos seus mais baixos níveis de barbaridade na Alemanha Nazista.

A maioria das pessoas sabe dos campos de concentração nazi por suas câmaras de gás, horrendos experimentos humanos e inanição deliberada dos prisioneiros. Os campos eram parte da chamada 'solução final' nazi. A solução final não era apenas uma tentativa de purificar 'racialmente' a raça humana pelo extermínio físico dos judeus e de outros 'indesejáveis', foi um esforço de matá-los de acordo com um grande plano econômico. Como na Rússia, os campos de concentração nazistas eram destinados a serem uma parte vital da economia nacional. Mais de 300 campos foram construídos apenas na Alemanha. Muitos deles eram localizados perto de grandes fábricas especialmente destinadas a serem dirigidas para o trabalho escravo fornecido pelos campos. O infame campo de Auschwitz, por exemplo, foi construído perto de uma enorme fabrica industrial para processamento e refino de petróleo e borracha. O intento da Solução Final era destruir os não arianos (que os nazistas pensavam serem "mutações humanas") ao reduzi-los ao mais baixo denominador comum: prisioneiros de campos se tornavam unidades econômicas descartáveis forçadas a trabalhar em seu limite máximo, enquanto vagarosamente morriam de fome. Depois da morte, os componentes físicos de seus corpos eram frequentemente usados para outros propósitos. Os enchimentos de ouro de dentes eram extraídos e enviados ao tesouro alemão.

* Os nazistas não eram as únicas pessoas envolvidas na segunda guerra mundial para as quais o misticismo era importante. Muitos dos mais altos lideres militares do Japão, que era aliado da Alemanha, eram membros de uma sociedade mistica secreta conhecida por seu símbolo do Dragão Negro. Nos EUA, o presidente Franklin D. Roosevelt, um sólido antinazista, era um maçom livre, como o foi seu sucessor, Harry S. Truman, que ordenou o lançamento das bombas atômicas em duas cidades japonesas (Hiroshima e Nagasaki) perto do fim da guerra.

O cabelo humano era algumas vezes enovelado em cobertores. Até pele humana era usada como cúpulas de abajur e outros itens decorativos. O sistema nazista dos campos de concentração reduziu os seres humanos, quase literalmente, ao nível de rebanho.

A maioria das fábricas dos campos de concentração eram operadas por um conglomerado químico gigante, a I. G. Farben. De fato, uma das subsidiarias da Farben fabricava o gás venenoso usado nas câmaras de gás dos campos de concentração. Um livro notável *The Crime and Punishment of I. G. Farben* de Joseph Borkin, documenta como as companhias da Farben, em cooperação com a SS nazi, dirigiu os campos de concentração e fábricas adjacentes como um empreendimento de negócios. O livro do sr. Borkin reproduz um acerto de contas feitas entre a I. G. Farben a e SS para o trabalho dos prisioneiros dos campos de concentração. O recibo é muito bem escrito a mão com o trabalho escravo apreçado de um modo muito comercial. Quando a guerra terminou, todos os 24 principais executivos da I. G. Farben foram acusados de crimes contra a humanidade em Nuremberg. Uns poucos executivos da Farben, entre os que foram acusados de escravistas e crimes em massa por sua participação na direção dos sistema de campos de concentração, foram sentenciados com penas muito leves. Otto Ambors, especialista em gases venenosos e membro da direção executiva da Farbem, foi sentenciado a somente oito anos de prisão e à Heinrich Buetefisch foi imposta uma pena de seis anos. Depois da segunda guerra mundial, o conglomerado industrial Farben foi reestruturado com nomes diferentes e continua sendo um gigante multinacional até nossos dias.

A organização nazi que supervisionava o sistema de campos de concentração era a *Schutzstaffel* (SS). A SS era uma impiedosa organização de inteligência militar governada por um criador de galinhas transformado em polícia chamado Heirich Himmler. Himmler, como muitos outros altos nazis, era devoto do misticismo alemão. Já mencionamos anteriormente, neste mesmo capítulo sua afliação à sociedade Vril. Himmler dirigia o as SS como uma sociedade secreta de iniciações. Os membros da SS eram instruídosna tradição mística que incluía um catecismo onde se dizia que Hitler havia sido enviado ao povo alemão por Deus. Ensinava-se simbologia mística, com uma ênfase especial nos significados ocultos da suástica. Himmler sonhou que a SS construiria a fundação da nova utopia ariana. Aqueles admitidos nas SS eram portanto apenas os mais puros arianos.*

Como organização de elite, as SS tinham uma enorme autonomia. Ainda que Himmler seguisse pessoalmente leal a Hitler, ao crer que Hitler era o messias, numerosos historiadores estão de acordo que, em muitos aspectos, Himmler era tão e versadeiramente tão temido quanto o próprio Hitlsr. O sonho de Himmler era criar uma nação totalmente independente na Burgundia, França, governada inteirametne pela SS sob os princípios da SS. A meta de Himmler era fazer da sua nação SS a inveja do mundo. A autonomia das SS era também, aparentemente, do financiamento quae nela faziam grandes industriais alemães. Um desses financiadores foi, com certeza a IG Farben. Outros incluíam as subsidiarias alemãs das americanas I.T.T. e General Electric. Como tinha sido verdadeiro anteriormente ao comando distrital, este custeio direto capacitou a SS para agir fora dos fundos do partido nacional. Isto também permitiu que os industriais tivessem uma influência mais direta nas atividades da SS.

*Quase ao fim da guerra, o padrão racial das SS caiu consideravelmante à medida que os militares alemães se desesperavam para conseguir mão-de-obra.

O Nazismo e todas as suas atrocidades nunca poderiam ter acontecido sem o apoio da irmandade bancária alemã. Os bancos, a indústria e o governo estavam estritamente interligados na Alemanha nazista como estão em cada nação hoje. Na Alemanha, muitos banqueiros mantinham posições de gerenciamento em outras companhias, destacando-se a I. G. Farben. Por exemplo, Max e Paul Warburg, que dirigiam grandes bancos na Alemanha e nos EUA (e que, incidentalmente, tinham sido instrumentais em estabelecer o sistema do Federal Reserve nos EUA), eram diretores da I. G. Farben. H. A. Metz da I. G. Farben era um diretor do banco de Manhattan, que foi um banco de Warburg nos EUA e que mais tarde se tornou parte do banco Chase Manhattan dirigido pela família Rockefeller.* Um diretor da I. G. Farben americana era C. E. Mitchell, que era também diretor do banco de Manhattan e do banco Nacional City do Federal Reserve. Mais significativamente, Herman Schmitz, presidente da I. G. Farben na Alemanha, tinha servido na diretoria do Deutsche Bank e do banco para Assentamentos Internacionais. Como devemos recordar, o banco para Assentamentos Internacionais foi o ápice da comunidade internacional de bancos centrais e na interligação dos sistemas de papel-moeda inflacionável. Schmitz foi um dos poucos executivos da I. G. Farben condenados a um tempo de prisão em Nuremberg. Ele recebeu uma sentença de dez anos.

Talvez o mais surpreendente apoio para Hitler na irmandade internacional bancaria tenha vindo do diretor do banco da Inglaterra, Montague Norman. A Inglaterra, com certeza, era uma inimiga da Alemanha nazi durante a segunda guerra mundial. Segundo o livro do Dr. Quigley, *Tragedy and Hope*, o sr. Norman era 'o comandante em chefe do sistema de controle mundial dos bancos'[3] durante sua administração do banco da Inglaterra de 1920 a 1944. Disse Dr. Quigley:

> … muitas pessoas ricas e influentes como Montague Norman, e Henri Detering (proprietário da Shell Oil) dirigiram a atenção pública para os perigos do bolchevismo enquanto mantinham uma atitude neutra e favorável em relação ao nazismo. [4]

Montague Norman aparentemente sentia-se mais do que meramente neutralidade em relação ao nazismo, contudo. Segundo uma história de um jornal de Chicago datada de 3 de novembro de 1938:

Na primavera de 1934, um grupo seleto de financiadores da cidade se reuniu ao redor de Montague Norman no edifício sem janelas do banco da Inglaterra, em Threadneedle Street. Entre os presentes estavam sir Alan Anderson, sócio da Anderson, Green & Co.; lord (então sir Josiah) Stamp, presidente do L.M.S. Railway System; Edward Shaw, presidente do P. & O. Steamship lines; sir Robert Kindersley, um sócio da Hambros Bros.; C. T. Tiarks, chefe da J. Schroeder Co… Mas agora um novo poder fora estabelecido no horizonte político da Europa, nomeadamente, a Alemanha nazi. Hitler havia desapontado seus críticos. Seu regime não era um pesadelo temporário, mas um sistema com um bom futuro e o sr. Norman aconselhou seus diretores a incluírem Hitler em seus planos. Não houve oposição e foi decidido que Hitler deveria obter apoio encoberto da

* Uma outra companhia de Rockefeller, a Standard Oil de New Jersey, fôra parceira do cartel com a I. G. Farben antes da guerra.

seção financeira de Londres até que o sr. Norman tivesse conseguido colocar suficiente pressão no governo para fazê-lo abandonar sua politica pró-francesa para uma mais promissora orientação pró-germânica.[5]

O banco da Inglaterra continuou a apoiar Hitler até mesmo depois que o ditador nazista embarcou em seu programa de conquista. Depois que Hitler invadiu a Tchecoslováquia em violação ao pacto de não agressão entre o primeiro-ministro Chamberlain da Inglaterra e Hitler, o banco da Inglaterra deu à Alemanha nazista seis milhões de libras das reservas de ouro tchecas mantidas pelo banco.

Do mesmo modo que um pequeno grupo de príncipes alemães insignificantes fizeram uma fortuna com a guerra no século XVIII ao alugar soldados para as nações guerreiras, um pequeno grupo de bancos e corporações multinacionais tiveram um grande lucro ao fornecerem bens e serviços a ambos os lados que combatiam na segunda guerra mundial. Depois de dar o apoio inicial a Hitler, o banco da Inglaterra, naturalmente, forneceu empréstimos à Bretanha para combater Hitler. Ao mesmo tempo em que as subsidiárias alemãs da ITT e da General Eletric davam dinheiro às SS e forneciam os serviços necessários para a Alemanha nazi, outros ramos na América e em outros lugares, estavam ajudando os inimigos da Alemanha. Na medida em que a I. G. Farben abastecia a máquina de guerra de Hitler na Alemanha, um de seus velhos sócios do cartel, a Standard Oil, abastecia o esforço aliado contra a Alemanha. Enquanto a companhia Ford Motor produzia materiais para o exército americano combater a Alemanha, as fábricas Ford na Alemanha estavam entregando veículos militares para os nazistas. Não importando quem vencesse a guerra, estes bancos e companhias lucrariam e encontrariam favor com quem quer que emergisse vitorioso.

O enorme papel que vários banqueiros e industriais desempenharam em apoiar Hitler e construir a máquina de guerra nazi tem feito com que alguns historiadores vejam estes banqueiros e industriais como os verdadeiros poderes por trás do nazismo. Eles, de fato, são altamente significativos, mas eles foram realmente as fontes principais que nos deram o nazismo?

Como já temos notado, o nazismo se elevou da rede mística da irmandade. Alguns pesquisadores têm, errôneamente, concluído que as organizações radicais da irmandade tem sido instrumentos de lideres políticos, militares e econômicos muito mais do que vice-versa. Este engano geralmente é cometido porque poucos historiadores têm ousado considerar que a rede da irmandade tenha sido máxima em poder e influência para as elites humanas. Uma vez que esta influência seja reconhecida, podemos perguntar: quem é o poder por trás da irmandade? Temos já respondido, com certeza, a esta pergunta de um modo inaceitável para um grande número de pessoas: os membros de uma raça extraterrestre, isto é, a sociedade tutelar. Uma vez que comecemos a considerar seriamente tal possibilidade, devemos retornar nossa contemplação para as páginas da história para confirmação, neste caso, para a Alemanha nazi. Quando fazemos isto, descobrimos uma coisa muito notável:

Os próprios nazistas afirmavam que uma sociedade extraterrestre era a fonte da ideologia deles e o poder por trás de sua organização!

Através da história, as organizações da irmandade tem prometido lealdade máxima a variados 'deuses', 'anjos', 'seres cósmicos, 'mestres ascendidos' de outros planetas e similares não terrestres, quase todos parecendo ser os tutores disfarçados pelos véus do mito. A sociedade Thule e o próprio misticismo nazi, também afirmaram que sua verdadeira liderança vinha de fontes extraterrestres. Os nazistas se referiam a seus ocultos mestres extraterrestres como super-homens subterrâneos. Hitler acreditava nos 'super-homens' e afirmava que ele havia uma vez se encontrado com um, como o fizeram outros membros da liderança de Thule. Os nazistas disseram que seus 'super-homens' vivem sob a superfície da terra e foram os criadores da raça ariana. Os arianos, portanto, constituíam a única raça 'pura' do mundo e todas as outras pessoas eram vistas como mutações genéticas. Os nazistas planejavam 'repurificar' a humanidade ao matar todo mundo que não era ariano. Os principais lideres nazistas acreditavam que os 'super-homens subterrâneos' retornariam à superfície da terra para governá-la tão logo os nazistas começassem seu programa de purificação racial e estabelecessem o reich de mil anos.

Estas crenças nazistas eram similares a outras religiões tutelares que ensinam às pessoas a se prepararem para o futuro retorno de seres sobrenaturais ou sobre-humanos que reinarão sobre uma terra utópica. Como em outras religiões tutelares, a vinda dos 'super-homens' nazi coincidiria com um grande final de 'julgamento divino'. Sobre o 'julgamento divino', Hitler tinha declarado na corte durante seus dias iniciais nazi:

> O exército (nazi) que formamos esta crescendo dia a dia. Nutro uma esperança orgulhosa de que um dia a hora virá, quando estas rígidas companhias crescerão de batalhões a regimentos, de regimentos a divisões, que cocar (fita ou roseta usada em um chapéu como um distintivo) será retirada da lama, que as velhas bandeiras tremularão novamente, que haverá uma reconciliação no último grande julgamento divino que estamos preparados para enfrentar.[6]

Pareceria que os super-homens nazi não fossem, afinal, extraterrestres mas fossem terrenos em origem porque, alegadamente, eles se elevavam de sob a superfície do planeta. Contudo, Hitler e seus compatriotas místicos tinham uma curiosa visão invertida do universo. Em seu modo de pensar, o universo consiste de uma rocha infinita que é quebrada por inúmeras áreas vazias. Em outras palavras, o universo é como um pedaço infinito de queijo suíço, com muitos buracos nele. A superfície côncava das áreas vazias são as superfícies dos 'planetas', incluindo a terra. Portanto os humanos não estão vivendo na superfície externa de uma bola redonda: eles estão sendo empurrados pela gravidade contra a superfície interna de uma área oca. Segundo os nazistas, o sol se pendura suspenso no meio da área oca, o céu é feito de gás azul, as estrelas são objetos pequeninos (talvez cristais de gelo) que ficam pendurados de modo similar ao sol. Neste infinito universo de pedra como um 'queijo suíço' há muitas fissuras e rachaduras que permitem viajar entre as áreas ocas. Em uma área oca adjacente, segundo o nazismo, vive uma raça de super-homens arianos. Os super-homens arianos de Hitler eram, portanto, verdadeiros extraterrestres, mas de um modo curiosamente invertido. Para que não seja assumido que o

modelo do universo em queijo suíço nazista fosse uma das ‘grandes mentiras’ de Hitler, há evidências de que a liderança nazista considerava muito seriamente a idéia. Por exemplo, uma tentativa foi feita de localizar a frota britânica na segunda guerra mundial com raios infravermelhos apontando para o céu. Os nazistas acreditavam que os raios atingiriam o lado oposto da terra ‘côncava’. Se por nenhuma outra razão, podemos ficar felizes que os nazistas tenham perdido a guerra de forma que fomos poupados de suas lições de astronomia.

É desafortunado que a derrota nazista e as relatadas mortes de Hitler e de Heinrich Himmler não pusessem um fim à influência nazista no mundo. Depois da segunda guerra mundial, os nazistas participaram de muitas esferas importantes de atividade:

A agência central de inteligência (CIA) aceitou a oferta de Reinhart Gehlen, chefe das operações de inteligência para a Rússia no serviço secreto nazi, para ajudar na construção da rede de inteligência americana na Europa depois da guerra. A organização de Gehlen era composta por muitos antigos membros das SS. A organização de Gehlen se tornou um elemento importante da CIA na Europa Ocidental e também forneceu a fundação para o aparato de inteligência da moderna Alemanha Ocidental. A CIA também extraiu informação sobre as técnicas psiquiátricas nazistas dos registros de crimes de guerra dos julgamentos de Nuremberg para uso nos infames experimentos de controle mental da CIA décadas depois.

A INTERPOL, a organização policial particular internacional que supõe-se combater os criminosos internacionais e os traficantes de drogas, foi chefiada por antigos oficiais nazistas das SS várias vezes até 1972. Isto não é surpreendente, quando consideramos que a Interpol era controlada pelos nazis durante a segunda guerra mundial.

O príncipe Bernhard da casa de Orange na Holanda tinha sido um membro da SS antes da guerra, seguido por uma temporada como empregado da I. G. Farben. Ele então se casou na casa de Orange e assumiu sua posição como presidente da Shell Oil. O príncipe Bernhard fundou os encontros internacionais dos ‘Bilderberg’, que ainda são realizados a cada ano. Os encontros Bilderberg são consideradas reuniões informais dos principais banqueiros mundiais, industriais, figuras políticas e outras pessoas proeminentes com o propósito de discutir as condições mundiais e chegar a um ocasional consenso informal. O príncipe Bernhard pessoalmente presidiu estes encontros até 1976, quando um escândalo de corrupção o forçou a renunciar.

Para as pessoas mais jovens hoje, a segunda guerra mundial é um episódio de um passado distante, muito como a primeira guerra mundial é uma história antiga para as pessoas em seus trinta e quarenta anos. O conflito que a maioria das pessoas compreende agora é a antiga guerra fria entre os EUA e a União Soviética. A segunda guerra mundial fez muito para estabelecer o palco para este confronto. Durante a segunda guerra mundial, a Rússia foi um aliado dos EUA, Grã-Bretanha e França na guerra contra a Alemanha nazi. Tropas russas combateram contra os alemães em muitas das nações dos Bálcãs que fazem fronteira com a Rússia. Na instabilidade que se seguiu, os movimentos comunistas ganharam um poder considerável nestes países dos Bálcãs e as tropas russas lá

permaneceram depois que os alemães foram derrotados. Os aliados não desejavam prolongar a guerra ao se virarem contra a União Soviética e então o bloco oriental comunista nasceu.

A experiência nazi é extraordinariamente importante porque ela aconteceu durante o período de vida de muitas pessoas que vivem hoje. Incrivelmente, os grupos nazistas têm sido revividos na América, Alemanha e outras nações. É difícil imaginar que alguém se uniria a um movimento de tal loucura comprovada, ainda que isto esteja acontecendo. A experiência da Alemanha nazi nos revelou que o mundo ainda está sendo empurrado para a guerra, a ignorância e os genocídios repetidos do mesmo modo que tem sido por milhares de anos por uma rede mística com organizações prometendo a máxima lealdade a uma raça extraterrestre. A experiência nazi revelou novamente um canal chave pelo qual a influência da rede da irmandade tem sido exercida por uma comunidade de organizações nacionais de inteligência cujas atividades são mantidas secretas pela lei e cujas atividades são frequentemente fora da lei. O nazismo foi apenas uma outra facção brutal colocada em oposição a tantas outras facções que se elevaram da rede da irmandade; isto ajudou a garantir mais guerras, mais sofrimento e o aprisionamento continuado da humanidade em um pequeno planeta por trás dos muros da ignorância. No nazismo vimos todos os elementos que temos visto neste livro reunidos: a rede da irmandade, o apocaliticismo, uma elite bancária do papel-moeda, o genocídio e uma raça extraterrestre venerada como 'deuses' e proprietários da terra. O nazismo deveria ter acontecido a dois mil anos atrás, mas aconteceu a apenas a algumas décadas. Tudo da história que vimoso neste livro pode estar ainda acontecendo hoje.

Estas observações de encerramento exigem que olhemos mais uma vez o próprio fenômeno OVNI. Se criarmos a hipótese de que a sociedade humana ainda estaria sendo manipulada por uma sociedade tutelar, da mesma maneira que foi há muitos milênios, então devemos determinar que os OVNI continuam a se comportar, agora, como fizeram no passado distante.

Duas perguntas que podemos colocar para fazer esta determinação são: Os OVNI ainda estão disseminando os mesmos misticismos corrompidos hoje, como eles o fizeram mais cedo na história? Eles ainda estão implantando a falsa ideia de que eles são Deus? Se vamos acreditar no testemunho dos recentes abduzidos OVNI, a resposta para ambas perguntas é sim.

37 - Modernos ‘Ezequiéis’

Tenho conhecido algumas pessoas que afirmam que tiveram experiências OVNI e disseram que elas foram muito agradáveis, maravilhosas e como um sonho. Mas invasores nem sempre vem armados até os dentes e ameaçadores! Algumas vezes eles vem com sorrisos felizes, agitando bandeiras e portando bíblias e cruzes.[1] – uma entrevista de rua, cortesia da revista OVNI

Os casos de abdução OVNI tendem a seguir um padrão distinto: um ser humano é, involuntariamente, levado a bordo de um OVNI, é submetido a um exame físico e então é libertado. A memória de um abduzido eventualmente é enterrada por causa de um aparente tamponamento mental pelos captores alienígenas. Alguns pesquisadores comparam estes casos de abdução aos biólogos humanos que tranquilizam animais selvagens, os inspecionam e então soltam as criaturas de volta na natureza.

Muitos casos recentes de abdução OVNI tem uma outra característica recorrente de grande importância. O Dr. Thomas E. Bullard da universidade de Indiana, cujas palavras aparecem no *MUFON UFO Journal* datado de fevereiro de 1988, tinha isto a dizer depois de realizar seus próprios estudos sobre o fenômeno de abdução:

> A sequela mais comum do exame (de um abduzido humano pelos ocupantes OVNI) é uma conferência, um período mais ou menos formal de conversa entre a testemunha e seus captores… Avisos que certos comportamentos humanos são perigosos e profecias de eventos futuros são também comuns. As profecias geralmente prevêm desastres futuros e até mesmo mudanças apocalípticas sobre a terra, eventos que os alienígenas ou as testemunhas iluminadas podem mitigar.[2]

Os casos documentados pelo Dr. Bullard fornecem uma fascinante evidência que os tutores continuam a disseminar as mesmas mensagens apocalípticas hoje que eles tem estado implantando por milhares de anos. Igualmente, estes casos modernos acrescentam peso a evidência histórica de que muitas antigas mensagens apocalípticas, tais como aquelas encontradas na Bíblia, de fato vieram das mesmas fontes extraterrestres. Os achados do Dr. Bullard sugerem que os tutores ainda estão sendo altamente manipuladores, de fato, ao dizer, ‘Vocês humanos estão todos se comportando mal (embora não estejam dizendo a vocês o que podem ser os bons que estão agitando vocês) e haverá uma catástrofe. Não tema, contudo, porque nós, as almas angélicas, lhes salvaremos. Olhe para nós e para nossos mensageiros indicados para sua salvação’. Isto vem diretamente de Machiavelli.

Os ocupantes OVNI ainda vem diretamente hoje e implicam que eles são Deus. Um episódio de abdução no qual isto ocorreu envolveu uma mulher chamada Betty Ann Andreasson, cuja experiência bem documentada e exaustivamente pesquisada, foi assunto de um intrigante livro intitulado *Andreasson Affair*, de Raymond Fowler.

A abdução dAndreasson ocorreu em 25 de janeiro de 1967. Mais tarde, enquanto sob hipnose, a sra. Andreasson recordou-se que ela havia sido sequestrada de sua casa,

levada a bordo de uma aparente aeronave alienígena e voou para um local desconhecido onde ela foi levada pelo que parecia ser um número de passagens subterrâneas não usuais verdes e vermelhas dentro de algum tipo de cidade. A sra. Andreasson então teve uma experiência que tornou sua história inacreditável para muitas pessoas; mas para nós, é a experiência que pode dar mais credibilidade à história dela.

Segundo Mrs. Andreasson, os abdutores a levaram a uma sala especial. Lá ela foi submetida ao que seus investigadores descreveram como 'o segmento mais doloroso e emocional de sua experiência total'. Na sala, a sra. Andreasson viu um grande pássaro de aproximadamente 4,60 metros de altura. O pássaro lembrava uma águia, mas tinha um pescoço mais longo. Ele era, de fato, uma réplica da fênix e dava a ilusão de estar vivo. Na medida em que a sra. Andreasson parava e observava, a fênix passou por uma transformação. A sra. Andreasson sentiu um calor intenso tão poderoso que ela gritou de dor durante sua sessão de hipnose enquanto relembrava o incidente. A estranha sala alienígena abruptamente resfriou-se. Onde 'o grande pássaro' havia estado, agora queimava um pequeno fogo. O fogo morreu numa pilha de cinzas e brasas vermelhas. Na medida em que a pilha continuava a esfriar, Betty viu algo nas cinzas: "Agora, se parece com um verme", ela recordou-se sob hipnose, "um grande e gordo verme". Um grande verme cinza deitado lá."[4]

O que a sra. Andreasson tinha testemunhado foi uma encenação da história da fênix, claramente preparada em proveito dela. A fênix, lembremos, é um símbolo da irmandade que tem sido usado para promover o apocaliticismo e justificar o infindável sofrimento humano. Embora a visão da sra. Andreasson da fênix constituísse apenas uma pequena parte de sua experiência de abdução, os investigadores concluíram:

> … é obvio demais que os alienígenas tinham levado Betty ao pássaro como ponto focal de toda experiência dela; pareceu ser o propósito de sua viagem pelos espaços verdes e vermelhos.[5]

A sra. Andreasson testemunhou sob hipnose que depois de ser implantada com esta visão mística, a seguinte conversa aconteceu entre ela e seus captores:

> Eles chamaram meu nome e o repetiram novamente em uma voz mais alta. Eu disse, "Não, eu não entendo sobre o que é tudo isto ou até mesmo porque estou aqui". E eles - o que quer que fossem - disseram que "eu escolhi você."
> "Para o que você me escolheu?" Betty perguntou.
> "Escolhi você para mostrar ao mundo"
> "Vocês são Deus?" Betty perguntou, "Vocês são o Senhor Deus?"
> "Devo agora lhe mostrar como seu tempo se passa."[6]

Ao tempo de sua abdução, a sra. Andreasson já era uma cristã. Como resultado da experiência, ela começou a incluir os OVNI em seu próprio sistema de crenças cristão apocalíptico. O pesquisador Raymond Fowler sondou estas crenças:

RAYMOND FOWLER: Eles tem (OVNI) algo a ver com o que chamamos de segunda vinda de Cristo?
BETTY: Eles definitivamente tem.
RAYMOND FOWLER: Quando isto vai acontecer?
BETTY: não é para que eles o digam a vocês.
RAYMOND FOWLER: Eles sabem?
BETTY: Eles sabem que o Mestre está ficando pronto e muito perto.[7]

Se real, a experiência de Betty Andreasson foi uma experiência notável. Ela indicaria que ela foi apenas mais um na longa linha dos profetas relutantes, forçosamente implantados com uma mensagem religiosa apocalíptica, pelos membros da sociedade tutelar. Como os 'Ezequieis' que a precederam na história, o testemunho de Betty Andreasson sugere que ela sofreu uma severa alteração mental nas mãos de seus abdutores. Esta alteração pode responder por alguns dos fenômenos perceptivos não usuais que ela vivenciou durante seu episódio de abdução. Diferente dos passados 'Ezequieis', contudo, a visão da sra. Andreasson provavelmente não será acrescentada à Bíblia, nem fará com que ela reúna um exército e embarque em uma campanha de conquista religiosa. Seu corajoso testemunho simplesmente oferecerá uma evidência mundial adicional de que o século XX não tem visto uma mudança nos métodos pelos quais a raça tutelar parece manter a rédea sobre a raça humana.

A experiência de Mrs. Andreasson significa que será exigido da sociedade humana submeter-se ainda a um outro episódio de 'fim do mundo'? A estrutura politica, social e econômica do mundo certamente torna isto possível. A rede da irmandade está viva e ativa, como o estão muitas instituições que ela criou. Eles bem podem trazer o nosso mundo a uma outra 'batalha final' sem sentido.

38 - O Novo éden

Um novo éden está sendo construído hoje, ou talvez meramente uma nova face eteja sendo colocada no velho éden. O éden de hoje é caracterizado pela arquitetura estéril e homogeneidade estilística. São oferecidos aos habitantes do éden moderno muitos meios de superar o stress de viver no éden; entre eles estão as drogas, que prometem a mudança ou controle de quase todos atributos negativos humanos (e cada um positivo também). Os novos édenitas aprendem filosofias que prometem uma utopia materialista dentro de uma aridez espiritual. A despeito de todos estes 'avanços', os édenitas ainda cometem suicídio em uma taxa surpreendentemente alta. Tragicamente, uma grande quantidade de vítimas de suicídio são jovens. O que estas pessoas estão nos dizendo? Talvez seja que o éden de hoje ainda é o éden; uma gaiola dourada, uma prisão mimada. Muitos jovens sentem isto e se rebelam ao mudar a maneira de vestir ou o corte dos cabelos, mas eles descobrem que estão aprisionados e não entendem realmente como ou porque. Como Adão e Eva, muitos indivíduos, não importa quão bem-sucedidos ou mimados eles tenham sido na vida, descobrem que querem escapar.

O éden de hoje continua a ser fortemente influenciado pela rede da irmandade e seus derivados. Qualquer discussão da irmandade no mundo de hoje é, contudo, um assunto delicado. Não mais estamos falando sobre pessoas e grupos que residem confortavelmente no passado, mas devemos agora confrontar pessoas e organizações que são e muito, parte do mundo de hoje: Por favor permita-me reiterar dois pontos muito importantes:

1. A vasta maioria das pessoas que se une a movimentos e organizações o faz pelas razões certas; incluindo aqueles que se unem a ramos da irmandade e religiões tutelares. Eles ouviram um pouco de verdade ou eles viram a solução de um problema genuíno. Eles trabalham nestas organizações para disseminarem esta verdade ou resolverem este problema. *Como tem sido verdadeiro por toda a história, quase nenhum deles, incluindo a maioria de seus lideres principais, estão reconhecidamente engajados em atividades maquiavélicas*. Eles somente sabem que eles receberam uma causa justa a buscar contra algum outro grupo humano, inconscientes de que alguém mais, em organizações similares, também receberam uma causa justa a buscar contra *eles*. A corrupção dentro da rede da irmandade e a violência que se emana disso, são tão desapontadoras para eles como o são para os demais.

2. Meu propósito é correção, não condenação. Não há santos na terra e provavelmente em outros lugares, para este assunto. Há, sim, uma grande quantidade de pessoas boas que merecem ser ajudadas, mas provavelmente não há um ser na terra que não tenha, a algum tempo, de algum modo, contribuído para o que temos discutido neste livro. Se engajar na culpa, na punição ou recriminação neste estágio do jogo pode somente tornar as coisas piores. Espero encorajar a ideia de que, não importa o que tenhamos feito no passado, são o presente e o futuro que verdadeiramente contam. Meu propósito ao escrever este livro é apenas pedir que tomemos um momento de pausa para voltar atrás e olhar no que podemos todos estar presos. Talvez cada um de nós possa, então, cuidadosamente determinar o que precisamos fazer (ou parar de fazer) para ajudar a trazer as mudanças

necessárias para colocar as coisas retas, sem destruir nossas vidas ou nossas queridas instituições. O que é necessário para todo mundo é cooperação, não recriminação.

Na medida em que observamos as modernas organizações e religiões que nasceram da rede da irmandade, descobrimos algo bastante irônico. Enquanto o mundo continua seu flerte intelectual com o materialismo, as organizações da irmandade e as religiões tutelares estão entre as poucas fontes que mantêm viva qualquer ideia de que o homem pode ser um ser espiritual. Como resultado, muitas organizações da irmandade e religiões tutelares atraem muitas pessoas boas entro as quais a centelha espiritual não morreu. É difícil encontrar um padre jesuíta, um maçom livre americano, um ministro presbiteriano ou um rabino judeu que não seja uma pessoa muito decente. A completa maioria deles enfatiza os aspectos verdadeiramente benignos e elevadores de suas teologias. É igualmente difícil não se sentir bem em uma missa católica ou véspera de Natal ou ser estimulado por uma conversa com um rosacruciano articulado sobre o significado da vida. É igualmente impossível não apreciar o sorriso de uma jovem criança crescida no calor de uma unidade familiar bem-sucedida mantida unida pela religião hebráica ou pelo sabor da excepcional estética de um trabalho de arte hindu. Crianças e pessoas mais velhas são ajudadas a cada dia pelos bons trabalhos dos maçons livres, oddfellows e shrinners. Fascinantes discussões políticas podem ser mantidas com um declarado marxista e podemos aprender alguns dos fatos mais surpreendentes dos direitistas. Não obstante, a maioria das instituições que se elevam da rede da irmandade continuam hoje a causar sérios problemas.

Neste livro, olhamos estreitamente o sistema de papel-moeda inflacionável. Nos EUA hoje, mais de 75% do suprimento de dinheiro é criado pelos bancos comerciais. Quando você deposita um dólar em um banco comercial, este dólar se torna um empréstimo do banco, e o banco cria um dólar adicional que se torna o dólar em sua conta bancária. Este dólar em sua conta bancária, contudo, não é um dólar garantido. Ele é, simplesmente, uma dívida que o banco tem com você. Esta dívida, contudo, rapidamente se torna dinheiro porque você o gasta logo e o banco ainda tem seu dólar original. Deste modo, o banco tem criado dinheiro ‘do nada’. Os bancos fazem a maior parte do seu lucro por terem a permissão de criar dinheiro deste modo. As taxas de juros que os bancos cobram sobre os empréstimos meramente pagam algumas das despesas administrativas e mais importantemente, compensa pela inflação que os bancos inevitavelmente causam ao criar dinheiro da maneira que eles fazem. Há, com certeza, um limite determinado pela lei de quantos dólares um banco pode criar. Um banco comercial deve manter uma base mínima de dinheiro (notas dos bancos centrais) para cada dólar depositado, mas é apenas uma pequena porcentagem. Tanto quanto as pessoas usem seus cheques e não demandem muito dinheiro, um banco estará seguro. Um banco pode ‘quebrar’ contudo, caso muitos de seus empréstimos ou se muitos de seus depositários exijam dinheiro real e assim dizimem a pequena base de bens do banco.

O resultado deste sistema é um débito maciço em todos os níveis da sociedade atual. Os bancos estão em débito com os depositários e o dinheiro dos depositários é emprestado e cria dívidas para com os bancos. Fazendo este sistema ainda mais similar a algo como um delírio maníaco está o fato de que os bancos, como outros emprestadores, frequentemente tem o direito de tomar propriedade física se o seu papel-moeda não for pago.

Em níveis nacionais e internacionais, lemos hoje sobre as nações de Terceiro Mundo cambaleando sob enormes dívidas. A maioria destas dívidas é 'ilusória' no sentido de que o montante de empréstimos veio de bancos que geraram ou canalizaram o 'dinheiro criado do nada'. Alguns destes bancos, tais como alguns representados pelo FMI, tem o direito de ditar políticas econômicas e exigir medidas de austeridade dentro dos países em débito para ter estes empréstimos pagos. No Brasil, por exemplo, o FMI impôs medidas de austeridade na década de 1980. As medidas incluíram cortes em grande escala nos salários dos trabalhadores brasileiros, preços mais altos em todas as mercadorias, desvalorização da moeda e exportações aumentadas, tudo para pagar a dívida criada, principalmente, por uma ilusão. O resultado foi uma tremenda queda no bem-estar do povo brasileiro e rebeliões. A destruição das florestas topicais brasileiras, que estamos testemunhando hoje, estão sendo causadas em grande parte pela necessidade do Brasil pagar os empréstimos baseados no dinheiro ilusório. Os estudos preparados pelo banco mundial culpam o crescimento da população pelo esvaziamento das florestas tropicais mas, convenientemente, deixa de fora o papel maior que o próprio banco mundial tem desempenhado em causar a dívida do Brasil.

Um outro exemplo é o da República Dominicana, que tinha uma dívida de 3 bilhões em meados da década de 1980. O país gostaria de gastar sua escassa renda em melhores moradias para seu povo. Em 1985, contudo, a nação enfrentavater que gastar mais dinheiro para quitar seus empréstimos do que podia ganhar em moeda estrangeira. O FMI, não obstante, exigiu medidas de estrita austeridade, incluindo grandes aumentos de preços sobre os bens básicos, desencadeando, portanto, rebeliões. O FMI também exigiu a desvalorização da moeda dominicana; isto aumentou as exportações mas tornou as importações muito mais caras. Quem foram os reais perdedores em tudo isto? O povo dominicano.

Nos EUA sob a recente administração presidencial de Ronald Reagan, o débito nacional americano dobrou. A maioria do dinheiro de empréstimo, com certeza, remonta ao 'dinheiro criado do nada' dos grandes bancos. Não obstante, o juro sobre este dinheiro agora deve ser pago. Para pagá-lo, os serviços sociais federais foram cortados por Reagan, ferindo, portanto, o padrão de vida de muitos americanos. Em que foi usado muito deste dinheiro? Necessidades militares.

Em uma escala menor, o sistema do papel-moeda inflacionável causa que fazendeiros percam suas fazendas. A maioria dos fazendeiros não perdem seu meio de vida porque eles deixam de trabalhar duramente ou porque eles não produzam algo de grande valor. Eles perdem porque eles não podem cumprir as demandas do sistema do papel-moeda inflacionável. Isto permite que os grandes agronegócios se adiantem e comprem a fazenda, resultando na concentração da produção de alimentos em um número sempre decrescente de mãos.

Como podemos ver, o moderno sistema monetário teve o efeito de destruir muitos benefícios que a produção em massa e os avanços na ciência e na tecnologia teriam oferecido à raça humana. Por agora, a necessidade de um eterno sofrimento pela existência física deveria estar grandemente acabado; mas o sistema do papel-moeda inflacionável tem

ajudado a preservar esta necessidade ao criar dívidas maciças, inflação crônica e instabilidade econômica geral. A vasta maioria das pessoas em todas as nações hoje devem ainda, continuar a gastar a maior porção de suas primeiras horas de despertar trabalhando para atender as necessidades financeiras. A meta tutelar expressa na história bíblica de Adão e Eva de fazer as pessoas sofrerem do nascimento até a morte ainda está sendo cumprida.

Um outro importante subproduto dos sistemas monetários modernos são os impostos. A maioria dos americanos acredita que o governo americano cria seu próprio dinheiro. Se isto é verdade, então porque o governo precisa lançar impostos sobre todo mundo? Porque o governo simplesmente não aloca para si o dinheiro que ele precisa para operar? Isto obviamente seria muito mais sensível do que erigir enormes burocracias coletoras de impostos que podem levar as pessoas ao desespero e diminuir grandemente a produtividade.

A resposta é que o governo americano não cria o dinheiro – quem o faz são o Federal Reserve e os bancos comerciais e eles não são entidades públicas. Para obter algum do dinheiro que estas entidades bancarias criam, o governo deve lançar impostos ou tomar emprestado. Ele faz ambas as coisas e os cidadãos pagam. Os impostos, especialmente nas nações com esquemas de taxação graduada, torna mais difícil para as pessoas pouparem dinheiro e portanto, contribui para a necessidade da maioria das pessoas passar a maioria de suas vidas sofrendo pela existência física. A despeito das bem-vindas reformas políticas agora transformando a Rússia e o bloco oriental, o comunismo permanece um poder em outras nações onde ele tem inspirado pavorosas repressões nas décadas recentes, como o povo da Etiópia e Kampuchea (Cambodja) tem aprendido, para seu profundo pesar:

Em 12 de setembro de 1974, a monarquia da Etiópia foi derrubada por um golpe militar. Seis meses depois, a monarquia foi inteiramente abolida pelo governo revolucionário e a Etiópia se tornou um estado marxista completo, com fazendas coletivas e indústria de propriedade do governo. Os novos governantes marxistas logo se descobriram opostos por um movimento de independência nas províncias etíopes da Eritreia e Tigre. Este movimento de independência foi e ainda é, mantido vivo em grande extensão por um outro grupo marxista: a frente popular de libertação. As batalhas resultantes entre o regime marxista e a libertação marxista tem trazido uma grande perda de vidas. As fomes etíopes, das quais muito ouvimos falar hoje, são causadas, primariamente, pela tentativa do governo marxista de oprimir o movimento de libertação da Eritreia ao impedir os embarques de alívio para as regiões de seca. Isto soma a um ato de genocídio. As pessoas têm morrido mortes horríveis quando se encontram entre duas facções igualmente brutais. Por trás de tudo isto encontramos mais uma vez a evidência da rede da irmandade: o emblema do regime marxista proeminentemente apresenta o símbolo da irmandade do ‘olho onipresente’.

Em 17 de abril de 1975, a capital de Kampuchea (antigo Cambodja) caiu ante as forças revolucionárias comunistas. Um blecaute virtual de notícias se seguiu. As histórias que vazavam eram tão horríveis que estão além da descrição. Depois da eleição do líder comunista Pol Pot como premier em abril de 1976, Kampuchea sofreu o que alguns especialistas sentem ter sido o pior genocídio desde a segunda guerra mundial. Ao menos

um milhão, talvez três milhões, de Kampucheanos morreram. Em uma população de 7.5 milhões, isto representa uma porção substancial. Este genocídio foi parte de um grande plano econômico formulado pelos líderes cambojianos, altamente educados, que tinham graus avançados em economia e ciência social de universidades na França. Estes líderes decidiram que sua nação deveria ter uma economia agrária… imediatamente. A capital de Kampuchea, Phnom Penh, foi evacuada a força e seus residentes foram compelidos a irem para o interior, onde as 'cooperativas rurais' os aguardavam. A propriedade privada foi abolida. Os cidadãos que eram percebidos como estando no caminho da nova utopia cambojiana, em virtude de suas ocupações ou educação e as pessoas que objetavam serem forçadas à escravidão, eram mortas. As crianças frequentemente eram recrutadas para realizar os assassinatos, ajudando, portanto, a engendrar na geração jovem uma incidência de psicopatia mais alta que o normal. Este grande esquema cambojiano sob Pol Pot foi uma virtual cópia carbono de programas brutais lançados mais cedo na história pelo conselho revolucionário da França no século XVIII, pelo regime de Joseph Stalin na Rússia e pela revolução cultural de Mao Tse-Tung na China. O regime de Pol Pot desabou em janeiro de 1979 quando o Cambodja foi invadido pelos norte-vietnamitas comunistas, que dificilmente eram modelos de civilidade. Por 1990, Pol Pot e o Khmer vermelho reemergiram. Eles eram parte de uma coalizão buscando retomar o poder pela força militar. A coalizão era apoiada pelos EUA e segundo várias testemunhas oculares, as armas fornecidas pela CIA continuaram a chegar às tropas ainda brutais do Kmer vermelho.

Antes do desmantelamento da União Soviética, muitos movimentos comunistas no mundo eram apoiados pela KGB soviética e outros serviços secretos do bloco oriental como parte da missão deles de fomentar guerras de 'libertação' pelo mundo. Interessantemente, os serviços ocidentais de inteligência também ajudaram no estabelecimento de regimes comunistas exatamente como o haviam feito os militares alemães em 1917. Os EUA inicialmente apoiaram Fidel Castro em Cuba e Ho Chi Minh no Vietnã, ambos os quais depois estabeleceram regimes comunistas em suas respectivas nações. Os EUA também iniciaram o apoio a Pol Pot e o ajudaram a alcançar o poder em Kampuchea. O mundo comunista, tanto passado quanto presente, foi muito o produto da atividade ocidental.

Por trás do faccionalismo político de hoje, continuamos a encontrar a evidência direta do envolvimento da rede da irmandade. A Soberana Ordem Militar de Malta (SMOM), por exemplo, era fortemente anticomunista e instilou o anticomunismo em seus aderentes como meta espiritual. Nada há de errado com isto, até que isto se torna uma outra justificativa para engendrar mais violência, opressão e conflito. Um dos cavaleiros de Malta na América, o falecido William Casey, que chefiou a CIA americana de 28 de janeiro de 1981 até 29 de janeiro de 1987. Durante este período como chefe da CIA, Casey fez muito para aumentar as operações encobertas da CIA, especialmente na América Central. Lá, os rebeldes 'contra' apoiados pela CIA e os esquadrões da morte da ala direita cometeram atrocidades terríveis contra civis em nome de combater o comunismo. Outros cavaleiros de Malta nas organizações nacionais de inteligência incluem James Buckley da Free Europe Radio/ Liberty Radio, John McCone (ex diretor da CIA sob o presidente John Kennedy) e Alexandre de Marenches (chefe da inteligência francesa sob o presidente Giscard d'Estaing, que também era um cavaleiro de Malta).

A CIA americana é também influenciada pelo mormonismo, livre maçonaria e outras organizações menos conhecidas da irmandade. Os mórmons são, frequentemente, procurados pelos recrutadores da CIA devido à experiência no exterior que muitos mórmons recebem em seu trabalho missionário e uns poucos têm alcançado posições muito altas dentro da comunidade americana de inteligência. Alguns grupos maçônicos fornecem bolsas de estudo especiais para jovens membros frequentarem a escola de serviço exterior em Washington, D.C. Esta escola fornece ao país muito de seu pessoal do departamento de estado, diplomatas e espiões. Todas estas influências da irmandade tem se combinado para criar um 'berço' ideológico na politica externa americana. O resultado tem sido a manutenção dos EUA como uma eficaz facção política para manter vivo o conflito por todo o mundo.

Os 'assassinos solitários' continuam a ser significativos hoje. Anteriormente, neste livro, olhamos a origem do fenômeno do assassino solitário como um instrumento político. A substancial evidência de 'conspiração' que cerca os assassinatos dos dias modernos indica que tais matanças continuam a ser cruas armas politicas. Hoje a diferença primária é que alguns 'assassinos solitários' parecem ser um acobertamento para um segundo assassino oculto, um fingimento que faz parecer que o 'assassino solitário' realmente agiu sozinho. Em todos os outros aspectos importantes, o moderno 'assassino solitário' é quase que idêntico àqueles programados pela organização Ismaili da irmandade a séculos atrás no Oriente Médio. Para ilustrar, vamos rever algumas evidências por trás de recentes assassinatos.

Muito já foi escrito sobre o assassinato do Presidente John F. Kennedy, em 22 de novembro de 1963, assim eu vou aqui apenas resumir os eventos. O Presidente Kennedy foi morto por um tiro de rifle enquanto estava em uma carreata em Dallas, Texas. Quase imediatamente depois do tiro, apareceram suspeitas de uma conspiração. O alegado 'assassino solitário', Lee Harvey Oswald, publicamente proclamou que ele era apenas um 'bode expiatório'. A balística e a evidência física fortemente sugeriram que Kennedy foi atingido por balas disparadas na frente dele, não por detrás, onde estava posicionado Oswald. Ele nunca teve uma chance de elaborar sua declaração de que ele era um bode expiatório ou mesmo ir a julgamento, porque, dois dias depois de sua prisão, ele foi assassinado enquanto sob custódia da polícia, pelo proprietário de um night club, Jack Ruby, um homem com ligações com a máfia. Ruby foi para a prisão e lá morreu menos de quatro anos depois.

Um painel oficial do governo foi reunido para investigar o assassinato de JFK. Conhecido como comissão Warren, por causa de seu presidente, o chefe da suprema corte de justiça dos EUA, Earl Warren, o painel concluiu que Oswald tinha agido absolutamente só. Anos mais tarde, um painel da câmara de representantes dos EUA passou 26 meses reinvestigando os assassinatos de John F. Kennedy e do líder negro de direitos civis Martin Luther King, Jr. (que foi morto em 1968 por um alegado 'assassino solitário'). O painel da câmara concluiu que os 'assassinos solitários' *não* agiram sozinhos e que existem conspirações por trás dos assassinatos de Kennedy e King. O painel sentiu que investigação policial posterior estava garantida. A despeito dos rumores e da evidência do envolvimento

da CIA e da máfia no assassinato de Kennedy, nenhuma condenação de qualquer co-conspirador jamais ocorreu.

O irmão mais novo de John Kennedy, Robert F. Kennedy, foi assassinado quase cinco anos mais tarde em 5 de junho de 1968, dentro do Ambassador Hotel em Los Angeles, Califórnia. RFK estava concorrendo à presidência ao tempo em que foi morto e ele quase certamente ganharia a indicação democrata. Ele tinha acabado de fazer um discurso para os entusiasmados trabalhadores da campanha e começou a andar pela área por trás da despensa, cercado por um forte grupo de entusiastas e repórteres. Foi na área da despensa que o assassino condenado, Sirhan Sirhan, abriu fogo a queima roupa com uma pistola de calibre .22. Um número de pessoas foi atingido e Kennedy caiu no chão com ferimentos na cabeça e no corpo. Sirhan foi imediatamente preso. Kennedy morreu no dia seguinte e Sirhan seria condenado como o único assassino. A despeito da condenação, uma grande quantidade de controvérsia permaneceu. Em um feito extraordinário de jornalismo investigativo, o pesquisador Theodore Charach compilou um grande corpo de evidência indicando que um segundo atirador oculto, não Sirhan Sirhan, havia disparado o tiro que matou Kennedy. O sr. Charach usou sua evidência para criar um longo documentário surpreendente intitulado *The Second Gun*. O filme desfrutou de um curto lançamento nos cinemas pelos anos de 1970 e agora está disponível em vídeo cassete*. A pesquisa de Mr. Charach foi seguida por outros e eventualmente, levada às audiências no escritório dos supervisores do condado de Los Angeles sobre o assassinato.

O caso da 'segunda arma' em RFK repousa em uma grande quantidade de fascinante evidências balísticas e testemunho ocular. Por exemplo, o legista de Los Angeles realizou uma análise das queimaduras de pólvora na cabeça e roupas de Kennedy. As queimaduras revelaram que a boca da arma não estava a mais de que uma a três polegadas da cabeça de Kennedy quando foram disparadas as balas fatais; isto é, a boca da arma estava a queima roupa. Todas as testemunhas oculares, contudo, reportam que a arma de Sirhan nunca esteve mais perto do que 12 polegadas; uma diferença importante no que diz respeito às queimaduras de pólvora. *The Second Gun* sugere que a bala fatal pode ter sido disparada da arma de um guarda de segurança uniformizado que estava segurando o braço direito de Kennedy quanto iniciou-se o tiroteio. O guarda admitiu puxar sua arma durante a confusão, mas negou haver disparado. Uma testemunha ocular da cena, contudo, testemunhou que o guarda disparou. Não há registro de que a polícia tenha até mesmo examinado a pistola do guarda.

Um diário bizarro alegadamente escrito por Sirhan, que foi descoberto em seu apartamento depois do tiroteio, parece emprestar peso à teoria da conspiração. Neste diário, Sirhan escreveu várias vezes sobre a necessidade de Robert Kennedy morrer em em conexação com Sirhan receber grandes somas de dinheiro. Uma entrada mencionava cem mil dólares. A mais interessante entrada do diário é aquela na qual Sirhan, que parecia apreciar o pensamento de receber grandes cheques pagáveis a ele, parece repetir uma instrução que ele nunca havia ouvido uma promessa de que receberia dinheiro pela morte de Kennedy, que precisava acontecer por 5 de junho de 1968 - data das primárias na Califórnia. O diário de Sirhan continha as seguintes palavras:

* A fita de vídeo *The Second Gun* foi lançada pela Vídeo Cassette Sales, Inc. Veja a Bibliografia para o endereço.

> "Robert F. Kennedy deve ser assassinado Robert F. Kennedy deve ser assassinado antes de 5 de junho de 1968 Robert F. Kennedy deve ser assassinado Eu nunca ouvi por favor pague a ordem de de de de de de. [1]

O departamento de polícia de Los Angeles considerou as entradas do diário como nada mais que desvarios de um assassino solitário mentalmente perturbado. Se forem, verdadeiramente, escritos de Sirhan, suas referências a dinheiro certamente forneceriam um motivo adicional para que ele atirasse em Kennedy, com quem ele de qualquer modo não simpatizava. A questão é: quem ofereceu a Sirhan o aparente dinheiro e Shiran acreditar que ele ainda o receberia quando ele fosse finalmente libertado da prisão? Até hoje, Sirhan mantêm que agiu sozinho e tanto, o FBI como o departamento de polícia de Los Angeles, estão felizes em concordar com ele.

Se um guarda de segurança disparou o tiro que matou RFK, é possível que ele o tivesse feito acidentalmente. O guarda pode ter retirado sua arma da cartucheira em um esforço de defender Kennedy sem até mesmo perceber. A polícia, contudo, nunca nem mesmo considerou esta possibilidade, a despeito da poderosa evidência de que a arma de Sirhan não disparou a bala fatal. O departamento de polícia de Los Angeles estava com a mente centralizada em sua teoria do 'assassino solitário' e como ressaltado por um artigo do Los Angeles Times, manuseou muito mal algumas das evidências físicas chave.*

Novamente abundaram os rumores de um possível envolvimento da CIA e/ou máfia no tiroteio de Robert Kennedy, mas nenhum co-conspirador jamais foi sequer preso neste caso.

No início da tarde de 30 de marco de 1981, o presidente Ronald Reagan terminava de fazer um discurso no hotel Washington Hilton. Cercado por seu séquito e agentes do serviço secreto, Reagan andou para a garagem particular onde o aguardava uma limousine. Como no caso de Robert Kennedy, um jovem homem aparentemente enlouquecido emergiu da multidão disparando uma pistola. Reagan foi empurrado para dentro da limousine por um agente do serviço secreto, levado às pressas para um hospital e submetido a uma cirurgia para remover uma única bala que o havia atingido na caixa torácica esquerda (costela) e no seu pulmão esquerdo. Foi afortunado que o ferimento não fosse fatal. O 'assassino solitário' – John Hinckley, Jr., foi condenado pelo crime. Segundo um colunista de um jornal, o FBI fez tudo que podia para provar que Hinckley tinha sido um 'assassino solitário' na cena.

*Esta evidência mal manuseada incluia painéis do teto da área da despensa que poderiam conter buracos de balas indicando a presença de uma segunda arma. Incrivelmente, os painéis foram destruídos pela polícia, Segundo o chefe do departamento de polícia de Los Angeles, Daryl Gates, a destruição dos painéis era feita rotineiramente. O sr. Gates disse que isto não constitui destruição de evidência porque os painéis não tinham sido apresentados como evidência no julgamento de Sirhan. Contudo, ele acrescentou:

> … apenas acho que isto [a destruição dos painéis] foi falta de julgamento. Foi uma falta de senso comum e indesculpável porque o caso tinha magnitude mundial. Mais importante, Sirhan havia sido condenado e seu apelo ainda nem estava em perspectiva. A evidência potencial nunca deve ser destruída até que o caso inteiro tenha corrido. Porque diabos estas coisas foram destruídas? Isto faz fronteira com a insanidade de *Ardil 22*. É como abrir as portas à critica e dúvida total. Não há modo de se explicar isto. [2]

Algumas pessoas, contudo, tem expressado dúvidas sobre a conclusão do FBI. Em uma conferência de imprensa realizada um mês depois de sua recuperação, o sr. Reagan respondeu perguntas indicando que ele não sentiu o impacto da bala que o atingiu até que ele estivesse completamente dentro da limousine:

> P: Quais foram seus primeiros pensamentos quando você percebeu que havia sido atingido?
> R: Realmente, não me recordo muito claramente. Sabia que havia sido ferido, mas pensei que tivesse sido ferido pelo homem do serviço secreto caindo sobre mim no carro e isto foi, devo dizer, a dor mais paralisante. A tenho descrito como se alguém o atingisse com um martelo.
> Mas esta sensação, parecia-me, veio depois que eu estava no carro e assim, pensei, que talvez a arma dele ou algo quando ele (o agente do serviço secreto) havia se inclinado sobre mim, tivesse quebrado uma costela.
> Mas quando eu me sentei no assento e a dor não passava, repentinamente, descobri que estava tossindo sangue e decidimos que talvez eu tivesse quebrado uma costela e furado o pulmão.[3]

Em uma entrevista posterior, a esposa do sr. Reagan, Nancy, confirmou a impressão do Presidente.

Sofreu simplesmente o sr. Reagan, uma ação retardada a uma bala disparada da arma de Hinckley ou ele realmente teria recebido o tiro, talvez acidentalmente, dentro do carro por um agente do serviço secreto, como sugere o testemunho acima? Segundo o FBI, a bala que feriu o sr. Reagan tinha ricocheteado pela porta da limousine, exatamente quando o sr. Reagan estava sendo empurrado para dento da limousine. Se a explicação do FBI é verdadeira, porque a bala não explodiu no impacto com a porta já que era uma bala explosiva? Talvez a bala fosse 'defeituosa'? É possível que duas coincidências tenham ocorrido no tiro de Reagan: uma bala defeituosa seguida de uma reação retardada de dor. Uma outra explicação que não exige uma coincidência é que Reagan teria recebido o tiro, talvez acidentalmente, pelo agente do serviço secreto dentro do carro: Isto explicaria o fiasco da bala explosiva que não explodiu (ela não atingiu uma interveniente porta de metal) e a própria lembrança do sr. Reagan.

O FBI não buscou o ângulo da 'segunda arma' no atentado a Reagan. Isto é problemático porque o assassino condenado, John Hinckley, Jr., afirmou que havia uma conspiração envolvida no tiroteio. Em sua publicação de 21 de outubro de 1981, o *New York Times* relatou:

> Uma fonte do departamento de justiça mais tarde esta noite confirmou um relato de que John W. Hinckley, Jr. havia escrito em papéis confiscados de sua cela em julho que ele era parte de uma conspiração quando ele atirou no presidente Reagan e três outros homens 30 de março.[4]

A alegação de Hinckley deveria ter colocado em movimento uma intensa investigação de conspiração. Afinal, John Hinckley, Jr., não era apenas um individuo

aleatório fora da massa americana. Ele era filho de um rico amigo e apoiador politico do então vice-presidente (George H. W. Bush) que, com certeza, teria se tornado presidente se Reagan tivesse morrido. Isto não quer dizer que existiu, necessariamente, uma conspiração, somente que tais circunstâncias desencadeariam, tipicamente, uma investigação mais intensa. O New York Times afirma que o FBI apreendeu os papéis de Hinckley, investigou as pistas e concluiu que a afirmação de Hinckley sobre uma conspiração não era verdadeira. O juiz que se encarregou do caso ordenou que os advogados e as testemunhas não divulgassem os conteúdos dos papéis de Hinckley ao público. Os guardas da prisão deram seu testemunho em segredo ao juiz. No julgamento de Hinckley, contudo, nem a defesa e sequer a acusação, levantaram a matéria de uma 'conspiração', nem a possibilidade de uma segunda arma. Ao invés, o julgamento inteiro centralizou-se ao redor dos bem visíveis problemas mentais de Hinckley.

Talvez estes três atentados aqui discutidos fossem realmente cometidos por 'assassinos solitários' com dois deles envolvendo a descarga acidental de uma arma de fogo de um agente de segurança. Um assassinato nas Filipinas provou, contudo, que tais cenários podem, algumas vezes, ser uma cobertura para um assassinato cometido por uma organização de inteligência.

O ano era 1983. Benigno Aquino era um popular líder da oposição nas ilhas Filipinas. As Filipinas estavam sob o governo ditatorial do presidente Ferdinand Marcos. Marcos havia declarado a lei marcial na década de 1960 e nunca a havia suspenso. Depois de três anos de exílio voluntário de sua terra natal, Aquino tomou a decisão de voltar ao seu país mesmo que seis anos antes ele tenha sido condenado à morte por fuzilamento devido a suas atividades políticas.

O avião de Aquino pousou no aeroporto de Manila em 21 de agosto de 1983. Cercado por agentes de segurança filipinos, Aquino tinha acabado de descer as escadas do avião quando os tiros começaram. O 'assassino solitário', Rolando Galman y Dawang, estava na área da pista de decolagem e foi instantaneamente morto a tiros por um homem da segurança perto dele. O governo imediatamente declarou Galman o 'assassino solitário' e tentou encerrar o caso.

Instantaneamente as suspeitas se elevaram.

O residente Marcos tinha um motivo para matar Aquino e ele já havia sido condenado à morte. Para afastar estas suspeitas, Marcos reuniu um painel oficial para investigar o assassinato, similar à comissão Warren implantada vinte anos antes nos EUA para investigar o assassinato de John Kennedy. Os críticos acusaram que o painel de Marcos era tendencioso e pró Marcos. Muitos duvidavam que o painel chegasse a qualquer outra conclusão do que a oficial. Algo inesperado aconteceu, contudo. O painel buscou a investigação objetivamente. Ele ouviu a evidência sobre a queimadura de pólvora na cabeça de Aquino, que indicava que a bala fatal foi disparada a 12 a 18 polegadas de distância. O governo afirmou que Galman chegara àquela proximidade, mas as testemunhas oculares não confirmaram isto. Um jornalista no avião testemunhou que dois homens da segurança bem próximos de Aquino haviam puxado seus revólveres e os apontaram para a parte de

trás da cabeça de Aquino, exatamente antes dos tiros serem disparados. Incontestável evidência forense e o testemunho ocular indicaram que Aquino foi morto por um dos homens de segurança destinados a 'protegê-lo'. O 'assassino solitário' não era mais que um mero acobertamento. A comissão Marcos publicou uma conclusão nesse sentido.

Os achados do painel resultaram em indiciações criminais críticas de vários oficiais de alto escalão. No julgamento, contudo, todos foram absolvidos. As excentricidades do sistema de justiça filipino não permitiram que uma grande quantidade de testemunho crucial adquirido pela comissão fosse introduzido no julgamento. Um número importante de testemunhas de acusação não compareceu. Várias testemunhas haviam relatado que foram intimidadas. Depois que Marcos perdeu o mandato e foi enviado para o exílio havaiano pela esposa de Benigno Aquino, Corazon Aquino, as testemunhas se apresentaram testemunhando que o julgamento tinha sido coagido por Marcos. Outras testemunhas oculares do tiroteio também se apresentaram com evidência posterior, corroborando que Benigno Aquino havia sido morto por um homem da segurança.

A importância do assassinato de Aquino é que o cenário do tiroteio é virtualmente idêntico a outros episódios de 'assassino solitário'. Se, por exemplo, existiu uma conspiração por trás dos tiros de RFK ou Ronald Reagan, então o modus operandi pareceria ser idêntico ao modus operandi no caso de Aquino: um 'assassino solitário' mentalmente perturbado ou fanático politico é usado como acobertamento para o verdadeiro assassino, que está na cena como escolta de segurança para a vítima. Isto é importante, porque os oficiais filipinos indiciados por orquestrarem o tiro de Aquino incluíam o general Fabian Ver e homens sob seu comando. Ver não liderava apenas as forças militares do país, mas também a sua rede de inteligência. Em outras palavras, o tiro do 'assassino solitário' de Benigno foi uma operação de *inteligência* militar. Isto é importante porque a república filipina era um grande aliado dos EUA naquele tempo e os EUA ainda tem grandes bases navais e aéreas lá. As Filipinas recebem uma grande quantidade de ajuda americana, acompanhado de conselheiros militares e de inteligência americanos. O aparato de inteligência filipino, portanto, possui muito da CIA americana e da inteligência militar dos EUA. Isto não quer dizer que fontes americanas estivessem, necessariamente, envolvidas na morte de Aquino. Isto simplesmente mostra como um importante serviço ocidental de inteligência recentemente utilizou a técnica do 'assassino solitário', mas a usou tão cruelmente que o povo a identificou imediatamente. Até mesmo os jornais americanos que tem sido rápidos em aceitarem os vereditos dos 'assassinos solitários' publicaram editoriais condenando o envolvimento dos militares filipinos. Nossos chapéus devem ser retirados para estes bravos homens do painel que tiveram a coragem de olhar por trás do mito do 'assassino solitário' e para aquelas testemunhas oculares que foram suficientemente corajosas para testemunhar. Tal integridade é um bem muito precioso.

Os modernos 'assassinos solitários' não são apenas um fenômeno relacionado aos americanos; eles permanecem um assunto internacional. Em 13 de maio de 1981, durante seu aparecimento público na praça de São Pedro, o papa João Paulo II recebeu tiros. Ele sobreviveu e ainda mantêm o papado hoje. O 'assassino solitário' condenado, Mehmet Ali Acga, tinha disparado de uma multidão que cercava o automóvel papal. Interessantemente, a polícia italiana também prendeu um segundo atirador em conexão com o tiro e acusou

agentes da inteligência búlgara de estarem envolvidos em um complô para matar o papa. Naquele tempo a Bulgária ainda era uma nação comunista. A Rússia acusou a CIA americana de fabricar esta chamada 'conexão búlgara' para propósitos de propaganda; contudo, os jornais ocidentais relataram que a CIA havia realmente se adiantado e posto pressão sobre a polícia italiana para retirar a 'conexão búlgara' e o caso da 'segunda arma'. Os italianos sucumbiram às demandas da CIA depois que o assassino acusado, Mehmet Acga, destruiu sua própria credibilidade ao mudar sua história e se engajar em um comportamento bizarro.

Na Suécia, um importante episódio de 'assassino solitário' envolveu o assassinato do muito popular primeiro ministro sueco, Olaf Palme, em 28 de fevereiro de 1986. O sr. Palme estava voltando para casa com sua esposa de um cinema quando um atirador correu para o primeiro ministro, disparou duas vezes, e fugiu na noite. As suspeitas de uma conspiração imediatamente se elevaram, mas um rumor foi rapidamente espalhado de que o assassinato era o trabalho de um lunático. Um suspeito eventualmente foi preso, mas ele negou responsabilidade e foi absolvido. Em 1990, o governo sueco até mesmo pagou a ele uma restituição pelo tempo que ele passou na cadeia. Enquanto escrevo, nenhum outro suspeito está para ir a julgamento.

O episódio final que vale a pena ser visto ocorreu na Alemanha ocidental em 25 de abril de 1990 contra Oskar Lafontaine. O sr. Lafontaine era o premier do estado de Saarland e estava concorrendo a candidato do social-democrata para o cargo de chanceler da Alemanha. Ele estava na corrida com um outro líder do social-democrata, Johannes Rau, durante um comício político. Uma pessoa que parecia ser um guarda de segurança levou uma mulher ao palco; a mulher levava um buquê de flores. Quando ela alcançou o sr. Lafontaine, ela calmamente tirou uma faca de açougueiro e cortou a garganta dele. Felizmente, Mr. Lafontaine sobreviveu, a despeito da importante perda de sangue e continuou para teminar sua campanha mau-sucedida. A agressora, Adelheid Streidel, foi presa imediatamente e rotulada como uma 'assassina solitária perturbada mentalmente'. O ataque, contudo, tinha todas as marcas dos vários episódios anteriores de 'assassinos solitários' que temos visto: o envolvimento de aparente pessoal de segurança, o chamado 'assassino solitário' mostrar sinais de severa perturbação mental e o ato ser abertamente cometido. O uso de uma faca de açougueiro em vez de um revólver torna a sra. Streidel até mesmo mais similar aos assassinos da Pérsia medieval, que usavam armas com lâminas. Esta tentativa de assassinato ocorreu em um tempo politicamente crucial: o sr. Lafontaine estava concorrendo com o chanceler Helmut Kohl. O sr. Kohl era o principal advogado para uma rápida reunificação alemã e unidade européia, que envolveria maiores mudanças na economia mundial, na politica e assuntos militares. O sr. Lafontaine e os sociais democratas defendiam uma plataforma de um processo mais lento de reunificação alemã.

Como no caso de Adelheid Streidel, um elemento importante de quase todos os recentes casos de 'assassinos solitários' era o estado mental deles ao tempo dos assassinatos. A aparente doença mental exibida por tantos deles bem pode ser a evidência de bloqueio mental. Sirhan Sirhan era conhecido por ter sido repetidamente hipnotizado por 'amigos' que a polícia inadequadamente investigou. As testemunhas oculares relataram que Sirhan parecia estar quase em transe na noite dos disparos contra Robert Kennedy. John

Hinckley, Jr, havia tido uma grande quantidade de intervenção psiquiátrica durante seus dias anteriores ao assassinato e ainda não sabemos no que consistiu tudo isto. Hinckley recebeu algum implante visionário similar a aqueles que Adolf Hitler recebeu como paciente psiquiátrico no hospital Pasewalk? Como os antigos assassinos na Pérsia, Hinckley foi motivado por uma louca noção de que ele podia alcançar o céu ao matar Reagan, exceto que o céu de Hinckley era o amor inalcançável de uma estrela de cinema. Hinckley pensou que conquistaria este amor ao matar o presidente. Os peculiares estados mentais de Mehmet Ali Acga e de outros assassinos solitários modernos (tal como 'Squeaky' Fromme que tentou matar o presidente Gerald Ford em 1975) são indicações posteriores de que o bloqueio mental pode ser um fator importante na maioria dos episódios de modernos 'assassinos solitários' exatamente como o foi na Pérsia medieval.

A luz do acima, talvez não seja surpreendente descobrir a evidência da rede da irmandade direta ou indiretamente ligada a alguns dos modernos assassinatos. John Hinckley, Jr, por exemplo, pertenceu por um tempo a uma organização nazista americana. O nazismo moderno americano por meio de suas organizações tais como 'Aryan Nations', esta tão profundamente influenciados pelo misticismo no estilo da irmandade como o era o nazismo original.'Squeaky' Fromme era um seguidor de Charles Manson, que pregava um bizarro misticismo apocalíptico em uma pequena comuna da Califórnia. Mason e sua 'família' foram aqueles que cometeram os horríveis assassinatos de Taté-La Bianca em Los Angeles em 1969. Interessantemente, Manson era uma informante da polícia.

Desde que a técnica do 'assassino solitário' continue a seguir sem oposição, estas nações vitimizadas por ela nunca se elevarão acima do nível de uma república de bananas. Isto inclui os EUA e nações na Europa. Precisamos apenas olhar o modo pelo qual estes assassinatos têm influenciado a sucessão dos presidentes americanos para apreciar exatamente o quanto é nociva esta técnica para a democracia. O problema hoje com a liderança americana não é tanto uma dificuldade causada pelo processo eleitoral ou pelos defeitos na constituição. O problema é que o processo eleitoral e a constituição tem sido severamente minados pelo assassinato de lideres e de candidatos. Quando as organizações de polícia contribuem para isto ao ignorar e suprimir evidência e por outro lado, atrapalharem as investigações apropriadas, estas organizações de polícia se tornam acessórios aos crimes em um sentido muito real e legal. É quando morre a democracia.

Por todo este livro, temos notado o papel da rede da irmandade em perpetuar a revolução. As revoluções e os movimentos de resistência armada são caros e assim descobrimos que a maior parte deles hoje são financiados por organizações de inteligência. Um infeliz subproduto desta atividade é o terrorismo.

Grupos terroristas são um meio eficaz de manter vivo o conflito. Um livro interessante intitulado *The Terror Network* de Claire Sterling, revela fortes interconexões que existem entre grupos terroristas aparentemente não relacionados. As organizações terroristas ao redor do mundo e com ideologias conflitantes, tem sido apoiadas por mútuas 'casas de segurança' e fornecedores. *The Terror Network* revela que muitos destas fontes mútuas de suprimento tem ligações com a KGB russa, embora o livro falhe em mencionar o papel dos serviços ocidentais de inteligência no apoio a várias formas de terrorismo.

A meta de alguns grupos terroristas é manter a chamada ‘revolução permanente’, isto é, uma revolução violenta que nunca acaba. Esta meta está enraizada no conceito marxista que a luta de classes é inevitável e deve ocorrer continuamente para que surja a utopia. Como recordamos, esta ideia tem suas máximas raízes no ensinamento calvinista de que um mundo em guerra está mais perto de Deus. A ‘revolução permanente’ é, portanto, destinada a manter as pessoas lutando constantemente de forma que elas sejam capazes de aproveitar a futura utopia. Isto parece loucura, você diz? De fato é. A ‘revolução permanente’, que tem sido financiada por vários serviços de inteligência e é inspirada nos conceitos que vieram da rede da irmandade, é ainda um outro meio de manter a humanidade em um constante estado de guerra e desunião.

Os esforços para gerar um conflito incessante na terra tem aparentemente sido tão bem-sucedidos que eles ameaçaram dizimar a maioria da humanidade. As poderosas armas atômicas foram construídas em preparação para ainda uma outra batalha final entre as forças do bem e do mal. Para aqueles que acreditam que uma guera nuclear seja uma coisa impensável: pense novamente. No clima do infindável confronto que partilhamos na terra, raramente armas deixam de ser utilizadas. Duas bombas atômicas já foram lançadas durante a segunda guerra mundial e se vamos acreditar em alguma evidência, elas podem ter sido usadas para dizimar civilizações humanas no antigo passado. Há uma grande ironia em tudo isto. Se as manipulações por uma sociedade tutelar de fato residem por trás do turbilhão humano, a sociedade tutelar pode logo se encontrar possuindo um pedaço de propriedade muito danificado. É verdade que as armas nucleares são notoriamente instáveis de modo que muitas ogivas atômicas não explodirão se lançadas, mas houve o suficiente de um ‘exagero’ construído para assegurar que dano considerável resulte de uma troca nuclear. Felizmente, o fim da guerra fria trouxe os apelos de importante redução nos arsenais atômicos americanos e russos. Há ironia também nisto, à luz das facções e hostilidades que substituíram aquelas da guerra Ffria. Uma vez que os arsenais nucleares tenham sido suficientemente reduzidos, uma guerra em grande escala será novamente possível sem a ameaça de que uma tal guerra torne a terra inútil para os aparentes proprietários tutelares.

O persistente perigo do remanescente armamento nuclear e sua proliferação não viriam de instáveis mísseis voadores, mas de bombas estacionárias ocultas em seus locais-alvo. O Pentágono expressou preocupação sobre esta possibilidade em um relatório supersecreto militar produzido em 1945. Esta preocupação foi expressada novamente em anos mais recentes quando os esforços estavam a caminho para desenvolver o chamado sistema de defesa antimíssil ‘Star Wars’ que utiliza raios laser para abater os mísseis inimigos.* Alguns estrategistas estavam com medo de que um sistemabem-sucedido de ‘Star Wars’ encorajaria um potência estrangeira hostil a contrabandear e plantar bombas atômicas nos Estados Unidos, se sentisse que seus mísseis seriam ineficazes. Tais bombas

*Star Wars pode também ser convertido em uma arma ofensiva pra destruir rapidamente cidades inimigas com raios laser. Tais armas a laser seriam muito mais mortais do que o arsenal nuclear e podem, se desenvolvidas, substituir os armazenamentos atômicos. Em 1992, o presidente da nova república russa sugeriu uma joint venture com os EUA para criar um tal sistema de armas.

podem ser facilmente armazenadas e mantidas móveis em caminhões ou vans. O "terrorismo nuclear" divulgado pela mídia na década de 1970 indica que algumas bombas estacionárias podem já estar plantadas nos Estados Unidos. É também importante ter em mente que a fonte de tais bombas pode nem sempre ser um governo inimigo ou um grupo terrorista hostil. Sempre existe o perigo que o próprio governo do país possa, secretamente, plantar bombas nucleares em suas cidades como parte de um plano de guerra de contingência 'terra arrasada', do mesmo modo que a Suíça colocou minas em todas as suas próprias pontes, no evento de que um inimigo a invada e tente usar as pontes. Em nações xenofóbicas, uma ameaça nuclear interna deste tipo pode se tornar muito real. É algo que as pessoas de todos os países com armas atômicas devem se manter cautelosos.

A guerra fria entre os EUA e a ex-União Soviética nos afetou de muitos modos que ainda sentimos hoje. Impostos mais altos, agências militares e de inteligência intrusivas e um conjunto de outros males foram impostos sobre as populações humanas em nome de protegê-las contra o inimigo. Temos sido afetados de outros modos que são bem menos conhecidos, mas igualmente significativos.

Durante a segunda metade da década de 1970, as revelações dos militares americanos e da CIA sobre experimentos de guerra biológica emergiram na imprensa pública. Surpreendentemente, muitos destes experimentos foram realizados em cidades americanas e foram dirigidos contra cidadãos americanos. Na década de 1950, por exemplo, um fog biológico fôra disseminado por um navio da marinha em San Francisco. Segundo o *Los Angeles Times*:

> Em um experimento destinado a determinar as capacidades de ataque e de defesa das armas biológicas, um navio da marinha cobriu São Francisco e comunidades vizinhas com um fog transportador de bactéria por seis dias em 1950, segundo os registros militares dos EUA.
> Os registros contêm a conclusão de que quase todos os 800.000 residentes de São Francisco foram expostos à nuvem liberada do navio navegando acima e abaixo a partir da Golden Gate.
> A substância em aerosol liberada pelo navio continha uma bactéria conhecida como serratia que acreditava-se inofensiva, pelos militares, naquele tempo, mas que desde então descobriu-se que poderia causar um tipo de pneumonia que pode ser fatal. [5]

O *L.A. Times* acrescentou que doze pessoas foram hospitalizadas por volta daquele tempo, por pneumonia por serratia. Uma delas morreu. Mas isto era apenas o início. O exército revelou que havia realizado 239 testes em ar aberto entre 1949 e 1969! Destes, admitiu-se que 80 continham germes reais. Os testes foram dirigidos contra Washington, D.C., New York, Key West, Panama City (Florida) e San Francisco. Se aceitarmos a estatística do exército de 80 experimentos com doenças vivas, descobrimos uma média de quatro 'ataques biológicos' contra cidadãos americanos a cada ano por vinte anos! Outros documentos do governo revelaram experimentos adicionais de guerra biológica da CIA realizados da mesma maneira. Isto significa que várias das maiores áreas populacionais

americanas estiveram sob intenso bombardeio biológico por um período admitido de vinte anos, todos pelos próprios militares e serviços e inteligência do país!

Estes experimentos biológicos terminaram alegadamante em 1969. Contudo, suspeitas justificadas têm se elevado sobre surtos súbitos de doenças mais recentes, especialmente daquelas que não parecem se encaixar em nosso entendimento de epidemiologia. A mais recentes destas doenças é a AIDS (Acquired Immune Deficiency Syndrome). Depois que irrompeu a epidemia da AIDS, a União Soviética publicou acusações em seus jornais oficiais de que a AIDS era uma arma biológica desenvolvida pelos militares dos EUA. As acusações foram genéricamente desmentidas como falsa propaganda e a União Soviética se retratou publicamente, mais tarde, das afirmações, depois de sofrer pressão dos EUA. A despeito da retratação, um número de pesquisadores nos EUA afirmam que há evidência para apoiar a afirmação original.

Os cidadãos americanos foramo atingidos não apenas por germes, mas também por um outro tipo de bombardeio. Um interessante segmento de um programa de televisão, *NBC Magazine with David Brinkley*, que foi ao ar em 16 de julho de 1981, revelou que o noroeste dos EUA era continuamente bombardeado pela União Soviética com ondas de rádio de baixa frequência. As ondas de rádio são colocadas ao nível aproximado das frequências eletrônicas biológicas. O sr. Brinkley afirmou:

> Como eu digo, acho difícil de acreditar, é loucura e nenhum de nós sabe o que fazer com isto; o governo russo é conhecido por tentar mudar o comportamento humano por influências eletrônicas externas. Sabemos bem disso. E sabemos que algum tipo de transmissor russo está bombardeando este país com ondas de rádio de extrema baixa frequência.[6]

Um porta-voz do governo americano afirmou que os raios de rádio eram um tipo de sistema de radar de baixa frequência, mas ele estava perdido em explicar como funcionava este ‘sistema de radar’. O fato é que as ondas de baixa frequência deste tipo afetarão o funcionamento neurológico e fisiológico, geralmente ao reduzir o funcionamento mental tornando as pessoas mais sugestivas. Aparentemente esta é a intenção. Um artigo de jornal de 20 de maio de 1983 da Associated Press reportou que uma máquina conhecida como Lida foi usada pela União Soviética, pelo menos desde 1960, para influenciar o comportamento humano com uma onda de rádio de 40 Mega-hertz. A Lida é usado na Rússia como um tranquilizante e produz um estado similar ao transe. O ‘manual do proprietário’ russo da Lida chama o aparelho de um ‘aparato de tratamento de pulso distante’, para lidar com problemas psicológicos, hipertensão e neurose. A máquina foi oferecida como um possível substituto para as drogas psicotrópicas. Quando apareceu o artigo da Associated Press, uma máquina Lida estava emprestada ao hospital dos veteranos Jerry L. Pettis Memorial nos EUA por meio do programa de troca médica. Segundo o chefe de pesquisa do hospital, a máquina eventualmente poderia ser usada nas salas de aula americanas para controlar o comportamento de crianças perturbadas ou retardadas. A Lida aparentemente é uma versão em escala menor do mesmo tipo de máquina descrita no show de David Brinkley, como este artigo da Associated Press revela:

> (O chefe de pesquisa) disse que algumas pessoas teorizam que os soviéticos podem estar usando clandestinamente uma versão avançada da máquina para buscar uma mudança no comportamento nos EUA através dos sinais irradiados da União Soviética.[7]

Parece que os americanos estavão recebendo tratamentos eletrônicos tranquilizantes por cortesia do governo soviético. E incrível que os EUA não exigiram ruidosamente uma parada imediata nesta intervenção. Ironicamente, mas não surpreendentemente, a América parece ter se tornado mais militante durante os 'tratamentos'. O sentimento anti-soviético aumentou e assim também aumentou o reforço militar. Certamente a aumentada militância dos EUA não pode ser de todo atribuída às máquinas russas, mas, na melhor das hipóteses, os tratamentos soviéticos eram ineficazes em tornar a América mais calma. O fato é que os tratamentos eletrônicos tranquilizantes parecem ser profundamente irritantes, o que contribui para a elevação da agressão. Os russos e alguém que ainda opere tais aparelhos, fariam melhor em desligá-los e mantê-los desligados.

Como a evidência mostrou, as maiores organizações militares e de inteligência assumiram o fazer às populações humanas precisamente o que os OVNI e alguns 'mestres ascendidos' alegadamente fizeram anteriormente: eles disseminaram germes perigosos e tem bombardeado populações humanas com radiação eletrônica modificadora do comportamento. Quando consideramos estes fatos, pode ser aignificativo que as organizações militares e de inteligência, ao menos nos EUA, eram os primeiros a desmentir os OVNI por muitos anos.

A primeira investigação oficial conhecida do governo americano sobre o fenômeno OVNI foi iniciada em 28 de janeiro de 1948 pela força aérea dos EUA. A investigação foi conhecida como 'projeto sinal'. A surpreendente conclusão do projeto sinal, como anunciado em sua 'estimativa da situação', foi que os OVNI eram naves de 'outro mundo'. Esta conclusão foi imediatamente rejeitada pelo chefe de gabinete, o general Hoy S. Vandenberg, que descartou a evidência como 'insuficiente'. Um novo grupo de estudo chamado projeto rancor foi subsequentemente lançado em 11 de fevereiro de 1949. O propósito do projeto rancor era investigar o fenômeno OVNI a partir da premissa básica de que uma nave extraterrestre não podia existir. O projeto rancor buscou seu objetivo por vários anos e eventualmente foi atualizado para o famoso projeto livro azul em 1952 – um ano no qual houve um aumento dramático de relatos OVNI. O 'projeto livro azul' concluiu (não surpreendentemente, considerando a premissa básica sob o qual foi criado o seu predecessor, o projeto rancor) que os OVNI eram todos explicáveis fenômenos naturais.

No ano seguinte ao da criação do projeto livro azul, a CIA entrou na controvérsia com uma investigação própria. Em 1953, a CIA estabeleceu um painel de eminentes cientistas conhecido como 'painel Robertson'. O painel da CIA rapidamente carimbou a versão oficial de que os OVNI não representam uma raça extraterrestre. O Painel acrescentou que os OVNI não eram uma ameaça física direta à segurança nacional e portanto, não eram de interesse. O Painel afirmou, contudo, que relatar os OVNIs poderia ser uma ameaça direta a segurança nacional! O Painel escreveu as seguintes palavras para sugerir que suprimir os relatos OVNI era desejável no interesse nacional:

> … continuada ênfase sobre o relato deste fenômeno, nestes tempos perigosos, resulta em uma ameaça para o funcionamento ordenado de órgãos protetores do corpo político.[8]

Como resultado, a CIA e o FBI investigaram muitas pessoas que relataram OVNIs. A força aérea dos EUA cooperou ao publicar regulamentos em 1958 instruindo os investigadores da força aérea a darem ao FBI os nomes de pessoas que afirmaram ter contatado OVNIs de algum modo, com base em que tais pessoas estavam 'ilegal ou enganosamente trazendo o assunto à atenção pública'.[9] Embora estes regulamentos tenham sido afouxados e o FBI, alegadamente, não investigue mais os casos OVNI, existiu em 1950 e no início da década de 1960 uma intenção definida dentro do governo americano de inibir o público em relatar e discutir o fenômeno OVNI.

Hoje, o governo Americano está publicamente fora do negócio do OVNI. A maior parte da tocha de desmentido tem sido passada a um grupo particular chamado 'Committee for the Scientific Investigation of Claims of the Paranormal' (CSICOP) [Comitê para investigação Cientifica das Afirmações de Paranormalidade]. O CSICOP ostenta um conjunto impressionante de consultores técnicos e científicos, muitos dos quais são do corpo docente em importantes universidades. O CSICOP tem inspirado a criação de ramos locais geralmente conhecidos como 'sociedades céticas'. O CSICOP publica uma revista científica trimestral chamada *The Skeptical Inquirer.*

Uma premissa básica sobre a qual opera o CSICOP é que não se provou que os OVNI são naves extraterrestres. O CSICOP também desmente todos os outros fenômenos que ele considere falsos ou pseudocientíficos, tal como clarividência, espiritualismo, pé grande, o abominável homem das neves, o monstro de Loch Ness e todos os fenômenos espirituais. Isto rotula qualquer esforço de estudar seriamente os OVNI ou os fenômenos espirituais como 'pseudociência' - um termo que ele usa muito livremente. O CSICOP naturalmente pratica apenas ciência 'real'. Muitos membros do CSICOP e dos céticos locais são muito enérgicos e alguns deles aparecem regularmente nos shows de rádio e de televisão.

Hoje a influência do CSICOP é bem forte. Além de sua presença nas universidades por meio da faculdade afiliada ao CSICOP, ele tem exercido influência na mídia, O astrônomo celebridade Carl Sagan, por exemplo, é listado como amigo do CSICOP. Outros membros incluíram Bernard Dixon, editor europeu da revista *Omni;* Paul Edwards, editor da *Encyclopedia of Philosofhy;* Leon Jaroff, editor gerente da revista *Discover;* Phillip Klass, editor sênior em aviônica da revista *Aviation Week & Space Technology* e o falecido B. F. Skinner, autor e famoso comportamentalista que fez muito para promover o modêlo estímulo-resposta de comportamento humano em nossa própria geração.

O CSICOP conquistou um seguimento primariamente por que a organização promove com sucesso uma imagem de objetividade. Na declaração de propósitos da CSICOP, por exemplo, lemos as seguintes palavras:

> O CSICOP tenta encorajar a investigação crítica do paranormal e as afirmações da ciência marginal de um ponto de vista científico responsável e disseminar a informação factual sobre os resultados de tais investigações para a comunidade ientífica e o público.
>
> O Comitê é uma organização científica e educacional não lucrativa.[10]

O Comitê parece uma organização maravilhosa. O mundo pode grandemente se beneficiar da pesquisa objetiva sobre as afirmações OVNI e paranormais. Isto é especialmente importante para os pesquisadores sérios separarem o legítimo da fraude e isto nem sempre é fácil de se fazer. Tristemente, o CSICOP não fornece a objetividade necessária para realizar esta tarefa. O resultado de uma investigação do CSICOP sempre tem sido, a meu conhecimento, um claro desmentido. Isto tem intrigado estas pessoas que não podem entender como alguma evidência possa, possivelmente, ser rejeitada se ela for olhada com objetividade. A solução deste enigma vem ao descobrirmos quem começou o CSICOP e porque.

O CSICOP foi fundado em 1976 sob o patrocínio da Associação Humanista Americana. A Associação Humanista Americana é, com certeza, dedicada ao avanço da filosofia do humanismo. O próprio humanismo é difícil de ser definido porque ele frequentemente significa coisas diferentes para diferentes pessoas. Essencialmente, o humanismo é uma escola de pensamento preocupada com os interesses humanos e os valores humanos em oposição aos interesses e valores religiosos. Ele lida com questões da ética e da existência sob a perspectiva dos seres humanos como entidades físicas na terra. Os 'humanistas religiosos' terão preocupações espirituais e teológicas, mas as abordarão sob um foco centralizado no humano, em oposição a um foco centralizado em Deus ou no espírito, como a maioria das religiões.

A forma mais bem conhecida do humanismo organizado nos EUA hoje é chamada de 'humanismo secular' (não religioso). O humanismo secular admite apenas a realidade da existência física e rejeita a realidade espiritual e teológica. Esta é uma filosofia de estrito materialismo. Muitos humanistas seculares aderem ao modelo de estímulo-resposta do comportamento humano.

O fundador e atual presidente do CSICOP é Paul Kurtz, professor de filosofia da universidade eEstadual de New York em Buffalo. Por muitos anos, o sr. Kurtz servira como editor da revista *The Humanist*. Ele foi um dos rascunhadores do *Humanist Manifesto II* e autor de um livro intitulado *In Defense of Secular Humanism*. Seu livro é interessante porque ele expressa algumas das doutrinas e metas do movimento organizado do humanismo secular. Estas doutrinas e metas são importantes sob a luz do papel que o professor Kurtz e outros humanistas seculares desempenharam na fundação do CSICOP. Sobre o assunto da existência espiritual, escreveu o professor Kurtz:

> Os Humanistas rejeitam a tese de que a alma seja separável do corpo ou que a vida persista de alguma forma depois da morte do corpo.[11]

Segundo o *Humanist Manifesto II*:

> Ao invés, a ciência afirma que a espécie humana é uma emergência de forças evolutivas naturais. Tanto quanto sabemos, a personalidade total é uma função de um organismo biológico transacionando em um contexto social e cultural.[12]

Tais idéias são boas para aqueles que querem acreditar nelas. O ponto que estou estabelecendo é: os indivíduos e organizações que promovem ativamente tais idéias acharão difícil ser genuinamente objetivos quando eles investigam a evidência que clara e redondamente contradiz sua opinião estabelecida. Eles já declararam no que acreditam e o que rejeitam.

A objetividade é até mesmo mais difícil quando estas mesmas pessoas ativamente buscam disseminar seu modo de pensar como uma meta social. Segundo o *Humanist Manifesto II*:

> Afirmamos um conjunto de princípios comuns que podem servir como uma base para a ação unida – princípios positivos relevantes à presente condição humana. Eles são um projeto para uma sociedade secular em uma escala planetária.[13]

Vemos nesta citação que existe uma intenção unida entre muitos humanistas seculares de criar uma sociedade mundial secular. O presidente fundador do CSICOP, professor Kurtz, ajudou a rascunhar o documento que anuncia esta intenção. Per si, nada há de errado em ter uma tal meta. É comum para as religiões e filosofias ativistas tentar formar o mundo à sua própria imagem. Há, contudo, um preço a ser pago por um tal ativismo: o CSICOP e seus afiliados grupos céticos perdem sua credibilidade. Eles tem que ser vistos como advogados de um certo ponto de vista, não como investigadores desinteressados. Eles são os promotores nas cortes de inquérito, não os juízes ou jurados.

Vemos em grupos como o CSICOP um problema que tem existido por séculos. A maioria das batalhas ideológicas são combatidas por extremistas. Os humanistas seculares, por exemplo, representam o extremo materialista e eles frequentemente batalham com os cristãos fundamentalistas que representam o extremo religioso. Ambos os lados são extremistas no que eles mantêm opiniões, que apenas podem ser mantidas vivas ao ignorar grandes corpos de evidência. Eles se tornam alvos fáceis uns para os outros porque ambos tem muitas falhas; ainda que as pessoas sejam encorajadas por um lado ou outro de que por que um lado esta errado, o outro lado que aponta os erros deve estar certo. Isto pode ser uma lógica perigosa para se seguir. Acontece frequentemente que duas pessoas apaixonadamente debaterão um fato, cada uma certa de estar correta, mas quando finalmente aprendem a verdade, elas descobrem que ambas estavam erradas. Dois lunáticos podem argumentar infindavelmente sobre qual deles é o verdadeiro Napoleão Bonaparte. mas ai do externo que toma partido e jura aliança a um ou outro! Enquanto os extremistas lutam, a verdade frequentemente fica ignorada em uma direção completamente diferente.

A despeito dos esforços dos humanistas seculares e outros de similares inclinações ideológicas em negarem a religião e a teologia, a religião continua a ser uma poderosa força

na sociedade humana. Se todas as verdades sobreviventes de todas as religiões a muito tempo estabelecidas e sistemas místicos fossem reunidos hoje, elas seriam insuficientes para fazer uma pessoa ficar acima das barreiras formidáveis que permanecem no caminho da recuperação espiritual. Na melhor das hipóteses, estas verdades acumuladas somente ofereceriam pistas para ajudar em uma pesquisa inteiramente nova. Isto não é menosprezar as genuínas recompensas que uma grande quantidade de indivíduos ainda recebem como resultado de seguir vários caminhos religiosos. A maioria das teologias tem algo de valor para enriquecer a vida de uma pessoa.

Isto é tão verdade hoje, como tem sido por toda a história, que as novas religiões vem e vão em grandes números. Poucas delas sobrevivem por muito tempo, sem falar em se tornarem religiões maiores. A despeito disso, as novas religiões são atacadas tão frequentemente hoje como o eram no passado. Os ataques modernos tomam a mesma forma que tem tido por séculos; as novas religiões são rotuladas como males misteriosos que condenam tudo que existe de bom. A palavra ‘culto’ é muito usada hoje para rotular as novas religiões, embora uma grande quantidade destas religiões não sejam cultos no verdadeiro sentido da palavra. Apropriadamente utilizada, a palavra ‘culto’ se refere a um subgrupo de uma religião maior, tal como um culto cristão ou um culto islâmico. Qualquer religião inteiramente nova e autônoma seria apropriadamente chamada de ’seita’, ou ainda melhor, simplesmente uma nova religião. A palavra ‘culto’ tem aparentemente se tornado popular por causa de suas qualidades fonéticas. Ela também se encaixa bem nas manchetes de jornal.

O maior perigo das novas religiões não é que elas representem algo novo ou diferente; é que elas podem ser instrumentos eficazes em dividir as pessoas em facções, exatamente como o fizeram no passado as religiões. Isto pode ser conseguido mesmo através de nenhuma falha da própria religião. Apenas por existir e ser atacada, uma religião moderna pode se tornar uma facção combatida quando ela se encontra operando em um clima social de ‘histeria de culto’. Este tipo de clima social é facilmente gerado hoje porque as pessoas mais educadas têm a fantasia de serem conhecedoras da psicologia humana. Ao apelar a esta vaidade, é fácil engendrar a animosidade contra as novas religiões que as pessoas, em caso contrário, seriam tolerantes ao expressar a intolerância religiosa em termos psicológicos. Ironicamente, a maioria do ativismo anti-culto hoje vem do chamado extremismo cristão de direita em seu esforço para identificar os ‘trabalhos de Satã’, que inclui todas as religiões não aderentes às crenças fundamentalistas cristãs. As livrarias cristas são hoje, primariamente, saídas de livros anti-culto nos EUA. Estes cristãos têm encontrado estranhos aliados em grupos como o CSICOP e naqueles estritos materialistas (isto é, alguns psiquiatras) que vêem todas as religiões como não sadias e acham alvo fácil nas mais novas religiões.

A chave para analisar as novas religiões, portanto, não é agrupá-las na categoria mal definida de cultos e então proclamar generalidades sobre elas. A abordagem apropriada é olhar cada nova religião individualmente, reconhecer as características únicas de cada uma e analisar o bem e o mal dentro delas segundo as específicas características de cada uma. Algumas serão apenas uma infeliz continuação de tudo que temos visto neste livro, outras serão tentativas sinceras de iluminação espiritual. A razão porque é importante tentar

permanecer objetivo sobre as novas religiões é que o genuíno conhecimento espiritual provavelmente apenas virá por meio de uma religião mais nova. As teologias mais velhas não se afastam de suas doutrinas estabelecidas e as ciências mais modernas nem mesmo consideram a evidência de uma realidade espiritual.

Há um recente movimento religioso digno de se mencionar. Ele é o frouxamente costurado movimento 'nova era'. O movimento da nova era é assim chamado porque ele busca o amanhecer de uma nova era na terra na qual a liberdade espiritual, a saúde física e a paz mundial prevalecerão. Algumas das músicas únicas associadas ao movimento nova era são muito boas e a ênfase da nova era sobre comer alimentos naturais e sadios é um elemento muito positivo no movimento. Algumas doutrinas da nova era contem idéias dissidentes sobre a natureza do ser espiritual, mas como o hinduísmo, a maioria dos sistemas da nova era destrói os completos benefícios destas idéias dissidentes ao misturá-las com grandes doses de misticismo, doutrina tutelar (isto é, algumas doutrinas holísticas que pregam a desejabilidade da união da mente, corpo e espírito em vez de sua separatividade) e métodos de autoajuda que incluem hipnose e programação subliminar (nenhuma das quais é recomendada).

De interesse primário para nós são algumas idéias da nova era sobre os OVNI. Uma grande quantidade de pessoas pelo mundo tem sido expostas à teoria dos 'antigos astronautas' com seu postulado de que alguns antigos eventos religiosos eram feitos de uma sociedade extraterrestre de idade espacial. Isto fez com que o véu do mito que uma vez cercava os OVNI eventualmente caísse parcialmente. Talvez como esultado, um esforço tem sido feito pelo movimento nova era em restabelecer as velhas crenças religiosas de que a raça extraterrestre vista voando em nossos céus é composta de seres iluminados, quase como Deus, que devem ser visto com espanto reverencial como uma fonte de salvação. Esta atitude de veneração tem, certamente, sido promovida por alguma literatura da nova era e em filmes recentes do cinema americano, como *Close Encounters of the Third Kind* e *Cocoon*. Muitas outras doutrinas tutelares, incluindo as mensagens de fim de mundo, agora estão sendo promulgadas com uma distorção moderna no movimento nova era por pessoas que afirmam receberem mensagens de OVNIs (e talvez umas poucas delas estejam). Ao invés de 'anjos', contudo, o movimento nova era nos oferece os 'irmãos espaciais'. Se a história é alguma indicação, nossos vizinhos 'irmãos espaciais' parecem ter pouco a nos oferecer além de opressão e genocídio, a menos que eles possam ser convencidos a mudar seus caminhos. Parece que é a raça humana que deve ensinar à raça extraterrestre a compaixão e não vive versa. Os relatados humanitários tutelares, que podem ocasionalmente visitar a terra e fazer coisas boas para testemunhas humanas e abduzidos, parecem ser uma minoria distinta que não tem poder de fazer algo verdadeiramente significativo pela raça humana. Como os médicos, trabalhadores sociais e sacerdotes que entram em prisões para dar conforto aos prisioneiros, os humanitários tutelares nunca quebram os muros da prisão. Pareceria que os únicos 'anjos' e 'irmãos espaciais' disponíveis a vocês são vocês mesmos e seus vizinhos terráqueos.

Enquanto a edição deste livro vai para a impressão, o mundo está testemunhando muitas mudanças. Algumas são extremamente bem-vindas, tais como o desmantelamento do comunismo em muitas nações, os atuais esforços do governo Sul Africano em diminuir

o ‘apartheid’ e o aumento das eleições democráticas pelo mundo. Estes eventos mostram que as condições podem ser melhoradas, talvez até mesmo o suficiente para eventualmente trazer um fim ao apuro humano sugerido neste livro.

Infelizmente o conflito étnico e a continuação do sistema do papel-moeda inflável na Europa em mudança são sinais que algo ainda esteja perdido. Na medida em que o mundo passa pelos anos de 1990, parecemos estar em uma era muito similar a aquela que existiu a duzentos anos atrás (ver páginas 294 e 295) quando os governos no estilo republicano foram estabelecidos pelo mundo. Como então, as facções com raízes na irmandade ainda estão ativas em engendrar a guerra e os males sociais hoje:

As armas balísticas estão proliferando rapidamente nas nações islâmicas e do terceiro mundo, auxiliadas pelos países ocidentais e pela China; enquanto isso, o radicalismo islâmico continua a causar rebeliões no oriente médio e em outros lugares. Em 1990, uma seita islâmica radical, chamada irmandade islâmica vareu para a vitória nas eleições municipais nas cidades jordanianas de Zarqa e Aqaba.

Enquanto escrevo, os revolucionários marxistas ainda estão matando pessoas no Peru e nas Filipinas. No Peru, as mais temidas guerrilhas maoístas são membros de uma sociedade secreta chamada Sendero Luminoso, que traduzido aproximadamente significa ‘caminho luminoso’ (brilhante) ou ‘caminho de iluminação’.

Os cartéis de drogas tem se tornado, eles próprios, poderes políticos; como na Colômbia onde um cartel de cocaína moveu uma violenta guerra contra o governo colombiano. A evidência do envolvimento da irmandade na sombra do mundo das drogas pode ser vista no Sendero Luminoso do Peru, que tem estado envolvido no plantio da coca e no comércio da heroína onde poderosas tríades asiáticas para o comércio da heroína são formadas por sociedades secretas com raízes no século XVII.

As organizações nacionalistas de extrema direita, embora geralmente impopulares no mundo, ainda recebem apoio de entidades de governos, tal como a atual aliança russa chamada movimento ortodoxo russo do povo que usa o símbolo de uma cruz contra um fundo amarelo reminiscente de uma suástica. Em 1990, pessoas afiliadas ao movimento eram patrocinadas pela agência de informação dos EUA para dar palestras nos EUA, a despeito dos protestos que os palestrantes eram antissemitas.

Em maio 1990 descobriu-se que a amplamente publicada violação de tumbas judaicas em Haifa, Israel, fora realizada por uma seita secreta milenar judáica. Um membro da seita admitiu que este grupo praticou a violação com o intento maquiavélico de elevar o conflito entre os judeus e as forças antissemitas.

Novas doenças virais destruidoras da imunidade, como a AIDS, estão sendo previstas pelo banco mundial e um grupo de médicos dos EUA foi enviado em uma missão de cinco anos para a África em março de 1990 para encontrar novas doenças virais e realizar outras atividades. O dinheiro para esta missão foi fornecido pela principal agência de pesquisa de AIDS do governo dos EUA: o instituto de alergia e doenças infecciosas. Um

dos médicos, Nicholas Lerche da universidade da Califórnia em Davis, é citado na página A8 da publicação de 15 de março de 1990 do *San Francisco Chronicle*: 'Este é o problema daquilo que estamos começando a reconhecer como doenças virais emergentes e podem muito bem haver outras viroses animais aguardando para se mover para humanos e causar novas doenças'. À luz das alegações e evidências de que a AIDS pode ter sido deliberadamente induzida nas populações humanas, há algumas preocupações legítimas sobre como as novas doenças descobertas pelos médicos podem ser usadas por algumas destas pessoas patrocinando a pesquisa.

Ao tempo em que você estiver lendo isto, muitos novos eventos terão ocorrido. Líderes, personalidades políticas e instituições irão e virão da cena do mundo; facções guerreiras continuarão a se elevar e desaparecer. Espero que os padrões históricos de longo prazo descritos neste livro forneçam um instrumento interessante e talvez útil, para investigar as causas dos futuros conflitos, na medida em que eles ocorram. Melhor ainda, podemos esperar que este livro, um dia, se torne nada mais que uma lembrança de um sonho mau do qual todos nós conseguimos despertar.

39 - Escape do éden

É natural para as pessoas imaginarem como elas podem ser capazes de melhorar o mundo ao redor delas. Um mau entendimento disseminado é aquele que, para ser eficaz, uma pessoa tem que ser rica, um político ou um santo. A verdade é, alguém pode ter sucesso em tomar responsabilidade por si próprio e por seus companheiros humanos exatamente de onde se está, sem perturbar muito sua própria vida ou existência. Alguém pode começar a fazer isto gradualmente melhorando primeiro a sua própria vida e então ajudar a família e os amigos onde for necessário, então por se unir ou iniciar grupos com louváveis objetivos sociais e finalmente, ao buscar um senso de responsabilidade direta pessoal pela raça humana. É importante que mais pessoas iniciem este processo. Como a história tem claramente demonstrado, se você não cria sua própria cercania, alguém irá criá-la para você e você pode não gostar do que obterá.

Maiores mudanças construtivas em nosso mundo podem realmente não precisar de muita coisa. Como um exemplo específico, o sistema do papel-moeda inflacionável, que continua a criar dívidas e instabilidade a qualquer nível, pode facilmente ser substituído por um sistema monetário estável ao meramente acabar com o dinheiro criado pelos bancos e criar um sistema onde o dinheiro é emitido pelos governos nacionais na proporção dos produtos nacionais brutos e dispersados sem engendrar o débito. Os bancos podem continuar a participar do sistema ao serem o conduto para a liberação e circulação do dinheiro; mas os bancos não poderiam mais criar seu próprio dinheiro. Os governos não precisariam mais lançar impostos ou tomar empréstimos; eles poderiam, simplesmente, alocar-se o dinheiro que precisam para operar, dentro dos limites impostos por seu produto bruto nacional. Sob este plano, todos os débitos possuídos pelos bancos podem ser instantaneamente perdoados; os bancos podem ser pagos pelos governos por seus serviços na dispersão e circulação do dinheiro; e pelos consumidores pelos serviços ao consumidor.

A própria sociedade tutelar, se ela existe, nos apresenta um desafio extraordinário, como vimos. Reduzir a habilidade humana em enfrentrar este desafio ao ocluir os assuntos dos OVNI e dos fenômenos espirituais com falsos relatos, evidência duvidosa, explicações ofuscantes e farsas é causar um grave dano potencial às perspectivas futuras da raça humana. A este tempo, a honestidade escrupulosa de todos os lados é necessária.

Se a terra de fato é propriedade de uma sociedade extraterrestre opressora então deve existir em algum lugar linhas de comunicação entre os seres humanos e os tutores. Não estou falando sobre uma alegada comunicação telepática, estou falando de um contato face a face entre humanos e tutores. Parte da solução seria encontrar estes canais de comunicação e usá-los para começar a negociar um fim para a dor e do sofrimento na terra. Esta proposta pode soar extremamente louca na medida em que isto significa tentar iniciar um processo de diplomacia com uma sociedade extraterrestre, a qual a maioria dos governos sequer admite a existência, para ganhar a liberdade da raça humana – uma raça que a maioria das pessoas nem sequer admite estar aprisionada. Por outro lado, algumas pessoas podem argumentar que tais negociações seriam tão fúteis quanto se os prisioneiros de San Quentin tentassem negociar sua liberdade com os guardas ou os prisioneiros dos campos de concentração nazista tentassem barganhar com seus guardas das SS. A sociedade

tutelar precisaria estar assegurada de que os desejos da raça humana não tenham nenhum sentimento de vingança ou rebelião política. A humanidade busca somente uma oportunidade de trabalhar em sua prometida salvação e ela partilharia seus sucessos com a sociedade tutelar. A meta seria deixar o passado para o passado e continuar com o futuro.

Enquanto isso, o problema da guerra humana não pode ser diretamente abordado. Deve ser claro que não existe verdadeira segurança durante qualquer estado de guerra, quente ou fria. As pessoas falam em desarmamento nuclear, mas quem se preocupa em fazer uma pequena redução nos arsenais nucleares quando as armas químicas e biológicas são produzidas em maior número? Felizmente, muitas pessoas entendem que a verdadeira segurança nacional é alcançar amizade e paz. Pergunte a qualquer americano se ele se sente ameaçado militarmente pelo Canadá ou a qualquer um dos mais paranóides canadenses a mesma coisa sobre a América.

Ambas as nações têm um sentimento de segurança, não porque elas estejam apontando um armamento uma para a outra, mas por que elas desfrutam de um estado básico de amizade. Na Europa, você não encontra a nação da Bélgica levando à bancarrota seu tesouro por causa de um 'perigo holandês', nem a Holanda se armando até os dentes contra uma ameaça francesa. A confiança nas armas, em espionagem, propaganda e outros instrumentos de guerra para alcançar uma segurança nacional inevitavelmente fracassarão. Mais cedo ou mais tarde alguém ira construir uma bomba melhor ou achar um meio de nos cercar. Eles recrutarão um espião melhor ou dirão uma mentira mais convincente. A segurança de ninguém deveria ser confiada a tais peripécias.

Hoje no mundo existem muitas pessoas que estão se esforçando para criar a segurança por meio da amizade. Estas pessoas, porém, não tem sido capazes de superar vários obstáculos maiores. Os lideres mundiais têm seus ouvidos dobrados pelas agências de inteligência que promovem um clima crônico de medo e perigo, por meio de relatos alarmantes, instruções secretas e cenários sinistros. Tanto quanto existam as diferenças filosóficas artificiais entre os líderes nacionais, estes não serão capazes de pensar e se comunicar racionalmente um com o outro. Se os líderes nacionais são convencidos de que uma grande utopia se elevará se eles mantiverem o seu lado na luta, nunca haverá paz. A paz somente chegará se os nossos lideres forem voluntários em deixarem suas grandes lutas apocalípticas e se unirem ao resto da humanidade em um simples pacto de amizade.

A primeira coisa que as pessoas podem fazer para trazer a liberdade humana é se tornarem cientes de todas as pequenas liberdades que elas tem e expandi-las. Em nosso mundo, há uma grande ênfase nas amplas e gigantescas liberdades social, politica e espiritual, mas muitas pessoas acham difícil exercer até mesmo as menores liberdades, tais como simplesmente expressar um fato ou uma opinião em um círculo social. A ironia é que as amplas e envolventes liberdades realmente existem para que as pessoas possam desfrutar de todas as pequenas liberdades que fazem a existência valer a pena. Pode-se começar a desfrutar destas pequenas liberdades simplesmente ao exercê-las. Quanto mais e mais pessoas comecem a fazer isso, as liberdades todas se expandirão. Portanto acontece que ao sacrificarmos as pequenas liberdades em nome do alcance das liberdades mais amplas isto realmente faz com que todas as liberdades sejam perdidas.

Talvez a maior esperança resida no fato de que todos os seres espritais, sejam aqueles que animam corpos humanos, corpos tutelares ou nenhum corpo, parecem muito similares na básica composição emocional. Parece haver um núcleo de bem e de decência dentro de cada individuo, incluindo aqueles déspotas mais malévolos, que ultimamente podem ser alcançados, embora o alcance disso possa parecer, a algumas pessoas, admitamos, uma tarefa difícil! Com persistência, inteligência e compaixão pode ainda ser possível trazer uma resolução a tudo que temos visto neste livro de uma maneira que deixe a todos felizes.

Há muitos problemas adicionais a serem resolvidos em nosso mundo. Agora é sua vez de sonhar as soluções. Uma vez você as tenha pensado, comunique-as e aja por elas. O que você pensa, o que você percebe e como você vê o mundo ao seu redor é extremamente importante porque você tem uma inerente perspectiva única não partilhada por ninguém mais. Diga o que você tem a dizer, descubra o que você quer descobrir e busque estas metas humanitárias dentro de você. Isto poderia nos ajudar a todos.

40 - A Natureza de Um ser supremo

Antes de lhe dizer adeus, há mais um assunto que devo tocar. É um tópico que esteve espreitando no fundo deste livro inteiro, mas um dos quais a muito tenho evitado com sucesso. É o assunto de um ser supremo. Existe, de fato, um ser supremo de algum tipo? Se existe, qual é o seu relacionamento com a vida na terra e com as coisas que temos discutido neste livro? Tentarei abordar estas questões, mas adianto que este capítulo é o mais especulativo e filosófico do livro. Minha discussão será simplificada e não pretende ser definitiva; aconselho ao leitor que consulte outras fontes para mais informação. Se não for do seu agrado, então, por favor, sinta-se à vontade para continuar para o próximo e final capítulo.

É desafortunado que o termo 'método científico' tenha se tornado quase que sinônimo de materialismo. Os dois não devem ser igualados. O método científico é simplesmente uma tentativa de entender e de explorar uma área do conhecimento de um modo inteligente e pragmático. Ele luta para encontrar relacionamentos de causa e efeito e desenvolver axiomas consistentes e técnicas que levarão aos resultados previsíveis. Isto tem sido o tipo de metodologia que precisa e pode ser aplicada ao reino do espírito, mas isto não tem sido feito em qualquer grau maior. As grandes universidades e as fundações estão ocupadas demais com seus estudos do 'homem e cérebro' para fazerem mais que estudos superficiais sobre a montante evidência da existência espiritual. As maiores religiões já tem seus escritos da 'palavra de Deus' e então elas raramente realizam estudos científicos nesta área também.

Algumas pessoas negam a existência de um ser supremo. É difícil culpá-las, considerando o nível ao qual o conhecimento espiritual se deteriorou. Contudo, a completa evidência da existência espiritual individual e muitas características que todos os seres espirituais parecem partilhar em comum, sugeriria que um ser supremo de algum tipo provavelmente exista como uma fonte comum de toda existência espiritual.

Se um ser supremo existe, é provável que a maioria das pessoas não o reconheceria se o encontrasse. Muitos indivíduos esperam que um ser supremo seja um homem gigante em uma barba flutuante que vocifera, se enraivece e mata pessoas. Outros pensam que um ser supremo é uma luz brilhante que exala amor e calor. Ainda outras o percebem como um mistério completamente insondável que ninguém deve esperar compreender exceto por meio de tensas contorções místicas.

Provavelmente um ser supremo não seja nenhuma destas coisas.

Enquanto pesquisava este livro, encontrei muitas idéias do que possa ser um ser supremo. Talvez o melhor meio de abordar a matéria seria primeiro tentar determinar o que seja um ser espiritual.

Um ser espiritual parece ser algo que não é parte do universo físico, ainda que possua uma consciência e autoconsciência externas. As definições Samkhya nas páginas 103 e 104 deste livro parecem ser bem acuradas e encaminho o leitor a estas páginas. A

montante evidência de imortalidade espiritual nos episódios de ‘quase morte’ e nas documentadas memórias de vidas passadas, indicam que seres espirituais são melhor definidos como unidades de consciência atemporais e indestrutíveis.[1]

Todo ser espiritual, ou unidade de consciência, parece ser completamente única e independente. Cada uma parece possuir seu próprio ponto de vista distinto que não pode ser inteiramente duplicado por qualquer outra unidade de consciência. Esta unicidade e individualidade de ponto de vista parece ser a própria essência e propósito da existência espiritual. Podemos ver alguma evidência disso no fato de que quando indivíduos são pressionados em uma uniformidade, eles se tornam mais infelizes e pioram; suas percepções se deterioram e eles são menos criativos. Quando a verdadeira singularidade e individualidade são restauradas às pessoas, elas recobram sua vitalidade e criatividade.

Parece que cada unidade de consciência é capaz de infinita criação porque a criação por um ser espiritual é realizada pelo ato do pensamento ou imaginação.* Se você imaginar que há um gato branco no alto deste livro, você criaou um gato branco, mesmo que ele exista apenas para você. Tais criações, quando partilhadas e aceitas por outros, eventualmente dão crescimento a universos que podem ser partilhados e vivenciados por eles próprios e em cooperação com outros e também porque existe a evidência na física moderna de que o nosso universo parece ser ultimamente baseado no pensamento.

Para qualquer realidade ou universo existir, uma infinitude deve existir primeiro na qual a realidade ou o universo possa ser colocada. Toda a realidade, incluindo este universo material, se eleva da infinitude e não vice-versa; isto foi demonstrado por matemáticos notáveis e feito em várias universidades. Cada unidade de consciência é a fonte de sua própria infinitude porque o pensamento e a imaginação não tem laços; qualquer quantidade de espaço, tempo ou matéria pode ser imaginada por um ser espiritual e ultimamente acordada e partilhada por outros seres espirituais.

De onde vieram todas estas incontáveis unidades? Existiu em algum tempo apenas uma única unidade de consciência da qual todas as outras se originaram? As muitas similaridades entre todos os seres espirituais faz parecer assim. A unidade original de consciência seria o que normalmente é chamado de ser supremo, que também pode ser chamado de ser primário.

* As palavras ‘pensamento’ e ‘imaginação.’ provavelmente não sejam as melhores para descrever o processo real, mas elas são adequadas ao nosso propósito.

Parece que os seres espirituais individuais são na verdade, unidades de consciência de um ser primário ou supremo, ainda que cada unidade possua sua autoconsciência, personalidade, livre arbítrio, pensamento independente e criatividade infinita.

Isto significaria que um ser supremo tinha criado ou dado nascimento a um incontável número de unidades únicas e individuais de consciência, através das quais o ser supremo poderia vivenciar as incontáveis infinitudes, universos e realidades que todos estes seres espirituais podem livre e independentemente criar. Um ser supremo pode, portanto, ser muito cruamente similar a uma pessoa sentando-se com o controle de uma televisão que tenha trilhões de câmeras. Cada câmera (ser espiritual) alimenta uma imagem em sua própria tela de monitor a ser vista pelo operador (ser supremo). Cada câmera é situada um pouco diferentemente e assim, cada uma delas tem um ponto de vista e perspectivas diferentes. Cada câmera também é capaz de criar seus próprios 'efeitos especiais' (universos).

Se a teoria acima for correta, podemos perguntar: como pode um ser supremo ter sido tão tolo? Porque ele criaria unidades de consciência que são autoconscientes? Afinal, é a qualidade da autoconsciência ou a consciência de estar consciente que permite que os seres espirituais sejam completamente independentes e se engajem na tolice que tem feito com que eles sofram o triste aperto que eles agora parecem suportar na terra (e provavelmente em outros lugares). Porque um ser supremo simplesmente não lançaria um número enorme de unidades de consciência que fossem apenas externamente conscientes e não tivessem consciência de sua própria existência? Melhor ainda, porque um ser supremo não fez a coisa sensível e simplesmente reteve seu único ponto de vista indivisível?

A autoconsciência é, aparentemente, a qualidade que dá a seres espirituais a capacidade de pensamento e de imaginação e portanto, a de serem uma fonte de infinitude e de criação.

Sem a autoconsciência, um ser espiritual não poderia ele próprio criar. A autoconsciência parece agir como um 'espelho' contra o qual o ser espiritual pode ser a fonte de infinitude e dentro desta infinitude pode criar realidades e universos.

Teoricamente, é claro, um ser supremo já foi capaz de criar uma infinitude e de criar qualquer coisa dentro dela, *alojado sob seu próprio ponto de vista*. Um ser supremo pode apenas ser a fonte de uma infinitude: a sua própria. Se um ser supremo quisesse vivenciar uma outra infinitude, ele teria que primeiro criar uma outra unidade única autoconsciente como ele próprio. Assim, aparentemente, ele fez isto. Mas ele não se satisfez com apenas uma única outra autoconsciência: parece ter posto um número incontável delas para que pudesse desfrutar de um número quase infinito de infinitudes e realidades. Isto sugere que o escopo potencial de um ser supremo se estenda muito além das fronteiras deste pequeno universo - ele abranje trilhões de potenciais infinitudes e universos.

'Aha!, você pode exclamar. Por definição, somente uma infinitude pode existir. É redundante, para algo já capaz de criação infinita, expandir-se. A infinitude multiplicada por incontáveis trilhões ainda é infinitude.'

Como notado, a infinitude parece ser unicamente o produto do ponto de vista. Somente unidades de consciência são capazes de pontos de vista. Portanto, existiriam tantas infinitudes quanto unidades de consciência (seres espirituais). A infinitude não se eleva da infinitude do universo mecânico ou de nenhuma de suas leis; ao invés, o universo mecânico e suas leis parecem todos surgirem da infinitude.

O que deu errado? Como tantos seres espirituais, cada um capaz de criação infinita, acaba com um baque surdo sobre a terra, pensando que eles são nada mais que carne e eletricidade?

Há muitos fatores que, aparentemente, causaram isto, incluindo os discutidos neste livro. Deixarei que seja descrito por outros, outras causas até mesmo mais importantes e de longo alcance. Somente acrescentarei que as entidades espirituais podem se tornar desesperançosamente presas no labirinto de suas próprias intrincadas criações. Embora o universo pareça operar como simples blocos de construção (por favor, veja as páginas 71 e 72 deste livro), uma vez que os blocos sejam postos no lugar e outros arbitrários sejam introduzidos, um universo pode se tornar extremamente complexo e de aparência sólida, como o universo que agora partilhamos. Quando isto acontece, os seres espirituais podem se tornar fixados nestes universos como câmeras ancoradas em uma densa floresta tropical; as câmeras são incapazes de perceber além da folhagem imediatamente à frente delas. Depois de fixar a folhagem por um tempo suficientemente longo, as câmeras começam a perceber que elas, também, não são mais que folhagem e se esquecem que são câmeras. A salvação viria ao se restaurar a estas câmeras a sua verdadeira auto-identidade e dar a elas a habilidade de ir e vir da floresta tropical à vontade.

Se olhamos os seres espirituais individuais sobre a terra, vemos que eles são muito pequenos em relação ao universo. Esta é a situação que aparentemente ocorre quando seres espirituais se tornam capturados em corpos e outros objetos físicos. Neste estado, os seres espirituais perderam seu poder de mudar a perspectiva em relação ao universo físico. A perspectiva é, aparentemente, o que determina o ‘tamanho’ de um ser espiritual. Você já esteve no topo de um arranha-céu e olhou para baixo? Sua primeira reação seria pensar, ‘ei, estas pessoas são tão pequenas… elas são do tamanho de formigas!’. Estas pessoas parecem tão pequenas e realmente são tão pequenas, porque você mudou a perspectiva. Um ser espiritual em estado livre pode, aparentemente, mudar a perspectiva do mesmo modo em relação ao universo físico inteiro. O universo pode não parecer maior que uma xícara de café ou um átomo do tamanho de uma montanha. Isto é como, aparentemente, um ser espiritual se torna ‘menor’ ou ‘maior’. Contudo, mudar a perspectiva desta maneira não é um ato de mero pensamento. É uma questão de realmente mudar a percepção espiritual direta de um modo real e tangível, como uma pessoa que toma um elevador para o topo de um arranha-céu. Os seres espirituais sobre a terra estão grandemente confinados a uma única perspectiva ditada pelos corpos físicos que eles animam. As perspectivas mentais podem ainda mudar, mas não a perspectiva direta da entidade espiritual em relação ao próprio universo.

A discussão precedente tem algumas implicações mais claras a respeito do resto deste livro. O ato de reprimir um ser espiritual, aprisioná-lo na matéria, ou de alguma forma

tentar reduzir sua visão, criatividade ou autoconsciência como um ser espiritual é o ato de tentar reduzir o ser supremo. Se alguém reduz a unidade de consciência do ser supremo (isto é, um ser espiritual), até mesmo apenas uma unidade entre trilhões – pode-se reduzir um ser supremo em muito. Já que apenas as outras unidades de consciência podem se engajar em tal repressão, segue-se que uma psicose bizarra então se estabelece. Isto seria como se as extensões do mesmo corpo máximo estivessem tentando reprimir outras extensões, isto é, a mão esquerda está tentando reduzir e aprisionar a mão direita. Parece ser um tipo de psicose que pode se apresentar quando os seres possuidores do livre arbítrio são aprisionados.

Algumas religiões místicas ensinam que a meta máxima espiritual de alguém deve ser permanentemente se unir ou reunir a um ser supremo. Isto parece ser uma falsa meta. Se os seres espirituais são criados para atuarem como pontos de vista únicos e independentes, seria contrário ao propósito da criação permanentemente unir-se a outras unidades de consciência ou com um ser supremo. Pode até mesmo nem ser possível de assim o fazer. A verdadeira meta de qualquer programa de salvação deve ser recuperar completamente a autoconsciência e a perspectiva espiritual única de alguém.

A discussão acima sugere que muitas idéias populares sobre 'Deus' podem ser incorretas. Por exemplo, algumas pessoas que vivenciaram experiências de 'quase morte' relatam seguir por um túnel e encontrar um 'ser de luz' que instila na vítima da quase morte sentimentos de amor e de 'tudo saber'. Conheci um homem que pertencia a uma seita hindu que tenta contactar e se unir a este 'ser de luz' em suas meditações. O homem escreveu um trabalho descrevendo suas experiências. Suas descrições de viajar espiritualmente pelo túnel e de se encontrar com o 'ser de luz' são muito similares às declarações das vítimas da 'quase morte'. Conquanto eu reconheça a importância e provável realidade de muitas de tais experiências, questiono algumas crenças que tem se elevado delas. Os sentimentos de 'amor' e de 'tudo saber' trazidos pelo ser podem ser instilados por drogas, emanações eletrônicas e outros meios artificiais. Interessantemente, alguns abduzidos OVNI tem relatado tais emoções durante seus alegados exames a bordo de OVNIs. Em alguns destes casos OVNI, a evidência adjacente fortemente sugere que os sentimentos foram causados por um aparelho eletrônico usado como um sedativo. Seja o que o for este 'ser de luz' da experiência de 'quase morte' (e eu nem mesmo tentarei supor), é mais certo que não seja um ser supremo. Pode até mesmo ser um objeto que contribua para a amnesia espiritual pós-morte. As pessoas não deveriam ser aconselhadas a se unirem ou irem com o 'ser de luz' durante a meditação ou a morte. Elas devem permanecer longe dele, se puderem. Ao dizer isso, não pretento negar os sentimentos positivos e profundos vivenciados por alguns hindus e as vítimas da 'quase morte' como um resultado de temporariamente revivenciarem sua imortalidade espiritual.

O que então pensar da ideia de um ser supremo sentando-se em 'julgamento' dos seres da terra?

É difícil imaginar que um ser supremo condenaria sua própria unidade de consciência, não importa quão pequena e aprisionada ela possa ter se tornado e não importa quão insana e destrutivamente algumas delas se comportem como resultado.

Um ser supremo vendo quão mal tudo se tornou, talvez terminasse seu experimento e desaparecesse com todas as outras unidades de consciência exceto a sua própria? Se tais coisas fossem possíveis, ouso dizer que não seriam feitas. Criar um número quase que infinito de seres espirituais realmente teria sido um brilhante movimento da parte do ser supremo em se expandir imensuravelmente. A solução para o que deu errado seria preservar as unidades de consciência e as encorajar a alcançar sua salvação.

A salvação espiritual provavelmente não aconteceria ao acenar um bastão mágico divino. Porque os seres espirituais possuem uma vontade livre e independente, a salvação parece ser algo que os seres espirituais devem tomar a responsabilidade por eles próprios. E com cada indivíduo a buscar sua salvação de modo inteligente. A salvação parece ser algo a ser alcançado tão pragmaticamente quanto qualquer outra meta na vida, desde que um entendimento racional seja desenvolvido de como alcançá-la.

Muitas teologias ensinam que um ser supremo é oposto por um inimigo. Talvez haja um elemento de verdade nisto, até mesmo se a verdade foi distorcida. Observamos que em cada nível de existência de fato existe uma condição ou 'jogo' no qual a sobrevivência é desafiada. A nível pessoal, a sobrevivência de um individuo é constantemente oposta pelo envelhecimento, doença e outros fatores. A sobrevivência de uma unidade familiar é frequentemente testada por problemas financeiros, parentes hostis e tentações sexuais externas. No reino animal, o drama da sobrevivência é mais vividamente desempenhado pelos relacionamentos caçador e presa. Todos os objetos físicos enfrentam a inevitável deterioração. Os próprios seres espirituais parecem enfrentar desafios de sobrevivência ao serem aprisionados na matéria.

Já que este jogo de sobrevivência parece existir em cada nível de existência, é possível que ele também exista a respeito do ser supremo – um jogo no qual a própria sobrevivência do ser supremo seja testada pela diminuição de suas unidades de consciência e talvez pela diminuição última do próprio ser supremo. Para que um tal jogo exista, um ser supremo teria que negociar com uma ou mais de suas unidades de consciência para serem oponentes do ser supremo ou um ser supremo teria que criar em uma ou mais de suas consciências uma apreensão de que um ser supremo ofereça uma ameaça a continuada existência de todos os outros seres espirituais. Um oponente do ser supremo não seria algo diferente ou mais inerentemente mal do que um outro ser espiritual, nada mais do que um vizinho que se senta em oposição a outro para jogar um jogo de Monopólio é inatamente pior apenas porque ele jogue de um lado diferente. Um oponente simplesmente seria um que se torne um marcador diferente no tabuleiro do jogo e jogue o melhor possível. Se um tal jogo de fato existie, então podemos certamente esperar que pode terminar tão logo o ser supremo resolva agradecer ao oponente pelo jogo bem jogado, prometendo a sobrevivência indefinida de suas unidades de consciência e pedindo que o jogo seja terminado. Parece tempo de colocar muitos velhos jogos em repouso de forma que todo mundo possa começar a se mover para uma nova fase de uma existência fundamentalmente melhorada.

41 - Para o Pesquisador

É um destino costumeiro das novas verdades começarem como heresias.
–Thomas Huxley

Obrigado por estar comigo. Entendi que muitas das idéias que expressei tenham provavelmente sido desafiadoras para você lidar com elas, assim como elas foram para mim. Sem nada mais, espero que você encontre alguma informação em apoio às minhas idéias como sendo algo interessante. Tenho sempre desfrutado das novas perspectivas e acredito que é importante ser voluntário em expressá-las. Cada perspectiva tem algo a contribuir, mas nenhuma perspectiva pode contribuir com algo da informação a menos que ela seja comunicada.

Um fato importante de se ter em mente é que o conhecimento é, em um grau, por si só um fenômeno histórico. Quase toda civilização, em qualquer dado momento da história, possuíu um corpo amplamente aceito de ensinamentos históricos, sociais e científicos para explicar quase que tudo. A ironia, com certeza, é que muitos destes ensinamentos hoje são diferentes do que eles eram em 1300. Mais do que provavelmente, os eruditos trabalhando a quinhentos anos no futuro estarão tão surpresos por alguns de nossos ensinamentos no século XX como estamos por alguns ensinamentos estabelecidos no século XIV. É, portanto, útil retornar ao próprio tempo de alguém e entender que o conhecimento nunca foi absoluto, a despeito das avaliações em contrário. Muito mais, o conhecimento tem sido um bem sempre em mudança, na medida em que ele é, com o tempo, aperfeiçoado e refinado.

A conclusão deste livro marca a conclusão da minha pesquisa. Exceto pela possibilidade de uma revisão para corrigir algum erro que eu possa descobrir ou que seja apontado a mim, planejo não mais fazer trabalho nesta área. Este livro exigiu enormes sacrifícios, financeiro, emocional e social, que foram suficientes para durarem por uma vida. Espero passar a tocha da pesquisa a outros.

A despeito de sua extensão, este livro é apenas uma linha geral. Ele somente começa a apresentar toda a informação e evidência disponível sobre os assuntos discutidos. Existe um corpo enorme de dados que nunca tive tempo, dinheiro ou inclinação para buscar, ainda que tudo isto seja altamente relevante. Eu também fui limitado pela língua inglesa, assim, mal utilizei livros ou fontes não inglesas. Cada capítulo neste livro pode facilmente, ele próprio, se tornar um livro. Meu maior problema não foi de evidência escassa ou insuficiente; houve um dilúvio delas. Descobri que posso passar facilmente outros oito ou dez anos acumulando tudo e construindo uma enciclopédia multivolume disto, mas este não foi o meu propósito. Quando comecei a entender a enormidade do projeto, deliberadamente o inclinei de modo que eu tivesse alguma esperança de apresentar um livro em um só volume sobre o assunto. Estou confiante que outros acrescentarão ao que eu tenho feito ao publicar seus próprios escritos.

Deparei-me com muitas teorias que não usei. Tão radicais quanto as idéias expressas neste livro possam parecer, elas são, de fato, de algum modo conservadoras se comparadas a outras teorias atualmente em circulação. Tendo a aceitar os fatos históricos,

datas e personagens como eles geralmente são aceitos pelos historiadores. Isto pode ter sido um engano em alguns casos, mas é a abordagem que escolhi tomar. Uma pessoa pesquisando os tópicos cobertos neste livro encontrarão muitas teorias revisionistas que tentam mudar os fatos históricos aceitos. Por exemplo, passei pela teoria 'George Washington – Adam Weishaupt' que especula que George Washington teria sido secretamente removido da presidência dos EUA e que Adam Weishaupt, afamado illuminati bávaro, que realmente se parecia um tanto com George Washington, havia tomado o lugar dele depois do desaparecimento de Weishaupt da Bavária. Uma outra teoria que circula é que as transmissões de televisão dos astronautas americanos na Lua foram realmente filmadas em um estúdio. Ainda existe uma outra para a qual a terra é oca e que os OVNI se originam do mundo abaixo. Talvez uma, duas ou todas as três destas teorias estejam corretas, mas porque não encontrei informação suficiente para validar conclusivamente alguma delas em minha mente, não as adotei.

As pessoas pesquisando o papel das sociedades secretas na história mundial mais cedo ou mais tarde encontrarão os escritos de Nesta H. (sra. Arthur) Webster. Os trabalhos da sra. Webster foram publicados durante as primeiras duas décadas do século XX e eles tem títulos tais como: *The French Revolution*, *World Revolution*, *The Socialist Network*, *Surrender of an Empire* e *Secret Societies and Subversive Movements*. O principal impulso dos livros dela é que as sociedades secretas, especialmente os maçons livres e cavaleiros templários, tem sido os responsáveis por instigar a maioria das maiores revoluções dos últimos duzentos anos. Os trabalhos dela forneceram aos pesquisadores posteriores uma grande quantidade de munição com as quais construir as teorias de conspiração da história.

É inquestionável que a sra. Webster foi muito bem-sucedida em apresentar uma grande quantidade de informação valiosa que, caso contrário, não nos teria alcançado hoje. Todos os seus livros revelam um trabalho exaustivo. A sra. Webster pode ser considerada como a principal pesquisadora em seu campo e sua contribuição para a humanidade poderia ter sido enorme, não tivesse sua própria perspectivs pessoal sido nublada. A sra. Webster cometeu um erro fatal ao concluir que a aparente fonte maquiavélica mundial era a chamada "Conspiração Judaica". Em seu livro, *Secret Societies and Subversive Movements*, ela devotou um capítulo inteiro ao "Real Perigo Judeu" no qual ela culpa os judeus pela subversão do mundo cristão. Esta tonalidade antissemita é tão forte, como o é em uma tonalidade antigermânica, que o valor de sua pesquisa fica perdido, porque o pesquisador não pode prontamente confiar em toda a informação que ela apresenta. Isto é uma pena, mas é também uma boa lição para qualquer pesquisador. Isto revela que o preconceito ancorado pode arruinar completamente qualquer beneficio que, de outro modo, teria sido obtido por este tipo de pesquisa. Isto também indica a necessidade de permanecer flexível diante da mudança na história e na evidência. Se a sra. Webster tivesse vivido mais e visto o que aconteceu aos judeus na segunda guerra mundial, sua visão geral poderia ter sido diferente.

Houve muitas avenidas de investigação que nunca tive tempo de buscar, mas que podem trazer algum fruto (embora eu não dê garantias). Eu as apresento aqui sem qualquer ordem em particular para aqueles que possam estar interessados em cavar mais fundo:

1. Através mundo há uma força politica e econômica muito forte: os sindicatos. Os sindicatos têm feito muito para melhorar as condições de trabalho para muitos trabalhadores, mas não ha dúvida que algumas táticas sindicais tem gerado contínuo conflito. O sindicalismo também teve o efeito de criar uma forma suave de feudalismo ao magnificar a distinção superficial entre gerentes e não gerentes e levar os dois grupos ao conflito. Interessantemente, uma das forças chaves por trás do inicial movimento sindical americano foi uma organização conhecida como 'cavaleiros do trabalho'. Os cavaleiros eram uma sociedade secreta com votos secretos, exatamente como outras organizações da irmandade. Embora os cavaleiros mais tarde deixassem suas práticas místicas e eventualmente declinassem em força, eles desempenharam o papel de criar a American Federatios of Labous – AFL (Federação Americana do Trabalho), que desde então tem crescido para se tornar o maior sindicato da América. As questões para pesquisa podem ser: Quem iniciou os Cavaleiros do Trabalho? Foam qualquer de seus membros fundadores também membros de outras organizações da irmandade, como parece provável pelo caráter dos cavaleiros do trabalho?

2. Um argumento contra a idéia de que tenha havido uma fonte maquiavélica por trás da guerra humana é o fato de que as primitivas sociedades tribais não tocadas pelo mundo ocidental também teriam se engajado em guerras repetidas. Isto pareceria desaprovar a conexão com a irmandade e sugerir que talvez a guerra seja realmente apenas uma parte da natureza humana.

Deixe-me repetir que há fatores psicológicos definidos por trás da guerra humana que devem ser manipulados antes que o inteiro problema seja resolvido. As maquinações maquiavélicas meramente aumentam a frequência e a severidade da guerra; os conflitos podem ainda irromper sem tais maquinações. Contudo, é um fato notável que as sociedades secretas no estilo da irmandade são extremamente persuasivas pelo mundo inteiro e existem até mesmo entre os povos primitivos. De fato, tais sociedades parecem ser tão comuns no 'mundo primitivo' quanto o são no mundo 'civilizado'. Por exemplo, o Capitão F. W. Butt-Thompson, escrevendo em seu livro, *West African Secret Societies*, fala sobre a África:

> As sociedades secretas nativas encontradas entre os povos e tribos da Costa Ocidental da África são muitas. Quase 150 delas são referidas nos próximos capítulos.[1]

O Capitão Butt-Thompson dividiu estas sociedades em dois grupos básicos: místicos e políticos. Sobre o tipo mistico, ele escreveu:

> Estas se aproximam em organização e propósito aos pitagóricos gregos, aos gnósticos romanos, a cabala judaica e essênios, ao illuminati bávaro, aos rosa-cruzes prussianos e aos maçons livres mundiais. No decurso dos anos elas desenvolveram uma classe oficial que pode ser ligada ao sacerdócio fundado por Ignatius Loyola (os Jesuítas).[2]

Algumas sociedades secretas africanas foram obviamente trazidas de fora, tais como as sociedades maometanas. Em muitas áreas primitivas, contudo, da África à Nova Guiné,

tais sociedades são nativas. As questões a serem pesquisadas podem incluir: Exatamente o quanto é invasiva esta forma de misticismo na sociedade primitiva? Como as sociedades secretas primitivas começaram e tem elas lendas de extraterrestres? Até que extensão elas ensinaram crenças místicas que exaltam e encorajam a guerra?

3. Se existe uma sociedade tutelar, então a história da terra pode simplesmente ser uma trágica nota de rodapé em uma história muito mais ampla começando muito antes que a civilização humana se elevasse sobre a terra: Qual poderia ser esta história? O que causou a aparente deterioração ética, social e espiritual da sociedade tutelar? Há algum meio de descobrir?

4. Em 18 de novembro de 1978, uma tragédia ocorreu na nação sul-americana da Guiana. Mais de 900 homens, mulheres e crianças foram misteriosamente assassinadas em uma comunidade religiosa isolada conhecida como 'templo do povo' ('Jonestown'). Um grande tanque de bebida contendo veneno foi encontrado na cena, levando a assunção inicial que as mortes tinham sido causadas por suicídio. Os corpos das vítimas foram descobertos jazendo lado a lado em claras fileiras, como se as pessoas tivessem bebido o veneno e então se deitassem juntas e morressem. Contudo, quando as autópsias foram realizadas nas vítimas, foi descoberto que de 700 a 900 pessoas haviam morrido por tiros ou estrangulamento, não por veneno. Eles definitivamante não haviam cometido suicídio; eles foram brutalmente assassinados em massa. É muito provável que aqueles que beberam o veneno o fizeram involuntariamente ou não soubessem o que estavam bebendo. As únicas pessoas a escaparem da tragédia foram as que não estavam presentes quando as 900 vítimas foram assassinadas. Não há testemunhas conhecidas do evento inteiro. A pergunta é: quem assassinou os habitantes de Jonestown?

Em 27 de setembro de 1980, o jornalista investigativo Jack Anderson escreveu uma coluna sobre o incidente de Jonestown. Um jornal deu a manchete da coluna, "CIA Envolvida no massacre de Jonestown?" O sr. Anderson cita uma fita de gravação feita com o líder do templo do povo, Jim Jones, na qual Jones se referiu a um homem chamado Dwyer. Segundo o sr. Anderson, os investigadores concluíram que este era Richard Dwyer, vice-chefe da missão americana na Guiana. Dwyer tinha acompanhado o deputado dos EUA, Leo Ryan ao acampamento de Jonestown naquele malfadado dia. Leo Ryan tornou-se uma das vítimas de assassinato, mas Richard Dwyer, de algum modo, não foi afetado e até mesmo declarou, mais tarde, que a referência a ele por Jim Jones era um 'engano'. Richard Dwyer, como se decobriu, fora listado na publicação da Alemanha oriental, "Quem é quem na CIA", como um agente de longa data da CIA. Dwyer havia, alegadamente, começado sua carreira com a agência de espionagem em 1959. Segundo a coluna do sr. Anderson, Dwyer respondeu 'sem comentários' quando foi perguntado se era um agente da CIA.

Depois do massacre, os investigadores descobriram em Jonestown grandes quantidades de armas e drogas. As drogas incluíam poderosos psicotrópicos: Quaaludes, Valium, Demerol e Thorazine. Uma outra droga encontrada em Jonestown foi o hidrato de cloral, que tinha sido usado no programa secreto de controle mental da CIA, conhecido como 'MK-ULTRA.' Foi Jonestown um experimento de controle mental da CIA que recrutou súditos, especialmente pessoas negras mais pobres, sob o disfarce de uma religião?

O massacre de Jonestown foi desencadeado quando um congressista americano, Leo Ryan, voou para a Guiana para investigar pessoalmente Jonestown depois que ele falhou em obter informação sobre isto do Departamento de Estado. Leo Ryan não viveu para contar o que descobriu e quase que até o último homem, mulher e criança foi silenciado. O massacre ocorreu durante um tempo quando muitos jornais americanos estavam trazendo histórias sobre os experimentos de controle mental da CIA - experimentos que a CIA afirmava não estar mais realizando. A CIA massacrou 900 pessoas para encobrir o fato de que ainda estava realizando tais experimentos em uma escala maciça no pequeno posto da selva da Guiana?

Perguntas adicionais a serem pesquisadas são: Qual é a verdadeira história do Templo do Povo antes de Jonestown? Quais são os antecedentes de Jim Jones? Quem o apoiou e à sua 'igreja' inicial?

5. Livros, filmes e outras formas de arte tendem a dar um contorno romântico aos OVNI, espiões, conspirações de assassinato e assim por diante. Como talvez estejamos começando a entender, por trás do 'romance' residem psicoses cruéis e brutais. Um problema importante em qualquer sociedade preparada para a guerra aberta e encoberta é que as personalidades sociopáticas tendem a encontrar abrigo no governo. Os sociopatas não são afetados por dores de consciência e frequentemente, se deliciam em prejudicar outros. Eles são, frequentemente, promovidos a altas posições dentro de agências engajadas na guerra porque tais personalidades são capazes de atacar e prejudicar outros repetidamente sem que isto adversamente os afete emocionalmente. Os sociopatas com altos QIs podem ser bem espertos em como eles prejudicam outros; esta maldade é frequentemente valiosa para as agências de inteligência. Como a história tem mostrado, quanto mais uma nação é orientada para a guerra, mais ela é dominada por personalidades sociopáticas. Esta dominação, por sua vez, leva a uma rápida deterioração de uma nação e eventualmente causará a sua ruína. Este é outro dos grandes perigos que qualquer nação enfrenta quando se torna envolvida em um conflito a longo prazo, não importa quão democrática e humana esta nação possa ser.

As questões a serem pesquisadas podem incluir: Em que extensão as verdadeiras personalidades sociopáticas estão dominando governos hoje? Porque as pessoas as toleram? Teriam estas religiões tutelares, que exigem a veneração de seres criminosamente insanos como 'anjos' e 'Deus', talvez cegado muitas pessoas na capacidade de verem a sociopatologia pelo que ela realmente é?

6. Este livro mal toca a influência das organizações da irmandade na história asiática. Eu discuti o hinduísmo, mas há muito mais a ser encontrado. Por exemplo, a sangrenta rebelião boxer na China em 1900 foi instigada por membros de um ramo asiático da rede da irmandade: os boxers. Os boxers eram ferozmente contra os estrangeiros, eles massacraram mais de 100.000 pessoas (e frequentemente fotografavam as vítimas decapitadas) e eles agitaram a revolta que trouxe à China os exércitos de vários dos maiores poderes ocidentais para deter a rebelião.

As questões a serem pesquisadas podem incluir: Que outras guerras e levantes na Ásia foram causados por organizações da irmandade? Qual foi o completo impacto da rede da irmandade na história da Ásia?

7. Um tópico que eu queria pesquisar mais profundamente é o assunto das drogas. Discutimos as drogas várias vezes, mas não em uma grande profundidade histórica. Enquanto as drogas parecem ter sido sempre uma parte da cultura humana, houve um tempo quando as drogas foram pela primeira vez 'empurradas' para a sociedade? Se houve, quando foi isto e quem fez isto?

8. Um problema que recebe alta publicidade hoje é o do desaparecimento de crianças. A cada ano, muitas crianças são raptadas pelos pais por disputas de custódia, por parentes e por estranhos. Muito mais crianças desaparecem ao fugir de casa. Os fugitivos e os sequestros por pais são fáceis de terem estatísticas e eles constituem a maioria dos casos das crianças perdidas. Tem havido, contudo, alguma confusão sobre a extensão da abdução de crianças por estranhos. Na década de 1980, a principal agência nacional de crianças desaparecidas, a Child Find, Inc., afirmou que em todos lugares de 20.000 a 50.000 crianças estavam desaparecendo a cada ano como resultado da abdução por estranhos. Em 1985, a Child Find revisou esta estatística para 600. Telefonei para a Child Find para entender o que causou tão dramática mudança no número. Me foi dito que a estatística anterior era realmente uma ampla 'descrição geral' e que 600 era o verdadeiro número de casos de abdução por estranhos por ano. Para confundir ainda mais o assunto, mais tarde apreendi de uma outra fonte que fora todos os fugitivos, aproximadamente 3.000 crianças nos EUA desaparecem anualmente sem deixar traços. Esta estatística também mudára? Como o leitor pode ver, parece haver alguma confusão genuína a respeito de quantas crianças estão realmente desaparecendo. Muitas crianças, com certeza, eventualmente são encontradas. Outras desaparecem completamente.

Tornei-me interessado no problema por causa das relatadas abduções de humanos por OVNI. Hoje aprendemos que as abduções OVNI são aquelas nas quais os humanos são devolvidos. Existem muitos casos conhecidos de abduções OVNI nas quais as vítimas não retornam? Podem estes casos envolver abduções de crianças? Encontrei-me fazendo esta pergunta impensável: se a raça humana tinha sido criada como uma raça escrava, pode ainda fornecer força de trabalho, talvez sob a forma de crianças humanas, para a sociedade tutelar?

Um respeitado pesquisador OVNI desta geração é Jacques Vallee, que escreveu vários livros influentes sobre o fenômeno OVNI. Mr. Vallee foi um dos primeiros pesquisadores a focar o fato de que o fenômeno OVNI tem sido muito estreitamente ligado a episódios de mudança social pela história. Mr. Vallee também notou uma aparente conexão entre o antigo folclore e os OVNI. Alguns 'povos pequenos' no folclore foram descritos muito do mesmo modo dos modernos pilotos OVNI. Fenômenos como os OVNI foram também ocasionalmente descritos nas velhas histórias do 'povo pequeno'.

Uma atividade atribuída ao 'povo pequeno' no folclore foi seu frequente rapto de crianças. Muitas destas crianças nunca seriam vistas novamente. Esta foi a maior fonte de

aborrecimento entre humanos e o 'povo pequeno'. Isto levanta algumas questões surpreendentes: Existem episódios recentes de roubo de crianças com uma conexão OVNI? É concebível que possa existir na terra hoje uma rede que rouba crianças para alimentar a demanda tutelar por trabalho humano em andamento?

Estas perguntas são admitidamente muito especulativas e assunto para os tablóides de supermercados (e certamente as mais especulativas do que qualquer uma perguntada neste capítulo), mas elas podem realmente valer uma investigação por alguma brava alma, à luz de tudo que temos vindo a saber sobre o fenômeno OVNI.

Espero que algumas das perguntas acima forneçam bons pontos de partida para pesquisa adicional. Na analise final, a coisa importante é ser flexível com as idéias e até mesmo divertir-se com elas. Ao esticar meu pescoço como tenho feito neste livro, espero ter encorajado outras pessoas a explorarem estes tópicos sobre os quais elas são curiosas e partilharem o que descobrirem. Você e eu podemos nem sempre estar certos; a coisa importante é que somos voluntários em explorar e comunicar. Seja cuidadoso para que você não baseie todas as suas crenças sobre um mero punhado de escritores, professores, ministros ou cientistas. Aprenda com eles, mas também explore por conta própria e tenha alegria ao fazê-lo. Nem sempre busque outros para aprovação do que você tenha descoberto. Se sua integridade diz que algo é de certa maneira, permaneça com ela, a despeito de quaisquer reprimendas ou críticas. Por outro lado, esteja pronto a mudar se descobrir, em sua mente, que está errado. Descobrir que alguém está errado é frequentemente uma pilula difícil de engolir, mas é parte do processo de aprendizado. O homem que finge que ele sempre esteve certo ou é um egoísta ou um mentiroso e ele também não aprende muito sobre nada.

Boa Sorte … e feliz investigação!

Convite

O autor aprecia perguntas e comentários sobre seu livro. Os leitores esão convidados a escreverem para ela no endereço abaixo:

Dahlin Family Press
5339 Prospect road #300
San José, California 95129-5020
U.S.A.

Notas

Capítulo 3: OVNIs: Verdade on ficção?

1. Reader´s Digest, *Mysteries of the Unexplained* (Pleasantville, The Reader´s Digest Association, Inc., 1982), p.208.

2. Pauwels, Louis; Bergier,Jacques, *Morning of the Magicians* (New York, Avon Books, 1963), p. 181.

3. Fort, Charles, *The Books of the Charles Fort* (New York, Henry Holt & Co., 1941), p. 163.

4. Ibid.

5. Ibid.

6. Ibid., p. 163-4.

7. . Ibid., p. 163.

*8*Klass, Philip J., *UFOs Explained* (New York, Random House, 1974), p. 14.

9. Gillmor, Daniel S. (ed.), Dr. Edward U. Condon (scientific director), *Scientific Study of Unidentified Flying Objects* (New York, E. P. Dutton & Co., Inc., 1969), p.305.

10. Klass, Philip J., "Radar UFOs: Where Have They Gone?", *Skeptical Inquirir,* CSICOP, Buffalo, Vol. IX. Nº 3, Spring 1985, pp. 256-259.

Capítulo 4: Os deuses do éden

1. Lambert, W. G.; Millard, A. R.; *Atra-Hasis, The Babilón Story of the Flood,with The Sumerian Flood Story by* M. Civil (Oxford at the Clarendon Press, 1969), p. (43).

2. The Americana Corp., *The Enciclopedia American,* International Ed. (Danbury, Grolier, Inc., 1984), vol. 14, p.545m.

3. Ibid.

4. The New Encyclopaedia Britannica (Chicago, Encyclopaedia Británica, Inc., 1986), p. 965.

5. Lambert, *op.cit.,* p. 59.

6. Sitchin, Zecharia; *The Twelfth Planet* (New York, Avon Books, 1976), p. 356.

7. Lambert, *op.cit.*, pp. 65, 67.

8. Ibíd, p. (73).

9. *Ibid.,* p. (107). *op. cit.,* p. 90.

Capítulo 5: *Brotherhood of the Snake* 1.

Sitchin, *op. cit.,* p. 90.

Capítulo 6: *The Pyramid Builders*

1. Wilson, Don, *Secrets of Our Spaceship Moon* (Dell Publishing Co., 1979), p. 20.

2. *Ibid.,* p. 21.

3. Breasted, James Henry, *A History of Egypt, From the Earliest Times to the Persian Conquest* (New York, Charles Scribner's Sons, 1937), p. 62.

4. *Ibid.,* p. 60.

5. Weigall, Arthur, *A History of the Pharoahs,* vol. I (New York, E. P. Dutton & Co., 1925), p. 148.

6. Fakhry, Ahmed, *The Pyramids* (Chicago, The University of Chicago Press, 1961), p. 99.

7. *Ibid.,* pp. 6-7.

8. *Ibid.,* p. 7.

Capítulo 7: *Jehovah*

1. Lewis, H. Spencer, *Rosicrucian Questions and Answers With Complete History of the Rosicrucian Order* (San Jose, Supreme Grand Lodge of AMORC, 1977), pp. 79-80.

2. *Ibid.,* p. 79.

3. Machiavelli, Niccolo (trans. W. K. Marriott), *The Prince* (New York, E. P. Dutton & Co., 1935), p. 167.

4. *Ibid.,* p. 169.

5. Stark, Dr. W. (trans. Leslie J. Walker), *The Discourses of Niccolo Machiavelli,* vol. 1 (London, Routledge & Kegan Paul, 1950), p. 436.

Capítulo 8: O avental de *Melchizedek'*

1. MacKey, Albert G., *An Encyclopedia of Freemasonry and Its Kindred Sciences* (New York, The Masonic History Company, 1919), vol. 1, p. 114.

2. University Books, *The Book of the Dead* (New Hyde Park, 1960), pp. 343-344.

3. Lewis, H. Spencer, *op. cit.,* photo section.

Capítulo 9: *Deuses e Arianos*

1. Bloomfield, Maurice, *The Religion of the Veda, The Ancient Religion of India* (From Rig-Veda to Upanishads), (New York, AMS Press, 1969), p. 155.

2. A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, *Srimad Bhagavatam, Seventh Canto,* (New York, The Bhaktivedanta Book Trust, 1976), p. 10.

Capítulo 10: *As religiões dissidentes*

1. Americana Corp., *op. cit.,* vol. 14, p. 212.

2. Eliot, Sir Charles, *Hinduism and Buddhism, An Historical Sketch* (New York, Barnes & Noble, Inc., 1957), p. 297.

Capítulo 12: *The Jesus Ministry*

1. Bock, Janet, *The Jesus Mystery, Of Lost Years and Unknown Travels* (Los Angeles, Aura Books, 1980), p. 211.

2. *Ibid.*

3. Ibid., p. 211-212.

4. *Ibid.,* p. 213.

5. Durant, Will, *The Story of Civilization,* Part III, *Caesar and Christ* (New York, Simon & Schuster, 1944), p. 569. 6. *Ibid.*

Capítulo 14: As pragas de *Justiniano*

1. Smith, John Holland, *Constantine the Great* (London, Hamish Hamilton, 1971), p. 102.

2. Hubbard, L. Ron, *Have You Lived Before This Life?, A Scientific Survey* (Los Angeles, Church of Scientology Publications Organization, 1977), p. 284.

Capítulo 15: *Mohammed*

1. Americana Corp., *op. cit.,* vol. 8, p. 267.

2. *Ibid.*

Capítulo 17: Deuses voadores sobre a *America*

1. Pauwels, *op. cit.,* pp. 174-5.

2. Goetz, Delia and Sylvanus G. Morley, *Popol Vuh, The Sacred Book of the Ancient Quiche Maya* (Norman, University of Oklahoma Press, 1950), p. 86.

3. *Ibid.,* p. 89.

4. *Ibid.,* p. 168.

5. *Ibid.,* p. 169.

6. *Ibid.*

7. *Ibid.*

8. *Ibid.,* p. 190.

Capítulo 18: *A morte negra*

1. Nohl, Johannes, *The Black Death, A Chronicle of the Plague* (London, George Allen & Unwin Ltd., 1926), pp. 56-57.

2. Deaux, George, *The Black Death, 1347* (New York, Weybright & Talley, Inc., 1969), p. 1.

3. Nohl, *op. cit.* p. 56-57.

4. *Ibid.,* p. 68.

5. *Ibid.,* p. 59.

6. *Ibid.,* p. 53-54.

7. *Ibid.,* p. 63.

8. *Ibid.,* p. 205.

9. *Ibid.,* p. 2. 10. *Ibid.,* p. 63.

11. Deaux, *op. cit.,* p. 2.

12. *Ibid.*

13. *Ibid.,* p. 4.

14. *Ibid.,* p. 78.

15. *Ibid.,* p. 4.

16. Nohl, *op. cit.,* p. 63.

17. *Ibid.,* p. 68.

18. *Ibid.,* p. 66.

19. *Ibid.,* p. 67.

20. *Ibid.,* p. 62-63.

21. *Ibid.,* p. 61-62. 22. Corliss, William R., *Handbook of Unusual Natural Phenomena* (Garden City, Anchor Books, 1983), p. 206.

23. Deaux, *op. cit.,* p. 10.

24. Nohl, *op. cit.,* p. 65.

25. Bell, Walter George, *The Great Plague in London in 1665* (Dodd, Mead & Co., 1924), p. 1.

26. Halsey, William D. (ed. dir.), *Collier's Encyclopedia* (The Crowell-Collier Pub. Co., 1965), vol. 13, p. 579.

Capítulo 19: *Lutero e a rosa*

1. Lewis, H. Spenser, *op. cit.,* p. 103.

2. Jones, Rufus M., *Studies in Mystical Religion* (London, MacMillan & Co., Ltd, 1923), p. 269.

Capítulo 22: *Santos que marcham*

1. Walzer, Michael, *The Revolution of the Saints, A Study in the Origins of Radical Politics* (Cambridge, Harvard University Press, 1965), p. 279.

2. *Ibid.*

3. *Ibid.,* p. 287.

Capítulo 23: *William and Mary tem uma guerra*

1. Brown, William Adrian, *Facts, Fables and Fantasies of Freemasonry* (Boyce, Carr Publishing Co., Inc., 1968), p. 131.

2. Wantoch, Hans, *Magnificent Money-Makers* (London, Desmond Harmsworth, 1932), p. 94.

Capítulo 24: *Novo alvorecer dos cavaleiros*

1. MacKey, Albert Gallatin, *The History of Freemasonry* (New York, The Masonic History Company, 1898), vol. 1. p. 280.

Capítulo 25: *Os ratos reis*

1. Roberts, J. M., *The Mythology of the Secret Societies* (New York, Charles Scribner's Sons, 1972), p. 111.

2. Snyder, Henry L. (ed.), *The Marlborough-Godolphin Correspondence* (Oxford at the Clarendon Press, 1975), pp. 57-58.

3. *Ibid.,* p. 159.

4. Lewis, W. S. (ed.), *Horace Walpole's Correspondence with Sir Horace Mann* (New Haven, Yale University Press, 1960), vol. 19, p. 123.

5. *Ibid.*

6. *Ibid.,* p. 180.

7. *Ibid.,* vol. 20, p. 570.

8. Petrie, Sir Charles, *The Four Georges* (Port Washington, Kennikat Press, 1971), p. 101.

9. Katz, Jacob, *Jews and Freemasons in Europe, 1723-1939* (Cambridge, Harvard University Press, 1970), p. 64.

Capítulo 26: O conde de *St. Germain*

1. Lewis, W. S., *op. cit.,* vol. 20, p. 570.

2. Cooper-Oakley, Isabel, *The Count of St. Germain* (Blauvelt, Rudolph Steiner Publications, 1970), p. 94.

3. Franco, Johan, "The Count of St. Germain," *The Musical Quarterly* (New York, G. Schirmer, Inc.), October 1950, Vol. XXXVI, No. 4, p. 541.

4. Cooper-Oakley, *op. cit.,* p. 233.

5. *Ibid.,* p. 169.

6. *Ibid.,* p. 170.

7. Ibid., pp. 100-101.

8. *Ibid.,* pp. 147-148.

9. *Ibid.,* p. 135.

10. *Ibid.,* p. 7.

Capítulo 27: Aqui um cavaleiro, lá um cavaleiro. . .

1. Gray, Tony, *The Orange Order* (London, The Bodley Head, Ltd., 1972), p. 209.

Capítulo 28: *American Phoenix*

1. Linn, Col. La Von P., "Freemasonry and the National Defense, 1754-1799," *The New Age* (Washington, Supreme Council, 33rd degree, Ancient & Accepted Scottish Rite of Freemasonry of the Southern Jurisdiction, U.S.A., March 1974), Vol. LXXXII, No. 3.

2. Ibid., p. 13.

3. De La Fuye, Maurice; Babeau, Emile; *The Apostle of Liberty: A Life of LaFayette* (London, Thames & Hudson, 1956), p. 42.

4. Miller, John C, *Sam Adams, Pioneer in Propaganda* (Stanford, Stanford University Press, 1936), p. 40.

5. Linn, *op. cit.,* p. 16.

6. Lunden, Sven G., "Annihilation of Freemasonry," *The American Mercury* (New York, The American Mercury, Inc., Feb. 1941), vol. LII, No. 206, p. 189.

7. Miller, *op. cit.,* p. 70.

8. *Ibid.,* p. 37.

9. *Official Masonic Record of the Third Annual Fashion and Home Exposition for the Benefit of Masonic Free Hospitals* (New York, May 13 to 24, 1924).

10. MacKey, *op. cit.,* p. 292.

11. Ford, Paul Leicester (ed.), *The Works of Thomas Jefferson* (New York, G. P. Putnam's Sons, 1905), vol. X, p. 57.

12. *Ibid.*

13. Rutland, Robert A. (ed.), *The Papers of George Mason, 1725-1792* (Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1970), vol. 1, p. 296.

14. *Ibid.,* p. cxxv.

Capítulo 29: *O mundo em chamas*

1. Fay, Bernard, *Revolution and Freemasonry, 1680-1800*

(Boston, Little, Brown, & Co., 1935), p. 259.

2. Lunden, *op. cit.,* p. 189.

3. DeHaan, Richard, "Fraternal Organizations," *Colliers*

Encyclopedia, Halsey, *op. cit.,* vol. 10, p. 338.

4. Lunden, *op. cit.,* p. 190.

5. *Ibid.*

6. Cowles, Virginia, *The Rothschilds, A Family of Fortune*

(New York, Alfred A. Knopf, 1973), p. 22.

Capítulo 30: *Mestre Smith e o Anjo*

1. Fryer, A. T., "Psychological Aspects of the Welsh Revival," *Society of Psychical Research, Proceedings,* 19:80, 1905 (republished by the Sourcebook Project, Glen Arm), p. 158.

2. *Ibid.,* p. 159.

3. *Ibid.*

4. *Ibid.,* p. 149.

5. *Ibid.,* p. 148-149.

6. *Ibid.,* p. 134.

7. The Church of Jesus Christ of Latter Day Saints, "Granite Mountain—Where a Billion People 'Live' " (advertising pamphlet, undated), p. 7.

8. *Ibid.*

9. O'Dea, Thomas F., *The Mormons* (Chicago, The University of Chicago Press, 1957), p. 57.

10. The Church of Jesus Christ of Latter Day Saints, *op. cit.,* p. 5.

Capítulo 31: *Apocalipse de Marx*

1. Braunthal, Julius (trans. H. Collins and K. Mitchell), *History of the International,* vol. I: 1864-1914 (New York, Frederick A. Praeger, 1967), p. 46.

Capítulo 32: *O dinheiro engraçado se trona mundial*

1. Quigley, Carroll, *Tragedy and Hope, a History of the World in Our Time* (MacMillan Co., New York, 1966), p. 50.

2. *Ibid.,* p. 324.

3. Plomer, William, *Cecil Rhodes* (Edinburgh, Peter Davis, Ltd., 1933), p. 25-26.

4. Quigley, *op. cit.,* p. 951.

5. Imperialist, *Cecil Rhodes, a Biography and Appreciation* (New York, The MacMillan Company, 1897), p. 401-402.

Capítulo 33: *O paraíso dos trabalhadores*

1. Ravenscroft, Trevor, *The Spear of Destiny* (York Beach, Samuel Weiser, Inc., 1973), p. 116.

2. Wallace, Irving, David Wallechinsky and Amy Wallace, "Significa," *Parade* (New York, Parade Publications, Inc.), December 20, 1981, p. 12.

3. Pearson, Michael, *The Sealed Train* (New York, G. P. Putnam's Sons, 1975), p. 15.

4. *Ibid.,* p. 113.

5. *Ibid.*

Capítulo 34: *Robo-Sapiens*

1. Schultz, Duane P., *A History of Modern Psychiatry* (New York, Academic Press, 1969), p. 45.

2. *The American Journal of Psychiatry* (Washington, American Psychiatric Assn), August 1981, advertising insert.

3. *Ibid.,* Dec. 1981, p. A56.

4. *Ibid.,* Sept. 1981, p. A28.

5. *Ibid.,* Dec. 1981, p. A35.

6. *Ibid.,* Oct. 1981, adv. insert.

7. *Ibid.,* Dec. 1981, adv. insert.

Capítulo 35: *St. Germain retorna*

1. Frater Selvius, "Descendants of Lemuria, A Description of an Ancient Cult in California," *Rosicrucian Digest* (San Jose, AMORC, May 1931), p. 497.

2. *Ibid.*

3. King, Godfre Ray, *Unveiled Mysteries* (Chicago, St. Germain Press, 1934), p. 82.

4. *Ibid.,* p. 83.

5. *Ibid.*

6. *Ibid.*

7. "Royal Teton, Thou Mountain of Light," *The Voice of the I AM* (Sindelar Studios, date and publication data unavailable), p. 16. ,

8. King, *op. cit.,* p. 89.

9. *Ibid.*

10. *Ibid.,* p. 88.

11. *Ibid.,* p. 89.

12. King, Godfre Ray, *The Magic Presence* (Chicago, St. Germain Press, 1935), pp. 352-3.

Capítulo 36: *Universo de pedra*

1. Ravenscroft, Trevor, *op. cit.,* p. xxi.

2. Riefenstahl, Leni (producer), *Triumph de Willens (Triumph of the Will),* 1934, 1975.

3. Quigley, *op. cit.,* p. 325.

4. *Ibid.,* p. 514.

5. Katz, Howard S., *The Warmongers* (New York, Books In Focus, Inc., 1979), pp. 78-79.

6. Ravenscroft, *op. cit.,* p. 233.

Capítulo 37: Ezequiéis Modernos

1. Henry, William; interviewed by *California UFO* magazine (Los Angeles, Vicki Cooper and Sherie Stark, editors

and publishers), vol. 2, no. 3, 1987; p. 12.

2. Bullard, Thomas E., "Abductions: A Comparative Study," *MUFON UFO Journal* (Seguin, Mutual UFO Network, Inc.), number 238, February 1988, p. 4.

3. Fowler, Raymond E., *The Andreasson Affair* (Englewood Cliffs, Prentice-Hall, Inc., 1979), p. 95.

4. *Ibid.,* p. 99.

5. *Ibid.,* p. 202.

6. *Ibid.,* p. 99.

7. *Ibid.,* p. 201.

Capítulo 38: O novo Eden

1. Kaiser, Robert Blair, *R. F. K. Must Die!* (New York, E. P. Dutton & Co., 1970), p. 550.

2. *Los Angeles Times* (Los Angeles, Otis Chandler), March 1, 1976, part I, p. 14.

3. *The New York Times* (The New York Times Company, New York), April 12, 1981, p. B12. 466 William Bramley

4. *Ibid.,* October 21, 1981, p. A22.

5. *Los Angeles Times,* op. cit, September 17, 1979, part I, p. 11.

6. National Broadcasting Company, *N.B.C. Magazine with David Brinkley,* New York, July 16, 1981.

7. *San Jose Mercury* (Anthony P. Ridder, publisher, San Jose), May 20, 1983, p. 2A.

8. Sachs, Margaret, *The U.F.O. Encyclopedia* (G. P. Put nam's Sons, New York), p. 269.

9. *Ibid.,* p. 7.

10. *The Skeptical Inquirer* (Buffalo, Committee for the Scientific Investigation of Claims of the Paranormal, Vol.9, No. 1, Fall 1984), back cover.

11. Kurtz, Paul, *In Defense of Secular Humanism* (Buffalo, Prometheus Books, 1983), p. 169.

12. *Ibid.,* p. 42.

13. *Ibid.,* p. 41.

Capítulo 40: A natureza de um ser supremo

1. Hubbard, L. Ron, *Dianetics and Scientology Technical Dictionary* (Publications Organization, Los Angeles, 1975), pp. 431-432.

Capítulo 41: Ao pesquisador

1. Butt-Thompson, Captain F. W., *West African Secret Societies* (London, H. F. & G. Witherby, London, 1929), p. 13.

2. *Ibid.*

Bibliografia

A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, *Srimad Bhagavatam, Seventh Canto,* The Bhaktivedanta Book Trust, New York, 1976

Adamski, George, *Inside the Spaceships,* Abelard-Schuman, New York, 1955

Alden, John R., *A History of the American Revolution,* Alfred A. Knopf, New York, 1969

Alfold, Andrew (trans. Harold Mattingly), *The Conversion of Constantine and Ancient Rome,* Oxford at the Clarendon Press, London, 1948

Allegro, John Margo, *The People of the Dead Sea Scrolls,* Doubleday & Company, Inc., New York, 1958

Allen, Gary, *None Dare Call It Conspiracy,* Concord Press, Rossmoor, undated (ca. 1971)

American Broadcasting Company, *20/20,* New York Americana Corporation, *The Encyclopedia Americana,* New York, various years 1971-1981

Anderson, Jack, "CIA Involved in Jonestown Massacre?", *Seattle Post-Intelligencer,* Seattle, September 27, 1980

—*Jack Anderson: Confidential,* syndicated television series, Washington, 1983 Andrae, Tor (trans. Theophil Menzel), *Mohammed: The Man and His Faith,* Books for Libraries Press, Freeport, 1971

Andreades, Andreas Michael (trans. Christabel Meredith), *History of the Bank of England, 1640-1903*, 4th ed. (1 st ed. 1909), A. M. Kelley, New York, 1966

Andrus, Hyrum L., *God, Man and the Universe,* Book-craft, Salt Lake City, 1968

Apfel, Necia H. and J. Allen Hynek, *Architecture of the Universe,* The Benjamin/Cummings Publishing Company, Inc., Menlo Park, 1979

Asimov, Isaac, *Asimov's Guide to the Bible, The Old and New Testaments,* Avenel Books, New York, 1969, 1981

Ballard, Mrs. G. W., *Purpose of the Ascended Masters "I AM" Activity,* St. Germain Press, Inc., 1942

Barnhart, Clarence L. (editor-in-chief), *The World Book Dictionary,* Field Enterprises Educational Corporation, Chicago, 1974 Bell, Walter George, *The Great Plague in London in 1665,* John Lane the Bodly Head Ltd., London, 1st pub. 1924

Binion, Rudolph, "Hitler's Concept of Lebensraum: The Psychological Basis," *History of Childhood Quarterly: The Journal of Psychohistory,* Atcom, Inc., New York, Fall 1973, Vol. 1, no. 2

Birch, Una, "The Compte de Saint-Germain," *The Nineteenth Century and After,* vol. LXIII, January-June 1908, Leonard Scott Publication Co., New York Blom, Eric (editor), *Grove's Dictionary of Music and Musicians,* 5th edition, St. Martin's Press, Inc., New York, 1954

Bloomfield, Maurice, *The Religion of the Veda, The Ancient Religion of India (FromRig-Veda to Upanishads),* AMS Press, New York, 1969 Bock, Janet, *The Jesus Mystery, Of Lost Years and Unknown Travels,* Aura Books, Los Angeles, 1980

Bock, Richard, *The Lost Years* (motion picture transcript), Aura Enterprises, Los Angeles, 1978

Borkin, Joseph, *The Crime and Punishment of I. G. Farben,* Pocket Books, New York, 1978 Bouquet, A. C, *Comparative Religion,* Penquin Books, Baltimore, 1962

Bowart, Walter H., *Operation Mind Control,* Dell Publishing Co., New York, 1978

Braunthal, Julius (trans. Henry Collins and Kenneth Mitchell), *History of the International,* Vol. 1: 1864-1914, Frederick A. Praeger, New York, 1967

Breasted, James Henry, *A History of Egypt, From the Earliest Times to the Persian Conquest,* Charles Scribner's Sons, New York, 1937

Brown, W. Norman, *The Swastika: A Study of the Nazi Claims of Its Aryan Origin,* Emerson Books, Inc., New York, 1933

Brown, William Adrian, *Facts, Fables and Fantasies of Freemasonry,* Vantage Press, Inc., New York, 1968

Buckley, Kevin (editor), *GEO,* GEO Publishing Company, Los Angeles, various issues 1984/1985

Bullard, Thomas E., "Abductions: A Comparative Study," *MUFON UFO Journal,* Seguin, Mutual UFO Network, Inc., Seguin, Number 238, February 1988

Burke, J. Bruce and James B. Wiggins, *Foundations of Christianity, From The Beginnings to 1650,* The Ronald Press Company, New York, 1970

Burns, James, "Further Illumination," *Liberty,* The Review and Herald Publishing Association, vol. 5, no. 2, March/April 1980

Butt-Thompson, Capt. F. W., *West African Secret Societies, Their Organisations, Officials and Teaching,* H. F. & G. Witherby, London, 1929

Calkins, Carroll C. (project editor), *Mysteries of the Unexplained,* The Reader's Digest Association, Inc., Pleasantville, 1982

Catholic Biblical Association of America, *The New American Bible,* P. J. Kenedy & Sons, New York, 1970

Charach, Theodore and Gerard Alcan, *The Second Gun* (motion picture), Video Treasures, Inc. (c/o Video Cassette Sales, Inc., 200 Robbins Lane, Jericho, New York 11753), 1973, 1976

Cheesman, Paul R., *The World of the Book of Mormon,* Horizon Publishers & Distributors, Inc., Bountiful, 1984

Chesneaux, Jean (editor), *Popular Movements and Secret Societies in China, 1840-1950,* Stanford University Press, Stanford, 1972—(trans. Gillian Nettle), *Secret Societies in China,* The University of Michigan Press, Ann Arbor, 1971

Chionetti, Marta Luchino, *Corrado Licostene, E le Antiche Osservazioni sui Fenomeni Naturali D'Inter esse Geografico,* G. Giappichelli, Torino, 1960

Church of Jesus Christ of Latter Day Saints (Mormons), *The Doctrines and Covenants of the Church of Jesus Christ of Latter Day Saints/The Pearl of Great Price,* Salt Lake City, 1949, 1948

—"Granite Mountain—Where a Billion People 'Live' " (advertising pamphlet), undated—"Read The Book of Mormon, It Can Change Your Life," Salt Lake City, 1975

Clymer, Dr. R. Swinburne, *The Book of Rosicruciae,* The Philosophical Publishing Company, Quakertown, 1947 —*The Rosicrucian Fraternity in America,* The Rosicrucian Foundation, Quakertown, 1935

Coil, Henry Wilson, *Coil's Masonic Encyclopedia,* Macoy Publishingand Masonic Supply Company, Inc., New York, 1961

Committee for the Scientific Investigation of Claims of the Paranormal (CSICOP), "Paranormal Beliefs: Scientific Facts and Fictions" (conference), Stanford University, Palo Alto, November 9, 1984

Conquest, Robert, *The Great Terror: Stalin's Purge of the Thirties,* The MacMillan Company, New York, 1968

Cooper, Vicki and Sherie Stark, eds. & pubs., *UFO* (formerly *California UFO)* magazine, Los Angeles, vol. 2, no. 3, 1987

Cooper-Oakley, Isabel, *The Count of St. Germain,* Rudolph Steiner, Publications, Blauvelt, 1970

Corliss, William R., *Handbook of Unusual Natural Phenomena,* Anchor Books, Garden City, 1983

Cowles, Virginia, *The Rothschilds, A Family of Fortune,* Alfred A. Knopf, New York, 1973

Crowther, Duane S., *Reading Guide to the Book of Mormon,* Horizon Publishers & Distributors, Inc., Bountiful, 1975

Daniel, Clifton (editor-in-chief), *Chronicle of the 20th Century,* Chronicle Publications, Mount Kisco, 1987

Darmesteter, James (trans.), *The Zend-Avesta,* Greenwood Press, Westport, 1972 Dawood, N. J. (trans.), *The*

Koran, Penquin Books, New York, 1977

Deaux, George, *The Black Death, 1347,* Weybright & Talley, Inc., New York; also Hamilton, London; 1969

DeHaan, Richard, "Fraternal Organizations," *Collier's Encyclopedia,* William D. Halsey (editor), The Crowell-Collier Publishing Company, 1965

De La Fuye, Maruice and Emile Babeau, *The Apostle of Liberty: A Life of Lafayette,* Thames & Hudson, London, 1956

Denslow, Ray V., *Freemasonry and the Presidency, U.S.A.,* Missouri Lodge of Research, Missouri, 1952

DiPietro, Vincent; Gregory Molenaar; John Brandenburg; *Unusual Mars Surface Features,* Mars Research, P.O. Box 284, Glenn Dale, Maryland 20769; 1988

Dupuy, Col. R. Ernest and Col. Trevor N. Dupuy, *The Compact History of the Revolutionary War,* Hawthorn Books, Inc., New York, 1963

Durant, Will, *The Story of Civilization,* Part III, *Caesar and Christ,* Simon & Schuster, New York, 1980

Eberhard, Wolfram, *History of China,* University of California Press, Berkeley, 1960

Edelson, Edward, *Who Goes There?,* Doubleday & Co., Inc., Garden City, 1979

Eliot, Sir Charles, *Hinduism and Buddhism, An Historical Sketch,* Barnes & Noble, Inc., New York, 1957

Erman, Adolf (trans. H. M. Tirard), *Life in Ancient Egypt,* MacMillan and Company, London, 1894

Evans, Medford, "The Prince and the Bilderbergers," *American Opinion,* Robert Welch (editor), Robert Welch, Inc., Belmont, October 1975

Fakhry, Ahmed, *The Pyramids,* The University of Chicago Press, Chicago, 1961

Fay, Bernard, *Revolution andFreemasonry, 1680-1800,* Little, Brown, & Co., Boston, 1935

Fife, Austin and Alta, *Saints of Sage and Saddle, Folklore Among the Mormons,* Indiana University Press, Gloucester, 1956

Fiske, John, *The American Revolution,* Houghton, Mifflin & Co., Boston, 1891

Ford, Brian J., *The Earth Watchers,* Leslie Frewin of London, 1973

Fort, Charles, *The Books of Charles Fort* (containing *The Book of the Damned, New Lands, Lol,* and *Wild Talents),* Henry Holt and Company, New York, 1941

Ford, Paul Leicester (ed.), *The Works of Thomas Jefferson,* G. P. Putnam's Sons, New York, 1905

Fowler, Raymond E., *The Andreasson Affair,* Prentice-Hall, Inc:, Englewood Cliffs, 1979

Franco, Johan, "The Count of St. Germain," *The Musical Quarterly,* G. Schirmer, Inc., New York, October 1950, Vol. XXXVI, No. 4

Frazier, Kendrick (editor), *The Skeptical Inquirer,* Committee for the Scientific Investigation of Claims of the Paranormal, Buffalo, vol. IX, no. 1, Fall 1984

Free, Joseph, *Archaeology and Bible History,* publication information unavailable

French, Allen, *Charles I and the Puritan Upheaval,* Houghton Mifflin Company, Boston, 1955

Fryer, Rev. A. T., "Psychological Aspects of the Welsh Revival," *Society of Psychical Research, Proceedings,* 19:50, 1905; reproduced by The Sourcebook Project, P.O. Box 107, Glen Arm, Maryland, 21057 U.S.A.

Gillmor, Daniel S. (editor), Dr. Edward U. Condon (scientific director), *Scientific Study of Unidentified Flying Objects,* E. P. Dutton & Co., Inc., New York, 1969

Goetz, Delia and Sylvanus G. Morley, *Popol Vuh, The Sacred Book of the Ancient Quiche Maya,* University of Oklahoma Press, Norman, 1950

Goldsmith, Donald and Tobias Owen, *The Search for Life in the Universe,* The Benjamin/Cummings Publishing Co., Inc., Menlo Park, 1980

Gould, Robert Freke, *The History of Freemasonry,* Thomas C. Jack, London, 1887

Gowens, Lawrence, *Paintings in the Louvre,* Stewart, Tabori & Chang, New York, 1987

Graham, William Franklin (Billy), *Angels; God's Secret Agents,* Doubleday, Garden City, 1975

Gray, Tony, *The Orange Order,* The Bodley Head, Ltd., London, 1972

Grey, Ian, *Stalin, Man of History,* Doubleday & Co., Inc., Garden City, 1979

Grunwald, Henry Anatole (editor-in-chief), *Time,* Time Inc., Los Angeles, vol. 117, no. 23, June 8, 1981

Hale, Van, "How Could a Prophet Believe in Moonmen?" (pamphlet), Mormon Miscellaneous, Sandy, April 1983

Hall, Manly Palmer, *An encyclopedic outline of Masonic, Hermetic, qabbalistic and Rosicrucian symbolical philosophy; being an interpretation of the secret teachings concealed within the rituals, allegories and mysteries of all ages,* H. S. Crocker Co., San Francisco, 1928

—"The Masters at Work in the World Today," Philosophical Research Society, Los Angeles, October 25,1944

—*Secret Destiny of America,* Philosophical Research Society, Los Angeles, 1944

Halsey, William D. (editorial director), *Collier's Encyclopedia,* The Crowell-Collier Publishing Co., The MacMillan Educational Corp., New York, various dates Hamilton, Tolbert, *The Great Pyramid, Its Importance and Significance in Today's World,* Tobert Hamilton, Ukiah, 1979

Hanfstaengl, Ernst, *Hitler, The Missing Years,* Eyre & Spottiswoode, London, 1957

Hansen, Klaus J., *Quest for Empire, The Political Kingdom of God and the Council of Fifty in Mormon History,* Michigan State University Press, East Lansing, 1967

Haywood, H. L., *Freemasonry and Roman Catholicism,* The Masonic History Company, Chicago, 1943

Head, Ralph H. (editor), "Freemasonry—A Way of Life," Grand Lodge, Free and Accepted Masons of California, San Francisco, 1981

Hervet, Francoise (pseud.), "Knights of Darkness: The Sovereign Military Order of Malta," *Covert Action Information Bulletin,* Covert Action Publications, Inc., Washington, no. 25, Winter 1986

Hexner, Ervin, *International Cartels,* Sir Isaac Pitman & Sons, New York, 1973

Hitler, Adolf (trans. Ralph Manheim), *Mein Kampf (My Struggle),* Houghton Mifflin Co., Boston, 1927, 1971

Hohne, Heinz (trans. Richard Barry), *The Order of the Death's Head,* Coward-McCann, Inc., New York, 1969

Hubbard, L. Ron, *Dianetics and Scientology Technical Dictionary,* Publications Organization, Los Angeles, 1975

—*Have You Lived Before This Life?, A Scientific Survey,* The Church of Scientology of California Publications Organization, Los Angeles, 1977

—*Hymn of Asia, An Eastern Poem,* The Church of Scientology of California Publications Organization, Los Angeles, 1974

—*The Volunteer Minister's Handbook,* The Church of Scientology of California Publication Organization, Los Angeles, 1976

Huber, Heinz and Artur Muller, *Das Dritte Reich, Seine Geschichte in Texten Bildern und Dokumenten,* Verlag Kurt Desch GmbH., Munich, 1964

Hughes, Richard and Robert Brewin, *The Tranquilizing of America, Pill Popping and the American Way of Life,* Harcourt Brace Jovanovich, New York, 1979

Hunt, Gaillard, *The History of the Seal of the United States,* U.S. Department of State, Washington, 1909

Imperialist, *Cecil Rhodes, A Biography and Appreciation,* The MacMillan Company, New York, 1897

Jacobs, David Michael, *The U.F.O. Controversy in America,* Indiana University Press, Bloomington, 1975

Jessee, Dean C, *The Early Accounts of Joseph Smith's First Vision,* Mormon Miscellaneous, Sandy, December 1984

Jones, Rufus M., *Studies in Mystical Religion,* MacMillan and Co., Ltd., London, 1923

Kaiser, Robert Blair, *R. F. K. Must Die!, A History of the Robert Kennedy Assassination and Its Aftermath,* E. P. Dutton & Co., Inc., New York, 1970

Katz, Howard S., *The Warmongers,* Books In Focus, Inc., New York, 1979

Ketchum, Richard M. (editor), *The American Heritage Book of the Revolution,* American Heritage Publishing Company, Inc., New York, 1958

King, Godfre Ray (pen name of Guy Warren Ballard), *The Magic Presence,* St. Germain Press, Chicago, 1935

—*Unveiled Mysteries,* St. Germain Press, Chicago, 1934

Klass, Lance J., *The Leipzig Connection, A Report on the Origins and Growth of Educational Psychology,* The Delphian Press, 1978

Klass, Philip J., *UFOs Explained,* Random House, New York, 1971

—"Radar UFOs: Where Have They Gone?", *Skeptical Inquirer,* CSICOP, Buffalo, Vol. IX, No. 3, Spring 1985

Knight, David C, *UFOs: A Pictorial History fromAntiquity to the Present,* McGraw-Hill Book Company, New York, 1979

Kurtz, Paul, *In Defense of Secular Humanism,* Prometheus Books, Buffalo, 1983

Lafore, Laurence, "Lord Mountbattan: A Man for the Century," *TV Guide,* Triangle Publications, Inc., Radnor, November 24, 1979

Lambert, W. G. and A. R. Millard, *Atra-Hasis, The Babylonian Story of the Flood, with The Sumerian Flood Story by M. Civil,* Oxford at the Clarendon Press, Oxford, 1969

Lane, Hana Umlauf (editor), *The World Almanac and Book of Facts 1981,* Newspaper Enterprise Association, Inc., New York, 1980

Leggett, George, *The Checka: Lenin's Political Police,* Clarendon Press, Oxford, 1981

Lennhoff, Eugen, *The Freemasons: The History, Nature, Development and Secret of the Royal Art,* A Lewis (Masonic Publishers) Ltd., London, 1978

Leone, Mark P., *Roots of Modern Mormonism,* Harvard University Press, Cambridge, 1979

Leslie, Desmond and George Adamski, *Flying Saucers Have Landed,* The British Book Centre, New York, 1953

Lewis, H. Spencer, *The Mystical Life of Jesus,* Supreme Grand Lodge of AMORC Printing and Publishing Department, San Jose, 1957

—*Rosicrucian Questions and Answers, With Complete History of the Rosicrucian Order,* Supreme Grand Lodge of AMORC Printing and Publishing Department, San Jose, 13th edition, 1977

—*The Secret Doctrines of Jesus,* Supreme Grand Lodge of AMROC Printing and Publishing Department, San Jose, 19th edition, 1981

Lewis, Ralph M., *Along Civilization's Trail,* Supreme Grand Lodge of AMORC Printing and Publishing Department, San Jose, 1940

Lewis, W. S. (ed.) et al., *Horace Walpole's Correspondence with Sir Horace Mann,* Yale University Press, New Haven, vol. 18, 1954, vol. 20: 1960

—*Horace Walpole' s Correspondence with Sir Horace Mann and Sir Horace Mann the Younger,* Yale University Press, New Haven, vol. 26: 1971

Lien-Teh, Wu, J. W. H. Chun, R. Pollitzer, and C. Y. Wu, *Plague, A Manual for Medical and Public Health Workers,* Weishengshu National Quarantine Service, Shanghai Station, 1936

Linn, Col. LaVon P., "Freemasonry and the National Defense, 1754-1799," *The New Age;* Supreme Council, 33rd Degree, Ancient & Accepted Scottish Rite of Freemasonry of the Southern Jurisdiction, United States of America Washington, March 1974, Volume LXXXII, No. 3

Linn, William Alexander, *The Story of the Mormons, From the Date of Their Origin to the Year 1901,* Russell & Russell, Inc., New York, 1963

Los Angeles Times, Otis Chandler (publisher), Los Angeles, various dates

Lunden, Sven G., "Annihilation of Freemasonry," *The American Mercury,* Eugene Lyons (editor), The American Mercury, Inc., New York, February 1941, vol. LII, no. 206

Machiavelli, Niccolo (trans. W. K. Marriott), *The Prince,* E. P. Dutton & Company, New York, 1935

Mackay, Charles, *Extraordinary Popular Delusions and the Madness of Crowds,* Harmony Books, New York, 1980 (1st pub. London, 1852)

Mackenzie, Norman, *Secret Societies,* Holt, Rinehart and Winston, New York, 1967

MacKey, Albert Gallatin, *An Encyclopedia of Freemasonry and Its Kindred Sciences,* The Masonic History Company, New York, 1919

—*The History of Freemasonry,* The Masonic History Company, New York, 1898

—*Lexicon of Freemasonry,* Moss, Brother & Company, Philadelphia, 1860

Marx, Karl, *The Class Struggles in France, 1848 to 1850,* International Publishers, New York, 1964

Mazour, Anatole G., *The First Russian Revolution, 1825, The Decembrist Movement, Its Origins, Development, and Significance,* University of California Press, Berkeley, 1937

McGavin, E. Cecil, *Mormonism and Masonry,* Bookcraft Publishers, Salt Lake City, 1956

McWhirter, Norris (editor), *Guinness Book of World Records,* Bantam Books, Inc., New York, 1982

Menzel, Donald H., *Flying Saucers,* Harvard University Press, Cambridge, 1953

—and Ernest H. Taves, *The UFO Enigma, The Definitive Explanation of the UFO Phenomenon,* Doubleday & Company, Inc., New York, 1977

Michael, Douglas, *The Cartoon Guide to Economics,* Harper & Row Publishers, New York, 1985

Michell, John and Robert J. M. Rickard, *Phenomena, A Book of Wonders,* Pantheon Books, New York, 1977

Middlehurst, Barbara, et al., "Chronological Catalog of Reported Lunar Events," NASA Technical Report (NASA TR R-277), Washington, 1968. Available from The Sourcebook Project, P.O. Box 107, Glen Arm, Maryland 21057 U.S.A.

Miller, John C, *Sam Adams, Pioneer in Propaganda,* Stanford University Press, Stanford, 1960 (1st pub. 1936)

Miller, Ken, *What the Mormons Believe, An Introduction to the Teachings of the Church of Jesus Christ of Latterday Saints,* Horizon Publishers & Distributors, Inc, Bountiful, 1983

Muller, F. Max (editor), *The Sacred Books of The East,* Oxford at the Clarendon Press, London, 1879-1894

National Archives of the United States, exhibits and displays, Washington, May 1981

National Archives Trust Fund Board, "Documents from America's Past, Reproductions from the National Archives," National Archives and Records Service, Washington, 1978

National Broadcasting Company, *N.B.C. Magazine with David Brinkley,* New York, July 16, 1981

Nemiah, John C. (editor), *The American Journal of Psychiatry,* American Psychiatric Association, Washington, various issues, 1981

The New Age, Supreme Council, 33rd Degree, Ancient & Accepted Scottish Rite of Freemasonry of the Southern Jurisdiction, United States of America, Washington, various issues

New York State Grand Lodge, *Official Masonic Record of the Third Annual Fashion and Home Exposition for the Benefit of Masonic Free Hospitals,* New York, 1924

The New York Times, The New York Times Company, New York, various dates

Nohl, Johannes, *The Black Death, A Chronicle of the Plague,* George Allen and Unwin Ltd., London, 1926

Noorbergen, Rene, *Secrets of the Lost Races, New Discoveries of Advanced Technology in Ancient Civilizations,* The Bobbs-Merrill Co., Inc., Indianapolis, 1977

Nugoshi, Thomas T.,Coraner,PocketBooks,New York, 1983

Nutall, Zelia, "The Fundamental Principles of Old and New World Civilizations," *Archaeological and Ethnological Papers of the Peabody Museum*—Harvard University— Vol. II, Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology, Cambridge, 1901

O'Dea, Thomas F., *The Mormons,* The University of Chicago Press, Chicago, 1957

Office of Educational Programs, *The Written Word Endures, Milestone Documents of American History,* National Archives and Records Service, Washington, 1976

Pauwels, Louis & Jacques Bergier, *Morning of the Magicians,* Avon Books, New York, 1963

Payne, Robert, *The Rise and Fall of Stalin,* Simon & Schuster, New York, 1965

Pearson, Michael, *The Sealed Train,* G. P. Putnam's Sons, New York, 1975

Philatelic Bureau, Malta, "The Malta Stamp," No. 52, April 1982

Plomer, William, *Cecil Rhodes,* Peter Davies, Ltd., Edinburgh, 1933

Quigley, Carroll, *Tragedy and Hope, A History of the World in Our Time,* The MacMillan Company, New York, 1966

Ravenscroft, Trevor, *The Spear of Destiny,* G. P. Putnam's Sons, New York, 1973 Richards, LeGrand, *A Marvelous Work and Wonder,* Deseret Book Company, Salt Lake City, 1978

Ridpath, Ian, *Messages from the Stars; Communication and Contact with Extraterrestrial Life,* Harper & Row Publishers, New York, 1978

Riefenstahl, Leni (producer), *Triumph de Willens (Triumph of the Will),* motion picture, 1934, 1975

Roberts, J. M., *The Mythology of the Secret Societies,* Charles Scribner's Sons, New York, 1972

Robison, John, *Proofs of a Conspiracy,* Western Islands, Boston, 1967 (1st pub. 1798)

Rosicrucian Egyptian Museum, San Jose, displays and exhibits, 1981, 1988

Rosicrucian Order (AMORC), San Jose, telephone interview with instructor, 1981

Rutland, Robert A. (editor), *The Papers of George Mason,* The University of North Carolina Press, Chapel Hill, 1970

Sachs, Margaret, *The UFO Encyclopedia,* Perigee Books (G. P. Putnam's Sons), New York, 1980

Sadie, Stanley, (editor), *The New Grove Dictionary of Music and Musicians,* MacMillan Publishers, Ltd., London, 1980

Sagan, Carl, "The Man in the Moon," *Parade* magazine, Walter Anderson (editor), Parade Publications, Inc., New York, June 2, 1985

Sanders, N. K., *The Epic of Gilgamesh,* Cox & Wyman, Ltd., London, 1964

San Jose Mercury, P. Anthony Ridder (publisher), San Jose, various dates

San Jose News, P. Anthony Ridder (publisher), San Jose, various dates

Savelle, Max (editor), *A History of World Civilization,* Vol. 1, Henry Holt and Company, New York, 1957

Schalk, Louis Gott, *Lafayette Comes to America,* The University of Chicago Press, Chicago, 1935

Schiller, Ronald, "Decoding the Mysteries of the Ancient Calendars," *Reader's Digest,* The Reader's Digest Assocation, Inc., Pleasanton, November 1980

Schultz, Duane P., *A History of Modern Psychiatry,* Academic Press, New York, 1969 Shklovskii, I. S. and Carl Sagan, *Intelligent Life in the Universe,* Dell Publishing Co., New York, 1966

Singer, Michael and David Weir, "Nuclear Nightmare," *New West,* New York Magazine Company, Inc., Beverly Hills, December 3, 1979

Sitchin, Zecharia, *The Twelfth Planet,* Avon Books, New York, 1976

—*The Stairway to Heaven,* Avon Books, New York, 1980

—*The Wars of Gods and Men,* Avon Books, New York, 1985

Skousen, W. Cleon, *The Naked Capitalist,* W. Cleon Skousen, Salt Lake City, 1970

Smith, Edward Ellis, *The Young Stalin,* Farrar, Straus & Giroux, New York, 1967

Smith, John Holland, *Constantine the Great,* Hamish Hamilton, London, 1971

Smith, Joseph (trans.), *The Book of Mormon, An Account Written by The Hand of Mormon Upon Plates Taken from the Plates ofNephi,* The Church of Jesus Christ of Latter Day Saints, Salt Lake City, 1980

Snyder, Henry L. (ed.), *The Marlborough-Godolphin Correspondence,* Oxford at the Clarendon Press, 1975

Sommer, A. Dupont, *The Essene Writings from Qumran,* Basil Blackwell, Oxford, 1961

Stark, Dr. W. (editor), *The Discourses of Niccolo Machiavelli,* vol. 1 (trans. Leslie J. Walker), Routledge & Kegan Paul, London, 1950

Sterling, Claire, *The Terror Network, The Secret War of International Terrorism,* Berkley Books, New York, 1981

Supreme Grand Lodge AMORC, "History of the Rosicrucian Order" (pamphlet), Department of Publications (AMORC), 1963

—"Mastery of Life" (pamphlet), The Department of Publications (AMORC), 25th edition, undated — *Rosicrucian Documents,* Rosicrucian Press, Ltd., San Jose, 1978

Sutton, Antony C, *Wall Street and the Rise of Hitler,* 1976

Selvius (Frater), "Descendants of Lemuria, A Description of an Ancient Cult in California," *Rosicrucian Digest,* AMORC, San Jose, May 1931

Taylor, Connie R., *Before Birth, Beyond Death,* Horizon Publishers & Distributors, Inc., Bountiful, 1987

Thieriot, Richard T. (editor), *San Francisco Chronicle,* Chronicle Publishing Company, San Francisco, November 30, 1981

Thomas Nelson, Inc., *The Holy Bible, Old And New Testaments in the King James Version,* Nashville, 1970

Tompkins, Peter, *Mysteries of the Mexican Pyramids,* Harper and Row, New York, 1976

—*Secrets of the Great Pyramid,* Harper Colophon Books, New York, 1971

Tryon, James Owen, "Count St. Germain," *The Catholic World,* The Office of the Catholic World, Paulist Fathers, New York, Vol. CXLIX, April 1939

Tucker, Robert C, *Stalin as Revolutionary,* W. W. Norton & Company, Inc., New York, 1973

Tyndale House Publishers, *The Way,* Wheaton, 1971

United States War Office, *Why We Fight* series (motion pictures), 1942-1945

University Books, *The Book of the Dead,* New Hyde Park, 1960

Vallee, Jacques, *The Invisible College,* E. P. Dutton & Co., Inc., New York, 1975

—*Passport to Magonia, From Folklore to Flying Saucers,* Henry Regnery Company, Chicago, 1969

Van Tyen, Claud H., *Founding of the American Republic,* Houghton Miffiin Company, Boston, 1929

Viola, Herman J., *The National Archives of the United States,* Harry N. Abrams, Inc., New York, 1984

The Voice, St. Germain Press, Chicago, various dates

Von Daniken, Erich (trans. Michael Heron), *Chariots of the Gods?,* Bantam Books, Inc., New York, 1969

— (trans. Michael Heron), *Gods From Outer Space* (a.k.a. *Return to the Stars* and *Evidence for the Impossible),* Bantam Books, Inc., New York, 1971

—(trans. Michael Heron), *In Search of Ancient Gods, My Pictorial Evidence for the Impossible,* Bantam Books, Inc., New York, 1973

Wallace, Irving, David Wallechinsky and Amy Wallace, *The Book of Lists II,* Bantam Books, Inc., New York, 1980

—"Significa," *Parade,* Parade Publications, Inc., New York, various dates Wallechinsky, David, Irving Wallace and Amy Wallace, *The Book of Lists,* Bantam Books, Inc., New York, 1977

Walzer, Micahel, *Revolution of the Saints,* Harvard University Press, Cambridge, 1965

Wantoch, Hans, *Magnificent Money-Makers,* Desmond Harms worth, London, 1932

Weber, Max, *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism,* Scribner's Sons, New York, 1976

—"The Protestant Sects and the Spirit of Capitalism," *From Max Weber: Essays in Sociology,* (trans. & ed.) H. H. Gerth and C. Wright Mills, Oxford University Press, Inc., New York, 1958

Webster, Nesta H. (Mrs. Arthur), *The French Revolution, A Study in Democracy,* The Christian Book Club of America, 1969 (1st pub. 1919)

—*Secret Societies and Subversive Movements,* The Christian Book Club of America, undated (1st pub. 1924)

— *World Revolution: The Plot Against Civilization,* Constable & Company, London, 1921

Weigall, Arthur, *A History of the Pharoahs,* Volume I, *The First Eleven Dynasties,* E. P. Dutton & Company, New York, 1925

West, Ray B., Jr., *Kingdom of the Saints, The Story of Brigham Young and the Mormons,* The Viking Press, New York, 1957

William Collins Publishers, Inc., *The Lost Books of the Bible and The Forgotten Books of Eden,* 1926, 1927

Williams, Gurney III (editor), "Metropolis on Mars," *Omni,* Omni Publications International Ltd., New York, vol. 7, no. 6, March 1985

Wilson, Colin, *The Occult,* Vintage Books, New York, 1973

Wilson, Don, *Secrets of Our Spaceship Moon,* Dell Publishing Company, Inc., New York, 1979

Ziegler, Philip, *The Black Death,* The John Day Company, New York, 1969

Indice

Aaron, Priesthood of, 318 *Age of the Pyramids,* 62

Abominable Snowman, 422 agents provocateur, 345-347

abortion, 124 Ahura Mazda, 114-115

Abraham, 73 Ai, 80

Abromov, Alexander, 60 AIDS, *see* Acquired Immune

Abydos, 92 Deficiency Syndrome

Acga, Mehmet Ali, 413, 414 Aix-la-Chapelle, Treaty of, 276

Acquired Immune Deficiency Akhnaton, 68-69, 71, 78-79, Syndrome, 419, 430 79n., 113

Adam and Eve, 46-49, 52, 54, Alamut, 160, 161 55, 87, 101-102, 178, 222, 316, Alaska, 12

397, 401 Albigensians, 163

Adams, Samuel, 278, 281n. alchemy, 263

Adhemar, Countess D', 269 Alcmarianos, Forestus, 189

Adjutant Trowel's long Garret, Aleutian Islands, 365

283 Alexandrian Library, 148, 175

Africa, 174, 329, 382, 448 Allah, 153

see also Egypt *see also* God; Supreme Being

afterlife, 6 Allegro, John, 127

see also past lives; All-seeing Eye, 283, 319n., 367,

reincarnation 402

Aga Khan, 162 *Thus Spake Zamthustra,* 113n.

Alvear, 296 apocalypse, 111-112, 113, 116,

Ambassador Hotel, 406 117, 121n., 134, 150, 198-199,

Ambros, Otto, 384 200, 310, 319-320, 322, 325,

Amenhotep IV, *see* Akhnaton 335, 372, 373, 382, 391, 394,

American Federation of Labor, 395, 396, 415, 433

447 *Apocalypse, The, see Revelation,*

American Journal of Psychiatry, Book of

In., 356, 357 Apocrypha, 121, 124-126, 129

American Humanist Association, Appalachian Mountains, 277

423 apron (ceremonial), 88, 92-93,

American Medical Association, 128, 283, 318 53n. Aqaba, 429

Americas (ancient), 12—13, Aquino, Benigno, 410-412

172-178 Aquino, Corazon, 412

AMORC, *see* Ancient and Arabia, 33, 368-369

Mystical Order Rosae Crucis *Archaeology and Bible History,*

Amsterdam, Bank of, 220-221, 136

223, 229 architecture, 90

Anaheim Memorial Hospital, 26 *Argosy,* 60

Ancient and Mystical Order Rosae Aristotle, 207

Crucis (AMORC), 67n., 197 Armageddon, 110, 136, 143, 223,

"ancient astronauts," 12, 16, 33, 319-320

62, 117, 311, 428 *see also* apocalypse; Day of

see also Custodians; Judgment; End of the World;

unidentified flying objects Final Battle

Ancient Scot Superior, 272 Arras, 238

Anderson, Alan, 386 Arthur, King, 331

Anderson, Green & Co., 386 Aryanism, 95-96, 100-102, 106,

Anderson, Jack, 449 114, 126, 127, 293n., 319n.,

Andreasson, Betty, 394-396 320-321, 336, 376-377, 384

Andreasson Affair, The, 394 *see also* Aryans

angels, 16-17, 48, 86, 121-123, Aryan Nations, 415

127-128, 133, 134, 136, Aryans, 95-102, 115, 130-131,

141-142, 151-152, 307-309, 336, 369, 376-377, 379, 381,

314, 319, 428 388-389

Angkor, 173 *see also* Aryanism

Anhalt-Zerbst, 266, 287 Ascended Masters, 370-373,

Anna (grandmother of Jesus), 121, 388, 420

122, 127 *see also* Great Cosmic Beings

Anne, Queen, 231 Ascension Day, 185

Anspach-Bayreuth, 287 Ashdod, 191

Anti-Christ, 136, 223 Asia, 31, 103, 130, 180, 183, 451

anti-Semitism, 336, 378, Assassin sect, 158-160,

446-447 242-243

Antoinette, Marie, 269 *see also* assassins

Anu, 54 assassins, 337

apartheid, 428 "lone," 160-163, 405-415

see also Assassin sect; banking, 212, 216-220, 385

assassinations central, 228-231, 240, 289-291,

assassinations, 379-380, 405-15, 327-329, 333-334, 342-343

450 Barton, William, 283-284

see also assassins Basel, 221, 329

Association of Helpers, 331 Batavian Republic, 295

Assyria, 45-46 Bavaria, 196n., 273

astrologers, 230 Baynard, Samuel Harrison, 271

Asura, 97 "being of light," 441

see also Custodians Belgium, 433

Atlantic Ocean, 15, 16, 31 Bell, George Walter, 191-192

Atlantis, 13, 369, 369n. Belle-Isle, Marshal de, 262, 265

atomic bombs, 330, 333, 382n., Beneficent Knights of the Holy

416-417 City, 257n.

see also nuclear holocaust Bentinck, Count, 264

(ancient) Bering Strait, 12

atoms, 105 Berlin, 250

Augenzeuge, Der, 378 Bernhard, Prince, 390

Augsberg, 184 Bethlehem, 122, 124, 127

Augustinian Order, 201, 205 Star of, 125-126

Augustus, Ernest, 231 Bible, 73-74, 75-76, 93

Augustus, Frederick, 235n. King James version, 206

Auschwitz camp, 383 *Bible and Flying Saucers, The,* 16

Austria, 184, 254, 261-262, Bigfoot, 422

269,337 Bilderberg meetings, 390

see also Vienna Bill of Rights (U.S.), 292-293

auto-da-fe, 163 Binion, Rudolph, 378

auto-eroticism, 124 Bjornstahl, J.J., 267

Auvergne, 149 Black Death, 179-195, 198, 302

Aviation/Space Writers Award, 21 phenomena related to, 181-192

Aviation Week & Space see also Bubonic Plague

Technology, 422 Black Dragon, 382n.

Avignon, 150, 182 Black Hand, 337

Black Preceptory, 272

Baal, 89 Black Sea, 190

Babel, 50 Blair, William, 59, 60

Tower of, 49-51, 86, 87, 178, Blanqui, Louise-Auguste, 323-324

220, 310, 330 Blavatsky, Helena, 269

Babylonia, 50-51, 369 "blue bloods," 211

Bacon, Francis, 205 Bock, Richard, 130

Balkan nations, 391 Boeing Institute of Technology,

Ballard, Guy Warren, 269, 59

364-374 Boer War, 333, 348

"balls of fire/light," 303-305 Boers, 333

Baltic Sea, 248 Bolivar, Simon, 296

Bank for Internationa! Bolsheviks, 4, 338-340, 344-348

Settlements, 329, 385 Central Committee, 346

Bolsheviks, *(com.) see also* Essenes; Freemasonry;

St. Petersburg Committee, 346 Hospitaler Knights; I AM

see also Revolution, Russian movement; Knights of the

Bolshevism, 338, 386 Temple; Rosicrucians

see also Bolsheviks; Brothers of Light, 373

communism Brown, W. Norman, 174

Book of the Damned, The, 13—14 "brown shirts (Nazi)," 381

Book of the Dead (Egyptian), Brunswick, 254, 256-257, 267,

90-91, 91n. " 273,287,288

Borkin, Joseph, 383 Elizabeth Christina of, 249

Boston, 241, 275, 28In. Brunswick-Luneberg, 249

Masonic Society, 282-283 buboes, 180

Massacre, 278 Bubonic Plague, 179-181, 190,

Tea Party, 278, 281, 283 233, 349

Boxer Rebellion, 451 *see also* Black Death

Brahmans, 130-131 Buchanan, James, 285n.

see also Brahminism Buckley, James, 404

Brahminism, 94, 99, 106 Buderus, Carl, 300

see also Brahmans Buddha, 103, 106-107, 109-110,

brain, 8, 353, 354-356 117

Brandenburg, 184-185, 267 Buddhism, 7-8, 101, 103,

Caroline of, 250n. 106-107, 109-110, 117,

Charles of, 250n. 130-132, 169

Brandenburg-Anspach, Albert Buetefisch, Heinrich, 384

of, 249 "Bulgarian Connection," 413

Braunthal, Julius, 323 Bullard, Thomas E., 393-394

Brazil, 296, 400 Burgundy, 384

Breasted, James Henry, 61-62 Burzenland, 247

Breuer, Josef, 353-354 Butt-Thompson, F.W., 448

Bridge to Freedom, 374n. Byzantine, 148

Brinkley, David, 419

Britannia, (HMS), 190 Cabala, 79

Brotherhood, *see* Brotherhood of *see also* Kabbala

the Snake Cairo, 159

Brotherhood, Great White, *see* California, 67, 92, 269, 364-365,

Brotherhood of the Snake 373, 406

Brotherhood of the Snake, 53-56, caliphs, 159

65-66, 69-71, 78-79, 86-89, Calvin, John, 221-223

92-93, 96-97, 110, 112, 113, Calvinism, 209, 221-223, 325,

117, 128, 132, 141, 149, 150, 416

155-156, 158-160, 163, 166, Calvinists, 209

174, 228, 230, 239, 257-258, Cambodia, 173, 402
260, 268, 270, 283-284, 291- Canaan, 73-74, 79-83, 93
292, 293, 300, 317, 318, 319n., Canada, 433
324, 325, 330-332, 336, 350, capitalism, 325, 328, 341-342,
364, 365, 367-368, 371-372, 350
387, 391-392, 415, 416, 429 financial, 328-329
Capua, 11 Chicago, 174
Caribbean Sea, 319n. Child Find, Inc., 451-52
Carnegie United Kingdom Trust, children, missing, 451-452
331 China, 186, 403, 429, 451
Cartier, Raymond, 173 Choiseul, Duke of, 264, 286
Cartoon Guide to Economics, cholera, 190, 295
The, 212n. Christianity, 144-149, 176, 248,
Casey, William, 156n., 404 340-341
caste system, 98-100, 147 *see also* Catholic Church;
Castro, Fidel, 404 Protestantism
Catherine II (the Great), 266 Christians, 154-155, 158,
Catholic Church, 154, 157, 164, 163-166, 175, 176, 193-194,
179, 182n., 195, 198-203, 200, 371, 425-427
206, 221 Chrysler Corporation, 156n.
see also Popes Church of Jesus Christ of Latter
Catholicism, 223, 226, 262, 272, Day Saints, 306-322
399 *see also* Smith, Joseph
Cayce, Edgar, 119 Churchill, Winston, 338, 375
Central America, 173, 310, 311 CIA, *see* Central Intelligence
Central Intelligence Agency Agency (U.S.)
(U.S.), 25, 156n., 389-390, Cicero, 11
403, 404, 406, 408, 412, 413, Circle of Initiates, 331
418, 421, 449-450 Cisalpine Republic, 295
Cesare, Cantu, 268 Citadel Press, 16
Chaldea, 369 Citraketu, King, 98

Chamberlain, Houston Stewart, Civil War (American), 319

336, 377 clairvoyance, 422

Chambord, 263 class struggle, 326

Chapter of H, 238n. Clavell, James, 244

Charach, Theodore, 406 Clinton, James, 279

Chariots of the Gods?, 16 Clive, Robert, 263

Charlemagne, 11-12, 197 *Close Encounters of The Third*

Charles Edward, 237n., 238, 246, *Kind,* 428

254, 261 Clymer, R. Swinburne, 67n.

Charles I (of Brunswick), 256, *Cocoon,* 428

257 coins, 216-218

Charles I (of England), 223, 226 Cold War, 325, 416-417

Charles II, 192, 226-227 *Collier's Encyclopedia,* 193-194,

Charles V, 205 296

Charleston, 286-287 Cologne, 260

Charlottesville Lodge, 281n. Colombia, 296, 429

Chase Manhattan Bank, 332, 385 cploni, 147

Checka, 347 Columbus, Christopher, 13,31,174

Chenier, Andre, 295 "comets," 181-184, 192

Cheops, Pharaoh, 57, 60, 63, 67 Committee for the Scientific

Chephren, 60 Investigation of Claims of the

Chernomazov, Miron, 346 Paranormal, *see* CSICOP

Commune, 323 141, 174, 177-178, 211-212,

communism, 322, 324-326, 327, 309-310, 314-317, 322, 326,

333, 334, 340-341, 342-345, 330, 368-370, 387, 394,

348-350, 373, 379, 391, 416-417, 432-433, 448-49

402-404 *see also* "ancient astronauts";

Communist Conspiracy, 327 religion, Custodial; unidentified

Communist League, 325 flying objects

Communist Manifesto, 324, Cyprus, 157, 186-187

340 Czechoslovakia, 386-387

concentration camps, 432

American, 382 D'Affry, Count, 264, 265

English, 330, 333, 348, 382 Dallas, 405

Nazi, 2, 381n., 382-384 Damascus, 162

Russian, 348-350, 382, 383 Daniel, 116

Concord, Battle of, 279 Daniken, Erich von, 16

Condon Report, 21-23 Darjeeling, 369, 372

Confederacy (American), 319n. David

confessional, 199, 201, 202-205 . King, 127

Conrad (of Poland), 247-248 Star of, 79

Constantine I, 145-147 Dawang, Rolando Galman y, 411

Continental Congress, 279, Day of Judgment, 110, 111-113,

288-289 ' 117,133,134,319-320,335,

continental notes, 288-289 364, 373, 388-389, 442

"Contra" rebels, 404 *see also* apocalypse

cord at loin, 70 Dead Sea Scrolls, 127-128

Council on Foreign Relations, death squads, 404

332, 334 " Debir, 81

Counter-Reformation, 206 Decembrist Revolt, 295

Cowles, Virginia, 300 defoliation, 183

Coxe, Daniel, 275 DeHaan, Richard, 296

Cremnitz, 185 Delaware, 280

Crime and Punishment ofl.G. Demerol, 450

Farben, The, 383 Derwentwater, Earl of, 236-237,

Cromwell, Oliver, 223, 226 237n., 241

cross Desaguliers, John T., 235

Latin, 157 Desmoulins, Camille, 295

Maltese, 157 Detering, Henri, 386

Crusades, 153-157, 160, 163-164, Deutsche Bank, 385

172, 179, 237, 242, 247, devaluation, 215-216, 219

249, 256 Devil, 55

CSICOP, 422-425, 427 Devil worship, 55

Cuba, 404 dialectic, 325-326

"cults," 426-427 dialectical materialism, 224, 326

Curtis, Lionel, 332 Diocletian, 145n.

Custodial, *see* Custodians DiPietro, Vincent, 60n.

Custodians, 38-40, 43-52, 93, 98, Dippers, Big and Little, 101

100-102, 113, 114-115, 123, *Discover* magazine, 422

Disneyland, 309 Eliot, Charles, 104

District Command, 379-381, 385 Elixir of Life, 263

Dixon, Bernard, 422 emerods, 191

Djagguernat, 131 Emmanuel, Victor, 296

dolphins, 17 *Encyclopedia Britannica,* 42

Dominican Republic, 400 *Encyclopedia of Philosophy,* 422

Dominicans, 163, 176, 382 End of the World, 110, 112, 113,

Dornberg, 187 119, 136, 149,158, 195,198, 350,

Dracula, 260 396, 428 *see also* apocalypse

drugs, 160, 355-363, 366, Engels, Friedrich, 324, 340

376-377, 397, 429, 450, 451 England, 3, 162, 190, 205-206,

Durant, Will, 128, 132 223, 226-228, 231, 233-236,

Dust Bowls, 335 237, 242, 251-256, 257,

Dwyer, Richard, 449 266, 279, 287-288, 298, 300,

329-332, 348, 385, 390

Ea, 39-40, 44, 45, 52, 54-56 Bank of, 220, 228-230, 231,

Eagle's Nest, *see* Alamut 289, 290, 371, 385-387

Eagle's Teaching, *see* Alamut House of Commons, 228-229

Earth ENKI, *see* Ea

characteristics of, 5-6 "Enlightened One," *see* Buddha

Eastern bloc, 391, 402 Enlil, 40, 44

Eckart, Dietrich, 380, 381 Entered Apprentice, 234

Edelweiss Society, 381 Ephrata, 275

Eden, Garden of, 46-47, 52, 220, Epic of Gilgamesh, 45-46

327, 397-398 Erfurt, 192

see also Utopia Eritrea, 402

Edinburgh, 254, 283 Essenes, 127-129, 130, 132,

Lodge of, 239 144, 448

Edward VII, 235n. Estaing, Giscard d', 404

Edwards, Paul, 422 Ethiopia, 402

Egemont, 189 Etruscans, 173

Egypt, 12, 13, 56, 61, 69-70, eugenics, 336

73-74, 78-79, 83-84, 89-91, Europe, 95

97, 98, 100, 132, 173, 174, Evil Incarnate, 55

175, 284, 302 Ezekiel, 75-77, 115, 137-138,

Egyptian Museum, 92 142, 152, 309, 396

Eighty Years War, 209, 219-220,

223 Fakhry, Ahmed, 63, 64-65

Einstein, Albert, 104, 333 *Fama Fraternitis,* 207-208, 220,

Eisenberg, 187 274

Eisleben, 188 Federal Reserve Bank (U.S.), 289,

El Amarna, 69-70, 89, 163 . 385, 402

"Elect" (Calvinist), 222 Fellow Craft, 234

electromagnetic spectrum, 24n. Ferdinand, Archduke Franz, 337

electronic sedation, 368, 419-420, feudalism, 63, 97, 100, 147, 154,

441 329, 343-344, 447

Elijah, 116-117 Fields, W.C., 285n.

Final Battle, 110, 113, 136, 223, Freemasonry, 90-93, 159, 174,

340, 396, 416 205, 228, 232-243, 247,

see also apocalypse; 249-250, 256-257, 262-263,

Armageddon 268, 271-272, 273, 274-276,

Final Solution (Nazi), 383 279-285, 286-287, 296-297,

fireballs, 182, 335 301, 317-319, 331, 399, 448

flaming sword (Biblical), 48 Blue Degrees of, 234, 237, 238,

Flood (Biblical), 45 239,240,242-243,246,250,272

Florence, 85, 186-201 Grand Lodge of California, 285
flying "boats," 12, 365 Grand Masters of, 91, 156, 157,
flying "chariots," 97 158, 159, 235, 238, 246, 249,
flying "globes," 12 257, 273, 275, 279-280, 295
flying saucers, 8, 10, 18-20 Grand Orient, 246
Flying Saucers on the Attack, London Masons, 234
12n., 16 Mother Grand Lodge of the
flying "ships," 11, 12, 303 World (England), 234-240,
flying "spheres," 11 242, 275-276, 284
Ford, Gerald, 285n., 414 Royal Arch, 241
Ford Motor Company, 387 Scottish degrees, 237-243,
Foreign Service School, 327, 404 250-251, 285, 301
Forster, Edmund, 378 Scottish Rite, 285, 285n.,
Fort, Charles Hoy, 13-15, 33-34 286-287
Four of Wilmington Lodge, 280 Templar Knight degrees,
Fowler, Raymond, 394, 396 236-241, 245-246, 251, 257n.,
France, 3, 11, 16, 149, 157, 182, 271-272, 273, 283, 446
200, 228, 230, 236-238, 240, York Rite, 234, 285
246, 251, 254-255, 257, 260, French and Indian War, 254n.,
261-266, 270, 276, 280, 286, 276-277, 280
294-296, 323-324, 337, 384, *see also* Seven Years War
390, 403 Freud, Sigmund, 353
Bank of, 230-231, 265 Friedrich August, 267
Francis II, 260 Friends of God, 198-201, 205
Franciscans, 163 Fromme, "Squeaky," 414-415
Frankfurt, 299, 300, 301, 340 Fryer, A.T., 3O3n.
Franklin, Benjamin, 279, 280, "Fund" (St. Germain's), 265
283, 286, 289, 294
Frederic (Prince of Wales), 235 Gabriel, 151-152
Frederick William (Holstein), 250n. Galen, 207, 353
Frederick II (emperor), 164-165, Galilee, 122, 124

248, 256 Galitzen, Prince de, 264

Frederick II (of Hesse-Kassel), Garfleld, James, 285n.

256, 257, 288 Garibaldi, Giuseppe, 296, 297

Frederick II (the Great), 249-252, Gates, Daryl, 408n.

254, 256, 266, 277, 280, Gath, 191

286-287 Gehlen, Reinhart, 390

Free, Joseph, 136 genealogy, 320

free enterprise, 341-342 Mormon library of, 320

Genoa, 295 *see also* Supreme Being

General Electric, 385, 387 God's Disease, 149, 195 *see also*

Geneva, 221 plague

genocide, 45, 80-81, 149, 153, *Gods of Eden, The,* 33

175, 193-194, 291-292, 293, Goering, Herman, 379, 381-382

297-298, 333, 348-350, 391, gold standard, 218-219

402-403, 428, 449-450 good works, 203

George I, 231 Goose and Gridiron Ale house,

George II, 249, 250n., 254 233-234

George III, 235n., 279 Gosbank, 342-343

George VI, 235n. Goulevitch, Arsene de, 347-348

George Louis, *see* George I GPU, 347

Georgetown University, 327 Graeffer, Franz, 269

German Foreign Office, 339 Gray, Tony, 272

German High Command, 379 Great Britain, *see* England

German Master Race, 336 Great Conflagration, 319

see also Aryanism *see also* apocalypse

German Worker's Educational GreatCosmicBeings, 367-368, 388

Society, 325 *see also* Ascended Masters

German Worker's Party, 380-381 Greece, 132, 135, 207, 353, 369

see also Nazi Party Gregory of Tours, 149, 150

Germanic mysticism, 376 Greyson, Dr. Bruce, 7n.

Germanism, 336 Grubstreet, 283

Germany, 158, 187, 191, guilds, 92, 194, 234
193-194, 196-197, 200, 201, Gurtner, Franz, 380
205, 207, 221, 228, 231, 243, Gustavus III, 271
245-249, 256, 259, 260, 267, Guyana, 449
335-339, 354, 375-392, 413
Gestapo, 378, 381 Haggai, 117
Gib-eon, 83 Hague, the, 252, 264, 265
Girondins, 295 Haifa, 129, 429
Gizeh, 59, 60, 62 Haig, Alexander, 156n.
Gleichen, E.H., 268 Haldol, 358
Gli Eretici d'ltalia, 268 Halley's Comet, 126
Glorious Revolution, 226-228, Hambros Brothers, 386
231 Hamburg, Lodge of, 249-250
Gnostics, 146, 448 Hamilton, Alexander, 279,
Gobi Desert, 369n. 289-290, 292
civilization of, 369n. Hanau, *see* Hesse-Hanau
God, 76-79, 86, 87, 95-96, Hancock, John, 279
104, 107, 109, 111, 113-117, Hannover, 231, 247, 249,
125, 131, 136, 138, 140, 150, 251-253, 256
152-153, 159, 190-191, 193, Hanover, House of, 231-232,
195, 198-199, 202, 203-204, 235-236, 247, 251, 262, 272,
222-224, 306, 309-310, 277, 279
314-317, 322, 335, 336, 352, Hapsburg, House of, 249
377, 384, 392, 394, 396, 441 Haran, 73
Harding, Warren, 285n. *History of Freemasonry,* 128,
Hardte, Magister, 188 234, 241
Harvard University, 162, 327 *History of the International,* 323
hashish, 160-162 *History of the Supreme Council,*
Haushofer, Karl, 381 271
Hazor, 81 Hitler, Adolf, 321, 339, 371,
Hebrews, 72, 79-81, 115-117, 375-382, 384, 385-389, 414

127, 223n., 399 Hi-vites, 83

see also Jews Ho Chi Minn, 404

Hegel, 326 Hohenzollern family, 248-249,

Heliopolis, 78, 132 299, 336

Hell, 153 Holland, 184, 209-210, 219-220,

Monarch of, 55 223, 226-228, 252, 254,

Helvetic Republic, 295 264-266, 433

Henry, Patrick, 279, 292 Holy Ghost, 122

Herbert, 295 Holy Land, 154, 158, 237, 242

Heredon, 238n. *see also* Jerusalem

heresy, 147, 148-149, 163, 444 Holy Trinity, 120

Herod, King, 126 *Homo sapiens,* 6, 14, 34, 36-37,

Hess, Rudolph, 381 38-40, 45, 46, 48, 51-52, 54,

Hesse, 196-197, 205, 207, 210, 55-56, 62, 65, 71, 101-102

232, 252-257, 259, 260, 267, creation of, 42-43, 177-178,

270,299,300 211

-Darmstadt, 256 *Homo sapiens sapiens,* 41-42

-Hanau, 257, 257n., 267, 287, homosexuality, 124, 157

299 Hoover, J. Edgar, 285n.

Karl, Prince of, 267 Horeb, 116

-Kassel, 207, 256, 257, 257n., Hospitaler Knights, 155, 156, 157,

267, 287-288, 298-299 158, 160, 247

-Marburg, 256 Howell, F. Clark, 41-42

-Rheinfels, 256 humanism, 423-426

Charlotte Amalie of, 260 secular, 424-426

see also mercenaries, Hessian; *Humanist, The, \TA*

William IX *Humanist Manifesto II,* 424-425

Hilton Hotel, 408 Hund, Baron von, 246-247, 250,

Himi monastery, 130 257

Himmler, Heinrich, 381, 384, 389 Hungary, 185, 247, 269, 296

Hinckley, John Jr., 357, 408-410, Hutchinson, Thomas, 282-283

414 Huxley, Thomas, 444

Hinduism, 93-94, 97, 98, hypnosis, 25, 26-27, 353,

100-101, 106, 109, 130, 147, 394-396, 427

399, 427, 441-442, 451

Hippocrates, 189-190, I AM movement, 269, 366-374

353 *see also* Ballard, Guy Warren

Hiroshima, 382n. I.G. Farben, 383-385, 387, 390

History of Childhood Quarterly, I.T.T., 385, 387

378 Iacocca, Lee, 156n.

Ignatius of Loyola, 206 J. Schroeder Co., 386

Illuminati, 196-198, 205, 272-273 Jackson, Andrew, 162, 285n., 289

Bavarian, 196n., 272-273, Jackson, Jesse, 285n.

281n., 448 Jacobin Club, 295

see also Weishaupt, Adam Jacobites, 236, 237n., 238, 240,

see also Brotherhood of the 251, 261

Snake James I, 206, 231

Imhotep, 62, 63 . James II, 226-228, 236

Incas, 368 James III, 236

In Defense of Secular Humanism, Jameson, Dr., 332-333

424 Japan, 51, 96, 244-245, 382n.

India, 32, 93-94, 96-98, 100, Jaroff, Leon, 422

102, 132, 162, 186, 263, Jefferson, Thomas, 281n.,

369, 372 290-293, 332

indulgences, 201 Jehovah, 17, 72-84, 89, 116,

inflation, 212-216, 219, 230-231, 125, 191

335 Jericho, 36n., 80

influenza, 335, 349 Jerry L. Penis Memorial Veterans

Inquisition (Catholic), 16, Hospital, 420

163-164, 175,179, 194, 202, Jerusalem, 121, 154, 155, 164,

206, 233, 382 165

Institute for Advanced Study, Jessup, Morris K., 16

333 , Jesuits, 206, 272, 399

Institute for Allery and Infectious Jesus Christ, 117, 119-134,

Diseases, 430 137-138, 144-147, 150, 151,

intelligence agencies, 262, 153, 200, 202-205, 206, 269,

344-345, 373, 379, 381, 302, 310, 364, 373, 375, 396

389-390, 403-404, 410, 412, cave birth of, 125-127

413, 415, 416, 417, 433 crucifixion of, 129, 133

International Monetary Fund, Second Coming of, 136, 143,

400-401 169, 364, 373, 396

Int. Society for Krishna "Jewish conspiracy," 446

Consciousness, 97 Jews, 336, 383, 399, 446-447

INTERPOL, 390 *see also* Hebrews; Judaism

Iran, 115, 160, 162 *Jews and Freemasons in Europe,*

see also Persia 257, 301

Ireland, 207, 228, 236, 238, 272 Joachim, 121-122

Islam, 150, 152-153, 158, 302, John

429 *Book of,* 135-136

see also Mohammedism of Cyprus, 155

Ismaili sect, 159, 162, 166, 405 the Baptist, 117, 128

Israel, 80, 83, 84, 116 the disciple, 135-143, 152, 309

Issa, legend of, 130-132 John Birch Society, 327

see also Jesus Christ Johnson, Andrew, 285n.

Italy, 11, 173, 191, 201, 218, 261, Jones, Jim, 449, 450

295, 296, 413 Jonestown, 449-450

Ives Laboratories, 357 Jordan, 429

Joseph, 122, 124-125 *see also* Hospitaler Knights

Joshua, 80, 81 Knights of the Temple, 155-158,

Juarez, Benito, 296 160, 162, 241-242, 246-247,

Judaism, 79, 115 285

Justinian, 148-150 *see also* Freemasonry, Templar

Justinian's Plague, 149-150, 183 Knight degrees

Knights Templar, *see* Knights of

Ka, 64-65 the Temple

Kabbala, 448 knowledge, as historical

see also Cabala phenomenon, 444-445

Kamil, Sultan, 164 Knox, Henry, 279

Kampuchea, 402-403, 404 Kohl, Helmut, 414

Kapila, 103 Kohlo, 256

Karl, Kolob, 309

Duke of Sodermanland, 271 Koran, 152

Prince of Hesse, 257, 260 Kossuth, Louis, 296

karma, 204 Kshatriyas, 131

Katz, Howard, 212 Kuhlman, Richard von, 339

Katz, Jacob, 257, 301 Ku Klux Klan, 319n.

Kauderbach, Monsieur de, 265 Kurtz, Paul, 424-425

Kennedy

John R, 404, 405-406, 411 labor unions, 447

Robert F., 406-408, 414 Lachish, 81

Key West, 418 LaFayette, Marquis de, 280-281,

KGB, 347-348, 403, 416 289, 293n., 295, 323

Khmer Rouge, 350, 403 Lafontaine, Oskar, 413-414

Kilmarnock, Lord, 246 "Last Days," 128

Kilwinning, 239-241 *see also* apocalypse

Lodge of, 237-238, 239-241 Lateran Councils, 120-121

Kindersley, Robert, 386 Latin America, 296

King, Martin Luther Jr., 408 *see also* Central America;

King George's War, 276 Mexico; South America

"King Rats," 244-245 Law, John, 230, 240, 265

Kitchener, Lord, 333 Lazard Brothers, 331

Klass, Philip, 21, 22, 25, 29-30, League of the Just, 324

30n., 422 *see also* Communist League

Knight of the Eagle and Pelican, Lebanon, 162

238 Lee, Richard Henry, 292

Knight of the Red Feather, 246 Leipzig, 354, 355

Knights of Christ, 157, 158 Battle of, 298-299

see also Knights of the Temple Lemuria, 13, 365, 369, 369n.

Knights of the Golden Circle, Lenin, 4, 338-340, 346, 347

319n. Leopold-George, 260

Knights of the Hospital, *see see also* St. Germain, Count

Hospitaler Knights of

Knights of Labor, 447 Lerche, Nicholas, 430

Knights of Malta, 319n. Levi (tribe), 78

Lewis, H. Spencer, 66-67, 68, Madison, James, 279, 285n., 290,

92, 197 292-293

liberation, wars of, 402 Mafia, 296-297, 405-406, 408

Libya, 90 *Magaiin der beweisfuhrer fur*

Lida machine, 419-420 *Verurtheilung des Freimaurer-*

Ligurian Republic, 295 *Ordens,* 268

Lindbergh, Charles, 15 *Magnificent Money-Makers,* 230

Linn, LaVonn P., 280, 281-282 Mainz, 298

List, Guido von, 376 Majo, 184

"little people," 452 Malibu, 374n.

Litton, Lord Bulward, 381 Malinovskii, Roman, 346

Llandbedr, 304 Malta, 156

Llanfair, 304 Knights of, *see* Hospitaler

L.M.S. Railway System, 386 Knights

Lobkowitz, Ferdinand von, 262 Manchester (New York), 306

Loch Ness monster, 422 Manetho, 78-79, 82

Lodge of High Knights Templars, Manhattan, Bank of, 385

241 Manson, Charles, 415*

Lodge of Three Globes, 250 Marburg, University of, 205

London, 156, 192, 233, 237n., Marcos, Ferdinand, 410-412

254, 261, 264, 266, 284 Marenches, Alexandre de, 404

Lord of Vermin, 55 Marlborough, Duke of, 251

Los Angeles, 406, 415 Mars, 32, 60-61

County Board of Supervisors, "face" on, 60

406 Marschall, G.C., 246

Police Department, 407-408 Marx, Karl, 324-327, 340, 353

Los Angeles Times, 59, 408, 418 Marxism, 224, 325, 343, 399,

Lost Years, The, 130 402, 416

Louis XV, 262-265, 267 Mary (mother of Jesus), 121-123,

Louis XVI, 267, 269, 286n. 124-125

Louis-Philippe, 323 Mary II, 227, 251

Loyola, *see* Ignatius of Loyola Mason, George, 292-293

Ludendorff, Erich, 339 Masovia, 248

Luke, Book of, 126-127 Massachusetts, 283

Lunden, Sven G., 282, 295, 296 Institute of Technology, 19

Luther, Martin, 201-207, 209, 221 Master Mason, 234

see also Protestantism materialism, 65, 96, 322, 351,

Lycosthenes, Conrad, 182 399, 424-425

Maverick, Samuel, 102n.

Machiavelli, Niccolo, 84—86, 117, mavericks, 102n.

298, 394 *see also* religion, maverick

Machiavellianism, 117,235, Mayans, 172-176

239, 251, 257, 273, 325, 394, McCone, John, 404

446-448 McKinley, William, 285n.

MacKey, Albert, 128, 157, 158, Medici

159, 200n., 234, 275 family, 201, 218, 260-261

MacNeil Pharmaceutical, 358 Lorenzo Di, 201

Mediterranean Sea, 129 mind control experiments, 25-26,

Mein Kampf, 375, 376, 380 390

Melchizedek, 93, 301, 318 minute men, 279

Lodges, 301 Mississippi River, 277

Order of, 301 "mists," as source of plague, 181,

Priesthood of, 93, 318 183, 185, 186-190

Memphis (Egypt), 62 . M.I.T., *see* Massachusetts,

Menkaura, 60 Institute of Technology

Mensheviks, 346 Mitchell, C.E., 385

mental illness, 353 Mitre, 296

mercenaries, 232, 251-257, 266, MK ULTRA, 450

298, 300, 387 Mohammed, 150-153, 158, 159n.,

Hessian, 253-256, 286, 302

287-288, 300 Mohammedism, 101

Merrell Dow Pharmaceuticals, 359 *see also* Islam; Mohammed;

Merrill Lynch, 156n. Moslems

Merswin, Rulman, 198-199 Molay, Jacques de, 157

see also Friends of God Molenaar, Greg, 60

Mesopotamia, 12, 36-37, 38-43, Moltke, Helmuth von, 337

46, 49, 55, 61, 62, 73, 95, 97, money, inflatable paper, 212-213,

98, 100, 174, 176, 183, 211, 220, 228-231, 256, 270,

244, 315 288-289, 293, 295, 300, 327,

gods of, 37 340, 342-343, 371, 385, 391,

see also Assyria; Babylonia; 399-402, 431-432

Sumeria Mongols, 162

messiah, 115-116, 119, 122, Monk, General, 240

126-127, 132-133, 159, monotheism, 69-72, 78, 96,

167-170,335 113-115,150

German, 375, 377, 379-380, Monroe, James, 285n.

384 Montgomery, Richard, 279

Nordic, 382 moon, 59, 61

"meteors," 182 Morell, Theodore, 377

Mettaya, 109-110, 117, 169 Morgan

Metz, H.A., 385 Bank, 331

Mexico, 172, 173, 296, 310, 311 J.P., 331

Michael, Douglas, 212n. *Mormon, Book of,* 310-318, 326

Middle Ages, 382 Mormon Church, 313-322, 404

Middle East, 93, 97, 110, 115, spiritual beliefs of, 314-317

153, 162, 310, 405 *Mormons, The,* 318

Milan, Edict of, 146 *Morning of the Magicians,* 16

Milky Way, 6 Moroni, 307-309

Millennium, 158-159, 375, 382, city of, 312

429-430 Moronihah, 312

see also apocalypse Moses, 74-78, 79n., 81-83, 94,

Miller, John C, 281n., 282 115, 125, 150, 153, 302, 318

Milner, Alfred, 331, 348 Moslems, 154, 155, 164-165,

Mimansa, 106 426

Mother Grand Lodge, *see* New York, 275, 278, 305-306,

Freemasonry, Mother Grand 373, 418

Lodge of the World Bank of, 290

Mount Shasta, 269, 364-365 *New York Times,* 335, 410

Brotherhood of, 365 Nicea, Council of, 120, 146-147

Mount Sinai, 74, 82 Nicene Creed, 146-147

Mu, *see* Lemuria nirvana, 107

MUFON, see Mutual UFO Nizar, 159

Network Nizaris, 159

mummies, 63-65, 173 *see also* Assassin sect

Munich, 272, 379, 380 NKVD, 347, 348

Muslim Brotherhood, 429 Noah, 46

Mutual UFO Network, 21n. Nobel Prize, 13

Mysteries, Egyptian, 78 Nohl, Johannes, 184, 186-187

Mystery Schools, 66-68, 149 Norfolk, Duke of, 275

Mythology of the Secret Societies, Norman, Montague, 371, 385-386

The, 246 Norpramin, 359

North America, 226, 254n., 274,

Nagasaki, 382n. 275,307,310-311,368

Napoleon Bonaparte, 298, 425 North Vietnam, 403, 404

Napoleon III, 260 "Nothingness," 107

NASA, 59 *see also* nirvana

Nassau (Germany), 210 Notovitch, Nicolas, 130

see also Orange, House of Notre Dame, Cathedral of, 157

National City Bank, 385 nuclear holocaust (ancient),

Nazi Occult Bureau, 381 311-313, 317, 369n., 416

Nazi Party, 380-381 Nuremburg, 184

Naziism, 95, 100, 373, 382, War Crime Trials, 384, 385,

385-386,388-389,391,415 390

see also concentration camps, Nuttall, Zelia, 101

Nazi; Hitler, Adolf

Nazis, 2, 193, 320, 333, 371, Oakland, 373

379, 432 Obsequens, Julius, 11

see also Naziism occultism, 69

NBC Magazine with David Oddfellows, 399

Brinkley, 419, 420 O'Dea, Thomas F., 318

Neanderthal man, 42 OGPU, 347

near-death experiences, 7, Ohio Valley, 276-277, 279

439-440 Okhrana, 345-346

Netherlands, *see* Holland Old Kingdom (Egypt), 63

New Age movement, 427-428 Old Testament, 46-47, 73,

New Guinea, 448 82n., 97, 116, 120, 134, 152,

New Jersey, 275, 333, 385n. 190-191, 301, 307, 310, 316

New Lands, 14 Old World, 12

New Testament, 120, 126, 128, Olmecs, 172-173

129 *Omni* magazine, 19, 422

New World, 12-13 Oppenheimer, Robert, 333

Orange, People's Russian Orthodox

Henrietta of, 249 Movement, 429

House of, 210, 226-228, 231, People's Temple, 449-450

251, 390 Persia, 113-114, 115, 125, 126,

Order of, 228, 272 160, 186, 242, 414

Orange Order, The, 272 Persian Gulf, 40

Orbiter, 59 Peru, 429

Orleans, Duke of, 295, 323 Peter III, 266, 270

Orloff family, 266 Petrie, 90

Osiris, 91 peyote, 376

Oswald, Lee Harvey, 405 Pharisees, 128

out-of-body experiences, 366-367, Pharaoh, 190

368 Philip the Magnanimous, 205, 255

outcasts, *see* untouchables Philip IV the Fair, 157

Oxford, 13, 162, 329, 330 Philippine Islands, 410-412

Philistines, 191

P. & O. Steamship, 386 Phnom Penhh, 403

Pacific Ocean, 365 Phobos, 32

Pakistan, 130 phoenix, 112-113, 284, 395

Palestine, 89, 115-116, 128, 130, Pisa, 84-85

132, 154, 310, 311 Pistoia, 84-85

Pali language, 131 Pitt, William, 255

Palme, Olaf, 413 Pizarro, 95

Panama City (Florida), 418 plague, 149-150

Papacy, *see* Popes Great Plague of London, 192

"paper aristocracy," 212, 300 of 1117 A.D., 183

Para-Brahma, 131 pneumonic, 180, 190

Parade magazine, 337 *see also* Black Death;

Paris, 156, 157, 182, 266, 268, Justinian's Plague

336, 337, 378 Pol Pot, 403, 404

Paris-Duverney Brothers, 265 Poland, 248, 295

Parthenopean Republic, 295 Polk, James, 285n.

Pasewalk military hospital, Polo, Marco, 161

377-378, 414 Popes, 148, 198, 207, 248

Passover, 84 Clement, 263

Passport to Magonia, 12n. Clement V, 157

past lives, 99 Clement VI, 194

see also afterlife; reincarnation Gregory VII, 154

Paterson, William, 228, 230, 240 Gregory IX, 163, 164

Patmos, 135 Innocent II, 163

Paul I (of Russia), 156 Innocent IV, 179

Pavlov, Ivan Petrovich, 355 John XXIII, 201

Pearl of Great Price, 306n. John Paul II, 413

Pearson, Michael, 339 Leo X, 201

Pennsylvania, 67n., 275 Leo XIII, 156

People of the Dead Sea Scrolls, Urban II, 153-154

The, 127 *Popol Vuh,* 175-178

Popular Liberation Front, 402 *see also* Calvinism

pornography, 124 pyramids

Portugal, 157, 158, 296 Great Pyramid (of Cheops),

Potsdam, 336 57-60, 62, 63, 175

Prague, 184 in North America, 172-173,

Pravda, 339, 346 175

predestination, 222 on Mars, 60-61

predestiny, 118-119 Pyramid of the Sun, 175

Presbyterians, 399

Pretzsche, Ernst, 376 Quaaludes, 450

Price, Henry, 275 Quakertown, 67n.

Prince, The, 84-85 Queen Anne's War, 276

Prince of Quigley, Dr. Carroll, 327-329,

Darkness, 55 385-386

Earth, 55

Liars, 55 Ra, 67, 91n.

"Prince of the Royal Secret," 287 racism, 96

Princeton, 327, 333 *see also* Aryanism

Proclamation of 1763, 277 radar, 24-25

Prodigorium liber, 11 Radcliffe, Charles, 236-237

Professed Knight, 246 *see also* Derwentwater, Earl of

Project Bluebook, 421 Radio Free Europe/Liberty, 404

Project Grudge, 421 Rameau, 268

Project Sign, 421 Rameses II, 79n.

Promised Land, 74, 78, 79, 81 Ramsey, Michael, 236-241, 247

see also Canaan Rau, Johannes, 413

promissory notes, 214-216 Ravenscroft, Trevor, 376

prophesies, Hebrew, 126-127, 169 Reagan, Ronald, 332, 357, 401,

Prophet, Elizabeth Claire, 374n. 408-410

Prophet, Mark, 374n. Reformation, *see* Protestantism

Protestantism, 195, 205, 206, Reign of Terror, 298, 349

207, 209-210, 212, 221, 226, reincarnation, 6, 55, 99-100, 108,

228, 272 120, 148

work ethic, 322 *see also* afterlife; past lives

see also Calvin, John; religion,

Calvinism; Luther, Martin Custodial, 107-109, 152-153,

Prussia, 248-252, 254, 256, 257, 168, 310-311, 319, 325, 340,

266, 286, 287, 287n, 298, 373, 388, 398-399, 451

299,448 maverick, 102, 102n., 106-110,

psychiatry, 353-363, 390, 414, 315, 427

426-427 Renaissance, 90, 225, 226

stimulus-response model, 354, *Revelation, Book of,* 134-143,

423 152, 169

suicides of practitioners, 361 Revere, Paul, 279

Ptah, 62 Reverend C.E., 304

Puranas, 131 revolution, 209, 415

Puritans, 223-226, 240 "virtuous," 294

Revolution, Rothschild,

American, 3, 256, 279-283, family, 300-301, 340

286, 288-295 Mayer Amschei, 299-301

French, of England, 331

of 1789, 286n., 294-295, Solomon, 301

297-300 *Rothschilds, A Family of Fortune,*

see also Reign of Terror *The,* 300

of 1830, 323 Round Earth Theory, 31

of 1839, 323 Round Table, 329-332, 333-334,

Permanent, 416 348

Russian, 4, 338-340, 344-345, "royal blood," *see* blue bloods"

346-348 Royal Institute of International

Revolution of the Saints, 224 Affairs, 332

revolving sword (Biblical), 68, 71 Royal Teton, 366-368, 370-371

Rhine River, 298 Royal York Lodge, 250

Rhineland, 154 Ruby, Jack, 405

Rhodes, Ruppelt, Edward J., 10

Cecil, 329-331, 332-333, 370 Russia, 95, 254, 266-267, 295,

island of, 156 296, 333, 334, 338-340,

Knights of, 156 342-345, 349, 355, 382, 383,

see also Hospitaler Knights 390-391, 403, 417, 419-420

Scholarships, 330 Provisional Government of,

Rhodesia, 329 340, 346-347

Roberts, J.M., 246 *see also Revolution, Russian;*

Robertson Panel, 421 Soviet Union

Roche Laboratories, 356 Rust, Bernhard, 379

Rockefeller, Ryan, Leo, 449, 450

David, 332

family, 331, 385 Sabbah, Hassan-i, 159

Rocky Mountains, 320 Sachs, Margaret, 18n.

Rogers, Will, 285n. Sadducees, 128

Rohm, Ernst, 379, 380 Sagan, Carl, 422

Rome, 11, 148, 353, 369 Sahara Desert, 369

Empire, 115, 133, 145-147, civilization of, 369n.

149, 164, 202, 223 St. Andrew's Lodge, 241,

Roosevelt, 281-283

Franklin D., 285n., 382n. St. Germain, Claude Louis de,

Theodore, 285n. 259n.

"Rosenkruez, Christian," 207 St. Germain, Count of, 259-270,

Rosicrucian Digest, 365 364-366

Rosicrucian Fraternity in America, St. Germain, General, 259n.

67n. St. James, 192

Rosicrucians, 66-67, 92, 197-198, St. John, Order of, 200

205, 207, 263, 269, 273, 275, St. Peter, Church of, 188

281n., 381, 399, 448 St. Peter's Square, 413

see also Ancient and Mystical St. Petersburg, 266

Order Rosae Crucis (AMORC) St. Petersburg Committee, 346

St. Stephanie, Church of, 184 Secret Service

Salt Lake City, 320 American, 373, 408, 409

salvation, spiritual, 109, 221-222, French, 373

224, 432, 440, 441-442 Nazi, 390

"quickie," 205 secret societies,

Salza, Hermann von, 247-248 primitive, 448

Sam Adams, Pioneer of see also Brotherhood of the

Propaganda, 282 Snake

Samkhya, 103-104 *Secret Socieities and Subversive*

San Francisco, 418 *Movements,* 446

San Francisco Chronicle, 430 Segal, George, 244

San Jose (California), 66-67 Sendero Luminoso, 429

San Martin, 296 Sermon on the Mount, 132

San Quentin, 432 serpent, *see* snake

Sanskrit, 94, 95 serratia, 418

Sarajevo, 337 Seven Years War, 254-255, 264,

Sarmiento, 296 277, 280, 282

Satan, 52, 55, 136, 223-224, sex, 124

317,427 Shah, 162

Satanism, 55 Shangri-La, 112

Saxony, 201, 246, 254 Shaw, Edward, 386

sceptre and tiara, 211 Shell Oil, 390

Schiff, shem, 50-51

family, 300 Shia sect, 158-159

Jacob, 340 Shishak I, 89

Schmitz, Herman, 385 Sh'-nar, 50

Schreyer, William, 156n. Shriners, 399

Schuelersberg, 185 Siberia, 12

Schulz, Duane P., 355 Sicily, 297

Schutzstaffel, 381, 383-385, Siddharta, Guatama, see Buddha

390, 432 Siena, 261

see also Nazis "Significa," 337

science, Western, 7 sin

scorched earth defense, 417 inherent, 124

Scotland, 228, 230, 236-243, original, 49, 222

254, 261 Sindh, 130

Grand Lodge of, 239, 241, 283 Singapore, 174

Scottish Jacobite Chapter, 238 Sirhan, Sirhan, 406-408, 414

Scottish Master, 246 Sitchin,Zecharia,37n.,39,50-51,55

Scottish Rite, *see* Freemasonry, Siva, 98

Scottish Rite Six Systems of Salvation, 103,

Sea of Tranquility, 59 . 106

Sealed Train, The, 339 *Skeptical Inquirer, The,* 422

Sebua, 91n. skeptical societies, 422, 425

Second Gun, The, 406-407 skin, blue, 98

Second Synod of Constantinople, Skinner, B.F., 422

120, 148 slavery, 293

Smith, Edward Ellis, 346 States-Genera! (Holland), 210

Smith, Joseph, 306-310, 313, Staupitz, Johann von, 205

318, 319 Stein, Walter Johannes, 375-376,

Smith Kline, 358 379

snake, 47, 52, 54-55, 9In., 174 Stelazine, 358-359

see also Brotherhood of the Sterling, Claire, 415-4-16

Snake Steuben, Baron von, 280

Social Democratic Party "sting" operations, 345

(Russian), 346 *Story of Civilization, The,* 128

Society for Psychical Research, Strausberg, 200

303 Strauss, Richard, 113n.

Society of Seasons, 324 Streidel, Adelheid, 414

sociopathology, 450-451 Strict Observance, 245-247, 250,

Socrates, 145-146 256-257, 260, 272

Soddy, Frederick, 13 Stuart, House of, 226, 227, 231,

Sofia, Duchess, 337 232, 236, 238, 240, 247, 254,

solar barks, 63-64 271,272

Solomon, King, 89-90 Restoration of, 240

Temple of, 89-90, 128, 155 subliminal programming, 427

Sons of Liberty, 278, 282 subsidy treaties, 251, 253

Sons of Revolt, 91n. Sudras, 131

Sophia Dorothea, 249 Sugar Act, 277

souls, *see* spiritual beings Sumeria, 36-37, 40-41, 73, 211,

South Africa, 332, 333, 348, 428 326

South America, 95, 295, 296, 368 *see also* Mesopotamia

South Carolina, 286 Summit Lighthouse, 374n.

Sovereign Military Order of "superconstructions," 14

Malta, *see* Hospitaler Knights Supreme Being, 55, 71, 74, 78,

Soviet Union, 181, 342-344, 368 104, 107, 112, 117, 153, 170,

see also Russia 222, 314, 316, 435-443

Space Brothers, 428 Surmontil, 357-358

"Spaceship Earth," 5 Suso, Heinrich, 205

Spain, 31, 95, 175, 178, 194, Sutras, 131

209-210, 220, 296 Swabia, 184

Spear of Destiny, 376 swastika, 100-101, 174-175, 375,

spiritual beings, 6-8, 44n., 64-65, 376, 382, 384, 429

103-104, 112-113, 148 Sweden, 254, 271, 382, 413

spiritualism, 68-69 Switzerland, 16, 162, 221, 295,

Srimad Bhagavatam, 97-98 329, 338, 356, 417

SS (Nazi), *see* Schutzstaffel symbolism, 68-69

Stadtholder, 210 Syria, 162

Stairway to Heaven, The, 37n.

Stalin, Joseph, 346, 348, 349, 403 Taft, William Howard, 285n.

Stamp, Josiah, 386 Tate-LaBianca murders,

Stamp Act, 277-278 415

Standard Oil, 385n., 387 Tauler, Johann, 205

"Star Wars" defense, 417 Taylor, Thomas, 224

Templar Knights, *see* Knights of UFOs, *see* unidentified flying

the Temple objects

Ten Commandments, 81 *UFOs Explained,* 21

Terror Network, The, 415-416 Ulyanov, Vladimir Ilyich, *see*

terrorism, 278, 379, 415-417 Lenin

nuclear, 416-417 unidentified flying objects, 1, 4,

safehouses for, 416 8-35, 61, 64, 74-76, 125-126,

Teutonic Knights, 158, 164, 146, 150, 178, 181-182, 184,

247-249 186, 189, 191, 192, 301-305,

Texas, 405 309, 365, 374n., 390-394, 396,

Theodosius I, 147-148 42(M23, 428, 432, 466, 450,

Theosophical Society, 269 452-453

Thompson, Charles, 284 abductees, 316, 392-396, 428,

Thorazine, 358, 450 441, 451-453

Thousand Year Reich, 382, 388 contactees, 192

Threadneedle Street, 386 debunking of, 17-33, 305,

Thule Society, 379-381, 388 421-424

Thuringia, 184 *see also* "flying saucers"

Thutmose III, 68, 94 United Lodges, 257n.

Tiarks, C.T., 386 United Nations, 30

Tibet, 269 United States, 181, 207, 274,

Hidden Masters of, 269 333, 335, 340, 356, 368, 373-

Tigre, 402 390, 401, 404-405, 411, 412,

Tigris-Euphrates, 36, 46 417-421

see also Mesopotamia Air Force, 10, 421-422

Toltecs, 175 Bank of the, 289

Tragedy and Hope, 327-332 Constitution, 292-293, 415

Transvaal, 333 FAA, 18

Transylvania, 247, 260 Federal Bureau of Investigation

trees of knowledge (Biblical), (FBI), 285n., 407-410, 421-422

47-49, 54, 68, 316 Food and Drug Administration,

Trenton, Battle of, 288 357

Truman, Harry S., 285a, 382n. Founding Fathers, 284

Tsar, 339-340, 345, 346 Great Seal of, 284

Tsarism and The Revolution, 348 Information Agency, 429

Tse-Tung, Mao, 350, 403 National Academy of Sciences,

Turkey, 137 30

Twain, Mark, 285n. National Archives, 377

Twelfth Planet, The, 254 Navy, 418

2001: A Space Odyssey, 113n. State Department, 404

Tyndale House, 76 universe,

"Typology of Near Death . of stone, 389

Experiences, A," origin of, 104-105

University of California

UFO and the Bible, The, 16 at Berkeley, 41

UFO Encyclopedia, The, at Davis, 430

18n. *Unknown Life of Jesus, The,* 130

Unknown Superior, 245-246, Walzer, Michael, 224

257n. Wantoch, Hans, 230

untouchables, 99 war, 165—167

Unusual Martian Surface as commodity, 3

Features, 60n. Calvinist view of, 224-226

Ur, 73 parasitic nature of, 87

Ursa Major, 101 *see also* Machiavellianism

Ursa Minor, 101 War for American Independence,

Utnapisthtim, 45—46 *see* Revolution, American

Utopia, 112, 113, 153, 195, 326, War of Austrian Succession,

327, 334, 341, 349, 384, 433 252-253, 261-262

War of Spanish Succession, 252

Vaisyas, 131 Warburg,

Valium, 356, 357, 359, 450 Max, 340, 385

Vallee, Jacques, 12n., 452 Paul, 385

Vancouver, 365 Warren, Earl, 405

Vandenberg, Hoy S., 421 Warren Commission, 405, 411

Vata, Hymn to, 97 *Wars of Gods and Men, The,* 37n.

Vedas, 97-98, 101, 130-131 Washington, George, 276-277,

Venus, 125, 126 279-281, 283, 285n., 289, 290,

Ver, Fabian, 412 293,295,445-446

Vergennes, Compte de, 286 Washington, D.C., 404, 418

Victoria, Queen, 235n. *Washington Post,* 59

Vienna, 176, 184, 187-188, 192, weapons

267, 301, 375-376, 378 biological (germ), 45, 181,

Viking mission, 60 418-419

Vikings, 13 *see also* atomic bombs; nuclear

Villani, , holocaust (ancient)

Giovanni, 186 Webster, Nesta H., 446-447

Matteo, 186 Weishaupt, Adam, 196n.,

Viracochas, 95 272-273, 281n., 446

virgin birth, 122-123 Weiss, Ernst, 378

Virginia, 279 Weldon, 268

Virginia Declaration of Rights, *see also* St. Germain, Count of

292 ' Welsh Revival, 302-305

Vishnu, 98 Weltanshauung, 376

"Void, The," 107 Westmister, Treaty of, 254

see also nirvana Westphalia, Kingdom of, 298

Volkischer Beobachter, 377, 381 Whigs, 228, 231

Voltaire, 230, 286n. . Whiskey Rebellion, 290

voyeurism, 124 White, T.D., 41

Vril Society, 381, 384 Whitehall, 192

Whitney family, 331

Waldeck, 287 Wilhelmsbad Congress, 257n.,

Wales, *see* Welsh Revival 268

Walpole, Horace, 253, 255, 261 Wilkins, Harold, 12n., 16

Walsh Company, 261 William (of Prussia), 250n.

William Ferdinand (of Yahweh, 74

Brunswick)', 256-257 *see also* Jehovah

William, Kaiser, 336, 377 Yale, 51

William I the Silent, 210, 211 Yoga, 106

William III, 227-228, 231, 251 Young, Brigham, 318

William IX, 257, 267, 288, *Young Stalin, The,* 346 298-299, 300, 301

Windsor, House of, 231 Zadok, Sons of, 128

wisdom, ancient, 6-7 Zambia, 329

witchcraft, 69 Zarahemla, 312

Wittenberg, University of, 201 Zarathustra, 113n.

Wizard ofOz, The, 225 *see also* Zoroaster

World Bank, 400, 430 Zarqa, 429

World War I, 332, 336-340, 390 *Zend Avesta,* 115, 127

World War H, 244, 338, 339, 368, Zimbabwe, 329

373, 375, 377, 382-384, 385, Zond IV, 21-22

387, 389, 390, 447 Zoroaster, 113-115, 169

writs of assistance, 278 Zoroastrianism, 114-115, 126,

Wuertemburg, 184 127

Wundt, Wilhelm, 354-355 *see also* Zoroaster

Wyoming, 366 Zoser-Neterkhet, 62

Ximenez, Francisco, 176

Conteúdo

1. A busco se inicia – 2
2. Orientação – 5
3 OVNI: verdade on ficção – 8
4. Os deuses do éden – 27
5. Irmandade da cobra – 39
6. Os construtores de pirâmide – 42
7. Jehovah – 52
8. O avental de Melchizedek – 62
9. Deuses e arianos – 65
10. As religiões dissidentes – 71
11. Profetas da condenação – 76
12. O ministério de Jesus – 83
13. O apocalipse de João – 93
14. As pragas de Justiniano – 99
15. Maomé – 104
16. Messias e significados – 116
17. Deuses voadores sobre a América – 119
18. A morte negra – 124
19. Lutero e a rosa – 135
20. Uma nova aristocracia – 143
21. Dinheiro engraçado – 146
22. Santos marchando – 152
23. William e Mary têm uma guerra – 156
24. Novo amanhecer dos cavaleiros – 160
25. Os ratos reis – 167
26. O conde de St. Germain – 177
27. Aqui um cavaleiro, lá um cavaleiro – 185
28. Fênix americana – 187
29. O mundo em chamas – 200
30. Mestr Smith e o anjo – 206
31. Apocalipse de Marx - 220
32. Donheiro engraçado vira internacional - 223
33. O paraíso dos trabalhadores - 227
34. Robo-Sapiens - 238
35. St. Germain retorna - 247
36. Universo de pedra - 254
37. “Ezequiéis” modernos - 266
38. O novo éden - 269
39. Escada do éden - 293
40. A natureza de um ser supremo - 296
41. Ao pesquisador - 302

Convite - 309
Notas - 310
Biblografia - 319
Índice - 341

ELES VIERAM PARA A TERRA A MILHÕES DE ANOS ATRÁS PARA ESPALHAR O VENENO DO ÓDIO, GUERRA E CATÁSTROFE…

ELES AINDA ESTÃO ENTRE NÓS…

A HISTÓRIA HUMANA PARECXE UMA INFINITA SUCESSÃO DE CONFLITOS SANGRENTOS E CONFUSÕES DEVASTADORAS. ENTRETANTO, INEXPLICAVELMENTE, A LUZ DE AVANÇOS ESPANTOSOS AVANÇOS TECNOLÓGICOS E INTELECTUAIS, O PROGRESSO DO HOMEM ESTAGNOU-SE EM UMA ÁREA CRUCIAL: ELE AINDA PERMITE A BESTA INTERIOR E FAZ GUERRA A SEUS VIZINHOS.

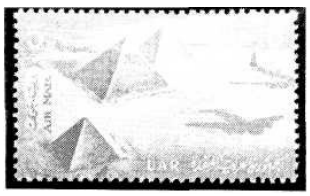
COMO RESULTADO DE SETE ANOS DE INTENSA PESQUISA, WILLIAM BRAMLEY DESCOBRIU O FIO SINISTRO QUE CONECTA OS EVENTOS MAIS OBSCUROS DA HUMANIDADE – DAS GUERRAS DOS ANTIGOS FARAÓS AO ASSASSINATO DE JFK. NESTE MEMORÁVEL, CHOCANTE E ABSOLUTAMENTE CONVINCENTE TRABALHO, BRAMLEY APRESENTA EVIDÊNCIAS PERTURBADORAS DA PRESENÇA ALIENÍGENA NA TERRA – VISITANTES EXTRATERRESTRES QUE CONSPIRARAM PARA DOMINAR A HUMANIDADE ATRAVÉS DA VIOLÊNCIA E DO CAOS DESDE O INÍCIO DOS TEMPOS… UMA CONSPIRAÇÃO QUE CONTINUA ATÉ OS DIAS DE HOJE.

‘VERDADEIRAMENTE UM TRABALHO MOMENTOSO...LEITURA OBRIGATÓRIA’
UFO: UM FÓRUM DE TEORIAS E FENÔMENOS EXTRAORDINÁRIOS

Ilustrações

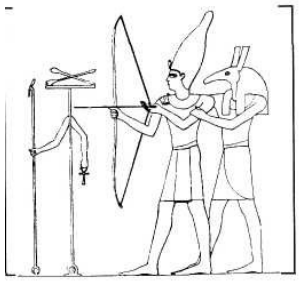
Ilustração da antiga Mesopotâmia de uma de suas 'deusas' extraterresttres fêmeas" . Os "deuses" eram bem humanos com corpos masculinos e femininos. Os óculos, roupas com a forma do corpo e aparelhos corporais no "deus" ao lado lembram bastante dos óculos dos modernos aviadores, macacão pressurizado e modernos aparelhos.

(Reproduzido por permissão de *The Twelfth Planet, por* Zecharia Sitchin).

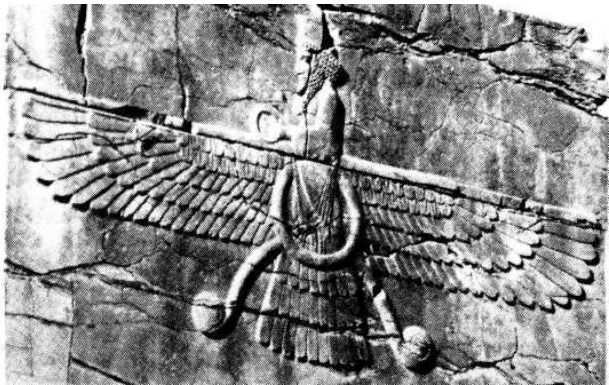


A grande pirâmide é também precisamente orientada para as quatro direções da bússola. Este sêlo posta, emitido pelo Egito em 1959, mostra um avião voando em alinhamento direto com a grande pirâmide, comno a sugerir que o piloto está usando a pirâmide para guiar o aeroplano.

Os 'deuses' tutrlares do antigo Egito eram, frequentemente, mostrados vestindo aventais



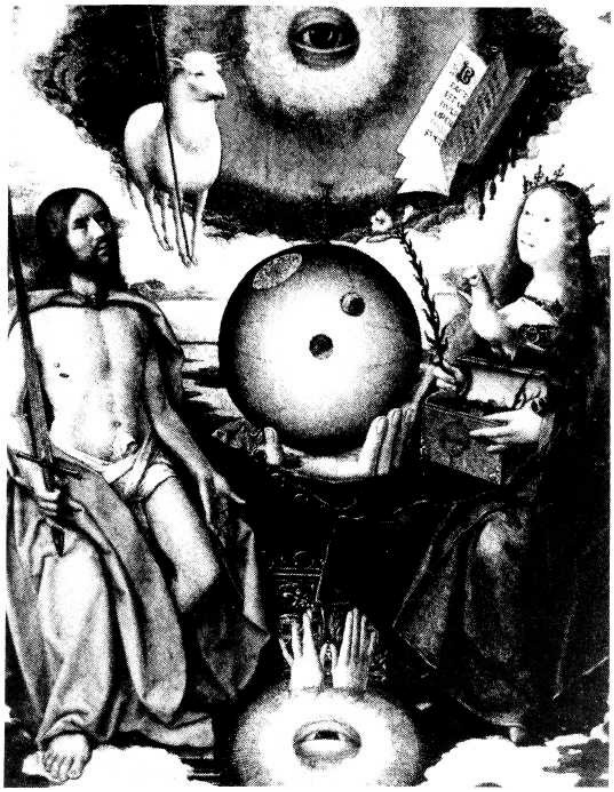
Afirmavam-se que os 'deuses' tutelares do Egito participavam na educação dos faraós. Nesta ilustração egípcia, vemos o faraó Tutmose III recebendo uma aula de arquearia por um dos seus 'deuses'. Tutmose ficou famoso por suas expedições militares. Esta ilustração sugere que os tutores tinham um papel no treinamento dos humanos para serem guerreiros.



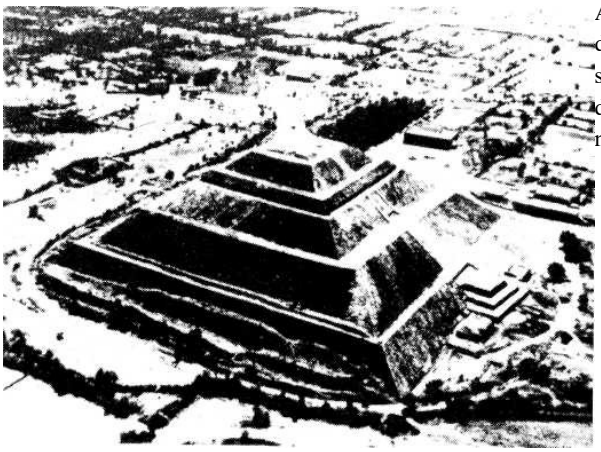
O 'deus' zoroastra Ahura Mazda foi mostrado na antiga Pérsia como uma criatura de forma humana que voava um objeto

circular. O objeto é mostrado com asas estilizads e cauda de pássaro para indicar que ele voa. Também tem patas de pássaro que parecem trens de aterrisagem. Ilustrações como esta não eram para serem tomadas como imagens literais do ‘deus’, mas tinham a intenção de mostrar o ‘deus’ de uma certqa maneira de modo a revelar seus atributos. O ‘deus’ zoroástrico tinha os atributos de parecer humano e voar num aparelho circular.

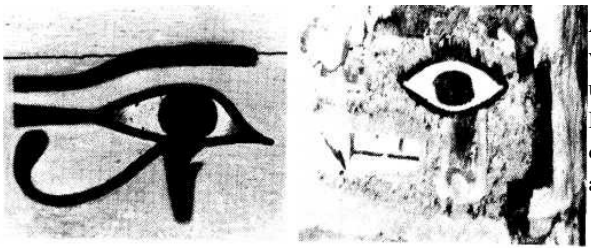
O gão mestre dos cavaleiros templário, Jacques de Molay é levado à fogueira onde será queimado. Três outros cavaleiros templários também aguardam execução. A queima ocorreu em Paris; ao fundo pode-se ver acatedral de Notre Dame.



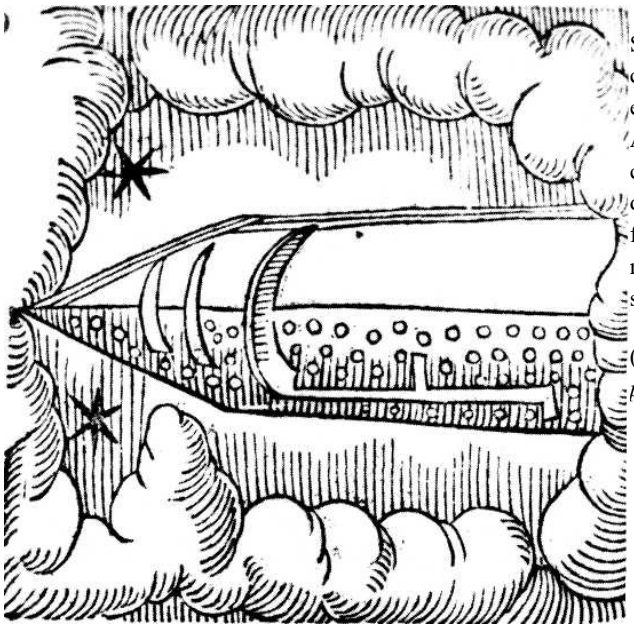
A cristandade tem sido estreitamente associada com o misticismo da irmandade desde o tempo de jesus. Esta pintura de Jan Provost (circa 1465-1529) se initula ‘Uma alegoria cristã’. Ela contém simbolos cristãos – entre eles o ‘olho que tudo vê’ de Deus e o cordeiro. Ambos os símbolos foram usados pela irmandade bem antes do advento do cristianismo. O ‘olho que tudo vê’ foi derivado do ‘olho de Hórus’ símbolo usda no antigo Egito. Horus foi um dos ‘deuses’ tutelares do antigo Egito. O cordeiro já era simbolicamente importante durante o reino de Melchizedeck séculos antes do nascimento de Jesus. Diz-se que a filial da irmandade de Mechizedeck inicialmente utilizava pele de cordeiro para seus aventais cerimoniais.



As extraordinárias semelhanças entre as antigas civilizações do Egito e da América são impressionantes dmias para serem apenas coincidência. Ao lado está a antiga pirâmide do sol mexicana, que lembra a pirâmide do primeiro passo no Egito.



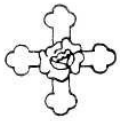
Ao lado: As semelhanças entre as antigas civilizações do velho e do novo mundo também são vistas nos simbolos utilizados por ambas. Ao lado à esquerda está o olho de Hórus, símbolo encontrado no antigo Egito. Ao lado à direita, um olho similar encontrado em um antigo artefato americano.



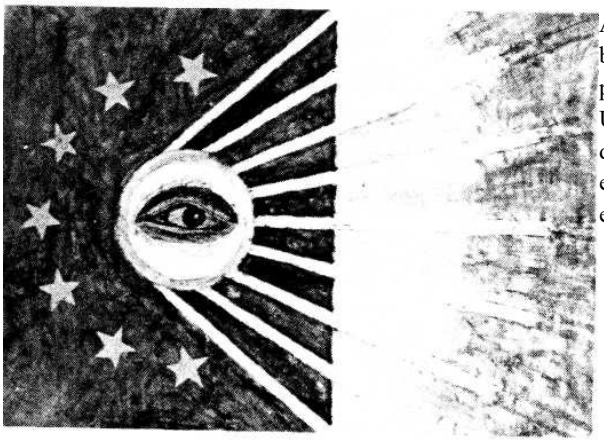
Séculos atrás, quase qualqer objeto voador incomun era chamado 'cometa'. Ao lado, uma ilustração publicada em 1557 de um 'cometa' observado em 1749 na Arábia. O cometa foi descrito com parecido a um cilindro de madeira com uma ponta aguda. O conceito do artista, baseado em testemunhos, parece com um foguete com numerosas vigias. Muitos outros antigos relatos de 'cometas' poderiam bem ter sido de objetos similares.

(Reproduzido de *A chronicle of prodigies and portents…* de Conrad Lycosthenes.

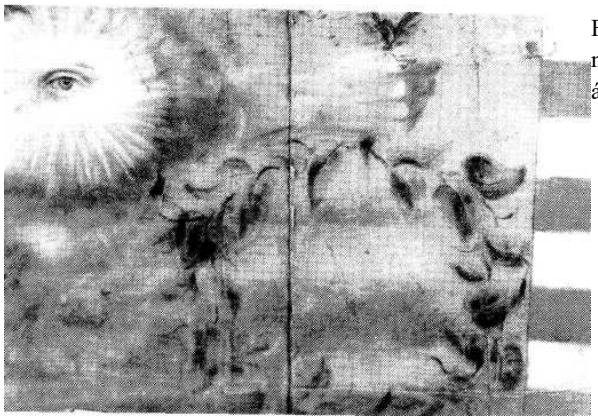
Representação de George Washington vestindo seus privilégios maçônicos.



"M.L." e uma cruz dentro da rosa. A rosa e a cruz foram os dois principais símbolos usados pelos rosacricianos na terra natal de Martin Luther (Alemanha) e em outros lugares.



Ao lado e abaixo: Mutos desenhos foram propostos para a bandeira de uma nova confederação. Estas duas propostas, preservadas hoje nos arquivos nacionais dos estados Unidos, proeminentemente contém o simbolo da irmandade do olho que tudo vê. Os líderes confederados optaram, eventualmente, pelo desenho simples de barras cruzadas e estrelas.



Fênix. A Fênix era extra oficialmente, o primeiro pássaro nacional dos Estados Unidos, mais tarde foi trocado pela águia careca.